EXPLORANDO E VIAJANDO TRÊS MIL MILHAS ATRAVÉS DO BRASIL DO RIO DE JANEIRO AO MARANHÃO

JAMES W. WELLS

EXPLORANDO E VIAJANDO

TRÊS MIL MILHAS ATRAVÉS DO BRASIL

DO RIO DE JANEIRO AO MARANHÃO

Introdução
CHRISTOPHER HILL

Tradução
MYRIAM ÁVILA

VOLUME 1

Sistema Estadual de Planejamento
Fundação João Pinheiro
Centro de Estudos Históricos e Culturais

Belo Horizonte
1995

Wells, James W.

W454e Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil – do Rio de Janeiro ao Maranhão/James W. Wells; tradução de Myriam Ávila e introdução de Christopher Hill. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

2v.: 83 ilust.

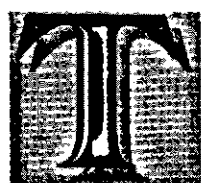
1. Brasil Descrição de Viagens. I. Ávila, Myriam. trad. II. Hill, Christopher. III. Título.

CDU: 910.4(81)

A publicação desta obra tornou-se possível
através da colaboração das seguintes instituições:

FAPEMIG

A Coleção Mineiriana da Fundação João Pinheiro foi idealizada por Júlio Barbosa e Bernardo Mata Machado.

A MINAS DE JAMES WELLS

odo mundo sabe a importância da chamada "xenobibliografia" como fonte para a reconstituição histórica. O olhar forasteiro *culturally unbounded* muitas vezes viu temas e ângulos que, misturados à paisagem do cotidiano, dificilmente seriam percebidos e muito menos registrados pelos habitantes. Portador de outras culturas, outros preconceitos e outras referências, o gringo podia comparar, contextualizar, colocar as coisas em perspectivas diferentes das locais.

Além disso, vários deles palmilharam lugares remotos, afastados dos mais importantes e pouco documentados nas fontes nacionais. Alguns de seus registros são os únicos, ou quase, disponíveis sobre certas áreas e tempos.

Todo mundo sabe também que os diversos relatos de estrangeiros não são uniformes em sua qualidade, interesse e importância. Uns eram cientistas de ponta, ou comerciantes traquejados, ou *globettroters* experientes, que deixaram, a seu modo, descrições competentes e precisas sobre o que viram e ouviram em suas andanças. Em outros, a superficialidade, o despreparo, o esnobismo ou mesmo a charlatanice geraram relatos sem graça e sem nível.

É curioso observar que a carreira editorial desses livros não guarda necessariamente nenhuma relação com sua qualidade ou importância. Assim, por exemplo, o impreciso e meio embusteiro John Mawe teve pelos menos seis edições inglesas entre 1812 e 1825 e, na mesma época, foi publicado na França, na Alemanha, na Itália, na Holanda, em Portugal e na Suécia. No Brasil teve duas edições. Pode-se argumentar, é claro, que Mawe foi o primeiro anglo-saxão a visitar as minas, mas como explicar as duas edições em português do desimportante Bunbury? Ou que o aborrecido Suzannet tenha merecido a famosa *Revue de Deux Mondes* em 1844, outra edição francesa em 1846 e uma tradução brasileira, com prefácio de Austregésilo de

Athayde? Kidder e Fletcher viraram uma espécie de manual do Brasil e foram publicados *ad nauseam*: nada menos de nove edições na Inglaterra e nos Estados Unidos entre 1857 e 1879 e traduções para o português desde 1941. O chatíssimo casal ictiologista Agassiz se tornou amigo de Pedro II e teve quatro aparições em inglês, sete em françês, uma em espanhol e duas no Brasil.

Por outro lado, uma preciosidade como *The Highlands of the Brazil*, de um autor fantástico e famoso como Richard Burton, ficou só na primeira edição inglesa de 1869 e duas traduções brasileiras, em 1941 e 1976. Mais inexplicável ainda é que dois relatos excepcionais como os de James Wells, *Exploring and Travelling Three Thousand Miles through Brazil*, e Hastings Dent, *A Year in Brazil*, tenham ficado ocultos do público brasileiro por mais de cem anos. Nunca foram traduzidos e não constam da maioria das xenobibliografias, mesmo daquelas específicas, como a do sistemático Hélio Gravatá (*Viajantes Estrangeiros em Minas Gerais*, 1809-1955. Contribuição Bibliográfica)[1] em que aparecem curiosidades como um tal Helmreichen, editado em Viena em 1847, ou um senhor Fabricatore, publicado pelo Instituto dos Surdos-Mudos de Gênova, em 1895.

Wells e Dent também não aparecem na *Collectanea de Scientistas Extrangeiros (Assumptos Mineiros)*, publicada em 1922 pelo governo de Minas. Só vamos encontrá-los em levantamentos altamente minuciosos, como o de Paulo Berger,[2] que compilou montanhas de "bibliografias exóticas", como as de Garraux, Alfredo de Carvalho, Georges Raeders, Rubens Borba de Moraes, e escarafunchou os acervos da Biblioteca Nacional, do Real Gabinete Português de Leitura, do Instituto Histórico e Geográfico, do Arquivo Nacional, do British Museum e da Library of Congress, dentre outros. Ou altamente especializados, como o de Charles Hamilton, *English-Speaking Travelers in Brazil, 1851-1887.*[3]

Sem tradução, raríssimos em bibliotecas públicas e particulares no Brasil, ausentes até dos catálogos, esses importantes livros permaneceram desconhecidos mesmo para a maioria dos pesquisadores brasileiros, e têm sido utilizados apenas por uns poucos que, como eu, tiveram a sorte de esbarrar neles em algum porão de alguma biblioteca estrangeira.

É uma dessas gemas que o Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro apresenta agora, em sua vitoriosa *Coleção Mineiriana*.

O livro de James Wells teve, aparentemente, três edições em língua inglesa: a primeira foi em Londres, em 1886, por Sampson, Low, Marston, Searle and Rivington, em dois volumes, com mapas e ilustrações do autor. Deve ter feito algum sucesso, pois no mesmo ano saiu uma edição americana (Filadelfia: J. B. Lippincott

1 *Minas Gerais*: os viajantes estrangeiros. Edição Especial do 4º Aniversário do Suplemento Literário do *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 10/10/1970.

2 BERGER, Paul. *Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964.

3 HAMILTON, Charles Grabville. English-speaking travelers in Brazil, 1851-1887. *Hispanic American Historical Review*, v. 40, nov., 1960.

Company) e no seguinte uma segunda edição revista, pelo mesmo editor londrino.

Explorando e Viajando Três Mil Milhas através do Brasil – do Rio de Janeiro ao Maranhão, versão brasileira da edição de 1887, é o resultado de dois anos de trabalho cuidadoso, iniciado na presidência de Luis Aureliano Gama de Andrade, quando o Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro (CEHC) era dirigido por Bernardo Mata Machado e concluído agora, sob a direção segura de Eleonora Santa Rosa.

Dentro do alto padrão da *Coleção Mineiriana*/FJP, com uma qualidade editorial e gráfica incomum entre nós, a publicação tem como destaques, além, é claro, do excepcional texto de Wells, a primorosa tradução de Myriam Ávila e a introdução do celebrado historiador inglês Christopher Hill.

Essa qualidade e a própria publicação tornaram-se possíveis pela sensibilidade da Fundação Vitae, da FAPEMIG e do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), cujo apoio financeiro foi decisivo para o sucesso da empreitada.

Vários fatores fazem desse livro um documento extremamente importante. Em primeiro lugar, a sua época: Wells esteve em Minas de 1873 a 1875, um período em que as visitas estrangeiras são bastante rarefeitas. A maior parte dos relatos publicados, bons ou ruins, se refere ao período 1809-1835 (Mawe, Eschwege, Freyreiss, Maximiliano de Wied-Neuwied, Saint-Hilaire, Luccock, Spix e Martius, Caldcleugh, Pohl, Walsh, D'Orbigny e Bunbury). A década de 40 teve Gardner, Suzannet e Castelnau, e a de 50, só Burmeister e Tschudi. Os Agassiz fizeram sua visita relâmpago em 1865 e a jornada de Burton foi em 1867. Nos anos 80 tivemos a estadia de Dent (1883) e uma passagem do francês Courcy (1886).

Isso faz de Wells o único visitante publicado da década de 70 e um dos poucos da segunda metade do século.

A profissão do autor e o objetivo da viagem também o distinguem dos demais. A esmagadora maioria dos viajantes é constituída por naturalistas (zóologos, botânicos, mineralogistas), uns poucos comerciantes e alguns *globettroters* profissionais, ou *gentlemen-of-leisure*, bem a gosto do século.

Wells (como Dent) era engenheiro e viajou por Minas com uma equipe de engenheiros organizada pela *Public Works Construction Company*, de Londres, contratada pelo governo imperial para levantar um itinerário para o trecho final da Estrada de Ferro Pedro II, levando os trilhos pelos vales do Paraopeba e do São Francisco até Pirapora, ligando a ferrovia à navegação do grande rio (o percurso de Wells não foi construído, adotando-se outra rota, pelo vale do Rio das Velhas).

Seu relato é "*an engineer's matter-of-fact experiences amidst the healthy highlands*

of Minas Geraes..." e, embora seu olhar não tenha conseguido evitar de todo as jibóias, orquídeas e carrapatos que tanto impressionavam os civilizados, o foco principal da narrativa está muito mais nas produções, nos transportes, no comércio, nas tecnologias (ou na falta dessas coisas), do que nas folhas e nos bichos. (Pelas experiências vividas, Wells entendeu como poucos a questão do trabalho numa região amplíssima de terras e rara de gente, em comunidades sertanejo-camponesas pouco escravistas e pré-capitalistas, onde a acumulação primitiva estava longe de se completar.)

Embora tenha cruzado os caminhos de Gardner e de Burton, sua missão o afastou das trilhas mais batidas e dos destinos mais comuns dos nativos e dos visitantes. Longe das vilas do ouro, do distrito diamantino, das obrigatórias companhias inglesas de mineração, da Mata cafeeira, do Rio das Mortes e do Sul mais densos e mais mercantilizados, o que Wells registrou foi a Minas dos sertões, das gerais imensas, dos grandes horizontes até hoje meio ermos e meio perdidos no tempo. Uma Minas diferente, de poucos escravos e de homens pobres, rudemente livres na sua pobreza.

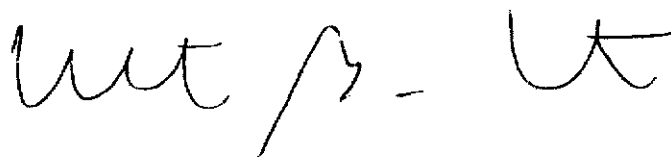
Vindo do Rio de Janeiro, Wells entrou em Minas em 14 de fevereiro de 1873, por Entre Rios (Três Rios), Juiz de Fora, Chapéu d'Uvas, Barbacena e Carandaí.

Logo na altura de Congonhas, deixou a rota tradicional das minas (que conduzia a Ouro Preto e, de lá, até a região diamantina) e derivou para noroeste, entrando no vale do Paraopeba. Aí passou por São Gonçalo da Ponte (Belo Vale), São José do Paraopeba (hoje distrito de Brumadinho), Bicas (São Joaquim de Bicas, atual distrito de Igarapé) e estabeleceu sua primeira base de trabalho na Fazenda Mesquita, nos arredores da Capela Nova do Betim, onde permaneceu por cinco meses.

Depois seguiu por Santa Quitéria (Esmeraldas), Inhaúma, Cedro (Caetanópolis) e Tabuleiro Grande (Paraopeba), em cujos arredores fixou seu segundo campo, com duração de três meses. Nessa área visitou mais de uma vez a Fazenda São Sebastião e a pioneira fábrica do Cedro, recém-inaugurada pelos Mascarenhas.

O Natal de 1873 o encontrou num lugarejo chamado Moquém, no atual município de Corinto. O ano de 1874 foi todo consumido no Vale do São Francisco, no trecho entre a atual represa de Três Marias e Pirapora.

Em janeiro de 75 deixou Pirapora, por terra, passou por Guaicuí (na barra do Rio das Velhas, hoje distrito de Várzea da Palma), Porteiras (também no atual município de Várzea da Palma), Coração de Jesus, Contendas (Santana de Contendas, hoje Brasília de Minas) e Pedras de Maria da Cruz, onde atravessou o "Frisco", chegando a Januária.

Sempre por terra, foi até Jacaré (Itacarambi), descreveu no percurso impressionantes formações calcáreas, que provavelmente são a atual reserva do Peruaçu, e chegou a Manga do Armador. Em 30 de janeiro de 1875, cruzou o Carinhanha e entrou na Bahia, depois de vinte e três meses e meio em território mineiro.

Afora os dois anos em Minas, Wells viveu outros quinze no Brasil, entre 1869 e 1886, tendo residido em várias cidades do litoral do Nordeste. Ele mesmo menciona, no livro, mais uma visita a Minas Gerais (São João del Rei) e temos notícia de pelo menos uma estadia sua no Rio de Janeiro, em 1879, e uma viagem, em 1884, ao delta do Tocantins, no Pará. Sua casa em Beckenham, Kent, foi batizada com o nome "Olinda", em homenagem à cidade pernambucana onde morou por algum tempo.[4]

Isso faz dele, outra vez, um "viajante" incomum, com uma permanência mais longa que os mais demorados, como, por exemplo, Saint Hilaire, que ficou seis anos, Luccock, dez, ou Eschwege, onze.

Além disso, não esteve em Minas de passagem. Pelo contrário, demorou-se, morou nos lugares, travou relações, trabalhou com a gente da terra. Foi isso, certamente, que o habilitou a fazer descrições tão interessantes do cotidiano da vida, das fazendas, dos sítios, das vilas e lugarejos, do comércio local, dos costumes, da linguagem, da noção de tempo e do horizonte econômico das pessoas. Foi ele, com toda a certeza, o primeiro a registrar, em letra impressa e na Europa, *a common Minas expression of surprise, pronounced o-o-o-whi.* [5]

Por tudo isso, a Minas de Wells, remota, perdida nos longes das gerais sem fim, raramente descrita, documentada ou historiografada, tem interesse e valor inestimáveis.

A Fundação João Pinheiro agradece a todos que participaram deste projeto, em especial ao Dr. John Hemming, diretor-geral da *Royal Geographical Society* e destacado brasilianista,[6] e ao embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, pela gentileza do esforço para encontrar dados biográficos de James Wells, e se sente extremamente feliz por colocar essa jóia rara ao alcance de todos.

ROBERTO BORGES MARTINS

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

4 Carta de James Wells a Henry Walter Bates, diretor da *Royal Geographical Society*, em novembro de 1879, depositada na RGS; Wells, *Notes of a visit made to the Delta of the River Tocantins, Brazil, Proceedings of the Royal Geographical Society*, New Series, v. 8, 1886, p. 353-371; Carta de John Hemming, diretor-geral da *Royal Geographical Society*, a Paulo Tarso Flecha de Lima, 16 de junho de 1995.

5 Em duas conferências que fez em Londres, na *Royal Geographical Society* e na *London Chamber of Commerce*, em 1886 e 1887, respectivamente, Wells foi apresentado pelos dois presidentes como alguém que conhecia o Brasil melhor que "*any other living Englishman*".

6 John Hemming é autor do importante estudo *Red gold*. The conquest of the brazilian indians 1500-1760. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1978.

SUMÁRIO

A TRADUÇÃO DE UMA TRADUÇÃO

Espigo, alemão-rana, com raro cabelim barba-de-milho e cara de barata descascada. O sol faiscava-lhe nos aros dos óculos mas, tirados os óculos, de grossas lentes, seus olhos se amaciavam num aguado azul, inocente e terno, que até por si semblava rir, aos poucos se acostumando com a forte luz daqueles altos. Enxacoco e desguisado nos usos, a tudo quanto enxergava dava um mesmo engraçado valor: fosse uma pedrinha, uma pedra, um cipó, uma terra de barranco, um passarinho atoa, uma moita de carrapicho, um ninhol de vespos." Assim Guimarães Rosa descreve o viajante estrangeiro que atravessa o sertão*, "pondo uma atenção aguda" no que vê e ouve, pegando "no lápis e na caderneta, para lançar os assuntos diversos", "homem terrível para tudo enxergar". Tal é James Wells em sua travessia dos gerais, olhos e ouvidos atentos, registrando imagem e palavra, sem a mediação de um guia culto que fizesse a ponte entre a fala rústica do matuto e a linguagem escrita, entre o conhecimento prático e a classificação erudita da fauna e da flora. Munido de um saber diligentemente acumulado em leituras de outros viajantes e estudiosos, e escudado numa confiança pragmática na capacidade humana de explicar a totalidade dos fenômenos, Wells procura em seu livro traduzir suas experiências para o universo intelectual do leitor vitoriano, buscando equivalências de sons, expressões, semelhanças de forma e função e, em último caso, registrando o intraduzível com a exatidão possível a seu domínio imperfeito da ortografia portuguesa.

Para o tradutor, a tarefa de recontar em português a viagem brasileira de James Wells traz consigo o aspecto inevitavelmente frustrante de estar tentando recuperar o texto a partir do qual o próprio inglês traduzira para sua língua aquilo que ouviu na nossa terra. A conversação que aqui teve lugar, e que Wells reelabora, muitas vezes sem pretensão de literalidade, jamais coincidirá com sua

* No conto "O recado do morro", em *No Urubuquaquá, no Pinhém*, 8ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

re-versão pelo tradutor brasileiro. A única fidelidade que este pode buscar é a que concerne ao espírito da narrativa, o qual decorre muito claramente não só do compromisso do autor com o ideário de seu tempo e com sua identidade enquanto britânico, como também da despreocupação da juventude, em que os anos ainda não vieram matizar a agilidade do raciocínio com uma reflexão mais demorada. A escrita de Wells é, por exemplo, mais leve e menos técnica do que a de Richard Burton, sua ironia menos resguardada, a presença do autor no texto mais marcada. Fica ainda evidente o seu tributo ao estilo de Dickens, cujo romance *Martin Chuzzlewit* funciona como uma espécie de bússola para a viagem textual de *Três mil milhas através do Brasil*. O seu livro muitas vezes explora o teatral e o grotesco à maneira dickseniana, mas, diferentemente do seu paradigma, Wells não encadeia os elementos de suas frases de forma subordinativa, utilizando a construção sindética, enumerativa, e a sinonímia, até a exaustão. O recurso, que não incomoda no inglês, tornaria a leitura desagradável e até obscura se reproduzido na tradução, e, assim, foi necessário limitar o seu uso em alguns casos.

Quanto ao ritmo narrativo, procurei evitar qualquer artifício que prejudicasse a sua fluidez, principalmente a reprodução artificial de um suposto arcaísmo. Wells encarnava justamente o que havia de mais avançado em sua época; seu discurso é marcado pela velocidade das máquinas a vapor e pela objetividade do engenheiro, temperado embora com o gosto pelo humor extravagante que predominava na Inglaterra vitoriana, do qual Dickens é o expoente máximo, e que foi, na segunda metade do século XIX, levado às últimas conseqüências no *nonsense* de Lewis Carroll. Tentei evitar os anacronismos vocabulares sem apelar para os berloques do figurino de época, mas tive também de render-me à constatação de que às vezes o léxico disponível no Brasil de então apresentava uma certa defasagem com relação ao universo conceitual do engenheiro europeu. A presente tradução tem como meta acompanhar a vivacidade do texto original e manter a eficiência descritiva e o tom sarcástico de algumas cenas e diálogos, atualizando a ortografia e amenizando as redundâncias que se tornam tão incômodas em uma língua predisposta à rima como o português. As notas de rodapé feitas pelo autor foram todas mantidas, embora seu objetivo original – o de esclarecer termos brasileiros de uso comum – muitas vezes se perca no texto em português. Elas agora passam a ter um outro significado: o de revelar as prioridades e idiossincrasias do viajante e expor seus julgamentos técnicos ou morais. A classificação zoológica e botânica dos espécimes tropicais apresentada por Wells é muitas vezes imprecisa, hesitante (daí os seus constantes pontos de interrogação) e está em certos casos em discordância com

outros autores, mas embora possa apontar para uma falta de proficiência do autor nessas disciplinas, mostra também a extensão e variedade de seus conhecimentos de leigo.

A tradução foi feita a partir da segunda edição revista de *Exploring and travelling three thousand miles through Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão*, publicada por Sampson Low, Marston, Searle & Rivington em 1887. As notas que acrescentei ao texto dizem respeito principalmente à mudança de toponímia ocorrida desde a época da publicação do original e às referências culturais e literárias menos acessíveis ao leitor brasileiro de hoje. Foi feito um esforço no sentido de reduzi-las ao número mínimo necessário, de modo que pudessem enriquecer a leitura sem estorvá-la. Para a pesquisa toponímica contei com a assessoria da historiadora Cristina Ávila, cuja dedicação e meticulosidade deram-me grande segurança na elaboração do texto final. Entre a volumosa bibliografia de referência consultada, destaco os seguintes títulos:

Diccionário da língua portugueza, de Antônio de Moraes Silva, Lisboa: Santos Vieira & Commandita, 2 vols. s/d.

Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa, Laudelino Freire, Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

Aurélio eletrônico, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais, Waldemar de Almeida Barbosa, Belo Horizonte: Saterb, 1970.

Toponímia de Minas Gerais, com estudo histórico da Divisão Territorial Administrativa, Joaquim Ribeiro da Costa. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1970.

Brasil A/Z, São Paulo: Larousse Cultural, 1988.

Enciclopédia das plantas brasileiras, São Paulo: Editora Três, 1988.

Da ema ao beija-flor, Eurico Santos, Rio de Janeiro: Briguiet, 1952.

Pássaros do Brasil, Eurico Santos, Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

Dicionário Barsa inglês-português/português-inglês, New York: Appleton, 1966, 2v.

The Oxford English dictionary, Oxford: Clarendon, 1933. 12 v.

Encyclopaedia Britannica, Londres: Enc. Brit. Inc., 1951. 24 v.

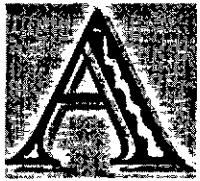
The American Heritage illustrated encyclopedic dictionary, Boston: Houghton Mifflin, 1987.

The concise Oxford dictionary of English literature, Oxford University Press, 1970.

Larousse médical illustré, Paris: Larousse, 1924.

Traduzir Wells foi uma experiência proveitosa e prazerosa, dominada pela emoção de intermediar essa voz que esperou mais de um século para se fazer ouvir no país que a motivou, e no qual o viajante quis deixar sua marca, batizando de Diogo (tradução de *James*) um rio ainda não mapeado dos gerais goianos. O nome, inscrito em água corrente, não ficou. Se não nos é mais possível banharmo-nos no mesmo rio, sabemos também, como o *Pierre Ménard* de Borges, que não se pode reescrever o mesmo livro. Que a traição do tradutor, porém, flagre em Wells a admiração ambígua e involuntária que ele próprio trai, em seu texto, por uma terra e um povo cujos meandros lhe são tão estrangeiros.

MYRIAM ÁVILA

INTRODUÇÃO

lguém disse, erradamente, que os ingleses conquistaram um império em um momento de distração. Ainda há evidências suficientes para mostrar que o segundo império britânico, o império informal que a Grã-Bretanha explorou comercialmente, certamente não foi conquistado por acaso. Os escritos ingleses sobre o Brasil, desde os primórdios do século XIX, tomam a forma de literatura de viagem ou literatura de descoberta científica. Mas as considerações econômicas subjacentes nunca estão muito afastadas.

Os portos do Brasil foram abertos pela primeira vez ao comércio mundial em 1808, mas nos anos 80 daquele século ele era ainda "uma terra da qual menos se sabe, em geral, do que da África" como Wells o coloca em seu Prefácio (I, p/vii).[1] Extensas áreas ainda não haviam sido mapeadas. Os negociantes ingleses, em meados do século XIX, estavam despertando para as vantajosas perspectivas de se abrirem o continente africano e o vasto e largamente inexplorado território do Brasil. Os livros de viagem mostram consciência disto.

Primeiro vieram as *Viagens no interior do Brasil*, (1846), do botânico George Gardner. Sua experiência brasileira data de 1836-1841, e seus interesses são quase exclusivamente botânicos e geológicos. Ele termina o livro dizendo, com grande satisfação, que suas numerosas coleções haviam sido remetidas por mar para a Inglaterra, onde chegaram em segurança (p. 561-562). Suas viagens ficaram circunscritas, em grande parte, às áreas mais acessíveis de mineração de ouro e diamante do leste do Brasil, cujas "riquezas botânicas" o encantaram (p. 100). A mineração de diamantes, a princípio um monopólio, estava agora aberta a todos; e Gardner assegura a seus leitores que o clima na região diamantífera é muito saudável (cap. XII). No capítulo seguinte, ele descreve as minas de ouro e chama a atenção para a abundância de minério de ferro. Tinha dúvidas sobre a possibilidade de se usar o Rio São Francisco para fins de navegação (p. 138-139) e, como seus sucessores, teceu co-

1. A numeração de páginas do livro de Wells citadas por, Christopher Hill corresponde à edição inglesa consultada por ele, e portanto não equivale à do presente volume (N.T.).

mentários sobre a generosa hospitalidade com que eram recebidos os estrangeiros, mesmo por parte das classes mais pobres: todos relutavam em receber dinheiro em troca (p. 289).

Em seguida veio H. W. Bates, cujos dois volumes de *O Naturalista no Rio Amazonas* foram publicados em 1863, baseados, porém, em material coletado entre 1848 e 1859. Ele também era um genuíno naturalista, mas não deixa de discutir as exportações e importações do Brasil, além de observar que a procura por borracha-da-índia estava apenas começando (II, p. 208-209). Esta se tornaria, em breve, vital para a economia do norte brasileiro. A primeira ferrovia do Brasil fora inaugurada em 1853. Bates se deixou cativar pela beleza cênica do País, todavia sugere que seu desenvolvimento econômico deveria ocorrer através da jovem imigração européia. Embora "a humanidade só possa alcançar um estado avançado de cultura por meio da luta contra as inclemências(...) nas altas latitudes(...) é unicamente abaixo do Equador que a perfeita raça do futuro atingirá a completa fruição da maravilhosa herança do homem na terra"(II, p. 417).

Depois veio o grande clássico, *Explorações nos Planaltos do Brasil* (1869), de Richard F. Burton. Burton era um explorador profissional que – sua viúva recorda – "tinha um grande amor por botas, chegando às vezes a ter 100 pares em casa".[2] Ele as mantinha – como a sua caneta – em constante uso. Publicara obras sobre o Sind e o vale do Indo, uma dúzia sobre a África (leste, oeste, central e noroeste), a Somália, onde foi gravemente ferido, os Camarões, Daomé, Tanganica, Sierra Leone, Zanzibar, Congo, a Costa do Ouro, o Egito (onde descobriu ouro), Marrocos, Síria, Islândia, as Montanhas Rochosas e o Paraguai. Em 1853, ele penetrara em Meca, disfarçado de dervixe.[3] Era ainda um estudioso da cultura cigana, sobre a qual publicou um trabalho (BURTON, Isabel. I, p.251).

Burton nasceu em 1821, recebeu o título de Cavalheiro em 1886 e morreu em 1891. Durante boa parte de sua vida esteve a serviço do Ministério das Relações Exteriores da Inglaterra. Sua viagem à África Central foi feita sob instância da Real Sociedade Geográfica, mas financiada por Lorde Clarendon, Ministro do Exterior, em 1856. Após dez anos de andanças pela África, em 1865 Burton foi mandado ao Brasil como cônsul em Santos, São Paulo. Seu livro sobre o Brasil é uma de suas mais de 500 publicações. Ele era um homem de vastos interésses literários, e em seu tempo livre publicou uma tradução completa das *Mil e Uma Noites*; traduziu ainda todas as obras de Camões: seis volumes dos dez foram publicados em 1880.

As *Explorações dos Planaltos do Brasil, com uma relação completa das minas de ouro e diamante, além do percurso em canoa descendo o grande rio São Francisco, de Sabará até o*

2. BURTON, Isabel. *The life of Captain Sir Richard Francis Burton, K.C.M.G, F.R.G.S.* [*A vida do Capitão Sir Richard F. Burton*] (2 volumes, 1893). A família de Burton não gostou desta biografia, e sua sobrinha, Georgiana M. Stisted, publicou em 1896 *The true life of Captain Sir Richard F. Burton* [*A verdadeira vida do Capitão Sir Richard F. Burton*], "com a autoridade e aprovação da família Burton".

3. BURTON, Isabel. *Op. cit.*, I, p. 169.

mar foram publicadas em dois volumes em 1869. Na ausência de seu marido, o livro foi revisto para a impressão por Isabel Burton, que aproveitou a ocasião para acrescentar um curioso prefácio em que protestou "veementemente" contra os "sentimentos morais e religiosos" de seu marido, especialmente "sua oposição a nossa sagrada Igreja Católica Romana" e sua simpatia por "aquela lei desnaturada e repulsiva, a poligamia, que o autor tem o cuidado de não praticar ele próprio", mas que recomenda como meio de estimular o crescimento da população "em países jovens" (I, p.v; para poligamia, ver v. I, p.115). O grande poeta "puritano" inglês, John Milton, no século XVII, era um dos muitos que recomendavam a poligamia pela mesma razão – embora o herético Milton a justificasse com base na Bíblia.[4]

Burton declara claramente um motivo subjacente de seu livro em sua dedicatória ao Rt. Hon. Lorde Stanley, P.C., M.P.[5] Sublinhando "a crença de que o bem-estar de seu próprio país é promovido pelo progresso de outras nações", ele acrescenta que "o Brasil (é) uma região tão rica em dons naturais, tão abundante em capacidades ainda latentes, e tão ansiosa por desenvolvimento", que informações sobre ele devem ser valiosas para os ingleses (I, p.v.).

Grandes mudanças aconteciam na economia do Brasil. Em 1850, a importação de escravos cessara, e depois disto era apenas uma questão de tempo antes que a escravidão fosse abolida. Já em 1868, o Rio São Francisco (que uma geração antes Gardner julgara que jamais viria a ser navegável) foi aberto aos navios mercantes de todas as nações, e a emigração a seu fértil vale havia começado (I, p. 4-6). Mas Burton ainda enfatizava as inadequações das ferrovias brasileiras (II, cap. XXV) e o subdesenvolvimento das comunicações por água. Ele fez várias sugestões de melhoramentos (II, cap. XV, XXVI, p. 2.459-2.450; cv. I, p. 177-180). "São Romão é bem situada para o comércio", observou; e se a reforma vier, será "em forma de um vapor". Ao mesmo tempo ele a lembrava como "um fim de mundo" *[a God-forsaken place]*. [6]

Burton descreveu o Rio São Francisco como "esse glorioso caudal do futuro".[7] Cita o Lorde Macaulay dizendo que "comunicação significa civilização, prosperidade, progresso – tudo" (I, p.59, 107). Torce o nariz para Mariana, em que há "três pousadas miseráveis" e nove igrejas (I, p.325). Ouro Preto ele descreve como "uma cidade extremamente montanhosa, pois subir e descer as ruas era tão difícil quanto trepar em escadas"[8]. Anota outros problemas – estradas em mau estado(I, p. 58), pontes perigosas (I, p.158). Insiste em que os viajantes devem bater a tecla nesses temas (I, p.59). Menciona ainda, sem maiores considerações, "a presença generalizada da intoxicação [alcoólica] "(I, p.404-405).

Até então o Brasil fora "virtualmente terra incógnita" para a Inglaterra (I, p. 9);

4. MILLER, Leo. *John Milton among the polygamophiles [John Milton entre os poligamófilos]* (New York, 1974), *passim*.

5. Rt. Hon. = *Right Honourable* [Excelentíssimo]; P.C. = *Privy Councillor* [Conselheiro Privado]; M.P. = *Member of Parliament* [Membro do Parlamento] (N.T.).

6. BURTON. *Wanderings in three continents [Viagens por três continentes]* (1901), p. 277. Publicado postumamente.

7. *Ibid.*, p. 275.

8. *Ibid.*, p. 262.

mas agora "todos aguardam o grande dia da imigração e do trabalho livre" (I, p. 272). A imigração, acrescenta, é uma necessidade absoluta para o desenvolvimento futuro do Brasil, mas os colonos ingleses que vieram para o País no passado haviam se mostrado insatisfatórios (I, p.419-422). A Inglaterra deveria se aproveitar da mudança da situação.

A Inglaterra, conta-nos Burton, tinha, ao que se supunha, mais de 900.000 indigentes ou pessoas de escassos recursos. A emigração para o Brasil oferecia perspectivas tentadoras, especialmente para os que não eram casados (I, p. 7-9). Burton tem 150 páginas a respeito da mineração de ouro no volume I, e diversas páginas sobre as possibilidades de se reviver a mineração de diamantes no volume II (p. 81, 104-108) A mineração de diamantes, na sua opinião, mal arranhara a superfície. Embora o preço dos diamantes tivesse recentemente aumentado prodigiosamente em todo o mundo, a maquinaria usada nas minas do Brasil permanece totalmente inadequada (II, p.122; cap. V-X, *passim*). As possibilidades da mineração de ferro são discutidas no capítulo XXXI do volume I e nos capítulos XV, XXIII e XXI do volume II. Burton, revelou sua viúva, obtinha concessões para pretendentes à mineração de chumbo (BURTON, Isabel, I, p.425).

Em todo o seu livro, Burton está sempre chamando a atenção para as terras mais adequadas para os emigrantes (II, p.159), ou próprias para novas culturas (I, p. 39, 55, 66, 93-94, 134; II, p.16, cap. X *passim*), ou novos usos para culturas já existentes. ("Tão rico é o solo do Brasil, mesmo em seus lugares mais pobres" – I, p.55). Piri-piri, o *papiro* do Brasil, "nunca foi ainda transformado em papel" (I, p.25-26); "algum dia esta pedra-sabão ainda será vendida com grande lucro" (I, p.88). Burton também anotou possibilidades para o desenvolvimento da produção do óleo de palmeira, da baunilha – planta que nasce em estado selvagem (I, p.126-127) – e outras. Lady Burton conta-nos que seu marido se interessava pela produção de café e algodão (BURTON, Isabel. I, 425-426). Ele discute a saúde (I, p. 389-390) e a incidência de crimes. Crimes violentos contra a pessoa, observa, são muito mais freqüentes e muito mais sérios do que os crimes contra a propriedade (I, cap. XXXVIII).

A obra clássica de Burton antecipa muitos dos temas que apareceriam nos escritos de Dent e Wells. Em 1886, Hastings Charles Dent publicou *A Year in Brazil: with notes on the Abolition of Slavery, The Finances of The Emperor, Religion, Meteorology, Natural History, etc.* [Um ano no Brasil: com notas sobre a abolição da escravatura, as finanças do Imperador, religião, meteorologia, história natural, etc.] Dent passara aquele ano projetando uma rota para uma ferrovia – como Wells mais tarde (p. viii, 148-53, 267-272), e estava muito atento para a competição de companhias ferroviári-

as rivais (p. 152-153). Como Wells, ele estava interessado em ganhar dinheiro com construção. Mas ambos – como também Burton – reconheciam que as ferrovias eram um meio para atingir um fim, e previam vantagens permanentes para a Grã-Bretanha, advindas da expansão do comércio com o Brasil, que as melhorias na comunicação acarretariam. As ferrovias eram de fato essenciais para que as exportações brasileiras se ampliassem (p. 60); e Dent, como Burton, insistia em que havia espaço para uma gigantesca imigração (p. 134). Havia necessidade de dois bons cirurgiões ingleses no Rio de Janeiro (p. 202).

Dent era um devoto protestante inglês, muito cônscio de que a Bíblia era um livro proibido no Brasil (p. 278). Procurava colocar traduções portuguesas do Novo Testamento ou evangelhos individuais nas mãos daqueles que considerava passíveis de se converter (p. 169). Chegava a assistir aos serviços católicos romanos aos domingos, para não deixar de guardar o dia santo (p.121). Não lhe passou despercebida a "linda moça que, segundo nos disseram, era a *sobrinha* do padre". Havia ainda uma governanta (p. 138). Dent era inteiramente contra a teoria da evolução (p. 379-383), mas esperava que houvesse vida além da morte para os animais (p. 67). Tinha pontos de vista antidemocráticos muito convencionais sobre política (p. 115) e ficou profundamente entristecido com as notícias da morte do Duque de Albany: "Como me compadeço da pobre Rainha!"(p. 171).

Dent era em alguns pontos um viajante mais aventureiro do que Wells. Ele assistiu a uma tourada no Rio de Janeiro, embora a achasse maçante (p. 193-197). Gostou de comer um prato de formigas fritas (p. 93): Burton observou que os brasileiros davam preferência às formigas como alimento, mesmo se houvesse galinhas-d'angola ou gansos disponíveis (I, p. 37). Como todos os viajantes ingleses, Dent se queixa de ter sido atormentado pelos insetos, mas dá menos dimensão ao fato do que Wells. Também enfatiza menos do que seu sucessor o fato de que "os nativos não dão qualquer importância ao tempo" (p. 83), e que a maioria deles são "preguiçosos" (p.123), embora reconhecesse a existência desses vícios (p. 200-201). Dent aprecia muito, como o faria também Wells, a generosa hospitalidade para com os estrangeiros que encontra por todo o lado (p. 63) e ressalta que não havia assassinos ou assaltantes entre a população nativa ou negra do Brasil (p. 123). Ele relata a corrupção governamental (p. 200-201) e escreve um apêndice sobre a condição financeira do Brasil (p. 304-315). Mas o interesse principal de Dent reside na meteorologia, na história natural, botânica e geologia, que ocupam 100 páginas de apêndices (p. 322-427).

Explorando e Viajando Três Mil Milhas através do Brasil, de James W. Wells, foi publi-

cado em dois volumes em 1886. Wells se refere ao "Sr. Gardner, o naturalista" e ao "Capitão Burton" como predecessores (I, p. ixx, II, p. 114). Suas viagens – efetuadas em torno de 1875 (p. viii) – cobrem uma boa parte do interior brasileiro, desde o rio Paraopeba em Minas Gerais até o rio Tocantins no norte. Ele ali esteve projetando rotas para ferrovias que abririam essa vasta área ao comércio com a Europa e sem dúvida acabariam por encorajar a imigração européia.

A personalidade de Wells emerge muito claramente em seu livro. Ele possuía muitas das características do inglês caricatural de sua época e classe. Seu hábito de tomar banhos frios, por exemplo, causava espanto aos brasileiros (I, p. 156-157). Amestrou o seu cão Feroz surrando-o "sempre que ele ameaçava uivar" (I, p. 286), mas mais tarde se mostrou genuinamente angustiado pela perda do fiel animal (II, p. 309). Menciona, casualmente e com aprovação, que na Inglaterra um homem não seria condenado "se tivesse chicoteado um inimigo" (II, p.18). Possuía, ou assim o diz, uma fleumática coragem britânica diante dos perigos – sejam animais selvagens (II, p. 120, 134-138, 196), índios (II, p. 128) ou quedas-d'água. Após um ataque de porcos selvagens, vingou-se praticando o esporte inglês do *pig-sticking*[9] (II, p. 146, 156). Achou apropriado celebrar "a muito satisfatória terminação" de uma fase de sua jornada "desarrolhando minha última garrafa da cerveja amarga Bass" e deixando "a garrafa vazia enfiada em uma estaca, sinal da ocupação inglesa" (II, p. 147).

Wells exigia muito de sua força de trabalho, da qual extraía uma média diária de doze horas ao remo (II, p. 287). Mas tinha grande respeito por suas habilidades técnicas – especialmente pelo modo como manobravam nas quedas-d'água. Era firme com os brasileiros que invadiam sua privacidade, insistindo em conservar só para si, em uma barca lotada, a cabine que reservara (II, p.62). E ressentia-se muito de que perfeitos desconhecidos lhe perguntassem regularmente o quanto ganhava. Aceitou – embora sob protesto – a cama que uma senhora idosa desocupou para ele, deixando-a dormir no chão. (I, p. 186-187). Demonstra suas prioridades com um "*alas*!" ["ai de mim!"] acrescido à informação de que um bom hotel fora transformado em escola (I, p.47). Mas achou engraçado ser tomado pelo diabo em um vilarejo remoto (II, p.74).

Tinha um gosto pelas moças bonitas, mas pouca oportunidade de apreciá-las. No interior, as portas das mulheres estavam fechadas para os estrangeiros. Reparava, porém, na figura passageira de uma mulher usando uma "camisa ..... cobrindo só um ombro" (I, p. 342). Não era um propagandista protestante como Dent, mas reparou que as cerimônias eram o mais importante no culto brasileiro – rezar nas horas certas, ir à missa, batizar as crianças, dar esmolas quando pedidas em nome de Deus. Práticas econômicas astuciosas e violência em defesa de "meus direitos, minha

9. Literalmente, "finca-porco". Caçada ao javali selvagem, feita a cavalo, com uma lança (N.T.).

família, minha honra" não eram pecados (I, p. 303-304). Wells fala de uma vila – e pode-se bem suspeitar que se tratava de uma entre muitas – onde as pessoas não eram dadas a se casar. Os casais viviam juntos e, se tudo corresse bem e acontecesse de passar um padre, podiam até se submeter à cerimônia religiosa. Mas o matrimônio formal é uma consideração inteiramente secundária (I, p. 104). (Isto, suspeitamos, era prática comum na Inglaterra até pelo menos o século XVIII.) Wells tinha uma forte aversão por padres. Como Dent, não deixava de assinalar a "governanta" "jovem e bonita" de um padre, ou que sua casa ressoava com os gritos e choros de sua numerosa prole"(II, p. 298; cf. Dent a respeito da "linda moça que, segundo nos disseram, é a sobrinha do padre" – p. 138). As mulheres, observa Wells, "parecem ser as principais trabalhadoras" nos campos, tecendo, fazendo renda e costurando (I, p. 104).

Como Burton, antes dele, Wells é freqüentemente lírico ao se referir ao clima e paisagens brasileiros (p. ex. I, p. 233-234, II, p.120). E parece gostar bastante dos brasileiros, pelo menos dos das classes superiores. Pelas classes baixas, sente considerável desprezo e aversão, equilibrados pela comparação com as camadas baixas da Inglaterra, às vezes com vantagem para os brasileiros. "Em nenhum país da América do Sul", conta-nos ele, "há camponeses de disposição mais pacífica que em Minas Gerais"(I, p.218). "Muitos anos de experiência com os ingleses da classe baixa no Brasil" convenceram Wells de sua "mais completa indignidade". Em casa eles conhecem o seu lugar, mas, no Brasil, "recebem atenção cortês e consideração por parte de seus companheiros brasileiros, trabalhadores que eles não podem compreender"; isto lhes dá uma importância acima de sua posição. Em conseqüência, Wells estabelece "a norma invariável de não empregar o trabalhador britânico" em nenhuma de suas expedições (I, p. 279). Mas tanto a "justiça como a firmeza" eram necessárias mesmo com os brasileiros, pois alguns tipos, "como as mulas, e os cães, melhoram com uma surra, e passam a admirar mais o patrão"(II, p. 255). Wells prefere "muito mais ser acompanhado pelos rudes camponeses brasileiros" do que por um malsucedido e mal vestido garimpeiro de diamantes inglês (I, p. 277).

Wells queixa-se incessantemente do que chama de "preguiça" pachorrenta da maioria dos brasileiros, que ele contrasta com a diligência inglesa, e a encara como um problema moral. "A pobreza que existe [no Brasil] deve-se pura e simplesmente à extrema indolência" (I, p. 104; cf. p. 263, 292, 338, 390-391, II, p. 70-71, 212, 219-220). "As crianças crescem selvagens, mimadas e sem qualquer bom princípio moral"(I, p. 297-298). "Uma degradação moral como a que essas pessoas apresentavam é difícil de conceber" (I, p. 402-403). Aqui, naturalmente, ele está sendo irrealista e a-histórico.

Até que exista um mercado e uma economia monetária, não faz sentido produzir um excedente, menos ainda um excedente de produtos agrícolas. Se cada família produz o suficiente para manter-se com conforto, que razão haveria para produzir mais? O que se faria com o excedente? Acusações similares de "preguiça" foram dirigidas aos índios norte-americanos antes de os colonizadores ingleses destruírem seu modo de vida. O ouro é diferente: há sempre um mercado fácil para ele, como os portugueses e outros exploradores souberam perceber. Algumas vezes, Wells reconhece que a ausência de mercados necessariamente desencoraja a produção para venda (p. I, 297-298, 368, 376-377, 390; II, p. 71); mas em geral ele toma como pressuposto a eterna pressão da economia capitalista de produzir sempre mais e mais, antes para o mercado do que para o consumo imediato; e atribui sua ausência no Brasil à indolência e estupidez dos habitantes. Parece ignorar as leis básicas da economia política. Quando critica casas com paredes de madeira cobertas de barro, ausência de vassouras, sabão e água, espanadores e capachos (I, p. 56-71), está descrevendo o estado de coisas que prevalecia em toda a Europa ocidental antes da Revolução Industrial.

No entanto, em outras ocasiões, Wells mostra uma aguda consciência histórica. Volta-se para uma época de maior produtividade e maior atividade econômica, quando os primeiros colonos portugueses estavam ocupados na mineração do ouro, para o que havia um mercado preparado. Mais tarde haveria breves corridas do ouro. Mas a verdadeira riqueza do Brasil, em termos do mercado capitalista, jazia escondida – cobre e diamantes exigiam uma prospecção; após rápidos lucros iniciais, a pesquisa dependia de conhecimentos técnicos, que eram incipientes no Brasil, e de vasto investimento de capital sem garantia racional de retorno rápido. O mesmo com a agricultura. As pradarias dos Estados Unidos e as estepes da Ucrânia chegaram a suprir de grãos a Europa porque técnicas avançadas de agricultura estavam bem à mão. Os ganhos prospectivos no Brasil tinham sido mínimos.

Wells freqüentemente menciona os sinais de prosperidade passada (p.126-127, 165, 371), apontando para a melhor qualidade das casas antigas (I, p. 63: comentário feito também por Burton, I,4. MILLER, Leo. *John Milton among the polygamophiles* [*John Milton entre os poligamófilos*] (New York, 1974), *passim.* Tal havia se tornado a preguiça do povo, conclui Wells, que somente a imigração estrangeira em larga escala poderia transformar "o interior estagnado e decadente(...) longe dos mercados, e com suas únicas comunicações quase proibitivamente caras, de modo que a massa da população simplesmente vegeta como as árvores em volta deles". Porém, Wells é profeticamente otimista quanto ao futuro: "Brasileiros e estrangeiros estão fazendo do Brasil o lugar que ele deveria [ser] entre as grandes nações da terra" (I,

p. viii, II, p. 99-100, 219-220, 228). "Chegará sem dúvida o dia em que este vale [do Rio São Francisco] será ocupado por uma raça mais enérgica e empreendedora, e seus potenciais de riqueza desenvolvidos" (I, p. 337, 398; cf. II, p. 228, 348-349). Uma das poucas donas de casa que Wells elogia por sua economia "fora criada entre os ingleses" [das minas de Morro Velho] (I, p. 370).

Wells destaca um grupo de índios como "um conjunto de homens mais seleto do que qualquer outro que encontrei no Brasil"(II, p. 159). Ele pinta um quadro eloqüente da zona fronteiriça entre os "índios domesticados"(II, p. 188-189) e aqueles ainda "selvagens" (II, p. 209, 218-219), cujo potencial de ataque ainda inspirava considerável temor (II, p. 111-114). Os índios haviam sido até muito recentemente expostos ao massacre arbitrário (II, p. 224-225, 277-278).

Wells chama a atenção para características agradáveis que devem ter surpreendido um cavalheiro inglês vitoriano: "Neste país livre, onde cada homem vale tanto quando seu vizinho, todos cumprimentam o estranho com um aperto de mão, mesmo um trabalhador quando vem se oferecer para um emprego"(I, p. 276). Concorda com Dent que "um dos melhores traços dessas pessoas" é "a confiança que têm uns nos outros e a relativa ausência de assaltos nas estradas"(I, p. 328). Como Dent também, ele louva a generosa hospitalidade para com os estranhos (por exemplo, II, p. 183-184) – novamente característica de uma economia pré-capitalista.

Novamente como Dent, embora menos sistematicamente e, portanto, menos impositivamente, Wells fornece uma grande quantidade de informações interessantes para investidores em perspectiva no Brasil. Apresenta aos leitores, orgulhosamente, muitas informações geográficas até então sem registro, e afirma ter corrigido mapas existentes do País (I, p. ix, II, p. 141, 285). Algumas áreas ainda não estão mapeadas (II, p. 117, 285). Ele aponta pântanos que poderiam ser drenados (II, p. 369) e devota considerável espaço ao registro de medidas de distâncias e alturas, profundidades e gradientes de rios (por exemplo II, p. 266, 295), com especial referência a seu principal interesse, a construção de futuras rodovias (I, p. 194, II, p. 311-315). Por todo lado, anota fatos relevantes para esse propósito e para a construção de canais (II, p. 132-133, 147, 262) – quais rios são navegáveis (por exemplo II, p. 209, 212, 276), sua possível utilidade para a geração de energia aquática (II, p. 228). Os brasileiros não usam velas na navegação fluvial, mas são habilidosos na construção de balsas para atravessar os rios (II, p. 34).

Wells observa ainda o custo do aluguel de barcos, pilotos, remadores e das provisões (II, p. 264). Lista as exportações e importações das regiões que atravessa (ii, p. 262). Especula sobre as futuras prospecções de ouro, cobre e diamantes em

diversas localidades (I, p. 336-337, II, p. 173, 243-245, 256-260, 291, 326). Indica áreas que poderiam ser adequadas à criação de gado (ii, p. 145, 170-171). Conta para os leitores quais terras são mais baratas (ii, p.5). Ressalta sinais de subdesenvolvimento – a ausência de placas e mapas, por exemplo (I, p. 134, II, p. 117) exatamente como Dent apontara as pontes inseguras (p. 55, 66).

Outras possibilidades para o desenvolvimento comercial incidentalmente anotadas incluem a plantação de algodão (I, p. 214-15, 250), borracha-da-índia, que em breve se tornaria a base da economia do norte brasileiro (I, p. 268), sal (II, p. 123, 188, 262), óleo de palmeira (I, p. 227), crina do parasita *barba-de-velho* (II, p. 280). Ele dá boas dicas médicas – por exemplo, os sintomas de, e remédios contra a malária (I, p. 290-291, 310-313), e como se podem evitar febres (ii, p. 17, 23, 70-71). Seu trabalho, obviamente, é muito mais do que um relatório de suas viagens. Ele e Dent estavam interessados em ganhar dinheiro com a construção de ferrovias, é claro. Mas também anteviam as vantagens duradouras para a Grã-Bretanha da expansão das exportações e importações do Brasil, que a melhoria nas comunicações tornaria possível. Seu objetivo, o tempo todo, é despertar o interesse britânico em abrir a economia brasileira para a exploração européia e principalmente inglesa.

As passagens mais memoráveis do livro de Wells não são aquelas em que ele tenta nos informar ou instruir, mas sua recriação de momentos de intensa excitação – o ataque dos porcos selvagens (ii, p. 133), ultrapassagem das corredeiras do Funil (II, p. 700-731). É onde ele abandona a contenção e simplesmente relata experiências. Vindo de uma terra relativamente superpovoada e pequena, o que impressionava Dent e Wells eram os vastos espaços abertos do Brasil, incultos mas cultiváveis em sua maioria, e a necessidade de preencher esses espaços com imigrantes laboriosos – de preferência ingleses. O que não significa que Wells não se tenha realmente emocionado com a paisagem, ainda que mantivesse o controle de sua escrita elegante. Seu livro, como os de Gardner, Burton e Dent, nos fala tanto da política comercial inglesa como das montanhas e da história natural.

Em 1888, Wells publicou um romance, *The Voice of Urbano: a Romance of Adventure on the Amazons. [A voz de Urbano: um Romance de Aventura na Amazônia]*. A cópia que li na Biblioteca Bodleiana de Oxford permanecera lá por mais de um século com suas páginas sem cortar. Não é, admita-se, um grande romance. Baseia-se substancialmente nas próprias viagens de Wells ao Brasil, o que é natural, embora os acontecimentos do romance tenham lugar em um ponto mais ao norte do que o que Wells atingira. A história diz respeito a negociantes estrangeiros em busca de borracha. No decorrer do romance, surge um interesse amoroso, e os estrangeiros –

em seu próprio interesse – provocam uma revolta dos índios . Uma sentença final resume a meta subsidiária do romance, idêntica àquela de *Três Mil Milhas através do Brasil*: duas coisas o herói "tinha sempre em mente – a negligenciada riqueza vegetal natural daquelas regiões selvagens e o poder latente que existia entre os índios, que necessitavam apenas de tratamento justo e humano para se tornarem cidadãos úteis ao Império" (p. 379).

É esclarecedor, para vergonha dos ingleses, observar a mudança de atitude dos nossos viajantes com relação à escravidão. Dent achara que sua abolição era iminente em 1886, mas ela não foi abolida de fato senão em 1888, ano seguinte ao da publicação do livro de Wells. A riqueza e força do império britânico tinha sido em grande parte construída com base no comércio de escravos. O hino nacional não-oficial do século XVIII proclamava:

Rule Britannia! Britannia rules the waves.
Britons never, never, never shall be slaves.
[Domina Britânia! Britânia domina as ondas.
Os britânicos jamais, jamais, jamais serão escravos.]

Mas obtiveram bons lucros escravizando outros. Desde o início do século XVIII, o poder naval da Grã-Bretanha deu-lhe quase o monopólio do comércio escravagista. No século XIX, porém, havia novas, e até maiores, atrações na exportação de bens manufaturados e capital para os que tinham-se tornado "países em desenvolvimento"; e a marinha britânica era agora usada para reforçar a abolição do comércio de escravos. Isto levou à escassez de mão-de-obra em um país como o Brasil; daí a ênfase, nos escritos de nossos viajantes, sobre as possibilidades de emigração da Inglaterra para o Brasil e da perspectiva que se criava de nos livrarmos do nosso excesso de desempregados.

O movimento antiescravagista inglês abrigava "benfeitores" idealistas, pessoas genuinamente chocadas e indignadas com os males da escravidão; e também negociantes mais práticos, que anteviam que a abolição da escravatura criaria um mercado mais amplo para as importações britânicas, e que um influxo de mão-de-obra livre no Brasil traria perspectivas de um vasto comércio de exportação de produtos agrícolas. A importação de escravos acabou nos anos 1850. Em 1871, as crianças nascidas de escravos foram libertadas; em 1885, os escravos com 65 anos ou mais. A abolição veio a 13 de maio de 1888. De 1886 em diante, quando já era prevista, houve um aumento imediato do fluxo de imigrantes. Gardner ressaltara que os

escravos não eram maltratados no Brasil – o que o surpreendia, já que era pessoalmente a favor da abolição (p.16). Ele tinha boas relações pessoais com alguns dos seus escravos, mas fez questão de relatar as muitas conseqüência desastrosas de tratá-los com muita brandura (I, p. 270-273). "Nosso negro", escreve Gardner a respeito de um deles, "tinha sido como escravo um homem bom e leal; uma falsa idéia de caridade o emancipara, e com a liberdade apareceram todos os males de sua raça"(II, p.330). Outros achavam que os escravos pioraram de vida após 1888.[10]

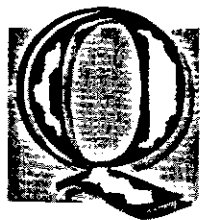
Burton raramente usa a palavra *nigger*, substituindo-a pelo latim *homo neger* (I, p. 241, 129). Ele relata que os escravos andam descalços (I, p. 230). Dent era menos pudico, falando regularmente e sem se desculpar de *niggers* (p. 33 e *passim*). Também reconhecia que a escravidão estava chegando ao fim no Brasil, mas se sentia aliviado ao pensar que a abolição seria votada por um governo conservador, que não negociaria com princípios socialistas. Fazia mesmo questão de acentuar as "atrocidades" supostamente cometidas por abolicionistas socialistas (i, p. 281-299).

Como Dent, embora não tão regularmente, Wells fala de "alojamentos dos *niggers* (i, p.179); mas descreve os "abrigos miseráveis, impróprios para um porco decente" em que os velhos negros têm de viver (I, p. 162-163). Em outro ponto, ele observa que "as mulheres amorenadas, moreno-escuras e negras parecem fazer quase todo o trabalho" (II, p. 187); mas que os escravos fazem muitas vezes o que bem entendem. "Eles não chegam a se espojar no luxo, certamente; mas são tratados brandamente, sem pulso, e muitos trabalhadores pobres (da Inglaterra) invejariam sua sorte" (ii, p. 187). Em um raro repente de entusiasmo, conta que "no interior do Brasil o negro livre é o trabalhador(...), de longe o mais inteligente e industrioso dos habitantes". "Quanto mais preto um negro é, mais proporcionalmente confiável" (I, p. 365; cf. p. 398, II, p. 240).

Wells, mais do que Gardner, Bates, Burton e Dent antes dele, queria que seu livro de viagens fosse também uma obra de utilidade para imigrantes em perspectiva e futuros investidores. O proveito do seu e de todos os livros de viagem, para os historiadores, é grande – quaisquer que sejam as intenções do autor, eles fornecem uma visão de fora da sociedade em que viajaram. As coisas que lhes parecem boas ou más, interessantes ou alarmantes não despertam a atenção dos nativos. Um leitor inglês pode partilhar mais dos valores e suposições de Wells, mas para os ingleses o passado de Wells já é um outro país, não menos que o Brasil. Para os brasileiros, deve haver *insights* duplamente inéditos – os de um estrangeiro e os de um homem dos anos 80 do século passado.

CHRISTOPHER HILL

10. FREYRE, Gilberto. *The masters and the slaves* [*Casa-Grande e Senzala*] (1963 reprint), p. lv.

PREFÁCIO

Quando muito jovem, o destino decretou que eu abandonasse a velha terra e, como muitos outros filhos da Grã-Bretanha, saísse pelo vasto mundo em busca, em parte de aventura, em parte de melhores oportunidades do que as abarrotadas fileiras pátrias pareciam oferecer. Uma idéia equivocada, talvez; mas eu estava na época tão imbuído de tudo o que eu lera sobre o Brasil e do fascínio de evocações românticas de sua assombrosa vida tropical, que acabei por selecionar esta área para o desenrolar daquilo que é o dever de todo homem: tentar abrir para si próprio uma trilha para o sucesso. Conseqüentemente, há cerca de dezessete anos atrás, renunciei a meus compromissos londrinos e, com apenas o conhecimento de minha profissão como garantia, mas montes de expectativas otimistas, desembarquei sem um amigo e ignorante da língua no país que desde então tem sido tão generoso comigo. Durante estes muitos anos, o exercício de minha profissão levou-me por uma seção bastante considerável do interior desta vasta terra, exigiu-me permanência em todas as principais cidades costeiras ao norte do Rio de Janeiro e colocou-me em íntima relação com todas as fases da vida do Brasil. Uma experiência tão excepcional deve habilitar amplamente qualquer indivíduo (a menos que suas faculdades perceptivas estejam dormentes) com um lastro de conhecimento deste grande império – uma terra da qual se sabe menos, em geral, do que sobre a África. Sendo assim, considerei ser minha obrigação tentar transmitir, tanto quanto o permitam minhas capacidades, o resultado de minhas experiências. Eu pretendia a princípio escrever uma obra versando mais genericamente sobre o País, e de forma mais abstrata; mas o tema é tão vasto, e existiriam tantos desvios opostos de qualquer linha precisa e firme que eu pudesse traçar da natureza do País e de seu povo, que o resultado de um tal esforço seria necessariamente enganoso e insatisfatório. Conseqüentemente, adotei a conduta de tentar delinear o aspecto de uma dada feição do País com

suas sempre variadas cenas e diferenças de clima, os incidentes da vida dura no interior e as muitas "formas e condições" de humanidade encontradas pelo caminho. O esboço, porém, se quase totalmente confinado ao interior estagnado e decadente (uma grande região, na verdade, e contendo uma grande população, mas que se espalha por sua vasta área, longe dos centros comerciais e cujas únicas comunicações são proibitivamente caras, de modo que a massa das pessoas simplesmente vegeta como as árvores que as cercam), criaria uma impressão geral errônea do Brasil; e portanto incluí, em forma de apêndice, umas poucas matérias relativas à vida agitada e ao progresso das regiões costeiras, onde brasileiros e estrangeiros estão levando o Brasil a ocupar o lugar que lhe cabe entre as grandes nações da terra.

Ao apresentar este trabalho, devo rogar ao leitor que seja indulgente para com seus muitos defeitos de primeiro esforço literário, escrito, ademais, sob dificuldades consideráveis, pois, embora durante a viagem do Rio de Janeiro ao Maranhão eu tenha mantido um registro diário dos avanços e incidentes, não o fazia com a intenção de utilizá-lo para publicação, e a maior parte dos rascunhos feitos pelo caminho e todo o estoque de notas que coletei sobre coisas interessantes e curiosas perderam-se em acidentes de jornada. Em conseqüência desses azares, o trabalho é muito menos completo do que eu pretendia, ou do que deveria ser. Devo observar, ainda, que já se vão agora onze anos desde o término das viagens registradas neste relato, já que a constante ocupação profissional não permitiu que eu me devotasse anteriormente à compilação de um livro como este. Mas em um sentido a demora se mostrou vantajosa, pois permitiu que eu escrevesse com um juízo mais amadurecido e experiência mais variada, obtida pelo conhecimento de outros aspectos do Brasil e outras fases da vida brasileira; por outro lado, embora o período em que foram feitas as viagens aqui descritas esteja rapidamente resvalando para o "há muito tempo", não tenho a mínima hesitação em apresentar esta obra, pois as cenas e incidentes descritos são tão aplicáveis ao tempo presente quanto se a viagem tivesse terminado no ano passado, já que no interior distante a marcha do progresso é tão lenta que não ocorre praticamente nenhuma diferença perceptível no decorrer de uma dúzia de anos. De fato, em todos os pontos onde interceptei ou segui as rotas do Sr. Gardner ou do Capitão Burton*, não encontrei nenhuma mudança observável nas várias localidades como as descreveram esses autores daquilo que existia por ocasião da minha visita tantos anos depois deles. Meu propósito constante neste livro foi transmitir uma imagem imparcial dos assuntos de que tratei; escrever, nem como otimista, nem como pessimista, e relatar fielmente e sem exagero não as pesquisas e descobertas de um especialista, mas as experiências concretas de um engenheiro em meio às saudáveis alturas de Minas

* GARDNER, George (1812-1849). Naturalista escocês, viajou pelo Brasil entre 1836-1841. Autor de *Viagens no interior do Brasil*, 1846.
BURTON, Sir Richard Francis. (1821-90). Explorador, escritor e tradutor britânico. Foi cônsul em Santos. Viajou pelo Brasil em 1867 (N.T.).

Gerais, aos pântanos insalubres do vale do Rio São Francisco, aos planaltos claros e ventilados de Goiás, ao longo do Rio Tocantins, nas ondulações arenosas do Maranhão, e através das florestas tão lindas mas torturantemente infestadas de insetos do Rio Grajaú; uma vida passada em fazendas, em cabanas, sob barracas de lona, ou tendo por teto apenas o céu brilhante de estrelas; a cavalo, ou avançando dolorosamente a pé sob o sol escaldante; de barco, de canoa ou de jangada sobre as diversas águas; e finalmente encontrando nativos bons, maus e indiferentes, desde o *gentleman* por natureza, oculto sob as feições mais grosseiras, até o mais temível dos facínoras: homens, uns brilhantes e cheios de energia, outros deploravelmente indolentes e atolados nos pântanos da mais baixa degradação moral.

O mapa que acompanha o trabalho baseia-se, no que concerne a minha rota, em minhas próprias notas topográficas tomadas durante a viagem, mas a distante região circundante foi desenhada a partir de informações compiladas de toda fonte relativa à questão. Comparado com qualquer mapa do Brasil, o meu esboço difere dele imensamente em muitos de seus aspectos salientes, especialmente a delineação da região divisória entre as bacias do São Francisco e Tocantins, que até então fora invariavelmente representada como uma cadeia de montanhas em vez de um chapadão largo, levemente ondulado, geralmente elevando-se por gradientes imperceptíveis a partir do leste, e voltado para o oeste em íngremes alcantis. Esse mapa (como qualquer outro mapa do Brasil) é, no máximo, aquilo que se intitula um esboço; mas grosseiro como é, é ainda um esforço de corrigir o que eu pessoalmente averigüei serem graves e numerosos erros no melhor dos mapas disponíveis.

Temo seriamente despertar uma certa quantidade de reações adversas por cometer o pecado comum de todo viajante de talvez alongar-me demais sobre a praga dos insetos, ou a respeito do que comi no almoço, ou de quando não tive nada para almoçar; mas, realmente, se os detratores, que se encontram no conforto de suas casas, resolvessem dar uma volta pelo Brasil, verificariam que essas trivialidades condenáveis formam uma parte tão importante de suas experiências que a lembrança delas chega a ofuscar muito do interesse realmente intrínseco; e como meu objetivo principal é descrever as experiências e a vida nas matas, nos campos e nos pântanos, de um viajante, com seus prazeres e vicissitudes diários, de maneira tão realista quanto possível para aqueles leitores que não tiveram a ventura ou desventura de viajar pelo Brasil, não posso, mesmo correndo o risco de uma condenação por ter-me detido em detalhes enfadonhos, omitir por menores tão importantes do quadro.

A fauna e a flora principais do Brasil já foram tão freqüente e completamente descritas pelos diversos naturalistas e botânicos que viajaram pelo País, que aquilo que um

conhecido autor chama de "o *tipo de homem com vinte* anos de país e que domina sua língua" não deveria tocar nesses assuntos exceto quando estiver em condição de, mesmo descrevendo o que todos conhecem, acrescentar alguma informação adicional sobre a extensão, ou o hábitat, de alguns dos elementos mais notáveis; portanto, só os mencionei ocasionalmente e com concisão.

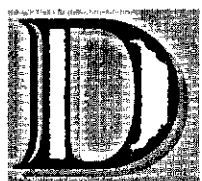
JAMES W. WELLS

Olinda,
Beckenham,
Kent.

31 de maio de 1886.

Capítulo 1

RIO DE JANEIRO

A viagem de Southampton – A bela paisagem da entrada do Rio e seu porto – Chegada ao Rio – O desembarque – As ruas e seus freqüentadores – Os hotéis: grande falta de um verdadeiramente bom – Os picos da Tijuca e O Corcovado – O pitoresco Laranjeiras – O Wapping do Rio – A estação marítima da Ferrovia Dom Pedro II – O Jardim Botânico – Prédios principais – As belas artes; o amor nacional à música – Um passeio pelas ruas; peculiaridades que chamam a atenção do visitante – Febre amarela muito exagerada – A polícia – Os capoeiras – As casas e o povo – Lares das classes mais altas e de nossos compatriotas – Diversões públicas.

Desde a ocorrência dos fatos e incidentes registrados nos capítulos seguintes deste trabalho, muitas grandes e consideráveis mudanças tiveram lugar no Rio de Janeiro, e embora muito tenha sido dito e escrito, nos últimos anos, por vários autores de obras sobre o Brasil, sobre a leal e patriótica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, como os fluminenses[1] se deleitam em denominá-la, seria de interesse para o leitor obter uma visão de seu estado presente, seus belos subúrbios com seus chalés um tanto espalhafatosos, mas pitorescos, seus esplêndidos jardins e muitas outras evidências da riqueza centralizada e do luxo da capital deste vasto país (que só perde em área para o Império Russo), e ver, por fim, seu estágio de vida, movimentação e negócios, antes que ele leia acerca das vilas e arraiais monótonos, sonolentos e decadentes, e das enfarruscadas localidades do interior.

A entrada do porto do Rio de Janeiro.

Imaginemos que estamos a bordo de um dos navios a vapor de qualquer das diversas companhias que têm negócios com o Brasil, digamos, da Companhia de Paquetes a Vapor do Correio Real, o *La Plata*, ou o *Tagus*, o *Elbe*, o *Neva*, o *Trent*, o *Tamar*, todos eles verdadeiros hotéis flutuantes, onde, se não há o luxo de decoração e a área dos vastos vapores do Atlântico Norte, há porém suficiente de ambos para permitir que um passageiro desfrute sem restrições a viagem habitualmente calma e pacífica de vinte dias, de Southampton ao Rio.

1. Um termo usado para designar um habitante do Rio de Janeiro.

Uma viagem marítima é coisa já tantas vezes descrita que não precisamos nos estender a respeito aqui; basta dizer que fizemos uma escala na pitoresca Vigo e na antiquada e tranqüila velha Lisboa, onde o viajante, se o tempo o permite, não deveria deixar de visitar a bela Sintra e seu castelo: lá se pode perambular em meio a canteiros de gigantescos rododendros e camélias dos jardins, galgar as sinuosas passagens e altas torres da estrutura construída sobre os mais altos pináculos de um monte elevado (tudo tão sugestivo de um castelo encantado pela singularidade, posição e isolamento) e do teto de seu torreão mais alto podem-se contemplar as ruínas de uma velhíssima fortaleza moura sobre um pico vizinho, os maravilhosos jardins, a paisagem ampla que se estende a distância e, além dela, o mar profundamente azul, o Tejo túrbido e seus morros amarelos pontilhados de casas curiosas e moinhos de vento ainda mais curiosos, um cenário inusitado em vista e cercanias.

Paramos na árida São Vicente, onde o ar é tão claro que vemos tudo como se estivéssemos olhando através de vidros côncavos; o mar é também tão extraordinariamente transparente quanto a atmosfera. As escalvadas montanhas vulcânicas, desprovidas de uma folha de grama, arbustos ou árvores, parecem achatadas, como se pintadas sobre uma tela, e é difícil distinguir-se a perspectiva. É uma cena estranha de soturna desolação.

A seguir, paramos no plano e ventoso Pernambuco; depois, na montuosa Bahia, o paraíso dos negros; e finalmente, depois de uma viagem muito agradável, durante a qual o tempo passou como num sonho, somos despertados uma manhã, como é de hábito, pelos ruídos do eterno lavar e esfregar que sempre anuncia a aproximação de um novo dia, e encontramo-nos diante do magnífico cenário da costa montanhosa do Rio.

Não importa quantas vezes o viajante tenha-se aproximado deste litoral, ele sempre o impressiona e encanta; está sempre mudando, sempre diferente, pois dos variados pontos de vista as montanhas rochosas assumem formas diferentes; ou elas podem ter a aparência modificada pelas nuvens de neblina que as envolvem ou as escondem no nascer da manhã; ou podem estar limpas e claras, reluzindo à violenta luz do dia; ou tornarem-se róseas e matizadas com cores múltiplas aos raios do sol poente. Corramos para o tombadilho, através do salão sem tapetes, úmido e molhado com a esfregação da manhã, passando pelos camareiros eternamente a esfregar, a quem indagamos, compadecidos, se eles nunca descansam, ou se esfregam, esfregam, esfregam noite adentro. "Sim, sim, senhor" responde um deles, "o esfregão e o escovão são a marca registrada desta companhia: gostaria que alguns dos diretores viessem nos substituir aqui". No tombadilho, a luz pálida e cinzenta da aurora nos desvela um estudo em tons neutros. Na direção da praia divisamos gigantescas e indefiníveis massas escuras e sombrias,

nuvens e montanhas, tudo se confundindo; o céu é de um matiz suave e perolado, as longas ondas rolantes são pretas nas concavidades e manchadas de jorros cinza-pálido quando as cristas recebem os raios da luz alvorecente. Sob a sombra do toldo há figuras esquisitas de passageiros masculinos no *déshabillé* de *robe-de-chambres* e pijamas, todos de pé mais cedo para obter um vislumbre dos famosos esplendores matinais da costa. Os barulhentos guinchos a vapor estão chacoalhando abominavelmente, equilibrando no ar as pilhas de bagagem. (Por que será que a companhia não usa os agradáveis e silenciosos guinchos a fricção dos vapores franceses?) Marinheiros correm para cá e para lá fazendo preparativos para a chegada ao porto ou para a lavagem do tombadilho. "Com licença, senhor," e vamos logo em busca de assentos ou para outra parte do tombadilho. "Com licença, senhor" saúda-nos de novo, enquanto uma imensa mala é por pouco depositada sobre nossos pés na semi-obscuridade. "Com licença, senhor," e somos quase atropelados pelos homens que correm com o livro de bordo. Boa idéia, vamos para a esquecida ponte a meia-nau.

Os minutos passam lentamente enquanto seguimos em frente com longa e suave arfagem sobre as vagas do atlântico e, à medida que a luz aumenta, montanhas de picos nus surgem aqui e ali acima das massas de nuvens a modo de flocos de lã; quando o sol aponta no horizonte, seus raios dourados iluminam uma cena de indescritível grandeza: as nuvens começam a subir, e rolar para o alto dos montes marrons, cinzentos e escalvados, expondo à vista uma grande variedade de formas, contornos e cores. Quando avançamos mais, a cena vai mudando continuamente, um perfeito caleidoscópio de paisagens; e, finalmente, o clímax – o cenário – surge diante de nós: a entrada do Porto do Rio. Parece um perfeito dédalo de cumes e formas ásperas e irregulares mescladas com a névoa branca do mar; morros parecem empilhar-se sobre morros, os cumes mais altos ainda envoltos nas nuvens que restam; há contornos de gigantes, montanhas de topo plano com vertentes perpendiculares, morros arqueados, pães-de-açúcar, etc.; há grandiosas encostas precipitosas de gnaisse granítico escuro, manchadas de liquens e musgos, e costuradas com fissuras, ou montanhas revestidas com a vegetação verde-escura da floresta. O cenário é magnífico em forma e rico em cor, um verdadeiro sonho de um país de maravilhas, um objeto com que Turner se deleitaria, e bem merecedor de uma viagem (e especialmente uma viagem agradável) desde a Inglaterra, para ser visto. Muitos escritores já traçaram comparações entre esta e algumas das mais celebradas paisagens costeiras do mundo, mas todos concordam unanimemente em dar a palma ao Rio. Com desculpas aos autores de duas obras, *O Brasil e os Brasileiros*, dos Srs. Fletcher e Kidder, e *Viagens pelo Brasil*, do Príncipe Adalberto da Prússia, cito as seguintes passagens de seus livros, que servirão para confirmar minhas observações.[2]

2. *Brazil and the brazilians.* (*O Brasil e os brasileiros*) dos Reverendos James C. Fletcher e D. P. Kidder:
"A Baía de Nápoles, o Corno Dourado de Constantinopla, e a Baía do Rio de Janeiro, são sempre mencionados pelo turista viajado como extremamente merecedores de serem classificados no mesmo grupo por sua extensão, e pela beleza e sublimidade de seu cenário. Os dois primeiros, no entanto, devem ceder a palma ao terceiro lençol d'água mencionado, que, em um clima de perpétuo verão, fica encerrado entre as cadeias de montanhas singularmente pitorescas, e é pontilhado das ilhas verdejantes dos trópicos. Quem, na Suiça, contemplou, desde o Quay de Vevay ou das janelas do vellho Castelo de Chillon, o magnífico panorama da extremidade superior do Lago de Genebra, pode ter uma idéia da vista geral da Baía do Rio de Janeiro; e havia muita verdade e beleza no comentário do suiço que, vendo pela primeira vez o esplendor nativo da baía brasileira e seu anel de montanhas, exclamou, '*C'est l'Helvétie Méridionale*!'(É a Suiça Meridional!)" (p. 13 e 14).
"A primeira entrada de uma pessoa na Baía do Rio de Janeiro inaugura uma era em sua existência.

"'Uma hora,
Que se torna um marco desde então, e para sempre.'

Mesmo o observador mais obtuso acalentará forçosamente depois disto imagens sublimes da beleza e majestade múltiplas das Obras do Criador" (p. 15). "Já entrei e parti da Baía do Rio de Janeiro repetidas vezes – ela sempre apresentou para mim novas glórias e novos encantos. Tive o privilégio de contemplar algumas das mais celebradas paisagens dos dois hemisférios, mas nunca encontrei uma que combinasse tanto o que se admirar quanto o panorama que tentei descrever" (p. 19).
"Viagens de Sua Alteza Real Príncipe Adalberto da Prússia no Brasil":
"No entanto, parecia não requerer esta característica, pois a impressão geral de tudo o que víramos neste dia, dos arredores mais próximos da baía, era tão esmagadora que nada restava a ser suprido pela mais vívida das imaginações. Nunca nenhuma paisagem impressionara-me com tal força: mesmo o aspecto de Nápoles – a imponente e animada Nápoles, com o vesúvio e sua baía magnífica – empalidece em comparação; mesmo o esplendor oriental de Constantinopla, onde cúpulas brancas e minaretes esguios erguem-se orgulhosamente sobre encantadores montes, onde bosques de ciprestes ensombrecem os túmulos dos muçulmanos, e o cinturão azul do Bósforo, debruado de *serais*, *hissars* e inumeráveis aldeolas, animando toda a cena, serpenteia lindamente entre a Ásia e a Europa. Mesmo Constantinopla não enlevou-me tanto quanto minha primeira visão do Rio de Janeiro. Nem Nápoles, nem Istambul, nem qualquer outro local que já vi nesta terra – nem mesmo o Alhambra – pode se comparar com o estranho e mágico encanto da entrada desta baía. Maravilhas revelavam-se aos nossos olhos, cuja existência jamais havíamos imaginado; e estava claro agora por que os primeiros descobridores desta terra deram-lhe o nome de Novo Mundo" (v. i. p. 219).

Prosseguimos agora pelo mar, jogando em longas arfadas enquanto passamos pelo Forte Santa Cruz à nossa direita, e deixamos as longas vagas do Atlântico pelas ondulações curtas da baía. A *Union Jack** envia uma saudação, e o amarelo e o verde desbotados da gasta bandeira brasileira (que lembra um pano de prato de segunda mão) respondem devidamente do mastro do forte.[3]

Aqui é a entrada propriamente dita da nobre baía, entre Santa Cruz e a rocha escarpada, de 1600 pés de altura, à esquerda, conhecida como Pão de Açúcar, a distância entre elas sendo de, no máximo, uma milha e meia. Bem em frente fica a expansão larga da baía, um lençol de luz resplandecente, pontilhado de naus, e muitas ilhas extremamente pitorescas, e, além delas, a trinta milhas de distância, fica o perfil azul da altaneira Serra dos Órgãos, forrada de florestas até os cumes. Imediatamente à esquerda, ao adentrarmos a baía, fica a passagem estreita para a bela Baía de Botafogo, cercada de quebra-mares, vilas, palmeiras, jardins luminosos, e tendo ao fundo a elevada montanha do Corcovado, de 2.600 pés de altura, cuja face voltada para o mar ergue-se quase perpendicularmente desde a base; até o meio, no lado voltado para o centro, e até o topo, no lado do interior, ela é revestida de florestas. Sua face marítima e seu cume consistem de rocha nua de gnaisse cinza-acastanhado. Um pouco mais adiante, subindo a baía, além da Baía de Botafogo, a praia forma longas curvas de grande extensão e promontórios avançados, as primeiras todas costeadas de quebra-mares. Ao longo do litoral, estendendo-se pelos muitos morros, e aconchegada em meio à brilhante e reluzente folhagem da vegetação tropical das terras elevadas ao fundo, há uma vasta acumulação de igrejas com campanários ou torres em forma de minaretes, conventos antigos e amplos, prédios gigantescos e altos, e casas com balcão de todas as cores imagináveis – brancas, rosa, azuis, cor de camurça e amarelas, com telhados de telhas vermelhas.

Todavia, nem a metade, ou mesmo um quarto da cidade é visível, pois ela se estende até bem longe da vista para lá da Baía de Botafogo até o Jardim Botânico; subindo o longo vale de Laranjeiras; na direção noroeste até São Cristóvão, Saúde, Gamboa, Caju, e a grande massa da cidade fica atrás do Morro do Castelo. À nossa direita, fica a cidade de Niterói (capital da Província do Rio de Janeiro) com suas longas fileiras de casas alegres e sua linda Baía de Jurujuba, todas com seus fundos de montes altos, cobertos de relva ou bosques. Onde quer que olhemos, no litoral, vemos cores vívidas, folhagem e flores cintilantes; em qualquer parte que uma casa se destaque, está cercada de árvores e palmeiras, e plantas de cores berrantes, e conspícuas entre as últimas as esplêndidas brácteas carmesim de enormes poinsétias. Embarcações de todos os tipos crivam a superfície da baía, corvetas de madeira e encouraçadas,

* Termo que designa a bandeira do Reino Unido (N.T.).

3. Quando nova, a bandeira brasileira é brilhante e alegre com seu verde e ouro vívidos, mas uma curta exposição ao tempo logo transforma as cores vivas em um marrom-esverdeado desbotado.

Vista da cidade, da entrada do porto e do Pão de Açúcar.

cruzadores e vapores oceânicos estrangeiros, ingleses, americanos, franceses, italianos, alemães, espanhóis, austríacos, portugueses, belgas, holandeses, de todas as nacionalidades. Rebocadores a vapor e barulhentas lanchas a vapor, incontáveis, fazem as encostas ecoarem e reecoarem com seu alarido exagerado e presunçoso. Grandes barcaças a vapor de fundo chato cruzam entre o Rio e Niterói, e os muitos pequenos vapores costeiros e curiosos barcos à vela, canoas e barcos a remo nativos, todos mostram ao recém-chegado que ele está não apenas em um novo mundo, mas próximo a um importante centro comercial.

O súbito disparo do canhão sinalizador do navio nos sobressalta, seguido pelo clangue-clangue do ininterrupto sino das refeições, agora a primeira chamada para o desjejum, pois, com a excitação da chegada, o tempo passou mais depressa do que imaginávamos.

Enquanto o sol ascende nos céus, as sombras e obscuridades da manhã começam a desaparecer, e uma claridade dura e violenta torna-se perceptível; tudo parece claro e brilhante, contornos e detalhes de objetos distantes estão todos minuciosa e fortemente definidos; há cor por toda parte, cores vivas e não matizadas; onde nenhum esbatimento de tom vem suavizar o quadro. Onde quer que haja uma sombra, ela contrasta com a luz quase como preto e branco. Já está muito quente, especialmente se não há brisa,[4] como é normalmente o caso nesta época,[5] e começamos a sentir a mudança das brisas do oceano aberto para a atmosfera mais fechada desta baía enclausurada por terra, e a ficar desconfortavelmente vermelhos e encalorados.

Lanchas a vapor perlongam agora o navio trazendo os funcionários do porto, en-

4. Nos meses de maio a agosto, as manhãs são sempre frescas e freqüentemente até frias.

5. Nos meses quentes de dezembro a março.

tre os quais está o habitualmente polido guarda-mor da alfândega, de uniforme azul, onde resplandecem botões dourados, galões em ouro e folhas de carvalho. Uma flotilha de barcos a remo e lanchas a vapor está esperando um pouco adiante, trazendo amigos dos passageiros. Muitos lenços estão sendo agitados, e saudações feitas de parte a parte entre os amigos que vêm nos botes e os do navio.

A bordo, o guincho a vapor continua seu alarido atordoante e empilha a bagagem no tombadilho. Os passageiros portugueses da terceira classe – que durante toda a viagem dormem e comem, e aparentemente não se lavam nunca, usando sempre suas vestimentas mais surradas, que recendem fortemente a roupas velhas – agora surpreendem-nos com sua aparência: os homens surgem usando casacas pretas amarrotadas, evidentemente guardadas há muito tempo como um tesouro, e camisas assustadoramente espalhafatosas; mas as mulheres, oh! que chapéus, que toucados, que formas e cores, e todavia, de alguma maneira, as combinações berrantes, e muitas vezes dolorosas, de cores não ofendem a vista tanto quanto o fariam em um clima mais temperado. Aqui há cores vivas por toda parte, e o material, ou cor, mais discreto assume um fulgor emprestado pelo brilho refletido de um vizinho mais vivo.

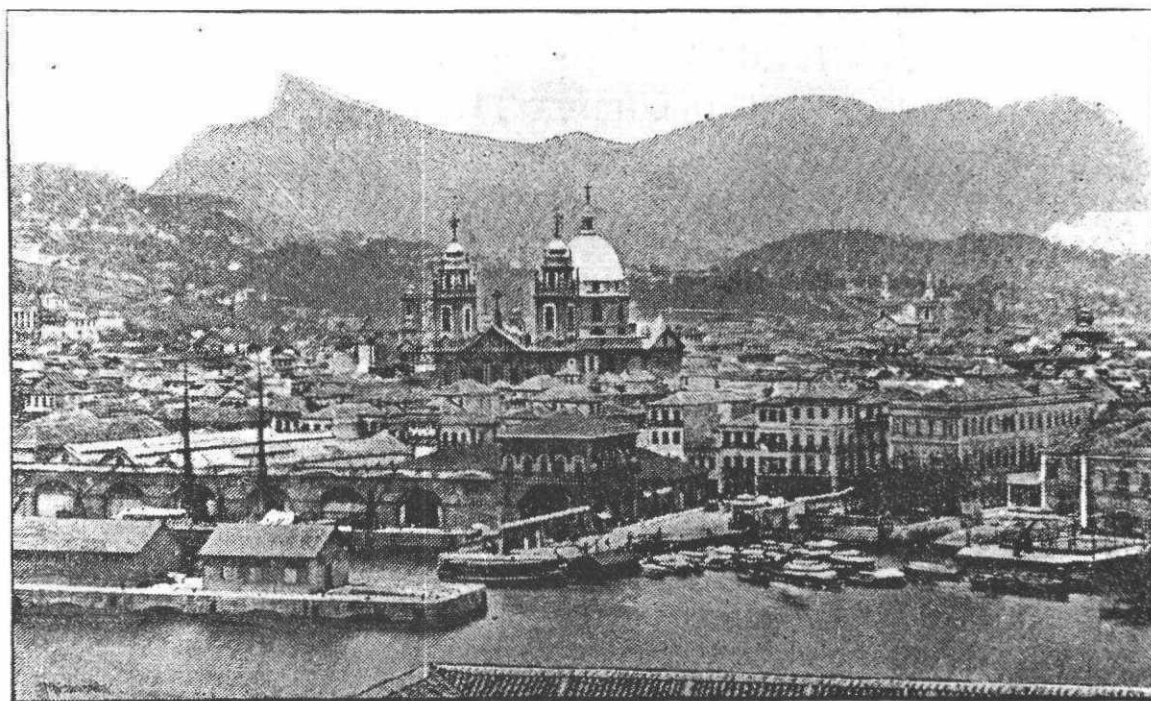
Logo a frota de lanchas e barcos nos aborda; o agente e os amigos dos passageiros sobem ao convés. Cordiais apertos de mão entre os ingleses, abraços histéricos entre os portugueses e os brasileiros. Uns poucos escolhidos seguem o capitão até o sagrado recesso de sua cabine, discutem-se as novas e os amigos, e cuida-se para que o assunto não se torne insípido. Os novatos estão ansiosos para descer à terra, os veteranos preferem permanecer para tomar um último desjejum a bordo, sabendo bem que ele será melhor do que o que se pode encontrar em terra. Mais tarde, embarcamos em uma lancha a vapor; nossa bagagem já está a caminho em uma barca grande em direção à alfândega. Navegamos em meio a uma frota de navios de todas as nações por um quarto de hora e desembarcamos em um sólido cais de pedra, entre uma multidão de barcos, entre trabalhadores pretos e brancos e ociosos, e subimos por uma rua calçada em direção à Rua Direita.

Para o principiante, a cena toda é de uma novidade atordoante; imagens, sons e odores estranhos apresentam-se-lhe de todos os lados. Entramos na Rua Direita, com sua seqüência de lojas e casas encardidas com sacadas, quase sempre diferentes umas das outras; aqui há deveras confusão: filas de bondes encontram-se bloqueadas, enquanto um carro de bois descarrega sua carga em alguma loja; os condutores dos bondes apelam ao carroceiro para que remova o seu carro; os passageiros enfurecem-se, ou descem e seguem a pé; o carroceiro pára seu trabalho, encara sardonicamente os condutores e, no íntimo, rejubila-se com a oportunidade de causar tumulto; segue-se

uma discussão, o *Billingsgate** brasileiro é aplicado generosamente dos dois lados; enquanto isto, a carroça permanece parada e mais bondes chegam; nenhum policial ativo aparece para dizer: "Circulando!" pois este é um país da liberdade, e o carroceiro livre e independente gasta o tempo que bem lhe apetece.

O Cais de Mineiros e a Catedral da Candelária, com vista do Corcovado à distância.

Olhemos para os passageiros nos bondes e para as pessoas que passam por nós na calçada. Aqui há, não importa quão quente esteja o dia, cavalheiros brasileiros de cartola, fraques pretos, e colarinhos brancos altos, calças brancas, pretas, coletes bem abertos, devidamente ornamentados com elaboradas correntes de relógio de ouro. Botas imaculadas cobrem seus, normalmente, delicados pés; seu talhe é fino e frágil em geral, e sua tez, na maioria das vezes, é decididamente "biliar". Os estrangeiros distinguem-se por sua indumentária mais fresca e solta e pela aparência mais saudável; pode haver também uma negra-mina gorda e viçosa, de ombros largos, robustos e nus, brilhando como ébano polido, ou, mais propriamente, nogueira escura; um turbante cobre sua cabeça redonda e jovial, uma bata bordada, seu busto amplo; seus braços fortes estão nus e volumosa é sua saia-balão de algodão listrado; um xale descuidadamente jogado sobre um ombro completa sua aparência pitoresca. Agora passam por nós corretores de todas as nacionalidades, as únicas pessoas que têm pressa na cidade; negociantes, amanuenses, ou comerciantes formam grupos de conversa e bloqueiam o estreito passeio; trabalhadores a pé, ou empurrando carrinhos de mão, passam com seus carregamentos ou vagueiam à procura de serviço. Tílburis de aluguel chacoalham pela rua ou juntam-se à fila de veículos bloqueados. Por enquanto, não vimos nenhuma dama.

Um pouco adiante, depois de uma série de portas abertas dos armazéns de atacado, bancos, e escritórios diversos, há umas poucas lojas, casas de câmbio, farmácias, joalheiros e salas de lanche; à vista das últimas, alguns de nosso grupo lembram-se de como está quente e seco, e da sede que o clima quente provoca nas pessoas de manhã cedo; assim, como bons ingleses, alguns de nós certamente entrarão para mitigar a sede

* Linguagem grosseira ou obscena. De *Billingsgate*, mercado de peixes de Londres (N.T).

constitucional e nacional. Nesta rua, dois novos prédios de proporções consideráveis, os Correios e a Bolsa, atraem nossa atenção por sua aparência insólita.

A fantástica arquitetura do primeiro pertence à classe dos "bolos de noiva". É uma mistura de granito e alvenaria de brita, estuque e tinta: mesmo que corramos o mundo todo não encontraremos coisa igual. Pilhas de dinheiro empregadas nele, e no entanto, novo como é, já está rachado de cima a baixo, devido ao descuido na construção das fundações em um solo traiçoeiro.

Em uma de suas entradas, há uma guarda de soldados com um tenente sentado em uma cadeira; é evidente que ele está fumando um cigarro. A sentinela, um sujeito negro, mulato ou moreno – vestido de uniforme de tecido grosseiro azul-escuro ou de holanda-marrom, e com uma barretina colocada de um lado sobre sua carapinha –, é um modelo de frouxidão; não há nada de elegante, reto e marcial nele, que firma o cabo do rifle, com baioneta fixa, sobre o ombro e agarra-se a ele com as duas mãos; as pernas são frouxas, as costas, curvas, a cabeça pende frouxamente; ele apóia o corpo em um canto, o rifle fica em posição horizontal, e os passantes têm de tomar cuidado com a ponta de baioneta, pois o preguiçoso, abrindo em bocejos, pode talvez deixá-la escorregar na direção de seus olhos. Os dois botões de trás de sua túnica ficam freqüentemente acima, em vez de abaixo de seu cinto, e o botão da bainha de baioneta fica invariavelmente acima da fivela que tem a função de prendê-lo na abertura feita com esse objetivo, mas que nunca é usada para tal. É uma visão que faria um sargento britânico ter um ataque.

O prédio do Ministério da Agricultura e Obras Públicas.

O outro prédio, a nova Bolsa, é certamente uma tentativa mais ambiciosa de fazer arquitetura, mas não passa de uma miscelânea. As paredes do andar térreo são de granito decorado maciço, admiravelmente trabalhado; a cornija acima é uma maravilha de alvenaria, todavia a fachada do andar superior é de alvenaria de brita caiada, com cornijas e ornamentos das janelas em estuque branco, lembrando muito os enfeites de açúcar de um bolo de noiva.

Mais adiante, depois de passar por uma igreja, a rua se alarga, árvores na beira da calçada fornecem uma sombra bem-vinda aos muitos engraxates, vendedores de bolos, vadios e ociosos; e as lojas, hotéis, armazéns e casas de lanche margeiam o caminho. Ele passa pela Capela Imperial, em direção a uma praça grande e aberta, cercada

por uma grade de ferro contendo um jardim bem cuidado de árvores, arbustos, flores e agradáveis gramados. De um lado fica o antiquado palácio citadino do Imperador (agora raramente usado como residência), e o prédio amplo, e até belo, do Departamento de Obras Públicas; na extremidade oposta da praça ficam os mercados de peixe e hortaliças, nos quais há muito para interessar tanto o morador quanto o recém-chegado e atordoar o último com os odores "fatais a quarenta jardas" que virão saudá-lo.

Seguindo em frente pela Rua Direita, passamos, à nossa direita, pelas Ruas da Alfândega, Hospício e Rosário, imensamente longas, estreitas e retas, com altos sobrados de sacadas de cada lado, com dois, três e quatro andares, os andares térreos ocupados por lojas e armazéns; e finalmente entramos na Rua d'Ouvidor, a *Bond Street* do Rio.

Nessa rua estreita, a passagem de veículos é proibida; mal há espaço suficiente para dois deles passarem um pelo outro. Aqui há lojas elegantes de todos os ramos, elegantemente decoradas. Passamos por, ou encontramos indivíduos de todas as classes da vida do Rio; damas em toaletes leves de verão, coloridas como borboletas, homens bem vestidos, tanto nacionais como estrangeiros, políticos, profissionais e negociantes – uma multidão animada, polida e gentil. É uma visão bem moderna deparar-se com damas nas ruas do Rio desacompanhadas de seus parentes ou amigos masculinos. As lojas exibem uma brilhante mostra de seus diversos artigos; mas o estranho que se cuide, se entrar, cairá nas mãos de filisteus. Percebe-se logo que ele é um forasteiro, e ele terá de pagar por sua experiência. Acompanhar uma moradora da cidade a uma expedição de compras é uma crucial provação para a paciência de um homem; em nossa terra, isto já é ruim o suficiente, mas aqui o inevitável regateio em torno dos preços não é mais nem passível de zombaria. Ao passarmos pelas lojas, vemos indícios da presença da raça anglo-saxônica e alemã em letreiros, como por exemplo "*gin-fiz, cocktails, lager bier*," e outras decocções procuradas; mas não são apenas os estrangeiros agora os principais consumidores, pois jovens e velhos brasileiros e portugueses são vistos lado a lado com o sedento ádvena. Nessa rua passamos pela biblioteca de empréstimos britânica, uma grande dádiva para os moradores e muito apreciada por eles.

A Rua d'Ouvidor varia de freqüentadores durante as diferentes horas do dia. No início da manhã, há poucos a serem vistos; as lojas abrem, os vendedores e entregadores estão ocupados dispondo suas mercadorias para o dia; uns poucos trabalhadores passam ou talvez uma vaca leiteira e um bezerro acompanhados por um homem que ordenha a vaca às portas dos fregueses, e talvez, ao mesmo tempo, sub-repticiamente, ordenhe um saco de água que pode levar escondido sob o paletó.

Desde o início da manhã, os bondes chegam rapidamente, três de uma vez, mas de 8 às 10 eles começam a cuspir seus carregamentos de amanuenses e comercian-

tes, vindos dos subúrbios, e aí a rua enche-se de uma multidão apressada, incluindo talvez uma ou outra dama; de dez às onze chegam as casacas pretas e as cartolas dos secretários e funcionários públicos brasileiros. Depois daquela hora, é a vez principalmente das damas que vêm fazer suas compras. Durante todo o dia, os bondes chegam e partem cheios. Por volta das três, casacas e chapéus pretos congregam-se nos "castelões" (os alfaiates), na esquina do bonde, em várias portas de lojas e discutem, com uma gesticulação animada e modos excitados, a política do dia – o assunto quase sempre absorvente. Às 4, as multidões de comerciantes e funcionários retornam, eles por sua vez parando para uma conversa ou para perguntar pelos últimos telegramas europeus, ou para censurar Mr. Gladstone, ou talvez para uma visita ao nº 105, no intuito de tentar matar sua sede insaciável; os homens casados sendo facilmente reconhecidos por seus pacotes e embrulhos.

Subindo mais a Rua d'Ouvidor, passamos por outro ponto de bonde, com sua esquina movimentada, e depois emergimos em uma pracinha aberta, onde há normalmente um ajuntamento de bondes de um outro terminal, de uma outra companhia. Nessa praça fica a grande e bela igreja de São Francisco de Paula, preferida para as celebrações de missas de réquiem dos cidadãos proeminentes falecidos. O serviço musical é excelentemente executado.

Agora sairemos da Ouvidor para a Rua dos Ourives,[6] outra rua estreita e longa, perpendicular à anterior, uma rua principalmente de joalherias; as jóias exibidas nas vitrinas são de excelente acabamento; embora em muitos casos seu desenho seja admirável e inusitado, elas são talvez fantasiosas e elaboradas demais para agradar ao gosto inglês. A vista do alto dessas longas ruas é estimulante. As janelas com sacadas, as fachadas coloridas mas encardidas das casas, de tons e brilhos sempre variados; o sol claro e o céu cerúleo tornam até o encardimento pitoresco, e a sombra das casas altas dá um calor ao quadro que está ausente em localidades mais abertas.

Ao chegar à Alfândega, encontramos toda a bagagem empilhada em uma plataforma baixa em um grande depósito; indicamos aos trabalhadores nossas respectivas malas; elas são desamarradas, examinadas e liberadas. Podemos talvez encontrar um funcionário arrogante, mas se tivemos o cuidado de trazer conosco um despachante de uma casa mercantil, muito esforço é economizado, e o viajante não tem muito do que reclamar. Do lado de fora, um enxame de trabalhadores com carrinhos de mão compete ruidosamente pelo trabalho de carregar nossa bagagem: anote o número do carrinho contratado e sua bagagem será entregue em segurança onde você indicou, e pode ir cuidar de sua vida.

Os melhores hotéis são o asilo de lunáticos do Dr. Eiras, em Botafogo, o Hotel Cândido, em Laranjeiras, o Carson e o Hotel Estrangeiros no Catete. Um asilo de

6. *Goldsmiths' Street.*

lunáticos é um estranho lugar para se recomendar; ele é de fato um asilo de lunáticos, mas, anexo a ele, o médico proprietário mantém um hotel muito confortável com excelentes instalações para banhos de diversos tipos.

O Cândido é o mais salubre e mais encantadoramente situado, além de ser muito moderado nos preços e razoavelmente confortável. No alto dos morros da Tijuca há outros hotéis, mas estes exigem mais de duas horas de viagem para alcançá-los.

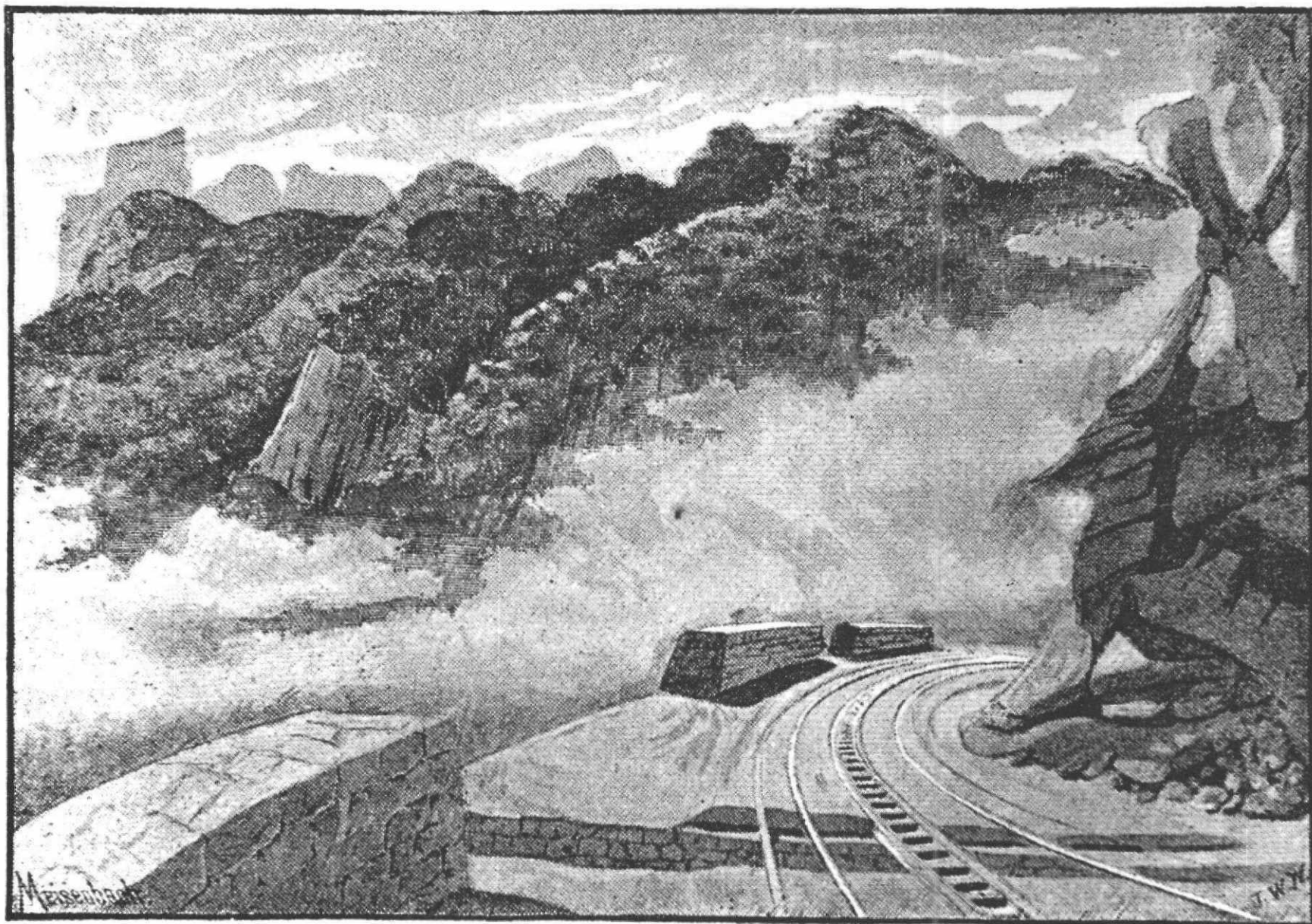
Nós agora vamos visitar alguns dos nossos amigos e conhecidos em diversos escritórios de comércio; encontramos todos ocupadíssimos, em mangas de camisa; eles nos dão cordiais boas-vindas, e fazem questão de insistir para que arrisquemos um jantar de improviso em suas casas.

Não há escassez de hotéis no Rio, pois em 1881 havia, no total, 82; destes, 29 eram da melhor qualidade. Os prédios compreendidos nesta última classe custaram aproximadamente 420.000 libras, e fornecem acomodação para 1.050 convidados. Havia então (agora muitos mais), 12 linhas de vapores oceânicos, 11 de costeiros, e 4 linhas de ferrovia convergindo para o Rio, todos transportando coletivamente 317.000 viajantes de primeira classe para fora ou para dentro do Rio, por ano, ou uma média diária de 870.[7] Porém, apesar de todo esse movimento, e do número considerável de hotéis, não há nenhum que preencha as exigências usuais de uma hospedaria de primeira classe; os poucos melhores estão sempre cheios, e é difícil encontrar um quarto vago no Eiras ou no Cândido.

Ao selecionar um hotel, evite de todos os modos os hotéis nacionais e os do centro, seus mosquitos e quartos malcheirosos, pelo menos se pretende fixar residência: para o café da manhã, almoços ou jantares, não existe nada melhor que o Globo, o Rio de Janeiro, etc. Muitos solteiros que vêm residir aqui alugam uma casa, que quatro, cinco ou seis deles ocupam conjuntamente, ou podem também alugar quartos nos subúrbios e tomar as refeições nos restaurantes do centro.

À noite, pode-se visitar amigos e famílias, ou ir ao teatro, onde a *performance* é apenas medíocre, ou, na temporada – maio, junho e julho –, ir à Ópera, onde a música é freqüentemente boa, ou então fazer um passeio nos ligeiros bondes. Este último divertimento em um fim de tarde morno é um passatempo apreciado, especialmente uma ida até os bairros comparativamente frescos do Jardim Botânico e da Gávea.

Uma semana ou uma quinzena podem ser extremamente bem usufruídas no Rio por um turista. Alguns dias entre os morros cobertos de floresta da Tijuca, que abundam em samambaias arborescentes e outros fetos, palmeiras, parasitas, e orquídeas, flores, borboletas, e por toda parte o agradável murmúrio de água escorrendo; de muitos pontos, podem-se obter grandiosas e magníficas vistas da baía e do centro.

7. Estas estatísticas são o resultado de minhas próprias pesquisas, e posso garantir a sua exatidão.

Vista da estrada de Ferro do Corcovado.
A neblina marítima sobe o vale de Paineiras.

Uma escalada ao Pico da Tijuca, a 3.400 pés de altura, resulta na obtenção do mais lindo panorama do Rio, que é deveras impressionante; um mundo de morros cobertos de florestas nos circunda, e abaixo, mas muito distante, espraia-se a ampla área do centro e a larga expansão da baía – cintilando à luz intensa, suas águas de um azul profundo, e pontilhada pelas muitas ilhas e pela navegação. Além dela ficam os altaneiros montes da Serra dos Órgãos, e os morros para lá de Niterói, centenas de morros esvanecendo-se na nebulosa distância e misturando-se às nuvens azul-pálidas do horizonte.

Outra excursão é a subida do Corcovado, 2.600 pés de altura; uma ferrovia cen-

tral leva o viajante até o topo. Os aclives são extremamente íngremes, e a velocidade é apenas a de uma caminhada; a linha serpenteia em torno de morros precipitosos, cruza desfiladeiros profundos por viadutos elevados e passa através de bosques e de mato; por todo o caminho ouve-se a música da água caindo e o murmúrio do vento entre a folhagem farfalhante da exuberante vegetação. Essa linha foi projetada, desenhada e construída por engenheiros nacionais e paga com capital nacional. Atualmente o trânsito ainda não permite um bom retorno para o investimento, mas deverá fazê-lo com o tempo, quando os turistas incluírem o Rio em suas listas de lugares a serem visitados; é apenas uma questão de tempo.

A meio caminho da subida, em Paineiras, construiu-se um hotel próximo à beira de um precipício, que domina extensas vistas de encostas de granito, morros e vales com bosques e o mar azul profundo. Uma objeção à residência aqui são as pesadas névoas marítimas que freqüentemente se agregam em torno do cume à noite, em forma de uma garoa perceptivelmente fina, que torna tudo úmido e bolorento. No cume do Corcovado, há um pavilhão de ferro onde se podem obter café, petiscos ligeiros e refrescos, e onde uma banda provavelmente vem tocar aos domingos e feriados. A vista do pico é também magnífica ao extremo; bem abaixo de nós vemos as estradas como meras linhas brancas; os bondes são pontinhos em movimento; uma grande massa de vegetação florestal cobre as montanhas, morros, vales e planícies; os lagos de água, o mar, a baía, estradas e casas estendem-se como em um mapa. O horizonte do mar está tão distante que se funde ao azul claro dos céus, e a divisão entre céu e água é imperceptível.

Enquanto se contempla o vasto panorama, ocorrem-nos pensamentos sobre as mudanças operadas pelo tempo e os acontecimentos históricos que essas grandiosas rochas e montanhas presenciaram. Para onde foram todas aquelas tribos de aborígines que os descobridores encontraram nessas costas? A grande nação guerreira dos Tamoios que habitava a costa desde o Rio até São Paulo e que lutou com os franceses sob Villegagnon contra os portugueses; os Carijós ou Guarás da Serra do Mar; a grande e numerosa raça dos Goitacases que ocupava as planícies de Cabo Frio com suas diferentes tribos dos Goitacá-guassa, Goitacá-mopis, Goitacá-jacoreto e outros parentes, os Guaianases, no norte da Serra do Mar: todos se foram, como os Mohawks e os Delawares dos Estados Unidos. Todavia, esses aborígines brasileiros não desapareceram por completo, pois podemos distinguir uma característica indígena em quase todo habitante do campo.

Um passeio entre as montanhas dos Órgãos até Nova Friburgo, Petrópolis e Teresópolis levará o visitante a mais outras paisagens lindas.

Uma volta nos bondes em qualquer direção é sempre agradável e interessante; as excelentes mulas viajam em trote rápido, criando uma corrente de ar no mais quente

dos dias. Os chalés e as vilas, em meio a seus lindos jardins, são por si uma vista maravilhosa: as flores ostentam as mais brilhantes cores, e a folhagem delicada e magnífica cintila com a luz como se cada folha tivesse sido envernizada. Subir as Laranjeiras no fim da tarde, quando longas sombras se projetam oblíquas sobre a estrada clara e ensolarada, é extremamente pitoresco. As vilas são numerosas e encantadoras, altos morros cobertos de bosques ou montes gigantescos de granito escarpado elevam-se ao fundo dos jardins dos dois lados do caminho; no fim do vale, o Corcovado ergue suas encostas verdejantes e seu cume rochoso. É um cenário vibrante, matizado por sombras macias e profundas; mesmo aqui a cadência das águas que correm ao lado da estrada aumenta o seu encanto.

Há, no Rio de Janeiro, mais de 100 milhas de caminhos de bonde; provavelmente nenhuma cidade no mundo é tão bem equipada, e todas elas dão lucro, grandes fortunas tendo sido formadas pelos felizes primeiros compradores das ações da linha do Jardim Botânico, que receberam dividendos iguais a 100 por cento do capital empregado.

O Rio tem, naturalmente, o seu *Wapping*,* a Saúde, onde ficam longas fileiras de entrepostos e plataformas flutuantes. As ruas são sinuosas, velhas e estreitas; congestionamentos de trânsito são constantes; bondes, carros de aluguel, carroças e carruagens comprimem-se continuamente uns contra os outros, e os motoristas têm de desintrincar seus veículos da melhor maneira possível. Os condutores de bonde sentam-se resignada e pacientemente, os passageiros enfurecem-se, os carroceiros vociferam e imprecam. Negros troncudos passam trotando com pesados carregamentos nas cabeças, marinheiros estrangeiros cambaleiam saturados de cachaça, odores pútridos emanam de poças de água verde estagnada e de pilhas de lixo, e pequenas vendas contribuem com sua quota para os cheiros. Daqui até os centros cafeeiros da cidade, o congestionamento é quase sempre contínuo; isto se dá dia após dia, ano após ano, um desperdício desnecessário de tempo e esforço. Todos o sabem, vêem, reclamam, e no entanto nada é feito para remediar com eficácia a situação.

Em média, digamos 3.000.000 sacas de café por ano são transportadas por essas ruas estreitas, custando 500 réis por saca, desde a hora em que deixam a ferrovia até serem colocadas a bordo de um navio.

Para evitar esse desperdício de energia e tempo, há poucos anos atrás o Governo decretou a construção de uma ampla estação marítima, onde o café poderia ser entregue em depósitos à beira-mar e de lá transferido diretamente para os navios. Eu fui encarregado dessa obra; túneis foram cavados através dos morros de gnaisse granítico que separam o antigo terminal da ferrovia em Campo de Santana do mar, grandes áreas foram adquiridas e aplainadas, a terra recuperada da baía, diques edificados,

* Local às margens do Tâmisa, na extremidade leste de Londres, em cujas docas e entrepostos se descarregavam as mercadorias dos navios (N.T.).

grandes depósitos erigidos e um longo *pier* de ferro construído; mas, ai! Como poderosos interesses de investimentos privados sentiram-se ameaçados, os defeitos de um local mal escolhido foram exagerados e utilizados por pessoas influentes para induzir o Senado a se recusar a votar as somas necessárias para completar o projeto, tornando-o assim um desastroso fracasso; e no entanto a contenção no custo do transporte, sem contar a conveniência advinda da diminuição do denso trânsito nas ruas estreitas, teria sido, em um único ano, suficiente para completar perfeitamente o esquema e permitir que o café fosse embarcado nos navios por 200, em vez de por 500 réis, e efetuar uma economia para o público em geral ou para o País de 900 contos de réis, digamos, 67.500 libras por ano.[8] 300.000 libras foram assim quase que inutilmente gastas, como necessariamente o serão, caso não se alcance o objetivo que se propunha servir.

Dentro e em volta do centro da cidade, há muitos parques e jardins públicos maravilhosamente belos, elegantes prédios públicos, igrejas, museus, biblioteca, etc., normalmente encontrados em cidades importantes, todos repetidas vezes descritos por vários autores que escreveram sobre o Brasil.

Ao recém-chegado, quase sempre se recomenda que vá imediatamente ver o Jardim Botânico e sua mundialmente famosa alameda de palmeiras imperiais.

Embora o passeio no bonde aberto seja delicioso, e o visitante descubra que os lindos jardins, tanto em sua produção, no cuidado que lhes é dedicado e na encantadora paisagem circundante, não ficam a dever em nada a suas expectativas, se ele permanecer no Rio por vinte anos provavelmente não os visitará de novo mais de uma vez por ano, se tanto; a razão é que, atraentes como os jardins naturalmente são, e forte a impressão que deixam no recém-chegado, ele irá se tornando de tal forma habituado à vegetação semelhante nos diversos jardins das vilas e chalés que circundam a cidade em todas as direções, que o Jardim deixará de ser uma novidade ou apreciado como o foi na primeira visita. O belo parque de Campo de Santana, o Passeio Público, são também gemas de flora tropical, e merecedores de repetidas visitas.

Os prédios mais destacados são a Catedral da Candelária, o Banco do Brasil, o Departamento de Obras Públicas, a Nova Bolsa, a Alfândega, a Estação Dom Pedro II, os palácios do Imperador e o palácio do Barão de Nova Friburgo, e muitas das vilas dos brasileiros ricos. O Banco do Brasil é uma jóia de alvenaria: a arquitetura é clássica, e é o prédio mais puramente arquitetural do Brasil. A fachada e lados são de granito sólido, e a alvenaria é realmente maravilhosa. A Catedral é um edifício amplo, ostentoso, altamente ornamentado; nenhum esforço ou despesa foram poupados nele, mas suas fundações são duvidosas.

A natureza do subsolo da área da maior parte da cidade velha torna necessário

8. Demonstrei às autoridades ferroviárias a comprovação desta economia de trabalho e despesa apresentando-lhes uma proposta de acabamento do projeto, mas depois de uma longa consideração, admitiu-se ser ela vantajosa, mas foi recusada sem comentários. Do modo como está no momento, a confusão do trânsito e o seu custo são ainda maiores do que anteriormente.

maiores cuidados e precauções na construção de grandes prédios, pois há indícios que mostram que esta área já esteve submersa; pelo menos há, em profundidades variadas, uma profunda camada de solo muito enganoso, firme em alguns pontos, mas, a poucas jardas de distância, exigindo fundações com pilares.

Spix, durante sua visita ao Rio em 1817, observou: "Não existe praticamente nenhum gosto aqui para a pintura ou escultura, e assim vemos, mesmo nas igrejas, em vez de obras de arte verdadeiras, apenas ornamentos sobrecarregados de ouro. A música, ao contrário, é cultivada com mais parcialidade pelos brasileiros, e particularmente no Rio de Janeiro, e nesta arte eles poderão talvez obter mais rapidamente um certo grau de perfeição. O violão é aqui, como no sul da Europa, o instrumento predileto; um piano, ao contrário, é uma peça de mobiliário muito rara, só encontrada nas casas mais ricas."[9]

O que ele dissera então com respeito à ausência de gosto nacional para pintura e escultura continua sendo verdade. Embora a Academia de Belas-Artes tenha tentado ao máximo promover qualquer gênio latente, um ou dois alunos promissores tenham sido mandados para a Itália para estudar a expensas do Governo[10] e exposições de pinturas sejam feitas ocasionalmente, uma visita a elas mostrará apenas os fracos resultados que a academia obteve de seus discípulos. Ultimamente, umas poucas galerias têm sido abertas na cidade, mas uma olhada para suas telas é suficiente para ocasionar um ataque de febre amarela em qualquer homem sensível de bom gosto. Por outro lado, a música é profundamente apreciada por todos os brasileiros, e há muitos músicos excelentes entre eles; seu compositor, Carlos Gomes, é motivo de imenso orgulho, e eles lhe fizeram uma recepção loucamente delirante quando de seu retorno da Europa.

Nenhuma casa está completa sem um piano; mesmo um mecânico tem de ter um em sua casa; a afinação e a aparência são considerações secundárias, desde que seja um piano. Clubes musicais existem em todos os subúrbios e na cidade. À noite, em muitas ruas, os vários esforços musicais são completamente estarrecedores. No andar superior de uma casa em uma rua, a banda de metais (com abundante participação de tambor e pratos) de algum clube local, estrondeia uma marcha; por toda a extensão da rua há pianos, bons, ruins e indiferentes, tilintando e retinindo, ou uma voz de mulher é ouvida interpretando uma *bravura* em notas agudas; em outra rua, provavelmente outra banda de metais retumba onde ainda se ouve o som da primeira, e, além disso, ouve-se vindo de alguma parte o badalar incessante de sinos de igreja e o detonar de foguetes explosivos.

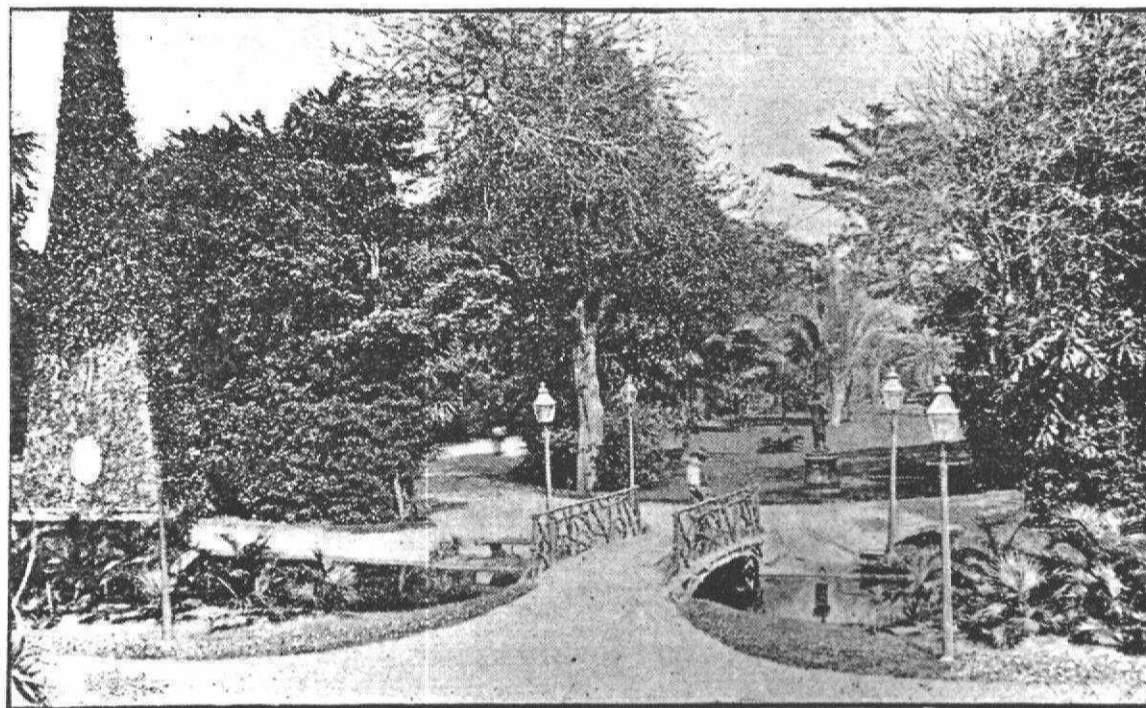
Ao caminhar pelas ruas da cidade, ou passear de carro nos subúrbios, muitas cenas necessariamente atrairão nossa atenção por sua novidade. As ruas, mesmo a

9. Spix menciona ainda que em 1817 as marés do Rio de Janeiro alcançavam a altura de 14 ou 15 pés, enquanto agora sua diferença extrema é de apenas 8 pés; conseqüentemente, ou ele estava enganado ou mudanças muito consideráveis ocorreram durante os últimos sessenta e oito anos no movimento das marés nesta parte do mundo.

10. Mas Pedro Américo é de fato um grande pintor, pois um quadro de que ele se ocupa no momento mede 27 por 14 pés.

muitas milhas fora da cidade, são pavimentadas com cubos de granitos um pouco maiores do que um tijolo, conhecidos pelo doce nome de "paralelepípedos". Em muitas das ruas secundárias da cidade, o calçamento é execrável, e elas são tornadas ainda mais difíceis para os veículos de rodagem pelas linhas dos bondes de bitola estreita que atravessam a cidade em todas as direções; em outras partes o calçamento é razoável. A calçada dos pedestres é pavimentada com enormes lajes de granito de um pé ou dezoito polegadas de espessura, que nas vias principais são mais ou menos niveladas, mas em algumas das ruas menores há grandes buracos cheios de água esverdeada e uma laje solta que permanece durante semanas e meses sem que se tome uma providência. Embora haja movimento constante nas ruas, e às vezes algumas delas estejam abarrotadas de gente, grande número de vadios e preguiçosos são vistos por toda parte; trabalhadores portugueses com carrinhos de mão, ou negros prontos, com suas cabeças carapinhadas, a carregar fardos,[11] sentam-se no meio-fio ou encostam-se nas esquinas, ou dormem nos umbrais das portas, ou negros-mina passam o tempo livre trançando palha para chapéus, esperando um serviço; quando conseguem uma oferta, pedem o pagamento de meio dia por uma hora de trabalho. Na maioria das esquinas das ruas principais há pequenos quiosques octogonais de madeira, espalhafatosa e fantasiosamente coloridos, onde os trabalhadores compram café quente, uma dose de cachaça (o rum nativo), ou investem seu dinheiro em bilhetes de loteria; grandes placares anunciam que "amanhã anda a roda", ou que alguma grande loteria do Rio ou de São Paulo, com um primeiro prêmio de 1.000 contos de réis (75.000 libras) , está "irrevogavelmente" fixada para uma certa data, mas quando aquela data chega, se todos os bilhetes não tiverem sido vendidos, ela é novamente "irrevogavelmente" fixada para uma data posterior – e talvez ainda mais uma vez, "positivamente e impreterivelmente", para uma outra ocasião definitiva.[12]

O Passeio Público.

Entre as pessoas que vemos nas ruas, há uma predominância de gente de cor, pretos e marrons, mas, onde quer que olhemos, reparamos na ausência de indivíduos

11. Há muitos anos atrás alguns carrinhos-de-mão foram importados para o norte para que os negros transportassem neles as sacas de açúcar, em vez de em suas cabeças. Depois de tentarem um pouco, acabaram carregando carrinhos e sacas na cabeça.

12. Estas loterias, com seus fabulosos prêmios, são fonte de muita miséria e de destruição de todos os hábitos de economia. Elas tentam os criados a roubarem seus empregadores; pequenas poupanças são dissipadas, em vez de serem reservadas para uma época de necessidade; alimentam-se esperanças baseadas na possibilidade de ganhar o prêmio; e suicídios causados pela decepção conseqüente não são raros. Cada um adquire um bilhete por 10 mil-réis (cerca de 15 *shillings*); pois a chance de ganhar £75.000 por 15 *shillings* é uma grande tentação. Um indivíduo se beneficia à custa da comunidade.

andrajosos e indigentes; nem um garoto, homem ou mulher corresponde aos nossos meninos de rua, ou mendigos asquerosos de Londres, exceto, talvez, alguns meninos italianos que vendem jornais; mas estes garotos de camisa e calças rasgadas, e mais nada, que correm de cá pra lá, gritando os títulos de seus jornais, sempre em cabriolas, robustos e em boas condições, embora um tanto encardidos, encontram-se claramente na melhor das saúdes e disposições e desfrutam a vida plenamente, muito mais do que muitos dos adultos encasacados, preocupados e de aparência ansiosa.

Em nenhuma ocasião festiva, quando as ruas estão repletas de pessoas, não se vê um único desordeiro embriagado, nem um homem ou mulher miseravelmente vestidos, a menos que seja um marinheiro estrangeiro, em sua indumentária grosseira, descuidada e suja; e é agradável ver os artesãos e trabalhadores nativos, ao fim de seu trabalho no arsenal, docas ou obras públicas, removerem as manchas de sua labuta dos corpos; muitos vestem então camisas limpas e roupas decentes, e aparecem no centro como membros respeitáveis da sociedade. O contraste não é favorável ao trabalhador britânico.

Muitas das lojas são bem decoradas e atraentes, como as de tecidos, armarinhos, alfaiates, papelarias, joalherias, seleiros, sapateiros, confeitarias, padarias, verdureiros, livrarias, lojas de cristais e louças, luveiros, chapeleiros e outros; em algumas lojas luxuosas, as bonitas flores emplumadas pelas quais o Rio é famoso merecem ser conferidas. Os açougues ficam situados principalmente nas ruas menos importantes, Sete de Setembro e Rua d'Assembléia, e é bom que fiquem distantes das vias principais, pois a exposição de carne, em forma de peças mal cortadas, e a visão das lojas malcheirosas e seus arredores sujos são tudo menos um incentivo à degustação do nosso jantar. É impossível conseguir um bom corte de carne de qualquer tamanho ou peso específico; a governanta tem de levar o que o açougueiro oferece; se se deseja um lombo de oito ou dez libras de peso é necessário pedir mais uma metade, para que a cozinheira possa oferecer um prato apresentável, cortando fora uma jarda de abas da carne, que é talhada do topo até o fim de um lado do animal. As lojinhas menores de verdureiros (vendas) são uma combinação de odores rançosos e compostos graxos; os perfumes do bacalhau da Terra Nova, carne seca, porco salgado, querosene, velas e sabão produzem tudo, menos um buquê agradável. A maior parte dos comerciantes compõe-se de estrangeiros, portugueses, franceses, alemães e pouquíssimos ingleses, pois um brasileiro prefere levar uma vida de semiprivação como funcionário público do que manter uma loja.

Não podemos deixar de notar, frescos como chegamos da Europa, as muitas cútis pálidas e amareladas, e as compleições delicadas de muitos indivíduos das classes mais abastadas que encontramos; o autor de uma obra sobre o Brasil comparou-os aos resi-

dentes de uma casa de lazarentos, passando então a vituperar longamente o clima deletério. Não se deveria culpar tanto o clima, pois no Rio ele é tão propício ao desenvolvimento das crianças pequenas, que muitas das mais frágeis, que na Europa do norte não poderiam suportar as vicissitudes do clima, têm no Brasil uma chance melhor de sobreviver, mas crescem mirradas e doentias e são apontadas como resultados do mau clima. Repare-se na maior parte dos moradores estrangeiros: eles são saudáveis e robustos quando dotados de constituições sólidas e hábitos moderados. Em alguns anos, uma epidemia de febre amarela irrompe e, se de uma população de 400.000 habitantes, as mortes ocasionadas por ela atingem a media de 400 por mês, durante sua temporada habitual de dois meses, este é considerado um ano extremamente ruim, todavia nunca tão ruim quanto algumas das terríveis assolações de Nova Orleans, ou das Índias Ocidentais, e nenhum dos antigos moradores dá muita atenção à doença. De qualquer modo, qualquer pessoa pode ir ao Rio entre os meses de maio a outubro, sem medo, pois a baixa temperatura dos primeiros três desses meses efetivamente impede a geração dos germes de forma epidêmica. Certamente, muitos dos moradores estrangeiros já caíram vítimas deste cruel flagelo, e mais ou menos todos, em diferentes épocas, tiveram ataques da doença, porém, se no Rio essa febre é generalizada, a cidade está livre de muitas das doenças comuns na Inglaterra.[13]

A polícia do Rio é outro aspecto inusitado que desperta a curiosidade do visitante: os policiais são homens moreno-claros, pequenos, mirrados, de baixa estatura e aspecto doentio. Seu uniforme consiste de um pequeno barrete (galhardamente inclinado de um lado da cabeça), túnica e peça inferior de holanda marrom, e um cinto preto contendo uma espada curta. Sua principal ocupação é aparentemente ficar parados nas esquinas na mais frouxa das atitudes e fumar cigarros; são precisos dois para prender um rapazinho, quatro para dar conta de um nativo comum e uma companhia inteira para conter a bulha de um marinheiro britânico, que durante algum tempo os derruba como pinos de boliche, mas sua superioridade numérica acaba por dominar, e o pobre Jack, quase sempre um patife infeliz, leva muitas pancadas com o lado chato de suas espadas durante o caminho até o calabouço.

Já se insinuou que se a força policial fosse completamente extinta, a ordem pública não seria perturbada e obter-se-ia uma economia considerável.

Se uma banda de música é ouvida avançando por qualquer rua à frente de um regimento de tropas, é aconselhável que o forasteiro se refugie dentro de uma loja, pois adiante da banda ver-se-á um grupo de homens e rapazes de cor cabriolando e executando os ágeis movimentos do jogo dos "capoeiras". Esses "capoeiras" são uma classe dos piores rufiões brasileiros, todos eles patifes e vagabundos; sua arma predile-

13. Conheço o caso de um inglês que criou uma família grande e saudável no Brasil, e depois de escapar de cada epidemia de febre amarela foi para Londres com a esposa e os filhos e alugou uma casa mobiliada que ele infelizmente só descobriu tarde demais que não tinha sido desinfetada de uma morte por escarlatina; sua esposa e os três filhos morreram naquela casa, poucas semanas depois de sua chegada, dessa doença. Triste como foi o acontecido, ninguém pensaria em evitar Londres por causa da escarlatina.

ta é a navalha, que eles carregam nas mãos e escondidas nas mangas. Sabe-se que, por pura perversidade e capricho, já destriparam um homem desconhecido deles e um mero espectador casual. Foram feitas, e têm sido feitas tentativas de suprimi-los, mas eles dispõem da proteção de certos magnatas locais influentes a quem são úteis em épocas de eleição. Um desses políticos é conhecido como "a flor de minha gente"; diz o boato, em consequência da divulgação de um bilhete seu que teria sido achado, no qual ele afirmava que enviaria "a flor de minha gente" para mudar os rumos da votação que estava então indo contra ele.[14]

Nos subúrbios afastados, a zanguizarra e o clangor de pianos chiantes e asmáticos, pianos tilintantes, pianos bem soantes, e pianos com todos os tipos possíveis de som,[15] tendem a espantar o recém-chegado e fazê-lo imaginar que tipo de donas de casa são as mulheres brasileiras, se elas podem devotar tanto de seu tempo a esta finalidade; mas, grande como é o tempo assim empregado, é uma mera fração comparado com aquele despendido em ficar ociosamente debruçadas nas janelas; os peitoris muitas vezes estão visivelmente polidos com o constante debruçar – em alguns casos são até acolchoados para esta finalidade. Ao subir qualquer das ruas silenciosas, calçadas com pedras, quentes e sem sombra, dos subúrbios mais próximos – especialmente se estiver acompanhado de uma senhora –, você verá, na frente e atrás de si, uma longa fileira de cabeças esticadas, com os olhos todos focalizados sobre sua acompanhante; ao passar por elas, uma após a outra, ouve-se gritar "Mariquinha!" ou "Joaquina!" em vozes apressadas, altas e nasais, para que venham ver a "moça estrangeira" e comentários audíveis são feitos acerca de sua aparência, ou de peças de sua vestimenta, algumas vezes muito lisonjeiros, outras vezes o contrário; você pode sentir perceptivelmente que as cabeças se voltam à medida que passa, e que você é o centro de indisfarçada observação e crítica; os resultados são mesmo algumas vezes audivelmente discutidos de lados opostos das ruas. Quando lançamos um olhar pelas janelas abertas de treliças ou venezianas, e sem cortinas, para os interiores despojados e desconfortáveis, tão inteiramente desprovidos das numerosas bagatelas que ajudam a fazer de uma casa um lar, e vemos o enfileiramento formal de sofás de palhinha e cadeiras de encosto duro, tiras de tapetes berrantes, vasos baratos e espalhafatosos, adornos de ouropel, mesas com tampo de mármore – uma cadeira de balanço talvez, é o que mais se aproxima do conforto em meio aos muitos indícios de desleixado desmazelo –, pode-se entender até certo ponto porque as mulheres se afastam de suas salas sem atrativos e passam seu tempo olhando os transeuntes. Em algumas das casas menores os moradores são tão preguiçosos que as janelas de vidro estão opacas de sujeira, e pequenos pontos foram esfregados com o dedo para se enxergar através deles. Uma vidraça quebrada funciona

14. Nos jornais locais não se passa um dia em que não se veja, sob o título de "Ainda e sempre os capoeiras", alguma notícia de suas patifarias.

15. Que lugar abençoado deve ter sido o Rio em 1817, quando os pianos só eram encontrados nas casas mais abastadas!

por longo tempo como um apreciado posto de observação.

Ao mesmo tempo, deve-se observar que este tipo de casa não é representativo das melhores que encontramos nos subúrbios mais distantes, assim como uma casa de 30 a 40 libras anuais em Londres não é representativa de nossas muitas vilas encantadoras dos subúrbios.

Uma chácara à moda antiga em Laranjeiras.

Se o recém-chegado, como quase sempre é o caso, teve oportunidade de travar conhecimento, durante a viagem, com algum membro da classe alta da sociedade brasileira, ele será recebido com uma hospitalidade franca e encontrará lá um lar, diferente certamente, em todos os aspectos, de tudo o que vira na Velha Nação. Provavelmente encontrará uma casa destacada, não uma estrutura de tijolos sombria e prosaica, mas uma construção em cores brilhantes e freqüentemente acrescida de adornos fantasiosos de estuque, ou talhas de madeira rebuscadas; as janelas têm cortinas, e um interior elaboradamente harmonioso equipado com mobília e ornamentos franceses, caros e ostentosos; mas, ainda aqui, haverá um arranjo rígido e formal de cadeiras e mesas e uma ausência conspícua de gosto individual e da evidência de uma mão de mulher, exceto talvez uma seleção graciosamente arranjada de flores em um vaso; mesmo na maioria das casas mais ricas, raramente se encontram bons quadros. Do lado de fora da casa, os jardins cintilam e rebrilham com cores e luzes; canteiros gramados, vividamente verdes, e tanques de água e fontes ornamentais, e estatuária portuguesa

sombreados por nobres palmeiras de diversas variedades, flores alegres ou fortemente perfumadas, ou nobres mangueiras verde-escuras, ou mimosas verde-claras de folhas delicadas, ou enormes arbustos de poinsétias carmesins; muitos dos troncos têm, agarrados a eles, grandes molhos de orquídeas em plena floração; e nos fundos da casa há árvores frutíferas de muitas espécies peculiares aos trópicos. De fato, esses jardins à primeira vista são surpreendentemente belos; vamos-nos acostumando a eles com o tempo, e apenas muitos anos depois, quando já não podemos vê-los, assaltam-nos em um dia enevoado de Londres as lembranças de suas belezas vívidas e cintilantes, e recordamos com saudade os céus azuis brilhantes, a temperatura exuberante, os beija-flores dardejando como jóias vivas de flor em flor; deveras, há muitos lugares piores do que o belo Rio.

Se passamos nossa primeira noite na chácara[16] de um amigo – digamos, ou nas Laranjeiras, ou na Tijuca, ou na ilha de Paquetá – que sensação deliciosa experimentamos quando vem a aragem fresca do anoitecer! O ar está parado e úmido de sereno, e carregado de ricos perfumes; o céu está extraordinariamente brilhante de estrelas, ou com um luar tão claro como raramente o víramos; há uma impressão imensa, quase opressiva, de quietude, realçada até, e não perturbada, pelo murmúrio das águas ou os gritos das aves noturnas, ou o farfalhar suave da folhagem quando uma brisa gentil sopra por elas, fazendo as folhas brunidas faiscarem à luz fria e suave. No interior da casa encontraremos conforto e luxo, uma mesa bem posta e bem servida, bom gosto no arranjo da mobília, boa companhia e uma recepção cordial, e chegaremos à conclusão de que esses exilados devem mais ser invejados do que o contrário.

Descendo o morro da Boa Vista, Tijuca, pela manhã, depara-se freqüentemente com uma vista maravilhosa, ou seja, toda a área da baía e da cidade coberta com uma densa névoa branca que, com o sol brilhando sobre sua superfície em ondas, lembra uma vasta extensão nevada. Aqui e ali, os topos dos morros emergem acima de sua superfície como ilhas em um mar congelado e, como contraste, de cada lado da estrada que descemos vêem-se samambaias, flores, gramíneas e pitoresca vegetação tropical, tudo adornado com as jóias do orvalho, que reluzem aos raios suaves do primeiro sol.

Em Paquetá[17] (uma ilha extremamente interessante cerca de 10 milhas baía acima), encontraremos diversas habitações muito pitorescamente situadas – uma especialmente, uma casa térrea, aconchegante, confortável e acolhedora em todo sentido da palavra, pois a casa de Mr. M. e sua generosa e informal hospitalidade a tantos visitantes do Rio despertarão talvez em muitos leitores as gratas lembranças de uma noite tranqüila e feliz passada naquela ampla varanda, sob a sombra de enormes amendoeiras, com sua família de robustos garotos e garotas, cuja aparência é uma prova tão favorável da amenidade do clima do Rio; ao pé do gramado em frente à casa há uma

16. Uma vila suburbana isolada.

17. Pronuncia-se *pack-e-tah*.

O convidativo recanto de Paquetá,
a casa de Mr. M.

fileira de coqueiros, com, talvez, a pálida lua brincando de esconde-esconde atrás dos folículos trêmulos e roçagantes das frondes, vibrando à brisa que passa, e as ondulações da baía entoam um sonolento acalanto ao banhar lenta e gentilmente com um x-xuáá a praia de areia e as imensas pedras de granito da beirada. A elegante, extremamente bem cuidada lancha a vapor, está ancorada um pouco distante; barcos e canoas se alinham na praia, redes e material de pesca enchem uma casa de barcos ali perto, com tudo de que se precisa para passar um dia de lazer sobre a água; o gramado é entremeado de canteiros de flores, a varanda coberta de trepadeiras em flor e muitas orquídeas estão presas aos troncos das árvores. Que delícia é, em uma noite morna de verão, balançar-se preguiçosamente nas cadeiras de balanço, apreciar um charuto e a paisagem tranqüila, com os agradáveis arredores e os sons melodiosos do marulho da água e do farfalhar das folhas.

Já dediquei mais espaço do que pretendia a um breve esboço do Rio e devo con-

cluir o tema enumerando uma lista de seus entretenimentos. O bem freqüentado hipódromo forma uma grande e popular atração aos domingos e dias santos. Há regatas ocasionais de clubes de remo na baía, nos feriados. O campo de tênis do clube inglês é freqüentado todo fim de tarde por muitos jovens ingleses, moças e rapazes. Há os esportes atléticos, o clube de críquete, e espetáculos dramáticos de amadores britânicos são apresentados ocasionalmente em um dos teatros. Havia, até poucos anos atrás, um excelente clube social britânico, até que ele foi dissolvido por disputas de grupos. O atual Clube Beethoven é um clube cosmopolita, social e musical; ele fica convenientemente situado, tem amplas acomodações e oferece muitos concertos excelentes de música clássica verdadeiramente boa. Cerca de dez teatros, incluindo a casa de ópera, apresentam espetáculos em português, francês e italiano. Mas, com exceção da banda que toca no Passeio Público à noite e uma ou duas cervejarias de qualidade muito secundária, há poucas diversões ao ar livre para a noite.

Devo deixar sem comentários os muitos e admiráveis hospitais e instituições científicas e de caridade, a biblioteca nacional e seus 120.000 volumes, as numerosas escolas, colégios, academias e os arsenais, etc., pois o leitor tem um longo caminho diante de si.[18]

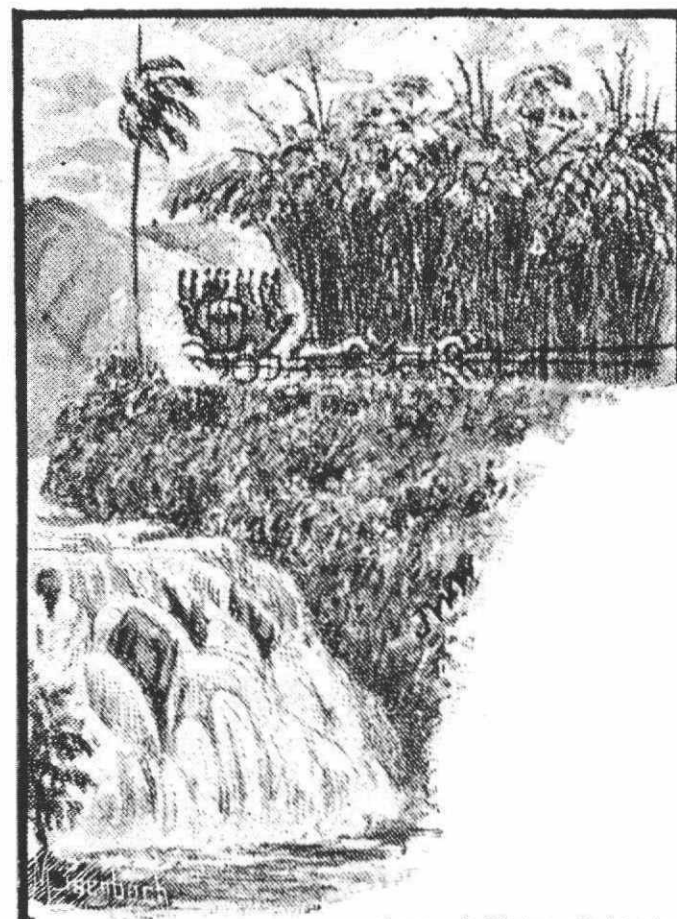
18. Para estatísticas e outras informações, ver o Apêndice.

Capítulo 2

DO RIO DE JANEIRO A BARBACENA

A partida do Rio – A estação de trens – Minha satisfação diante da perspectiva de uma vida sem confortos – A viagem de trem; paisagens e incidentes – O traçado da ferrovia – Em Entre Rios; coche para Juiz de Fora – Em Juiz de Fora – O melhor hotel do Brasil – Compatriotas – Um pioneiro veterano – Orquídeas de Juiz de Fora – Nosso camarada e a tropa de mulas – Uma partida abrupta e surpreendente de Juiz de Fora – O primeiro dia de jornada – Em Chapéu d'Uvas – Um mar de lama – Um hotel do interior; seus hóspedes e acomodação – Uma pastagem – Uma saída tardia – O campo – Chegada a Mantiqueira – Nosso hospedeiro e seu hotel – Neblinas da Mantiqueira – Deliciosas temperatura e paisagem – Uma péssima estrada – Uma floresta de Minas – O cume da Serra da Mantiqueira – Barbacena; sua cidade, clima adorável, panorama espraiado, e gloriosos campos – Nosso hotel; compatriotas – Um indivíduo excêntrico.

A estrada União e Indústria.

Em janeiro de 1873, cheguei ao Rio de Janeiro, vindo de uma das províncias do norte do Brasil, para juntar-me a uma equipe de engenheiros organizada pela Companhia de Construção de Obras Públicas, de Londres, com o objetivo de executar um contrato com o Governo brasileiro para fazer determinados levantamentos e explorações no interior do Brasil. O trabalho se dividia em duas seções: a primeira consistia de um levantamento ao longo dos vales do Rio Paraopeba e do Rio São Francisco até a cachoeira de Pirapora, neste último, visando determinar as vantagens relativas desse caminho, ou as de um outro ao longo do Rio das Velhas, para a extensão final da Ferrovia D. Pedro II até o ponto que a colocasse em comunicação direta com a navegação do Rio São Francisco.[1] A segunda seção deveria consistir de uma exploração através de levantamentos de estradas, nivelamentos barométricos e relatórios sobre os distritos entre os Rios São Francisco e Tocantins, com o fim de obter conhecimentos das melhores estradas, direções e maneiras de ligar o tráfego navegável do São Francisco ao do Tocantins, de modo que, estando terminada a Ferrovia D. Pedro II, uma grande linha de comunicação interna pudesse ser criada do Rio de Janeiro ao Vale do Amazonas. As explorações dessa segunda seção consistiriam de duas rotas: uma partindo de Carinhanha no São Francisco, subindo o vale do Rio Carinhanha em direção a Pal-

1. A rota do Rio das Velhas foi adotada afinal pelo Governo, já que esse rio pode ser tornado navegável e diminuirá grandemente a extensão da ferrovia que a rota do Paraopeba teria exigido. A ferrovia em 1885 foi aberta ao tráfego até Queluz na linha central; Cachoeira na linha de São Paulo; e Porto Novo da Cunha na linha leste, perfazendo um comprimento total de 451 milhas. A construção da última seção para Macaúbas no Rio das Velhas está também bem avançada. O custo total da ferrovia até aqui foi de 95.648:323$649 (pelo câmbio atual, igual a £7.173.878) Este custo foi tirado de documentos oficiais, mas é curioso notar os últimos nove réis, quando a moeda de menor valor no reino é a de dez réis, um pouco menos do que um *farthing*.

mas, ou sua vizinhança, no Tocantins; a outra deveria partir da foz do Rio Grande, também tributário do Rio São Francisco, subindo o mesmo Rio Grande e o Rio Preto em direção ao vale do Rio do Sono, em Goiás, e daí à foz daquele rio no Rio Tocantins.

Para a maioria dos jovens, a perspectiva de uma vida selvagem de aventuras por uma imensa área de terras comparativamente desconhecidas teria sem dúvida um grande charme, e embora já tivesse estado por alguns anos no norte do Brasil e visto muito de sua rude vida interiorana, eu não era uma exceção. Estava cheio de entusiasmo e da fascinação das idéias românticas, e disposto a enfrentar quaisquer privações com o espírito de um Mark Tapley.*

Após o lapso dos inevitáveis atrasos inerentes a todas as transações de negócios no Rio de Janeiro, a cinzenta, morna e mormacenta manhã de 14 de fevereiro ergueu-se sobre a odorífera cidade de São Sebastião e eu parti do Hotel dos Estrangeiros, em um carro de aluguel que chacoalhava ruidosamente pelas ainda desertas ruas pavimentadas, na direção da estação de trens. O veículo era um tílburi, o carro de praça do Rio, uma espécie de cabriolé destituído do assento posterior do cocheiro, pois a esses deleitáveis condutores não agrada exporem-se ao sol e à chuva, e sentam-se no interior do carro, em contato sociável com o passageiro.

Na estação, uma miscelânea das variedades que compõem a raça brasileira lotava a plataforma, uma mistura de descendentes de brancos, índios e negros. Havia algumas pessoas gradas (lideranças políticas, quase sempre proprietários de grandes fazendas), vestindo ponchos de linho branco, botas de couro envernizado e chapéus Panamá; elegantes homens brancos com ar de cavalheiros, em geral, cada um acompanhado de um criado negro de libré, vistoso este em suas cores, jaleco, penacho, botões e botas. Em seguida, havia os fazendeiros ricos, também de poncho branco e imensas botas camurçadas, falando alto e recendendo a alho e tabaco. Havia comerciantes de aparência biliosa, amanuenses pálidos, portugueses gordos e uma multidão indistinta de matutos mulatos ou negros, homens altos, magros, rijos, capazes de suportar (quando se dispõem a tanto) grandes e prolongadas fadigas. Um grupo de soldados brancos, mulatos e negros em uniformes de algodão azul grosseiro, e em formação de marcha pesada, com espingardas, sabres-baionetas, capas, mochilas, etc., seguia, talvez, em busca de um criminoso, ou iam substituir a pequena guarnição de uma cidadezinha do interior, ou devolver o negro algemado que traziam consigo ao proprietário ou à prisão, pois ele podia ser um escravo fugido ou um malfeitor, provavelmente o último, já que a captura de escravos fugidos é feita geralmente pelos agentes do proprietário. O sexo feminino estava representado pelas senhoras da classe alta, freqüentemente belas e sempre bem vestidas; as familiares dos fazendeiros e comerciantes, trajando cores

* Personagem do romance *Martin Chuzzlewit*, de Charles Dickens. Acompanha Martin, como seu criado, durante a viagem daquele aos Estados Unidos, com uma disposição inquebrantável de achar tudo "divertido", sejam quais forem as dificuldades (N.T.).

exuberantes, chapéus maravilhosos e botas elaboradas; as familiares do matutos, ainda mais brilhantes com seus xales espalhafatosos e chapéus monumentais, ou sem chapéu nenhum, as fitas dos chapéus talvez de um vermelho flamejante ou de outra cor berrante qualquer, mas o xale invariavelmente em tom chocantemente oposto; e por fim, mas de maneira nenhuma em último plano, havia as grandes e troncudas negras-mina, livres e independentes, abrindo caminho para suas formas volumosas na multidão com os cotovelos, com tão pouca cerimônia quanto um carregador de carvão o faria na turba londrina: suas cabeças são enfaixadas com tecidos finos e longos em forma de turbantes, uma bata decotada e bordada mal cobre um ombro negro reluzente, redondo e nu; as saias são necessariamente volumosas; um xale de tecido de algodão grosseiro azul e branco, material apreciado por essas pessoas, é jogado sobre um ombro com uma graça descuidada que completa o pitoresco de seu traje e seu físico avantajado.

Xicrinhas de café preto, e bolos gordurentos, e fatias de "pão-de-ló dos anjos", e diversos golinhos de aguardente, e "laranjinha" (cachaça branca aromatizada com casca de laranja), eram rapidamente despachados no café da plataforma, e nas diversas barracas de rua lá fora. Nuvens de fumaça subiam por toda a parte dos cigarros; garotos gritavam os nomes dos jornais matutinos. Houve uma grande algazarra de vozes, muita gesticulação, muitos abraços, muitas lágrimas, o clangor do sino e apitos roucos; guardas e chefe-de-estação pomposos, resplandecentes em seus botões de cobre, galões dourados e uniformes azuis, apressam os retardatários; uma corrida aos assentos, e finalmente o trem de vagões serpenteia para fora da estação. Os carros são construídos em estilo americano, bonitos, bem feitos e frescos; os assentos são largos e confortáveis na forma, com fundo e encosto de palhinha. Sento-me com um sentimento de exultação ao tomar consciência de que finalmente eu estava a caminho de realizar o sonho tão ansiado de minha juventude – uma longa temporada viajando pela região agreste dos trópicos. Receio que Defoe e seu *Robinson Crusoe*, o Capitão Mayne Reid* e outros escritores semelhantes sejam em grande parte responsáveis pelas idéias fantásticas que se criam nas mentes dos jovens, fazem tantos ingleses partirem pelo mundo e nos tornam uma raça tão perambulatória e o Império Britânico tão vasto.

Estamos no trem expresso da linha principal e sacolejamos a bom passo por terras planas por trinta e oito milhas até Belém, um local muito insalubre, rodeado de extensos pântanos. No caminho, passamos, logo após deixar a estação, pelos matadouros públicos de São Cristóvão, onde milhares de urubus estão pousados de asas abertas em longas fileiras sobre as calhas dos telhados, as cercas e os muros, secando suas penas molhadas de orvalho, ou talvez desinfetando seus corpos asquerosos com

* REID, Thomas Mayne (1818-83) – autor de romances sobre o faroeste americano (N.T.).

os efeitos purificantes do sol e do vento.[2] Depois de passar por esta cena desagradável e seus odores fétidos, logo em seguida atravessamos o terreno do palácio do Imperador em São Cristovão, e depois continuamos pelos longos subúrbios do Rio e muitos vilarejos mais distantes, ao longo de casas pitorescas esparsas, chalés pintados em cores berrantes e com estuques espalhafatosos, jardins e sítios, cintilantes de flores luminosas, e ricos de formas e verdes variados devido ao crescimento heterogêneo da vegetação luxuriante, as espécies se misturando em descuidados arranjos ao acaso. Daí a pouco, o trem sacoleja pelas ruas de pequenas povoações, desprovidas de árvores, poeirentas no tempo seco, e lamacentas no tempo das chuvas, com fileiras de casinholas de porta e janela, ou uma venda, as tabernas suburbanas, junto a grandes, novas e pretensiosas igrejas, que chamam os fiéis para a missa da manhã com um som de sinos martelado e forte, a 120 badaladas por minuto.

O trem segue chacoalhando, passando por pontes com o rugido que os trens adoram fazer, por pedaços de floresta, depois por palhoças esparsas, por trechos de charneca pantanosos, enfim pelo últimos esporões avançados dos morros cobertos de floresta que emolduram o Rio, entrando por terra mais plana e cada vez mais pantanosa, penetrando em uma densa neblina que envolve a paisagem em um manto branco – ela entra pelos vagões em nuvens, como um nevoeiro escocês, descorando os rostos dos passageiros para um matiz de sopa de ervilha e fazendo-os estremecer com esse abraço úmido e gelado; mas à medida que o sol aumenta de poder, ela se dispersa deslizando ligeira, flutuando para longe por sobre bosques, pântanos, subindo pelas encostas dos montes, fantasmas da noite que partem. Em Belém, paramos um pouco para ingerir mais café e bolinhos de aspecto bilioso. A partir daqui há um aclive acentuado de 986 pés em 13 milhas. A linha ziguezagueia por cristas de montanhas, rodeia morros íngremes e atravessa numerosos túneis; emergimos e rapidamente mergulhamos de novo nas regiões nubladas, depois as ultrapassamos e deixamos para trás, em Palmeiras.

Aqui há um largo horizonte de vales e planícies extensos, escondidos, porém, pela superfície cintilante de massas de nuvens que refletem o sol como neve soprada pelo vento; o ar das montanhas é puro e refrescante, tão diferente das alvoradas insipidamente quentes e abafadas, e a atmosfera odorífera da cidade. Ainda mais uma subida de 314 pés em 5 milhas, leva-nos ao cume da Serra do Mar, no centro de um longo túnel de mais de uma milha de extensão, e 1.430 pés acima do nível do mar. Essa cadeia se torna, mais ao leste, a Serra dos Órgãos, um dos baluartes do planalto do Brasil. As encostas íngremes por que passamos são cobertas por uma camada fina de arbustos e árvores de segunda vegetação; propriedades ocasionais e fazendas são

2. Estes matadouros – chagas nos arredores da cidade – não são mais vistos agora, em 1885, pois um grande *abbatoir* público foi construído pelo Governo em Santa Cruz, a 30 milhas do Rio.

vistas nos vales à direita e à esquerda enquanto descemos em direção ao Rio Paraíba na Barra do Piraí, acompanhando o curso do rio do mesmo nome; a queda do cume até a Barra é de 210 pés em 11 milhas.

Na Barra do Piraí encontramos uma cidadezinha às margens do Rio Paraíba; à esquerda a ferrovia se estende na direção de São Paulo; nosso caminho é para a direita, seguindo o Rio Paraíba. Nessa estação, apeamos e tomamos o desjejum em um restaurante adjunto. Tudo é colocado sobre as mesas e há tempo suficiente para uma refeição bem feita.

Despeço-me neste local de um companheiro de viagem, um inglês; seu nome me escapa, infelizmente, pois gostaria de mais tarde confirmar suas afirmações. Ele contou-me que possuía uma propriedade no ramal paulista da Ferrovia D. Pedro II onde estabelecera uma colônia de trabalhadores rurais ingleses; ele os trouxera do próprio bolso, dera a cada um casa, terra e 3.000 pés de café, e os sustentara até que lhes fosse possível trabalhar no cultivo do café. A produção total é levada por ele ao mercado, e o retorno líquido é dividido igualmente entre ele e os homens. Ele afirmou que esses estavam prósperos, contentes e felizes; certamente, no que diz respeito ao clima e ao solo, eles têm tudo que se possa desejar, e o sistema deveria funcionar bem se realizado honestamente.[3]

Deixando Barra do Piraí, a ferrovia desce o largo e baixo vale do Paraíba do Sul. Cadeias de montanhas irregulares marcam os limites do vale, muitas delas cobertas de plantações de café – propriedades imensas, cujas construções lembram vilas. Todo o vale pertence aos relativamente poucos ricos e importantes brasileiros, viscondes e barões tão influentes que a ferrovia teve de cruzar o rio cinco vezes entre Piraí e Porto Novo da Cunha sobre pontes longas e caras, para servir aos interesses de um barão daqui, um visconde dali. O trem agora pára em cada estação, vai com toda a calma, chegando a Entre Rios por volta de meio-dia, a 124 milhas do Rio e 890 pés acima do mar.[4] Desse ponto em diante, a linha ainda está em construção (1873), tanto Paraíba abaixo como para o norte, subindo o Paraibuna.[5]

Meu colega, Mr. W., encontrou-me neste ponto, tendo vindo de diligência de Petrópolis, pela magnífica estrada macadamizada da União e Indústria, certamente a melhor e uma das mais pitorescas estradas do Brasil; o trajeto e a fascinante paisagem formam uma excursão deliciosa a partir do Rio. De Entre Rios, ela segue para o norte, para Juiz de Fora e Barbacena, mas os coches e carroças haviam sido retirados da última seção e esta caíra em decadência, como viemos a descobrir à nossa custa.

A região é um dos mais antigos e importantes centros do distrito cafeeiro – sua situação deveria torná-la a metrópole da zona cafeeira; todavia, oito anos depois, quando

3. Uma forma modificada deste sistema está sendo adotada agora com grande sucesso por muitos agricultores brasileiros e provou ser mais econômica do que o trabalho escravo e vantajosa para os trabalhadores.

4. O expresso agora parte do Rio às 5 horas da manhã, passa por Barra do Piraí às 7h24 e chega a Entre Rios às 9h28.

5. Para informações adicionais sobre a Ferrovia D. Pedro II, ver Apêndice.

passei por ali novamente, pouco progresso fora feito, umas poucas lojinhas e casas tinham sido acrescidas às instalações da estação; mas a cidade vizinha de Paraíba crescera muito em tamanho e importância.[6]

Ao meio-dia, tomamos nossos assentos na carruagem de estilo inglês antigo; as quatro mulinhas fogosas investem frenéticas, empinam e retesam as coelheiras, quando os estribeiros dão a partida, e então lá vamos nós em um esplêndido passeio por uma estrada magnífica, margeada de bambuzais arqueados ou árvores altas, seguindo o curso das águas ligeiras, em turbilhões e trambolhões, do rio Paraibuna; passando por imensas morros de gnaisse marrom, imensas massas solitárias, ou morros cobertos de florestas adventícias selvagens e luxuriantes, ou de bosques de pés de café; vales com plantações, cerrado, matagais, florestas, ou campinas; volteamos à beira de precipícios estonteantes e subimos os vales cavernosos do rio. A estrada era excelente, a velocidade boa, a paisagem pitoresca e o sol, embora tão brilhante e quente, refrescado por brisas . O caminho estava animado, com numerosas tropas de burros que iam e vinham, e rebanhos de gado, bodes e porcos. Os prédios da estação de muda da companhia rodoviária, em estilo gótico suíço, são muito pitorescos e contrastam vivamente com as costumeiras construções do interior. Uma dessas caprichosas casas de posta, com sua capela, situa-se perto da Pedra da Fortaleza de Paraibuna, uma compacta massa gigantesca de gnaisse acinzentado, que ergue sua venerável fronte descorada pelo tempo e manchada pelas intempéries 500 pés acima da estrada. O Rio Paraibuna faz neste ponto um cotovelo fechado. Sacolejamos em frente sob a sombra dessa parede maciça de pedra, que exala baforadas de ar quente enquanto passamos. O local é sinistro e impressionante. À direita, o impetuoso Paraibuna precipita suas águas túrbidas sobre grandes rochas para o fundo de sua vala cavernosa, com um rugido e um gorgolejar de águas surdos, e intensificados por ecos.

A Pedra da Fortaleza, em Paraibuna.

6. Paraíba e Entre Rios fornecem cerca de 4.000 toneladas de café por ano.

Muito acima de nós, o cume coberto de bromélias e cactos da pedra reúne massas de nuvens escuras, que virão agravar ainda mais com seu conteúdo líquido as velhas manchas de incontáveis enxágües de incontáveis eras.

Como, porém, este fascinante passeio já foi tão minuciosamente detalhado e bem descrito pela pena hábil do Capitão Burton, não direi mais nada a seu respeito, e apressar-me-ei a chegar em Juiz de Fora, 2.238 pés acima do mar, onde alcançamos à fresca da tarde as portas do hotel da Companhia Rodoviária União e Indústria.

Eu já estivera nessas paragens três anos antes, e assim, não estranhei a aparência inusitada de Juiz de Fora tanto quanto o meu companheiro de viagem, pois quem quer que a veja pela primeira vez fica muito impressionado com o aspecto organizado e próspero de tudo lá. Boas ruas cercadas de palmeiras, sebes aparadas e cercas bem feitas; chalés bem construídos de aparência suíça; o hotel cômodo e asseado, expressamente planejado e construído para esse propósito; numerosas carroças de quatro rodas à beira das ruas; as pessoas, na sua maioria colonos alemães, são avermelhadas de tez, e vestem-se com asseio.

Há também a magnífica vila e os belos terrenos do Senhor Mariano Procópio Ferreira Lage, um brasileiro de raro espírito empreendedor, ânimo, perseverança e vontade firmes: a ele o Brasil deve a excelente estrada da União e Indústria e a transformação de um pântano selvagem na florescente Juiz de Fora.

O ar estava peculiarmente fresco, puro, e perfumado com o odor suave do *capim de cheiro* ou *capim-gordura*,[7] uma gramínea alta, macia, aveludada mas víscida, que cresce aos montes onde quer que haja uma clareira, e que, segundo dizem, segue os passos do homem.

Entrando no hotel,[8] encontramos salas de recepção, música, leitura e jantar, excelentes quartos com abertura para varandas, todos mobiliados simplesmente com mobília apropriada ao clima. No jardim dos fundos, havia um repuxo, flores deslumbrantes, moitas de bambus emplumados e palmeiras, tudo em esplêndida ordem e disposição e tornado ainda mais agradável pelo ar fresco e doce, o silêncio e o burburinho musical das águas. Uma toalete rápida no que me pareceu, a mim, que recém-chegara do norte do Brasil, um verdadeiro regalo: refiro-me à água realmente fria, e estávamos prontos para o excelente e bem servido jantar que nos fora providenciado.

No hotel encontramos alguns compatriotas, Dr. M., um cirurgião naval aposentado, artista amador e músico, que viajava ao sabor de suas inclinações; gostara tanto de Juiz de Fora que se contentava em permanecer lá, sem planos imediatos de partida; havia também um Sr. e Sra. M., um casal de entomologistas escoceses idosos, que haviam passado diversas semanas explorando os bosques da região em busca de inse-

7. *Panicum melinis*, Trin.

8. Em 1876, tive ocasião novamente de residir neste hotel por diversos meses. Sempre me lembrarei dele como uma encantadora residência. Agora, em 1885, que pena! ele foi transformado em um internato, pois quando a ferrovia estendeu-se para além dele, a chegada constante de viajantes para e do interior cessou. Porém, ainda existem muitos hotéis medíocres na cidade.

tos, e já possuíam uma grande coleção. Havia ainda vários brasileiros, damas e cavalheiros, duas das damas especialmente belas. Logo formávamos todos um grupo animado e ficamos tão íntimos como amigos de longa data. Que mudança bendita era a atmosfera deliciosamente fresca da noite silenciosa após o calor do litoral, ao sentarmonos no pórtico de entrada do hotel, observando os pirilampos que cintilavam como estrelas flutuantes entre a grama e as plantas perfumadas da calçada!

De manhã bem cedo, uma densa e pesada neblina cobria tudo e fazia a grama e os arbustos parecerem cobertos de geada, cada folha e lâmina incrustada de jóias e prata gelada, mas que logo escorria com o subir do sol e flutuava para longe encosta acima em nuvens diáfanas, desaparecendo por entre a folhagem das árvores. Tivemos de passar alguns dias esperando por nossa bagagem, que despacharíamos dali, antes de partirmos.

A cidade de Juiz de Fora propriamente dita ou, para usar seu nome correto, Santo Antônio do Paraibuna, fica a uma milha de distância do hotel, e tem uma população estimada de 25.000 habitantes. Desde a visita do Capitão Burton em 1867, houve evidentes sinais de progresso,[9] as construções aumentaram, mais armazéns e algumas fábricas se estabeleceram, especialmente as dedicadas à fabricação da cerveja nacional pela qual Juiz de Fora é famosa. É uma bebida leve e saudável. Uma planta indígena silvestre é usada como substituto do lúpulo em sua manufatura, a *Carqueja composta* (Baccharis, *Nardum rusticum*, Mart.); ela tem longas folhas triangulares com brotos esbranquiçados nos ângulos; é um *bitter* aromático e antifebril, e uma das plantas mais comuns em Minas Gerais.

A bagagem e o resto dos estoques da expedição chegaram em boa ordem, mas, infelizmente, tinham sido enviados da Inglaterra em caixotes grandes e incômodos que só podiam ser transportados em carros de boi, ocasionando grande atraso até chegarem a seu destino. Nos estábulos da Companhia União e Indústria havia um bom número de excelentes mulas selecionadas para que escolhêssemos as que queríamos; adquirimos quatro mulas de montaria e duas mulas de carga para levar nossa bagagem pessoal para a viagem.

Os poucos dias em Juiz de Fora passaram-se agradavelmente com nossos simpáticos companheiros em caminhadas e cavalgadas pelos arvoredos e morros das cercanias. Esses arvoredos que, com pequenos intervalos, artificiais e naturais, cobrem os vales entre as montanhas costeiras e a Mantiqueira, são abundantemente dotados de orquídeas de muitas variedades, principalmente catléias. Um trabalhador pode facilmente colher uma carrada dessas plantas em um ou dois dias nesses bosques em torno de Juiz de Fora. As mais comuns são a *Cattleya labiata*, var. picta, uma flor vermelho-

9. Uma grande Câmara Municipal foi terminada nos últimos anos, e uma Exposição Industrial promovida neste ano (1886).

púrpura; *Cattleya granulosa*, Lindl.; *Cattleya Acklandia*: as duas últimas são amarronzadas com centro vermelho e listras púrpuras nas pétalas; uma linda catléia grão-púrpura; uma espécie de *Warneri*; as pétalas púrpura-claro e o centro escuro da *Cattleya*, Lindl.; e as numerosíssimas e comuns *Cattleya Forbesii*, Lindl., com pétalas verde-seiva e centros cor de creme e amarelos.

Em uma ocasião fomos visitar o veterano pioneiro, M. Halfeld, que orgulhosamente exibiu seu filho mais novo. O velho senhor se casara novamente, uma esposa bem jovem, uns três anos antes. Ele é o autor do relatório admiravelmente completo e minuciosamente detalhado do Rio São Francisco, um trabalho imenso executado em um período incrivelmente curto – em um ano o relatório estava pronto e representa uma referência padrão. Estava em ótima forma, apesar de seus quase 80 anos de idade, e serve para provar como é possível a um homem manter uma saúde vigorosa e uma velhice robusta no Brasil.

Enfim, o dia agitado de nossa partida chegou, domingo, 9 de fevereiro, quando parece que diremos adeus aos confortos da civilização.

O homem escolhido para nos acompanhar como guia, criado e amigo – pois é assim que o "camarada" se vê na verdade – está no portão com as mulas, um conjunto de animais tão bons quanto se possa desejar; uma, em especial, é de fato uma criatura graciosa. Antônio, o "camarada", é um sujeito alto, de boa aparência, uns vinte e oito anos de idade; tem um ar de sangue frio e independência que mostra claramente que ele não dá grande importância a seus novos patrões – eles são estrangeiros, "bichos"[10] estranhos, gente "do outro mundo".

Devo me alongar um pouco sobre nossa primeira experiência com as mulas, pois elas são "bichos" que constituem um fator considerável em nossas experiências futuras. Quando se as olha, há um tal ar de diabrura latente nelas que, bem no fundo do coração, nós, ou pelo menos eu, não me sentia perfeitamente tranqüilo. Suas peles estremecem de irritação sempre que uma mosca pousa sobre elas; batem os elegantes e diminutos cascos com impaciência; seus rabos sacodem para lá e para cá em movimentos rápidos e impetuosos; suas orelhas movem-se em uníssono; olham de esguelha para o sujeito e calculam se ele está dentro do raio de ação de seu coice; mostram os dentes fazendo menção de morder umas às outras; e arremetem com as patas traseiras relinchando alto à mínima provocação. Antônio busca as malas e as arranja com ar profissional nas selas de carga, verifica seu equilíbrio e as calça com pacotes menores; quando se dá por satisfeito, cobre a bagagem com um couro de boi curtido, passa uma tira de couro cru por cima, presa a uma barrigueira larga de crina, depois enfia uma vara longa na tira e torce-a à maneira de torniquete; torce e torce, como se quisesse

10. A palavra "bicho", que se pronuncia *beeshu*, é um termo muito abrangente e se aplica a qualquer coisa viva ou substância estranha.

dar à mula uma cintura de vespa; a mula resmunga e cambaleia, mas ele continua torcendo. "Chega, Antônio", não podemos deixar de dizer, de pura pena do animal; mas ele só retruca: "Diabo de burro!" Quando o animal reclama com um coice, ele dá ainda mais uma volta e prende o pau com um nó na tira de couro. O mesmo processo se repete com a outra mula. "Antônio! As mulas estão soltas! Elas vão fugir!" Ele nos olhou com curiosidade, pareceu-nos até com desprezo, mas não deu resposta. Alguns empinos e cabriolas depois, escalamos as nossas selas; aí o mundo começa a dançar à nossa volta – casas, barrancos e cercas se misturam num vôo promíscuo. Deve ser um terremoto, ou a terra virou de cabeça para baixo; nossos capacetes vão e voltam entre nossos olhos e nucas; as mulas estão brincando de jogar bola conosco, apanhando-nos direitinho cada vez que descemos de novo; sentimos que nossa personalidade está solta em nossas roupas enquanto balançamos violentamente para a direita e para a esquerda. De repente, meu colega parte como um corisco para o Rio de Janeiro, com os olhos vendados pelo capacete. Por sorte minha mula prefere a direção oposta; e lá vamos nós morro abaixo a uma velocidade de quebrar o pescoço; as rédeas parecem estorvos sem utilidade; é como tentar parar uma locomotiva com elas. Quando se torna possível verificar que ainda estou sobre a sela, e na terra dos vivos, ajeito-me em meu lugar e deixo o Senhor Burro tomar as rédeas da situação, e assim atravessamos a cidade em corrida desenfreada. De repente a mula pára; e um impulso irresistível me faz continuar em frente sem ela. Mas, com dificuldade, resisto à tentação a tempo, já a meio caminho por cima de sua cabeça, e abraço amorosamente seu pescoço. Bom, até que não está tão mal, penso, voltando para o meu assento. Agora a mula está visivelmente desgostosa e não dá a mínima atenção aos meus meigos apelos. Eu deveria experimentar o efeito da espora de novo, mas é melhor não piorar as coisas. Tenho um certo respeito por essa mula e não desejo perturbar suas meditações, por isso tomo o maior cuidado para que as esporas não a toquem. Aproveito a oportunidade para olhar cuidadosamente para trás; não há ninguém à vista, mas diante de mim um imenso rebanho de gado sai de repente de uma curva, cobrindo toda a largura da estrada; seus chifres têm seis pés de ponta a ponta, e aí está a maldita mula empacada no meio do caminho; no entanto, à vista do gado que se aproxima, ela se sobressalta, estica as orelhas para diante quase com um clique, como uma sentinela apresentando armas, grunhe um alarme interrogativo e, dando uma meia-volta súbita, sai trotando calmamente e logo nos encontramos com W. e a tropa.

"Olá!" disse ele, "como é que você se saiu?"

"Oh, meu caro amigo, fui cavalgando na frente; mas, tendo-os perdido de vista, achei melhor voltar um pouco, só para ver o que acontecera com vocês."

Antônio comenta agora: "Os burros ainda não estão bem mansos".

"Quanto tempo demora para eles ficarem mansos? Porque, se for levar muito tempo, é melhor voltarmos para fazer um seguro de vida e trazer um cirurgião conosco."

Aqueles touros apavorantes aparecem de novo, vindos de uma curva da estrada; as mulas todas param, orelhas para a frente. Antônio grita para elas: "Ora! Estrela, Joaninha, choc-choc-choc;" mas elas não estão dispostas a "choc"; giram sobre seus passos imediatamente, e ouve-se um estampido em todas as direções; "Adeus, companheiro", grito para o meu colega, que se embrenha pelo mato à beira da estrada. Mas isto já está ficando monótono, e, para mudar de argumento, administro uma pancada com o toco de meu chicote entre as orelhas da mula, o que a chama à razão, pois ela no mesmo instante fica quieta e submissa. O gado passa por nós, a mula permanece imóvel, tremendo e crispando cada membro, como se as moscas a atormentassem.

Reunindo-me a meu colega, que também conseguiu voltar à estrada e está sozinho, pergunto: "Onde estão as mulas de carga e o Antônio?"

"Oh, por aí, pelo mato."

Ouvimos os apelos de Antônio às mulas à nossa direita; em seguida as fugitivas aparecem logo à frente, aos trancos, com suas cargas sacudindo e batendo dos lados; agora se compreende a necessidade de uma braçadeira reforçada. Prosseguimos em paz por algum tempo, até encontrarmos uma tropa de mulas, seguindo-se colisões e uma arrancada para a frente. Guiar essas quatro mulas atrevidas é quase tão duro quanto guiar quatro porcos para o mercado; não há unanimidade de ação, cada uma parece estar possuída por um demônio de teimosia e ao mesmo tempo apavorada com a própria sombra. Todavia, depois de um certo tempo, caímos em uma marcha constante; é a bonança após a tempestade.

A região pela qual passamos consiste de morros roliços e abertos, cobertos de capim e ocasionalmente de extensões consideráveis de florestas e arbustos, entre os quais muitas variedades de pássaros se divertem – joões-de-barro, anus pretos, gaviões, bem-te-vis, cardeais, canários,[11] almas-de-gato,[12] periquitos, jacus (*penelopes*), o papa-arroz de cabeça branca, e sabiás,[13] o tordo brasileiro. O sol está quente e escaldante, e nós nos sentimos como se já cavalgássemos a longo tempo. Deve-se lembrar que este é o mês mais quente do ano e, enquanto seguimos aos solavancos a passo rápido, o suor escorre de nossas têmporas e das costas – as roupas dão a sensação de cobertores, e sentimos a pele escurecer sob o fulgor ardente do sol.

Passamos por muitas cruzes rústicas de madeira (mementos de disputas fatais, assassinatos ou acidentes) e habitações; vendinhas, ranchos de tropeiros à margem da estreada, e fazendas sobre os morros. A estrada é larga e bem boa durante algumas

11. *Hylophilus ruficeps.*

12. *Soul of a cat.*

13. *Turdus orpheus brasiliensis.*

milhas, e obtemos muitas vistas dos enormes barrancos e cortes da Ferrovia Dom Pedro II, então em construção. (Mal podia eu imaginar que anos após estaria trabalhando naquela mesma seção, construindo pontes e assentando o caminho definitivo, e que estaria presente à sua inauguração.)

Enquanto prosseguimos, aparecem sulcos e buracos profundos, cada vez mais freqüentes, pelos quais temos de chapinhar e patinhar; têm no fundo uma argila mole e untuosa, na qual os cascos do animal afundam com um *squash* e saem com um *pop*. Esses atoleiros se encontram quase sempre onde a estrada é baixa e atravessa uma floresta, com enormes árvores formando um arco sobre o caminho e impedindo o acesso do sol e do vento, enquanto o constante trânsito de carroças e tropas de mulas mantém a argila perpetuamente amassada e revolvida, tornando os buracos tão profundos que às vezes é preciso entrar no mato adjacente para contorná-los. Essa estrada é a via principal para o norte e de volta, e o trânsito é quase contínuo. Encontramos gigantescos carros de bois de construção primitiva, mas sólida, rodas sem raio e eixos sem molas, um todo pesado e lerdo; mas, ao vê-los mergulhando e navegando nesses atoleiros como um navio no mar, rebocados pela força bruta de quatro a doze juntas de bois, pode-se compreender perfeitamente a serventia de sua estrutura. Nessas ocasiões é um espetáculo ver os condutores, a pé, é claro, correndo daqui para lá com seus longos aguilhões, gritando excitados, espetando os bois retardatários que avançam pela argila aos gemidos, línguas de fora e olhos dardejantes, ou com as cabeças bem baixas, "pondo ombros à coisa"; os espirros de água e lama, o esforço dos animais, os gritos dos homens e, acima de tudo os rangidos e guinchos dos eixos sem lubrificação dessas carroças,[14] formam uma cena animada e barulhenta. Ou então encontramos tropas de mulas em lotes de sete animais por condutor ("tocador"), os animais todos soltos, naturalmente, espalhados pela estrada ou em fila única;na frente vai uma velha égua madrinha com um sino e alegremente enfeitada e atrás de todos segue o "arrieiro", ferreiro, veterinário e "chefe" da tropa. Outras vezes, topamos com manadas de gado negro vindas do distante Goiás, animais com enormes chifres estirados, de aspecto feroz, mas de quem as longas jornadas já há muito extinguiram o fogo e a rebeldia, e são agora animais mansos e pacientes; ou podemos também encontrar um fazendeiro rico com sua família, montados em mulas, a furta-passo, todos os cavaleiros carregando guarda-sóis brancos ou verdes e vestidos de linho branco ou guarda-pós e capas de holanda marrom; atrás deles vêm as mulas de carga, guiadas por negros a pé, e um criado montado em grotesca libré, botas de cano alto revirado e cartola com penacho, casaca azul ou verde, com debruns brilhantes, e amplo sortimento de botões dourados.

Nosso camarada, Antônio, conhece a maioria dos viajantes e troca saudações

14. Supõe-se que este ruído estimule o gado a puxar em conjunto, e se ele não está suficientemente alto, os eixos são polvilhados com carvão para aumentar a fricção.

com os arrieiros, acena para os tocadores e se distrai o restante do tempo picando um rolo de tabaco para fazer o seu cigarro, ou berrando uma canção de tropeiros nasalada. Ele está em geral bem atrasado, feliz, descuidado e indiferente a tudo; a tropa fresca e os animais de sela de reserva seguem-nos de perto, trotando quando trotamos, ou andando a passo quando andamos, ou então tentam nos ultrapassar e por vezes entendem de explorar o mato à margem da estrada – sua densidade não faz diferença; sem qualquer provocação aparente elas resolvem, de vez em quando, relaxar, algumas à frente, outras no mato, de onde ouvimos seus fardos batendo nas árvores e raspando nos galhos. Nessas ocasiões, Antônio está sempre lá atrás, longe de nossas vistas; reclamações só o tornam amuado, e ele deixa de cantar por uma milha ou duas – mesmo quando o meu companheiro o repreende no melhor *Punjaubee** não surte nenhum efeito.

A velha estrada União e Indústria, entre Juiz de Fora e Chapéu d'Uvas.

À tarde, durante uma chuva pesada, chegamos à Chapéu d'Uvas,** a 20 milhas de Juiz de Fora e nossa pousada para aquele dia; um povoado de uma única rua longa e larga, com casas de adobe dos dois lados. E que rua e que domicílio da sujeira, decadência e pobreza é esse lugarejo! As casas variam daquelas com fachadas caiadas, portas pintadas e janelas sem vidraças e cobertura de telhas, até choupanas com cobertura de varas trançadas e sapê; todas estão manchadas de barro e chuvas, e a massa caiada descascou aqui e ali na maioria das casas, deixando exposto o adobe marrom-avermelhado e a estrutura de madeira; um mar de lama líquida forma a rua, estendendo-se das frentes das casas de um lado às do outro lado da rua; chapinhamos por esse atoleiro, mergulhados até as cilhas dos animais, em direção à porta da venda, no alto da qual está escrito "Hotel d'Aguiar" (pronunciado *Ortle*); os animais ficam na lama e nós temos de pular de seus lombos para dentro da porta aberta do hotel. Lá, encontramos um armazém de aldeia de dois cômodos – molhados em um, secos no outro. Um odor penetrante da mistura de bacalhau seco, carne-seca e querosene nos saúda. Ao

* Punjabi - idioma índico falado em Punjab e pertencente à família indo-européia (N.T.).

** Atual Paula Lima. (N.T)

fundo, diante do balcão, há alguns camponeses vestidos com calças e camisas de algodão, paletós de algodão listrados e chapéus de palha estragados, pés descalços envoltos em barro e enormes esporas.

Explicamos ao respeitável proprietário nosso desejo de pernoitar ali. Ele responde com uma cortesia: "Pois não, meu senhor, faça o favor de entrar", abrindo ao mesmo tempo uma porta numa extremidade da venda. Entramos e achamos tudo em conformidade com o resto do estabelecimento: o chão de madeira está atapetado de barro seco e molhado, depositado pelos pés enlameados de todos os que entram; vassouras, sabão e água, espanadores e capachos são evidentemente desconhecidos; as paredes foram um dia brancas de caiação e enfeitadas de painéis em vermelho, azul e verde; agora, eras de poeira e teias de aranha cobrem-nas e escondem seu antigo esplendor, e garridos festões de teias pendem do forro outrora verde de treliça; uma longa mesa nua ocupa o centro do cômodo, e encostados nas paredes há um sofá de couro, cadeiras de madeira e bancos, sobre os quais estão jogadas as selas e os arreios dos poucos homens presentes, além de vários utensílios domésticos; as janelas abertas, sem vidraças, dão para o mar de lama lá fora; uns poucos cômodos sem janelas (denominados "alcovas") ficam além do salão, cada um equipado com duas camas de madeira e mais nada, exceto o barro sobre o chão; a mim e a meu companheiro é indicado um como sendo o nosso.

Ele, cheio de lembranças de uma vida de luxo na Índia, olha em volta com uma expressão contrita e evidente consternação. Eu observo que é um lugar bastante agradável. Ele perdeu a fala e corre os olhos em torno de si lentamente, com o semblante absorto e pensativo. De repente desperta e exclama: "Por Deus, senhor, nunca estive em um buraco igual na vida, mas que – ha! ha! com a breca – ê, ê – é isto o que eles chamam de hotel? – ora, pois é um chiqueiro, senhor – um chiqueiro!" Tento consolá-lo com a certeza de que nós ainda havemos de compartilhar experiências diante das quais esse hotel será lembrado como um abrigo invejável, a ser reverenciado em nossas memórias.

O Senhor Aguiar agora entra e pergunta se desejaríamos "lavar os pés". "Não, mas de qualquer maneira tragam-nos uma bacia grande de água." Um menino negro traz com grande esforço uma bacia de ferro galvanizado grande, cheia de água morna, amarela, lamacenta, e uma toalha pequena de algodão fino com bordas de renda. A bacia é escura e encardida, sua cor original está escondida sob uma acumulação grudenta dos depósitos de anos de lavagem de pés. Ainda está chovendo, e o rio barrento fica longe, através de arbustos e árvores molhados e chão empoçado. Sugere-se ao proprietário que esfregue bem a bacia, e mostramos-lhe suas qualidades pegajosas. "Para que, senhor? Isto não faz mal". Está claro que ele nos acha cheios de caprichos e manias, e nos olha de alto a baixo com ar de espanto, depois diz: "Sirvam-se, senhores; não façam

cerimônia", e aí senta-se em uma das camas para nos ver lambuzar nossas pessoas com uma camada fina de lama, que depois é transferida para a toalha fina como papel.

Logo um odor de cebolas, banha e alho, e café torrado invade o estabelecimento; uma negra velha emurchecida, com aparência de bruxa, meio-vestida com trapos andrajosos e escurecidos de gordura e fumaça, estende sobre a mesa uma toalha grossa de algodão de Minas e volta com pratos de feijões cozidos e toucinho, frango ensopado e arroz, um pernil indefinível, um monte de carne de porco assada, outro monte de carne de boi estorricada até às cinzas (uma ilha em um lago de gordura amarelo-clara), uma vasilha de farinha, algumas porções de massa de pão dura, duas caixas de madeira de goiabada, laranjas, bananas e queijo holandês, umas poucas garrafas de cachaça e "cinta-negra" (vinho português, vinho tinto ou "figueira"), pratos, facas e garfos de cabo de ferro, que nunca foram polidos, e "o jantar está pronto". Nossos companheiros de hospedagem logo tomam seus lugares; somos uma mistura estranha de pessoas: dois ingleses, dois brasileiros, um italiano, um português e um francês. Não se perde tempo com cerimônias fúteis; cada um dos hóspedes se levanta e serve-se do que lhe está ao alcance, seja lá o que for; cada prato está abarrotado; a faca é usada primeiro para cortar e misturar a comida com a farinha formando uma pasta grossa, depois é enchida de comida em toda a extensão da lâmina e destramente esvaziada em bocas cavernosas. Quase todos estão sem paletó e sem colarinho, sujos, despenteados, e perfumados com os odores da viagem. Porém, a fome é como um leão que a rugir procura o que o sacie. Procuramos e encontramos, e fomos saciados; nossos companheiros de estadia terminaram com uma sobremesa mista de frutas, queijo e doces, depois se comprouveram à vontade em eructações e expectorações e usaram seus garfos como palitos.

Chove pesadamente lá fora, o céu tem um tom plúmbeo opaco, tudo está encharcado, desolado e lamacento; a umidade é total; a chuva entra pelas janelas abertas em lufadas frias; estamos doloridos e cansados devido aos solavancos da cavalgada, as cadeiras parecem-nos estar forradas de tachas com as pontas para cima: chegamos à conclusão de que cachimbos, cama e um livro são o mais aconselhável. À nossa convocação, a velha e malcheirosa dama negra reaparece e prepara as nossas camas. Os colchões são longos sacos de algodão de Minas, estofados com as folhas secas e frescas (palha) que envolvem as espigas de milho. Eles são macios e agradáveis, mas estalam furiosamente ao mínimo movimento; travesseiros limpos e lençóis grosseiros limpos são providenciados, as únicas coisas limpas no hotel . As paredes escurecidas, poeirentas, o chão enlameado, e o quarto despojado não eram talvez um cenário atraente à luz de uma vela espetada em uma garrafa vazia; todavia, no escuro, repousamos tão tranqüilamente quanto em qualquer hotel de Londres. No todo, talvez não tenha havi-

do incômodos suficientes para que Mark Tapley achasse a situação "divertida".

Pedíramos as mulas para as 7 horas da manhã do dia seguinte, mas já eram 8h30 e ainda não havia sinal delas. Há neblina entre as árvores e cai uma garoa contínua, e a lama é profunda lá fora; o céu está escuro e cor de chumbo; ouve-se o gotejar da chuva caindo dos beirais e dos arbustos, e o ar está frio e úmido o suficiente para causar arrepios.

Certamente não é nada convidativo sair caminhando para procurar o Antônio, mas o Senhor Aguiar não tem ninguém para mandar: Mr. W. resmunga contra o atraso e sugere que eu vá. Bom, talvez a lama e o estrume sejam divertidos o bastante, e lá me vou, arrastando-me ao longo das casas e cercas, depois vadeando até os joelhos em lama através da rua e entrando pelo mato por uma trilha que apontaram-me como a que leva ao pasto. A palavra pasto evoca uma visão de campos verdejantes, sebes aparadas, valas, etc., mas aqui é um pouquinho diferente. Uma escalada por uma trilha íngreme e escorregadia em meio à floresta termina em um topo de morro coberto de cerrado, com moitas e árvores altas aqui e ali, forrado do cheiroso capim gordura nas clareiras; isto é o campo de pasto. Ouço de longe a voz de Antônio, "Choc! choc! choc! – Joaninha! choc! – Estrela! – ô! – choc!" etc. Depois de galgar pela urze e pela grama pegajosa que gotejam, encontro-o com um embornal de milho, tentando persuadir as mulas a se deixarem pegar; mas elas estão evidentementes satisfeitas com sua sorte e deixam-no chegar torturantemente perto, para depois saltarem para longe, por cima da sarça e do mato. Ele me disse que duas mulas estão faltando, provavelmente voltaram para Juiz de Fora.

Enquanto isso, continuamos nossa caçada; muitas corridas, escaladas e tropeços depois, conseguimos encurralar as presentes, passar o cabresto por suas cabeças e amarrá-las de cabo a rabo. Avançamos a custo pelo pasto, escorregando e deslizando pela descida íngreme, vadeamos pela lama da rua e chegamos ao hotel molhados, enlameados, cobertos de carrapichos e pegajosos da grama gosmenta, mas corados do exercício saudável e prontos para um desjejum sólido, qualquer que seja. O jantar de ontem é repetido com o acréscimo de *café au lait*. Antônio faz uma lauta refeição e parte para Juiz de Fora em busca das fugitivas. É um passatempo tedioso esperar por ele, pois não podemos esbanjar nosso material de leitura, e resmungar fica monótono depois de algum tempo, assim como fumar. Sentamo-nos em um canto da venda e troçamos dos camponeses que entram e caçoamos do Senhor Aguiar; por volta de meio dia, Antônio chega com as mulas que faltavam; o proprietário de um rancho à beira da estrada as aprisionara, pois, vendo-nos passar no dia anterior, sabia que elas eram fugitivas.

Agora, em 1885, Chapéu d'Uvas é servida pela estação ferroviária D. Pedro II. A

estação fica a quase 2 milhas de distância; a estrada para lá cruza uma terra baixa, plana e lamacenta, coberta de mato e árvores e uma poucas roças. Em 1882, a exportação consistia em 58 toneladas de café, 79 toneladas de milho, feijão e mandioca, uma tonelada de açúcar, cerca de 2 toneladas de carne seca, 240 toneladas de gordura de porco salgada (toucinho), 176 toneladas de queijo, 286 libras de tabaco, 125 toneladas de tijolos, telhas e cal, e 52 toneladas de artigos diversos, ou um total de 734 toneladas, produzindo em frete 11.703$000 (agora, em 1885, cerca de 890.); 5.885 passageiros partiram e 5.984 chegaram, produzindo 14.359$000 (£1127).

Estas estatísticas permitirão ao leitor formar uma idéia da produção local, cobrindo uma área de, digamos, 100 milhas quadradas. Essa produção pode ser estimada grosso modo em cerca de £29.000)

Nossa conta no hotel perfez 15 mil-réis, uma série verdadeiramente longa de algarismos, mas equivalente a apenas 30 *shillings*.[15] Quando partimos, o tempo ainda estava fechado e chuvoso, a neblina suspensa em meio às árvores, e o trovão reverberava pelos montes das cercanias. Depois de sair da vila, atravessamos florestas espessas e aclives e declives pronunciados de um terreno montanhoso, que mostram a proximidade de uma região elevada; as casas de beira de estrada rareavam e se distanciavam umas das outras; nas concavidades entre as montanhas há terríveis lamaçais, através dos quais chapinhamos e patinhamos, as mulas arrancando casco após casco com o ruído de rolha saindo de uma garrafa de cerveja; as florestas estão sombrias e gotejantes de umidade, manchas de neblina flutuam sobre as partes mais abertas como "almas d'outro mundo". Trechos de terreno aberto com gado pastando; numerosos riachos velozes, turbulentos, amarelados, lamacentos; longos vales, cobertos de bosques e montanhas de cerrado e florestas, são os principais traços da região, sobre os quais pendem nuvens cinzentas e neblinas, tão diferentes do sol causticante do dia anterior.

No fim da tarde chegamos a Mantiqueira, uma casa de dois andares, com uma venda contígua e construções anexas, situada em um vale profundo na base da Serra da Mantiqueira. Em torno dela, de todos os lados, erguem-se montanhas altas, íngremes, densamente cobertas de árvores; o som de água caindo é ouvido em toda parte; é um ponto solitário, sombrio, escuro e úmido na floresta, agora parcialmente obscurecido pelas nuvens de cerração que descem rapidamente. Cavalgamos para um terreiro coberto de hastes espremidas e secas de cana-de-açúcar que se deterioram; em um canto, uma carroça sobre as quais os galináceos secam suas penas enlameadas; um negro velho, cabeça descoberta, pernas nuas, pés descalços, vestido apenas com uma camisa de baeta azul grosseira e calças curtas esfarrapadas, está de pé tremendo numa soleira, desbotado para uma cor marrom-esverdeada pela umidade penetrante.

15. Em 1873, o câmbio era de 24*d.* por 1$000 (1 mil-réis), agora, em 1885-1886, é de apenas 18*d.* N.B. Desde a redação desta nota, o câmbio subiu para 22 1/2 *d.* em maio de 1886.

Este lugar é uma hospedaria, ou seja, uma casa onde homem e animal podem ser acomodados. Um lance de degraus de pedra leva ao primeiro andar, de uma das janelas do qual um homem se inclinava com os braços cruzados, assistindo a nossa chegada. Ao entrarmos em sua sala, ele simplesmente virou a cabeça e olhou por cima do ombro para nós, sem outro movimento, e em resposta a nosso pedido de acomodação, disse: "Pode", e voltou a olhar para fora, para as encostas de florestas nevoentas, depois com um suspiro, expectoração e um terrível bocejo, virou-se devagar e, ainda com os braços cruzados, encarou-nos à vontade.

"Por favor, amigo, é o senhor o respeitável proprietário?"

"Sou."

"Bem, então apresse-se e dê ordem para que se matem umas galinhas, e ponham o feijão no fogo."

Com um terrível esforço, ele cria coragem, solta outro bocejo, suficiente para deslocar qualquer queixo normal, depois arrasta os pés pela sala até a escadaria interna e grita "José! Maria! Secondinha! Manoel!"até que alguém responde "Nhor?"[16] "Venha cá, diabo". "Prepare o jantar e os quartos para estes senhores, diga ao Manoel para mostrar o pasto ao camarada e mande o José subir com uma bacia de água quente e tirar as botas dos senhores." Tendo dito isso, retornou enfastiado para sua janela com um suspiro e retomou sua ocupação de expectorar e olhar para as florestas tristes e ensombrecidas à volta.

Era uma casa velha e sólida, uma relíquia dos prósperos tempos coloniais, quando o ouro, os diamantes e a mão-de-obra eram baratos e abundantes, e a produção agrícola muito dispendiosa. Hoje é justamente o contrário. (Mawe* conta em suas viagens, em 1812, ter encontrado já então casas que traziam marcas de opulência e esplendor e que decaíram quando as minas de ouro foram fechadas. Os salários, mesmo em sua época, eram de apenas 600 réis por semana; agora um trabalhador português pode ganhar em Minas 2.000 a 2.500 por dia. Os cômodos eram grandes e altos, sem forro, e mostrando as enormes vigas que sustentavam o telhado. O pó e a sujeira não eram tão conspícuos quanto em nossa pousada da noite passada; no conjunto, um lugar bastante razoável para um descanso improvisado. O indefectível garoto negro e a bacia de ferro com água quente surgem agora, não tão pegajosa a bacia como a da como a da noite passada, mas pegajosa o suficiente.

Embora estejamos na estação quente, o ar é gelado o bastante, mais como uma noite úmida de verão em Dartmoor, em Devonshire, do que o Brasil tropical, mas estamos a 2.800 pés acima do mar. O Sr. W., que, como tantos outros estrangeiros que vêm a este país (a maior parte do qual se situa na zona tórrida), imaginou que havia de

16. Uma forma abreviada de "senhor", pronunciada *en-yôre*.

* MAWE, John (1764-1829), mineralogista inglês. Primeiro estrangeiro a penetrar na zona de mineração do Brasil, na primeira década do século XIX (N.T.).

encontrar o calor das planícies indianas ou da costa oeste da África, e, conseqüentemente, exprimiu muita surpresa ao dar com uma temperatura tão agradável quanto a que gozávamos naquele momento, observou que, se puder sempre contar com ela, será quase bastante para contrabalançar a falta de conforto e criar um rude estado de saúde, que nos permitirá passar por incômodos com corações leves e digestões fortes.

Logo antes de escurecer, sugeri que saíssemos para inspecionar o que a venda ali perto tinha a oferecer. O proprietário (um português gordo do tipo Sancho Pança) recebeu-nos jovialmente, tomou nossas mãos carinhosamente em suas patas grandes, macias e gordurosas, e nos disse que os ingleses eram "homens e muito bons homens". Depois de examinar os estoques limitados de suas odoríferas mercadorias, avistamos algumas garrafas de gargalo longo em uma prateleira afastada. Inquirindo o que eram elas, ele disse que continham vinho, mas não sabia dizer de que qualidade; já as havia encontrado lá quando tomara posse da venda de um defunto 'compadre', mas elas não tinham rótulos e estavam "muito sujas", e ninguém queria comprá-las; ele não achava que eram próprias para "cavalheiros". Trazendo-as para baixo, descobrimos que eram garrafas de vinho Burgundy, espessamente revestidas de sujeira e teias de aranha; os rótulos tinham sido há muito devorados pelas baratas. Abrimos a garrafa: resultado, um buquê e sabor de primeira. Chambertin, por tudo o que é sagrado! "Quanto é?" "Oh! o que quiserem, digamos um mil-réis"(2 *shillings*). Desnecessário dizer que compramos o lote todo. Não é de modo algum infreqüente encontrarem-se finos vinhos raros em uma venda perdida à beira da estrada; como foram dar lá é um mistério, mas a aquisição, como descobríamos com alegria, era um fato.

Nosso jantar não apareceu senão às 8 horas da noite; já era uma vantagem sobre a noite passada, e pudemos apreciá-lo a sós, exceto por nosso anfitrião ter-se removido da janela quando ficou escuro demais para se enxergar alguma coisa lá fora, e ter tomado assento a cavalo em uma cadeira, os braços cruzados sobre o encosto, o queixo enterrado nos braços; lá permaneceu durante nosso jantar, olhando-nos silenciosamente. A chuva tamborilava lá fora, o vento soprava em lufadas, mas alongamo-nos em nossa sobremesa, apreciando nossos cachimbos, o tesouro encontrado, cavaqueando e muito satisfeitos da vida.

No dia seguinte cedo encontramos nosso anfitrião novamente à janela, tremendo na fria névoa matutina, que, em forma de uma massa de denso vapor branco, velava à vista tudo o que não estivesse bem próximo; mas uma cena animadora se nos deparou no terreiro abaixo: as mulas, completas em número, mascando o seu milho.

Foi um esforço para o nosso anfitrião abandonar sua querida janela por alguns instantes, mesmo para receber o pagamento pela nossa acomodação, 10 mil-réis (um

soberano); ele os recebeu com indiferença, suspirou, bocejou, tremeu, expectorou e retornou ao seu pouso. Notei que a moldura de madeira de seu poleiro estava bem polida; sem dúvida ele passa todos os seus dias lá e deve conhecer cada árvore da paisagem.

Logo após a partida, a estrada começou a ascender por entre luxuriantes florestas[17] de segunda vegetação, contornando precipícios. Aqui, seja nos vales, entrando, saindo, subindo ou descendo dos morros e da floresta, a estrada era simplesmente "divertida", isto é, tão ruim quanto uma estrada pode sê-lo; por todo o caminho, o solo é de argila marrom-avermelhada, com sulcos e atoleiros profundos, escorregadia, mole e pegajosa. Era trabalho duro para os animais, e muitas vezes, quando cavalgávamos à extrema borda de um precipício, para evitar uma funda poça de lama que cobria toda a estrada, pensei que rolaríamos morro abaixo; as mulas escorregavam à direita e à esquerda no solo untuoso, cambaleavam e bufavam de medo; e, para piorar as coisas, uma forte tempestade de vento e chuva nos pegou, quase nos cegando com violentas rajadas, enquanto subíamos com dificuldade em meio à lama profunda, fofa e pegajosa; e todavia, há nessa estrada um trânsito intenso de carroças e tropas de burros.[18]

Era mesmo de dar dó ver em alguns pontos os animais lutando contra as dificuldades; juntas de não menos de 20 a 24 bois são necessárias para arrastar as pesadas carroças morro acima e através dos atoleiros.

À medida que subimos mais e mais alto, longos vales arborizados começam a aparecer lá em baixo; e finalmente, perto do meio-dia, a chuva parou e alcançamos o cume da estrada, a cerca de 4.200 pés acima do mar, onde os belos cenários nos recompensaram em boa parte pelos nossos esforços; pois, até onde se podia ver, estendia-se um panorama de morros e vales profundos.

Alguns dos topos dos morros eram longos, redondos, cobertos de capim, como as pastagens inglesas; em outros, e nos vales, a floresta densa e luxuriante alternava com o cerrado.

Olhando de cima para essas florestas, e outras similares nas províncias adjacentes, elas nos parecem todas iguais, porém cada seção delas, quando examinada de perto, é diferente de sua vizinha. Há miríades de árvores, arbustos, videiras e palmeiras, fetos, parasitas e orquídeas, cuja quantidade e variedade produzem infinitas mudanças de arranjos, e, conseqüentemente, a descrição mais minuciosamente detalhada de um atalho, ou do interior de qualquer parte da floresta, variaria totalmente de outra a doze jardas de distância. Todavia, observando-se da altura o conjunto completo, vê-se uma quantidade e variedade de árvores que, por sua cor conspícua de folha, ou flor, ou pela forma, absorvem os detalhes menos distintos; por exemplo, a esguia, alta imbaúba de tronco oco,[19] com suas grandes folhas peltadas, verde-claras

17. Muitas delas têm sido cortadas desde então para obtenção de dormentes de estrada de ferro que são colocados à margem da ferrovia a vinte e quatro mil-réis a dúzia – 8'0"x0'8"x0'6".

18. Agora consideravelmente diminuído devido à extensão da Ferrovia D. Pedro II.

19. *Cecropia*. Há duas variedades desta árvore – a *Roxa c. peltata* e a *Branca c. palmata*. Suas folhas e frutos são tidos como o alimento predileto da preguiça. O suco dos brotos é usado como um refrigerante em casos de diarréia. A árvore é mais comum em matas de segunda vegetação do que em florestas virgens, embora eu a tenha visto frequentemente nas últimas.

por cima e branco-prata na parte de baixo, é um dos aspectos mais salientes, especialmente quando a brisa agita suas folhas em lampejos de verde e prata; depois há as grandes massas de cor da púrpura,[20] e das flores douradas, do pau d'arco ou ipê;[21] as altas, emplumadas copas do palmito comestível e outras palmeiras; as folhas escuras, pequenas, duplas, à maneira de penas e as flores amarelas do jacarandá, e das folhas quase negras de certas árvores altas e umbrosas; e contra o fundo verde-escuro, destacam-se os milhares de troncos brancos, cinza, azuis, marrons, vermelhos e amarelos de todo tipo de árvores. Todos estes são objetos proeminentes que fixam a atenção acima dos vizinhos que as cercam, imensos em variedade e forma, todavia, a distância, formando uma massa homogênea de verdura. Acima de tudo está o éter azul, e o fundo branco de nuvens, com talvez um urubu-campeiro descrevendo majestosamente círculos concêntricos no ar, ou talvez um gavião que grita enquanto alça vôo no espaço. O silêncio e a quietude só são perturbados pelo incessante zumbido e assobio das cigarras, longe e perto, soando como o apito de muitos trens expressos.

Nesses vales há onças pintadas e negras; a suçuarana vermelha; jaguatiricas; guará (o lobo brasileiro); veados mateiros; tapires, capivaras, pecaris, pacas e cotias, e caça menor; de aves de caça há o mutum, jaú (*penelopes*), inhambu-açu (uma espécie de codorniz), as codornas (também da mesma espécie, mas encontrada apenas nos capinzais). O viajante que passa raramente põe os olhos em qualquer desses animais, a menos que seja uma cutia, ou uma jaguatirica; para encontrá-los é preciso ir com cães, e se possível encontrar um saleiro, e depois caçar longa e pacientemente; mas eles estão todos lá, pois ouve-se falar constantemente que uma ou outra espécie foi vista ou morta. É, no entanto, muito questionável se só pelo prazer do esporte, a caça seria numerosa a ponto de compensar o esforço e a dificuldade de encontrá-los.

À medida que prosseguimos, percebemos que estamos entrando em outra região; a densa massa de floresta que cobre a subida da serra desapareceu de vista e em seu lugar vemos, diante e em volta de nós, montanhas imensas, arredondadas, cobertas de capim, sobre cuja superfície há pontos esparsos de árvores isoladas e pequenos arbustos; linhas sinuosas irregulares de capão[22] denso preenchem as baixadas e seguem os sulcos dos cursos de água das encostas; aqui e ali há uns poucos pinheiros de araucárias[23] dispersos, seus galhos em forma de candelabro e troncos ásperos são uma visão inusitada para quem está acostumado com um Brasil essencialmente tropical. Eles são as sentinelas avançadas das magníficas e vastas florestas de pinheiros do Paraná, no sul, e indicam, com sua presença aqui, nossa proximidade de um clima temperado.

O ar também é incrivelmente diferente daquele das florestas baixas; há uma claridade e uma luminosidade que criam uma sensação estimulante, apesar do agora

20. *Tecoma curialis.*

21. *Tecoma speciosa.*

22. Porção de floresta.

23. *Araucaria brasiliana.*

ininterrupto brilho do sol; as encostas apresentam a frescura de gramas verde-claras ou cinza-metálico; as estradas são firmes e salpicadas de cascalhos de quartzo; uma brisa fresca cheia de ozônio sopra em nossas faces; numerosos pássaros trilam, chilreiam e gritam em barulhento concerto; mesmo as mulas parecem apreciar a mudança, pois a vista sendo aberta em todas as direções, várias mulas que pastam apontam em uma encosta próxima; as nossas levantam as orelhas em alerta e zurram uma saudação; as desconhecidas respondem; nossas mulas de reserva escoiceiam de alegria lá atrás, como se dissessem: "Aqui há diversão, rapazes, venham conosco"; e lá se vão elas, seguidas pelos animais de carga, fazendo um tal estardalhaço com suas cargas frouxas a sacolejar, que o barulho serve para agitá-las ainda mais.

Antônio, como sempre, está bem atrás, fora de vista. "Ó, Antônio! Antônio!" chamamos. "Nhor", ecoa tênue em nossa direção. Quando ele finalmente chega, temos todos de partir em perseguição pela região a fora; não há cercas, nem sebes, nem fossos, não há empecilhos à frente, e as mulas de carga são logo trazidas de volta à estrada, mas as outras duas, livres de qualquer impedimento, confraternizam com o bando de estranhos, e nos obrigam a um longo galope para separá-las e colocá-las em ordem de marcha novamente.

O nível geral da região diminui ligeiramente a partir do cume divisório; é praticamente um planalto ondulado, com depressões formando as bacias dos vários cursos de água. Esse distrito, e mais 30 ou 40 milhas para o norte, é o mais importante divisor de águas do Brasil, pois dá origem a águas que correm para todos os pontos cardeais, para a costa, para o Rio São Francisco e para o sistema do Rio da Prata. Há, no entanto, picos e espinhaços no Brasil de muito maior altitude, como o Pico de Itatiaia-uçu na vertente sul da Mantiqueira, de 9.980 ou 10.466 pés, dependendo das várias estimativas; o Monte Pireneus, perto de Goiás, de quase 9.000 pés, e o Itacolomi, perto de Ouro Preto, 5.860 pés acima do mar; todavia eles não ocupam uma posição tão importante na distribuição das águas quanto esse distrito em volta de Barbacena.

Nos vales principais, cruzamos muitos riachos por pontes de madeira, às quais se chega através de mais mares de lama sempre que a estrada atravessa os arvoredos dos terrenos baixos. Finalmente, alcançando o cume de uma das mais altas montanhas, avistamos na distância a cidade de Barbacena, suas casas brancas e torres de igreja conspícuas contra os montes e vales verdes que as circundam, e semelhante, a distância, como observou meu colega, a uma cidade do Industão.

À medida que prosseguimos, sentimo-nos particularmente alegres, como se tivéssemos inalado gás hilariante; dá vontade de gritar, galopar ou fazer algo pouco razoável para expressar a sensação de elação que se experimenta irresistivelmente. Em

muitas ocasiões depois disso, observei o mesmo efeito ao sair de uma região de florestas para o campo aberto; sem dúvida, a sombra melancólica das árvores cria de fato um abatimento imperceptível que só se percebe quando se emerge das sombras escuras e silentes para o brilho da grama verde, dos montes e vales iluminados pelo sol, e as brisas frescas dos campos, radiantes de flores e pássaros de plumagem viva.

A estrada para Barbacena próxima ao cume da Serra da Mantiqueira.

Barbacena está situada sobre o cume das montanhas e domina paisagens extensas da região circundante. O acesso a ela se dá por caminhos íngremes de argila amarela e cascalho de quartzo, com sulcos profundos e valas de água de chuva, com barrados de pedra para impedir que as águas desfaçam de todo a aparência de estrada; enquanto subimos, um chuveiro rápido nos alcança e transforma rapidamente a estrada em uma série de pequenas cataratas de água, que logo cavariam depressões profundas se não fossem as lajes transversais de pedra. Choupanas de pau-a-pique, pequenas casas de adobe e umas poucas maiores enfileiram-se de cada lado do caminho; as casas têm quintais cercados ou murados, as choupanas simplesmente dão para o mato do vale.

Chegando ao topo, deixamos para trás os subúrbios e passamos a pisar as ruas dolorosamente pavimentadas da velha cidade. Ao cavalgarmos ruidosamente pelas pedras redondas, o barulho é quase chocante e desperta ecos nas ruas silenciosas, atraindo a muitas portas e janelas as cabeças dos habitantes, jovens e velhos, homens e mulheres, para ver a "gente de fora" chegar; não fosse isso, poderíamos quase imaginar que é uma cidade fantasma, já que a chuva provavelmente afastou da rua os caminhantes costumeiros. Algumas das casas são grandes, com vidraças nas janelas, paredes revestidas ou pintadas, beirais salientes de telhas vermelhas e calçadas de tijolo na frente. Na parte traseira, estendendo-se morro abaixo até o vale no fundo, há longos

quintais com árvores altas, palmeiras, frutas, flores e folhagens vistosas; entre as últimas, as brácteas brilhantes, vermelho-flamejante das poinsétias se destacam. Dos beirais, projetavam-se imensos jorros grotescos de água de chuva, que então lançavam na rua copiosas enxurradas desde os telhados das igrejas e das casas grandes e pequenas; por todas as ruas vê-se uma corrente contínua e ouve-se o borrifo da água. Passamos por casas e lojas menos pretensiosas, até casas de janelas sem vidraça, cujas fachadas caiadas e rebocadas estão manchadas pelo tempo ou de onde o reboco caiu, deixando visíveis brechas de adobe e estrutura.

Finalmente, chegamos ao Hotel Barbacenense, uma casa velha na Rua do Rosário, de frente para a insignificante capela daquele nome, e estamos contentes de chegar, pois nos sentimos como se estivéssemos cavalgando há tempos em vez de apenas há três dias; éramos jovens e ignorantes das "diabruras" das mulas, e, além do mais, ainda não estávamos "calejados". Quem o tentar pela primeira vez verá como os dias parecem longos depois do primeiro dia de caminho, como o sol se torna escaldante, parecendo de algum modo concentrar os seus raios em nossas costas; fica-se cansado, dolorido e sonolento, para depois se despertar de súbito com os refugos e sobressaltos da mula, causando ternas emoções e frêmitos que fazem suspirar pelo tão decantado luxo de uma viagem em palanquim na Índia, ou pensar nas confortáveis estalagens de beira de estrada da pátria, que dão boas-vindas ao viajante ao fim de um longo dia de cavalgada.

Uma escadaria de pedra leva da rua ao meio de um salão grande e despojado do hotel, cujas janelas dão para a rua; duas pequenas mesas de canto, um sofá de palhinha, algumas cadeiras de palhinha e uma cadeira de balanço, um grande abajur de latão, algumas estampas emolduradas de cores berrantes na parede constituem a mobília. Atrás deste, há outro salão maior que dá para os estábulos e terreiros recendendo a lixo, sobras e porcos.

Cada um dos quartos continha apenas duas camas, uma bacia sobre um suporte de metal e duas cadeiras. Este é "o" hotel da cidade. Anos depois, em 1882, com a Ferrovia D.Pedro II trazendo passageiros da capital em um dia, encontrei-o quase do mesmo jeito, com exceção do nome, que fora mudado para "Hotel Nova York." Com boa saúde e apetite, e um gosto não muito exigente em mobiliário e chãos limpos, um viajante será capaz de sobreviver a alguns dias de estada – de qualquer modo, uma visita a esta e à cidade próxima de São João del Rei vale a pena ser levada em consideração. As objeções são uma viagem de trem longa, quente, poeirenta e a alimentação grosseira e pesada no que chamam de hotel. Os incentivos são uma paisagem belíssima durante o percurso; em Monte Marias, Barbacena, vistas excepcionalmente extensas que se descortinam sobre um vasto panorama de inumeráveis montanhas e vales, capinzais e florestas, e o

espinhaço azul das serras, a cinqüenta milhas de distância; em São João del Rei uma cidade e edifícios encantadores; velhas minas; as estranhas e belas formas e cores das rochas, ravinas e montanhas da Serra das Boas Mortes; o grande campo aberto em todas as direções; a vista do alto da Serra; e, tanto lá como em Barbacena, os gloriosos ar e clima são por si sós suficientes quase para ressuscitar um morto; enquanto objetos de estudo para um artista, botânico, geólogo e zoólogo abundam em todos os lados..

Entretanto, nosso Bonifácio* dirige-se agora a nós, "Oi! o jantar está pronto". À mesa encontramos uns poucos homens já sentados – todos viajantes, exceto um homem branco, vestido com uma sobrecasaca longa, trespassada, etc.; ele nos chamou particularmente a atenção por sua aparência: careca, traços bem formados, grandes olhos melancólicos e uma barba castanho-escura longa e cheia; sua conversa e observações mostravam tratar-se de pessoa educada. De repente, ele pousa garfo e faca e pára no meio de uma frase que estava pronunciando, levanta-se da cadeira com uma longa reverência para a companhia presente e, desculpando-se com um "com licença", caminha para um canto da sala; lá, calmamente, inverte sua posição, apoiando-se sobre as mãos e esticando as pernas para cima, e por alguns momentos olha para nós solenemente, sem mover um músculo. É uma visão curiosa de se presenciar este indivíduo altamente respeitável de cabeça para baixo, as longas pontas do fraque pendendo dos lados de sua cabeça calva e fisionomia melancólica; mas ele logo recobra sua posição correta e volta para a mesa em silêncio, solenemente, sem uma palavra de comentário. Dizer que estávamos atônitos é pouco para expressar nossa surpresa; todos nós seguimos seus movimentos de queixos caídos e olhos arregalados, e quando enfim ele se sentou e prosseguiu com seu jantar como se nada tivesse acontecido, gargalhadas de hilaridade, parte devido ao susto, parte à aparência ridícula do nosso amigo encasacado, reboaram entre os hóspedes reunidos. O hospedeiro bateu de leve na cabeça significativamente e piscou, indicando que o senhor não era muito são de intelecto. Ele nunca deixa de apresentar esse espetáculo no meio de qualquer refeição, mas permanece perfeitamente reticente quanto ao motivo pelo qual o faz. Oito anos depois encontrei-o ainda vivendo no mesmo hotel; ele abandonara sua mania de plantar bananeira, mas continuava, de outros modos, excêntrico em suas ações.

As outras pessoas à mesa são negociantes e fazendeiros e arrieiros de tropas de mulas; eles estão bastante sujos da viagem, não se lavaram, nem se pentearam; só à noite, quando se retirarem, por volta de 8 horas, banharão seus pés em água quente; pela manhã, molharão o rosto em muito pouca água, expectorarão sem embaraço, em qualquer direção, e pronto. Pentear os cabelos é uma ação muito enfadonha, só praticada em ocasiões especiais ou por membros da classe superior.

* Em inglês, *Boniface*, estalajadeiro. Da personagem do mesmo nome na comédia *The Beaux's Stratagem*, 1707, de George Farquhar (N.T.).

Agora aparecem alguns recém-chegados; ouve-se o clangor de pesadas esporas e a batida de botas pesadas subindo a escadaria; depois os estranhos batem palmas e gritam, "Ó de casa", frase intraduzível para o inglês, que significa algo como "Alô! alguém em casa?"(*Holloa there! anybody at home?*). Segue-se um som longo, forçado, algo como o crocitar de uma galinha preliminar ao cacarejo – aquele som nauseante que todos conhecemos tão bem no Brasil; todos o fazem – deleitam-se com isto, não poderiam viver sem fazê-lo; é parte da vida nacional – a expectoração livre e irrestrita, sem os entraves do preconceito tolo ou consideração pelas suscetibilidades de quem quer que seja. É quase como bocejar – é tão contagioso que nossos companheiros de mesa ecoam imediatamente o gargarejo. Os recém-chegados nos olham com curiosidade enquanto caminham pela sala com o passo peculiar de quem calça botas de cano alto sem se importar com a lama que escorre delas e se deposita em placas pelo chão. É evidente que eles não estão habituados aos esplendores do magnífico Hotel Barbacenense, pois murmuram uns para os outros: "Muito luxo! Muitas coisas! Isto não é para pobres como nós". "Vom' embora". Logo os visitantes se retiram com seu tilintar, seu barulho de botas e seus ponchos em busca de acomodações mais plebéias.

Depois do jantar, enquanto nos debruçávamos nas janelas, olhando para cima e para baixo da rua longa, melancólica e silenciosa, nossa atenção foi atraída pelo *Rule Britannia*,* tocado em uma concertina em um sobrado ao lado, em cujo balcão percebemos duas jovens de boa aparência, aparentemente estrangeiras.

Pedimos informações ao dono do hotel, que nos disse ser uma família de tocadores de *handbells*** itinerante que se apresentava na cidade.

Meditávamos sobre a estranheza de sua visita a um lugar como as cidades do interior do Brasil, quando um rapaz muito rude entrou e dirigiu-se a nós em inglês inculto:

"Os senhores são ingleses, não são?"

"Sim".

"Ora, estou feliz de ver vocês, é uma bênção ver cara de ingleses de novo e ouvir voz de ingleses: o diabo leve a língua arrevesada desses pretos daqui, não é língua pra um branco decente falar. Bom, ambos cavalheiros, estou muito feliz de conhecer os senhores; cá está minha mão, e o velho manda dizer que, se os senhores querem passar por lá, ele e as garotas vão ficar contentes de vê-los. Não precisam fazer nenhuma cerimônia."

Como o projeto nos acenava com a perspectiva de encontrar espécimes bizarros de nossos compatriotas, concluímos que aceitaríamos o convite e nos deixaríamos entreter por uma hora.

* Canção composta para a peça *Alfred*, 1740, de Thomson e Mallet, e que se tornou uma espécie de hino nacional britânico. Ver, a respeito, Hill, Christopher, "Introdução", neste volume (N.T.).

** Série de sininhos afinada em escala, à maneira de marimba (N.T.).

"Bem, Mr.".

"Meu nome é Joe Smith".[24]

"Muito bem, Mr. Smith, por favor transmita nossos agradecimentos a seu honrado pai e às damas, suas irmãs, presumimos, e diga-lhes que teremos prazer em aceitar seu generoso convite."

"Tá certo. Estou vendo que os cavalheiros não são orgulhosos e não se fazem de importantes; e vocês vão gostar do velho também; ele é boa gente. Quanto às garotas, vocês sabem, garotas são garotas, e nenhuma delas jamais prestou. Vocês vêm comigo agora tomar um gole de cerveja?"

"Não, obrigado."

"Ora, vamos lá, eu pago; ou então eu aposto com vocês duas garrafas, não vai tirar pedaço dos cavalheiros – Bom, se não querem, não querem, eu acho."

O polido jovem Mr. Smith retirou-se, e, mais tarde, dirigimo-nos à casa vizinha, onde tivemos de fato muitas oportunidades de refletir sobre as esquisitices do caráter britânico, mas, se eu entrar em detalhes, talvez seja muito fácil identificar o "Mr. Joe Smith".

Na manhã seguinte, saímos cedo para um longo passeio morro abaixo e pelos vales, para nadar um pouco em um dos muitos riachos. O passeio estava delicioso; árvores pequenas, arbustos e flores diversificavam a monotonia da encosta coberta de capim, cuja superfície verde é variada ainda pelas manchas vermelhas e coloridas de deslizamentos e sedimentações. Enquanto caminhávamos, fiz uma coleta de flores nativas com o propósito de descobrir quantas variedades eu conseguiria juntar em duas milhas de caminhada. Ao contar minha coleção, vi que tinha juntado trinta e oito espécies diferentes de flores, sem ter-me desviado do caminho para isto. O regato em que nadamos era um filete que escorria sobre matacões, degraus e lajedos de pedra, formando muitas poças fundas de água cristalina. As margens baixas em declive eram recobertas de flores, arbustos, folhagens ornamentais e samambaias.

Durante o dia, visitei o veterano viajante Senhor Pierre Victor Renault, vice-cônsul francês, médico homeopata e professor de matemática, geografia e história em Barbacena. Ele me mostrou muitos espécimes interessantes de minerais e entomologia, *bric-à-brac* e raridades; e, em seu excelente jardim, cravos, heliotrópios, gladíolos, verbenas, violetas, rosas, macieiras, pereiras, ameixeiras, pessegueiros, damasqueiros, morangos, framboesas e, finalmente, uma grande coleção de samambaias e orquídeas que ele obteve por troca de vários outros países tropicais. Ele estava na época há trinta e oito anos no Brasil, e quando eu o vi de novo em diversas ocasiões, oito anos depois, ele ainda estava forte e sadio.

24. Batizei-o como Mr. Joe Smith em lugar de seu nome verdadeiro.

À tarde subimos o Monte Marias, uma montanha alta e arredondada, a cerca de 3 milhas da cidade. Desde nossa visita, foi feita uma estrada em ziguezague por ocasião de uma visita imperial há uns poucos anos, mas, mesmo sem ela, não tivemos dificuldade em cavalgar até seu topo. Ele não é um ponto proeminente da paisagem, não estando mais de umas poucas centenas de pés acima dos cumes adjacentes; porém, erguendo-se como o faz a partir de uma base que constitui em si o cimo culminante da região, a uma grande elevação acima do mar, necessariamente propicia um panorama maravilhosamente extenso de montes e vales; tão distante fica o horizonte azul e nebuloso que as cadeias mais afastadas são difíceis de distinguir das nuvens esfarrapadas perto da linha do horizonte. É como contemplar de cima um mundo inteiro, um mundo desabitado; não se vê uma única habitação ou fazenda, pois as montanhas vizinhas escondem Barbacena e seus subúrbios. A vista espraiada parece enorme, no entanto ocupa um espaço insignificante no mapa do Brasil. Em alguns lugares, as nuvens derramam suas águas em linhas longas, desmaiadas e cinzentas de vapor, em outras direções, as sombras de nuvens que passam escurecem os morros cobertos de capim e os vales arborizados lá embaixo; a atmosfera magnífica, um éter fresco, puro e transparente, carregado de perfumes adocicados, fazem-nos invejar os urubus-campeiros que deslizam em curvas, descrevendo imensos círculos, aparentemente sem nenhum esforço, atravessando todavia rapidamente grandes distâncias em poucos momentos. O topo do monte é naturalmente recoberto de pedrinhas de quartzo e inteiramente destituído de mato ou árvores, atapetado de tufos finos de capim cinza metálico e pequenas flores de caule lanoso. Abaixo de nós, a distância, na região imediatamente vizinha, ficam os vales dos tributários do Rio das Boas Mortes, separados uns dos outros pelos cumes redondos e irregulares e por montes isolados que se estendem em todas as direções – montes, cumes e vales, sem ordem ou regularidade, uma massa de ondulações verdes encapeladas; as fendas que cortam as encostas e os vales entre elas apresentam freqüentemente fileiras de arvoredo denso e baixo. Um aspecto muito destacado do cenário são os numerosos deslizamentos ou "barrancos", cavidades imensas, escavações naturalmente arredondadas, brilhando ao sol com uma infinitude de tons e formas, púrpura-escuros, verde, amarelo, branco-neve, azul, violeta, vermelho intenso e castanho-escuros, emergindo de uma variedade de combinações químicas; as superfícies desses barrancos são dentadas e irregulares, cheias de pontas, pináculos, escadas, cavidades e domos, e no centro de seu fundo passa quase sempre um riachinho, causa original de todas essas enxurradas hidráulicas.

O solo desses montes, nos pontos onde não é coberto de capões[25] ou grupos de árvores, é aparentemente muito estéril; tem apenas uma cobertura de finos tufos de

25. A palavra "capão" é o mesmo que *capon* [frango capado (N.T.)], mas neste caso é derivada do guarani aborígene "caãpoám", ilha, que descreve bem essas espécies de ilhas de floresta cercadas de capinzais.

capim duro e camadas de quartzo e outros cascalhos, e, a despeito das chuvas freqüentes, é desprovido de mato ou árvores; todavia, onde quer que a drenagem de superfície tenha escavado cursos de água nas encostas, lá as árvores, touceiras e flores acumu- acumulam-se no húmus e umidade reunidos. As queimadas anuais dos campos, que ocorrem todo agosto, destroem todas as árvores jovens incapazes de resistir a elas, deixando apenas árvores como as que se encontram nos cerrados, que podem resistir igualmente ao fogo e à água, ao frio e ao calor, à umidade e à seca. É sabido que botânicos e viajantes não concordam quanto à cobertura original desses campos; alguns acreditam que eles sempre foram áridos; outros que a terra foi um dia coberta de florestas. Pessoalmente, acredito ser a primeira opção a correta nessas regiões de campos naturais, pois mais tarde encontrei no norte de Minas, Bahia, Goiás, Maranhão, em distritos pouco habitados, campos ainda mais áridos do que estes de Barbacena, especialmente em algumas partes de Goiás, onde a superfície consiste de uma cobertura emaranhada de capim "agreste" alto e áspero; e nenhuma árvore ou arbusto visível em um raio de milhas. Em Pernambuco, grande parte da floresta foi cortada e transformada em pastagens, mas lá o solo é bastante diferente, e as árvores e palmeiras crescem facilmente de novo, onde quer que lhes seja permitido: aqueles distritos são na verdade apenas campos artificiais.[26]

Teríamos permanecido de boa vontade para ver o efeito do pôr-do-sol, mas certas necessidades materiais exigiam nossa presença alhures. Um esplêndido galope pelos topos dos morros ao sopro da brisa e o estrondo dos cascos nas ruas sonolentas da cidade levaram-nos de volta ao "Grande" Hotel.

26. Antes de encerrar o capítulo sobre Barbacena, é interessante acrescentar que agora, em 1885 – ela apresenta pouca diferença com relação à sua descrição feita pelo Capitão Burton em 1868 –, há agora uma estação de trens e umas poucas ruas novas em torno dela, com esta exceção, suas ruas silenciosas e irregulares, suas casas pintadas de novo e outras velhas e dilapidadas continuam as mesmas. Mesmo a igreja de N. S. da Boa Morte, que estava se mudando, de acordo com a p. 85 de *Highlands of the Brazil*, ainda continua a mudar-se, isto é, ainda está sendo acabada. Barbacena tem sido há muitos anos um empório central para o tráfego de uma vasta área de Minas, especialmente de sal importado. Em 1882, 15.933 passageiros partiram e 16.343 chegaram. O trânsito de mercadorias consistiu de:

	Exportação / Ton. quilos	Importação / Ton. quilos
Café	—	—
Cereais, milho, feijão, mandioca, arroz, farinha	270.363	123.643
Açúcar	110.459	136.090
Rum e outras bebidas alcoólicas	8.303	19.695
Carne-seca	118	88.060
Sal	122.436	1.244.983
Toucinho	191.345	20.664
Queijo	27.265	1.375
Tabaco	66.690	4.491
Mercadorias manufaturadas na região	191.619	37.328
Cal, telhas, tijolos, etc	287.759	107.374
Madeira	—	22.159
Carvão	—	500
Carvão vegetal	—	500
Mercadorias de algodão	—	1.335.801
Implementos agrícolas	25.289	19.936
Couro seco e salgado	21.593	3.488
Diversos não classificados	199.794	401.544
Total	1.433 t.	3.567.628

Fretes	152.298$050
Passageiros	81.909$900
Total	234.207$590 = £ 17,566, a 18*d*.

Estas estatísticas mostram as exportações e as importações não apenas da região próxima a Barbacena, mas também dos distritos mais afastados ao norte. Pode-se ver que as mercadorias de algodão e o sal são os principais itens de importação, e que a farinha de trigo forma a maior parte dos cereais importados. As exportações indicam a natureza da produção local; não há café e apenas um pouco de açúcar, pois o que figura na lista é o que foi recebido pela rede ferroviária e enviado a outras localidades. Carne de porco, tabaco, cal, cerâmica, milho e feijão são as principais produções.

CAPÍTULO 3

DE BARBACENA A SÃO JOSÉ

OS ARREDORES DE BARBACENA – NA ESTRADA – EM CARANDAÍ – UM NEGRO INDUSTRIOSO E SUA MULHER – A TEMPERATURA FRIA DAS MONTANHAS – UMA BELA REGIÃO E ESTRADAS RUINS – ALOJAMENTO RUDE – UM NOVO TIPO DE CHÁ – CARRAPATOS – A LÂMPADA RURAL DE ÓLEO DE MAMONA – A SERRA DE OURO BRANCO – CONGONHAS DO CAMPO; SUAS CURIOSAS CAPELAS – UM ANTIGO CENTRO MINERADOR – UMA CAMINHADA MATUTINA – A PASSAGEM DA SERRA E SEUS INCIDENTES – UMA CADEIA DE FERRO – MAGNÍFICA PAISAGEM – UMA DESCIDA PERIGOSA E UMA ESTRADA ACIDENTADA – PRIMEIRA VISTA DO PARAOPEBA – A PAUPÉRRIMA VILA DE SÃO GONÇALO – SINAIS DE PROSPERIDADE PASSADA – UM COLEGA E SEUS APOSENTOS RÚSTICOS – UMA MULA DOENTE – PRIMEIRA VISTA DE NOSSO TRABALHO A FAZER – VESTÍGIOS DE MINAS DE OURO E DIAMANTES – UM VALE DE POBREZA HUMANA E RIQUEZA NATURAL – VISITANTES INCÔMODOS – UMA CURIOSA CAÇA AO VEADO – O LAMACENTO PARAOPEBA.

As barrancas ou desfiladeiros dos campos perto de Barbacena.

Nossa bagagem finalmente chegara nas carroças de quatro rodas de modelo alemão que eram comuns na estrada União e Indústria. As provisões, equipamento, etc., foram transferidos para os carros de bois nativos, mais pesados e fortes, mas também mais lerdos, para serem transportados por caminhos e trilhas montanhosos e acidentados, através de atoleiros profundos e ao longo de estradas feitas de toras, até seu destino no Rio Paraopeba. Permanecemos até o dia 16 de fevereiro para verificar que o comboio de carroças realmente se pusera a caminho, pois logo nos adiantaremos a elas, que não fazem mais de oito ou doze milhas por dia.

No meio tempo, havíamos "feito" a cidade e suas vizinhanças, pelo menos no que nos interessava de suas igrejas, suas ruas de pedras redondas e sulcos de rodas, casas silenciosas e armazéns sonolentos, dos montes e vales da redondeza. Em um dos arma-

zéns, no entanto, adquirimos algumas caixas de excelente *Edinburgh ale*, que o proprietário não podia vender como cerveja inglesa porque o rótulo se fora: arrematamos o lote por 6 mil-réis a dúzia (cerca de 12 *shillings*), menos que a metade do preço usual. Perto do hotel, a estrada faz um declive agudo em direção ao vale[1] lá embaixo, mergulhado em lodo, atravessado por um riacho que se cruza por uma excelente ponte e depois segue através de uma baixada larga, passando por muitas casas grandes, fazendas, casebres e ranchos de tropeiros, todos engastados em meio às árvores e ao mato. Por três ou quatro milhas debatemo-nos na lama funda, que requeria toda a nossa energia para nos mantermos nas selas, enquanto os animais afundavam, escorregavam e chapinhavam nas valas e caldeirões profundos; e o ar estava extremamente abafado, úmido e quente. Muitas tropas de mulas e carros de bois estavam acampados nesses arredores da cidade; em muitos casos os homens celebravam sua chegada com batuques (*fandangos*), nos casebres e vendas à beira do caminho, mesmo a horas tão matutinas. Apesar da estrada execrável, há um trânsito contínuo e volumoso de exportação do interior, de rapadura (tijolos de açúcar comprimido), cachaça, milho, feijão, farinha, couro, tabaco, etc., e uma importação de retorno que consiste principalmente em sal, além de ferragens, ferro, louça, produtos de Manchester, secos e molhados, dentre os quais figura uma grande quantidade de óleo de parafina.

Mais adiante, a estrada emerge da floresta e do mato, e do solo de argila molhada do terreno baixo para terras mais altas e estradas mais firmes, ao longo de cadeias de montanhas cobertas por uma magra vegetação de arbustos rasteiros e capim, claras e frescas com o ar puro dos campos que se estendem longamente em vales sinuosos e morros ondulantes, fendidos por desfiladeiros muito pitorescos em forma e cor. O caminho e o campo em volta eram animados pelos numerosos pássaros que gritavam, chilreavam e trinavam, e multidões de borboletas de cores vivas pousavam às margens de qualquer poça d'água na estrada. Cupins e buracos de tatu eram numerosos; os primeiros chegavam muitas vezes a seis pés de altura, e os últimos apareciam até mesmo no meio da estrada, que na verdade consiste em uma série de trilhas mais ou menos paralelas, largas ou estreitas, que seguem a direção da estrada; é claro que nunca houve qualquer macadamização ou drenagem ou outro trabalho foi empregado para construí-la além da foice e do machado, seguidos pelos cascos de animais e as rodas dos carros de bois.

À medida que prosseguimos, a região mostra uma aparência mais arborizada, pois passamos alternadamente por clareiras de florestas e capinzais abertos; mas muito pouco cultivo se vê em toda esta diversidade de arvoredos, água, montes cobertos de capim e vales. Os capinzais não fornecem um bom pasto, já que o solo é muito estéril e o capim

1. Agora a estrada de ferro cruza este vale por uma enorme ribanceira e um alto viaduto de pedra de quatro arcos.

fino e duro, entremeado de muitas plantinhas com flores, *befarias*, palmeirinhas anãs e fetos de aparência inglesa.[2] Os bosques não produzem árvores grandes, exceto aqui e ali, onde as raízes de algumas encontraram um poço de umidade e solo rico; então elas se erguem acima de suas companheiras, estendendo seus galhos à volta com um jeito protetor, e tornam-se objetos proeminentes na paisagem; e delas pendem os longos e finos fios da parasita *barba-de-velho*, com longas cordas de trepadeiras que embalam na brisa os ninhos suspensos dos pássaros papa-figo; nos galhos propriamente ditos (muitas vezes murchos sob o peso das parasitas asfixiantes), há bromélias com flores de várias cores, carmim, ouro, vermelhão, orquídeas de variedades limitadas, diversas parasitas, musgos e liquens multicoloridos. Esses galhos são o pouso predileto de muitos gaviões, que partem pelo éter azul com um grito como o de um gato, quando passamos.

Por volta das 3 da tarde, chegamos a uma chácara de beira de estrada, com uma vendinha ao lado, em frente à qual há um rancho de tropeiros aberto. Não há nenhuma outra habitação imediatamente próxima, mas uma tabuleta no canto do muro indica: Nº 1, Rua do Comércio, Carandaí. Se isto é o núcleo de uma nova vila, ela é admirável e pitorescamente situada no topo de uma montanha, dominando um panorama espraiado de vales extensos, que terminam contra esta montanha em um *cul-de-sac*. Mais adiante, no sopé da montanha, depois de passar por uma extensão de terreno baixa e plana, a estrada cruza o Rio Carandaí por meio de uma ponte de madeira.[3]

Nossos hospedeiros eram um próspero, e portanto industrioso, casal de negros (ela é sua esposa, informa ele com orgulho, casada com toda formalidade pelo padre). A casa, construída apenas de adobe à vista, sem caiação ou pintura, tinha no entanto uma aparência limpa e confortável; e os negros se mostraram excelentes anfitriões, fazendo o que podiam para nos agradar e prestando inteligente atenção aos nossos pedidos de que se usasse um mínimo de gordura e nenhum alho no preparo do jantar; mais tarde, nos serviram um ótimo jantarzinho da roça, pacientemente aguardado e devidamente apreciado. Embora essa estação corresponda ao início do outono, fazia ainda assim frio suficiente à noite nessa montanha alta e ventosa para tornar um cobertor uma adição bem-vinda às finas colchas de algodão vermelho que se fornecem usualmente. O termômetro marcava 62º F.

Pela manhã, a atmosfera estava clara e luminosa, mas os vales lá em baixo estavam envolvidos em névoa branca, como se cobertos de neve, brilhando em arestas de luz e sombra, à medida que os raios do sol nascente apareciam em sua superfície. Essas partidas matinais são as mais agradáveis; o ar está fresco e penetrante, o sol baixo projeta longas listras de luz e sombra pela paisagem, tornando-a muito mais suave do que com o dia alto; e a neblina que sobe é sempre interessante de se observar ao

2. *Pteris aquilina*.

3. *Em 1881, vi que um certo número de casas e vendas tinha sido construído neste terreno baixo.* O local foi execravelmente escolhido, pois todo o espaço aberto em torno das casas era um mar ininterrupto de lama profunda, através do qual só podíamos passar conservando-nos colados às casas. O caminho até a ponte era medonho, mas tinha de ser percorrido, e o foi. Mas que luta! A mula, com olhos arregalados, narinas distendidas e flancos trêmulos, cambaleia, bambeia e mergulha desvairadamente na lama funda e renitente. E todavia esta é a estrada principal para uma das bem construídas estações da esplêndida Ferrovia D. Pedro II, na qual não se economizou nem esforço nem despesa para fazer dela realmente uma ferrovia de primeira classe, completa em todos os equipamentos modernos. Os rendimentos do movimento desta estação em 1882 – então *a última estação da linha em funcionamento* – eram consideravelmente maiores do que aqueles de Barbacena.

deslizar e dispersar-se, distorcida e esfiapada, pelas copas das árvores, ou arrastar-se morro acima em massas de nuvens brancas e fofas.

Hoje estamos cavalgando por uma bela região, com árvores nas baixadas, capim e arbustos no terreno alto; o murmúrio de água corrente é contínuo, no entanto, em todas essas léguas quadradas de terra, que poucas e afastadas umas das outras são as habitações. Ocasionalmente, passa-se por uma grande construção com galpões e cabanas à sua volta, a fazenda de algum magnata local, que provavelmente é dono de muitas milhas quadradas em torno.

São esses distritos próximos da ferrovia que deveriam ser colonizados e desenvolvidos, e não as províncias distantes do interior. Pois se, à primeira vista, o solo aparentemente estéril dos campos afasta os colonos, há todavia bosques ricamente irrigados; e acredito que os campos, com irrigação adequada de qualquer dos numerosos cursos d'água, poderiam se mostrar bastante produtivos. O clima é magnífico, e as febres, ou quaisquer doenças endêmicas, são desconhecidas.

No caminho, encontramos pouco trânsito – uns poucos roceiros a cavalo, ou raramente uma tropa de mulas ou bois, pois abandonamos a estrada principal, que leva aos distritos mais ricos ao noroeste – Rio das Velhas, Diamantina, Ouro Preto, etc. Em Carandaí tínhamos cruzado o rio e mudado o nosso rumo para a esquerda, fora do curso principal. Todavia, mesmo com menos movimento, as trilhas estreitas que atravessam os bosques são sempre buracos fundos de lama ou obstruídas por sarças e troncos caídos. Quando nos deparamos com alguns dos piores lugares e pensamos em nossos carros de bois, que terão de se arrastar por eles todos, quase desesperamos de ver nossa bagagem de novo! No entanto, apesar de brutalmente pesados e desajeitados, esses carros parecem comparativamente pequenos atrás de uma longa fila de vinte e quatro bois, cuja força reunida é igual a uma energia capaz de levantar 126 toneladas à altura de um pé por minuto, e isto deve ser suficiente para puxar qualquer carro para fora de qualquer buraco.

Observando-se os numerosos riachinhos que brotam à esquerda e à direita dos cumes que se encaixam uns nos outros, é interessante especular sobre seu curso futuro e fazer uma imagem mental, conforme fluam para o norte, sul ou leste, de como eles receberão outros tantos fios d'água, até que o volume somado se some a outros rios, talvez maiores, e depois corra ainda por milhares – sim, milhares de milhas, plácida ou tempestuosamente, através de vastas regiões inexploradas, ou, pelo menos, pouco conhecidas (especialmente ao sul), até seus escoadouros finais no Atlântico, em meio à navegação do Rio da Prata, no sul, ou através das vastas florestas primevas do Rio Doce ao leste, ou arremessando-se nas grandiosas cataratas do Rio São Francisco ao norte. Realmente,

isto lembra muito a vida humana – como os menores obstáculos ou causas em seu início, que talvez não se tenha como controlar, podem influenciar e dirigir seu curso posterior pela vida, quando, à medida que adquire maioridade e força, o homem segue tempestuosamente em frente, se debatendo com os obstáculos de sua carreira ditada pelas circunstâncias; ou, quando as coisas estão calmas, com que facilidade ela é conformada pelas influências mais diminutas – como o rio que, quando serpenteia na planície, desvia e vacila, mas continua correndo em direção a seu término definitivo.

Hospedaria de beira de estrada em Bandeirinha.

À tarde, Antônio nos levou a Bandeirinha, uma pequena hospedaria e fazenda à beira da estrada, para passarmos a noite. Evidentemente, nossa rota não passava por lugares agradáveis; um grande espaço aberto de solo vermelho-brilhante, nos quais havia várias estacas para amarrar as mulas, levava da estrada à lateral de um lugar de aparência miserável. Um longo telhado cobria a construção; de cada lado havia cômodos dando diretamente para a fachada; entre eles havia uma varanda aberta coberta pelo telhado e fechada no fundo por mais salas; as paredes tinham sido originalmente rebocadas e caiadas, mas o reboco caíra em vários pontos, deixando visíveis manchas nuas e feias de adobe. Diversos vadios apáticos descansavam no terreiro; um, com espingarda e bolsa de caçador e cães vira-latas esquálidos, acaba evidentemente de voltar de uma ronda pela floresta próxima; porcos macilentos vagueiam aos grunhidos, e a cachorrada gane com fúria; às janelas, inúmeras mulheres e crianças morenas, mulatas e negras abafam o riso, prontas a explodir em gargalhadas se alguém se dirigir a elas. Antônio diz-nos que não há acomodações melhores nas redondezas – e de mais a mais, este lugar se apresenta como uma hospedaria.

Descobrimos que podíamos esperar alguma coisa em forma de jantar e um lugar para pendurar nossas redes; foi-nos apresentado como nosso quarto um canil de paredes e caibros escuros de fumaça, sujeira e teias acumuladas; o reboco já desaparecera há muito tempo das paredes, o chão de terra estava atapetado de poeira e lixo, rédeas quebradas, botas velhas, cordas de couro; em um canto havia um velho estrado de madeira, sobre o qual, depois de tediosa e demorada persuasão, nossos anfitriões foram induzidos a preparar uma cama para meu companheiro, preferindo eu a rede, de limpeza menos duvidosa. Uma mixórdia de feijão, frango cozido, arroz e abóbora foi servida depois de certo tempo, por volta das 6 horas da tarde, na baixela da casa, isto

é, nas vasilhas de barro em que os diversos petiscos tinham sido preparados, e colocadas na mesa sobre fiapos de palha. Enquanto nos sentamos à mesa em bancos na varanda, todos os ocupantes da casa, homem, mulher e criança, deixam-se ficar em bancos à nossa volta, ou encostados nas paredes, ou de pé nas soleiras, mãos nos bolsos, frouxamente reclinados, fitando em silêncio e expectorando à vontade. Este era o primeiro batismo de fogo de meu companheiro, e, como eu lhe disse, quanto mais cedo ele se acostumasse melhor; não há alternativa senão considerar tudo divertido, mais um dos deliciosos episódios da "aventura selvagem no Brasil". Nós alternadamente troçávamos e falávamos sério, mas nossas observações não atingiam os impassíveis espectadores em torno, até que fizemos elogios às esquálidas "huris" negras do grupo, o que as levou para dentro aos risinhos, de onde ouvimos suas gargalhadas repetidas. Quanto aos homens, em resposta a nossos pedidos de informação sobre localidades, só esticavam o queixo e diziam: "É perto; pouco distante; ali; não é longe; acolá"; informações tão confiáveis como se tivessem enumerado um número incerto de léguas, como duas ou três léguas; ou "uma légua grande"ou "uma légua e um pedaço", que podem significar qualquer distância entre 4 e 12 milhas.

Mr. W. manifestou então um desejo insaciável por chá. A palavra portuguesa para *tea* é chá, mas, em Minas, chá é um termo empregado para denominar qualquer infusão, como "chá-de-congonhas" (um chá feito com a planta nativa *Ilex Congonha*, uma espécie de mate), ou "chá da Índia"(*China tea*), ou "chá de laranjeira" (infusão de folhas de laranjeira). Externei minha opinião de que seria impossível encontrar chá em tal casa, mas ele estava decidido a tentar. Conseqüentemente, quando pediu chá, a dona da casa perguntou, abafando as risadinhas, que tipo de chá. "Ora, chá, é claro, chá! chá! Entende?" Fiquei calado, vendo a pobre e confusa mulher entrar em casa, curioso para ver o que ela traria. Meia hora mais tarde, ela voltou com uma chaleira, xícaras e pires. "Ah! meu caro amigo, nunca se sabe o que é possível fazer até que se tenta" disse W., enquanto se servia. "Ora, está meio fraco; hum! tem um cheiro estranho." Prova. "Como! mas o quê?! Com a breca, que mezinha desprezível é esta?" "Oi, venha cá. Isto não é chá." "Sim, senhor, é, sim." Oh! sua mulher abominável, como pode dizer na minha cara que isto é chá?" "En'hor sim, é chá de laranjeira". Uma gargalhada gostosa se seguiu à explicação, e o chá foi considerado palatável afinal, certamente uma bebida refrescante e revigorante, e que é largamente usada pelo povo da roça como febrífugo.

Logo após nos recolhermos para a noite, meu companheiro, que tinha estado muito inquieto por bastante tempo, levantou-se agora de um pulo, com fortes asseverações de que o lugar estava assombrado. Também comecei a sentir diversas sensações

torturantes e comichões que me trouxeram à mente certas regiões de Pernambuco. No mesmo instante ocorreu-me: "carrapatão", e, de fato, um exame mostrou que estávamos carregando em nossas pessoas várias dessas pestes; muitos ainda andavam à procura de seu pasto, outros enterravam lanças em nossa carne; neste último caso, os insetos são difíceis de arrancar; é necessário aconselhá-los com a ajuda da chama de uma vela, alfinetes aquecidos, nicotina de cachimbo, cachaça, água fervendo, etc., a se retirarem voluntariamente, pois eles se afeiçoam de tal modo a você que preferem deixar a cabeça e o probóscide em sua carne a serem puxados para fora à força por seu querido amigo, e deixam uma lembrança de sua tristeza que vai inflamar por um bom tempo e criar talvez uma ferida complicada. Com tempo e paciência, libertamo-nos de nossos visitantes, que haviam vindo nos cumprimentar de modo tão feroz.[4]

Isto mostrou ser apenas o começo de uma longa experiência com esses insetos, e o leitor ainda vai se ver tão incomodado por eles como nós fomos. Seria duro não poder despejar nossas agruras repetidas vezes em ouvidos solidários.

Fiquei pensando, deitado naquele quarto enegrecido e esquálido, que a fraca luz do candeeiro de ferro de óleo de mamona só tornava ainda mais negro, que um biscateiro na Inglaterra se sentiria muito maltratado se lhe fosse oferecido um tal domicílio. O candeeiro é por si só uma peça digna de nota, e como é encontrado em todo o Brasil, onde quer que cresça a mamona, vale a pena descrevê-lo: ele consiste em um prato de ferro raso, de três ou quatro polegadas de diâmetro, de meia a uma polegada de profundidade, com as bordas voltadas para dentro; uma ponta é virada para fora em forma de bocal ou bico, uma peça de ferro achatada é presa ao lado oposto ao bico e forma um gancho para pendurar em um aro enfiado em um cravo de ferro, que pode ser pregado em qualquer parte das paredes de adobe; o prato contém óleo de mamona grosso e negro, no qual é mergulhada uma espiral de algodão cru feito em casa, cuja ponta se acende e pende do bico, fornecendo luz suficiente para que se distinga onde está a cama ou as malas e se evite quebrar os canelas; volta e meia apaga, exige ajuste constante e produz fumaça incessantemente; quanto ao cheiro, este é normalmente amortecido pelos muitos cheiros cognatos do ambiente.

Um dia de cavalgada sem incidentes, através de outro distrito esplendidamente variado, cheio de flores vivas, samambaias e gramíneas, palmeiras e bosques, pássaros magníficos e melhores estradas, levou-nos às proximidades da muito pitoresca cidade de Congonhas do Campo.

No primeiro plano, à esquerda, ficam os prédios espalhados, de considerável pretensão e tamanho, da igreja, convento e colégio de Nossa Senhora da Conceição, tornando as casas da cidade bem inferiores em comparação; no terreno côncavo a

4. Os srs. Spix, Martius e Pohl denominam esta variedade de carrapato *Ixodes americanus*. St. Hilaire batiza a variedade menor, o "miúdo", *Ixodes collaris*. Há também outra variedade igualmente comum, o "vermelhão", que aparentemente ainda não foi classificado. Gardner acredita que eles são todos uma única espécie que varia de acordo com as estações. É certo que eles têm três espécies de tortura para inflingir. Os maiores enterram lanças dentro da carne e ancoram firmemente. Os vermelhões médios são muito mais numerosos, picam profusamente, uma picada mais fina e mais aguda, e são também, até certo ponto, difíceis de arrancar. Mas o mais "divertido" é o *miúdo*, que ataca em batalhões, tomando posse do corpo todo, e apaga todas as lembranças dos demais problemas materiais. O melhor remédio neste caso é pular dentro de uma fogueira de madeira verde, ou desfazer-se das roupas e pular em um rio enquanto as roupas são fumigadas.

nossos pés ficam os telhados vermelhos e paredes brancas reluzentes das casas e lojas. O Rio Maranhão, um curso de águas claras no fundo do vale, meandra sobre cascalho e matacões, por entre margens de relva verde; além dele, na elevação, ficam as casas da vila e a igreja de Matozinhos, acima da qual estão os renques serrilhados da Serra da Boa Morte, elevando-se em picos, cones e cristas, um atrás do outro. Nosso percurso amanhã atravessará essa cadeia.

Descemos por uma desagradável estrada íngreme, pedregosa e grosseiramente pavimentada, e finalmente nos encontramos sob a hospitaleira varanda do Senhor Alferes Gurgel.

Ora, esta Congonhas do Campo é não apenas uma localidade muito pitoresca e atraente, mas é também cheia de prédios curiosos com coisas curiosas dentro. Infelizmente, estou de novo em uma área que o Capitão Burton já cobriu – e ele o fez tão bem e tão completamente que não tenho mais nada a coligir, ou mesmo acrescentar, e gostaria aqui de inserir um extrato de seu *Planaltos do Brasil*, pois sua descrição do cenário em 1868 é aplicável a 1873 e até, acredito, ao presente ano de 1885; mas ela é longa demais para este livro.

A época de extravagantes lavores como os que foram executados nessas velhas igrejas e conventos do interior do Brasil passou com o fim dos bons velhos dias da mineração de ouro, a extinção subseqüente dos índios, ou sua miscigenação com outras raças e com a suspensão da importação de escravos.

Majestosas estruturas antigas se encontram por toda parte no Brasil; indícios decadentes de uma passada era de prosperidade e indicação de uma fase de transição que deverá, por fim, apesar de todos os obstáculos, levar a um novo estágio de existência e à produção de indústrias mais estáveis. O potencial está lá, latente no momento, falta apenas o estímulo, e este chegará apenas quando uma onda de emigrantes, com novo sangue e energia, recolonizar este grande país, como os intrépidos portugueses de outrora o fizeram em tempos passados. Então o matuto[5] livre e independente terá de ocupar no mundo seu nicho de serventia e não se tornar um peso morto sobre a terra, um mandrião improdutivo e inútil como ele geralmente é hoje.

Fizemos uma caminhada muito interessante em volta do curioso lugarejo; e o sacristão nos mostrou as capelas, convento e colégio da igreja. A beleza arquitetônica está totalmente ausente em qualquer forma, os detalhes são grosseiros, desajeitados e mal-acabados, no entanto o todo combina bem com as casas simples e sólidas da cidade. Na longa subida pavimentada que leva à igreja, uma dúzia de capelinhas contém cada uma um grupo de figuras de madeira em tamanho natural, representando cenas da Paixão; as figuras são representadas em estranhas vestimentas, os soldados roma-

5. Camponês.

nos calçam botas hessianas;* mas o extraordinário desenvolvimento dos narizes e outras feições nas figuras é a visão mais engraçada que se possa imaginar e arranca um sorriso mesmo do mais devoto dos viajantes.

Nossa hospedagem para essa noite era bastante confortável para os moldes brasileiros. De um lado da íngreme ladeira, calçada de pedras redondas, fica a venda, restaurante e sala de jantar do Alferes, esta última é um cômodo despojado, caiado, com aspecto de caserna, mobiliado com um mesa rústica e longa e longos bancos de madeira de cada lado. Entretanto, apesar de extremamente simples, era bastante limpa, traços do uso de uma vassoura podendo ser rastreados como tendo ocorrido em algum período remoto. Os quartos são uma série de cômodos do lado oposto da rua, lembrando um pouco estábulos grosseiros. Esse alojamento aparentemente amplo destina-se às multidões que invadem a cidade por ocasião dos festejos anuais do santo padroeiro, de 11 a 14 de setembro, quando, contam-me, o lugar é densamente ocupado pelo peregrinos romeiros do santuário, cujas oferendas atingem em média 2.000 £. por ano.

Uma densa neblina esbranquiçada e um ar gelado enchiam o vale nas primeiras horas da manhã seguinte quando saímos para um banho no rio, para espanto dos empalidecidos e enregelados habitantes. Tudo pingava de orvalho; capim, mato e árvores cintilavam como se estivessem cobertos de geada, a água do rio fumegava um vapor ascendente, a névoa espalhava-se em massas flutuantes, como que pulverizada. Porém, com o doce perfume no capim gordura, o odor pungente, aromático ou apimentado de certas ervas, há sempre um encanto indefinível nessas manhãs nascentes, frias e nubladas.

Às 8h30 da manhã, prosseguimos nossa jornada; o último vestígio de neblina já desapareceu e o sol já esta a postos com seus raios brônzeos de luz e calor. Ao cruzarmos o Rio Maranhão vemos lavadeiras trabalhando, batendo nas pedras chatas as roupas molhadas. Perto delas está um negro, bateia[6] na mão, cheia do cascalho do leito do rio, garimpando ouro.[7]

Após cruzarmos o rio, logo adentramos um território acidentado, avistamos várias minas antigas (agora silenciosas e desertas), descemos por grotas de denso arvoredo, e subimos com dificuldade por trilhas escorregadias e íngremes, que as mulas se esforçam por escalar, bufando e com as narinas distendidas. Depois de um certo tempo as inclinações se tornam mais longas e fáceis. As montanhas da Serra são alcançadas por meio de longas rampas em curva, cobertas com as folhas altas e viçosas do capim gordura, entre as quais afloram imensas pedras, enegrecidas e gastas pelo tempo e pontilhadas de líquen cinza, azul e carmim,[8] além de árvores anãs retorcidas e nodosas,

* Botas masculinas de cano alto e ornadas com borlas, originárias do Hesse, e introduzidas na Inglaterra no início do século XIX. (A descrição acima, encontrada no *American Heritage Dictionary*, não corresponde, no entanto, às botas das figuras de Aleijadinhos, as quais são viradas nas bordas, mas não têm borlas.) (N.T.).

6. Uma tigela de madeira larga e rasa.

7. Há muito poucos rios nesta região que não produzem ouro. Ela fica no meio da zona aurífera que se estende desde Campanha, no sul de Minas, até Ouro Preto, no norte. Em São João del Rei, garimpei ouro da poeira da estrada.

8. Este último é o líquen róseo (*Spiloma roseum*).

de folhas secas, largas, cáusticas e ásperas, e os troncos e galhos encarvoados pelas queimadas anuais. A estrada coleia em torno de montes, mergulhando em vales e depois subindo de novo e rodeando mais montes.

Enquanto prosseguimos, vemos desenrolarem-se continuamente belas vistas, que se estendem e mudam à medida que ascendemos. Por fim, é alcançada a base de uma montanha que se eleva a considerável altura acima da estrada; acreditando que teremos mais tarde de cruzar o topo em algum ponto, decidimos subir a montanha e examinar os arredores. Quando paramos, e Antônio ouve nossa resolução, ele apenas coça a cabeça, dá um pequeno suspiro de resignação, olha para a encosta íngreme da montanha diante de nós, cheia de buracos e penedos e capim alto viscoso e pegajoso, árvores anãs e palmeiras anãs espinhentas, tudo luzindo e reluzindo ao sol escaldante; depois lança um olhar intrigado sobre nós, acende seu cigarro e fica evidentemente agradecido por não ser "um inglês esquisito". Pelejamos morro acima, por trezentos ou quatrocentos pés, em meio ao capim alto e viçoso, preteando ao roçar as árvores carbonizadas e espetando-nos nos espinhos, e finalmente alcançamos o topo, exaustos, perspirando, imundos e grudentos, como se tivéssemos atravessado um capinzal coberto de melaço. Obtemos, sem dúvida, uma bela vista, mas belas vistas são aqui abundantes como mercadoria encalhada. À nossa frente e bem acima de nós, vemos montanhas, camada após camada, todas cobertas de capim, exceto os picos mais altos que se elevam em imensas massas de rocha em píncaro ponteadas de penedos. Passamos por todo o incômodo sem colher outra satisfação senão a de termos obedecido à nossa mania britânica de subir montanhas. Sentimos que Antônio tinha razão de nos lançar olhares interrogativos ao ouvir nossa determinação e, certamente, ao voltarmos, invejamos sua tranqüilidade impassível, estendido sobre uma relva aveludada ao lado de um bambuzal, calmamente fumando seu cigarro. Ele fitou uma vez nossas faces rubras de calor e nossas roupas imundas com, creio eu, compaixão e depois gritou seus "avante" para as mulas. "Choc! – choc! – Estrela, Joaninha – choc!"

Mais adiante, as montanhas tornavam-se mais abruptas e acidentadas, pedras de todos os tamanhos, massas de minério de ferro espalhavam-se pelas encostas; as estradas eram firmes e regulares, e pareciam macadamizadas com finas limalhas de ferro oxidado. As montanhas parecem ser constituídas de ferro; por toda parte há ricas amostras, pois muitas das rochas parecem massas de ferro envelhecido. Peças que eu trouxe para a Inglaterra mostraram possuir a rara porcentagem de 80% de puro metal. Ouvi dizer que os ferreiros locais forjam ferraduras e pregos diretamente do minério, e que os arrieiros os preferem aos artigos importados.

Depois de uma longa e paciente subida chegamos a um cume que há muito con-

cluíramos ser o acme; verificamos, porém, que à frente havia outro mais alto, e assim sucessivamente, como se subíssemos degraus, até que, às 2h30 da tarde, chegamos enfim ao ponto culminante, onde paramos para um descanso, nosso e dos animais.

A nordeste e a sudoeste, podemos distinguir o curso da Serra, uma miríade de picos de rocha nua e topos de montanhas redondos, escarpados, chatos, pontudos e em sela, vales e abismos, e ravinas profundas, todos cobertos de capim; floresta, só podemos perceber nos distantes vales mais baixos a noroeste e sudeste, especialmente a noroeste. Lá, as distantes terras baixas, muito abaixo de nós, parecem ser uma vasta floresta cobrindo uma região ondulada. O cume da Serra é uma depressão rasa de cerca de um acre de extensão, atapetada de exuberante relva verde, onde uns poucos penhascos suspensos de minério de ferro escuro, manchados pelo tempo, forrados de musgo e salpicados de liquens, erguem-se ousados e magníficos da superfície plana. Em algumas concavidades, havia laguinhos de água cristalina, cercados de numerosas plantas em flor; e agrupadas em moitas ou isoladas sobre os platôs de relva havia outra flores – novas e estranhas para mim; havia muitas variedades, e diversas delas tinham cores brilhantes, a maior parte desses arbustos possuindo a característica comum de caules e folhas grossos e felpudos. Bromélias, cactos e orquídeas abundavam nas rochas e sobre umas poucas árvores mirradas que cresciam sem explicação naquele solo vermelho e escamoso de metal. O ar é tão soberbo e as vistas tão variadas e extensas que poderíamos ficar horas apreciando a atmosfera maravilhosa e o vasto panorama. Uma bruma azul transparente tinge as baixadas distantes, que rolam para o horizonte em grande ondas encapeladas de verdura, aqui e ali escurecidas pelas sombras de nuvens brancas e fofas que passam sob a abóbada azul; bem longe, pequenas colunas de fumaça cinza-azulada levantam-se de alguma roça ou capinzal que queimam, os únicos sinais de vida humana na vasta área. Os únicos pássaros ou vida animal são uns poucos urubus-campeiros circulando no éter azul a distância.[9]

Ao descermos as encostas do norte, outras flores similares a camélias e magnólias aparecem entre grupos de bambus, árvores anãs e cactos, apesar do solo ainda parecer dos mais estéreis.

Mas logo nossa atenção precisa se concentrar na preservação de nossos pescoços durante a descida da serra, pois a estrada se torna uma rampa espantosamente abrupta. Por longo tempo, ela se espreme entre os lados íngremes das montanhas, altas encostas de capim entremeado de pedras de um lado, do outro, fundas ravinas cavernosas. A estrada é grosseiramente pavimentada com imensos blocos e lajes irregulares de pedra, que devem ter sido coletadas dos morros vizinhos com extraordinário esforço e dificuldade. Um parapeito baixo, de dois ou três pés de altura, fornece uma prote-

9. O chefe da expedição disse-me mais tarde que, quando ele atravessou esta serra pela mesma estrada, o aneróide indicou 7.800 pés acima do nível do mar. Se isto é correto, esta serra deve ser uma elevação muito mais importante do que normalmente se estima, embora faça parte da mesma cadeia que o Pico de Itabira.

ção oportuna aos viajantes contra a queda nos precipícios adjacentes. A rampa é tão inclinada, e o calçamento de pedra tão irregular, que é realmente como descer uma escada repleta de caixotes; continuar montado está fora de questão, pois as mulas escorregam nas superfícies lisas, seus cascos se prendem nos interstícios das lajes, elas cambaleiam, lutam, escorregam, crispam e tremem cada músculo; mas nós vamos descendo aos poucos, de escorregão em escorregão; é uma estrada própria só para um cabrito.

Notei que haveria muitas possibilidades de melhorar a estrada, alongando e diminuindo os gradientes, mas os velhos colonizadores decerto achavam que os gradientes deveriam ser subservientes à direção e à distância. Essa estrada deve evidentemente ter tido considerável importância no passado, a julgar, pelo menos, pelo esforço tão generosamente despendido em sua construção, mas agora ela está comparativamente abandonada; as pedras estão escorregadias de limo e liquens, indicando quão raramente passa um viajante, e em algumas das pedras nós não levávamos vantagem sobre as mulas; ficávamos com as pernas presas entre as rochas, escorregávamos no limo e esfolávamos canelas e cotovelos.

A descida da Serra das Boas Mortes.

Em uma curva comparativamente plana, paramos todos para recobrar o fôlego; adiante e abaixo de nós vislumbramos as águas do Rio Paraopeba em seu vale arborizado; em torno de nós estão os contrafortes salpicados de penedos da serra, divididos por profundas ravinas e vales estreitos ou largos com florestas. Acima e atrás de nós, podemos divisar o percurso da estrada que descemos, sem dúvida pavimentado com a melhor das intenções pelos colonizadores. Finalmente, alcançamos a base das montanhas, onde seguimos por um terreno ondulado em direção ao rio.

O que do alto da serra pareciam ser bosques e florestas revelaram mais de perto ser apenas um amontoado de arbustos, matagal e árvores, poucas das últimas de tamanho considerável. A região toda tinha sido evidentemente desflorestada e no passado deve ter sido submetida ao cultivo extensivo; velhas roças ou clareiras abandonadas,

cercas decaídas, velhas casas decaídas e outros sinais de prosperidade passada são vistos constantemente. O que se pode chamar de arvoredo é de crescimento recente, e não original.

Todavia, há ainda muitas roças pequenas de milho e casebres decrépitos e miseráveis; as pessoas por quem passamos são pálidas, magras e pobremente vestidas; muitos sofrem de bócio, uma doença muito comum no Alto Paraopeba. Finalmente, às 5.30 da tarde, chegamos a São Gonçalo da Ponte.* Passamos primeiro por umas poucas choupanas de teto de palha, com paredes de pau-a-pique, rodeadas de árvores ou arbustos; vemos os habituais porcos macilentos de pernas compridas, e os vira-latas da vila latem e rosnam furiosamente; criancinhas nuas, de pele acobreada e barriga inchada nos espiam e estendem as mãos pedindo a bênção e um tostão, saudando-nos timidamente com um "*s' cris*".[10] Nas casas, as mulheres trabalham em teares rústicos, tecendo o grosseiro, mas excelente, forte e macio algodão nativo, seja branco ou em listras coloridas ou desenhos em diagonal.

Agora avistamos o rio, uma corrente de água amarelada de cerca de 150 pés de largura, com altas margens de solo macio e rico, encimados por mato denso, árvores, ou roças pequenas de milho nativo. É cruzado por uma velha ponte de grandes toras de madeira, apoiadas sobre estacas de dezoito polegadas quadradas; elas são sólidas o suficiente, mas a força de anos e anos de enchentes abalou-as e as tirou de sua inclinação original; a superfície é formada de tábuas grossas, mas muitas estão faltando, deixando grandes brechas; outras estão podres, e a velha estrutura tremia ao passarmos sobre ela. Do outro lado fica a parte principal da vila, consistindo de uma velha igreja em forma de celeiro, com uma cruz grosseira de madeira diante dela, no último estágio de ruína; as casas estão espalhadas irregularmente em grupos separados, algumas, as relíquias de tempos idos de prosperidade, têm bom tamanho e são bem construídas, mas agora estão em ruínas; parecia não haver um único telhado sólido do lugar, no entanto o solo é rico, como se pode ver pela densa vegetação de mato e umas poucas árvores frondosas que enchem os espaços entre, e ao fundo, das casas e choupanas. Há uma vendinha pobre, uma ferraria e um rancho de tropeiros.

Esta vila é o ponto de partida de nossos levantamentos, e logo ficamos sabendo que um dos da nossa equipe, um sueco, já começou a trabalhar; procuramos seu alojamento e o encontramos em uma casa no centro da vila, como todas as outras, no último estágio de dilapidação, o reboco e a caiação há muito desaparecidos das paredes; o adobe em volta das molduras das janelas e das portas despencara deixando grandes buracos; o madeirame está cinzento de velho, roído de cupins e podre em alguns pontos; há uma sacada na frente e muito de seu parapeito já não existe; o chão

* Atual Belo Vale (N.T.).

10. Esta saudação é comum em toda a Minas, e é usada por negros e crianças ao se dirigirem a seus senhores e superiores. Eles na verdade deveriam dizer "Jesus Cristo" ou, de forma mais completa, "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", ao que a resposta invariável é "Pra sempre".

de madeira está forrado de lama e cheio de buracos; muitas das telhas da cobertura se foram, outras estão quebradas, em outras floresce uma safra de diversas plantas.

Nosso colega chega alegremente para nos receber; percebemos então que nosso amigo está sendo fortemente afetado pela pobreza do lugar. Ele está decerto gozando de uma saúde robusta, como mostram sua larga face bronzeada e seu corpo musculoso; mas a sua "caracterização" seria um achado para qualquer produtor de teatro de Londres, para o papel de rufião californiano: ele usa um chapéu de palha esfiapado, a copa balançando na brisa, e um lado da aba despencando sobre uma orelha; uma camisa de flanela aberta ao peito e mangas enroladas; um cinto de couro preto ao qual se prende um longo facão; mas suas botas – essas botas se tornaram mais tarde seu guarda-roupa de viagem; originalmente feitas para cobrir suas coxas com ampla folga, elas estavam então em estado de colapso, molengas, e despencavam em torno de seus tornozelos da maneira habitualmente usada para caracterizar o típico e antiquado salteador de teatro; quando viaja a cavalo, ele as puxa para cima, as recheia com umas camisas e outras roupas e provisões; acabando por criar a idéia de que ele se enfiava em uma delas à noite, à guisa de cama de saco.

Meu companheiro está mudo de espanto à vista do sueco e de suas cercanias: tínhamos, naturalmente, esperado encontrar acomodações primitivas e sem conforto, mas não um lugar tão desolado para se prover de ferrovia. De qualquer maneira, isso só dizia respeito aos poderes envolvidos – nossa obrigação era fazer os levantamentos.

Estava bem na hora de obedecermos ao comando de um apetite voraz. É um bocado de caminho entre as refeições, de 8h30 às 5h30, atravessando montanhas e respirando um ar puro e estimulante como o que experimentáramos, mas a mesa de jantar era inédita; no meio de uma mesa descoberta foi arranjada uma série de panelas de barro e de ferro saídas do fogo, uns poucos pratos, umas poucas facas, colheres e garfos, e diversas garrafas pretas, formando uma cena festiva. A copeira era uma donzela negra de meia-idade, vestida com uma saia de algodão e uma bata que mal cobria um ombro negro; suas roupas haviam sido brancas alguma vez, mas agora estavam como se tivessem sido usadas durante anos como panos de prato e limpadores de caçarolas; seus dentes tinham pontas como uma serra, sua carapinha estava desgrenhada e ela cheirava como cheiram as damas negras ao sair de perto de um fogão. O cardápio era o inevitável frango cozido com arroz, feijão preto, batatas, abóbora, couve e farinha de mandioca, *restilo* (aguardente de cana, ou cachaça, redestilada) e vinho português (cinta negra). Estávamos todos famintos demais para criticar o que quer que fosse, e rude e malservida como era a nossa mesa, nunca um jantar foi tão bem apreciado. Uma boa conversa, cachimbos e uma partida de *dummy whist** fecharam nosso primei-

* Jogo de cartas (uíste), em que, na falta de um quarto jogador, as cartas deste são colocadas na mesa e jogadas pelo que seria seu parceiro (N.T.).

ro dia de apresentação ao vale de nosso futuro trabalho. Depois tateamos o caminho até os canis adjacentes, cujas paredes eram negras e esfareladas; as estrelas brilhavam através do telhado bem-ventilado. Sujeira, desordem e lixo por toda parte; esfolamos as canelas na luz semi-obscura das lamparinas de óleo de mamona, ao tatear em meio a pilhas de couros velhos, montes de palha de milho, arreios de boi velhos,etc., até nossas camas de mantas, mas estávamos com saúde e muito cansados, e o que importam paredes enegrecidas no escuro?

Na manhã seguinte, um dos burros apareceu tão indisposto e infeliz como alguém que sofresse de enjôo marítimo. Seus joelhos estão fracos, seu rabo caído e bambo; as moscas podem ir e vir, não tem força nem para uma abanada; a cabeça baixa, os olhos mortos, orelhas caídas; ele está indiferente a tudo e se sente mal só de olhar para o milho; se ele pudesse falar, diria num lamento: Oh, que cabeça pesada tenho hoje! Sem dúvida, ele está doente e deve se submeter ao remédio universal das Minas: sangria, um dia de descanso e ficar um dia sem milho.

Resolvemos, portanto, permanecer e ver o trabalho de nosso colega. Ele terminou os levantamentos de um lado do rio e, estranhamente, recebeu ordens da central para fazer os levantamentos do outro lado; se tivermos que agir segundo esse princípio, nosso trabalho levará um longo tempo. Caminhamos por suas picadas,[11] que formavam a linha experimental da ferrovia proposta. A abertura desses caminhos em meio ao mato e às árvores ocupa necessariamente muito tempo e subordina o progresso do trabalho de levantamento propriamente dito à vegetação densa e emaranhada ou aberta e clara do local. Encontramos seus homens em plena labuta, manejando foices e machados com golpes vigorosos e eficazes e cantando em coro, cada homem tomando sua parte na não de todo desagradável melodia. Nesse trabalho, desde que se consiga que o matuto brasileiro o faça, não há lenhador que se lhe compare; ele entende e gosta do serviço mais do que ninguém. A dificuldade é induzi-lo a vir, pois ele não trabalha a soldo a menos que seja compelido pela necessidade de um pouco de dinheiro para adquirir algum requisito para si ou sua família; caso contrário, fica balançando em sua rede, fumando seu cigarro ou tocando seu violão, ou dormindo, e responde que está "muito ocupado" e que talvez possa ir "se Deus quiser" na semana que vem, ou na seguinte.

Nesse distrito existem muitos vestígios de velhas lavras de ouro e diamantes, há muito abandonadas. No pedregulho do fundo do rio mostram-nos muitas das pedras que são conhecidas como "formação diamante", ou seja, pedras que geralmente são encontradas em conjunção com os diamantes. Observações sobre isto serão encontradas na página 260 deste livro.

Um passeio pela vila revelou um estado da maior pobreza. No alojamento de

11. Longas linhas ou caminhos cortados através do mato ou floresta.

nosso anfitrião, ao chegar, ele encontrou as pessoas desprovidas de mesmo uma colher ou garfo de ferro, ou de uma panela de ferro. No entanto, não há uma falta absoluta de comida; a terra é tão generosa que recompensa amplamente o mínimo cultivo; todos, mesmo os mais pobres, têm lá os seus pezinhos de milho, cujos grãos são moídos em um pilão rústico de madeira, a farinha grossa é então cozida em uma massa dura, nutritiva e saudável,[12] e, portanto, ninguém precisa morrer de fome. A pobreza que existe se deve pura e simplesmente à extrema preguiça. As pessoas, porém, são muito educadas, e mesmo respeitosas, e excepcionalmente discretas; o último é um traço de caráter raro. As mulheres parecem fazer a maior parte do serviço, pois trabalham nos campos, fiam e tecem, fazem renda e costuram para si e os maridos (?). Eles não são muito de se casar nessa aldeia; cada um escolhe o seu companheiro ou sua companheira, e se algum dia um padre passar por lá e eles estiverem se dando bem, então casam-se, mas a formalidade vem em segundo lugar.

Na manhã seguinte, a mula doente estava convalescente, e prosseguimos nosso caminho vale abaixo em direção a São José, onde encontraremos mais dois de nossa equipe, que aguardam nossa chegada. Passamos por mais uma região ondulada e montanhosa, cruzando muitos esporões das serras vizinhas, muitos dos quais se estendem até a margem do rio, tornando seu curso sinuoso e cheio de corredeiras e rochas; a vegetação é, em toda a volta, densa, baixa e de segunda vegetação, as árvores nunca muito altas. Há muitas roças velhas, um emaranhado de sarça e mato, tocos de árvores queimadas e choupanas em ruínas, dentre os quais cresce a samambaia brasileira,[13] bambus finos e emplumados, e o cheiroso, doce e verdejante capim gordura, cujo perfume está para Minas como a fragrância do feno recém-cortado para a Inglaterra (mas suas lembranças serão sempre associadas a céus azul-pálidos, brancas nuvens reluzentes, o zumbido dos insetos, salamandras piscando ao forte sol, e uma perspiração saudável, que nos faz sentir como que acabados de sair de um banho quente) .

Passamos também por diversas fazendas, casebres e plantações, as últimas consistindo principalmente de milho, cana-de-açúcar, tabaco e feijão – o mamoeiro é encontrado onde quer que haja uma habitação; algumas das sedes das fazendas são construções velhas mas sólidas; nada é novo neste vale, tudo é velho, gasto e decrépito. Um encanto conspícuo, no entanto, esse vale possui: é o grande número e variedade de flores, os arbustos à beira da estrada de convolvuláceas de várias cores, madressilvas brancas, e as folhas verde-escuras e brilhantes flores douradas em sino de uma espécie de *Allamanda grandiflora*; há também as flores castanhas de formas estranhas da Jarinha,[14] e uma *Ipomoea* branca;[15] arões delicados em carmim pálido, e muitos arbustos que dão uma linda florzinha carmim-cremoso,[16] as árvores são freqüentemente cobertas de massas de bromélias

12. Conhecida como "angu".

13. *Pteris aquilina* e *Pteris caudata*.

14. *Aristolochia ringens*.

15. *Ipomoeia krusensternii*.

16. *Malpighia coccocigera*, L.

de um vermelhão brilhante, musgos macios, fetos-trepadeiras e estranhas plantas parasitas; bambus graciosos, árvores, fetos diversos e belos capins emplumados enchem todos os espaços. Há muitos passarinhos de espécies comuns, chilreando, gritando e assobiando, miríades de borboletas, e um grande zumbido e zunido de insetos, e do chão, por toda parte, ascendem raios trêmulos de calor.

Finalmente São José* está à vista – uma grande vila espalhada por duas montanhas e um vale; uma rua comprida e irregular corre pelo centro e parte baixa, e leva a uma ponte sobre o rio. Avistamos uma casa no topo de um morro, com uma varanda cercando o primeiro andar; em um mastro alto tremula uma pequena *Union Jack* (que depois descobrimos ter sido feita em casa); e logo depois estamos sob o teto hospitaleiro de Messrs. O. e C.

Embora nunca tivéssemos visto esses cavalheiros antes, foi, no entanto, um grande prazer encontrar nossos compatriotas e colegas, pois eu me sentia como se estivesse viajando há anos. Nossos novos amigos estavam muito bem instalados; haviam mandado limpar completamente e caiar toda a casa; é claro que ela era mobiliada com muita simplicidade, mas sua aparência organizada e limpa fornecia um contraste agradável às acomodações que tivéramos de ocupar até então. Eles já estavam aqui há um mês, esperando pela chegada do equipamento e da bagagem; seu tempo tinha passado de modo lento e tedioso, pois embora eles tenham tentado repetidas vezes fazer caçadas, não haviam encontrado caça que valesse o esforço. O caráter sociável de C. lhe havia infelizmente permitido travar conhecimento com praticamente todos os habitantes da vila; ele já sabia seus nomes, negócios e profissões, quer dizer, quando eles tinham uma. Digo infelizmente, porque logo após nossa chegada os vizinhos começaram a invadir a casa – uma multidão de triste catadura – velhas megeras tagarelas e enrugadas, vadios morenos de olhar imbecil e portadores de bócio e, ocasionalmente, crianças bonitas e interessantes. Alguns dos homens tinham enormes excrescências em seus pescoços, às vezes do tamanho de um coco – de forma nenhuma um espetáculo agradável.

O modo como eles foram recebidos por nossos dois amigos foi cômico; O. grunhiu para eles em inglês, C. recebeu-os amigavelmente, brincou com eles em péssimo português e fez muitas festas em uma ou duas menininhas muito bonitinhas. Eles todos pareciam íntimos da casa, indo e vindo à hora que queriam, deixando invariavelmente os rastros de sua presença atrás deles, o que mantinha em constante uso a vassoura e o esfregão do criadinho escuro de O. Havia um sujeito alto, magrelo, carrancudo e moreno, que era particularmente intrometido, aparecendo a qualquer hora do dia, várias vezes por dia, e andando de cá pra lá com o chapéu na cabeça, expectorando

* São José do Paraopeba, distrito de Brumadinho.

livremente, examinando e pegando em tudo o que lhe chamava a atenção. Ele era uma fonte de irritação crônica para O., e de conseqüente diversão para C.. Aqui está uma amostra de uma de suas visitas, e a última:

O. Oh! com a breca, lá vem aquele homem horrível de novo. Ei, senhor! o que quer agora?

O *homem*. Nada, (ele respondeu indiferentemente, ao mesmo tempo expectorando e observando os meus coldres).

O. Oi! Pedro! vassoura. (Um mulatinho, Pedro, aparece com a vassoura e remove os vestígios.)

C. *entra*. Ah, senhor! como está? (Cumprimenta-o com as duas mãos.) Como está sua mãe? A família vai bem? Quer uma bênção? (Abençoa-o).

O *homem*. Não entendo sua fala. (Vira-se, expectora, e puxa meu revólver para fora do coldre.) Uai![17] Que bicho!

O. Espero que o bruto atire em si próprio. Pedro! Vassoura.

C. (Apontando para o revólver na mão do homem.) Bom! Hein? (Para mim.) Que sujeito cavalheiresco, não acha? (O homem agora, para meu alívio, devolve a pistola a seu lugar, examina cuidadosamente a sela e a rédea, experimenta as fivelas e tiras, sente a textura do chairel e aponta para as esporas, exclamando: Uai! a cada novo artigo que examina, olha em torno em busca de algo novo, expectora (Pedro! Vassoura) espia os quartos, vai para a sala de jantar, serve-se de um copo de cachaça, bebe água, expectora (Pedro! vassoura), pega um livro e olha as gravuras de cabeça para baixo.) Não entendo nada disso (e finalmente se senta em uma rede e nos encara sem piscar).

O. Que grosso! será que ele vai ficar?

C. Oh, ele é muito divertido. Deixe-o ficar.

Neste momento entram mais vadios; velhas descarnadas, de ombros nus ossudos, escuros, parecendo pergaminhos, e cabelo grisalho desgrenhado, rostos encovados e pálidos, bocas desdentadas e papos nos pescoços.

O. Oh, se eu pudesse ao menos conversar com essas pessoas, eu me livraria delas num instante.

C. Damas e cavalheiros, sentem-se por favor, aqui está um divã (é um caixote vazio).

Coro de velhas em vozes estridentes:

Ah! seu moço, seu moço,
Dá um golinho de cachaça pra pobre velha,
Dá um pouquinho de açúcar pra pobre velha,

17. Esta é uma expressão de surpresa comum em Minas, e pronuncia-se "*o – o – o – whi*" [segundo a representação fonética inglesa (N.T.)].

Dá um pouquinho de café pra pobre velha

Dá um pouquinho de carne-seca pra pobre velha,

A gente não entende sua língua.

C. então cumula as velhas megeras de copos de cachaça.

O.Pelo amor de Deus, C., Não encoraje as visitas destas velhas detestáveis.

C. Bobagem, meu caro, a vida perderia seu encanto sem a inocente alegria delas.

Sendo, mais tarde, requisitado por O. para livrar sua casa das incômodas visitas, digo-lhes calmamente que não é habitual em nosso país as pessoas entrarem pelas casas uns dos outros quando lhes apetece, que estamos muito satisfeitos por conhecer tantas pessoas boas e simpáticas, mas que eles só devem vir quando forem chamados ou quando tiverem algo para vender. Foram necessários alguns instantes de reflexão para que entendessem o que eu queria dizer, mas acabaram entendendo e partiram em silêncio e nunca mais nos incomodaram, exceto aquele visitante desagradável e persistente de O.. Quando me dirigi a ele, fechou a cara e franziu o sobrolho, e não parecia disposto a partir. Quando advertido, respondeu que ele não era escravo, e, sim, um homem livre, e achava que tinha direito de visitar quem quisesse. "Sim, meu amigo, mas estes cavalheiros aqui também não são escravos e desejam um pouco menos do prazer de sua companhia." "Humpf. Você quer que eu saia?" "Precisamente, meu amigo." Ele se levantou, olhou para mim dos pés à cabeça, fez uma carranca diabólica e arrastou-se porta a fora, expectorando seu desagrado.

Mas, entre nossos visitantes, havia outros de um tipo diferente; fazendeiros da vizinhança, comerciantes locais, sujeitos bons, simples e honestos, que conversavam sensatamente e nos davam conselhos úteis, homens que era sempre um prazer receber, educados, calorosos e francos, corteses e discretos em seus modos, porém sempre prontos e ansiosos para fazer um bom negócio, e com que lucro. Tudo o que compramos foi-nos vendido por cerca de quatro vezes seu valor. O cozinheiro que nossos amigos haviam contratado era um escravo negro, uma criatura alegre, bem-humorada, muito disposta e inteligente; ele estava se tornando rapidamente um bom cozinheiro do trivial e um criado eficiente; seu pagamento, 1.500 réis por dia, ou mais de 50 libras por ano, era bem umas três vezes o salário local.

Como prova das idéias disparatadas que existem em nossa terra a respeito do interior do Brasil, C. mostrou-me um dia um trecho de uma carta que recebera de sua irmã, de Londres, onde perguntava se seu irmão precisava que lhe fossem enviadas luvas novas, ou se conseguira mandar limpar as velhas. Luvas em São José, é demais!

Aquela noite foi extremamente agradável; convivíamos com a gentileza própria dos ingleses quando se encontram pela primeira vez, antes de termos oportunidade ou

tempo de perder as respectivas considerações pelas limitações um do outro, sem contar o fato de sermos compatriotas encontrando-se pela primeira vez nos remotos grotões do Brasil.

Na manhã seguinte, dia 22 de fevereiro, meu companheiro de viagem deixou-nos para seguir para o nosso quartel-general em Capela Nova de Betim, levando Antônio com ele. Permaneci para esperar pela bagagem e instruções. Nós todos o acompanhamos a pé por algumas milhas na partida.

Estávamos todos no auge da saúde e da energia, e íamos a passo alentado, o sangue circulando rápido em nossas veias como acontece em uma caminhada pela fresca Dartmoor numa manhã de verão. O sol estava alto e escaldante quando voltamos de nossa marcha de dez milhas, mas, embora profusamente banhados em suor, sentíamos-nos dispostos a enfrentar mais vinte milhas, assim que conseguimos satisfazer as exigências corrosivas de um apetite voraz. Mesmo com o calor do sol e as estradas cheias de valas e buracos, foi um passeio agradável; as brisas frescas, carregadas de diversos perfumes e odores, as flores e folhagens vistosas, o chilreio, gritos e canções dos pássaros, e a leveza natural da boa saúde, além de uma total ausência de preocupação ou ansiedade, faziam com que nos sentíssemos felizes com o presente e descuidados do futuro, condições que desaparecem à medida que as inevitáveis experiências e inquietudes se acumulam .

A vila de São José contém, mais ou menos, 100 casas e casebres, todos descuidados e mais ou menos dilapidados, situados em sua maioria de cada lado de uma rua comprida e intermitente, perpendicular ao curso do rio; na extremidade junto ao rio, a rua termina em umas poucas trilhas que levam por uma ladeira íngreme a um morro baixo, redondo, no topo do qual há uma praça irregular com casas separadas e a igreja; esta é a Belgravia* da vila, e contém umas poucas casas melhores, em uma das quais estávamos instalados. A igreja é uma construção de adobe simples e caiada, com aspecto de celeiro. De lá, a trilha coleia morro abaixo para a ponte, para além da qual há outros morros e vales profundos cobertos de árvores, mato, umas poucas rocinhas de milho, feijão, etc. Na vila, e em torno dela, onde quer que não passe a estrada estreita e esburacada ou haja uma casa, a vegetação cresce selvagem, mas mesmo esta tem aqui uma aparência suja, desleixada, mirrada.

Os habitantes da vila e da região circunvizinha são, sem dúvida, extremamente pobres; não há mesmo qualquer exportação de produções excedentes, já que quase a totalidade do que se produz é consumido no local; certas mercadorias são importadas de Barbacena, tais como morim para lençóis, estampas baratas, xales espalhafatosos, pólvora, balas de revólver, sal, algumas ferragens, bacalhau salgado, vinho, mas o que

* Bairro nobre residencial de Londres (N.T.).

intriga é de onde sai o dinheiro para pagar por elas. Todos os artigos de produção local são baratos, frangos gordos custam cerca de 8*d* e ovos 1*d* a dúzia; milho e legumes são extremamente baratos, assim como os peixes de rio, quando os há.

Disseram-nos que haveria uma caçada ao veado nos bosques vizinhos, na manhã seguinte, organizada pelo padre da vila; portanto, estávamos preparados para o barulho que nos saudou por volta de 6h30 da manhã no dia seguinte. Alguém estava soprando fracamente um instrumento que lembrava muito um trompete de brinquedo; dúzias de cães latiam, homens galopavam pra lá e pra cá, gritando e gesticulando, todas as suas minguadas energias latentes despertadas pela excitação; todos estavam montados e armados com pequenas espingardas de cano de gás, a maioria de pederneira, que pareciam peculiarmente mais perigosas para o caçador do que para a caça. Meus dois amigos pegaram suas pesadas *breechloaders** inglesas e seus cartuchos metálicos. Eu os acompanhei para ver o esporte, se o houvesse.

O padre era um sujeito jovial, barulhento, que gritava ou brincava com o seu rebanho o tempo todo; os cães eram mestiços famintos, propositalmente mantidos sem comida no dia anterior para apurar seu faro para a caçada.

Marchamos cerca de 2 milhas através de um matagal que ocasionalmente se abria em uma plantação de milho bordejada pelo capoeirão, ou densa floresta de segunda vegetação, até que finalmente chegamos às bordas de uma dessas florestas na encosta de um monte alto. Aqui os cães, depois de explorarem as terras mais ou menos abertas da encosta, deram sinal e encaminharam-se para as florestas com latidos e ganidos selvagens. O padre veio galopando e indicou a cada um a posição que deveria tomar, e à medida que os sons distantes dos cães na floresta mudavam de lugar para lugar, ia-se rearranjando a posição dos atiradores. As vozes dos cães tornaram-se cada vez mais fracas, até quase se extinguirem e cessarem; depois aumentaram de súbito, o som crescendo de volume – estão vindo em nossa direção. Todos têm seus gatilhos armados, prontos a atirar no que quer que apareça. Mais rápido, mais alto e mais perto soa o alarido de latidos e ganidos; os caçadores correm desesperadamente para assumir novas posições, meus companheiros saltam sobre arbustos, enveredam por urzes e arremetem para a frente com os outros, mas, ai! o alarido cessou; não, ele simplesmente mudou de direção, e, afastando-se para a direita, lá vai todo o mundo, a pé e a cavalo, para outra posição; mas as vozes dos cães ficaram fracas de novo, e um bom pedaço de floresta se interpõe entre eles e os caçadores, e um ar de desapontamento domina o antes tão animado grupo, porém o padre não dá o braço a torcer; galopa em frente, seguido por alguns dos Nemrods** mais entusiásticos.

Meus companheiros agora se aproximam, cobertos de suor, carrapichos e carra-

* Espingarda de carregamento pela culatra (N.T.).

** Nemrod, no *Gênesis* (10:8-9), poderoso caçador e rei. Designa genericamente qualquer caçador hábil e experiente (N.T.).

patos. Eu havia permanecido sentado em uma cerca e certamente fora quem mais se divertira, e como, caçando esses insetos em minhas roupas; agora todos nós pegávamos varinhas e batíamos uns nos outros com elas para nos livrarmos dos "miúdos", ou carrapatos minúsculos, do tamanho de um grão de pimenta moída, mas cuja presença comichosa e irritante ia se tornando desagradavelmente perceptível. Concluímos que já houvera caça ao veado suficiente por aquele dia e tomamos o caminho de casa, mais tristes e mais sábios do que viéramos.

Na volta, avistamos alguns jacus pelas árvores, mas eles se vão antes que estejamos perto o suficiente para atirar. Fizeram-nos acreditar que haveria "muito veado"; mas se um par de galhadas é visto nas redondezas, ele é logo aumentado para "muito veado". Existem veados, sem dúvida, pois tínhamos comprado sua carne na vila no dia anterior, mas os densos cinturões de selva que por toda parte interceptam o terreno tornam impossível seguir a caça quando ela se esconde na floresta, como nesta ocasião. Ficamos sabendo mais tarde que o entusiasmo e perseverança do padre não foram recompensados com um único tiro; como os cães não apareceram mais, eles provavelmente chegaram a alcançar o veado e o devoraram, pois, algum tempo depois, voltaram todos para a vila. E assim acabou uma caçada ao veado em São José.

Beira-rio em São José.

Durante o dia ocupamo-nos em preparar linhas noturnas para pescar, e ao escurecer caminhamos até a agradável ribanceira e as colocamos em posição, mas será um milagre se se puder encontrar um único peixe em uma tal solução de barro amarelo como a que o rio apresenta no momento. Minhas previsões se realizaram plenamente; não houve uma só mordida.

Capítulo 4

DE SÃO JOSÉ A CAPELA NOVA

Sozinho na estrada – Uma viagem incerta – Minha mula desaba – Neotim – Um estalajadeiro italiano e sua estalagem – Uma manhã de chuva em Minas – A catarata do Funil no Paraopeba – Uma cena selvagem – Sagacidade do burro – Uma fazenda abandonada – Outro colega e seu alojamento – Uma razão para a deserção de propriedades valiosas em Minas – Capela Nova do Betim – Quartel-general – Uma sala de jantar muito informal – Uma personagem – Procurando um alojamento – Estupidez do fazendeiro – Uma tempestade mineira, uma volta desastrada, e uma recepção desalentadora – Domingo em Capela Nova – Boas acomodações encontradas na Fazenda Mesquita

Colapso da mula na estrada.

No dia 26 de fevereiro, W. retornou do quartel-general, trazendo instruções de que deveríamos cada um de nós encarregarmo-nos de uma seção separada, e que eu deveria prosseguir imediatamente e assumir a seção mais avançada em Capela Nova, e também que cada um contratasse homens e providenciasse ferramentas e começasse o trabalho de abertura de picadas para as linhas de levantamento, estando preparados para usar os instrumentos assim que chegassem.

Na manhã seguinte, parti sozinho, já que W. queria reter Antônio a seu serviço e eu não poderia encontrar outro camarada tão rapidamente. Acabei escolhendo para meu uso pessoal o velho burro cinzento, um animal forte, muito tranqüilo e de boa marcha, e durante os dois anos que se seguiram, não tive ocasião de me arrepender da escolha – (sobre esse extraordinário burro velho tratar-se-á mais tarde).

Depois dos adeuses e de um brinde de despedida, encontrei-me viajando por uma (para mim) estrada desconhecida. Lembro-me de que foi com uma estranha sensação de solidão que me encontrei assim jornadeando sem companhia e sem guia pela primeira vez no Brasil; sentia-me entregue a meus próprios recursos; não havia motivo para me preocupar com o caminho, pois se eu me confundisse com uma das muitas trilhas que volta e meia cruzavam ou dividiam a estrada em todas as direções, ela

certamente me levaria a uma habitação onde obteria informações; era só a novidade da situação. Perguntei a cada pessoa que encontrava e em cada casa que passava, se estava indo na direção certa, qual a distância do meu destino, a que horas eu poderia estar lá, etc., etc., pois não há tabuletas amigas indicando o caminho. As respostas recebidas eram calculadas não para elucidar, mas para confundir-me. Minha pousada noturna eu sabia que seria Neotim, a cerca de 6 léguas ou 24 milhas de São José.[1] Encontrando em uma ocasião um negro a pé guiando um cavalo esquelético que carregava caçuás cheios de espigas de milho, perguntei:

"É esta a estrada para Neotim?"

O negro tira o chapéu, estende a palma da mão e oferece o cumprimento usual dos negros a um branco dizendo: "S'cris", ao que respondo, "Pra sempre."

"E esta a estrada para Neotim?" repito.

"N'hor?"[2]

"É esta a estrada para Neotim?"

"N'hor sim."

"A que distância fica?"

"Oh – hum – quatro léguas ou mais."

"Quanto mais?"

"Oh, um pedaço".

"Quanto é o *pedaço?*"

"N'hor?"

"Quanto é o *pedaço?*"

"Oh, um tiquito".

"Bem, meu caro, quanto é o *tiquito?*"

"N'hor, sim" – ele me olha espantado, coçando a cabeça.

Encontro muitas respostas desse tipo; há sempre um número variado de léguas e o resto, o resto pode ser *um pedaço, um pedação, alguma coisa; uma coisinha; ou mais um pouco.* Mas o pior é que, quando você já andou o que estima ser a distância calculada, e já está dolorido e cansado de cavalgar, esperando ver do alto de cada morro, ou atrás de cada curva, o seu destino, vai perguntar e informam-lhe que é aqui; ali; um pouco pra lá do morro; ou "siga reto que você chega lá, não tem jeito de errar o caminho; é logo ali depois da floresta adiante"; e aí você continua em frente, passa pela floresta, pelo morro, confunde-se com as encruzilhadas a cerca de cada milha, anda mais uma hora inteira, esperando talvez dar com sua destinação a qualquer momento, quase desiste, já sem ânimo, quando de súbito você vira uma curva e chega lá.

Se não fosse pela incerteza, a viagem teria sido extremamente agradável. As es-

1. A légua brasileira de 3.000 braças é igual a 4 milhas e 180 jardas.

2. Uma abreviação de "senhor".

tradas eram acidentadas, com valas fundas e muitas vezes bloqueadas por pedras, mas eram secas e firmes; o solo é sempre uma argila bem vermelha; a configuração do vale é muito montanhosa e arborizada, os bosques lembram muito em sua aparência geral qualquer floresta inglesa, embora nem uma única árvore seja similar a sua vizinha, e, com a exceção da majestosa gameleira (uma figueira silvestre), as árvores não são muito altas, nem as lianas conspicuamente grandes ou freqüentes; no entanto, esses bosques são tão agradáveis quanto os bosques da pátria num dia claro de verão; evidentemente o vale inteiro fora cultivado, um pouco aqui, um pouco ali, e depois abandonado à sua floresta de segunda vegetação. Onde quer que a estrada atinja um terreno mais elevado, vêem-se panoramas distantes das serras que a cercam, suas encostas salpicadas de enormes massas de rocha, os altos picos de rocha dentada, cinza-pálidos na claridade, destacam-se com nitidez contra o fundo cerúleo, e as montanhas são freqüentemente verdes de vegetação até quase os cimos. Mas a vista dessa cadeia trouxe à lembrança nossa descida dificultosa para São Gonçalo, e fez-me apreciar ainda mais a estrada bastante boa de agora.

Ocasionalmente, obtêm-se vistas do Paraopeba serpenteando seu curso lamacento entre baixadas e matagais, velhas e novas plantações, ou então ouve-se o som de suas águas céleres rolando pelas corredeiras abaixo, em um vale profundo de margens cobertas de florestas, ou vêem-se penhascos abruptos, com longas linhas suspensas de convolvuláceas pendendo de suas pontas. As fazendas e as casas são poucas e distantes umas das outras; sem dúvida há muitas, escondidas entre as árvores ou à beira do rio, pois as veredas e trilhas são numerosas e evidentemente levam a habitações e fazendas ou casebres.

O burro agora ralentou demais o passo; é preciso esporeá-lo com freqüência, o que arranca dele um trote por algumas jardas, depois pára; ele está evidentemente ficando esgotado, pois é o mesmo burro que W. montou para ir e voltar de Capela Nova, e não descansou como os outros. Apeio e o examino; é, ele está mesmo mareado, tem aquela expressão triste e acabrunhada de uma mula quando está doente: resolvo ir a pé, e guiá-lo, mas ele não se move; puxo, adulo, "choc!choc! Joaninho", mas o Joaninho nada de *choc*. É como tentar fazer andar um poste de iluminação; tento medidas suaves, espanco-o, mas ele não se move; finalmente monto, e com a aplicação das esporas ele faz um esforço e continua, cambaleando freqüentemente, até que pára de vez e só grunhe e escoiceia em resposta à espora e ao chicote. Apeio e sento-me sobre uma elevação musgosa à beira da estrada; estamos em uma floresta, e já desisti de calcular o quanto falta para chegarmos, pois há uma hora atrás disseram-me que era só um "pedacinho".

Era uma cena cômica ver-me e ao meu asno *what wouldn't go.** Pobre amigo! Ele na certa resolveu que não pode prosseguir, sua cabeça pende mais e mais enquanto o fito, seus olhos estão semi-fechados, suas orelhas ficam mais e mais bambas, as pernas curvam-se ameaçadoramente; não posso fazê-lo mover-se a menos que o carregue, não posso deixá-lo para trás, e é crueldade absoluta açoitá-lo; muito bem, tenho que procurar consolo em um cachimbo até que alguém apareça. Espero por meia hora, quando então chega uma tropa de mulas, e o tropeiro me informa que "O burro cansou, e tem sangue"ou, em outras palavras, está doente.

Neotim está, afinal de contas, a uma distância muito curta; prossigo a pé, pois, após alguma dificuldade, meu burro é induzido a se juntar às outras mulas da tropa e continuar a viagem. Logo emergimos da floresta para um vale baixo ondulado, de cerrado e árvores e plantações pequenas e um pequeno ajuntamento de casas, casebres e ranchos – isto é Neotim.** Há uma venda e hospedaria dirigidas por um italiano, onde consigo acomodações.

O burro é examinado e são-lhe receitados sangria e remédios: sinto que o melhor é deixá-lo nas mãos experientes do arrieiro da tropa, e confiar que a sorte me permita seguir na manhã seguinte da melhor maneira possível. Dizem-me que o burro é muito velho, mas muito forte, e que ele poderá talvez estar em condições de prosseguir amanhã.

Neotim é uma curiosidade neste vale de casas velhas, pobreza e decadência, pois aqui tudo é novo; não ha mais de uma dúzia de casas, mas elas são todas modernas. A venda é uma casinha de adobe caiada, razoavelmente limpa, com portas verde-claras e telhado vermelho; e o único quarto, muito simplesmente mobiliado com uma cama, cadeira, mesa e lavatório de ferro, é limpo e arrumado.

O hospedeiro é um homem jovial, de voz poderosa e aparência saudável, de uns quarenta anos, mas curioso demais; assedia-me com perguntas a respeito de minhas botas, quanto elas custam, de minhas roupas, meu relógio, meu capacete, meu nome; tenho pai? tenho mãe? irmão? irmã? de onde eu vim? para onde eu ia? e de lá, depois? o que é que eu ia fazer? qual era o meu salário? minha idade? quem eram meus companheiros? eles vinham para Neotim? quais eram seus nomes, nacionalidade, idades, altura, tipo físico, temperamento? e assim *ad infinitum*, desembocando por fim em oceanos de conselhos sobre meu burro; e depois comunica-me as alvissareiras novas de que o jantar está pronto. Ele sentou-se em uma cadeira com os braços sobre o encosto e recomeçou sua rajada de perguntas, mas tenho diante de mim uma refeição razoavelmente saudável de peixe fresco – uma mudança muito bem-vinda depois do quase invariável jantar mineiro de frango, feijão preto, etc. Meu anfitrião conta-me que é

* "que não queria andar" – referência a uma quadrinha infantil, "*The Donkey*" [*O Jumento*]: "*If I had a donkey that wouldn't go/ Would I beat him? Oh no, no.* (...)" [Se eu tivesse um jumento que não quisesse andar/ Será que o espancaria? Oh, *não, não* ......] (N.T.)

** Trata-se, provavelmente, de uma localidade próxima a Capela Nova, atual Betim, que terá se unido a esta mais tarde (N.T.).

um imenso prazer para ele encontrar um homem civilizado, alguém com quem conversar, alguém do velho mundo lá fora, a vida é tão tediosa, enterrado neste mato inculto, etc; etc. E no entanto ele parece bastante próspero e cercado de confortos; seu pessoal doméstico compõe-se de várias negras, suas crianças e dois ou três homens; seu negócio é um armazém-geral, uma hospedaria de estrada e um entreposto para todo tipo de produção local.

O barulho da chuva sobre o telhado de meu quarto desperta-me cedo e vejo que um aguaceiro mineiro desaba com todas as suas forças; a estrada transformou-se em uma série de cataratas de água barrenta amarela; não se vê uma alma, exceto no rancho em frente, de onde sobe a fumaça azul e figuras de pernas e pés nus, e cabeças e ombros envoltos em grossos ponchos de tecido azul podem ser vistas através da semi-obscuridade da luz da manhã que nasce e da chuva intensa, preparando a refeição matutina; como mostram os sons pipocantes da fritura do toucinho, os odores de bacalhau salgado sendo assado no espeto sobre a brasa ou, talvez, um pedaço de carne seca com aspecto de couro tostando nos tições.

As mulas retornam agora do pasto com os homens que haviam saído para buscá-las, uma multidão enregelada, enlameada, homens e animais encharcados, gotejando e cobertos de carrapichos. Reparo que meu velho burro está entre eles, e ele, para minha grande satisfação, se une aos demais no zurro comum ao avistar os embornais. É evidente que se recuperou, pois demonstra apetite para o seu milho.

Meu hospedeiro entra e, como a maioria dos mineiros em uma manhã úmida e gelada, toma seu golinho matinal de cachaça para espantar o frio, depois acende seu cigarro de fumo preto de Minas enrolado em um pedaço do invólucro seco – ou palha – do milho. O fragrante café preto chega logo após, e que delícia ele é nessas manhãs frias e úmidas! Só quem viaja por Minas pode saber. A chuva cai pesadamente até às 10, quando então as nuvens se afastam, a chuva cessa, um céu azul claro com nuvens brancas e fofas aparece, deixando apenas rolos de vapor cinzento a cobrir os picos das serras vizinhas. Meu anfitrião fornece volumosas instruções sobre o caminho a seguir; tento anotar suas informações, mas tudo se torna uma mixórdia de córregos, cercas velhas, morros, árvores velhas; vira para a direita e vira para a esquerda e segue reto, depois tomar tal estrada onde fica tal árvore, ou tal palhoça, ou tal cerca. Desisto e sigo o rumo do caminho segundo a direção geral das diversas trilhas. Minha conta do hotel ficou em 5 mil-réis (digamos, dez *shillings*).

Viajo por umas poucas milhas sobre uma região muito montanhosa e arborizada, até que, por fim, aproximo-me de uma parte do rio chamada "O Funil", onde uma serra importante atravessa a corrente,[3] transformando-a em um estreito canal de não

3. É a Serra dos Três Irmãos, uma cadeia de montanhas com altos picos, que forma um braço da grande cadeia central de Ouro Branco. Ela cruza o rio e segue para a divisão entre o Paraopeba e o Pará.

mais que cinqüenta pés de largura, através do qual as águas correm aceleradas, em um turbilhão de redemoinhos; os morros inclinam-se em precipício para o rio, cobertos de grandes árvores e trepadeiras gigantes de floresta virgem; a estrada é extremamente acidentada, passando por cima ou à roda de enormes penedos de minério de ferro, e interceptada por imensas raízes; em alguns pontos ela segue as encostas íngremes, quase suspensa sobre a corrente espumante no abismo abaixo, onde um passo em falso deverá inevitavelmente precipitar montaria e cavaleiro para a eternidade.

Paro alguns instantes para apreciar a cena, sob a sombra de altas árvores envoltas em trepadeiras imensas. É um lugar de grande beleza, seu encanto realçado pelo estrépito das águas; há rochas escarpadas, enormes pilhas de pedras musgosas incrustadas na folhagem circundante, trêmulas palmas cintilando em raios de esmeralda e ouro; dos penhascos pendem grandes e pequenas trepadeiras e rastejam flores de maracujá silvestre; troncos esquálidos como esqueletos estendem seus galhos cobertos de parasitas sobre a água; sob as árvores há uma sombra morna em que flutuam borboletas e insetos zumbidores, um retiro agradável contra o brilho das rochas, troncos e folhagem reverberando na luz intensa do sol.

O levantamento da ferrovia terá de passar por aqui, e será um trabalho de extrema dificuldade passar por este desfiladeiro. Na verdade, já a partir de São Gonçalo da Ponte, a linha não poderá deixar de ser muito tortuosa, e devido aos numerosos riachos que terá de cruzar e à configuração acidentada do vale, deve ficar necessariamente muito cara, e onde, ou como, se obterá um tráfego que pague as despesas de operação, isto sem contar os dividendos, é um problema de difícil solução.

Continuando minha jornada, mais adiante a estrada se torna execrável: poças de lama profundas ou amontoados de pedras, subidas e descidas abruptas marginadas em toda a extensão por grandes árvores frondosas e densa vegetação rasteira. Bandos de periquitos barulhentos ou papagaios verdes que gritam arrancam o viajante da sensação de sonho criada pela solidão destas sombras e o rugido monótono das águas.

Além do desfiladeiro, o vale se abre novamente, as encostas se tornam mais regulares, as árvores mais espaçadas e menos sobrecarregadas de vegetação rasteira; mas por todo lado há altas montanhas cobertas de florestas, um mundo de verdura e cores variegadas, imensas e viçosas árvores floridas, altos troncos pálidos e a conspícua folhagem verde-prateada das imbaúbas.[4]

Mais tarde, a estrada cruza o rio por uma ponte larga, boa e sólida, a Ponte do Jacaré; aqui a corrente flui placidamente de modo bem comportado. Há uma venda e umas poucas casas perto da ponte e diversas clareiras na floresta. Um de meus colegas está trabalhando nesta seção e mora em algum lugar na vizinhança. Informam-me que

4. *Cecropia*.

ele mora em uma fazenda abandonada, a Fazenda dos Mota. Devo seguir a estrada que sobe o morro afastando-se do rio e topar com uma grande plantação de milho a algumas milhas ou mais, entrar por uma trilha – "não tem errada" – e ela me levará à fazenda.

Como a maior parte das vendas de beira de estrada, esta possuía o estoque habitual de cerveja, sempre vendida como cerveja inglesa; mas em geral o único material ânglico aí são as garrafas. Neste caso, as cápsulas verdes de metal ortodoxas estavam ausentes, e as rolhas simplesmente amarradas com um barbante. Os rótulos exibiam a marca registrada em forma de pirâmide vermelha da *Bass*, e os nomes de engarrafadores conhecidos; mas a cerveja é nacional e péssima, apesar de pedirem três *shillings* por ela. A cachaça nativa atenuada com limão, água e açúcar é muito mais barata, mais gostosa, mais saudável e refrescante.

Prossigo por uma longa subida de uma "estrada de rodagem" larga (uma estrada para veículos com rodas, mas, neste caso, própria apenas para os robustos e pesados carros de bois); o solo agora é de rica argila amarelo-avermelhada, e os sulcos da estradas estão cheios de lindas pedrinhas de cristal de quartzo brancas, esfumaçadas; a vegetação não é mais a densa floresta, e sim um crescimento recente de árvores novas e arbustos. Na crista do morro aparece um imenso campo de milho, estendendo-se para um vale à direita. Vendo que uma trilha leva até ele, imagino que estou no caminho certo, mas logo descubro que ele se bifurca, e escolhendo das duas a mais batida, logo depois esta também se bifurca e eu me vejo em um perfeito labirinto (as plantas são tão altas que não consigo ver em frente); tento vários caminhos, mas todos parecem levar a outros caminhos; continua por um certo tempo e acabo positivamente desnorteado com o percurso, dando por fim com um velho casebre abandonado na extremidade do matagal. Lembrando agora que meu burro tinha carregado Mr. W. até a Fazenda dos Mota, resolvo confiar no instinto do animal; solto as rédeas e toco-o com as esporas. Ele imediatamente volta à estrada principal, segue adiante, com um ar de quem sabe o que faz, vira em uma trilha mais batida que corta a plantação, prosseguindo sem hesitar, desce o morro, sai do milharal, atravessa trechos de mato, entra em outra plantação, depois pára diante de uma porteira e finalmente leva-me sem erro a um grupo de prédios de fazenda; entro em um pátio aberto, em torno do qual ficam a casa, celeiros, moenda de açúcar, monjolo e senzala de uma fazenda deserta, uma *Bleak House* brasileira.*

O terreiro está tomado pelo mato e pelas árvores; as construções são velhas, manchadas pelo tempo e estão em ruínas; muitas molduras de portas e de janelas estão faltando ou parecem prontas a ser levadas por um vento mais forte; mas seguindo em direção à casa, vejo sinais de ocupação: galinhas cacarejam em uma varanda aberta,

* *Bleak House*, romance de Dickens acerca de uma propriedade disputada por herdeiros na justiça e cujo valor é todo consumido no processo (N.T.).

parte das paredes foi caiada recentemente, algumas portas foram repostas em seus lugares, alguém andou limpando um cantinho habitável. Esta fora uma casa imponente; sua estrutura é de tábuas maciças, firmes como quando foram armadas há mais de cem anos atrás, e agora um óbvio inglês sai de uma sala que dá para uma esquina da varanda arrumada, meu colega, F. Passados os cumprimentos, e atendidas as necessidades físicas de homem e animal antes de tudo, várias questões de interesse mútuo são discutidas e depois vamos inspecionar a residência.

A casa é um prédio longo de um único andar, cujo piso se eleva vários pés acima do chão; uma velha escadaria de madeira decadente leva do pátio em frente a uma ampla varanda coberta, que ocupa toda a frente da casa; várias portas e soleiras sem porta levam a diferentes apartamentos; no centro fica o antigo salão ou saguão geral; do lado oposto, outra porta leva a um antiquado corredor aberto que rodeia e dá vista para as antigas cozinhas no fundo; todos os cômodos são desprovidos de forro e abertos para o telhado, através do qual muitos raios de sol passam pelos numerosos buracos. As vigas da estrutura são todas maciças, tanto no assoalho, varanda, paredes e teto, todas quadradas a machado. Em uma extremidade da varanda, uma porta leva a uma capela particular, profusamente pintada, suas paredes adornadas com afrescos rústicos. Sobre o velho altar dilapidado, um deles representa a Virgem placidamente recebendo uma terrível adaga no peito, e outro mostra São Sebastião em uma pose e com uma expressão que demonstram indiferença total quanto ao fato de seu corpo estar perfurado por setas; este cavalheiro é tão freqüentemente encontrado em Minas, que é difícil imaginá-lo desacompanhado de sua tortura. Um mineiro não daria um vintém pelo melhor Sebastião que já se fez ou se pintou, sem suas setas; exige também uma generosa delineação de sangue escorrendo, e a auréola amarela é, naturalmente, indispensável.

Fora da residência principal, era lamentável ver como tudo estava caindo em ruínas rapidamente, e como a floresta avançava e escondia, como que por vergonha, os sinais de uma era passada de energia, dos olhos de um tempo agora mais decadente. Aqui se vê o velho monjolo, funcionando à toa e martelando nada, em vez do milho que deveria triturar. Este é um rude e primitivo aparelho de poupar o esforço físico. Na forma, parece um imenso martelo de madeira, equilibrado no meio do cabo sobre um pino; de um lado há uma concha oca, para a qual é dirigida uma corrente de água, e quando ela está cheia, o peso extra força-a para baixo e a água derrama; livre assim do peso, ela faz a extremidade de pilão retornar de repente a sua posição inicial, dando uma martelada no receptáculo feito para acolhê-lo, o qual pode ser enchido de arroz ou milho; assim ele continua dia e noite, enquanto correr a água, em uma monótona sucessão de baque – um rangido

– o som da água espirrando – baque – e assim por diante, que até há pouco tempo só era ouvido pelos pássaros de dia e pelos morcegos de noite.

Em um largo telheiro aberto adjacente ficam os vestígios de uma moenda de cana-de-açúcar movida por gado; os recipientes de cobre tinham sido removidos, mas, fora isto, permanece toda a parafernália rústica recoberta de ervas, fetos, musgo e mato, freqüentada por lagartixas brancas, rãs e morcegos; ao lado fica o velho depósito e a senzala, ou alojamento de escravos, tudo úmido, decrépito, mofado, musgoso e invadido pela vegetação.

F. tornara seus aposentos pessoais relativamente confortáveis; cal e um uso generoso de vassoura e água operam maravilhas, mesmo em uma velha fazenda brasileira abandonada. Eu soube então que havia tantos descendentes do último ocupante, cada um deles possuindo uma quota maior ou menor da propriedade, que se tornara impossível para qualquer um ou mais deles utilizar esta propriedade abandonada (mesmo se eles possuíssem individualmente o capital necessário para dirigi-la) sem que os outros herdeiros reivindicassem uma divisão dos ganhos resultantes da energia e esforços dos mais industriosos; no momento, eles utilizam as terras em extensão limitada, cada um cultivando em pequena escala, ou uns poucos associados, grandes plantações de milho, feijão, etc. O estado de coisas produzido pelo abandono dessa fazenda é primariamente causado pela distribuição forçada de propriedade entre uma família numerosa, depois subdividida em participações menores entre os descendentes de cada dos herdeiros originais. É o que se pode ver em um dia de marcha em qualquer direção em Minas Gerais, e a curiosa anomalia produz pobreza crescente com a crescente população de um país novo.

Prossigo como planejado em direção a Capela Nova. Os milharais e o mato são atravessados de novo, e sigo a estrada principal, e que, agora bem ampla, não pode ser confundida. O terreno eleva-se cada vez mais, seguindo uma longa cadeia de montanhas, com vales profundos e largos de floresta e matagal de cada lado, em cujos recessos vêem-se muitas silhuetas dentadas de serras, sendo os picos dos Três Irmãos sempre conspícuos por seus cimos em pináculo.

Capela Nova do Betim é avistada muito antes que eu a alcance. Sua longa rua de casas brancas e telhas vermelhas fica situada proeminentemente sobre um morro alto, cercado de vales fundos e de morros mais altos e cadeias de montanhas. A estrada desce da região alta que eu tinha atravessado, cruza um vale e sobe por uma ladeira larga e íngreme, com casas separadas, casebres e ranchos de cada lado. Chegando ao topo, ela se une a outra rua em ângulo reto, ou melhor, a uma longa praça aberta, com filas de casas de porta e janela amontoadas e uma igreja simples, caiada, em uma extremidade.

Há diversas vendas e armazéns de secos e molhados e ranchos abertos para tropas de mula. Em todos os espaços abertos há manchas de capim e mato rasteiro, onde foram jogados toras de madeira, pilhas de pedras ou pedras trabalhadas para construções que jamais serão terminadas. Uns poucos matutos, em seus matungos esquálidos, montados com seus dedões do pé enfiados em pequenos estribos e usando o inevitável poncho de baeta ou tecido azul listrado de vermelho; umas poucas mulheres negras ou mulatas vestidas com saias de algodão e xales espalhafatosos e batas brancas, apregoando frutas ou doces em tabuleiros de porta em porta; uns poucos vadios nas vendas e armazéns; algumas cabeças nas janelas assistindo apáticas à cena para a qual passam diariamente horas olhando e os numerosos porcos, bodes, cachorros, galinhas, perus e galinhas-d'angola da rua constituem a restrita vida presente nesta vila sonolenta.

Indicam-me uma casa grande e nova perto da junção da rua com a praça, construída em alinhamento com as casas adjacentes; ela ainda não foi caiada, e suas paredes nuas, marrons do reboco seco, parecem tudo menos confortáveis. Há três janelas sem vidraça e uma porta ocupando a fachada; uma cerca do lado encerra um longo amontoado em desordem de árvores frutíferas, mato e sarça, e se estende por uma boa extensão pelo vale lá atrás. Dentro, umas poucas escrivaninhas e mesas e cadeiras foram feitas ou tomadas de empréstimo, e em volta há uma confusão de rolos de papel, maletas, selas e arreios, roupas, botas, cronômetros e outros instrumentos, caixas de provisões, caixas de beberes, camas de campanha, palha e lixo em geral. Este é o quartel-general.

Logo após minha chegada, sigo com Mr. J. B. e seu intérprete, um português conhecido aqui como capitão Silvestre, para o boticário da vila, que nos fornece a refeição em uma salinha nos fundos de sua casa; um arranjo temporário enquanto se aguarda a chegada das provisões e da bagagem nos há tanto esperados carros de bois. O Senhor Ernesto, o boticário, é um indivíduo de aparência agradável e inofensiva, com cerca de trinta e cinco anos, aparentemente assolado pela praga de uma família numerosa de crianças barulhentas, agitadas e uma esposa rabugenta, pois tem um jeito atormentado e sorri tristemente quando falam com ele. É evidente que ele cresceu na estima de seus vizinhos por manter em sua propriedade o espetáculo gratuito de ingleses comendo. Havia um grupo de vagabundos diante de sua porta, evidentemente esperando por nós, exatamente como as pessoas que se agrupam diante da jaula dos carnívoros no Jardim Zoológico para ver os leões serem alimentados, pois quando entramos na casa, todos nos seguiram para o interior sujo dela e procuraram os melhores lugares para se sentarem ou se encostarem; lá nos cercaram – uma falange de olhar fixo em nós – com os chapéus na cabeça, mãos na cintura, ou metidas nos bolsos, encarando sem piscar, interrompidos apenas por freqüentes expectorações e, às vezes, nem assim. Sentamo-

nos para um suprimento farto de compostos gordurosos e irreconhecíveis postas de carne carbonizadas.

Perguntei a Mr. B. se esses visitantes o honravam com sua presença todo dia.

"Oh, sim; todo dia".

"Porque você não pede ao capitão Silvestre que o livre deste pesadelo?"

"Ele já pediu-lhes para manterem-se afastados, mas não adiantou."

O fato era que o capitão não desejava diminuir seu séquito de admiradores. Este homem é um personagem curioso: ele fora durante muitos anos *steward* a bordo de navios ingleses – seu inglês é naturalmente, em conseqüência disto, deveras naval; ele não pode pronunciar uma frase sem o uso generoso de adjetivos fortes e profanos, mais notáveis por sua originalidade do que pela adequação. Ele tem uma grande fluência verbal e uma noção vívida de sua própria importância. Posso ver claramente pela maneira como é tratado por vários habitantes que ele é sem dúvida considerado uma pessoa de posição elevada.

Quando Mr. B. passou por Congonhas do Campo, o capitão estava ausente. Mr. B. foi visitar um magnata local, um certo barão, para o qual trouxera cartas de apresentação; lá, para seu espanto, encontrou o capitão na maior sem-cerimônia tomando café com a família, a quem ele tinha se apresentado como um importante membro da expedição e, como tal, fizera-lhes uma visita, e, é claro, na qualidade de intérprete de Mr. B., tomou um cuidado especial para não desfazer o engano das boas pessoas.

À mesa ele nos informa agora que "uma das ---- daquelas mulas está doente de novo."

Após o jantar, solicito ao Senhor Ernesto que garanta um pouco mais de privacidade em seu estabelecimento. Ele demonstra surpresa diante deste pedido, dizendo que "o povo é muito manso" e que "é costume deles visitar a gente de fora", mas que, se não nos agradam, tentará segurá-los lá fora.

Eles são inofensivos como os campesinos broncos de olhos cravados na "dona gorda" em uma feira da nossa terra, todavia um viajante que toma sua refeição em uma estalagem no campo se sentiria muito desagradavelmente situado se o mesmo indivíduo invadisse o recinto da sala de café como nossos visitantes de Capela Nova; mas, por outro lado, é preciso lembrar que aqui somos alienígenas em um país estrangeiro, onde, se certos hábitos do povo parecem estranhos e desagradáveis para nós, as inconveniências devem ser suportadas com paciência, ou, se não podemos fazê-lo, melhor seria que tivéssemos permanecido em nossa terra. Essas pessoas não tinham a intenção de ofender e nunca imaginaram que estavam sendo intrometidas, ou que sua presença pudesse não ser aceitável.

Não consigo coletar informações históricas sobre esta vila, pois a maior parte dos acontecimentos da história de Minas Gerais ocorreu em uma ampla zona que se estende de Ouro Preto para o sudoeste. Não há prédios muito velhos na vila, mesmo a igreja ainda não tem cem anos de idade. A população é estimada em torno de 2.000 habitantes, o que excede em muito a realidade aparente. Suas amplas ruas se alastram por uma grande extensão; do topo do morro, uma delas segue por quase uma milha em direção ao Paraopeba, a metade final sendo uma série de casas destacadas, cada uma erguendo-se em meio ao seu próprio amontoado de árvores e arbustos; não há qualquer tentativa de se cultivarem jardins ou fazerem cercas bem acabadas e em ordem, ou sebes, ou alamedas, mas há uma vegetação descontrolada de plantas viçosas e floridas, moitas e árvores frutíferas, as últimas consistindo de jaboticabas, mamão,[5] goiaba, laranjas, limões, limas doces, romãs, figos, uvas, abacates,[6] sapotis[7] e, por toda parte, como se fosse um corretivo para o uso indiscriminado dessas frutas, a mamona.

Paralela a esta longa rua, cerca de trezentas jardas distante em direção ao sul, fica o Rio Betim, uma corrente constante de água escorrendo de uma declividade escarpada de gnaisse marrom – um motor esplêndido para muitos moinhos, no entanto há apenas um pequeno (para moer milho) que utiliza sua força. Em muitas casas há teares rústicos para tecer o algodão nativo em tecido grosseiro das Minas, que é largamente usado pelos habitantes para fazer camisas, paletós e calças e que é mesmo excelentemente macio, fresco e forte para a confecção dos dois últimos artigos. Há também umas poucas lojas para fabricação da viola (violão) nativa, ferreiros para fazer ferraduras e pregos, principalmente, além de uns poucos artesãos, como pintores, pedreiros, carpinteiros – o último é em geral um sujeito habilidoso, pois fará desde um carro de bois com suas rodas, rodas-d'água rústicas, ou trabalhos de marcenaria, uma porta ou uma arca, uma janela, até a construção de uma casa ou ponte. As duas ruas principais formam um T, a interseção sendo o topo do morro. As casas são todas térreas, construídas de adobe ou tijolos secos ao sol; algumas são caiadas, outras não; todas têm janelas sem vidraças e cobertura de telhas vermelhas, e a maior parte está enodoada pela ação do tempo e exibe grandes manchas de adobe marrom exposto pelo reboco e caiação despencados, e são em geral decadentes e desleixadas. Há dois ou três armazéns de mercadorias secas de bom tamanho, de propriedade de brasileiros brancos ou portugueses; estes homens são bastante prósperos – quer dizer, em comparação com seus vizinhos. A igreja está em condição tolerável, e dentro dela não há mais de seis cores diferentes; a capela-mor contém um altar vistoso, resplandecente de douração, tecido vermelho e ornamentos de ouropel, velas, flores artificiais, imagens e pinturas de santos. Do lado de fora fica a habitual cruz das vilas mineiras, portando todos os

5. A papaia, ou *papaw*, das Índias Ocidentais.

6. Os *alligator pears*, das Índias Ocidentais.

7. Chamados *sapodillo* nas Índias Ocidentais.

emblemas da "Paixão" – escada, esponja, coroa, martelo, pregos, lança, etc. – e encimada por um chantecler de madeira muito lenhoso.

Durante a primeira parte da tarde, diversos dos principais habitantes visitam Mr. B. ou o Senhor Diretor, como o denominam (alguns vêm de paletó preto, outros de paletó listrado de algodão mineiro); eles são bem intencionados, mas efusivos em seus protestos de afeição e disposição para ajudar, entretanto devem achar enfadonho conversar por intermédio do Capitão Silvestre. Algumas de suas traduções são muito engraçadas.

28 de fevereiro – Acompanhado por um Senhor Chico, um guia, parti por volta das dez esta manhã para uma certa Fazenda do Padre João, a dezesseis milhas de distância, onde disseram-me que eu poderia conseguir aposentos para minha residência durante os levantamentos do distrito. Um dia de verão claro, ensolarado e cheio de brisas saudou-nos quando começamos a descida do alto da vila; em volta do morro há vales de arvoredo e matagal, roças velhas e novas, para além das quais há montanhas e montanhas, grandes e pequenas, algumas verde-escuras devido às florestas, outras com as manchas de verdura mais clara das clareiras antigas e recentes. A descida é dura e íngreme; a estrada tem 100 pés de largura mas é cheia de buracos fundos, blocos de pedra, toras de madeira, moitas de capim e mato; várias violas soam nas casas de pau-a-pique – os habitantes espiam curiosos quando passamos; ao fundo há uns poucos ranchos grandes de tropeiros, alguns vazios, outros com tropas de mulas, onde os homens estão consertando rédeas e os arrieiros endireitando pregos ou ferrando os burros.[8]

Esses tropeiros são gente muito animada, estão sempre cantando suas canções em tom agudo, no acampamento ou na estrada, e esta ocasião não é diferente, pois rudes estribilhos improvisados nos chegam aos ouvidos quando passamos, sobre seus amores em Capela Nova ou outras paradas favoritas, ou observações pessoais sobre a nossa própria aparência. Agora subimos um longo morro de capim e mato e árvores esparsas por uma longa estrada acidentada de terra vermelho-fogo; chegando ao topo e olhando para trás, obtemos uma vista encantadora e pitoresca da vila e região circunvizinha. As águas espumantes do Rio Betim estão luzindo ao sol enquanto se atiram sobre a superfície marrom-escura das rochas em linhas de branco-neve; as casas brancas e os telhados vermelhos da vila, os diversos tons de verdura, o capim brilhante, os verdes ricamente variados das árvores e os verdes escuros e sombrios dos morros e serras cobertos de florestas ao fundo, com o céu claro e limpo no alto, e toda a natureza, os morros, as casas, as pedras e as árvores, brilhando na luz radiante, formam uma imagem vívida e esplêndida de forma e cor. Todos os detalhes estão minuciosa e nitidamente definidos mesmo a distância, as sombras das nuvens que passam caem aqui e ali

8. Os pregos são sempre vendidos tortos, talvez como prova de sua flexibilidade, imagino, e depois desentortados pelo arrieiro, quando a ocasião exige o seu uso.

sobre montes e vales, deslizando pelas encostas, cruzando os vales e ascendendo outros montes, dando suavidade e vida à cena.

Prosseguindo, logo entramos por uma longa extensão de floresta de segunda vegetação, que se estende por milhas, e cobre tanto morros como várzeas; muitas outras estradas se ramificam a partir da nossa e intrigariam terrivelmente um estranho, pois não há tabuletas amigas indicando o caminho; nenhum mapa da região pode ser obtido, mas meu guia poupa-me muita especulação. Finalmente chegamos a nosso destino, sem que tenhamos passado por uma única habitação desde que deixamos Capela Nova. A fazenda fica próxima do Rio Paraopeba e, como a fazenda dos Mota, é uma velha relíquia de tempos passados, mais prósperos. Há uma casa grande, amplas construções adjuntas, moenda de cana-de-açúcar e monjolo, currais e chiqueiros, mas tudo é velho, dilapidado e em ruínas; há um ar de solidão nela, que é tudo, menos animador, mas sua posição é conveniente para uma residência provisória, e isto basta.

O Senhor Chico bate palmas e grita "Ó de casa";[9] ele tem de repetir várias vezes antes que um homem quase branco, grenhudo e desleixado apareça à porta e pergunte "O que é?" Chico o cumprimenta como Senhor João, pergunta-lhe como vai indo e como vai a família, e passa a explicar a natureza das minhas necessidades. O Senhor João permanece o tempo todo com os olhos pregados em mim, como se eu fosse um ser de outro mundo. Depois eu começo a dar mais detalhes sobre o objetivo de minha visita, mas o Senhor João olha espantado para o Chico e diz: "O que é que ele está dizendo? Não consigo entendê-lo." Meu guia, que, naturalmente, só fala o português, tem de explicar repetindo minhas palavras, e os sons me parecem semelhantes, embora, sem dúvida, uma leve diferença de sotaque possa ter confundido a cabeça dura do Senhor João. Entretanto, depois de um tempo, a coisa foi melhorando e seguiu-se o seguinte diálogo.

"Oh! meu Deus! Não sei o que fazer. Quantos cômodos o senhor quer?" "Preciso de dois; mas se o senhor não puder arranjar dois, eu me contentarei com um." Oh! meu Deus! meu Deus! Não sei o que fazer." (Depois de uma pausa, ele abre a porta que dá para o interior enegrecido de uma sala, na extremidade da varanda da casa.) "Este aqui serve?" "Se o senhor não tiver um melhor, sim; mas quero que ele seja esvaziado, limpo e caiado." (Ele olhou para mim com surpresa, como se dissesse, ora, você é um homem muito esquisito.) "Bem," continuo "supondo que eu pague para que este cômodo se torne habitável, quanto você cobraria pelo aluguel, serviço e comida?" (Um olhar perplexo, e Chico tem de repetir a questão.) "Uai! Ora! meu Deus! Comida para ele – para ele! Ora!"(Ele coça a cabeça e fica imerso em profunda reflexão); finalmente diz que preferia que eu arranjasse um cozinheiro. Explico que quero estar livre de

9. O nosso *ahoi* náutico talvez derive desta expressão "O de", pronunciada como *hoyd*; e como outros termos como *mast*, de mastro, um poste alto e reto; *prow*, de proa, a parte traseira de uma nau; *cable*, de cabo, uma corda forte, e muitos outros foram originalmente fornecidos pelos antigos navegadores portugueses.

toda preocupação desse tipo, e que qualquer cozinheiro que eu pudesse obter teria apenas de providenciar o material habitual e prepará-lo conforme o uso da terra, como ele já estava habituado. De novo, Chico tem de explicar e reexplicar; mais uma vez o homem delibera profundamente, depois, dizendo que vai consultar sua esposa, retira-se para dentro de casa, deixando-nos ainda montados, sem convite para apear. Depois de alguma demora, ele volta, parecendo ainda mais indeciso. "Quantos outros virão?". "Eu peço apenas que providencie para mim." "Mas", com um grunhido, "você vai comer demais." "Meu amigo, confesso que tenho um apetite muito saudável, mas não acredito que exceda o de qualquer matuto comum." Ele olha incrédulo, diz "qual!", hesita, coça a cabeça, medita profundamente e, depois, levantando os olhos de súbito, aponta para uma velha, lúgubre senzala quase desabando – lugar que só serve para ser queimado, cheio de mofo, umidade, apodrecido e enegrecido; não há folhas nas janelas, as portas se apóiam nas paredes do lado de fora, quando existem, o interior é freqüentado por sapos, cogumelos e lagartos cinzentos. Olhei para ele para verificar se estaria brincando, mas não há um átomo de humor naquela face apática. "Não, eu quero o cômodo que o senhor me mostrou primeiro, e como está ficando tarde, por favor diga-me, o mais depressa possível, sim ou não, e quanto o senhor pede por ele." "Ora! não tenha tanta pressa; você deixa a gente agitada; quantos vêm com você, mesmo?" "Só eu." (Repeti novamente o que desejava, com toda a precisão e expliquei-lhe qual seria a despesa provável, mas ele só parecia cada vez mais confuso e tornou a se retirar para uma consulta. Quando saiu, propôs um outro cômodo melhor, o qual aprovei; depois parou para pensar e lembrou-se de que não poderia cedê-lo.) "Muito bem, deixe-me tomar o outro, então." "Oh, não consigo me decidir; você tem certeza de que aqueles lá fora não servem?" "É claro que não; diga logo quanto você quer pelo primeiro." "Ora! homem! você vai querer pelo menos quatro frangos por dia". "Não, não creio que daria conta disso tudo; já expliquei ao senhor do que é que eu necessito." "Mas o feijão é tão caro." "Não importa." "E depois o senhor vai querer pão." "Não, não vou." "Agora não é época de batatas." "Não tem importância. Quanto?" "Você não vai gostar da comida e – "Quanto?" "Nós não entendemos a sua – "Quanto?" "Eu não sei o que fazer e –" "Quanto?" "Ora! diabo, homem! deixe a pessoa falar; bem, eu irei a Capela Nova amanhã e lhe darei uma resposta." "Muito bem, se você quer fazer uma viagem desnecessária de dezesseis milhas, quando poderia dar-me uma resposta agora mesmo." "Adeus! até amanhã."

O sol está baixo no horizonte, e temos uma longa estrada escura pela frente. Chico aponta para as nuvens negras que se amontoam sobre os picos distantes da Serra e diz que teremos um temporal antes que possamos chegar; portanto tocamos os

animais a passo acelerado. Está quente e abafado, não há um sopro de ar, as folhas dos topos das árvores estão imóveis na calmaria antes da tempestade. O velho burro cinzento evidentemente não se recuperou de sua doença de dois dias atrás, pois vai ficando preguiçoso e responde com grunhidos e coices à aplicação da espora, anda cada vez mais devagar, à medida que a estrada vai ficando mais e mais escura; por sorte, assim que as luzes esmaecentes do dia desaparecem, chegamos ao topo de um morro e vemos as casas de Capela Nova a distância; mais além, vemos o fundo da paisagem já envolto em névoa cinzenta, e densas massas de nuvens negras estão descarregando seus líquidos em fios longos, largos e oblíquos; o trovão já reboa e os raios são intensos – golfadas de vento sopram em nossas faces, as nuvens se espalham sobre nossas cabeças – caem grandes gotas –, ouve-se um rugido distante – ela se aproxima rapidamente –, um terrível clarão – um ensurdecedor estrépito da artilharia celeste –, uma rajada violenta de vento frio, um rugido, e a tempestade está sobre nós; a escuridão cai simultaneamente e a estrada fica imersa na obscuridade circundante. Agora temos de confiar na sagacidade das mulas; o cinzento sente-se claramente refeito com a chuva e trilha seu caminho sem erro.

Lá vamos nós em frente, na escuridão, para onde, é impossível dizer, não fosse pelos clarões ocasionais do relâmpago que momentaneamente iluminam a estrada e a cena, mostrando-nos escuras massas de mato e cascatas cintilantes de água e árvores de aparência sobrenatural estendendo seus galhos sobre a estrada como espectros sombrios. A descida do morro é uma série de cataratas espumejantes; os minutos parecem horas; seguimos chapinhando. Freqüentemente, a sela desaparece sob mim, quando a mula escorrega em uma vala ou buraco fundos; há raios por toda parte, e tão brilhantes que parecem coriscar sobre meu impermeável. Agora estamos no sopé da montanha, patinhando em alguma corrente funda. Grito para o Chico, perguntando onde estamos, mas mal posso ouvi-lo em meio ao alarido – o borrifar, gorgolhar e rugir das águas, os estalos dos troncos e o farfalhar de árvores e galhos ao serem sacudidos violentamente pela fúria do vento e da chuva. Não posso ver minha mão a duas polegadas de meu rosto, mas ainda assim a mula prossegue sem parar; as rédeas só têm utilidade para ajudá-la quando ela se afunda nos numerosos buracos. Parece um tempo interminável, mas finalmente começamos a subir o que parece o curso de um rio, pois lutamos em meio a canais de água que jorram e borbotam sobre penedos, despencando em buracos. A mula é como um navio em uma tempestade, navegando tanto com vento de proa como de costado, rola de cá para lá, dá guinadas para a frente, depois sobe os degraus. Certamente estamos em meio à arrebentação, pois um farol aparece com uma luz constante. Não, é algum bom samaritano em uma casa à beira da

estrada, mostrando-nos uma luz, pois eles ouvem o som dos viajantes que passam; agora outras luzes aparecem em outras portas com o mesmo objetivo; elas são suficientes para mostrar que nós ainda estamos em terra, embora eu estivesse antes completamente à deriva quanto ao meu paradeiro. Reconheço que estamos subindo a rua principal de Capela Nova e agora se pode perceber como uma estrada destas pode criar tais valas e buracos, pois por toda parte as luzes iluminam enxurradas que se precipitam ladeira abaixo. Finalmente chegamos em casa cansados, doloridos e famintos, para descobrir que meu generoso anfitrião não providenciou qualquer jantar ou ceia para mim. Atravesso pesadamente a rua escura e lamacenta e acordo o Senhor Ernesto. Ainda não são oito horas da noite, mas ele e a família já estão todos deitados; entretanto os brados imperativos da natureza tornam o homem inconsiderado, e o gentil boticário abre uma janela, quando então sua luz se apaga imediatamente.

"Quem é?" grita ele.

"Doutor Diogo morrendo de fome".

Ele abre a porta e acende outra luz. "Ora! Senhor Doutor, o que é que o senhor está fazendo aqui a esta hora da noite?"

"Senhor Ernesto, se o senhor não me arrumar alguma coisa de comer imediatamente, as conseqüências serão sérias. Estou gelado, molhado, faminto e cansado".

Alguns biscoitos, sardinhas e cerveja Bass são retiradas de entre as drogas das prateleiras de sua loja, e ele expressa seu pesar por Mr. B. não ter lhe dito para deixar alguma coisa para mim, pois ele não sabia que meu retorno era esperado.

1º de março – Domingo de manhã. Realmente a vila apresenta uma certa aparência respeitável de domingo. A tempestade passou há muito, o dia está claro e cintilante, há um cheiro de frescor no ar e o lugar parece mais limpo, como se tivesse passado por uma faxina de noite de sábado. Há um movimento inusitado nas ruas, pois em lugar da aparência deserta habitual, elas agora são animadas por grupos de camponeses vestidos com suas melhores roupas, que vêm assistir a missa matinal; eles vêm à cavalo, sós ou de garupa, a mulher montada atrás do homem, ou vêm a pé; muitas das mulheres trajam a típica e antiquada capa preta de Minas, que dá a velhas e jovens a mesma aparência de anciãs; os homens estão todos vestidos com asseio, com paletós de algodão claro ou pretos. Muitos vieram a pé de distâncias consideráveis e, ao se aproximarem da vila, tanto homens como mulheres param para calçar os sapatos, reassentar os cachos oleosos e se "aprontar" de todos os modos antes de entrar na *High Street* de Capela Nova. Ao se observarem os rostos dos camponeses que passam, muitas expressões boas, saudáveis, honestas e simples são vistas; mas também muitos sem-

blantes pálidos, cabelos longos e grudados, untados com sebo derretido, a tez denotando dispepsia causada pelo consumo excessivo de alimentos gordurosos e indigestos, excesso de fumo, de bebida e de vida ociosa; mas alguns dos fazendeiros são sujeitos joviais e vigorosos. Muitos se dirigem para as casas de amigos, as mulheres todas desaparecem igreja ou casas adentro, os homens se agrupam nos armazéns e vendas que estão sempre abertos todos os dias. O sininho rachado da igreja martela furiosamente, em vez de repicar, e os devotos se reúnem; as mulheres ocupam o interior e se acocoram sobre o chão ladrilhado, os homens se congregam em torno das portas e ao longo das paredes. Um velho padre entoa o serviço com sua voz nasalada de taquara rachada; a parte musical é executada pelas mulheres em tons dolorosamente altos, assistidas pela orquestra de dois violinos, um cornetim, trombone e tambor; mas é tudo bem organizado, e talvez conduzido com mais sinceridade do que muitos ofícios dominicais em nossa terra. Acabada a missa, alguns vão para casa, outros vão visitar amigos da vila, e muitos dos homens vão jogar. Afinal de contas, que bênção deve ser esta pequena mudança para as pobres mulheres, trancadas como elas vivem, sem qualquer comunicação com estranhos e enterradas em tanta solidão de floresta e mato!

Quando voltei, encontrei o Senhor João esperando por mim, naturalmente com o chapéu na cabeça – que o povo da roça quase nunca se lembra de remover ao entrar em uma casa, todavia o levantam quase sempre ao serem cumprimentados ao ar livre.

"Como é, Senhor João, tomou uma decisão?"

Ele recomeçou com uma série de objeções e dificuldades, que eu interrompi imediatamente, informando-lhe que, como eu tinha alguns jornais para examinar, não estava com nenhuma pressa, mas que, quando ele estivesse *certo de sua resposta*, viesse me participar. Ele permaneceu em perfeito silêncio por bem um quarto de hora, as mãos inquietas mexendo aqui e ali, alternadamente coçando a cabeça e olhando para mim; por fim ele disse:

"Senhor!"

"Como é, está pronto?"

"Eu andei pensando nesta questão."

"É evidente – e daí?"

"Acho que o senhor devia pagar 400 mil-réis por mês". (cerca de £40)

"O quê? 400 mil-réis por mês? Ora, você nunca viu tanto dinheiro em sua vida! "

"Pode ser que não; mas eu sou um homem pobre, e dinheiro não é problema para o senhor – dá na mesma se tiver de pagar 4 ou 400."

O Senhor João logo partiu mais triste e mais sábio do que chegara, talvez pensando em como eram mesmo misteriosos os costumes desses ingleses.

Ao jantar, Ernesto nos livrara de nossos visitantes, e comemos em paz. Ele então me falou de outra localidade, a seis milhas de distância, onde achava que eu poderia obter acomodações confortáveis, e prometeu ir até lá comigo na manhã seguinte. Ficou combinado, e partimos no dia seguinte a sua procura; ao passar pelos morros e vales que atravessáramos na escuridão de sábado à noite, não pude deixar de sentir admiração pela inteligência ou instinto da mula, pois achei a estrada péssima já à luz do dia, especialmente uma ponte cheia de buracos sobre um riacho.

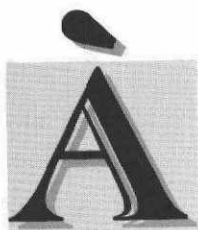
Uma cavalgada agradável por duas ou três cadeias de montes enflorestados, que correm paralelamente ao curso do rio, levou-me finalmente a uma fazenda de aparência confortável às suas margens.

A casa e outras construções eram todas velhas, mas em boa condição. Sob uma varanda em frente à casa, encontrei um velho forte, saudável e vigoroso, porém reservado, de cerca de 65 anos de idade. Ele imediatamente nos convidou a "apear", e quando lhe expliquei o que queria, chamou sua esposa, uma viçosa mulata clara de rosto agradável; depois de deliberarem juntos, eles me mostraram um cômodo agradável no interior da casa, prometeram mandar limpá-lo e caiá-lo e fornecer-me alimentação e roupa lavada por 40 mil-réis por mês. Fiquei bastante satisfeito e contente com o arranjo e decidi ficar e providenciar para que os defeitos, estragos e deteriorações fossem reparados imediatamente, embora até minha bagagem de estrada estivesse em São José. Requisitei a Ernesto que mandasse vir o Senhor Chico imediatamente, pois ele estava disposto a ficar a meu serviço. Três negros foram também contratados do meu senhorio, Senhor Joaquim da Silva, a 35 mil-réis por mês cada, os quais foram postos incontinenti a trabalhar no meu quarto. Todos os moradores se reuniram para assistir à cena inusitada de uma boa faxina; os negros criaram alento e trabalharam bem, e ao pôr-do-sol, o quarto estava limpo e reformado; móveis singelos foram colocados nele e pude contemplar o que seria o meu lar por várias semanas.

À noitinha chegou meu novo empregado, Chico, trazendo sua provisão por uma semana, uma sacola de carne-seca e farinha de milho. Acho que foi um bom negócio contratar este homem; ele é quase branco e particularmente bem apessoado, com cerca de vinte e cinco anos; seus modos são muito cativantes e corteses; ele é esbelto, gracioso, ativo e vigoroso, e, durante todo o tempo em que permaneceu comigo, achei-o perfeitamente confiável e fidedigno, e nem uma vez furtou-se a suas obrigações.

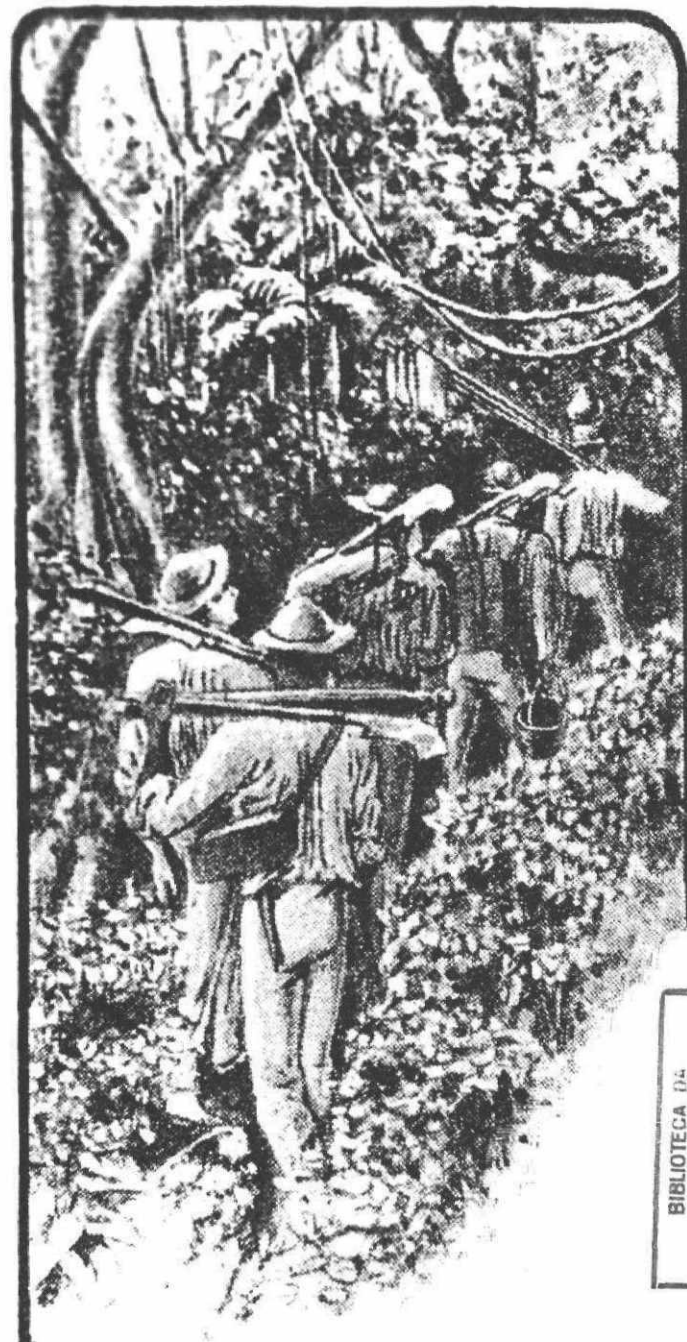
CAPÍTULO 5

LEVANTAMENTO DE MINHA PRIMEIRA SEÇÃO NO RIO PARAOPEBA

INÍCIO DO TRABALHO E INCIDENTES DO PRIMEIRO DIA – PROGRESSO LENTO E DIFÍCIL ATRAVÉS DA FLORESTA – A FLORESTA – PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS – O BRASILEIRO, EXCELENTE HOMEM DO MATO – CLIMA SAUDÁVEL E TRABALHO DURO – MEUS ANFITRIÕES – UMA PRAGA TERRÍVEL E INEVITÁVEL – ANIMAIS E PÁSSAROS DA REGIÃO – UMA ARMADILHA PARA HOMENS – COBRAS – UM TÍPICO DIA DE TRABALHO – OUTRO TORMENTO, O BERNE – APROXIMAÇÃO DA ESTAÇÃO FRIA – A VIDA NA FAZENDA MESQUITA – UMA HERDEIRA ARRUINADA – DOMINGO NA FAZENDA – O VALE DO RIO E SUAS CARACTERÍSTICAS – PEQUENA POPULAÇÃO – O BÓCIO MUITO DISSEMINADO – UM TEMPORAL – A ESTAÇÃO FRIA – VISITA DE UM COLEGA – VAMOS A CAPELA NOVA – UM PRETENDENTE A INGLÊS E SUAS DESVENTURAS – CUMES QUENTES E VALES FRIOS – SEGUINDO PARA O NOVO QUARTEL-GENERAL EM SANTA QUITÉRIA – DE NOVO OS MAGNÍFICOS CAMPOS – SANTA QUITÉRIA – RETORNO A MESQUITA – PERDIDO NA ESCURIDÃO – UMA POUSADA NOTURNA MUITO DESCONFORTÁVEL – DE CAMA COM SARNAS – SUA CAUSA E EXTRAORDINÁRIA CURA – PERDIDO NOVAMENTE – HOSPITALIDADE GENUÍNA – UM CASAL DE MÉRITO – UMA NOVA PONTE – POR QUE A MADEIRA É TÃO CARA NO BRASIL – UMA NOITE COM OS TRABALHADORES – CAÇADA DE ANTA – FIM DO LEVANTAMENTO DESTA SEÇÃO

Às primeiras luzes da aurora de 3 de março de 1873, encontrei meus poucos homens prontos e aguardando com foice e machado, que, junto com um bloco de bolso e lápis, uma bússola de prisma, relógio e minha mula cinzenta, eram o único material de que dispunha na ocasião para começar os levantamentos – não era muito, certamente, mas mais do que o suficiente para as necessidades imediatas.

Lembro-me bem daquele primeiro dia de trabalho, e de como estava delicioso o ar fresco da manhã, quando a névoa branca pairava baixa no vale e as águas quentes do rio subiam em nuvens de vapor coleantes na temperatura gélida; mas o sol levante, como um imenso globo vermelho de fogo, logo dispersou os fumos da noite e seus raios oblíquos fizeram cada lâmina de capim, cada folha, ramo e galho de arbusto e árvore brilhar como jóias quando as gotas pendentes de orvalho cintilavam aos primeiros raios de sol.

Depois de dar a Chico sua primeira lição de como seguir uma linha e mandá-lo começar a limpar o terreno de mato e árvores e formar uma picada – um longo caminho livre de obstáculos para a visão na direção exigida –, fui cavalgando na frente por uma trilha ao longo do rio, para examinar o terreno.

Por uma milha a trilha seguia por uma terra plana, coberta de peque-

Os camaradas indo para o trabalho.

nas árvores e moitas e muitas flores; entre os arbustos a espinhenta jurubeba,[1] de flores azuis como a mortífera erva-moura, e as folhas verde-claras e a fruta vermelha e redonda de uma espécie de *solanum*[2] eram os mais numerosos. Ao fim da milha, alcançava-se o Rio Betim. Aqui, do outro lado, o terreno mudava para íngremes montanhas cobertas de floresta. O vau ficava ao pé de uma pequena cachoeira que despencava de uns penedos de rocha de itacolomito; uma estacada fora construída sob a cachoeira, com uma abertura no centro, levando a um comprido balaio de lascas de bambu trançadas, fazendo uma excelente armadilha para peixes. Três peixes parecidos com pardelhas, os piaus, estavam dentro dela.

Esta armadilha pertence a Mesquita, e mais tarde tornou-se o meio de abastecer-me com um suprimento diário de peixe fresco de diversos tipos e qualidades.

Era um lugarzinho encantador; um pouco acima, o rio passava por um vale estreito e fundo entre montanhas com florestas escuras, grandioso em seu silêncio e variedade de forma e cor; massas de flores cobriam algumas árvores, azuis, carmins e douradas; madressilvas amarelas, convolvuláceas azuis e vermelhas, flores de maracujá púrpura formavam festões de galho em galho ou pendiam em longas cordas, com as extremidades tocando o rio; a temperatura deliciosa, o som das águas caindo e o chilrear dos pássaros adicionavam-se aos seus encantos.

Deixando o Rio Betim, a trilha subia uma montanha íngreme que se estendia até o Paraopeba e formava suas acidentadas margens em precipício.

A estrada tornou-se tão inclinada e cheia de curvas, que era necessário prosseguir a pé; finalmente chegou-se a uma elevação de onde longas vistas do serpeante Paraopeba podiam ser obtidas. Em todos os pontos, ele parecia preso entre altas montanhas, cobertas em parte de florestas, outras exibindo a peculiar vegetação mirrada das culturas abandonadas. O ar gelado do início da manhã tinha agora desaparecido, e a temperatura subia consideravelmente à medida que o violento calor do sol derramava seus raios escaldantes sobre florestas e vale, absorvendo a umidade da noite e do solo em colunas tremulantes de vapor transparente. As cigarras produziam seus penetrantes assobios por toda parte, e bandos de seriemas respondiam umas às outras dos lados opostos do vale, emitindo sons que se elevavam e diminuíam mais ou menos como o grugulejar dos perus e o latido de cachorros.

Depois de obter as informações e fazer as observações necessárias para esboçar um projeto, voltei para onde estavam os homens, que, para minha satisfação, haviam compreendido com presteza minhas ordens, mostrando considerável inteligência.. Apesar de um pouco cansado com a primeira experiência, e sentindo-me mais ou menos em brasa, o desjejum rústico à sombra das árvores foi intensamente apreciado.

1. Esta planta, encontrada em uma grande extensão por todo o Brasil, possui as mais inestimáveis propriedades medicinais e é largamente empregada pelos brasileiros para doenças do fígado, baço e estômago; em conjunção com o caju é um específico para o reumatismo.

2. A fruta desta planta é usada às vezes para fazer sabão.

Os próximos dias foram despendidos na execução de diversas milhas mais de esboços e em dirigir a abertura de picadas; as últimas haviam entrado pelo terreno densamente arborizado e íngreme paralelo ao Paraopeba, no extremo do Betim, onde, devido a sua natureza acidentada e o curso sinuoso do rio, minha presença era indispensável para controlar e mudar, conforme a necessidade, a direção das linhas de levantamento. Era um trabalho entediante, pois só podíamos progredir muito lentamente na vegetação fechada; os homens trabalhavam bem, mas enormes árvores obstruíam a rota, grandes demais para serem cortadas e exigindo muitos desvios; cada árvore que era derrubada trazia consigo uma massa de trepadeiras e folhagem entrelaçada a ela . Há muito poucas flores na vegetação rasteira da floresta; elas só florescem bem no alto ou às margens da floresta, onde o sol pode alcançá-las, mas há numerosas coisas de interesse, cores variadas e folhas curiosas, trepadeiras e parasitas de estranhas formas, orquídeas, imensas árvores arqueadas, odores aromáticos ou acres, o mais comum dos quais sendo um cheiro apimentado forte que parece ser comum a muitas plantas, como a canela-cheirosa,[3] o sassafrás[4] e a embira-vermelha.[5] Os insetos, por si só, oferecem um vasto campo de estudo, pois há besouros grandes e pequenos, pretos, verdes, azuis e pintados; há também uma bonita borboleta de longas asas estreitas e negras com as pontas vermelhas, que quando voa no escuro dá a impressão de dois olhos ameaçadores flutuando. Há mosquitos azuis-metálicos e mosquitos com pintas cinzentas, felizmente não em grande número, mas o suficiente para manter a pessoa em movimento, pois assim que se senta por um momento uma gentil picadela insinuante é sentida, como a sugerir que se "dê o fora". Os carrapatos grandes também não estavam de forma alguma ausentes, podendo-se catá-los às vintenas da roupa, ou ocupando a pessoa com os esforços de persuadi-los a desgrudar de seu corpo, infligindo todos os tipos de tortura no inseto com fósforos, nicotina, ou rolando o inesmagável corpinho entre os dedos, mas nunca um mártir cristão foi tão obstinado em resistir aos tormentos, o corpo encouraçado se agarra pela probóscide empedernidamente – parece mesmo gostar de ser espremido, até que se perde a paciência e se puxa o inseto para fora, deixando suas presas supurando na pele e prometendo transformar-se em uma ferida grave.

Há formigas grandes e pequenas, pretas, marrons, vermelhas e brancas, que picam e mordem com graus variados de veneno. Só a este inseto se poderia dedicar um capítulo, e especialmente sobre como eu uma vez presenciei uma batalha campal entre um exército de formigas pretas e as saúvas carregadeiras de folhas. As pretas estavam ganhando durante um tempo, porém os enormes soldados das saúvas traziam violenta devastação às fileiras do inimigo; com suas enormes mandíbulas, eles arrancavam cabeças e pernas de seus oponentes que, após uma longa e valorosa luta, recuaram igno-

3. *Oreodaphne opifera.*

4. *Nectandra cymbarum.*

5. Xylopia *sp.*

miniosamente. Muitas espécies de formigas abrem verdadeiras avenidas no chão, limpando-o de cada folha ou capim; as veredas, freqüentemente de um pé de largura, podem ser seguidas por distâncias inconcebíveis.

Há ainda as grandes varejeiras azuis, que depositam uma larva que gera um inseto[6] na epiderme da pessoa e que, na expressão vulgar, a "apodrece".

Há muitas variedades de abelhinhas pretas não maiores que uma mosca doméstica – abelhinhas caridosas que fazem um ótimo mel e não picam; e raramente se passava um dia em que não encontrássemos uma colméia de abelha manda-saia. É realmente incrível como os homens a descobriam; acredito que eu poderia passar uma semana na floresta sem descobrir uma colméia. Isto se faz observando uma abelha quando ela rodeia um tronco aparentemente sem propósito ostensivo; de repente, ela desaparece, e um olho habituado pode distinguir um buraquinho no tronco do tamanho de uma ervilha, e batendo no tronco ver-se-á que ele é oco na vizinhança do buraco; se a árvore é derrubada e o oco escavado com um machado, ver-se-á que a cavidade contém uma massa de bolas de cera fina marrom, aproximadamente do tamanho de uma noz grande, cheias de um mel delicioso e fragrante, muito superior ao da abelha comum inglesa. As abelhas voam à nossa volta em miríades, mas não nos incomodam senão por serem pegajosas, pois são tão pegajosas que parecem ter acabado de sair de um pote de mel.

Nestas florestas à beira-rio, perturbamos muitas tocas de capivara e muitas vezes as vimos ou as ouvimos mergulhar os corpanzis desajeitados com um borrifo barulhento no rio e desaparecer de vista.

Eu havia começado o trabalho com picadas sujas, isto é, deixando muito da vegetação cortada pelo chão; mas isto é um erro e uma falsa economia, pois à medida que nos afastávamos mais e mais da fazenda tornava-se um trabalho muito fatigante ao fim de um longo dia de trabalho, traçar nossos passos sobre as pilhas de galhos e sarça; e os homens estavam sempre pegando espinhos em seus pés e pernas nus; além disso, uma picada limpa permite uma utilização mais cuidadosa da cadeia.

É muito interessante observar esses homens trabalhando; nunca vi os famosos desbravadores americanos, mas não acho que eles possam superar o habilidoso matuto brasileiro no trabalho geral de limpeza de florestas; cada pancada do facão ou do machado é aplicada exatamente onde deve ser, e é raro que ocorra um deslize. Quando é preciso derrubar uma árvore grande, os lenhadores dão uma olhada à volta e para o alto e calculam exatamente onde ela cairá, colocando-se do lado oposto do tronco. Pronto, os machados caem com golpes certeiros e medidos, cada pancada poderosa e exata, ritmadamente; os homens gritam entre os golpes qualquer coisa que lhes ocor-

6. O berne, ou mosca tsé-tsé brasileira.

ra, "Ô, pau duro!", etc., a velocidade aumenta, os golpes caem mais depressa, uma abertura bem feita em forma de cunha aparece de cada lado; de repente ouve-se um estalido inesperado, como a detonação de uma pistola, e o tronco se move, e lá em cima há um roçar de folhagens, um retesar das trepadeiras entrelaçadas; os machados são agora aplicados com energia redobrada, e as lascas voam para todo lado; mais um estampido, alguns golpes mais, e aí, com um estrondoso rangido, o majestoso tronco dobra-se à sua sina e, entre os gritos dos homens, tomba subitamente, carregando consigo um carregamento de cipós e mato, esmagando todas as árvores pequenas em seu caminho, e lá fica a apodrecer, uma esplêndida tora de madeira freqüentemente valiosa para a marcenaria.

Depois dos primeiros dias na floresta, quando a novidade começa a se esgotar, muitas horas se passam lentamente enquanto se aguarda o progresso demorado da picada pelo labirinto de cipós e sarça, e assim, para passar o tempo de maneira ativa, eu trazia comigo um machado e uma foice; houve muitas risadas quando de minhas primeiras tentativas e insucessos, pois tornei-me algo do que se precaver, e um indivíduo muito perigoso para quem quer que estivesse por perto – e mesmo para minha própria pessoa, além do que, o exercício desusado desenvolvia uma estranha sensação de enrijecimento nos braços; no entanto, eu persistia e, depois de alguns dias de prática, podia trabalhar por várias horas sem sentir qualquer tensão.

Lá fora no mato aberto e no cerrado, os raios do sol são poderosos, mas à sombra das florestas o ar é úmido e frio; no sol, sentimo-nos assar, e a pele escurece e empola; aqui, fica-se suado e descorado.

À medida que progredimos pela floresta, cruzamos muitos arroios de água maravilhosamente límpida e fria, que deslizam sobre pedras limosas e entre margens de delicadas samambaias, vindos dos regos da encosta íngreme. Às vezes temos de escalar os esporões pedregosos e abruptos das montanhas, ou executar proezas ginásticas, engatinhando ao longo de ou sob os penhascos acidentados, quase sempre suspensos sobre o rio. Que belo lugar para se construir uma ferrovia econômica!

O trabalho dos primeiros dias era muito cansativo, pois leva tempo para acostumar os músculos ao esforço desusado. Felizmente era assim, senão as noites teriam sido muito tediosas, sem jornais ou livros e nada para fazer a não ser ouvir a charla do Senhor Joaquim. Mas meu anfitrião e sua esposa eram na verdade pessoas muito bondosas, que faziam o que podiam para satisfazer os meus desejos tanto relativos à acomodação quanto à comida, e eu realmente não tinha do me queixar; eles me forneciam um suprimento generoso e variado de comestíveis, com abundantes legumes e verduras nativos.

Oito dias após o início dos trabalhos, minhas malas e instrumentos chegaram de São José, e muito bem-vindos foram eles, pois eu tinha pouco mais do que a roupa do corpo. Foi uma festa para meus anfitriões ver-me abrir as malas e examinar seus diversos conteúdos; nunca meninos de escola assistiram com mais avidez um colega abrir um pacote de presentes do que esse excelente casal – seus "uais"[7] de surpresa a cada artigo eram constantes, não importa o que fosse. A excitação da novidade se estendeu por toda a fazenda, e eu fui forçado a despachar do quarto uma superabundância de visitantes.

Subindo o vale do rio nos levantamentos, as picadas atravessaram o pasto do gado da fazenda; ali encontrei uma terrível praga em forma de imensas quantidades de carrapatinhos "miúdos", como eles são chamados, do tamanho de um grão de pimenta moída; cada tufo de capim e cada moita estavam infestados deles; eles pendiam das folhas ou do capim em pequenas bolas redondas, e ao mínimo contato com o passante espalhavam-se imediatamente em enxame sobre suas roupas, como uma gota de álcool, espírito volátil sobre uma superfície gordurosa. Vivíamos perpetuamente dançando, esfregando-nos e coçando-nos, batendo com ramos nas roupas; a irritação era de enlouquecer; tínhamos de fazer fogueiras de lenha verde, despirmo-nos e ficar de pé sobre a fumaça, depois pular no rio enquanto nossas roupas fumigavam; este procedimento tinha de ser repetido várias vezes por dia, e ao voltar para casa à noite era necessário tomar um banho de banheira em uma solução de tabaco e água, e depois, para evitar a absorção de nicotina, um outro banho de água fresca.

Felizmente, o pasto não se estendia por mais de mil jardas, além de onde começava a capoeira fina, ou crescimento recente de árvores, mato e cerrado; mas lá encontramos outra variedade do abominável inseto, os "vermelhos", do tamanho de uma cabeça de alfinete. Embora não tão numerosos quanto os "miúdos", existem em número mais do que suficiente e são muito mais difíceis de se livrar deles do que seus irmãos pequeninos. Água de tabaco e fumaça é o único remédio infalível, mas era preciso levar adiante o trabalho, e o ardor e a irritação tinham de ser suportados filosoficamente até a noite, quando os banhos de tabaco e água fresca aliviavam consideravelmente o incômodo; mas, mesmo assim, uns poucos conseguiam escapar e acompanhavam a pessoa até a cama, tornando sua presença perceptível assim que ela começava a cair no sono.

À medida que as picadas se afastavam da vizinhança dos pastos, essas pestes desapareciam; mas havia muitas outras delícias para nos manter interessados, pois ocasionalmente os homens, sem querer, buliam em uma casa de marimbondos. Aí, era um tal de pular, estapear e bater com os pés; estávamos cercados de agulhas furiosas perfu-

7. Pronuncia-se como *wise* ou *why*.

poderia ter criado um belo círculo de divertimento para seus inimigos especiais; arder e congelar perpetuamente deve ser bem monótono em comparação.

Esta região é muito bem suprida de vida animal. Víamos com freqüência os rastros do veado mateiro, pequeno e delicado como uma gazela, tapires são raros, mas capivaras[8] são abundantes e a maldição dos fazendeiros, pois destroem uma quantidade considerável de plantações ribeirinhas.

Um incidente engraçado aconteceu uma tarde, quando eu voltava para casa pela picada. Eu acabara de atravessar um grande milharal à beira do rio e, não tento visto há algum tempo um dos meus homens, o que levava meu teodolito, e ansioso pelo bem-estar do instrumento, fiquei esperando por ele. Depois de algum tempo, não tendo visto sinal dele, voltei sobre meus passos, chamando seu nome de quando em quando; por fim uma voz respondeu, aparentemente de bem perto:

"N'hor."
"Onde é que você está?"
"Aqui".
"Onde?"
"Aqui".
"Onde é aqui?"
"Aqui no alforje."
"O que é o alforje?"
"Aqui, no alforje."

Eu não sabia então que alforje (bolsa) era também uma palavra usada para armadilhas e, assim, segui a voz. Ela levou-me à cerca do milharal que eu estava atravessando. De repente, uma voz pareceu sair do chão junto a mim. Percebi então uma grande abertura na cerca, e em frente dela um enorme buraco no chão, parcialmente coberto com varas e capim. O homem estava no fundo. Ele caíra em uma armadilha preparada para as capivaras e torcera muito gravemente o tornozelo; meu teodolito tinha sido atirado para a frente no chão acima do buraco e estava inteiro, felizmente, pois o tornozelo pode ser consertado, mas não o teodolito, se ficasse muito estragado, pelo menos não nesta região. Poucos dias depois, passando pelo mesmo lugar (a armadilha havia sido coberta de novo neste meio tempo), encontramos desta vez uma capivara grande no fundo. Os homens cortaram varas compridas e a mataram com regozijo e satisfação, gritando: "Ô, bicho do diabo! Ô bicho à-toa ! Toma! Toma! Toma!!! Agora está morta, toma mais uma!"

8. *Hydrochoerus capibara.*

O chão era freqüentemente furado por buracos de tatu; algumas vezes avistamos esses animais, caçamo-los e os capturamos, pois têm uma carne muito gostosa, mas se apenas o animal conseguir enfiar sua cabeça no buraco e levantar algumas placas da sua armadura para se segurar nas paredes e meter as patas dianteiras na terra, nem o mais forte dos homens conseguirá puxá-lo pelo rabo; o rabo pode até ser arrancado, e as vezes o é, mas o animal alcançará seu esconderijo. Há também uma abundância de pacas,[9] pois elas são ocasionalmente trazidas para se venderem na fazenda, e não há melhor carne de caça do que a deste saboroso roedor. Disseram-me que em alguns pontos do rio elas são muito abundantes. Há ainda cutias, preás, quatis, que víamos freqüentemente nas picadas limpas, e quase de hora em hora vêem-se imensos camaleões, de dois pés de comprimento, suas cores brilhantes vibrando como um lustre metálico. Jaguares (onças pintadas) já foram abatidos na floresta, mas agora são raramente encontrados; a onça preta, a mais terrível, é ainda mais rara. Estes animais são um assunto inesgotável de conversa entre o povo da roça; ouvem-se os casos mais maravilhosos de suas proezas e ferocidade, e sobre viajantes e caçadores que escaparam por um triz.

Na floresta, ouvíamos da manhã até a noite as altas notas que sobem e descem dos gritos, grugulejos e alarido das seriemas, aves parecidas com o serpentário africano, embora menores, e sem as longas penas de trás da cabeça, que valeram o nome inglês de "ave secretária" a este último.

Passarinhos pequenos existem em grande número e variedade. Nos pátios abertos da fazenda e pelas estradas freqüentemente se reúnem bandos de pombinhas marrons e cinzentas, mais ou menos do tamanho de um tordo, junto com numerosos canários, castanhos, amarelo e castanhos, e amarelo e vermelho, e cardeais de cabeça vermelha. Em algumas árvores, havia enormes bandos de uma espécie de melro,[10] muito similar em aparência e canção aos melros ingleses, que sustenta um assobio incessante de notas suaves; havia bandos de periquitos tagarelas e, aos pares ou isolados, o vistoso sangue de boi, o trabalhador e falante joão-de-barro, um pássaro muito respeitável que dizem seguir fielmente o quarto mandamento e não trabalhar aos domingos. O canto melancólico, monótono, mas doce, do sabiá,[11] ou tordo brasileiro, também se ouve o dia todo em todas as direções. Das aves de caça, as mais comuns são os jacus,[12] mutuns[13] (o rei das aves de caça brasileiras); as pombas do mato; pombos-torcazes, inhambu-açus,[14] caiçaras e xexéus[15] e, voando de arbusto em arbusto em linha reta com as asas estendidas e um grito como o de um gato, ou pousados nos lombos do gado, alimentando-se dos carrapatos inchados, há vintenas de anus pretos,[16] lembrando talvez papagaios pretos. Lá no alto do céu azul, giram e volteam em longos e rápi-

9. *Coelogenis paca*.

10. *Merula flavipes* (?).

11. *Turdus orpheus*.

12. *Penelopes*.

13. O curaçau de topete, *Ourax pauxi le hooco*, do México.

14. Uma espécie de Tinamus.

15. *Cassicus persicus*. O tordo-dos-remedos brasileiro.

16. *Crotophaga ani*. O melro de bico em lâmina da Jamaica. O *Cacalototl* do México. Em Caiena, o *Boulleur de Canari*. Nas antilhas, *Bouts de petum*, *Amangona diables de Savannes*, e *Perroquets noirs*.

dos círculos os negros urubus de carniça ou urubus-campeiros, ou um gavião paira a meio ar, antes de mergulhar em seu arremesso fatal sobre uma pequena e tímida preá. As cobras não são de modo algum tão numerosas no Brasil quanto se costuma crer; mas a cada dois ou três dias damos com uma grande e inofensiva cobra-verde de São João, ou uma inofensiva cobra coral de cor brilhante – o maravilhoso brilho de suas cores, quando um raio de sol cai sobre ela, não há coisa mais linda na natureza.

À sombra das árvores dos bosques de crescimento recente desta região vê-se freqüentemente uma espécie desconhecida, até onde eu sei, de aranha de estranha beleza. Seu corpo e cabeça, de cerca de três quartos de polegada de comprimento, lembra prata fosca, crivada com filas de incrustações de ouro e esmeraldas. Suas pernas parecem feitas de fios de ouro. Ela constrói uma teia grande e forte, de três pés de diâmetro. As fibras da teia lembram exatamente ricos fios de seda crua e resplandecem com surpreendente brilho como ouro brunido. É tão forte que oferece palpável resistência a quem passa por ela. Coletei uma certa quantidade do fio, que enrolei em pauzinhos tão facilmente quanto um fio de seda crua. A grande borboleta de cara de coruja,[17] que adora esses recantos sombreados, é aparentemente o alimento favorito do inseto, pois diversas vezes encontrei suas asas nas malhas da teia.

Com exceção das pestes de insetos já mencionadas, o trabalho era realmente agradável, e o clima e a paisagem encantadores, embora o sol pudesse ter sido, sem inconveniência, um pouco menos enérgico em sua ação. O solo do vale não é tão inteiramente fértil quanto à primeira vista se é levado a acreditar, pelo aspecto da vegetação que cobre com fartura o terreno. Em muitas, talvez na maior parte da área do vale, há numerosos e ricos tratos de húmus vermelho-escuros, similar ao solo de argila vermelha dos distritos cafeeiros da província do Rio de Janeiro, e também, aqui como lá, profusamente salpicados de pedras de gnaisse e granito; mas em muitos lugares há um subsolo rochoso, só coberto com uma camada fina de terra; todavia, mesmo lá, muitas árvores de magnitude considerável se desenvolvem. *Pluvius* favorece muito generosamente estas paragens com suas oferendas beneficentes, e a conseqüente umidade e calor constante têm necessariamente de desenvolver a vegetação onde quer que haja solo para criar raízes. Entre os blocos de rocha que aparecem nos riachos e nos campos e florestas, estão o calcário, massas nodulares de argila, minério de ferro, pedras de arenito duro e grosseiro, muitas variedades de quartzo e pedras representando o ambíguo itacolomito.[18] Foi encontrado estanho nas areias do Paraopeba, a única localidade em que foi identificado no Brasil.

Segue-se agora uma descrição modelar do que era um dia de trabalho comum. Ao romper da aurora eu saía pela semi-escuridão e neblina, por entre a vegetação gote-

17. *Noctua strix.*

18. Este nome é freqüentemente utilizado tanto pelos nativos como pelos geólogos, para espécies distintamente diferentes de rocha, desde a micaxisto à ardósia de ferro dura e a um arenito flexível.

jante de orvalho, até um alagamento do regato que servia antigamente para mover a roda de água da velha moenda de açúcar da fazenda, que há muito já deixou de funcionar; aqui tomava um excelente banho, para grande espanto do pessoal da fazenda, que abjura religiosamente uma água tão fria; então monto na mula e vou atrás dos homens, que já partiram. Essas cavalgadas de manhã cedinho são particularmente agradáveis; vamos pela floresta, em parte iluminada pelos raios do sol, em outros pontos obscurecida sob massas deslizantes de neblina, o capim coberto de orvalho pesado como uma geada, cada folha gotejante um arco-íris de luz; os homens em frente formam pitorescos grupos, cada um bastante carregado de fardos, tais como as bandeirolas de alinhamento multicores, foices, machados, instrumentos, frigideiras, cafeteiras para o desjejum e cabaças para água. Chegando ao nosso destino, às vezes a várias milhas de distância, os abridores de picadas seguem com seu trabalho de demolição, limpando o terreno de capim, mato e árvores; cai tudo por terra: muitos troncos de madeira de lei, lindos palmitais, ou xaxins, ou flores, ou arbusto em flor, diante dos implacáveis foice e machado, destinados a apodrecer ou se transformar em morada de formigas, besouros e lagartos. Uma novo alinhamento é iniciado, ou leva-se adiante um antigo, ou às vezes é necessário embrenhar-se pelo emaranhado de vegetação baixa intermediário, para ver como se estende o terreno, e esperar uma hora ou mais para dar uma nova direção à picada; logo que posso me desvencilhar, cavalgo até um outro ponto, onde está o pessoal da cadeia de Gunter, e prossigo com o trabalho usual de teodolito, nível e cadeia. Às 8 horas da manhã, uma negra velha da fazenda encontra-se com meu desjejum pronto em uma área predeterminada, onde foi feita uma fogueira; e, despachada minha refeição solitária à moda de piquenique, trabalhar até às 5, dividindo o tempo entre o pessoal da cadeia e o pessoal da picada. Por volta das 6, ou ainda mais tarde, chegamos à fazenda; outro banho, um jantar bem substancial e depois trabalhar a noite toda; mas às vezes o trabalho do dia foi tão pesado que se torna impossível fazer o trabalho da noite, ou, então, a irritação das picadas de insetos e ferroadas impede qualquer trabalho sedentário. Por sorte, as temperaturas da noitinha e da madrugada são deliciosas, a pesada umidade e a névoa noturnas fazem descer o termômetro até 70º; durante o dia ficam entre 78º e 84º. Em geral, meu tempo era todo tomado, caso contrário, esta vida inusitadamente solitária seria irritante de suportar. A princípio, eu costumava trabalhar aos domingos, mas logo descobri que depois de seis dias de trabalho duro, o sétimo se torna indispensável como dia de descanso, sem considerar todos os motivos religiosos.

As semanas voavam com espantosa rapidez, e eu estava longe de me sentir satisfeito com o progresso dos levantamentos. As picadas já abertas tinham sido medidas

há muito tempo e sua progressão era regulada pelo longo tempo necessário para abrir um caminho em meio à densa mata; muitas horas eram gastas com o machado, pois não havia mais nada a fazer, já que eu não podia abandonar a direção dos trabalhos; havia entretanto muitas milhas de mata fechada à nossa frente, muitas delas de floresta virgem, um perfeito labirinto de cipós entrançados e árvores gigantescas, onde éramos como pigmeus lutando contra obstáculos sempre recorrentes, às vezes um imenso penedo, às vezes uma árvore gigante, ou uma massa intrincada de cipós que exigiam mais de uma hora para limpar umas poucas jardas. Mais tarde surgiu um novo tormento, em forma do número considerável de moscas-de-berne, a já mencionada "varejeira-azul". Minha primeira experiência com esse bicho ocorreu uma noite, quando, trabalhando em minhas plantas, senti uma fincada aguda e dolorosa no peito, como uma espetadela de agulha na carne nua. Examinando o local, não vi nada além de um leve pontinho vermelho; sem me importar, prossegui com meu trabalho; logo após, senti outra fincada no mesmo lugar; fiquei intrigado quanto ao que poderia ser, e enquanto cogitava sobre o assunto, recebi mais duas ou três picadelas, quando então chamei o velho Joaquim, que declarou ser um berne.

"Diacho, mas não se vê coisa alguma: como é que o senhor vai fazer para tirá-lo, ou será preciso escavá-lo?"

"Oh, não, vou lhe mostrar;" e arranjou duas pedrinhas, com as quais operou, espremendo a habitação do inseto entre elas, continuando a espremer por alguns minutos. "Lá vem ele," gritou por fim, e aí mostrou-me um vermezinho branco de cerca de um quarto de polegada, como um pedacinho de algodão branco com uma bolinha na ponta.

"Palavra, seu Joaquim, seu país é deveras encantador."

"Ah, disse ele, esses bichos são muito perigosos, pois às vezes ficam esmagados quando tentamos tirá-los e aí ocorre uma ferida e muitas vezes mortificação, e a gente quase sempre vai para o outro mundo".

Mais tarde acostumei-me totalmente a eles, e tirava um ou dois por semana; mas suplantei o método bárbaro de extração por meio de pedrinhas, fabricando uma massinha dura de sabão e açúcar, e cobrindo o pontinho vermelho, com o qual suspendia o suprimento de ar do inimigo; isto se mostrou um remédio excelente e infalível, pois poucos minutos depois o "bicho" era encontrado grudado na massa, tendo saído para verificar qual era o problema. É provável que qualquer massa sirva, mas lembrei-me de que sabão com açúcar é um conhecido emplastro que as velhas usam para "extrações"[19].

A única variação na monotonia da rotina diária era uma ida ocasional a Capela Nova aos domingos, para visitar Mr. B., e resolver questões relativas ao trabalho. Ao fim,

19. Estas larvas desenvolvem-se até um tamanho enorme no gado e nos cães, às vezes duas polegadas de comprimento e um quarto de polegada de diâmetro, e sua pele é extremamente dura. O gado apresenta às vezes aparências horríveis: imensas massas de feridas. Os cães costumam suportar considerável dor na extração, e lambem a mão do operador. Soluções de fumo ou mercúrio são usados em forma de loção ou pó para destruir os parasitas.

Capela Nova parecia-me um centro de civilização e refinamento, e o colarinho e gravata eram totalmente *de rigueur*. Mas, de fato, era sempre uma visão agradável contemplar a congregação de gente do interior decentemente vestida, tão ordeira, sossegada e bem-comportada, e não se pode cansar de observar a paisagem vívida, bela e variada que circunda a vila, pois ela contém elementos de excelente composição de forma e cor – o azul brilhante do céu, os cinzas dos amontoados de nuvens sobre os picos distantes das serras, os púrpuras das montanhas distantes, os verde claros e escuros da vegetação, o branco das casas, e as cascatas brancas cintilantes do Betim, o vermelho-escuro dos telhados, os vermelho-claros e amarelos das estradas; e a forma sempre muito variada – os contornos dentados das montanhas ao longe, morros maiores e menores, vales fundos e vales abertos, e a vila de casas incrustadas na folhagem. Até a alimentação de Mr. B., proveniente de estoques cuidadosamente preservados, representava uma mudança bem-vinda de dieta; e seu suprimento de periódicos e jornais ingleses, embora com dois meses de atraso, fornecia uma oportunidade de descobrir o que se passava no mundo exterior.

No dia 5 de abril, surgiram os primeiros sinais da aproximação da estação fria, em forma de uma neblina extremamente branca, tão densa que parecia uma chuva fina, e branqueava a barba de um homem com miríades de gotinhas de umidade; era tão opaca que era difícil distinguir algo a 10 jardas de distância; não se dispersava senão próximo das 9 horas da manhã – em junho, ela permanece até depois das 11; e as noites eram tão geladas que um cobertor grosso era um reforço bem-vindo.

Agora, algumas palavras a respeito da vida na fazenda e de seus habitantes podem ser oportunas. Ao romper do dia, todos estavam de pé e se mexendo; o velho Joaquim costumava vir ao meu quarto para aproveitar a primeira oportunidade de uma conversa, enquanto eu me preparava para minha partida diária; ele estava sempre descalço, e seu paletó pendia frouxo de seus ombros, abotoado em volta do pescoço, as mangas em nenhuma ocasião ocupadas pelos braços (exceto aos domingos, quando ia à missa em Capela Nova) ; depois disto ele se transferia para um banco sob a varanda em frente da casa, onde eu o vi pela primeira vez, e onde passa o dia todo tomando rapé, girando os polegares e olhando para o terreiro, do qual já deve conhecer cada seixo.

Quando a manhã está fria, os velhos escravos decrépitos da fazenda, cerca de nove ou dez homens e mulheres, reúnem-se esfarrapados em torno de uma fogueirinha de gravetos no terreiro. Há quatro filhas e três filhos do Joaquim. Ele é praticamente branco, mas seus filhos variam de cor, desde o branco até o quase preto, e são reminiscências dos dias passados, quando o velho ainda não era tão enfaticamente religioso como em sua velhice.

Estes prendem as parelhas ao ponderoso carro de bois, caçarolas de feijão e enormes tigelas de angu são colocadas nele para o desjejum, junto com as foices e enxadas, e todos, inclusive os escravos, marcham lentamente para a roça para colher ou plantar milho, feijão, arroz, mamona, mandioca, abóboras, inhame, batatas comuns e doces, que são cultivados em uma clareira em um longo vale a cerca de duas milhas de distância, no caminho para a vila. Durante todo o resto do dia, o local permanece silencioso; um ou dois negros velhos, vestidos com uns poucos andrajos, coxeiam por ali; já não dão conta de nenhum trabalho e vivem unicamente de angu, em telheiros miseráveis, impróprios para um porco decente. Umas poucas negras velhas ajudam a dona da casa em suas tarefas diárias de lavagem de roupas, cozer e preparar conservas e bolos, socar o milho para o angu – o pão mineiro – ou costurar e montar seus limitados guarda-roupas; às vezes um vizinho aparece para escambar algum produto por outro, e aí se gasta um longo tempo em conversas e um café é invariavelmente servido.

A varanda da Fazenda Mesquita.

Quando acontecia de eu ficar em "casa" durante o dia, ocupado com meus projetos, a velha senhora, Dona Joaquina, sempre trazia-me alguma conserva ou bolo que preparara especialmente para mim. Ela já fora muito rica, e era um dos proprietários originais da Mina de Ouro São João del Rei, mas, tendo ficado órfã e sem saber ler ou escrever uma palavra, acabou destituída de sua parcela da propriedade herdada, por meio das maquinações de um padre. Havia, de fato, na casa, sinais de tempos melhores, pois forneceram-me um lampião de prata maciça de desenho muito antigo, que queimava óleo de mamona por seis pavios; também as colheres, garfos e cabos de facas eram de prata, e um dia ela me mostrou um estoque considerável de ornamentos de

ouro e prata de manufatura portuguesa antiga. Quis comprar alguns, como curiosidade, mas a velha senhora não desejava se separar deles. Ela era baixa e corpulenta, com cerca de sessenta anos de idade, tez de tom biliar pálido; o cabelo preto muito chegado ao crespo; possui uma barba e bigode bem desenvolvidos; seus traços ainda são agradáveis e os olhos, grandes e vivos.

A casa era uma velha construção térrea de paredes muito sólidas, feitas de brita grossa e adobe, rebocadas e caiadas, embora seja difícil dizer há quantos anos ela recebeu sua última camada de cal. Na fachada, uma varanda coberta ocupava o espaço entre dois cômodos avançados, um em cada extremidade; em frente à casa, dividida por um espaço aberto e limpo de terra, ficava uma fileira de telheiros, as senzalas dos escravos; atrás delas um morro baixo, coberto de capim, encimado por um grupo de palmeiras; para a direita ficava um vale comprido e montanhas enflorestadas – o vale era o sítio de antigas plantações, depois abandonadas a alqueivar por muitos anos e tomadas por uma floresta de segunda vegetação; à esquerda ficava uma estrada larga e vermelha que levava à vila, e a expansão larga do túrbido Rio Paraopeba. As cercas em volta dos terreiros são feitas de madeira da quase eterna braúna,[20] fincada em forma de estacas bem juntas. O pasto é cercado de sebes de enormes aloés,[21] cujos talos de flores atingem uma altura de vinte a trinta pés. A situação era em geral muito bonita e, não fosse pelas pragas de insetos da região, poderia ser transformada em uma habitação atraente e muito confortável. No fundo da casa ficava a horta, com umas poucas rosas e outras flores, alguns símplices medicinais de uso comum, diversas árvores frutíferas, laranjas, limas doces, figos, mamão, goiabas, araçás, jaboticabas. E nos dias quentes e ensolarados, bandos de melros, canários, bem-te-vis, joões-de-barro nas árvores em volta trinam, chilreiam e cantam, animando e alegrando o ar com suas notas, e a cadência do cair das águas no velho canal do moinho, lá perto, acrescenta ainda outro elemento de harmonia. Bem, bem, há lugares bem piores e vidas muito piores que as da velha Fazenda Mesquita, e seus habitantes simples e serenos. Perto do pôr-do-sol os lavradores retornam dos campos, trazendo um carregamento de milho ou mandioca ou outro produto, os rapazes e moças retiram-se para algum cômodo dos fundos, os negros passam com uma massa imensa de angu em uma travessa ou num tabuleiro de madeira, com um pedaço de madeira chata como colher. Enquanto o sol se põe, os pássaros emitem suas últimas notas com as luzes do dia que se apagam. O velho Joaquim finalmente abandona seu assento com um terrível bocejo e entra em meu quarto, se eu estiver em casa, ou retira-se para os cômodos internos para dormir; os rapazes e moças reúnem-se na varanda para conversar e, dentro de uma hora, todos seguem o exemplo dos pássaros.

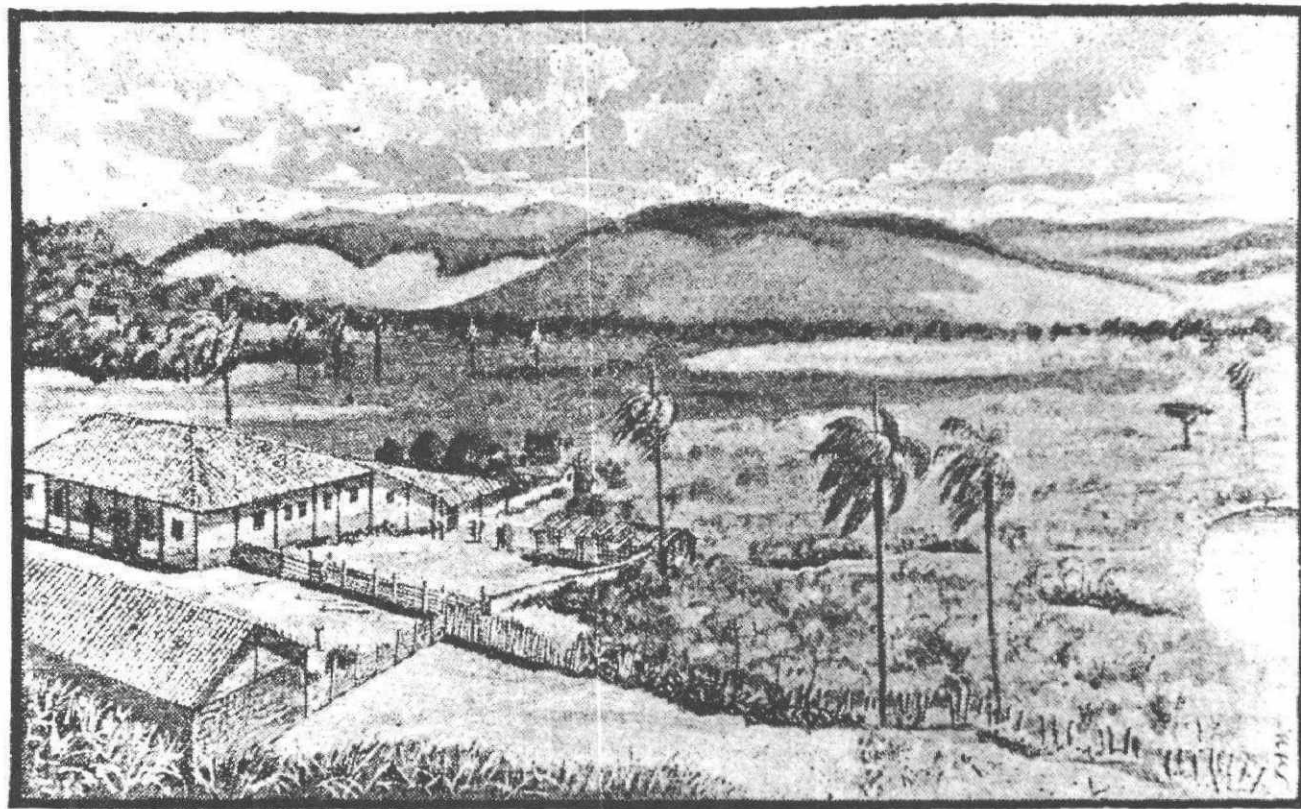
20. Jacarandá ou cabiúna preta (*Dalbergia nigra*).

21. *Fourcroya gigantea*.

Saio para o terreiro, onde uma aragem úmida e fria vai passando; as estrelas estão brilhantes na abóbada escura; uma fogueira arde no alojamento dos escravos. Afora isto, está tudo escuro e silencioso. Que bênção, penso sempre, é ter tanto trabalho para fazer e conservar-me sempre ocupado neste lugar modorrento.

Mas aos domingos cessa todo trabalho; há uma lavação e faxina geral das caras sujas de uma semana, os rapazes aparecem vestidos com camisas limpas de algodão, calças e paletós feitos em casa de algodão grosso listrado, chapéus de palha e esporas nos pés descalços. Dá gosto ver seus cabelos: todos penteados e emplastrados de gordura de boi, tanto os dos rapazes como os das moças e os das crianças. O velho Joaquim também surge bem vestido, inclusive com botas longas de couro amarelo e esporas de prata, e os arreios de seu cavalo são tachonados de prata; os mais velhos partem a cavalo para a vila de Capela Nova. Os negros velhos ficam perambulando, ou dormindo, ou vêm pedir-me um pedaço de fumo ou um golinho reconfortante de cachaça,[22] que nunca se recusa às pobres almas.

A *Fazenda Mesquita.*

Sempre que permaneço na fazenda em um domingo, o velho Joaquim volta correndo, se não, passa o dia na vila com seus compadres. Gosto de cavaquear de vez em quando com o velho, que adora discorrer a respeito dos bons velhos tempos da sua mocidade, de sua força e valor passados (ele é ainda um sujeito vigoroso e robusto; e deve ter sido muito forte no apogeu de sua vida); por fim, ele acaba por tentar converter-me a sua fé. Ele tem uma visão muito ortodoxa de sua religião e adora expor seus

22. Pronuncia-se *kar shár-sar.*

pontos de vista, citar as Escrituras e expressar sua tristeza por minha alma estar no mau caminho, já que eu não sou católico romano, pois ele considera todas as outras seitas pagãs. Mostra-se sempre interessado quando descrevo para ele algumas das invenções modernas e os costumes do mundo lá fora, do qual ele é tão ignorante como se vivesse em outro planeta. O trabalho da fazenda não pode ser considerado uma atividade lucrativa, permite apenas a subsistência mais simples; não há aluguel, impostos ou salários para pagar, e a pouca produção excedente da fazenda, ou a venda ocasional de um boi, fornece os meios suficientes para comprar os poucos requisitos básicos que a fazenda não produz, tais como uma peça de morim estampado ou pano para lençóis, chapéus, uns poucos utensílios de ferro da cozinha, ou para pagar um carpinteiro pelo conserto de algum estrago na carruagem da família – o carro de bois.

Em minhas andanças pelo vale, remando no rio e escalando as montanhas mais proeminentes, tudo com o objetivo de fazer esboços da situação topográfica circunvizinha, consigo obter uma idéia abrangente das características gerais e sua composição. De cada topo de morro vê-se um panorama de montanhas grandes e pequenas, algumas com picos, outras arredondadas, umas de encostas suaves, outras com declividades íngremes; todas são verdes da vegetação de cerrado e matas. Na maior parte das encostas que descem para o vale, as linhas de demarcação entre a floresta de segunda vegetação mais antiga e o crescimento mais recente, ou roças abandonadas, estão claramente definidas por uma parede de troncos retos e altos, cor de camurça clara, cinza, azul e marrom-claro, destacando-se conspicuamente contra o fundo escuro de seus recessos sombrios e da densa folhagem acima.

Quando se observam as áreas consideráveis de mato baixo e cerrado, e as muitas fazendas antigas de grande extensão, é surpreendente pensar que região ativa e próspera terá sido esta em tempos passados, pois é apenas no terreno mais acidentado, nos paredões escarpados e íngremes, que ainda se podem encontrar restos da florestas originais que são tão facilmente reconhecíveis pela magnitude das árvores, o tamanho, variedade e número dos cipós, enrolando-se nos troncos, entrançando-se uns nos outros como cobras gigantes, festonados em laços, suspensos como cordas, alguns com caules macios, outros com caules rígidos; eles são redondos, quadrados, chatos, triangulares, uma variedade sempre mutante de formas e disposições. Mesmo a mata de segunda vegetação mais antiga, pela qual passa a maior parte dos levantamentos, pode muito bem ser confundida com a mata virgem em seu labirinto de arvorezinhas novas e troncos grandes e arbustos e trepadeiras emaranhados, tão difícil de desbastar quanto as florestas primitivas.

Quase não há capinzais (e nenhum de produção natural), e quando há, é só nas

roças abandonadas há pouco tempo, onde o colorido e perfumado capim-gordura, ou capim-melado, ou capim-de-cheiro, como é diferentemente denominado, logo toma posse, brigando pelo domínio com os bambus nascentes e com as samambaias, escalando e escondendo os velhos tocos carbonizados, as cercas quebradas, as velhas choupanas consumidas pela umidade e apodrecidas, e outras relíquias da mão humana, desfiguradora da natureza.

O curso do rio pode ser visto por milhas em muitos pontos, seguindo-se com os olhos suas curvas sinuosas em meio aos morros; ele é normalmente uma corrente ininterrupta de água marrom-amarelada, com cerca de cinqüenta a oitenta jardas de largura, e uma queda de dois pés e oito polegadas por milha; é profusamente pontilhado de rochas negras, e a cada poucas milhas há leves quedas, mas não o suficiente para impedir de fato a navegação de canoas, com exceção das corredeiras do Funil, perto de Neotim, que são intransponíveis; no entanto a canoa é raramente usada para transporte, a não ser para atravessar de margem a margem. As bordas são de terra aluvial macia, amarela, preta ou vermelha; os arbustos e árvores crescem em direção à água, roçando seus galhos e folhagem na corrente encrespada. Os pastos das várias fazendas são tratos de mato, cerrado e palmeiras de "palmito comestível", as aberturas entre os quais são ocupadas pelo capim gordura ou outro capim; neste vale, estes pastos são invariavelmente o reduto do carrapato miúdo, que deve ser experimentado para que se o aprecie devidamente. Estes pastos são um verdadeiro bicho-papão para mim, pois, depois de ter sofrido o tormento de abrir a picada até o fim, a pessoa pode se consolar pensando que tudo já passou, mas depois se lembra de que ela terá de ser atravessada ainda muitas vezes, para nivelar, renivelar, medir com a cadeia, tomar ângulos, fazer transversais – o dia maldito era sempre adiado, como os dissabores inevitáveis são sempre empurrados para o último momento.

Há estradas, se podemos chamá-las assim, que levam de fazenda a fazenda, e veredas que saem delas para as casinhas de pau-a-pique da classe mais baixa de trabalhadores, se é que há realmente uma distinção de classes neste vale de verdadeira *egalité*. Em minha seção de dezessete milhas, não há mais que dez fazendas dos dois lados do rio na vizinhança imediata das margens e também se pode viajar por várias milhas até a vila mais próxima sem passar por nenhuma outra habitação; provavelmente nenhuma dessas fazendas produz mais do que é necessário para as necessidades domésticas. Além dessas fazendas, há as casas dos trabalhadores livres, matutos pretos ou mulatos, cada um dos quais tem sua rocinha de feijão, milho (um verdadeiro "três acres e uma vaca") e que ocasionalmente dão uma mão ao trabalho extra das fazendas, às vezes em consideração por lhes ser permitido instalar-se na propriedade, às vezes

pela baixa paga de seis ou oito *pence* por dia e um prato de feijão com angu. Todavia, embora eu pagasse aos meus ajudantes o dobro do salário local, não havia grande procura por vagas, pois esses trabalhadores têm o costume de ser procurados e não de procurar, quando há trabalho extra a ser feito, e eu devo considerar mais como um favor que me prestam do que eu a eles, o entrarem a meu serviço. Eles eram, em geral, sujeitos sóbrios, assíduos e trabalhadores, que trabalhavam desde o nascer do dia até o pôr-do-sol; é um trabalho duro e árduo, o trabalho na floresta. Eles eram sem dúvida nenhuma inteligentes e entendiam prontamente o teor de minhas instruções.

O bócio é muito comum entre os camponeses mais pobres, mas raramente é visto nos fazendeiros mais prósperos. O sexo parece não fazer nenhuma diferença, nem a cor, pois os morenos claros e os negros se mostram igualmente desfigurados. Em alguns casos, a excrescência atinge um tamanho enorme, como um imenso travesseiro de penas pendurado à frente do pescoço e se estendendo para os ombros de cada lado, pendendo sobre o peito e forçando a cabeça para trás; eles aplicam várias ervas e esponja queimada, mas admitem que é quase inútil tratá-lo; uma mudança de localidade freqüentemente interrompe o desenvolvimento contínuo e, muito raramente, faz com que ele seja reabsorvido. A presença de cal nas águas dos córregos e uma atmosfera úmida são considerados as causas primárias do mal, mas uma dieta pobre, hábitos indolentes e uma ausência de toda higiene e limpeza, seja na própria pessoa ou nas casa, são sem dúvida grandes promotores da doença. Pode ser, e possivelmente é, hereditária, pois está principalmente confinada àqueles nascidos nas áreas afetadas, e os colonos vindos de outras localidades não são muito sujeitos a ela.

O tempo tem sido, em geral, muito favorável; tem havido uns poucos dias de chuva e uma ou outra tempestade mineira, ataques furiosos e súbitos dos elementos, bruscos, decisivos e de pouca duração. Em um dia quente e abafado, quando toda a natureza parece tremer e vibrar com o calor, quando as canções dos pássaros se calam, as folhas ficam imóveis e um silêncio sinistro reina por toda parte, quando o suor pinga da testa em pequenos regatos e uma inexprimível sensação de langor e fadiga me assalta, quando o vapor sobe do solo ressecado e rachado em raios de calor ameaçadoramente tremulantes e ofuscantes, causando dor de cabeça, então uma nuvenzinha preta aparece no horizonte do até então claro céu sem nuvens. Ela aumenta rapidamente, escurece e se transforma em enormes massas opacas de tons cinza-escuros e neutros, espalhando uma escuríssima mortalha de nuvens a rolar pelo céu; sua borda mais baixa e mais longíqua é um traço intensamente preto, bem definido, e joga sombras profundas sobre as montanhas lá embaixo enquanto avança; para lá desta sombra, as montanhas já estão iluminadas de sol. De repente, ouve-se um murmúrio, depois um

farfalhar das árvores, e densas cortinas de cinza descem dos morros e escondem a luz do sol detrás de si; agora, com um rugido profundo, as palmeiras são vistas se curvando quando a rajada devastadora passa violentamente; com um guincho e um rugido, ela está sobre nós – a chuva não vem em gotas, cai em blocos pesados como barris de água. Um minuto ou dois depois, as nuvens nos ultrapassam, quebram-se em fragmentos cinzentos e seguem adiante, deixando um chuvisco final que logo passa; o sol brilha de novo, nuvens fofas branco-azuladas aparecem, o ar fica fresco e agradável, percebe-se uma deliciosa fragrância e os pássaros gorjeiam suas boas vindas: a terra tomou um banho turco e está como um gigante refrescado.

Agora é o mês hiemal de junho, com suas noites de frio intenso e manhãs de geada e névoas densas, que obscurecem toda a natureza, como uma neblina londrina, até altas horas da manhã; mas os carrapatos não se dão bem com ele – se o frio os mata ou destrói não importa, pois agora eles já não aparecem. Minhas orações por seu eterno repouso.

Este é o mês da colheita de feijão. O pátio aberto diante da casa é cuidadosamente varrido, e a carroça traz todo dia carregamentos de feijão preto com sua folhagem e ramas cortadas da roça; são colocados em uma pilha alta no terreiro e os meninos e meninas mais novos pulam e rolam sobre ela com gritos de alegria e risadas; seus saltos servem para separar as folhas e ramas secas que são depois sacudidas com varas e debulhadas, quando então os feijões se soltam facilmente de suas vagens secas e maduras para o chão; a ramagem é carreada para fora e os feijões catados e colocados em sacas, para constituir o sustento principal dos moradores por um ano.

Um dia, um homem traz-me um bilhete nas picadas, a muitas milhas da fazenda, mandado por C., informando que ele e Peter vinham fazer uma visita em seu caminho rio abaixo, e estavam em Mesquita esperando meu retorno; muitas observações pesadas se seguem, e meu retorno imediato é solicitado, pois eles estão famintos e sedentos e minha adega e provisões estão trancadas, e não há nada que se possa conseguir. Era como uma voz do velho mundo para um exilado. O meu burro cinzento teve de voltar à tarde naquele dia, com muito espanto. Encontrei meu divertido amigo cercado por uma platéia perplexa de todo o pessoal da fazenda; ele estava pilheriando, troçando e caçoando de todos, em uma combinação loquaz mas estranha de português – se o compreendiam ou não, o certo é que riam às bandeiras despregadas; o velho Joaquim ainda estava em seu banco, suas banhas velhas sacudindo de rir. "Ah! Senhor Doutor, como está, meu caro, *old chap, glad to see you*; *if you don't* anda *up with those* chaves, acho que vou morrer de sede, e cá está o Peter definhando rapidamente por falta de sustento – daqui a pouco só vão sobrar as botas." Peter não é o seu nome, e sim o nome

que C. lhe outorgou e pelo qual ficou conhecido durante o resto do tempo em que permaneceu na equipe.

Como meus amigos tinham se afastado consideravelmente de seu caminho para vir visitar-me (tendo deixado sua bagagem em Capela Nova), engolimos um jantar preparado às pressas e eu os acompanhei de volta a Capela Nova, já que eu tinha de seguir para Santa Quitéria, nosso novo quartel-general, para consultas. Todos os leitores deste trabalho que já tiveram uma experiência de explorador no Brasil podem bem imaginar que nós três sujeitos jovens, no auge da saúde, éramos um pouco como o típico grumete que desce a terra depois de um longo cruzeiro; mas será aconselhável afirmar simplesmente que uma imensa fogueira foi acesa diante da loja do Senhor Ernesto, nosso hospedeiro em Capela Nova, que toda a vila se reuniu em torno dela; mandaram buscar violões, houve canções e danças, os executantes aquecidos com cachaça naquela noite de frio intenso. Era mais como uma noite gelada da Europa, as estrelas brilhavam esplendorosas, o fogo estalava e subia em labaredas, a platéia se agrupava em volta de seu calor convidativo, assando mandioca doce e seus pés e mãos alternadamente. Era tarde quando a alegre multidão se dispersou e nós nos retiramos para descansar.

Pouco antes da manhã fomos despertados por estranhos ruídos, vindos de um cômodo estreitamente separado do nosso: eram gritos, pedidos piedosos de ajuda e misericórdia, as vozes de um homem e de uma mulher misturadas; ouvimos gritar: "Ai! Meu Deus! Ai! Santa Maria! – Ai! Ai! – Misericórdia – Ai! Ai!" Depois seguiu-se um som estranho e confuso mesclado com gemidos. E aí uma voz estridente grita "Oh, seu bruto, seu bicho, você quer ser inglês, quer?"

"Ai! Nossa Senhora!"

"Sim, agora você apela para a Santíssima Virgem, seu pagão".

Segue-se um confuso murmúrio de gemidos, exclamações, vitupérios, soluços e depois um silêncio de paz. Pobre Ernesto, ele quis beber da cerveja forte de Bass e agora paga por isto, com as dores de um sistema desarranjado e os ralhos tempestuosos de uma esposa rabugenta.

De manhã cedo ele teve de aparecer para atender às nossas necessidades; e nunca se viu uma coisa tão cômica, de aparência tão desolada: seus olhos estavam vermelhos e inchados e sua cabeça envolta em bandagens. Ele veio em nossa direção, uma epítome ambulante de melancolia e desespero. Que aviso para vós todos, beberrões, se vos contemplásseis como os outros vos contemplam!

Lá fora, na rua desta vila elevada, o ar matutino era frio e claro, mas nos vales abaixo havia campos de neblina branca como neve. Aqui e ali um cume aparece esparso

acima da planície de brancura, como uma ilha no mar; o sol brilha intensamente sobre a massa opaca, do modo como o faria sobre um campo de neve, e faz as leves ondulações da superfície parecerem neve soprada pelo vento.[23] Era deveras uma vista magnífica.

Depois de um desjejum antecipado, prosseguimos juntos por algumas milhas, meus companheiros para sua nova seção abaixo da minha, eu mais para adiante, para o novo comando central, em Santa Quitéria. Descendo da alta elevação da vila para os vales baixos, entramos nos domínios da neblina, cuja friagem úmida nos abraça e penetra até os ossos; nossas roupas se tornaram logo tão molhadas como se estivéssemos passando por um chuveiro, nossas extremidades estavam enregeladas, e mantas bem-vindas foram desdobradas para cobrir os ombros tiritantes.

Agora se pode compreender a crença popular mineira de que "quanto mais alta uma montanha, mais quente o ar, porque fica mais perto do sol", enquanto que os vales profundos se fecham aos ventos e à luz do sol e retêm por períodos mais longos a neblina pesadamente carregada de umidade, o que origina um frio que parece maior do que é realmente devido ao vapor úmido.

Depois de cavalgar por algumas milhas, subimos morros mais altos; a cerração começava a se dissipar, e o terreno se tornava mais aberto; aí nos separamos e seguimos cada qual o seu caminho. A estrada continuou a subir até que, finalmente, todo sinal de mato desapareceu, exceto por umas poucas moitas e grupos de árvores aqui e ali nas ravinas das encostas ou no fundo de vales distantes. Mais uma vez, encontrome nos gloriosos campos de brisas frescas estimulantes e ar puro; e após minha longa permanência nas matas, parecia estar saindo da obscuridade da noite para a claridade do dia. É uma sensação estranha, indefinível de entusiasmo, como a que se sente depois de um longo período de aplicação constante aos negócios em Londres, quando se caminha o primeiro dia na charneca, ou se respiram as frescas brisas marítimas da costa. Diante de nós há uma longa planície ondulada de capinzais mergulhando em concavidades profundas, cujas rampas se abrem e se consomem em fendas e valas por ação das águas de drenagem destas vastas campinas. À nossa frente, percebemos as casas esparsas de Santa Quitéria,* construídas em terreno ligeiramente mais alto do que o das cercanias; para a direita, lá perto do horizonte, vêem-se cadeias azuis de serras; à esquerda, a terra escorrega abruptamente para o vale largo e enflorestado do Paraopeba.

Todos os que viajam pelo Brasil são unânimes em sua primeira experiência da sensação peculiar de entusiasmo ao entrar nesta região de campos soprados por brisas; e eu estou certo de que o capitão Burton e Mr. Bigg-Wither perdoar-me-ão por citar as seguintes passagens de suas obras sobre o Brasil. O primeiro diz :

23. O mesmo efeito pode ser às vezes observado no Rio de Janeiro na estação fria, de qualquer das elevações mais altas da cidade.

* Atual Esmeraldas (N.T.).

"Não preciso dizer que nada pode ser mais puro do que o ar perfumado destes campos; sua animação combate até a monotonia de uma viagem em lombo de burro, e o viajante europeu nos trópicos recupera neles todas as suas energias, mentais e físicas. As manhãs e o anoitecer são a perfeição em termos de clima; as noites são frias, limpas e serenas como no Deserto Árabe, sem a areia. Nem são as campinas deficientes nas mais elevadas belezas de forma e colorido. Há grandeza na vastidão contínua que se estende e desaparece na distância. O olhar pode repousar sobre o cenário por horas, especialmente quando o observa de uma elevação, enxadrezada pelas nuvens da tarde, cujo eclipse parece ir e vir, e isto dá mobilidade ao conjunto, ao vagar pela superfície sulcada das ondas de terra verde-clara ou dourado-pálido, erguidas na atmosfera intensamente azul da manhã, ou nos encantadores tons rosados do arrebol das ravinas ensombrecidas e dos grupos de árvores que escurecem lá embaixo".

Mr. Bigg-Wither observa, em seu *Um Pioneiro no Brasil*:

"Ó, deuses! como meu coração saltava-me no peito à vista já há tanto esquecida das grandes planícies ondulantes, estendendo-se sem fim até o horizonte indistinto, até os próprios limites do paraíso. Na excitação e entusiasmo do momento, abandonei a trilha e galopei para o topo da crista de onda mais próxima, e lá permaneci pelo espaço de cinco minutos completos, com o peito dilatado e os braços abertos, inalando as gloriosas brisas que sopravam sobre os campos vindas diretamente do Atlântico. Sentia-me como um prisioneiro acabado de ser libertado de seu calabouço. Por trinta meses eu não soubera o que era sentir um sopro de ar em minha face – nem enxergar mais além do que minha voz podia alcançar. Gritei de alegria, de modo que meus ajudantes, Pedro e Messeno, pensaram que eu tinha enlouquecido de repente."

Quando se entra em Santa Quitéria há pouco que a distinga do tipo comum de arraial brasileiro; a maior parte das casas tem paredes de adobe caiadas e cobertura de telhas vermelhas com portas e janelas pintadas de cores vivas, e há muitas casinhas de pau-a-pique cobertas de sapé nos arredores, cada qual com seu quintalzinho ou uma mistura de árvores frutíferas e mato. Embora a maioria das casas esteja em um triste estado de dilapidação e seus interiores desleixados e encardidos, há umas poucas de caráter pretensioso, até mesmo sobrados de dois andares com vidraças. Nas ruas arenosas há um pouco mais de vida do que em Capela Nova, há mais porcos, mais cachorros de rua, galinhas espectrais e cavalos esqueléticos; mas há também uns poucos armazéns e vendas relativamente bem abastecidos, que pareciam ter de fato alguns

fregueses. As ruas são irregularmente dispostas e saem todas da habitual praça com sua igreja caiada em forma de celeiro. A população é estimada em torno de 2.000 – o que eu considero uma cifra bastante exagerada.

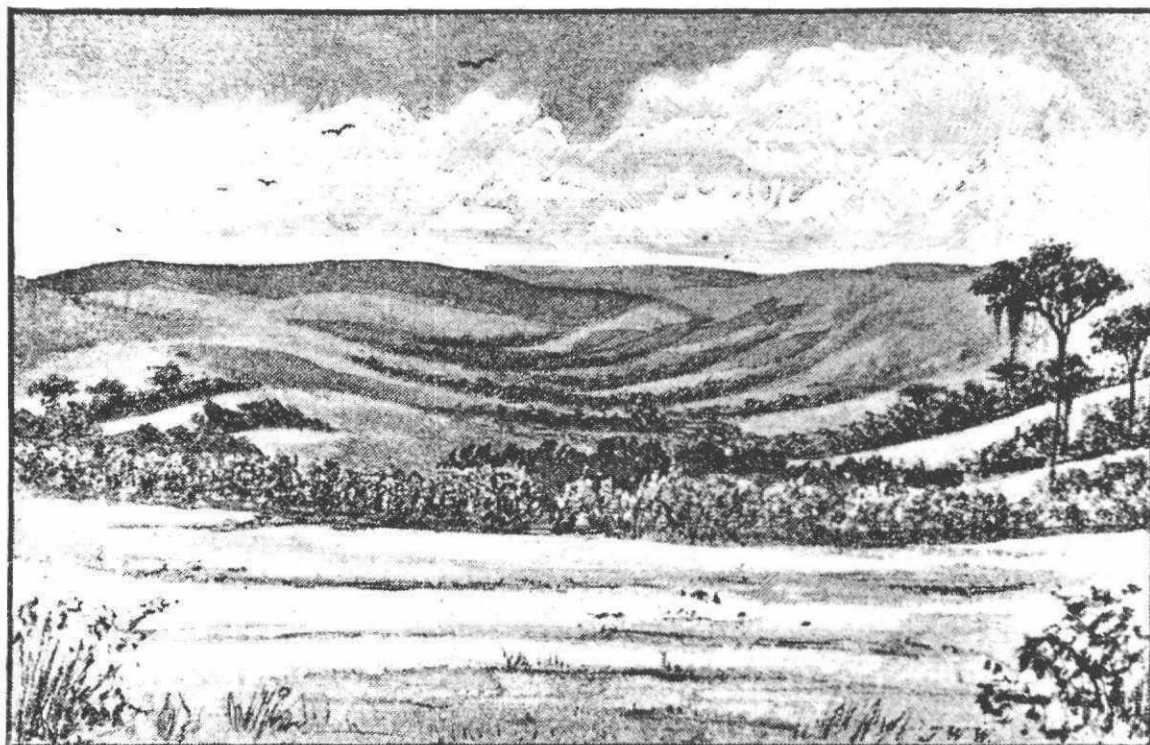
Os campos junto a Santa Quitéria.

Encontrei o nosso novo quartel-general em uma casa térrea de dez cômodos, grande e nova, com uma varanda no fundo, dando para um quintal extenso; era um lugar desolado, deserto e árido, tornado ainda menos convidativo pelo caos e confusão de bagagem, malas, caixas, arreios e todos os tipos de bugigangas espalhadas por toda parte, sempre peculiares aos nossos quartéis-generais. O terreiro nos fundos era uma selva de ervas daninhas, touceiras, árvores frutíferas, mato e lixo.

Mr. B. estava ausente, provavelmente em uma fazenda da vizinhança.

Logo cedo, parti com Chico à procura de Mr. B.. Aqui, como em Capela Nova, o tempo é claro de manhã cedo; os vales baixos distantes se apresentam como extensões amplas e planas de névoa branca, aparentemente infensa aos raios de sol sobre suas superfícies cintilantes. Há uma ou duas milhas da cidade encontrei Mr. B. e o acompanhei de volta a sua casa; tomei o desjejum, conversei, discutimos o trabalho, resolvemos questões e por volta do meio-dia pus-me a caminho de volta para Mesquita.

Já era um bocado tarde para tentar cobrir as vinte e oito milhas de permeio, a maior parte das quais passava por trilhas acidentadas e pouco freqüentadas, através de florestas escuras.

Partimos a bom passo, pisando ruidosamente as estradas pedregosas dos campos, que levam a todas as direções; há dúzias de trilhas paralelas, dúzias de veredas divergentes, algumas velhas e transformadas em valas e leitos de córregos, outras largas e bem batidas. Apressamo-nos, sobre um tipo de charneca, e as muitas flores coloridas e capim verdejante dos campos, passando por muitos bandos de borboletas vistosas, passando por graciosas palmeirinhas rasteiras, árvores esparsas e altos cupins; seguimos com estrépito por cima de pontes vacilantes, a meio galope, apreciando a brisa fresca

e pura que assobia por nossas roupas, sempre adiante, além dos vibrantes campos, descendo declives íngremes e entrando de novo nas matas sombrias e soturnas. Agora temos de ir mais devagar, pois a trilha é estreita e esburacada; viajamos por milhas através de túneis escuros de folhagem; nas ravinas do caminho há lamaçais de barro seco e escuro e árvores caídas cruzando a passagem, cujos ramos e galhos pendem a pouca altura e nos fustigam as faces quando passamos; a trilha se torna ainda mais estreita e parece ser bem pouco usada.

"Nós estamos na estrada certa, Chico?"

"Oh, sim, estamos indo na direção do rio de qualquer maneira; está tudo certo."

Continuamos ultrapassando com dificuldade os obstáculos daquela picada execrável até perto do pôr-do-sol, quando o ar se torna frio e o primeiro sereno começa a cair; um estremecimento nos atravessa quando o ar úmido nos atinge e as sombras se escurecem, e não se vê sinal de casa; de repente, entramos em um caminho mais largo e logo depois avistamos uma fazenda, a Fazenda dos Moreiras, a oito milhas de Mesquita. Como não há lampiões na estrada e espessas nuvens negras se aglomeram, sinais de uma noite suja se aproximando, pergunto na fazenda se posso obter acomodação para a noite. Infelizmente, os moradores estão fora e a casa está trancada. Há apenas uns poucos negros andrajosos atacados de bócio, que têm apenas seus alojamentos escuros, fumacentos e infestados de vermes para oferecer.

"Não, prefiro a mata. Vamos! Chico."

Entrando nas matas que escurecem, e agora farfalham com uma brisa refrescante, aceleramos o passo, mas a escuridão vem mais rápido; um manto negro parece cair em torno de nós, os troncos tomam o aspecto de espectros lúgubres, formas estranhas aparecem, o vento geme entre a folhagem e sussurra para as folhas, os sapos coaxam, os troncos rangem, o negrume aumenta e até as orelhas proeminentes da mula são absorvidas pela obscuridade circundante.

"Olá, um obstáculo! O que é isto, Chico?"

"Um tronco de árvore atravessado na estrada."

À luz de fósforos, encontramos uma trilha no meio do mato e retomamos a estrada de novo. Agora as rédeas têm de ficar soltas sobre os animais, pois eles são nossos únicos guias. Temos de manter os braços erguidos o tempo todo, pois galhos e espinhos se projetam sobre o caminho e fustigam nossos rostos e roupas. Agora, mais uma vez, a mula pára com maravilhosa sagacidade; à luz de um outro fósforo, vemos que há um galho longo e pesado que o burro sabia que arrancaria o cavaleiro do assento. A estrada afunda, e com ela a mula, para dentro de muitos buracos; o vento aumenta, e com ele a chuva cai. Começo a pensar com afeto naquela senzala quando me lembro de

todas as histórias que se contam a respeito de onças nestas matas; pois bem, chegou a hora da onça beber água.

"Aqui, Chico, tome um mata-bicho'. Onde é que você está?"

"Aqui."

"Onde? Chegue pra cá."

Acabamos trombando, e eu quase levo um soco no olho quando Chico estende a mão para pegar o gole reconfortante.

"Mais um obstáculo! O que é isto?"

"Uma grande poça de água."

Os fósforos são acesos, mas imediatamente apagados pelas rajadas de vento e chuva. Talvez seja apenas uma poça rasa. Tocamos os animais, mas eles se recusam a entrar na água; finalmente Chico consegue que seu cavalo a experimente; há um espadanar ruidoso quando o cavalo entra, e logo se ouve aquele som profundo e oco, peculiar de quando se atravessa a água funda. Súbito, ouvem-se os sons de mais espadanar, acompanhado por exclamações e gritos; há algo errado.

"O que é?"

"Não venha aqui, é fundo e não dá para passar", ele grita em resposta, e depois retorna.

Não consigo enxergar nada, mas ouço Chico dizer: "Não podemos continuar; isto é uma lagoa grande e funda, cheia de buracos, e só pode ser atravessada à luz do dia."

"Por que diacho você não falou sobre ela antes?"

"Oh, eu tinha esquecido dela; já faz tantos anos que eu passei por aqui."

"Bem, devemos estar perto de casa."

"Não senhor; ainda estamos muito longe."

"Ora, afinal de contas aquela senzala não é tão ruim, vamos tentar ir para lá; pelo menos, ela é melhor do que pararmos aqui."

Assim decidido, as cabeças dos animais são viradas, e refazemos nosso caminho através da longa escuridão; finalmente chegamos de novo em Moreiras. Há uma luz nas choças, os negros saem atendendo a nossos berros e nos contemplam em meio às rajadas cortantes de vento e chuva; estamos com frio, ensopados e terrivelmente famintos, pelo menos, eu estou.

"Aqui, João, pegue estes animais e dê-lhes uma ração de milho."

"Não tem."

"Bem, você tem farinha?"

"Sim, senhor."

"Dê-lhes uma ração disso."

"O quê! Dar farinha para um burro?"

"Sim, eu lhe pagarei; ande logo, e deixe-nos comer uns feijões."

Entramos pela porta baixa do casebre, em seu interior tisnado de fumaça, cheio de odores nem suaves nem agradáveis. Uma fogueira queima no chão, e duas negras velhas se acocoram sobre seu calor em seus poucos andrajos e assam pedaços de mandioca; um caldeirão de feijão borbulha sobre as brasas; a fumaça enche o cômodo e faz nossos olhos arderem com sua pungência. Sento-me sobre um trançado de varas coberto com um couro e desalojo uma quantidade de baratas imensas de duas a três polegadas de comprimento. Mas os olhos famintos de Chico descobrem que a mandioca está no ponto, e assim, com um "com licença" para as velhas, as apetitosas raízes foram pescadas de sobre as brasas. Como a mandioca doce[24] assada na hora lembra uma batata floreada com um certo sabor de castanhas assadas, ela foi devidamente apreciada por nossas duas almas famintas. As velhas então prepararam-nos café, bom como ele sempre é em Minas, e mais tarde um punhado de feijões foi-nos servido em uma velha travessa de folha – aparentemente a única no lugar –, acompanhada de uma colher de ferro; mas, bah! o feijão estava tão gordurento de toucinho rançoso e tão fortemente temperado com alho que até o Chico teve de dizer "Eu passo", e nós dois "passamos". Tomamos mais café, comemos mais mandioca, depois outra pinga e acendemos os cigarros. Mas como dormir? Nossos olhos ardem com a fumaça, o lugar está infestado de baratas e talvez outros insetos ainda mais desagradáveis, e o mau-cheiro é insuportável. Abrimos a porta, rajadas frias de vento e chuva entram, vindas do negrume opaco lá de fora, e nosso anfitrião negro se aproxima ao mesmo tempo .

"Não haverá um galpão ou varanda lá fora?"

"N'hor não"(a expressão da roça para "*Não, senhor*").

Bem, isto é particularmente divertido. Mark Tapley teria se deliciado. Eu me resigno a tornar-me uma pista de corrida para as baratas, pois não me agrada aquela escuridão molhada, fria e uivante lá fora. Tento conversar com os meus anfitriões negros, que fazem o que podem por mim, mas esses pobres infelizes não têm muito ânimo para conversas e brincadeiras; as velhas megeras estendem seus braços esquálidos, negros e murchos sobre o fogo, parecendo verdadeiras bruxas quando o tremeluzir das chamas lança luzes e sombras momentâneas por suas faces encovadas, traços demoniacamente feios, e os trapos que as cobrem; a chuva entra por diversos furos no teto e forma poças no chão de terra. Bem, eu vou imaginar que é tudo um pesadelo e que tudo voltará ao normal com o retorno do glorioso dia; mas na verdade sinto-me em um covil de maus espíritos – até um abrigo de indigentes deve ser melhor do que isto. Ah! Mesquita, doce Mesquita, não há nada como o lar. Boas-noites, minhas velhas, fora daqui, suas baratas, vocês não

24. Aqui ela é denominada mandioca-mansa. No Norte ela é conhecida como macaxeira, e como aipim no Rio de Janeiro.

têm um inglês para roer todo dia, mas deixem ao menos um pouco de minhas botas para amanhã. Os gravetos são duros, os odores são fortes, a fumaça é irritante, e as baratas estão se divertindo a valer; mas eu dormi, e dormi bem.

De manhã cedo, a cerração fria escoa para dentro e penetra nas mantas e nas roupas, o fogo já se extinguiu há muito, está escuro como breu, e os odores parecem ter aumentado e se tornado quase corpóreos. Ai! minhas costas; sinto-me riscado de cima abaixo com as reentrâncias da cama de varas, como os sulcos de um campo arado; vou levar lembranças profundas da minha pousada noturna. Com um relógio, vejo que são quatro horas. "Chico, vamos embora! Acorde os nossos fuliginosos amigos para buscarem os animais."

Lá fora a chuva cessou e a neblina se derrama pela porta aberta – é tudo tão desconfortável, barrento, molhado e melancólico. Que grande bênção é um cachimbo em uma ocasião como esta! Infelizmente não se pode fumar durante duas horas; mas longas como as duas horas ou mais foram antes que recebêssemos a primeira claridade tênue do dia, nós as utilizamos para trazer, alimentar e arrear os animais; uma fogueira estimulante foi acesa no terreiro lamacento da fazenda, e o bendito café foi preparado.

Mas mesmo com a luz do dia estamos ainda em más condições, pois a cerração é tão densa que não se pode ver nada a algumas jardas de distância. Os negros são devidamente remunerados; eles recebem a desusada moeda sem agradecimento e em silêncio, de acordo com seu costume, e um deles é chamado para nos acompanhar e guiar através do lago.

A folhagem da floresta está gotejando, nossas extremidades estão geladas, por isto desmontamos e puxamos os animais para obter um pouco de circulação através do exercício; o guia negro está na frente – uma sombra escura na neblina –, seus dentes estalejam audivelmente com o frio, como castanholas. Fico condoído quando ele entra na água fria do lago para nos mostrar a passagem; sua pele tem uma cor estranha, como a de uma sopa de ervilhas verdes. Estendo-lhe o resto da cachaça quando alcançamos a trilha na extremidade do lago, que tinha cerca de 100 jardas de largura, e que a luz do dia mostrava que não poderia ter sido vadeado no escuro por ninguém que não conhecesse o vau. No momento devido, chego a Mesquita, com um sentimento de gratidão que o leitor bem pode imaginar, onde um banho quente, roupas limpas e desjejum logo diluem as sensações e lembranças das acomodações malcheirosas da noite anterior.

Em Santa Quitéria, eu fora informado de que a maior parte da equipe tinha sofrido gravemente de sarnas nos pés e pernas, e agora eu descobria que eu não seria uma exceção, pois uma bela cultura de imensos furúnculos apareceu pelos tornozelos, tão virulentos e dolorosos que era impossível por meus pés no chão, e obrigavam-me a

ficar deitado de costas com os pés levantados; cataplasmas e sal pirético pareciam inúteis. O Senhor Joaquim por fim se lembrou de um certo "curioso", um especialista local no tratamento de todas as doenças. O curioso, um matuto velho de óculos, atendeu ao chamado, examinou o problema e pegou um longo espinho afiado, com o qual tenteou delicadamente as margens das erupções. Informam-me que ele está procurando a causa da doença, um inseto minúsculo que entra na pele e cria uma inflamação constante; ele me mostra duas ou três vezes a ponta do espinho no qual ele diz ter capturado o inimigo, mas mal posso distinguir uma pintinha bem pequenina que pode ser qualquer coisa, mas que ele declara ser a causa de todo o problema. Ele então preparou uma grata aplicação refrescante de uma mistura de ovos e folhas trituradas e uma infusão de folhas de laranjeira antifebril, e diz que em um ou dois dias eu estarei bem, e assim parece, pois as úlceras sararam rapidamente e, depois de uma semana ausente do trabalho, pude voltar a ele.

Eu estava ficando desencorajado com o longo tempo já gasto nos levantamentos, mas ninguém poderia ter feito mais, já que o progresso era necessariamente regulado pelo tempo exigido para se abrirem as picadas. Fizemos a experiência de colocar duas ou três turmas trabalhando em pontos diferentes, mas como eu não podia estar em três lugares ao mesmo tempo, isto em geral resultava em um maior desperdício de tempo e de esforço, despendidos inutilmente em picadas sem valor. Em alguns lugares, o emaranhado de cipós e sarça era tão denso e intricado que não mais que cinqüenta ou sessenta jardas podiam ser cortadas por dia.

Um dia, tínhamos estado trabalhando em um lugar a muitas milhas da fazenda, e eu tinha concluído a negociação para ocupar temporariamente uma parte de um rancho pertencente a um carpinteiro de Capela Nova, que estava ocupado com seus homens em construir uma ponte de madeira sobre o rio, perto do fim de minha seção. A tarde estava no fim quando atravessei apressado um atalho que levava a uma estrada que eu conhecia perfeitamente. No caminho, passei por uma casa nova, pertencente a um pequeno criador de gado, onde eu muitas vezes parava para tomar um copo de leite, e onde nunca pensei que viria a pernoitar; mas os caminhos mais curtos são freqüentemente os mais longos, como aprendi a minha custa. Passei por essa casa e entrei em uma brenha de arbustos e árvores pequenas, através da qual eu pretendia encontrar uma passagem para a estrada, mas o curto crepúsculo dos trópicos chega logo ao fim, e a escuridão desce rapidamente. Eu parecia cada vez me embrenhar mais em meio ao mato e às touceiras de capim; orientava a minha rota pela posição do oeste, mas a escuridão caiu tão depressa que as aberturas entre os arbustos já não eram visíveis. É por algum lugar aqui bem perto, mas meus esforços só resultaram em ficar

cruelmente arranhado por espinhos e chocar-me contra os galhos. Ora, é estúpido e cansativo ser de novo tomado de assalto pela noite; mais uma tentativa acabou defrontando-me com um matagal impenetrável. Não adianta, tenho de voltar para a casa do criador de gado – ele é, eu sei, uma pessoa muito boa, e me alojará esta noite; mas não era fácil sair daquele labirinto de arbustos e árvores, e só quando deixei a mula seguir sua própria cabeça é que ouvi finalmente o mugido do gado; e parei ao lado de um riacho fundo que me separava da casa.

Gritei, "Ó de casa", e logo se ouviu uma resposta ao longe "Ó de fora." "Ó Senhor Ignácio, eu me perdi; por favor me mostre o vau com uma luz." Uma luz apareceu a alguma distância e, prosseguindo em sua direção, encontrei o velho de pé junto à passagem; depois de atravessar, expliquei brevemente como eu não tinha conseguido encontrar a estrada. Sem mais uma palavra, o velho cavalheiro leva a mula para a sua porta, segura meu estribo e pede que eu "apeie" e "honre esta pobre morada com sua presença". Bom, esta é uma recepção muito generosa, pois o ar está muito frio e as estrelas, claras e brilhantes, como em uma noite de geada.

A casa do Senhor Ignácio é uma habitação bem ventilada; ela é na verdade mais como uma grande gaiola; dezoito pés por vinte e quatro de área, seus lados são simplesmente postes altos, tirados da mata, colocados lado a lado com intervalo de uma polegada, pelo intervalo entre os paus o ar frio entra à vontade; um quarto da área do chão era dividido por paredes de barro e pau-a-pique, com uma porta que leva ao quarto solitário do velho casal. O teto sobre nossas cabeças é forrado com capim. O casebre era todo novo e ainda não houvera tempo de acumular trastes, desordem e sujeira. Fora dele, e bem perto, ficava um grande curral, onde diversas vacas mugiam. Do lado de dentro, acocorada sobre um couro ao lado de uma fogueira brilhante de troncos sobre o chão de terra, estava a velha esposa do velho homem, que ao reconhecer-me levantou-se e fez uma cortesia, como se eu estivesse entrando em sua sala de visitas. O Senhor Ignácio tinha gentilmente me forçado a entrar, enquanto cuidava da mula, removia seus arreios e punha-lhe peias e fornecia uma ração de milho. Eu me desculpei com a velha senhora por minha intromissão e disse que esperava não causar grande inconveniência ao pedir-lhe para passar a noite sobre um couro de boi junto ao fogo. "Ah! Senhor Doutor, o senhor veio ter à casa de um homem pobre, mas do que tivermos aqui o senhor pode dispor com todo prazer," disse a velha senhora, acompanhando suas palavras com outra reverência. O velho logo entrou, e depois de exprimir o prazer e a satisfação que sentia em poder abrigar-me, derramou-se em desculpas pela pobreza de sua morada, e depois, o que foi melhor, preparou-se para arranjar-me um jantar.

Ele não tinha muito a oferecer: um pedaço de carne seca espetado em um graveto e assado na fogueira, algumas raízes de mandioca colocada entre as brasas, uma enorme cabaça de leite com farinha; mas isto foi oferecido com tanta gentileza e com uma hospitalidade tão genuína e franca, que eu o apreciei ainda mais.

Sentamo-nos ao pé do fogo, fumamos, conversamos e quase assamos de tanto calor, enquanto nossas costas congelam ao ar frio da noite que penetra no casebre, pois não há nada para mantê-lo de fora a não ser os paus das paredes.

O velho casal já está quase encanecido, e evidentemente já viveu tempos melhores. Meu anfitrião é um homem alto, de ombros largos, magro e musculoso, pronto para um dia de trabalho com machado e foice, ou para uma caçada selvagem pelo mato atrás de gado semi-selvagem. Seu rosto, mãos e peito largo e cabeludo estão profundamente bronzeados pela exposição constante ao sol, seu cabelo é grisalho e enrolado, seus olhos penetrantes e claros, mas a expressão de seu semblante é peculiarmente franca e boa, e, apesar da pobreza que o cerca, há um ar irreprimível de dignidade e gentileza naturais.

Ele me contou que fora antes um criador de gado em larga escala no distante Goiás, onde passou por grandes dificuldades e má sorte; perdeu seus filhos, alguns na guerra do Paraguai, outros de doença, seu gado morreu e ele foi reduzido à pobreza; mas, ele disse, erguendo reverentemente o chapéu: "Se Deus assim o quer" ele não deve reclamar. Eis aí o cristianismo na prática para os teólogos e os que se preocupam em separar os credos.

Bem, o velho casal ouviu com séria atenção e interesse minhas breves descrições do mundo exterior. Para eles era tudo um vasto desconhecido; Londres poderia ficar bem no centro da África, ou nem existir, pelo que sabiam. Eles tinham ouvido falar que existia um mar, para eles uma espécie de lagoa imensa, e que havia países depois dele, de onde tinham vindo seus antepassados, os portugueses, a "terra do reino"

Já passava das 8, mas meus amigos não mostravam sinais de se retirar, exceto por a velha senhora ter estado ocupada no interior do quarto cercado, evidentemente preparando sua cama, pois ouviam-se os sons de lençóis sendo estendidos. Ela agora volta, o velho lhe pergunta: "Está pronto?" e, recebendo uma resposta afirmativa, levanta-se, e com um gesto bondoso informa-me que "quando eu quiser me retirar, a cama está à minha disposição, se é que eu posso aceitar por uma noite a pobre acomodação de um sertanejo."[25] Quando consigo me recuperar da surpresa causada pela oferta dessas boas pessoas de me cederem sua única cama e quarto e recostarem seus corpos idosos sobre um couro de boi nesta atmosfera hibernal, ora, é claro, reuni todos os meus poderes de argumentação para protestar com energia contra tal arranjo e,

25. Um nativo das regiões de criação de gado.

agradecendo-lhes muito gentilmente por sua bondade, imediatamente enrolei-me em minha manta ao lado do fogo, como modo mais efetivo de por fim à discussão. Ele se sentam perto da fogueira e conversam em voz baixa. Depois de um tempo, já quase adormecido, abro os olhos e vejo ainda o idoso casal ainda lá sentado, a velha senhora cabeceando de sono. "Ora, Senhor Ignácio, a senhora está evidentemente cansada, porque ela não vai para a cama?" "Não, senhor! Não podemos dormir enquanto o nosso hóspede não tem uma cama para se deitar; só o faremos quando o senhor fizer o favor de aceitar a única que temos a oferecer; muito nos dói vê-lo dormir aí".

"Meu Deus do céu! Meu bom homem, gostaria de não ter vindo; leve a senhora para dentro imediatamente, eu imploro". "Não", ele balança a cabeça solene e obstinadamente, e diz que espera a minha partida. Eis aqui um dilema, eu, jovem forte e saudável, desalojar o melhor casal de sertanejos que jamais conhecera e lhes obrigar a dormir nesta cerração fria e nesta atmosfera impregnada de neblina; e todavia lá está o teimoso velho placidamente sentado e sorrindo, e sua pobre esposa idosa mal pode manter os olhos abertos. Exclamo, imploro, faço-me de ofendido, mas o velho é irremovível e por fim consegue o que quer. Foi com uma pesada sensação de contrariedade e mesquinhez que ocupei a confortável cama, mas o velho casal estava tão firme em sua obstinação que não tive outro remédio senão seguir sua determinação.

Logo cedo eles estão de pé e trabalhando; o velho lá fora na neblina ordenhando suas vacas, a velha preparando o café sobre o fogo que foi mantido aceso a noite toda; o odor do café quente por si só serve para diminuir a sensação de frio e umidade criada pela cerração que penetra em nuvens pela estrutura aberta das paredes. Alguns cobertores e travesseiros sobre um couro indicam onde meus bondosos, mas exageradamente generosos, anfitriões passaram a noite. Por sorte, não preciso procurar minha mula, pois, como ela religiosamente volta toda manhã para o lugar onde recebeu sua última ração de milho, lá está ela agora, metendo a cabeça pela porta do casebre, zurrando alto e impacientemente, como se dissesse: "Quanto tempo mais esse milho vai demorar? Estou esperando há mais de uma hora."

Meu anfitrião continua teimoso e faz questão de arrear e embridar o animal. Realmente, uma hospitalidade assim faz lembrar aquela do árabe proverbial.

Ao partir, repugna-me oferecer ao velho algum dinheiro, mas acreditando não ter nada que ele pudesse apreciar, tomo alguns mil-réis e peço que ele compre para a senhora uma lembrança de minha visita; ele recusou firme mas gentilmente a oferta, mas "poderia aceitar um pouco do seu fumo, pois", disse ele, "minha mulher já não tem nenhum de resto." Eu tinha-lhe oferecido fumo na noite anterior, mas como ele disse que não fumava ou bebia, não pensei em oferecê-lo à velha dama. É preciso dizer

que eu felizmente estava em condições de enviar-lhe um tal rolo de tabaco, que provavelmente supriria a idosa senhora pelo resto de sua vida?

Neste mesmo dia, procedeu-se à mudança de Mesquita para o novo alojamento perto da ponte nova em Porto dos Gomes, para uma residência temporária. Aqui tudo é o mais rude possível, e as cercanias apresentam aquela aparência desleixada que é incidental aos terrenos recém-limpos e às obras em andamento, pois a floresta foi derrubada em muitos pontos, e as árvores e o mato jazem a secar para a estação das queimadas em agosto, e imensas vigas e lascas de madeira se amontoam pelo chão em volta do rancho.

Agora é fácil perceber por que a madeira é tão cara em uma região tão bem suprida de florestas, pois, embora a floresta adjacente abunde em esplêndidas árvores, no entanto é difícil encontrar duas espécies similares próximas umas das outras; conseqüentemente, quando se necessita de algum tipo particular de madeira, é preciso derrubar dezenas de outras árvores, e abrir muitas centenas de jardas de estrada para obter uma árvore do tamanho e qualidade desejados. Para as comparativamente poucas vigas requeridas pela ponte, dúzias de caminhos tiveram de ser abertos na floresta, alguns deles estendendo-se por mais de uma milha, e quando, depois de grande e paciente esforço, a árvore é derrubada, ela é arrastada pela áspera trilha cheia de tocos por uma vintena de bois até o rancho, para lá ser desbastada e aplainada com a enxó. É o resultado de um grande dispêndio de energia e de força bruta, não se usando quaisquer aparelhos mecânicos ou mecanismos que economizem trabalho.

Há muitos casebres de trabalhadores e fazendinhas neste distrito, mas os ocupantes são extremamente pobres e desprovidos de dinheiro; o solo é rico, e onde não foi limpo, densamente coberto de matas. Em muitos pontos, enormes rochas se amontoam sobre a superfície do chão; minério de ferro, quartzo branco e cristal de quartzo são os mais evidentes e também uma espécie de arenito duro, grosseiro e granulado. Ansioso como estou para apressar o trabalho, sou impedido de fazê-lo pela densa cerração que ocorre toda manhã, impossibilitando o nivelamento e o uso do teodolito até o meio-dia, e mesmo o prosseguimento da abertura de picadas é difícil. Ainda continua a fazer muito frio à noite, exigindo uma grande fogueira no chão de terra do rancho.

Um dia C. vem fazer-me uma visita, vindo de sua nova seção abaixo da minha, para combinar uma junção de nossos levantamentos. Ele trouxe sua espingarda de cano duplo e à tarde saímos pelo mato, mas uma caminhada de duas horas só nos trouxe uns poucos tiros em pombas do mato e umas poucas rolas; não se pode dizer que estas matas são desprovidas de caça, mas elas exigem cães e caçadores familiarizados com seus recessos e tempo à disposição para se obter pelo menos a oportunida-

de de encontrar caça decente, como tapires, capivaras, pacas ou uma possível onça.

À noite entramos no lado do rancho em que mora nosso vizinho, e onde os homens estavam se divertindo dançando um batuque; aqui C. está em seu elemento e junta-se animadamente à dança e à cantoria monótona mas estimulante. Mas que frio está fazendo! Há enormes fogueiras queimando no rancho coberto de palha, que corre um grande risco; e que cena estranha é aquela, as figuras dos homens passando de cá pra lá ao clarão do fogo, projetando sombras gigantescas no fundo pouco iluminado – uma cena que deliciaria Doré, mas é uma noite alegre. C. ensina proezas ginásticas ao povo, faz pilhérias e ao todo mantém uma tal provisão de divertimento, que é unanimemente proclamado um *jolly good fellow* ("O senhor doutorzinho é muito engraçado"). Minha parte do rancho tem apenas dez por doze pés; as paredes são só paus, contra os quais pregamos lonas impermeáveis para deter o ar frio e a umidade da noite, pois lá fora o chão está branco e crestado de geada, mas dentro temos uma bela fogueira de achas, que no entanto não consegue aquecer o ar do rancho aberto; tiritamos de um lado e assamos de outro. Quisera, mesmo assim, que durasse para sempre, pois esta estação é muito saudável e do mesmo modo a região, onde febres intermitentes ou outras epidemias são completamente desconhecidas. Depois deste evento, dez dias se passaram sem qualquer incidente, ao fim dos quais eu pude completar o último dos levantamentos desta seção e voltar a Mesquita para terminar os projetos e outros trabalhos de escritório preparatórios para uma partida definitiva. Antes de ir, porém, saí um domingo para uma há muito prometida caçada à paca, no rio próximo à fazenda. O lugar de encontro é cerca de quatro milhas rio acima, onde o curso faz uma curva acentuada em S. Aqui me aguardava o meu Nemrod com seus quatro projetos esquálidos de cães; depois da mula já presa, os cães foram soltos na mata e embarcamos em uma canoa, meu companheiro levando com ele uma espingarda e três bambus compridos com fortes ganchos de pontas afiadas presos em suas extremidades; eu estava curioso para saber para que eles eram, mas disseram-me simplesmente que eram para "apanhar as pacas"; bem, eu verei na hora certa. Levei comigo meu fiel revólver, já que não possuía uma espingarda. Ao abrir caminho até o meio do rio, que naquela estação do ano está bem baixo, deixando ver aqui um banco de areia, ali uma rocha preta redonda ou dentada, ouvimos o latido dos cães nas florestas acima das ribanceiras altas e abruptas de terra margosa amarela e vermelha, encimados por denso matagal e árvores cujas raízes parecem manter unido o solo macio; continuamos remando e esperamos em uma curva do rio. Policarpo aprontou seus bambus, pois as vozes dos cães se aproximavam da água. "Olha ali! Lá vão os bichos!" exclama meu ajudante, e rema furiosamente para uma parte do rio de cujas margens abarrancadas alguns obje-

tos escuros descem rapidamente para a água. Um barulho de mergulho diante de nós – uma paca acabou de entrar no rio –, mais outra e outra e outra; agora vários pontos escuros aparecem acima da água, cada vez mais e mais, o rio está coalhado de pacas nadando. Os longos bambus entram em ação; um é manejado como vara de pescar, e o gancho da ponta é habilmente enganchado na nuca da paca mais próxima, que é arrastada ao lado do barco, onde é presa e jogada para dentro com um golpe de misericórdia; outro pau é tomado rapidamente para pegar outra paca do outro lado; agora elas todas mergulham, mas é apenas por um ou dois momentos, pois reaparecem um pouco adiante, e Policarpo mata mais uma com um tiro. Mais pacas escorregam ou correm ribanceira abaixo, acossadas pelos cães que latem e que permanecem em terra firme, uivando. De pé sobre a canoa, com cinco tiros, acerto dois dos animais. Poderíamos facilmente pegar mais uns, mas seria um massacre inútil, pois já temos meia dúzia. As outras se espalham em diversas direções, principalmente rio abaixo em direção à margem oposta, onde as vemos em grupos de três ou quatro, alvos perfeitos para um pequeno rifle. Durante a volta, contemplo a cena da labuta dos meses passados e imagino se jamais chegará o dia em que nós todos, ou alguns de nós, estaremos aqui de novo para construir a ferrovia; se não, será uma longa despedida dessas matas e milharais, morros e riachos, agora tão familiares para mim; e a gente se sente sempre um pouco triste ao abandonar os velhos cenários de intenso prazer, mesmo que entremeados de muitas lembranças desagradáveis.

CAPÍTULO 6

DE MESQUITA A PICADA, PASSANDO POR SANTA QUITÉRIA, INHAÚMA E TABULEIRO GRANDE

ADEUS A MESQUITA – REMINISCÊNCIAS E CENAS DE INCIDENTES PASSADOS DO LEVANTAMENTO – ADEUS AOS BONS AMIGOS – UMA FAZENDA ANTIGA – UMA NOITE COM UM COMPANHEIRO – UMA NOITE ANIMADA – A DANÇA DO BATUQUE – UM TIPO IRRESPONSÁVEL – NOVOS ASPECTOS DO VALE DO RIO – MAIOR NÚMERO DE RÉPTEIS – ATRAVÉS DE SANTA QUITÉRIA – UMA FAZENDA MODERNA – PELAS TERRAS DOS CAMPOS – DELICIOSO CLIMA – TRILHAS ENIGMÁTICAS – UM NEGRO MUITO VELHO – UM COLEGA E SEU ALOJAMENTO EM URUCUIA – AS QUEIMADAS E A ATMOSFERA ENFUMAÇADA – AS SERIEMAS – INHAÚMA – UMA REGIÃO ÁRIDA – EMAS – CHEGADA À FAZENDA DA LONTRA – NOVOS COLEGAS – UM NOVO TIPO DE TERRA – UMA NEBLINA AMARELA – NOSSA SEDE EM CEDRO – UMA MAGNÍFICA ILUMINAÇÃO DE FOGUEIRAS NOS CAMPOS – UMA PRÓSPERA FÁBRICA DE ALGODÃO – O GRANDE SUCESSO DAS TECELAGENS DE ALGODÃO NO BRASIL – SOCIEDADE AGRADÁVEL – DOMINGO EM TABULEIRO GRANDE – DEBAIXO DE LONA – NO ACAMPAMENTO – PERSPECTIVAS AGRADÁVEIS – PESSOAS BOAS DE NOVO EM MEU ALOJAMENTO EM PICADA – SINAIS DE DIAMANTES.

Na manhã de 14 de agosto, despedi-me definitivamente das boas pessoas de Mesquita. A bagagem foi enviada em um carro de bois que teria de viajar cerca de setenta milhas até minha próxima seção; todos os empregados se reuniram para desejar-me "boa viagem"e "até a volta, se Deus quiser". Um pesar verdadeiro e sentido, acredito, foi demonstrado à minha partida, pois minha presença entre eles tinha sido um evento e uma mudança na monotonia tediosa de suas vidas; mesmo os velhos escravos que tinham trabalhado para mim tinham passado melhor do que há muito haviam se acostumado a passar e ganho um dinheirinho que os supriria de fumo e cachaça por um longo tempo.

A seriema.

O velho e a velha estavam ambos muito lacrimosos, e eu finalmente parti em silêncio com meus dois escudeiros: Chico e um matuto alto, Teixeira. Eu estava muito contente de partir para uma nova área, no entanto, devo confessar que sentia pesar por deixar o teto simples e honesto de Mesquita, onde, afinal de contas, tantos dias agradáveis tinham-se passado. Os quatro meses e meio gastos nos levantamentos da área para dezessete milhas de ferrovia podem e irão parecer uma demora extraordinária, para um trabalho desses, a quem não tem experiência em fazer, sozinho, levantamentos para uma linha de trem através de uma região excepcionalmente acidentada e coberta de florestas[1].

1. O trabalho referido compreende a totalidade e acabamento completo de todas as plantas relacionadas à seção, a saber, plantas topográficas de 1-10.000 do terreno por três quilômetros, de cada lado da linha; planos detalhados da linha na escala 1-4.000, mostrando os contornos do terreno, divisões de propriedades, limites de freguesias, etc., numa distância de 80 metros de cada lado da linha; seção longitudinal em 1-4.000 e 1-400; plantas especiais de locais difíceis e cópias em duplicata de todas as notas de campo e nivelamento; e um relatório geral sobre a seção.

Havia uma jornada de três ou quatro dias diante de mim (pois nossa sede tinha novamente sido movida para mais adiante, para Tabuleiro Grande), e eu farei uma cavalgada de despedida através das já tão familiares paisagens na descida do vale.

Ao passar por elas, quão vividamente se pode recordar os diversos incidentes, cômicos ou não, do progresso dos levantamentos! Lá naquela picada que cruza uma velha roça é que um boi foi encontrado calmamente mastigando uma das pernas do teodolito; o instrumento tinha sido largado desguardado enquanto eu seguia um pouco adiante, e, ao voltar, para minha agonia, dei com o ele no chão e uma das pernas atravessada entre as mandíbulas de um boi, que tentava extrair algumas partículas salinas humanas que tinham sido absorvidas pela madeira quando manejado ou carregado. O animal deixou-a cair e fugiu; uma das pernas estava tão estragada que foi necessário mandar fazer outra em um carpinteiro de aldeia em Capela Nova. Se o capim brasileiro é deficiente em matéria salina, eu não posso dizer, mas todo gado no Brasil vive ávido à procura de sal e come o que quer que seja levemente salino. Sal pirético ou *Hunyadi János** seriam para ele, provavelmente, o mais fino néctar.

Ao cruzar o Rio Betim, ao pé de suas graciosas cachoeiras (onde a armadilha de peixes tinha tão providencialmente fornecido tantos ótimos peixes), vem-me a lembrança de um mergulho; um pouco mais abaixo na corrente uma árvore caída se estende sobre a água de margem a margem; meus ajudantes, descalços, corriam facilmente pelo tronco, mas em um dia de chuva, quando eu estava atravessando por ela com minhas botas, é claro, escorreguei e mergulhei de cabeça na água, em meio às risadas de meus insensíveis empregados.

Mais adiante, contornando aquela curva fechada do rio, onde os penhascos, cobertos de densas matas e grandes pedras, despencam tão abruptamente para o rio (onde tínhamos de nos dependurar como macacos, agarrados a tocos e galhos), em certa ocasião um dos homens escorregou, rolando pelo mato até a rápida correnteza lá embaixo, onde foi carregado por muitas centenas de jardas antes de conseguir voltar à terra novamente. Este mesmo lugar tinha de ser atravessado muitas e muitas vezes, cansativamente, após um longo dia de trabalho, e lá, no mesmo lugar, nas pequenas reentrâncias dos penhascos, ficam as tocas das estúpidas e desajeitadas capivaras, até então nunca perturbadas na reclusão de seu refúgio.

Subindo-se os morros enflorestados, o rio desaparece de vista, e a trilha passa através das matas que eu tantas vezes atravessara. É como se despedir de velhos amigos; umas poucas milhas mais e avistamos mais algumas das distantes picadas lá longe, à esquerda, no profundo vale a nossos pés.

Foi naquele ponto que atraímos os marimbondos sobre nós; lá está aquela parte

* Na Hungria, fonte de água medicinal que contém sulfato de sódio e sulfato de magnésio. Esta água era provavelmente engarrafada e vendida como medicamento. (De Hunyádi János – 1387-1456 –, estadista e guerreiro húngaro.) (N.T.)

da mata infestada de bernes; acolá há uma moita cheia de carrapatos; foi ali que o velho João, um negro velho, deu um talho no pé quando a foice escorregou – pobre João, com mais de sessenta anos de idade, mas firme e forte como um carvalho. Trazido da África quando era uma criança enfermiça, foi vendido por quinze mil-réis (cerca de trinta *shillings*), e vive como escravo desde então; ele era um velhinho cômico, feliz com sua sorte, sem esperança de mudá-la, um perfeito repertório de histórias, um mímico excelente, e durante o desjejum diário mantinha-nos bem-humorados com suas graças. E foi ali, debaixo daquele jacarandá alto, que uma linda cobra coral passou sobre as botas que eu calçava, enquanto eu observava imóvel o esplendor de suas múltiplas cores cintilantes brilhando à luz do sol. Lá está aquele mato em que me perdi no escuro e tive de procurar abrigo na casa do Ignácio; e, mais adiante um pouco, aparece o teto de palha castanho-bronze de seu casebre, engastado entre o cerrado e as árvores. Pobre velho sujeito, é tarde para começar a vida de novo, mas ele está cheio de esperança, coragem e energia. Será que ele vai conseguir? Sim, pelo menos sobreviver, pois suas necessidades são poucas e facilmente supridas, e suas despesas insignificantes. Matas, matas, matas por toda parte – vales e morros cobertos de matas; as seriemas chamavam e respondiam umas às outras de ambos os lados do rio; as cigarras apitavam estridentes, como uma competição de locomotivas; havia um zumbido de insetos; e o calor subia acima da floresta em raios trêmulos, fazendo o cenário parecer ainda mais quente e verdadeiramente tropical.

No rancho perto da ponte nova que está sendo construída em Porto do Gomes, temos de parar para uma última xícara de café com o construtor e seus homens, meus antigos vizinhos. A ponte estava bem adiantada; ela será solidamente construída e durará por gerações.

Depois passamos por diversas fazendolas, em cada uma das quais eu era bem conhecido e onde tinha de parar para tomar mais uma xicrinha de café de despedida, ou talvez "um golinho pequeno" da abominável cachaça; nós a chamamos de "porcaria", "veneno", "coisa miserável", "pinga", etc. , dizemos que não gostamos dela, e no entanto a bebemos e continuaremos a bebê-la, pois, com moderação, é uma bebida inofensiva e saudável. De novo através das matas, por meras trilhas de cavalo, subindo e descendo morro, passando por mais casas e pequenas plantações, onde sempre recebo um "boa viagem, Senhor Doutor", e "Deus lhe acompanhe". Por fim, passei pela última parte de minha seção, perto de uma pequena fazenda e umas poucas casas conhecidas como Fazenda de Dona Cândida. Foi lá que C. permitiu a um velho olhar por seu teodolito e contemplar o mundo de cabeça para baixo. Seus "uais" de surpresa podem-se imaginar quando ele disse para umas mulheres que estavam em sua linha de

visão: "Estou vendo vocês com as pernas pro ar." Elas gritaram, seguraram as saias, como as mulheres fazem quando está ventando, e fugiram correndo, gritando e rindo.

Perto do crepúsculo, chegamos à Fazenda de Miguel Francisco, o alojamento de C. e Peter, que estavam então trabalhando juntos. Era um lugar pobre e caindo aos pedaços, em planta, similar ao arranjo mais comumente adotado pelos mineiros nas gerações passadas, ou seja, a frente do prédio consiste de uma fachada uniforme com uma varanda no centro, cercada por um cômodo de cada lado, tudo coberto por um telhado de telhas velhas pretas, cinzentas e vermelho-escuras, atapetado de liquens e ervas daninhas; as paredes, originalmente rebocadas e caiadas, mostravam grandes brechas de adobe marrom e da estrutura, onde o reboco caíra. Uns poucos degraus levam à varanda do lado de fora; as pedras estão gastas e soltas e balançam quando se pisa nelas.

A balaustrada da varanda está no último estágio de decrepitude e o corrimão equilibra-se nas extremidades de uns poucos balaústres soltos que restam, pois a maior parte já desapareceu. Várias portas se abrem para interiores escuros, em um dos quais avisto meus dois colegas.

À noite, depois do jantar, transferimo-nos para um celeiro adjunto, alojamento de todos os ajudantes de C. e de Peter; onde também encontramos reunido todo o pessoal da fazenda, que tinha sido convidado para assistir a um batuque (fandango), pois no dia seguinte, sendo dia santo, eles poderiam dormir embalados pelos efeitos combinados da excitação e da cachaça.

Como esta dança já foi mencionada várias vezes, e o será mais outras, uma curta descrição pode ser oportuna. Ela é normalmente dançada por dois casais, às vezes mais, que ficam de frente um para o outro. Dois violões tilintantes de cordas de arame começam então um trum, trum, trum, e o capataz de C. (um sujeito selvagem, com cara de cigano, belo e airoso como um Adônis, com olhos como os de uma gazela, mas que contêm o fogo de um gato selvagem, um grande dançarino e um patife ainda maior) avança e conduz os dançarinos, dois homens e duas mulheres; trum - trum - trum - três ou quatro vozes subitamente iniciam um refrão áspero e alto, em tom agudo, em ritmo acelerado, contendo alusões ao "patrão" e aos seus méritos, aos incidentes do trabalho diário, misturados com a beleza de Marias ideais; os outros homens presentes unem-se ao coro, cada um fazendo uma segunda ou terceira voz, um falsete ou um baixo. Com canções rítmicas acompanhadas de palmas e arrastar de pés, a dança começa, primeiro um compasso lento, que é mantido por algum tempo, depois, gradualmente, crescendo de velocidade, os dançarinos avançam e voltam, as mulheres balançando o corpo e ondulando os braços, os homens marcando o ritmo com

palmas a cada coro. Os sons compassados sobem e descem, depois tornam a acelerar, as canções e os passos arrastados ficam rápidos e furiosos, mãos e pés e vozes mantêm o ritmo; e há muita pantomima entre os casais. O Adônis, como mestre de cerimônias e regente da orquestra, estimulava os dançarinos com palavras e gestos e cantava com os outros. O cenário consistia em uma fogueira brilhante, que queimava e crepitava no chão de terra, lamparina de óleo de mamona de pavio único pendurada em um mastro; as formas de homens e mulheres iluminadas pelo clarão ascendente do fogo cresciam contra a obscuridade do interior do celeiro; a música era certamente agreste, todavia o excelente ritmo e os acompanhamentos compassados tinham um efeito agradável – selvagem e bárbaro talvez, mas que, por isto mesmo, atraía o barbarismo latente em tantos homens.[2]

Mas todos esses homens tão jovialmente ocupados tinham reputações sinistras, pelo menos aqueles acerca dos quais pudemos obter alguma informação; ao Adônis, especialmente, eram atribuídas várias mortes, resultados de lutas livres; ele era procurado pela polícia e já tinham tentado prendê-lo. Dizem que em uma ocasião a polícia cercou uma casinha de pau-a-pique em que ele dormia; mas tendo sido prevenido a tempo, ele levantou barricadas nas portas e janela, e enquanto a polícia arrombava a porta, fez um buraco através da cobertura de capim, escorregou de lá, saltando sobre os perplexos policiais como um arlequim, deu-lhes umas facadas como lembrança e depois desapareceu na floresta. Recusarmo-nos a empregar tal homem seria simplesmente absurdo; ele não era pior do que qualquer outro que pudéssemos encontrar, esplêndido homem do mato e, mais estranho ainda, aparentemente honesto e confiável; e, julgando-se o seu caráter moral de um ponto de vista nacional, não era pior que nenhum valentão de aldeia inglês. Não o chamem de assassino e homicida, pois ele se recusaria a assassinar quem quer que fosse por dinheiro ou a sangue frio; ele era vivo e inteligente e seria um seguidor fiel se pudesse evitar meter-se em enrascadas. Foi cerca de um mês depois disto que ele desapareceu de repente, tendo provavelmente ouvido que estava sendo procurado de novo.

Como o dia seguinte era um dia santo de guarda, os homens não trabalhariam a troco de nada. Nós nos despedíramos deles cedo na véspera e ouvíramos o barulho da farra durante toda a noite; alguns deles, na manhã seguinte, tinham uma aparência sonolenta e estavam da cor de sopa de ervilha, mas este último efeito é comum nas manhãs frias.

O dia foi passado em esboços, pescarias, banhos de rio e ouvindo C. discorrer sobre seus tópicos infalíveis: críquete e excursões de barco.

As cercanias são consideravelmente diferentes dos distritos rio acima, pois for-

2. Estas danças são características do Brasil; elas se baseiam nas velhas modas portuguesas, misturadas com costumes indígenas e conformadas ao ritmo monótono da música africana, de onde vem o sangue que participa em larga escala da composição do típico matuto brasileiro. Mawe, em suas viagens de 1817, descreve uma dança indígena que vira em Minas Gerais, em que pode traçar uma similaridade considerável ao batuque, e os habitantes aborígenes devotavam a maior parte de seu tempo a orgias de bebida, dança e música.

mam as fronteiras do sertão: os capinzais da região pecuária, com seus tabuleiros, gerais, chapadas, cerrados, campos, brejos, capões, pântanos e buritizais, todos estes termos empregados para designar as várias configurações do terreno e sua cobertura vegetal.

Mesmo as margens do rio são comparativamente desprovidas de florestas; suas bordas ascendem até se tornar morros altos e ondulantes, cobertos com finos tufos de capim duro, com cinturões de capão verde-escuro ocupando os desfiladeiros e a drenagem das encostas. As paisagens do rio são particularmente encantadoras; a corrente serpenteia em um largo lençol d'água de cem jardas de largura (interceptado aqui e ali por rochas negras e pequenas corredeiras), entrando e saindo de magníficos anfiteatros formados por morros verdes, finamente pontilhados de árvorezinhas retorcidas ou trechos de floresta escura. O ar é aromático e puro; carrapatos e bernes estão comparativamente ausentes, mas uma abelhinha preta, comum às regiões de campinas, é muito incômoda e irritante; ela não morde nem pica, mas atormenta a pessoa, subindo e passeando às dúzias pelas mãos, rosto e pescoço, entrando nos olhos, nos ouvidos e se emaranhando nos cabelos: espante um bando delas, outras imediatamente tomam seus lugares; abra a boca, quantidades dela estão prontas a explorá-la. A caça é bastante abundante; perdizes, codornas e veados eram freqüentemente vistos nos capinzais e cerrados. As cobras também eram desagradavelmente numerosas. As mortíferas jararacuçu e surucucu, assim como as inofensivas caninanas pretas, a cobra verde de São João e as lindas cobras-coral, eram vistas a cada poucos dias.

Mas, no geral, meus colegas mereciam congratulações por sua seção. Os proprietários da fazenda faziam o que podiam, à sua maneira, para agradar seus hóspedes, mas o interior da casa era um caótico domicílio da ruína, lixo e confusão, de maneira nenhuma melhorado pelos hábitos desleixados de meus colegas. Para chegar à minha rede, era necessário abrir caminho entre presuntos e arreios, correntes e queijos, papéis e provisões, garrafas e botas, cadernetas-de-campo, pratos, roupas, marcos de levantamento, instrumentos, plantas, esporas, chicotes, caixotes, malas, bancos e espingardas, todos jogados de qualquer jeito quando trazidos para dentro.

16 de agosto – Uma esplêndida cavalgada sobre imensos morros ondulados de capim trouxe-nos a Santa Quitéria, onde F., que tinha acabado de se mudar para cá de sua seção acima de Mesquita, fixara residência em nosso antigo quartel-general.

O levantamento se desviava do rio ao fim da seção de C. e prosseguia cortando o terreno por umas 100 milhas, evitando o solo acidentado e enflorestado do vale do rio e diminuindo consideravelmente a distância.

Sob os cuidados de F. o ex-quartel-general apresentava um ar de organização e limpeza agradáveis de contemplar, um oásis nesta terra de desconforto decadente e

habitações freqüentemente lúgubres. Permaneci lá aquela noite e prossegui na manhã seguinte para Urucuia, na próxima seção, onde residia O., que também se transferira de São José recentemente.

Um pouco fora da cidade fica a grande e importante fazenda de Santo Antônio, um prédio amplo e oblongo de dois andares, com janelas envidraçadas, que se ergue em um vale aberto de campina, cercado por enormes montanhas redondas; grupos de palmeiras de palmito e uns poucos pinheiros de araucária crescem esparsos, indicando com sua presença a combinação de regiões tropicais e temperadas desta área. A fazenda, além da criação de gado, produz açúcar e rum (cachaça e restilo), ambos vendidos para consumo local. Ela pertencia a uma antiga família branca de considerável influência; a propriedade era muito extensa, os escravos numerosos, e ambos representavam uma quantidade muito considerável de capital empregado; mas como as terras tinham sido herdadas, e os proprietários não tinham de pagar arrendamento ou mesmo impostos, o resultado provável era uma renda boa, mas provavelmente insuficiente para deixar uma margem para um aluguel e impostos moderados, ou uma pequena porcentagem sobre qualquer capital despendido na compra da terra. Apesar do evidente ar de prosperidade conferido pelo tamanho da residência, o número de depósitos, engenhos, senzalas e outros anexos, e o alto e maciço muro que a cercava como uma prisão, há uma ausência absoluta de conforto aparente ou aconchego; nenhuma varanda, nenhuma trepadeira sobre um alpendre, nenhum canteiro de flores, as janelas não têm cortinas e estão opacas de poeira; nos campos abertos em frente, tábuas, carretas quebradas e lixo dividem com as galinhas e os porcos a ocupação dos trechos de capim e mata descuidados. Lá dentro, no entanto, ter-se-á uma amostra da hospitalidade patriarcal; no longo saguão ou sala de jantar, o proprietário, cercado por sua família, dá as boas vindas a qualquer dos moradores da região, que, de acordo com sua posição, sentam-se acima do sal ou abaixo do sal, como nos velhos tempos feudais.

Seguindo em frente, encontramos estradas largas, firmes e secas, não devido a qualquer auxílio artificial do homem, mas simplesmente à ausência de causas que as tornem diferentes, pois, passando como fazemos ao longo de cumes e sobre longas encostas de cascalho amarelo e morros cobertos de capim, a drenagem das estradas é natural, e não havia matas para tapar o sol e barrar o vento; além do mais, o solo mudou do rico solo de argila vermelha do vale do alto Paraopeba para cascalho duro de quartzito; a vegetação é pobre e escassa, consistindo principalmente de finos tufos de capim duro, muitas moitas mirradas em flor, uns poucos arbustos baixos aqui e ali, capões nos vales mais fundos e desfiladeiros das encostas, onde a umidade se reúne e cria um depósito de húmus mais espesso. Nestas campinas, em conseqüência de a paisagem ser mais aberta e

ininterrupta do que nas áreas de floresta, as habitações e pequenas fazendas parecem mais freqüentes, talvez porque a região seja realmente mais habitada, não sei dizer, mas a cada milha ou duas, em uma direção ou outra, ou à beira da estrada, uma casa ou casebre é vista. A região poderia, com uma pequena alteração, ser facilmente transformada em uma paisagem inglesa, digamos, as planícies do sul ou partes da Ilha de Wight, bastando para isto fazer umas poucas fileiras de sebes e campos cercados, tirando a silhueta azul ao fundo das serras distantes a sudeste; a temperatura era a de um dia de verão inglês com brisas, deliciosamente fresca e agradável.

Não fosse o meu ajudante Chico afortunadamente conhecer a estrada, ela teria sido muito difícil de encontrar, pois há longas linhas de trilhas paralelas que se ramificam para a esquerda e para a direita; outras trilhas cruzam a nossa, levando a todos os pontos cardeais, e somente umas poucas pareciam mais usadas do que as demais. No caminho, encontramos poucos viajantes; um carro e junta de bois ocasional, que fazem as encostas ressoarem com o rangido discordante dos eixos sem lubrificação,[3] ou a música dos sininhos de um tropa de mulas interrompe por pouco tempo o silêncio do campo, que de outra maneira só seria quebrado pelo sopro do vento, ou pelos gritos e o alarido dos pássaros, gaviões, anus, almas de gato, canários, ou bandos de periquitos. Há uma névoa peculiar perceptível na atmosfera, algo como o que se nota em uma tarde de outono; aqui ela é causada pela queimada anual dos capinzais e roças por uma vasta área do território, e sempre ocorre nesta província durante este mês de agosto.

Próximo ao meu destino, passei por um negro velhíssimo; sua carapinha rala era branca como a neve, seu rosto, profundamente vincado com os sulcos do velho tempo, e suas pernas, do joelho para baixo, eram estacas nuas cobertas de músculos retorcidos, como pedaços ásperos de carvalho centenário: ele caminhava firme, com uma espingarda sobre o ombro, um saco de caça nas costas e acompanhado por um par de cães, ambos *pointers* nativos (perdigueiros) de boa aparência . Ele me disse que estava voltando para Urucuia e que O. ocupava um cômodo em sua casa. Perguntei sua idade. Respondeu que ele próprio não sabia; mas pelas coisas de que conseguia se lembrar, as pessoas calculavam que ele devia ter 130 anos de idade. Sondei as lembranças do velho, mas ele levara uma vida tão isenta de incidentes que só podia se lembrar de pequenos feudos familiares e altercações locais e que há muito tempo os portugueses governavam o País, quando ele desembarcou aqui como escravo vindo da África.

Urucuia[4] finalmente! Uma propriedade de beira de estrada, bem ajeitada, aninhada entre árvores e graciosamente situada em um vale junto a um riacho; há matas em número apenas suficiente nas concavidades dos morros e às margens das águas para quebrar a monotonia das elevações gramadas, parecendo dunas, que constituem a ca-

3. É uma crença comum que os animais não puxam tão bem sem este barulho. Certamente um pouco de óleo eliminaria tanta fricção e exigiria menos esforço.

4. Pronuncia-se *Oo-roo-koo-yar.*

racterística principal do terreno. A casa era uma construção baixa e extensa de adobe, com cobertura de telhas e dividida em diversos cômodos com portas abrindo para a fachada, como uma série de celas. Em um destes compartimentos, O. criou um ambiente confortável para si; o chão de seu quarto era de mãe-terra, e as paredes apenas rebocadas com barro marrom-amarelado, mas tudo estava organizado e agradavelmente limpo. Ele logo foi visto chegando pela estrada, um inglês louro, robusto, de faces vermelhas.

Quando aludi ao negro centenário que eu acompanhara na estrada, O. contou-me que ele deve ser de fato um homem extraordinariamente velho, pois as duas gigantescas gameleiras diante da casa, com troncos de três pés de diâmetro, foram plantadas como mudas pelo velho quando ele já tinha cabelos grisalhos, o que um negro saudável raramente adquire antes dos sessenta ou setenta anos de idade; além do mais, seu neto, um jovem de quase setenta anos de idade, disse que quando ele era menino seu avô já parecia ter a mesma aparência de hoje. O ancião ainda era tão vigoroso que pedira várias vezes a O. para tomá-lo a seu serviço na abertura de picadas. Ele disse que nunca tivera um dia de doença em todo o decorrer de sua longa vida, e, no entanto, fumava o forte tabaco nativo e ocasionalmente bebia cachaça – quando conseguia alguma.

18 de agosto – Saímos bem cedo, para aproveitar o ar deliciosamente limpo e frio destas terras altas, tão isento da densa cerração matinal do vale do Paraopeba; mas não havia mais céu azul, e várias semanas se passaram antes que o víssemos novamente. Ele agora parecia um tipo de camurça puxada para o creme, com o sol parecendo um grande disco vermelho e redondo, como se o olhássemos através de um vidro enfumaçado; havia na atmosfera um leve odor de capim queimado, mas a fumaça das "queimadas" subia bem alto e não nos incomodava, a não ser pelo reflexo pálido e difuso que causava.

Mais um dia de jornada por sobre os longos morros ondulados e através de trechos de mata e cerrado nos fundos dos vales, onde, naquela estação fria, os cursos d'água estavam rasos e muitas vezes secos, e as estradas enrugadas de barro ressecado, que se transformam em terríveis lamaçais na época de chuva. Como esta é a principal estrada para o interior, todos os riachos principais têm pontes. Muitas destas estruturas eram velhas e vacilantes e apresentavam grandes buracos na passagem, mas ainda eram fortes o suficiente para suportar o peso dos ponderosos carros de bois.

Nos topos dos morros, não se pode cansar nunca de discorrer sobre a peculiar exaltação da atmosfera (mesmo agora, enevoada de fumaça): é um prazer diário. Enquanto passávamos, muitas codornas[5] saíam do capim e fugiam correndo com um ruído de asas e um vôo semelhante ao de um peixe-voador.

5. Um tinamídeo.

Mais tarde passamos por morros cobertos de cerrado, cujo capim já tinha sido varrido pelo fogo; as esparsas árvores esmirradas, retorcidas e atarracadas peculiares a esta forma de vegetação estavam carbonizadas e enegrecidas; o capim jazia em pilhas e tufos como penas pretas, que flutuam e redemoinham no ar a cada sopro do vento; as seriemas são inúmeras; seus gritos gargarejantes são ouvidos por toda parte, e logo duas aparecem à nossa frente na estrada.

O velho burro cinzento foi induzido a acelerar o passo; as aves trotavam confortavelmente à nossa frente com uma espécie de movimento dançante, e eu não conseguia me aproximar. Vamos, Tommy! Avante, garoto! Tommy escoiceou e grunhiu sua desaprovação à aplicação renovada da espora, mas foi o mais rápido que pôde. Chegamos perto das aves, que tinham ficado calmamente observando nossos esforços com um interesse evidentemente divertido, mas, quando nos aproximamos, elas repentinamente pareceram dobrar-se no meio e torcerem-se em nó com seus longos pescoços e pernas; súbito, o longo pescoço se projetou para fora do embrulho como que expelido por uma catapulta, e eis que elas já sumiram de vista. Havia uns amontoados de mato e sarça carbonizados ali em volta; procurei nas cercanias mais imediatas, mas não pude mais por os olhos nelas, até que ouvi seus grugulejos desafiadores vindos de umas árvores além, à direita.[6]

À tarde entramos na sossegada vila de Inhaúma,[7] que consiste em uma pracinha, de cerca de 50 jardas quadradas, um lado da qual era ocupado por uma igrejinha engraçada, velha e caiada, e os outros por filas de casinhas de porta-e-janela. Ruas ramificavam de cada canto da praça, contendo mais algumas casas destacadas e casebres forrados de sapé. Em um canto havia uma venda meio vazia, cujo proprietário estava profundamente adormecido sobre o balcão. Uma ou duas cabeças apareceram em janelas abertas. Nas ruas, via-se uma velha mulata solitária, umas poucas crianças pardas, nuas e com barrigas inchadas, e, é claro, o porco e o cão vagabundo de sempre; um carro de bois quebrado e um cavalo esquálido eram os únicos outros sinais de movimento e vida. A altaneira e árida Serra de Inhaúma fica imediatamente ao fundo do povoado; havia umas poucas árvores nos quintais, mas como a vegetação rasteira em torno, todas estavam desfolhadas, escuras, empoeiradas e com um aspecto hibernal; o céu estava amarelo e uma claridade amarelada caía sobre tudo; no entanto a temperatura não estava nem um pouco alta.

Encontrei meu companheiro de viagem do Rio, W., em uma casa na esquina da praça; ele a tinha limpado e a tornado salubre e habitável, mas o pobre homem estava de cama com sarnas e não podia levar adiante o seu trabalho. Nós todos tivemos de passar por esta iniciação à vida de Minas; por sorte, eu já tinha passado pela minha e

6. Esta ave, o *Dicholophus cristatus*, Ill.; *Palamedea cristata*, Gmelin; *Saria* dos guaranis; e *Çariama* dos naturalistas, é uma combinação de muitas das características das tachãs, jacamins e grous. Seu comprimento total é de 32 polegadas. Sua cor é castanho-amarelada, com marcas finas em ziguezague de um tom mais escuro. Ela é essencialmente carnívora em sua alimentação, e como seu congênere africano, o serpentário, é tido como uma grande destruidora de cobras. Sua carne é tida como comestível, mas achei-a, em uma ocasião posterior, dura e completamente intragável, devido a um forte sabor rãncido. Ela corre com espantosa velocidade e raramente voa mais do que um meio-pulo, meio-vôo até os galhos das árvores baixas. Embora elas sejam extremamente ariscas e nervosas em seus movimentos, podem ser facilmente domesticadas e conviver prontamente com galináceos domésticos.

7. Pronuncia-se *Een-yah-oomer*.

podia prescrever um tratamento e dar conselhos. Ele era bem servido por um italiano que contratara, um excelente cozinheiro, garganteador de árias operísticas.

Na manhã seguinte, deixei W. em casa (pois ele esteve incapacitado de sair por vários dias) e continuei a jornada para a Fazenda da Lontra, onde soube que dois novos homens tinham-se unido a nós e se alojado lá. A fisionomia da região a partir de Inhaúma muda de novo consideravelmente; a terra é mais baixa, mais plana e mais enflorestada, com vegetação rasteira densa, espinhenta, sarça, folhagem emaranhada e trepadeiras; as roças são encontradas com mais freqüência; há longos trechos de prado perfeitamente plano e pantanoso, de milhas de extensão, cercados por uma franja de mata e cerrado. Em uma dessas planícies eu avistei uma quantidade considerável de emas, que não são de modo algum incomuns em Minas. Elas deixaram-me chegar a 100 jardas delas e depois puseram-se a trotar calmamente para longe; elas são mansas assim porque nunca são caçadas ou perseguidas para coisa alguma, embora suas penas sejam lindas em forma e textura, apesar de encardidas na cor.[8]

Mais adiante, passamos por consideráveis tratos de cerrado desfolhado, onde o chão era desprovido de vegetação rasteira ou capim e limpo como se tivesse sido varrido, pois o fogo tinha passado sobre a terra, e os ventos carregado para longe os restos calcinados; há milhas de terreno deste tipo, de aspecto totalmente hibernal. Ele é levemente ondulado, e nas concavidades o chão úmido manteve a vegetação fresca e verde e desafiou e resistiu ao fogo. Emergimos do mato para os terreiros e prédios da Fazenda da Lontra, previamente oculta de nossas vistas pelas moitas de selva e mata que a cercam; ela era certamente, com exceção da Fazenda Santo Antônio, perto de Santa Quitéria, a mais importante fazenda que eu vira em meu levantamento; pois a casa era limpa, alegre e cômoda e coberta de telhas; os anexos e engenhos eram grandes e sólidos; era um lugar bem moderno, todo novo e limpo e, conseqüentemente, não tivera ainda tempo de se deteriorar e apresentar aquelas manchas de chuvas pitorescas, mas desconfortáveis de se olhar; havia currais e vários carros de bois no terreiro, vários negros ocupados em tarefas diversas, e outras evidências de prosperidade nativa; mas nenhum arado ou grade, nem o mais primitivo dos aparelhos inventados para economizar trabalho (exceto, é claro, o rústico monjolo); todas as tarefas da fazenda são executadas apenas com o machado, a foice e a enxada; e a produção, transportada em paneiros sobre mulas ou cavalos, ou no primitivo carro de bois.

Dirigi o burro para a porta aberta de uma longa fileira de cômodos sem janelas em um prédio separado, onde avistei no interior uma espreguiçadeira, uma mesa com livros e jornais, malas de estrada e muitas outras coisas; e do lado de fora, várias garrafas pretas de aspecto suspeito com uma pirâmide vermelha nos rótulos, que bastariam

8. *Rhea americana*, Temminek; *Struthio rhea* de Linnaeus; o *Tuiju* de Lacépède; *Nandu* ou *Nhadu-guaçu* dos guaranis. A ave é menor do que o avestruz, ao qual costuma ser comparada, mas sua cabeça e pescoço são completamente emplumados; as asas têm plumas e elas são armadas com uma espora curva. Em sua posição natural, quando de pé, a cabeça fica cerca de cinco pés acima do chão. Sua cor geral é um castanho-acinzentado mesclado de preto, clareando nas partes inferiores. Diversas fêmeas ocupam em conjunto um único ninho e botam conjuntamente de 20 a 50 ovos. O macho solta uma nota baixa e sibilante e choca os ovos sozinho. É capaz de grande velocidade na corrida, e uma pancada de seu pé é como o coice de um cavalo. A carne do peito é comida às vezes, mas é dura e grosseira. As plumas desta ave são exportadas para a Inglaterra, principalmente das províncias sulinas e de Buenos Aires, como um artigo de comércio, e são freqüentemente vistas em forma de delicados espanadores.

para convencer-me de que eu estava na pista de um britânico. Um óbvio alemão aproximou-se e perguntou se eu era "Ze Mr. Veltz?" "Sim." "A patrão falou parra zenhor não ir mais lonche; zenhor esperrar ele voltar, ele voltar logo, pode terr certeza; peque uma cadeirra e um chornal, eu trazer parra o zenhor o cerfecha ou o café. Qual o zenhor querr?" Ora, isto é que é um excelente criado – um bom criado. "Sim, vou esperar um pouco para ver se seu patrão volta."

Pouco depois ouviu-se o som do galope de um cavalo cruzando uma ponte perto do terreiro, e um jovem inglês de cabelos louros apontou, com a tez vermelha peculiar aos louros quando queimados de sol. Ele era B.G., assistente de D., que estava fora trabalhando.

Ainda era cedo; eu deveria prosseguir para o quartel-general, mas fui tentado a permanecer para desfrutar do luxo incomum de um almoço (que sujeitos luxuosos!), e, para acabar de fortalecer minha decisão, um perfume bem conhecido penetra no aposento, um perfume muito plebeu, um cheiro tão comum, e no entanto, depois de seis meses de feijão com farinha, ninguém pode recusar os odores convidativos de *ovos fritos* e *bacon* inglês.

Mr. D. chega mais tarde, e minha fraca intenção de seguir viagem foi rejeitada, sob a alegação de que D. cavalgaria até o quartel-general comigo no dia seguinte. Outra tentação era o fato de que este lugar estava transbordando de leite e mel e delícias de todos os tipos, pois muitas das provisões estavam lá; elas tinham de ser provadas e receber um parecer antes de alcançarem seu destino – o quartel-general –, de onde tão poucas retornavam. Embora estranhos uns aos outros, éramos compatriotas e colegas, e, na melhor das saúdes; assim, pode-se bem imaginar que nossa noite não foi uma reunião de *quakers*.

Partimos na manhã seguinte, em uma atmosfera curiosamente parecida com um *fog* londrino amarelado; felizmente, as nuvens de fumaça não desciam à terra, mas pendiam suspensas sobre nossas cabeças em um céu amarelo denso, que no entanto permitia uma visão livre da paisagem; mas o efeito da cor era o mais estranho, era como se estivéssemos olhando através de vidros amarelo-escuros, e criava uma sensação biliar extremamente desagradável. À medida que avançávamos, passávamos por muitos incêndios nas roças e nos cerrados, que lançavam densas nuvens de fumaça; resíduos de capim queimado e cinzas caíam à nossa volta e sobre nós em grandes quantidades, dando-nos logo uma aparência muito suja; não havia vento e, a despeito de uma leve friagem no ar, a atmosfera estava desagradavelmente abafada e opressiva. Era tudo tão estranho, esquisito e pouco natural, que se parecia estar em um sonho, e mesmo as aves voavam desnorteadas, como se atordoadas com a fumaça.

A terra agora apresenta uma série de imensas montanhas longas e arredondadas, cobertas de fino cerrado e interrompidas pelos profundos vales das correntes que fluem para o Rio Paraopeba e que contêm muitas matas e diversas fazendas e habitações.

Finalmente, depois de uma cavalgada vigorosa sobre morros e planícies sobre um chão duro, seco, coberto de cascalho e enegrecido pelos fragmentos das queimadas, alcançamos uma considerável elevação e chegamos ao acampamento do quartel-general, sobre uma encosta às margens do Córrego do Cedro.

Nosso quartel-general consistia no primeiro acampamento da expedição. Uma casinha velha de pau-a-pique caindo aos pedaços tinha sido utilizada como cozinha, despensa e alojamento dos empregados. Uma ampla tenda em forma de toldo, e uma barraca menor completavam o estabelecimento. Os homens estavam alimentando e limpando um grupo de mulas, para o que uma espiga de milho é duplamente aplicável, os grãos para comer, e o sabugo, depois de extraídos os grãos, vira uma admirável almofaça. Galinhas, patos, e perus, além de um carneiro, indicavam a abundância da intendência; eles pareciam ter entrada livre em qualquer parte, pois na grande marquise que servia de quarto, sala de jantar e escritório, as aves passeavam à vontade; subiam nas mesas, nas cadeiras, na cama, cacarejavam e cantavam e botavam ovos para todo lado, exigindo que se examinasse bem o lugar antes de se sentar.

Como estava quente dentro daquela barraca! o termômetro indicava 107º, e lá fora não havia uma sombra, exceto por algumas arvorezinhas mirradas típicas do cerrado. O acampamento ficava em uma concavidade, e fora do alcance de qualquer brisa; era escaldante, e a melhor coisa que podíamos fazer era sair e brincar no riacho lá perto até que Mr. B. voltasse. Encontramos jornais, guarda-chuvas, e um meio de evitar qualquer friagem; formávamos um curioso grupo "grego e antigo" dentro d'água, mas ela era fresca e agradável.

Nosso chefe ausente voltou à tarde com mais um colega novo, um Mr. H. G. que tinha acompanhado os Messrs. D. e B. G., desde o Rio de Janeiro, em busca de uma mudança de clima para um problema crônico de pulmão, do qual sofria. Ele os havia encontrado no vapor durante a vinda e se oferecera para se juntar à expedição; embora tivesse, naturalmente, de passar sem nenhum conforto, tinha-se beneficiado muito do clima mineiro, mas depois a atmosfera enfumaçada tornara-se extremamente incômoda para ele.

À noitinha, um Mr. Nicholson, gerente prático de uma fábrica de algodão próxima, veio nos visitar, e mais tarde, vendo como a acomodação era limitada para nós no acampamento, teve a bondade de nos convidar para sua casa.

À medida que a escuridão da noite se intensificava, o céu se iluminava com o

reflexo das muitas queimadas próximas e distantes, e, lá para o leste, as escarpadas silhuetas das serras eram distintamente visíveis, iluminadas pelas longas linhas de fogo flamejante em suas encostas e cumes. Era uma visão estranha e interessante observar as massas de chamas bifurcadas dardejando aqui e ali, às vezes incendiando em um grande lençol de fogo e erguendo-se num salto em meio à escuridão, ou, por um momento, acalmando-se como para reunir novas forças e saltar em chamas grandes e violentas, jogando para o céu bolas soltas de fogo e nuvens de fagulhas. Os cumes pareciam como que iluminados por inúmeras lâmpadas tremeluzentes. O alcance da conflagração deve ter sido de muitas milhas de extensão.

Após uma cavalgada de duas milhas no escuro, através de mato, floresta, capinzais e do cerrado limpo dos morros, chegamos à residência de nosso anfitrião, uma *cottage* extremamente limpa e bem cuidada, com uma varanda ao longo da fachada. A Sra. Nicholson recebeu-nos com uma mesa de chá civilizada, onde a desacostumada ordem e conforto pareciam muito estranhos. Ele era um ex-operário de fábrica anglo-americano, e agora, com sua esposa, superintendia o manejo da maquinaria; era bem pago, bem alojado e vivia em um clima delicioso; tudo lhe era fornecido e ele não precisava se preocupar com nada no mundo.

Mais tarde, fomos com ele até a residência vizinha dos proprietários da fábrica, os Senhores Mascarenhas. Lá encontramos uma casa grande, cômoda e organizada, com janelas envidraçadas. Sua decoração interna, como a de toda casa de campo da classe alta no Brasil, pareceria a um europeu recém-chegado ao País muito despojada e esquálida e destituída das pequenas quinquilharias que têm tão grande influência na aparência de conforto para o gosto inglês; entretanto, mesmo esse comparativo despojamento produzia uma sensação de frescura, que era muito desejável em um clima tão quente. Os proprietários, cavalheiros brasileiros brancos, receberam-nos aberta e hospitaleiramente. Uma hora agradável se passou com conversas e música de piano executada pelo Senhor Bernardo, após o que nos mostraram nossos quartos limpos e confortáveis para a noite.

Pela manhã, pusemo-nos de pé cedo para inspecionar a fábrica. A tecelagem recebe o algodão cru sem limpar, entregue na porta pelos camponeses, que cultivam pequenas plantações no vizinho vale do Rio das Velhas. O algodão é descaroçado e fiado, e depois tecido em um pano grosseiro pesado e macio de duas qualidades, o melhor sendo usado para confeccionar camisas grosseiras, paletós e calças, e a variedade mais grossa, para sacos. Havia dezoito teares, que, com o resto da maquinaria, eram movidos por uma turbina de 50 pés, movida à água, e solidamente construídos. Tudo estava em excelente ordem e método. O zumbido da maquinaria e a excelente

disciplina mantida no local de trabalho era uma cena inédita de se ver no interior de Minas. A fábrica fora montada há apenas três anos, e os lucros tinham sido tão grandes que o custo já tinha sido quase todo recuperado. Ela é um sucesso tal que os proprietários estavam, na época, em vias de montar mais uma em Curvelo, há algumas milhas de distância. À primeira vista não parecia ser uma localidade bem escolhida, pois se vê muito pouco algodão na região; não é na verdade uma das melhores áreas de produção de algodão do Brasil, porém a quantidade fornecida era amplamente suficiente para as necessidades da fábrica e comprada por um preço muito baixo.

Atrás dos prédios da fábrica e do depósito havia uma longa série de casas para os trabalhadores da fábrica, homens, mulheres e crianças; suas refeições diárias eram fornecidas em um longo galpão adjunto. Eles pareciam contentes e felizes; estavam decentemente vestidos, suas pessoas e casas eram limpas, eram econômicos, trabalhadores, sóbrios e bem-comportados. Que mudança a diligência e a disciplina operaram nessas pessoas! Que diferença do habitual esbanjamento, semidesnutrição e inutilidade de suas vidas! Uma disciplina estrita e excelente era mantida, e toda conversação proibida na fábrica, exceto aquela absolutamente necessária para o serviço. Este exemplo de administração brasileira só pode ser altamente recomendado e mostra o que realmente pode ser feito com as pessoas do campo em mãos boas e adequadas.[9] Retornando para a casa, encontramos lá Mr. B. com H. G., e um novo intérprete, natural da Cornualha, vindo das minas de Morro Velho; também diversos cavalheiros brasileiros, amigos de nosso anfitrião. Houve muitas mesuras e cumprimentos, mas depois que o gelo da cerimônia se derreteu, descobrimos muitos temperamentos joviais e jocosos sob a pretensa "etiqueta social" que um brasileiro educado assume e despe como faz com sua casaca. A casaca preta é a pintura de guerra do "doutor" – prefiro-o de *robe de chambre*, ceroulas e chinelos; ele pode até ter uma aparência desleixada, mas sente-se confortável, à vontade e é conseqüentemente mais natural; seus pontos bons ficam realçados. Como nossos amigos eram todos solteiros, o elemento feminino estava ausente, mas, apesar disso, o grupo grande reunido para o desjejum estava muito animado, embora barulhento.

Após o desjejum, nós todos montamos e nos dirigimos para a vila de Tabuleiro Grande,* a cerca de uma milha de distância, pois alguns de nossos amigos queriam fazer ato de presença na missa. Foi um passeio agradável por boas estradas em companhia agradável. A vila fica graciosamente situada em uma planície elevada, cercada de serras, e contém cerca de 600 habitantes. As casas são separadas e formam os lados de uma praça, e as ruas que saem dela; no meio da praça há uma igrejinha limpa e bem cuidada em meio a um bosque de palmeiras de palmito. Em um dos seus cantos há uma

9. Fiquei tão impressionado com os méritos e vantagens deste empreendimento que, quando retornei à Inglaterra em 1876, procurei e consegui uma estimativa confiável e detalhada do custo de implantação e despesas de operação de uma fábrica destas e outras partes, ainda mais vantajosas, do interior do Brasil, e, deixando uma margem para todas as contingências adversas, os resultados mostraram não apenas um possível, mas um provável lucro de 40 a 50 por cento ao ano. Naquela época não havia mais de meia dúzia de tecelagens industriais no Brasil inteiro (agora há 62) e todas são prósperas, especialmente as do interior, onde a matéria-prima pode ser adquirida por preço mais baixo e o produto vendido por um preço melhor do que na costa, sem falar da mão-de-obra mais barata do interior.

* Atual Paraopeba.

pequena estrutura que lembra um pouco a forma de um teatro de fantoches, mas uma inspeção mais cuidadosa mostrou que se tratava de um campanário. Junto à igreja havia a lona de um circo itinerante, e quando o sino da igreja cessou seu estardalhaço ao fim da missa, o sino do circo começou a tocar, de modo que o devoto saía da porta da igreja para a *performance* eqüestre ao lado. Que multidão heterogênea a que se vê em uma manhã de domingo em uma vila mineira normalmente próspera! Há os importantes fazendeiros, brancos e amorenados, em seus corcéis fogosos; agricultores bem vestidos, brancos e mulatos, também bem montados; matutos e sertanejos, alguns montados outros a pé; as esposas, filhas, mães e irmãs acompanhando seus parentes masculinos, seja a cavalo, ou na garupa ou a pé. Que cores elas trajam! É bastante para fazer os olhos lacrimejarem. Havia uma dama bem morena e robusta com um chapéu de palha amarelo adornado com papoulas artificiais, espigas de trigo e laços azul-celeste; um vestido cor-de-rosa de textura leve, entremeado de laços amarelo vivo e botões azuis; um xale verde e uma faixa escarlate na cintura; e finalmente, sapatos de couro de salto alto, evidentemente reservados com todo cuidado para estas ocasiões. Entre as mocinhas mais novas e as crianças havia alguns rostos e talhes graciosos; mas suas vidas reclusas e dieta gordurosa logo empanam sua beleza com "a folha murcha e amarelada" da dispepsia e da obesidade, senão do oposto, a magreza.

Em meio ao turbilhão de ruídos produzidos pelo martelar do sino da igreja, a batida do bumbo do circo e um ocasional estouro de foguete, o dono do circo berrava seu convite: "Entrem, senhores, entrem, já vai começar", fazendo a cena parecer qualquer coisa, menos uma manhã de domingo; as pessoas assistem à diversão muito quietas, até apaticamente; os que não podem pagar a entrada, vagueiam desanimados para lá e para cá, com menos animação do que veranistas descansando à tarde em uma esplanada à beira-mar, as mulheres de cada família marchando solenemente em frente de seus parentes homens, os últimos ciumentamente de olho em qualquer sinal de intriga com o sexo oposto. Permanecemos à porta de um grande armazém, e quando a multidão passa, todos saúdam nossos amigos, cada um de acordo com sua classe: os fazendeiros com um aceno de mão e um "Como está? Como passou?"; os proprietários menores com "Bom dia, senhor", e chapéus erguidos; os trabalhadores estendem as mãos para uma bênção, dizendo "S'cris", com as cabeças descobertas; todos conhecem nossos amigos, e eles conhecem todo mundo.

Quase todos os homens e mulheres usam botas ou sapatos, mas parecem desacostumados de usá-los, o que realmente são, pois a caminhada de casa é sempre feita com os pés descalços, até chegar à vila, quando então põem os sapatos, ou se desembrulha cuidadosamente um laço fino, muito prezado, que é então preso no vestido;

pois é uma cena muito comum vê-los completando suas toaletes à beira de um riacho ao lado da estrada antes de se apresentarem ao "povo".

Era um dia claro e agradável, embora o céu ainda estivesse bastante amarelo de fumaça, e as cores vivas dos vestidos das mulheres, que individualmente são tão discordantes, estavam, combinadas na multidão, em conformidade com o cenário vívido em volta – as lojas e casas pintadas de cores berrantes, e a folhagem vistosa das palmeiras e arbustos em flor que separam as casas umas das outras. Não havia brigas, nem divertimentos barulhentos, nem bebedeira; as pessoas eram ordeiras, solenes e muito "respeitáveis". De fato, em nenhum país da América do Sul há camponeses de disposição mais pacífica do que estes de Minas Gerais; não há pronunciamentos nem revoluções ou escaramuças eleitorais por um presidente, como nas repúblicas vizinhas; mas ocasionalmente, em algumas províncias, ocorrem contendas locais pela escolha de deputados concorrentes, que às vezes terminam em incidentes fatais.

À tarde, nós, isto é, os ingleses, voltamos ao acampamento e D. voltou a seu trabalho na Fazenda de Lontra. Esta, minha primeira noite debaixo de lona no Brasil, lembrou-me muitas velhas lembranças de Wimbledon, mas em lugar dos forficulinos de Wimbledon, tínhamos um suprimento de bichos-de-pé, ou "sicos"[10] como mais tarde descobri à minha custa quando eles se alojaram em meus dedos do pé. Além disto, uma barraca não é sempre o mais desejável dos lugares em um clima tropical, pois é um forno durante o dia e um gerador de odores – combinações de bacalhau, botas, roupas, presunto, frutas e um ou dois ingredientes menores; à noite é fria, saturada de orvalho; é como dormir sob uma colcha molhada suspensa; e essa camas de campanha maravilhosas que são enviadas da Inglaterra são cuidadosamente planejadas para fazer-nos levantar cedo; elas rangem e gingam; há sempre várias cadeias de montanhas proeminentes ou vales profundos em suas superfícies, e ninguém pode confiar que elas não vão desmontar de repente na hora mais inconveniente; além do mais, nada consegue fazê-las ficar planas, elas sempre conservam um declive, como a inclinação de uma agulha magnética, mas a direção é variável. Muito mais confortável é uma cama feita em casa, de varas, dispostas de comprido sobre duas tábuas atravessadas, apoiadas em quatro forquilhas, e o todo forrado com capim seco e coberto com uma colcha e o luxo adicional de lençóis.

Na manhã seguinte eu parti, acompanhado por H. G., à procura de novas acomodações em minha nova seção mais abaixo. Enquanto cavalgava, congratulei-me pelo fato de que meu novo levantamento seria em uma localidade agradável, em meio às longas chapadas ondulantes, cobertas de cerrado fino, através do qual poderemos abrir as picadas com pouco desbaste. Ao fim de duas horas, alcançamos a Fazenda da Picada.

10. *Pulex penetrans*. Bicho-do-pé.

A aparência deste lugar mostrou que finalmente tínhamos alcançado o tão freqüentemente mencionado sertão, ou distrito pecuário, pois esta fazenda era evidentemente uma fazenda de gado, pelo grande número e tamanho dos currais que a cercavam. Em vários aspectos ela era diferente de qualquer das fazendas que eu tinha visto até então. Havia duas grandes residências térreas com varandas cercando todo um lado de cada; uma casa era ocupada pelo pai da família e o proprietário original da terra; outra por seu filho casado, o Senhor José. Perto destas casas havia grandes celeiros e fileiras de casinhas.

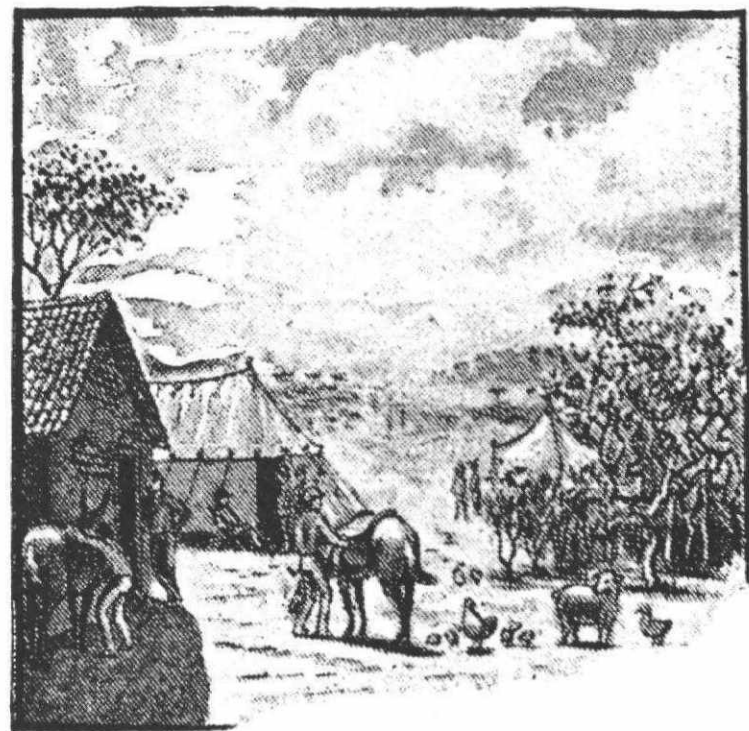
A fazenda fica no cimo de um morro coberto de cerrado fino; atrás das construções o terreno resvala para um riacho e um vale estreito, onde a vegetação é densa e emaranhada e o solo, úmido e rico, produz um suprimento abundante de milho e feijão nas roças. Para o N. e NE há várias cadeias de montanhas, com rampas escarpadas de rocha. Em volta das construções há largos terreiros limpos de terra vermelho-vivo, fechados por cercas da duradoura madeira de aroeira, e a vegetação mirrada entre cinza e verde-clara dos cerrados; o brilho da terra vermelha, as paredes brancas da casa-grande, e as muitas árvores desfolhadas criam um aspecto bastante agreste; mas o ar era tão fresco e salubre, a cena tinha um aspecto tão vívido, que realmente produzia uma sensação de leveza de espírito, bem diferente da melancolia sombria e a depressão das florestas.

O Senhor José recebeu-me de maneira franca e direta e disse que teria muito prazer em fazer algo por mim e que sua casa estava às minhas ordens. Finalmente, mostrou-me alguns cômodos vagos na fileira de casinhas diante de sua casa. Quando perguntei pelo aluguel, ele teve a bondade de dizer. "Oh, eu não preciso desses cômodos, não me servem para nada, você é bem-vindo a eles; por que eu haveria de cobrar aluguel?" Disse ainda que muitos trabalhadores poderiam ser obtidos a um mil-réis por dia, mas que eu teria de lhes fornecer alimentação.

Na volta, várias seriemas apareceram à nossa frente e trotaram alegremente pelo caminho, até que tentei acertar uma delas com um tiro de revólver, quando então elas desapareceram de vista quase como se tivessem evaporado. Mais adiante, G. mostrou-me um barranco na encosta, onde alguns americanos poucos anos atrás haviam procurado diamantes; acharam alguns, mas aparentemente não em quantidade suficiente para compensar o trabalho, pois este foi logo abandonado.

CAPÍTULO 7

LEVANTAMENTO DA SEÇÃO Nº II

GRANDE MUDANÇA NA NOVA SEÇÃO – CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO – OS CERRADOS – PRODUÇÕES DO DISTRITO – HABITAÇÕES – TEMPERATURA – UMA ESTAÇÃO SECA – OS QUADRÚPEDES E AVES DA REGIÃO – O GAMBÁ BRASILEIRO – A FAZENDA PICADA E SEUS MORADORES – UMA PRAGA DE ABELHAS – UM CAMARADA DESORDEIRO – EXCELENTE CLIMA – UMA FESTA DE CASAMENTO DO INTERIOR DO BRASIL E SEUS INCIDENTES – UMA RESIDÊNCIA MELANCÓLICA – UM *ARMADILLO* COMEDOR DE CARNIÇA – UM VALE SOLITÁRIO E MISTERIOSO – VITALIDADE MUSCULAR DE UMA JIBÓIA MORTA – MEUS "CAMARADAS" – O PRIMEIRO A CAIR COM FEBRE – UMA FAZENDA AGRADÁVEL

Acampamento em Cedro.

No dia 25 de agosto, tomei posse de meus aposentos na Fazenda da Picada, e imediatamente iniciei o trabalho. Que diferença do solo acidentado e das florestas sombrias do Alto Paraopeba para essas milhas de longos morros ondulados, todos cobertos com a vegetação esparsa dos cerrados, onde a brisa sopra tão livremente e, mesmo nos dias em que a fumaça obscurece e torna amarelo o céu, há rajadas de vento que redemoinham entre as árvores retorcidas e varrem para longe as folhas secas em colunas espiraladas e deslizantes de poeira e cinzas.

A nova seção compreendia uma extensão de treze e meia milhas e ocuparia setenta e oito dias de levantamento, um contraste muito favorável com minha primeira seção de 17 milhas, que exigira 135 para ser coberta; todavia, é impossível estimar quanto tempo pode ser necessário para se projetar um trecho de ferrovia no Brasil. Isto não depende apenas da habilidade e capacidade de trabalho do engenheiro, mas muito mais da natureza da região – se ela é acidentada ou plana, enflorestada ou coberta de capim. Naquela época, um grande levantamento estava sendo feito no Paraná, e uma seção que em linha direta media 15 milhas ocupou uma equipe numerosa e bem equipada de engenheiros ingleses por quase cinco meses para fazer o levantamento do percurso da ferrovia.[1]

Esta seção era uma continuação do levantamento por terra, que evitava o terreno irregular do vale do rio e encurtava consideravelmente a linha.

1. *Pioneering in south Brazil* [*Um pioneiro no sul do Brasil*], de Thomas P. Bigg-Wither, p. 155.

A configuração do rio é afetada pela proximidade das serras do Curvelo, do Gentio, da Onça e do Motombo, divisores de águas dos Rios Paraopeba e das Velhas; elas formam uma série de grupos destacados, divididos por vales profundos, e espalham longos e largos braços na direção de cada rio; alguns desses braços formam arestas, outros são chatos e têm duas ou três milhas de largura e são separados uns dos outros por vales baixos e abertos ou precipitosos, estreitos e fundos. As encostas das serras são, ou penhas escarpadas de gnaisse cinza-acastanhado, ou declividades íngremes cobertas de capim e um pouco de mato; seus cumes, franjados de cerrados, são irregulares na forma e têm altitudes variadas, de 3.000 a 6.000 pés acima de suas bases. Os cumes chatos dos esporões das serras que formam os morros ondulantes da região circunvizinha, denominados chapadas, são invariavelmente cobertos de cerrado fino, peculiar ao terreno deste nome. De uma certa distância, e de qualquer altura, a terra parece ser coberta de matas, no entanto ela é tão aberta que um cavaleiro pode viajar sem empecilhos em qualquer direção, a menos que seja interrompido pela vegetação mais densa e os cursos d'água dos vales, ou pelos numerosos fossos que fazem as vezes de sebes e servem para marcar os limites de uma propriedade.

A aparência destes cerrados lembra um pomar de frutas mirrado na Inglaterra; as árvores ficam bem distantes umas das outras, ananicadas no tamanho, extremamente retorcidas tanto de tronco como de galhos, e a casca de muitas variedades lembra muito a cortiça; a folhagem é geralmente seca, dura, áspera e quebradiça; as árvores resistem igualmente ao calor, frio, seca ou chuva. Depois das queimadas anuais, os espaços ou superfícies intervalares do chão entre as árvores estão tão limpos e planos como um *playground* de escola, mas freqüentemente salpicados de pedrinhas de quartzo branco ou cristal de quartzo; antes de ser queimado, há uma boa quantidade de mato rasteiro e arbustos florescentes e de tufos ralos de capim duro que, depois de um ano de crescimento, se tornam tão secos e acres que não têm utilidade para fins pastorais, mas depois de queimado, antes das chuvas que normalmente começam em setembro e outubro, o capim rapidamente brota verde e tenro, fornecendo um excelente pasto para o gado.

Do que eu pude depreender, estes cerrados são a cobertura primitiva dessas chapadas ou planos, pois não há nada que evidencie que elas tenham sido jamais cobertas de florestas; o solo duro, de argila-margosa impede uma absorção rápida de umidade e, como a evaporação é muito grande, não há tempo de ela se infiltrar no chão duro.

As principais árvores são o pequi,[2] o pau terra, o angico vermelho,[3] a aroeira,[4] o pedregoso angelim[5] o barbatimão,[6] o capitão-dos-campos, o patari, o jacarandá-dos-

2. *Caryocar brasiliensis* dá um fruto oleoso, mucilaginoso.

3. Uma *mimosa* que fornece grandes quantidades de bela goma vermelha. *Pithecolobium gummiferum*.

4. *Astronium urundeuva*. Esta é a madeira mais dura e mais útil dos cerrados, é vermelho-escura na cor, pega um belo polimento, fende facilmente e resiste ao tempo maravilhosamente, além de possuir muitas propriedades medicinais.

5. *Acacia adstringens*, Vellozo; ou *A. spectabilis*.

6. *Stryphnodendron barbatimon*, madeira corante.

campos, o cedro do campo, a mangabeira,[7] e o tingui,[8] a maioria das quais são leguminosas decíduas e acácias. Há mais madeira do que nos campos em torno de Barbacena, mas não a mesma variedade de arbustos florescentes, touceiras e plantas miúdas. Nos cursos de água e regatos das rampas mais baixas das chapadas e no terreno baixo dos vales, a vegetação é densa e de natureza muito diferente, variando desde moitas espessas e baixas a um emaranhado impenetrável de árvores, vegetação rasteira e trepadeiras, e *tillandsias* barbadas pendentes. Os limites dessas selvas, ou *capões*, como são chamadas, são claramente definidos e criam uma aparência como se todo o mato tivesse sido capinado até as suas bordas. As depressões entre os morros são as únicas terras cultivadas da região, e mesmo assim em pequena escala; aqui e ali vê-se um campo velho que foi exaurido e abandonado. O resultado desta combinação de terrenos aráveis e pastos é que os fazendeiros são tanto agricultores como criadores de gado; mas o cultivo do milho, feijão, mamona, mandioca, inhame e batatas-doces raramente excede as necessidades domésticas ou, no máximo, a demanda local. A cana-de-açúcar é bem pouco cultivada, nem há qualquer algodão, que vem, segundo me disseram, das regiões mais ricas do vale do Rio das Velhas. A região é escassamente habitada, pois à beira da estrada que atravessava minha seção havia apenas uma fazenda relativamente próspera, ou seja, a Picada, e um pequeno, paupérrimo, esquálido e dilapidado retiro, duas casinhas de pau-a-pique perto do início, e o diminuto vilarejo de Bom Sucesso, de cerca de vinte casebres, no extremo oposto.

O clima era tudo o que se poderia desejar, de dia 74º a 78º (F.), à noite 60º a 70º (F.). O ar era puro e sereno, mas ocasionalmente tornava-se, por vários dias ou uma semana, abafado e sombrio sob o manto de fumaça que pendia suspenso lá em cima, vindo das queimadas próximas ou distantes. A estação chuvosa, que deveria ter começado em setembro, não deu o ar de sua graça senão em novembro, e a terra se tornou, em conseqüência disto, dura e seca como um tijolo; todos os riachinhos menores secaram e só sobraram dois corregozinhos em uma extensão de 12 milhas e meia; todavia, a vegetação dos vales tinha um aspecto fresco e vigoroso, embora um pouco poeirento, enquanto a dos cerrados se tornou com o tempo quase totalmente desfolhada. Era uma estranha aparência a que estes esqueletos nus de árvores e seus galhos e troncos retorcidos apresentavam nas vastas chapadas planas, sob a atmosfera freqüentemente amarelada e enevoada – um tal ar de seca e desolação e malefício; o ar, cheio de finas partículas de poeira e miríades de pequenos insetos, era tão seco que a transpiração era rapidamente absorvida.

7. *Harconia pubescens*, dá um fruto delicioso, além de borracha.

8. *Magonia glabrata*, St. Hil.

as criaturas de quatro patas quase não são vistas. A onça pintada já fora abatida nos vales reclusos da serra e às margens do rio; veados graciosos como gazelas são ocasionalmente avistados nos cerrados; pacas, cotias e quatis são raramente encontrados mesmo nos vales, já que preferem as terras mais úmidas à beira dos rios; há duas espécies de *armadillo* – um é o tatu comum[9], tão apreciado por sua carne delicada, o outro (encontrado perto do cemitério antigo em frente de Paciência, minha segunda residência dessa seção) é conhecido como tatu cavador, por sua suposta inclinação por fazer tocas em sepulturas. É marrom, tem cerca de 20 polegadas de comprimento – não incluindo as sete polegadas de cauda – e é provavelmente o *Dasyphus tatouay*. Ele é diurno em seus hábitos e, tendo a fama de se alimentar de cadáveres, as pessoas da roça se recusam a comê-lo. Também se encontram ocasionalmente guarás (o lobo brasileiro), maracajás, ou gatos do mato, sagüis e esquilos, e finalmente um lindo animalzinho, a tiririca, que tem como poderosa arma de ataque a capacidade de ejetar o fedor mais abominável que se possa imaginar, pois um dia quando os homens estavam abrindo uma picada através de um cinturão de floresta à minha frente, vi-os largar suas foices e machados e fugir à toda gritando: "Ô tiririca, ô que bicho do d—". Eu não sabia na época o que era tiririca e avancei para satisfazer minha curiosidade. Não tinha ido longe quando recebi uma baforada de um cheiro abominável; não esperei mais, minha curiosidade já estava amplamente satisfeita. O cheiro só pode ser comparado a uma essência de matéria animal em putrefação – é horrível. Eu não pude ver o animal, mas pela descrição que recebi dos homens, ele deve ser muito similar ao gambá de Humboldt.[10] Em dez minutos os homens voltaram ao trabalho, pois o animal se retirara e levara seus odores consigo.

Na mesma floresta eu fiquei muito interessado em observar as cabriolas de um grupo de sagüis.[11] Eu estava de pé em silêncio na picada, quando, ouvindo um assobio chilreado, percebi, em meio aos galhos de uma árvore acima de mim, duas cabecinhas me espiando de trás de um galho; eles imediatamente recuaram ao notar meu olhar, depois, e com cautela, levantaram as cabeças e tornaram a se esconder. Um deles então saiu em disparada, evidentemente para buscar outros, pois logo a árvore toda ficou abarrotada deles; sempre que eu fingia olhar para baixo podia vê-los todos avidamente me examinando; quando eu levantava os olhos, suas cabeças sumiam de vista, e seus assobios trinados e tagarelas não paravam um só minuto; sempre que eu me movia eles davam gritos de alarme, e alguns fugiam para voltar logo e continuar sua brincadeira de *bo-peep*;* devia haver muitas dúzias deles na árvore quando eu saí.

Esses lindos animaizinhos são tão sensíveis ao frio que nunca abandonam suas tocas até que o sol esteja alto e todo o orvalho da noite tenha desaparecido. Eles

9. *Dasyphus septemcintus* e *sexcintus*.

10. *Mephitis humboldtii* (?).

11. *Hapale Jacchus* ou *Simia jacchus*, Linn.

* Mais comumente *peep-bo* ou *peekaboo*, brincadeira de crianças em que alguém repetidamente cobre e descobre o rosto, gritando "*peekaboo!*" (N.T.).

normalmente habitam os ocos das árvores velhas, onde se amontoam em grande quantidade para se aquecerem mutuamente.

Entre as aves, há consideráveis quantidades de seriemas[12] (ou *Cariama*, como a palavra é usualmente grafada pelos naturalistas), que parecem freqüentar igualmente as terras abertas das chapadas e as matas do rio. Há o grande gavião castanho caracará,[13] que se alimenta em parte de carniça, e que tem cerca de trinta polegadas de comprimento do bico à ponta da cauda; codornas (um tipo de codorniz)[14] em quantidade considerável; anus pretos, almas-de-gato marrons e brancos, papagaios azul-esverdeados[15] e nuvens de periquitos tagarelas e barulhentos. Na vizinhança da fazenda, nos terreiros ou no alto das árvores frutíferas; havia numerosos *ouzels*[16] de dorso ardósia, ou "passo pretos", chilreadores de cor verde-clara-azulada,[17] os belos sangues-de-boi escarlates, barulhentos xexéus preto e ouro,[18] e grandes bandos de rolinhas, que me forneceram vários desjejuns finos. Mas é nas velhas clareiras que há o maior número de animais – as velhas cercas caídas, tocos de árvores e casebres estão abarrotados de grandes quantidades e variedades de besouros e insetos, belos,[19] repulsivos,[20] curiosos,[21] grandes[22] ou pequenos e alguns asquerosamente malcheirosos,[23] como um inseto particularmente desagradável que ronda os redutos de sujeira nas casas. Há aqui também graciosos gaturamos (*tanagra*)[24] azul e ouro, icterídeos de cabeça vermelha,[25] muitos lindos tangarás pequeninos,[26] e muitas variedades da família dos fringilídeos, além das grandes e roliças pombas do mato e todos os outros pássaros e animais que freqüentam a região, sem se esquecer os belos lagartos azuis e bronze.[27]

Estabeleci o quartel-general da seção na já mencionada Fazenda da Picada, uma fazenda relativamente próspera, lindamente situada no topo de um morro de aclive suave e dominando atraentes vistas dos morros, várzeas e serras vizinhas para o leste e o nordeste. A casa do meu anfitrião é um prédio baixo, longo, com cobertura de telhas e uma varanda acompanhando toda a extensão de um dos lados. Os cômodos são grandes e sem dúvida arejados, pois são todos abertos para as telhas e caibros do telhado em cima; há poeira à vontade por todo lado, e o uso generoso de uma vassoura seria desejável. O Senhor José, um sujeito ativo e forte, de cabelos castanhos e pele clara, mas queimada de sol, parece mais um *yeoman* inglês do que um fazendeiro brasileiro. Sua esposa é uma jovem senhora muito bonita, de feições muito regulares e longos cabelos negros; mas sua voz é muito freqüentemente ouvida a repreender em tom estridente os seus negros, e José às vezes aparece com uma expressão meio preocupada, como se tivesse também recebido sua quota. O irmão, Senhor Antônio, que já está bem corpulento, passa a maior parte de seu tempo em meu quarto, esteja eu ocupado ou não. Ele se contenta em sentar-se lá e observar-me pacientemente, ou pegar e

12. Pronuncia-se *See-reen-yemma*.

13. *Polyborus brasiliensis* (Gm.).

14. *Tinamus*, sp.

15. *Chrysotis festiva*.

16. *Merula flavipes* (?).

17. *Tersina ventralis*.

18. *Cassicus persicus*. Pronuncia-se *shey-sheus*.

19. O besouro diamante. Entimus.

20. A mariposa-de-fogo, *Fulgaria lanternaria*, tem uma aparência embolorada e peculiarmente desagradável. Seu poder de emitir uma luz fosforescente foi muito posta em dúvida por alguns naturalistas, e uma que eu prendi a princípio não soltou luz, mas depois de um dia de confinamento, surpreendi-me ao ver uma iluminação considerável na caixa em que eu conservava o inseto, perfeitamente suficiente para se ler o tipo comum. A aranha *tarantula*, predadora de pássaros, *Lycosa tarantula*, também é comum: um inseto bem conhecido, repulsivo e perigoso.

21. O louva-a-deus, ou "põe-mesa" dos brasileiros, é um brinquedo favorito entre as crianças brasileiras, que gostam de vê-lo erguer-se e cruzar os braços (o que ocasiona um ruído súbito), como um garçom que vai pôr uma mesa, daí seu nome. Ele recebe uma mosca sem se mover, esmaga-a com os espinhos de suas pernas da frente e, depois de dar uma mordida, mexe a cabeça para lá e para cá, com um evidente ar de satisfação. Seu corpo, ao nascer, é desprovido de asas, e depois que elas se desenvolvem, variam de uma bela transparência até uma imitação exata da folha da árvore que ele normalmente freqüenta. Nos jardins, as roseiras são os principais pousos destes insetos. Há também insetos compridos, de 6 polegadas de comprimento, que lembram tanto um raminho seco, que é difícil distingui-lo entre os galhos.

22. O besouro hércules (*Dynastes hercules*) e o besouro elefante (*Megasoma elephas*), encontrados entre troncos podres, são conspícuos pelo enorme tamanho, de 3 a 4 polegadas de comprimento. O longo probóscide comum a ambos é evidentemente usado como um instrumento perfurante, pois já vi espécies do primeiro, no Norte do Brasil, furarem buracos em coqueiros.

23. O *Diactor bilincatus*, da família dos hemípteros, emite um odor que tem de ser sentido para ser bem apreciado, e que já foi descrito como cimicino. Esse inseto apresenta uma aparência curiosa devido aos apêndices em forma de folha das juntas tibiais das pernas de trás.

24. *Euphonia nigricollis*.

25. *Amblyrhamphus ruber*.

26. *Pipra aureola, caudata, leucolilla*, etc.

27. *Trachycyclus marmorata*, sp.

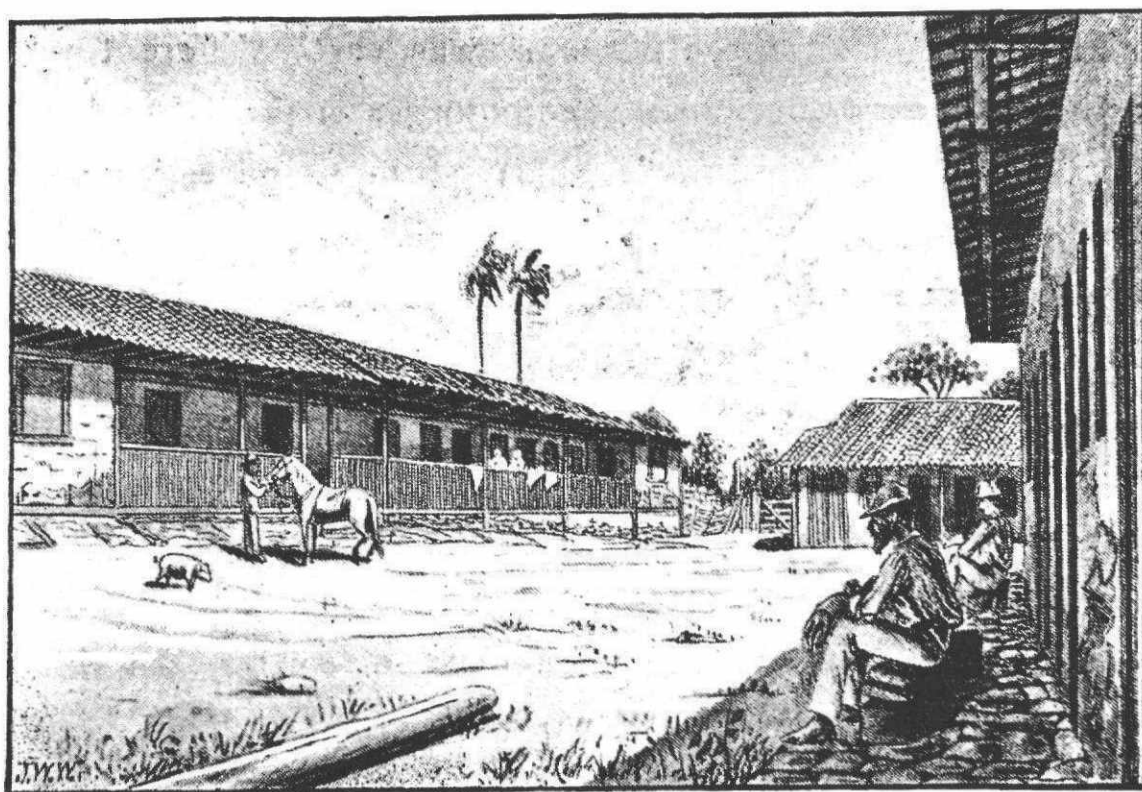
examinar qualquer coisa que lhe atraia a curiosidade. Várias vezes fiquei a imaginar qual poderia ser sua ocupação diária e uma vez lhe perguntei se ele nunca fazia nenhum trabalho.

"Oh, sim, eu trabalho", respondeu ele.

"Onde?"

"Nas roças, ou aqui pela fazenda, ou faço algum negocinho na vila."

"Quando?"

"Às vezes em quando."

O levantamento por essas chapadas era um trabalho imensamente diferente do que fora nas matas; não há desfiladeiros ou terrenos inclinados e abarrancados cobertos de tocos pontudos, exigindo uma cansativa escalada e caminhada para casa depois de findo o dia de trabalho; não há carrapatos, nem bernes, nem marimbondos – um verdadeiro *Elysium* para um agrimensor, pois a mula pode ser levada ao longo da picada, ou até bem perto, e aí se pode voltar confortavelmente montado para casa depois de um pesado dia de trabalho. Mas havia exceções a essas condições, já que a direção do curso da ferrovia era interceptada por longas cadeias de montanhas e profundos vales de rios, e lá no fundo dos vales nós quase sempre encontrávamos um trecho de selva emaranhada que era muito mais difícil de abrir do que a floresta comum. Em uma ocasião dei de cara com uma perfeita rede de mato e trepadeiras, entrelaçados como uma bola de barbante emaranhada, atravessá-la era como derrubar um muro; quarenta jardas por dia era o que conseguíamos avançar; só aqueles que já tiveram contato com localidades similares podem fazer uma idéia do denso emaranhado; à primeira vista parecia uma tarefa insana, mas mais homens foram postos a trabalhar e finalmente uma espécie de túnel foi cortado. Ver as infinitamente variadas e curiosas

Fazenda da Picada.

formas e conformações das trepadeiras no chão, nas árvores e no mato é espantoso; suas convoluções são surpreendentes pelos aspectos sempre diversos que assumem.

Lá fora nas chapadas abertas, havia, em vez de carrapatos, bernes, etc., um incômodo considerável em forma de abelhas,[28] um inseto pretinho, pouco menor do que uma mosca doméstica comum; ela não zumbe, nem pica ou morde, mas pousa na pele em miríades e devota todas as suas energias a nos fazer cócegas e explorar o terreno minuciosamente; entra nos olhos, nas orelhas, no nariz, pelas costas abaixo, pelo cabelo, dentro das roupas; tapas constantes não adiantam, pois se uma dúzia daquelas coisas grudentas é amassada, duas dúzias estão voejando à espreita de um lugar para esquadrinhar; a amolação pode ser evitada até certo ponto enrolando-se a cabeça com uma gaze; por sorte, a praga não cobria uma área muito extensa.

Camaradas dançando o batuque.

O alojamento dos homens ficava em um aposento pegado ao meu, de modo algum um arranjo desejável, pois toda noite a tranqüilidade era perturbada pelo barulho de cantigas e a incansável dança do batuque, um distúrbio que tinha de ser suportado, para agradar e manter os homens bem-humorados, pois, se eles estão satisfeitos com seu patrão, realmente se dedicam ao trabalho duro e labutam do nascer ao pôr-do-sol. Eu muitas vezes ia olhá-los à noite, pois a cena era pitoresca, mesmo que um pouco enfarruscada. As paredes nuas do quarto, que já tinham sido brancas, agora escuras da poeira acumulada durante anos, são fracamente iluminadas por uma lamparina de óleo de mamona enfiada no reboco e pelos clarões tremeluzentes de uma fogueira de achas no chão de terra; grandes sombras negras são projetadas atrás dos homens reclinados ou do grupo de dançarinos, que, com o ritmo cadenciado e o arrastar de pés, as palmas, as batidas dos violões e os refrães cantados em diferentes vozes, a luz do fogo caindo sobre as figuras que se movem na obscuridade circundante, criava efeitos sobrenaturais e estranhos, mas não desagradáveis.

28. Melipona, sp.

Os homens que eu tinha então comigo eram um grupo muito misturado de sujeitos; bons trabalhadores eles eram com certeza, mas havia um ou dois tipos muito arruaceiros; um mameluco jovial e despreocupado, Patrício, era praticamente um condenado em liberdade condicional, tendo cumprido seis dos dez anos a que tinha sido condenado em Fernando de Noronha (uma ilha no Atlântico, pertencente ao Brasil, e o principal estabelecimento penitenciário do país). Ele freqüentemente confessava ter-se divertido um bocado lá e que gostaria muito de voltar; achava que não seria má idéia matar mais alguém para poder se estabelecer calmamente em Fernando até o fim de seus dias; o sujeito tomava mais do que um *quantum satis* de cachaça e volta e meia tornava-se briguento e bulhento em conseqüência.

Uma noite, quando eu estava em meu quarto trabalhando, minha atenção tinha sido atraída pela pândega de um negro alto e forte no alojamento dos homens ao lado, um grande contador de histórias; gargalhadas estrepitosas partiam dos outros, ao ouvir as piadas do tal tipo; eles estavam fazendo uma farra, pois a hilaridade já durara muito tempo e fora bem ruidosa, e a cachaça fora provavelmente distribuída com fartura; mas os sons acabaram se transformando em uma altercação raivosa; ouço a voz de Patrício gritando – depois todos a gritar mesmo tempo, tornando difícil distinguir as palavras; por fim ouvi a voz de Teixeira (um dos meus homens de Mesquita), gritando: "Senhor Doutor, o homem quer me matar". Ao entrar no quarto, vi que a farra tinha acabado. Uma fogueira queimava no chão de terra, lançando luzes sobre os homens inquietos e estranhas sombras às suas costas; o velho negro segurava com firmeza o embriagado Patrício, que, brandindo sua longa "faca de ponta" (adaga), estava imbecilmente tentando atingir Teixeira, que se defendia com uma foice erguida; os outros homens formavam grupos em volta, com espingardas e facas prontas. Quadro fixo. Patrício estava sem dúvida bêbado; aparentemente, não estava especialmente decidido a se candidatar a Fernando de Noronha com a participação de Teixeira; era apenas fanfarronice. A meu pedido, deu-me sua faca e todos os outros estenderam-me seus porretes, foices, machados, espingardas e pistolas. Saí do quarto, acompanhado por um homem carregado com um perfeito arsenal. Eu sabia que podia deixá-los a sós para resolver suas disputas com botas e punhos, se o quisessem, mas isto eles não se dispunham a fazer, e logo depois seguiu-se um entendimento pacífico, e Patrício foi ouvido dedilhando seu violão, como se nada tivesse acontecido; sua sorte estava lançada no entanto, e ele foi despedido no dia seguinte. Esses homens brigam como crianças, mas sua atenção é igualmente fácil de distrair e eles são geralmente muito manejáveis.

Quando eu já estava em Picada há algumas semanas, recebi um convite para um casamento na Fazenda – e, curioso para testemunhar o *modus operandi* da cerimô-

nia na roça, organizei tudo de modo a me ausentar por um dia. Meu burro e eu estávamos em excelentes condições, as estradas eram boas, a temperatura perfeita, como a de uma manhã clara de primavera na Inglaterra, e a paisagem – bem, não há como se cansar de apreciá-la, aqueles magníficos morros ondulados, e vales, e perfis azuis de serras; o céu estava claro e pontilhado de nuvens "rabo-de-cavalo" azuladas, a brisa fresca e agradável, os pássaros gorjeavam suas inúmeras canções; dava vontade de se fazer todos os tipos de cabriolas absurdas, de galopar, gritar e cantar, inspirando o puro ozônio em grandes quantidades, e todavia diz-se que este não é um país para o homem branco, então seria melhor o homem branco morrer de uma vez, pois não há clima mais perfeito. Pode-se manejar a foice e o machado o dia todo, trabalhar em casa à noite e acordar cedo no dia seguinte, pronto para um novo dia – que mais pode um homem fazer, seja ele branco ou negro?

Por volta de 11 horas da manhã, as 19 milhas de caminho tinham sido cobertas, e encontrei-me em –, em meio a uma considerável multidão de gente do interior, alguns dos quais tinham vindo de 40 ou 50 milhas de distância; não se viam mulheres, pois todas as visitantes tinham se retirado para o interior da casa e estavam trancadas nos santuários femininos da residência, para só aparecerem no momento auspicioso; seus maridos, pais, irmãos passeavam desanimadamente pelo terreno da fazenda, ou se amontoavam diante da porta do quarto de B. G., tentando avistar de relance o estrangeiro lá dentro. Encontrei meu colega tentando trabalhar na semi-obscuridade, pois tivera de deixar a porta quase toda fechada para evitar a invasão dos visitantes embasbacados, e seu quarto não tinha janelas. Depois de certo tempo, abrimos a porta e colocamos nossas cadeiras na soleira; o resultado foi surpreendente: todos os convidados imediatamente se reuniram em um semicírculo à nossa frente, os de trás tentando abrir caminho com os cotovelos para as fileiras da frente, para obter uma visão melhor, e lá ficaram eles debaixo do sol quente, com os olhos fixos em nós, comentando em voz baixa acerca de nossa aparência pessoal – uma multidão parada e embasbacada; bem, nós logo nos cansamos desse espetáculo gratuito, pois nossos gracejos e observações ficaram sem resposta; era como tentar caçoar de uma ovelha; acredito que mesmo um motorista de ônibus londrino desistiria de tentar. Eles consistiam principalmente em trabalhadores do campo, ou pequenos agricultores; não queriam nos ofender, nem consideravam aquilo uma intromissão; tinham vindo só para olhar, como teriam eles próprios confessado. Decidimos sair para caminhar; a multidão então se dispersou, e passaram a vaguear com as mãos no bolso, pra cá e pra lá, em direção do que quer que os atraísse – um porco que passava, um galo cantando, um carrinho de mão quebrado, a lama do curral; qualquer coisa ou coisa alguma: era a epítome da lentidão.

Entramos na casa para visitar e cumprimentar o pai da noiva e proprietário da fazenda; lá encontramos alguns fazendeiros de casacas pretas e botas de cano alto, reunidos em torno de um homem tagarela, que se encarregava sozinho de toda a conversação, seus ouvintes exclamando ocasionalmente: "É de ver!", "Com efeito!", "Nhor sim!", "Ora! Ora!" e, para nossa diversão, descobrimos que éramos o tema da conversa, ou melhor, que o tagarela estava explicando a seus ouvintes nossa história, origem, ocupação, hábitos e costumes, salário, religião, etc., de acordo com sua opinião ou com a opinião geral. Ele logo percebeu nossa presença na porta e virou-se alegremente para nos interrogar, mas pedimos que ele prosseguisse: depois de insistirmos um pouco, ele continuou o seu falatório, de pé no meio da sala, gesticulando profusamente e enfatizando suas afirmações. O que se segue é mais ou menos o que ele falou:

"Bem, senhores, como eu estava dizendo a vocês, esta ferrovia será uma coisa magnífica, porque todos nós seremos empregados nela e ganharemos rios de dinheiro; esses ingleses são todos ricos, e todo o dinheiro do mundo vem de seu país; sei que quando o nosso rei precisa de algum, manda buscar na Inglaterra e depois deixa os ingleses virem para cá e levarem o ouro do Brasil que não sabemos nós mesmo extrair; eu estive em Morro Velho,[29] e os vi despachando o ouro em sacas, como fazemos com o feijão. Não é assim, Senhor Doutor?" virando-se para mim.

"Bem, eu nunca estive em Morro Velho".

"Aí, vejam, eis aqui um inglês que está ganhando tanto dinheiro que nem se importa com as fabulosas quantidades de ouro que seus compatriotas estão extraindo das minas. Eu sei que esta ferrovia está sendo feita unicamente para carregar o ouro que eles vão cavar em alguma mina lá pelo sertão, da qual ninguém tem notícia. Ah! eles são maravilhosos, esses ingleses, eles são muito diferentes de gente pobre como nós, e no entanto são muito honestos; eu gosto dos ingleses, pois eles nunca quebram uma promessa ou iludem os pobres, mas nós não entendemos os seus costumes; alguns dizem que são pagãos, mas isto eu não posso acreditar, pois já me disseram que eles têm igrejas em seu país. Eu mesmo vi uma delas em Morro Velho, mas ela é muito diferente das nossas, não é tão bonita e não tem santos, mas quando eles vão à missa, esses ingleses são muito solenes e bem-comportados, não conversam como a gente; só cantam ou rezam. Eu já os vi botar pra fora um cachorro, pois não permitem que cães entrem em sua igreja. Não entendo a missa deles. Tenho pena de não serem cristãos, pois gosto demais deles; acredito que sejam todos brancos, porque nunca vi um homem negro entre eles. Quando jovens, eles são magros como estes doutores aqui, mas sempre engordam quando ficam velhos, pois sabem como viver bem: cerveja, vinho e aguardente todo dia, isto é que é levar uma boa vida. Oh, Deus! Eu queria ser

29. A mina de ouro de São João del Rei.

um inglês. Olhem para estes rapazes, pois eles têm caixas cheias de dinheiro, roupas, e bebida, e comida do gosto deles; não há nada que eles queiram, que não possam ter e, no entanto, vocês vêem como eles são jovens, mas são pessoas terríveis para segurar dinheiro; ora, se eu lhes pedisse que me emprestassem um conto de réis (£100), não seria mais para eles do que um mil-réis para nós, e entretanto não o fariam. Ou fariam, senhores doutores?"

"Nós sentimos muito, mas temos apenas o suficiente conosco para pagar nossas despesas; em todo caso, o senhor tente com o nosso chefe em Tabuleiro Grande; ele é um homem extremamente generoso."

"E quanto o senhor acha que ele me pediria de juros?"

"Bem, como o senhor é evidentemente uma pessoa honesta, talvez não mais de dois por cento (por mês, entenda-se)".

"Ora, pois eu estou muito inclinado a tentá-lo; eu poderia fazer muita coisa com um conto de réis".

Isto já tinha durado demais, mas nosso amigo continuou com volubilidade na mesma toada quando o deixamos para visitar o fazendeiro em uma sala ao lado. Suas opiniões, embora tão absurdas, são realmente um apanhado das idéias predominantes entre as pessoas do interior sobre nossas características principais.

Encontramos o pai da noiva e o noivo, ambos homens altos e magros, quase brancos; o último, com cerca de 45 anos de idade, era muito parecido com o típico Dom Quixote, um cavaleiro de triste figura, pois, na verdade, ele não parecia feliz nem excitado de forma alguma. Ambos trajavam fraques, calças pretas, colete branco, tremendos colarinhos levantados e gravatas brancas. Estavam solenemente sentados com pompa em um sofá de palhinha, flanqueados por meia dúzia de cadeiras de cada lado, nas quais se sentavam os parentes masculinos mais próximos, também vestidos de preto, e formando uma avenida até o sofá. Apresentamos nossas congratulações; nossos anfitriões se levantaram solenes quando nos aproximamos e agradeceram com profundas reverências. Expressamos nossa esperança de que nos fosse permitido dar os parabéns, ou as condolências, à noiva. Esta proposta era totalmente inesperada: o pai respondeu, "Ah! – sim – , certamente – mais tarde, quer dizer, ela está ocupada agora –, não – não é nosso costume –, desculpe – mais tarde".

Pensei que daria tudo por um punhado de bombinhas para tornar o formal conclave um pouco mais festivo. Dois dos amigos levantam-se agora da avenida de cadeiras e nos oferecem seus assentos, mas a perspectiva tediosa de conversar com essas pessoas lúgubres não era nem um pouco convidativa; comecei a ficar sem ar, como um peixe fora d'água, e sentir-me arrepiado com a solenidade funérea, portanto renovamos nos-

sas congratulações, os melhores votos de felicidade, etc., prometemos voltar para o jantar às 3 da tarde e saímos para o sol claro lá fora. A maioria dos que batiam perna do lado de fora tinha descoberto o nosso amigo tagarela e estava ouvindo de boca aberta as suas divagações; outros se apoiavam nas janelas da fazenda, espiando as preparações para a festa, ou saiam em bandos para inspecionar a chegada de novos convidados em carros de bois ou a cavalo. Algumas das belas sentadas sobre almofadas nas carroças estavam maravilhosamente ataviadas de musselina branca ou vestidos de estampado berrante, e umas botas tais, e uns tais laços coloridos, e tais nuances de tez, pretas, morenas, moreno-claras, amarelas e branco doentio, e quase sem uma carinha bonita entre elas; e como elas se agarravam umas às outras, à semelhança de um rebanho de ovelhas, quando desciam das carruagens e corcéis, e corriam para se esconder nos aposentos femininos da casa, às risadinhas, corando, cada uma mais temerosa de ficar para trás, como se realmente fosse provável que qualquer daqueles espectadores masculinos apáticos e ingênuos pudesse ser um possível romano do século XIX em busca de uma sabina moderna para esposa.

Às três da tarde começou a cerimônia de casamento. Fomos convidados a entrar em um salão despojado e caiado da casa. Uma metade da sala era ocupada por renques de bancos, cada fila mais alta que a anterior, e ocupados por todas as senhoras visitantes; a fila da frente acocorava-se no chão, a próxima em um banco comprido, a seguinte sentava-se na beirada de uma fileira de mesas, a outra em bancos colocados sobre as mesas, a última ficava de pé lá atrás, de modo que ninguém deixava de obter uma boa visão. Fomos conduzidos a um lado da sala entre os parentes encasacados do ditoso (?) casal; os visitantes se amontoavam na porta e janelas da sala. Um padre muito gordo entrou, acompanhado por um menino que carregava livro, incenso, etc., seguidos pelo pai e sua filha, a noiva, o noivo e a mãe da noiva, e duas senhoras idosas. A noiva era robusta e baixa, tinha cerca de trinta e cinco anos, muito feia e de tez branco-amarelada, e trazia uma grinalda, um longo véu, vestido de cetim branco e sapatos, totalmente *de rigueur*.

A cerimônia acabou logo, as mãos do casal foram unidas pelo padre, ele as abençoou e aspergiu com água benta, depois lhes dirigiu uma exortação em voz baixa, cujas palavras eu não pude distinguir. O curioso par, um alto e magro, a outra baixa e gorda, parecia apavorado e muito solene e particularmente desconfortável, recebendo nossas felicitações com apatia. Seguiu-se um movimento geral em direção à sala ao lado, onde um grande banquete estava servido. Oferecemos nossos braços a duas das moças mais bonitas dos bancos, mas só recebemos uma risadinha acanhada das belas, que imediatamente correram para se juntar às outras mulheres, e todas sumiram da sala às

risotas, simulando acanhamento. Elas ocuparam um lado inteiro da longa mesa: os recém-casados ficaram em uma cabeceira, os pais na outra; sentamo-nos com os amigos encasacados, de frente para as damas. Era um espetáculo olhar para a mesa; em frente de cada um havia um prato de sopa quente, e sobre a mesa, alguns quentes, alguns frios, alguns mornos, havia perus, frangos, patos, leitões, pernis, carne de boi, peixe frito, presunto, imensas travessas de batatas, feijão, farinha, batata-doce, repolho, aipim, ou mandioca doce, e entremeadas aos pratos havia várias frutas, doces, conservas, garrafas de cerveja, vinho, conhaque, e cachaça – realmente, um régio banquete da roça, e nossos apetites eram aguçados e saudáveis e de modo algum exigentes. Tínhamos acabado de descobrir que a sopa estava quente demais, gordurenta e só sabia a alho, quando nosso amigo tagarela levantou-se para fazer um discurso; todos os convidados se levantaram ao mesmo tempo.

"Meus distintos senhores. Estamos aqui reunidos hoje, nesta ocasião solene e auspiciosa, para assistir o feliz casamento de nosso distintíssimo compadre, o mais digno dos fazendeiros, o Senhor - - -, com a adorável e graciosa filha de nosso digníssimo amigo, o distinto fazendeiro, Senhor - - -, que hoje sentirá seu peito dilacerado pelas dores da separação de sua adorada e estimada filha, a adorável e graciosa, excelentíssima Senhora Dona - - -, o ídolo de seus olhos, o conforto de sua vida, a companheira de suas alegrias, a organizadora deste grande banquete, desta maravilhosa festa, uma festa, meus senhores, que será longamente lembrada na história futura de nosso distrito. Meus senhores, bebamos à saúde dos ditosos noivos. Viva! viva a noiva e o noivo! Viva!"

Entre aclamações ruidosas, o brinde foi bebido.

Sentamo-nos; a sopa se fora; fizemos um sinal aos copeiros negros pedindo um prato. Antes que ele chegasse, outro homem se levantou e os convidados da mesma maneira; houve declamação de poesia a respeito das alegrias e da felicidade etérea da vida conjugal; era um poema longo, que acabou com um brinde aos pais da noiva. Neste meio tempo chegara o prato, e avançamos sobre a travessa mais próxima, pois percebemos que todos lutavam contra o tempo; qualquer coisa era agarrada e destrinchada apressadamente, mas nós chegáramos atrasados. Mais um irreprimível se levantou então, novamente acompanhado pelos convidados, para mais um longo discurso de cumprimentos e brindes, depois nos sentamos para mais um esforço de saciar nossas violentas pontadas; mas não adiantou, pois todos os homens tomaram a palavra, um após o outro, e finalmente nosso amigo tagarela fez-nos um discurso de saudação, ao qual eu tive de responder. Houve ainda outros discursos e brindes de cerveja e vinho ou o que quer que estivesse mais perto. O tempo todo, o solene noivo e sua

noiva permaneceram sentados, imóveis e em silêncio, o homem olhando fixamente para a frente, a noiva com os olhos pregados em seu prato. Depois de cada um ter tido sua vez nos discursos, todos se retiraram para uma sala ao lado, onde encontramos uma mesa grande literalmente amontoada de doces, conservas e bolos; eles eram certamente feitos à perfeição e teriam honrado qualquer confeiteiro europeu. Logo que pudemos nos despedir decentemente, transferimo-nos para os aposentos de G., para jantar.

Voltamos mais tarde para ver o segundo jantar dos que ficaram de fora. Lá é que a farra estava boa; os roceiros avançavam nas coisas boas como se estivessem assaltando uma fortaleza; cada um atacava mais depressa que o outro o que estava à sua frente, fosse o que fosse – peixe, carne de porco, carne de boi e legumes eram empilhados nos pratos, cortados às pressas. O garfo fica de lado, o convidado empurra a cadeira, põe o queixo na altura do prato, espalha os braços e carrega com sua faca vastas porções para dentro de sua capacitosa boca; uma virada ou duas da língua, e os olhos se esbugalham com o esforço de engolir a imensa mistura. Um ou dois se levantam para fazer discursos, mas os outros estão evidentemente concentrados em sua ocupação e não tomam conhecimento. Que destroço se torna a enorme mesa em poucos instantes! Pernis e aves são reduzidos a esqueletos, bebidas são misturadas indiscriminadamente e engolidas com as enormes porções de comida. Dentro de quinze minutos está tudo acabado, inclusive as repetições dos participantes mais recentes. Depois todos seguiram para a sala dos doces e atacaram com sucesso a pilha de guloseimas. A satisfação era sem dúvida grande, pois as eructações eram altas e freqüentes, acompanhadas de expressões como "Que bom jantar", "N'hor sim, muito gostoso", "Estou cheio, não posso mais", etc.

Um pouco mais de vida e animação prevaleceu depois do banquete: as línguas se soltaram, as violas apareceram e cantaram-se canções; mas alguns dos convivas foram dormir nos carros de bois ou sob as árvores. Diversos dos fidalgos encasacados do primeiro jantar, em sua maioria fazendeiros da vizinhança, mais tarde vieram nos ver e desculparam-se pelo excesso de brindes: mas é o costume do país, disseram com um meneio de ombros, esperavam que tivéssemos conseguido assegurar alguma comida, como eles próprios haviam feito, e se ofereceram para nos trazer um frango ou outra coisa. Explicamos que já tínhamos jantado nos aposentos de meu amigo. "Ah! vocês foram sabidos, deixe um inglês sozinho que ele se arranja". Eles são pessoas simpáticas, mas perspicazes como um natural do Yorkshire para fazer uma pechincha, e nos indagaram quando começaríamos a ferrovia, o que haveria lá para eles fazerem, etc.

À noite, fomos convocados para entrar no salão onde a cerimônia de casamento tivera lugar; as damas tinham de novo ocupado os bancos, e diante deles o solene e

silente "ditoso par" estava sentado, olhando fixamente para a frente. Alguns músicos com violões e violinos estavam afinando seus instrumentos, enquanto dois casais se preparavam para uma dança, que logo descambou para um batuque. Esta dança, tão apreciada por almocreves e trabalhadores, e suas questionáveis amigas, eu certamente não esperava ver em uma família decente; mas como nossos amigos a apreciaram tanto, dando vivas entusiásticos e palmas e se juntando ao coro, ela foi bem-vinda, pelo menos pela vida e animação que trazia. Não houve outro tipo de dança, e durante toda a noite as mulheres permaneceram em seus bancos, e os homens, de pé em grupos separados delas junto às portas e apoiando-se nas janelas. Enquanto isso, a dança se torna rápida e furiosa, os passos ligeiros marcam o compasso da música; as vozes individualmente eram extremamente desagradáveis, mas cada uma se encarregava admiravelmente de uma altura e formavam juntas uma harmonia agradável; quando os dançarinos acabavam, corados, excitados e sem fôlego, outros tomavam seus lugares e começava tudo de novo; todos estavam satisfeitos e encantados; depois houve mais canções, mais danças, e mais canções, e finalmente pediram a G. que buscasse seu banjo e cantasse uma canção inglesa. Ele cantou um *Christy Minstrel*;* eles gostaram da música e logo aprenderam o refrão. Fomos embora cedo.

As canções e danças continuaram pela noite toda, e a cachaça foi distribuída e tomada com fartura, no entanto ninguém pareceu ficar alterado devido aos excessos. Eu soube mais tarde que os parentes da família acompanharam o pai da noiva para tomar parte no "bota-fora" final do venturoso par. Este evento deve ser considerado apenas um exemplo de um casamento caipira; não havia um único brasileiro educado entre eles, embora o pai da noiva e o noivo fossem fazendeiros prósperos e abastados. Era um *mariage de convenance*, pois a noiva era filha única, e seu marido, dono das terras vizinhas.

No dia 26 de setembro, o trabalho estando completo nas cercanias da Fazenda da Picada, mudei-me para outro alojamento mais abaixo, para uma velha casa abandonada em ruínas em uma localidade chamada Paciência; e realmente, o nome era bem apropriado, pois era o mais desolado dos lugares que eu jamais vira. As paredes da casa, pelo menos as que restavam, eram de barro, rebocado sobre uma estrutura de paus; a porta e as folhas das janelas pendiam das dobradiças; metade das telhas havia desaparecido do telhado; fora invadida pelas ervas e o mato e estava num estado de dilapidação muito adiantado para que se tentasse torná-la confortável; mas o mato foi capinado e a porta e janelas refixadas. Servia para uma ou duas semanas.

A casa ficava em uma pequena concavidade, cercada de morros ondulantes cobertos de cerrado; em frente, sobre uma encosta, ficavam as ruínas de um velho cemi-

* Os *Christy Minstrels* eram uma trupe de comediantes criada por George Christy, de Nova Iorque, no século XIX, que imitava negros e cantava canções cômicas (N.T.).

tério, e meia milha além erguiam-se os escarpados penhascos castanho-cinzentos da Serra do Gentio, encimados por mato e árvores. Era uma solidão absoluta; mesmo os pássaros pareciam ter desertado, pois nenhum som quebrava a quietude lúgubre; um cerrado e mato espessos cercavam a casa, e os morros tapavam todas as vistas.

Como a maioria das casas abandonadas do Brasil, o lugar era infestado de cobras, escorpiões, lagartos e outras coisas rastejantes; durante os primeiros três dias matamos duas jararacas, uma cobra-de-são-joão verde, uma cainana pequena, três escorpiões; as lagartixas cinza-claro repulsivas infestavam as paredes; estas últimas têm a fama de causar uma espécie de erisipela ou doença maligna da pele, quando passam sobre o corpo de um ser humano, e de envenenar as viandas que tocam; se é fato ou não, não tive oportunidade de verificar. Elas se movem sem ruído, não se ouve um sussurro, e sua aparência é tão assustadora que a aversão popular que lhes é dedicada não é de estranhar. Nos terrenos próximos ao velho cemitério viam-se freqüentemente os tatus cavadores, já mencionados neste capítulo. Havia certamente uma boa quantidade de buracos no cemitério que pareciam buracos de tatu, dando credibilidade às propensões necrófagas dessa espécie. À noite, corujas piavam, e o pássaro noturno peitica[30] emitia suas melancólicas notas lamentosas; este último é considerado uma ave de mau agouro, de modo que, dada a aparência desolada e agreste do lugar, a abundância de répteis, a proximidade do cemitério, o ambiente todo tinha um aspecto tão sinistro que os homens evocavam superstições variadas e queriam partir, dando-me muito trabalho para convencê-los a permanecer. Tive de encontrar ocupações para eles à noite, instituindo danças de batuque e montando uma barra única, na qual ensinava-lhes ginástica. Um deles, Felicíssimo de Caboclo, um índio quase de raça pura, logo se tornou um ótimo ginasta, e depois de certo tempo eles ficaram mais satisfeitos.

A despensa também estava inconvenientemente suprida, pois, embora houvesse uma fazendinha a duas milhas, no entanto nada poderia ser obtido lá exceto milho; era necessário mandar buscar tudo o mais na Picada.

As linhas de levantamento passavam perto do sopé da Serra do Gentio, onde há um vale largo e extenso cheio de roças, novas e velhas, pertencentes a diversas fazendas, às vezes a milhas de distância.

Este vale, cercado como é pelos paredões de rocha sombrios e matizados, é um cenário estranho e misterioso de solidão e silêncio intenso, onde as vozes dos homens ecoavam e reverberavam entre os penhascos íngremes da serra, tornando a quietude ainda mais palpável; as muitas roças abandonadas eram uma perfeita selva de ervas, mato, cercas quebradas e ranchos velhos roídos pela umidade; mesmo as plantações que cresciam nos novos terrenos limpos não conseguiam destruir a sensação de triste-

30. Pronuncia-se *pay-ee-teeker.*

za, especialmente ao cair da noite, quando o sol desaparecia atrás das montanhas e longas sombras escuras e névoas azuladas se espalhavam pelo vale e subiam pelas encostas rochosas. Mas as velhas roças eram ótimos campos de pesquisa para o entomologista, pois havia miríades de besouros de uma imensa variedade de espécies. Onças também tinham sido vistas e mortas recentemente nesta morada da desolação.

Uma manhã, quando estávamos prosseguindo na picada, os homens mataram uma jibóia jovem, de cerca de 5 pés de comprimento; deixamo-la como morta, e à tarde, quando voltamos, ela foi encontrada no mesmo lugar. Sabendo que ela logo começaria a cheirar mal, peguei-a pela ponta do rabo, com a intenção de examiná-la e depois jogá-la mais para o meio do mato, mas o réptil estava possuído de uma vitalidade muscular tão extraordinária, que imediatamente contraiu seu corpo e enrolou-se em meu braço; sacudi-a para longe com um estremecimento, no entanto, ela estava para todos os efeitos inteiramente morta e tinha permanecido o dia todo onde fora abatida, embora, quando tocada, aplicasse considerável força em seus movimentos.

Os dias se passavam calma e rapidamente, mas as noites eram longas e tediosas, pois eu não possuía material para escrever, nem uma superfície sobre a qual escrever na residência temporária em Paciência, e costumava sentar-me no degrau quebrado da porta e imaginar como iam as coisas no grande e agitado mundo lá fora, ou observar os vaga-lumes cintilantes, ou os clarões da fogueira de achas diante da casa tremeluzindo sobre as figuras recostadas dos homens que fumavam e contavam histórias, cada qual da sua terra, de amigos e compadres ausentes; a vizinhança do cemitério era sempre uma fonte de terror para eles, que não saíam das imediações da casa a não ser acompanhados por um companheiro.

Eles eram, nessa época, um grupo quieto e ordeiro de homens, depois de suas fileiras terem sido reduzidas pela saída de Patrício e outros tipos alegres em demasia. Em certa ocasião, encontrei um deles de manhã bem cedo vociferando pelo terreiro da Picada com um punhal na mão, jurando vingança por lhe terem servido café frio, e dois outros tinham criado distúrbios por causa de suas rações. Tudo isto tinha sido evitado em Mesquita empregando-se trabalhadores que moravam na redondeza, mas em Picada isto não podia ser feito. Sofri uma grande perda quando meu chefe de equipe, Chico, deixou-me; ele estava casado há pouco tempo e as saudades[31] de sua esposa o faziam infeliz. Despedi-me dele com tristeza, pois ele era muito inteligente e útil para mim, e um trabalhador infatigável – um sujeito honesto e franco.

As tardes de sábado e domingo eram passadas na Picada, ou na fábrica de algodão, ou no quartel general, ou eu recebia visitas de Mr. B., ou de algum dos engenheiros que passavam a caminho de seções mais avançadas. Mr. F. foi o primeiro a passar,

31. "Saudades" é provavelmente a palavra mais abrangente do português. Implica um anseio por alguma coisa ou lugar ausentes ou acontecimento passado. Nossa palavra *longings* não chega a expressá-la, pois um profundo sentimento de tristeza ou afeição está associado com **saudades**. *Home-sick* aproxima-se mais de seu significado em "saudades de casa".

depois C. e Peter, acompanhados por B. G. Nesta última ocasião, B. G. teve o primeiro ataque da febre intermitente que mais tarde veio a devastar tão terrivelmente a nossa equipe no Baixo Paraopeba e Alto São Francisco. B. G. passou pelos três estágios da febre: os calafrios mortais, o período de calor intenso, e depois a transpiração profusa, o que durou ao todo seis horas, e no dia seguinte voltou ao trabalho.

Acompanhei C. e Peter até o fim de minha seção e visitamos um magnata local, um Senhor Antônio Gonçalves de Mascarenhas, para quem C. tinha trazido uma carta de apresentação do Visconde de Barbacena do Rio de Janeiro. Depois de uma longa cavalgada poeirenta sobre as terras então ressecadas e crestadas, encaminhamo-nos para a fazenda por uma estrada boa, margeada por cercas extensas de estacas de aroeira e alamedas de palmeiras e bambus, ao fim das quais um portão dava entrada ao largo terreiro da fazenda, uma casa grande de dois andares, com escadas levando a uma varanda espaçosa em seu andar de cima, onde senhoras, sentadas, trabalhavam. Grandes quantidades de mulas e bois estavam sendo alimentadas em um *paddock* junto à casa; havia diversos carros de bois no terreiro, muitos negros se movendo, extensos celeiros e moendas de açúcar, milho e farinha nas proximidades. Ao longo da varanda e em um jardim ao lado havia (coisa rara) flores européias bem cuidadas, clematites, rosas, camélias, gerânios, fúcsias, verbenas, o estefanote tropical, a flor-do-imperador[32] e muitas outras flores. As janelas eram envidraçadas e a casa bem arrumada, exibindo sinais evidentes de prosperidade e riqueza rural. Ao perguntar pelo proprietário, fomos conduzidos para o segundo andar, onde encontramos um cavalheiro idoso de cabelos brancos, muito alinhado, que nos recebeu gentilmente, leu com atenção a carta de apresentação e se declarou às nossas ordens. Infelizmente, C. encasquetou de conversar com ele em seu medonho português. O velho senhor sorriu com brandura, passou as mãos uma sobre a outra num gesto de consolo e permaneceu perplexo; era claro que ele não compreendia o meu amigo. Aventurei uma observação elogiosa sobre seu raro gosto pelo cultivo das flores: "Oh, isto é uma coisa à toa, é a ocupação de minha mulher; é idéia dela." Neste momento, um garboso rapaz entrou na sala e nos cumprimentou em inglês, "*How do you do?*". Ele era neto do velho cavalheiro e tinha sido educado no Rio. Foi um grande prazer encontrar-me novamente sob um teto civilizado e em companhia civilizada; mas eu tinha de voltar a Paciência naquela noite para estar com os homens de manhã cedo. Fomos instados a pernoitar lá, ou pelo menos ficar para o jantar. Prometi repetir a visita quando passasse pela fazenda a caminho da nova seção.

32. *Oleo fragrans.*

CAPÍTULO 8

DE PICADA A BURITI COMPRIDO NO RIO SÃO FRANCISCO

PARTIDA DE PICADA – UMA SEGUNDA VISITA À FAZENDA SÃO SEBASTIÃO – UM CAVALHEIRO BRASILEIRO EMPREENDEDOR E BEM SUCEDIDO – APOSENTOS AGRADÁVEIS – PRIMEIRAS INDICAÇÕES DE ÁREAS DE OCORRÊNCIA DA MALÁRIA – O SERTÃO, ONDE É QUE ELE FICA? – GRANDE SOLIDÃO – UMA LONGA JORNADA E SUAS PAISAGENS E INCIDENTES – PROVISÕES ENLATADAS – UMA NOITE FRIA DEBAIXO DA LONA – TRANSFERÊNCIA DO QUARTEL-GENERAL – UM PROPRIETÁRIO DE VASTAS TERRAS – UMA FESTA ALEGRE COM OS COMPANHEIROS – UM DIA DE FOLGA – A PERDIZ BRASILEIRA – UMA NOVA MANEIRA DE PESCAR – O SURUBI: IMENSO – DE NOVO ÀS MARGENS DO RIO – TEMPO TURBULENTO – UM DIA DE VIAGEM MOLHADO – EM BAGRE – OUTRO ESTALAJADEIRO ITALIANO – UMA TRAVESSIA PERIGOSA – SUPERSTIÇÃO CONFIRMADA – DESAPARECIMENTO DO BÓCIO – O RANCHO EM MOQUÉM – A REGIÃO DA JUNÇÃO DOS RIOS PARAOPEBA E SÃO FRANCISCO – PINDAÍBAS – UM PREGUIÇOSO – BURITI COMPRIDO E O QUARTEL-GENERAL – A MANGABEIRA, UMA ÁRVORE DE BORRACHA – BAUNILHA SILVESTRE

No dia 15 de novembro, acompanhado por dois camaradas, Teixeira (de Mesquita) e Antônio Eugênio, iniciei a viagem para o quartel-general em Meleiro. Um carro de bois foi contratado para transportar a bagagem através das 44 milhas de distância, pelo preço de 64 mil-réis, ou cerca de 3 *shillings* por milha. Despedi-me de meus amigos de Picada com muitas trocas de votos de felicidade; genuínos, eu sei, de minha parte, pois eles tinham sido extremamente bons comigo, e eu sempre me lembrarei do Senhor José como uma excelente pessoa, franco, honesto e viril.

Tempo turbulento.

O trabalho se acabara, e eu encarava os próximos poucos dias de viagem como uma mudança agradável e um descanso da labuta realmente dura do levantamento. Várias das picadas que cortavam a estrada já estavam parcialmente obliteradas, a vegetação apontava no chão e, em muito pouco tempo, elas estariam cobertas de mato e indistinguíveis. A desolada e dilapidada Paciência parecia-me ainda mais isolada e solitária, meio enterrada no matagal que a cercava. Sim, Paciência eu podia deixar sem qualquer sentimento de melancolia, para ser de novo ocupada por seus inquilinos anteriores, as cobras, escorpiões e outras pragas.

Conforme prometido, visitei o Senhor Antônio Gonçalves Luiz Mascarenhas em

sua fazenda de São Sebastião, a doze milhas de Picada. Encontrei em casa o velho cavalheiro e seu neto, Francisco, que tiveram a gentileza de demonstrar satisfação com a minha visita e afirmar que gostariam que eu permanecesse alguns dias com eles. Eu não tinha tido muito contato com o velho senhor, por ocasião de minha primeira visita, que fora curta, e o achara então muito reticente. Mas, ao conhecê-lo melhor, descobri a razão, pois ele contou que a algaravia do meu acompanhante o deixara tão confuso que ele não pode dizer nada e apenas tentara ser agradável como lhe foi possível. Era um senhor inteligente e bem falante, talvez um pouco antiquado em suas idéias; todavia, ele me disse francamente, como algo de que se orgulhava, que começara a vida como um órfão sem um tostão e sem estudo e que, por meio de trabalho, empreendimento, e economia, chegara à independência financeira e ao conforto de que gozava em sua velhice. Seus filhos haviam evidentemente herdado a energia do pai, pois conceberam e levaram adiante a idéia de montar a fábrica de algodão perto de Tabuleiro Grande, onde estão enriquecendo rapidamente. Relato isto como um exemplo do que pode ser feito através de energia e perseverança, mesmo em uma área como esta, que é tão saudável, porém tão inferior às regiões mais favorecidas do Brasil. Juntei-me à família para um jantar às quatro da tarde, uma agradável reunião familiar; os homens eram cavalheiros, a velha dama era uma senhora bem disposta, de belos traços e distintamente vestida, mas as jovens estavam *en déshabillé* demais para o gosto europeu, porém compensavam o fato pela aparência atraente e suas maneiras francas e joviais.

Na manhã seguinte, quando me levantei de uma cama limpa e confortável em um quarto bem arrumado, senti instintivamente que estava dando um longo adeus a tais luxos.[1] É muito bonito um viajante discorrer sobre o encanto da "vida rústica", mas embora esses questionáveis encantos possam ser grandes, um retorno ocasional aos confortos da vida civilizada não pode deixar de ser muito apreciado. O Senhor Francisco acompanhou-me por uma parte do caminho, para indicar-me onde ficava o alojamento de F., às margens do Córrego do Leitão.[2] Eu ouvira relatos tão terríveis sobre a insalubridade das cercanias desse córrego que indaguei de meu acompanhante se eles eram verdadeiros.

"Absolutamente", respondeu ele, "é perfeitamente salubre, mas, mais para baixo, para onde você está indo, é realmente horrível".

"Diga-me, meu amigo, é esta a região denominada sertão?"

"Não, o sertão é mais para baixo também."

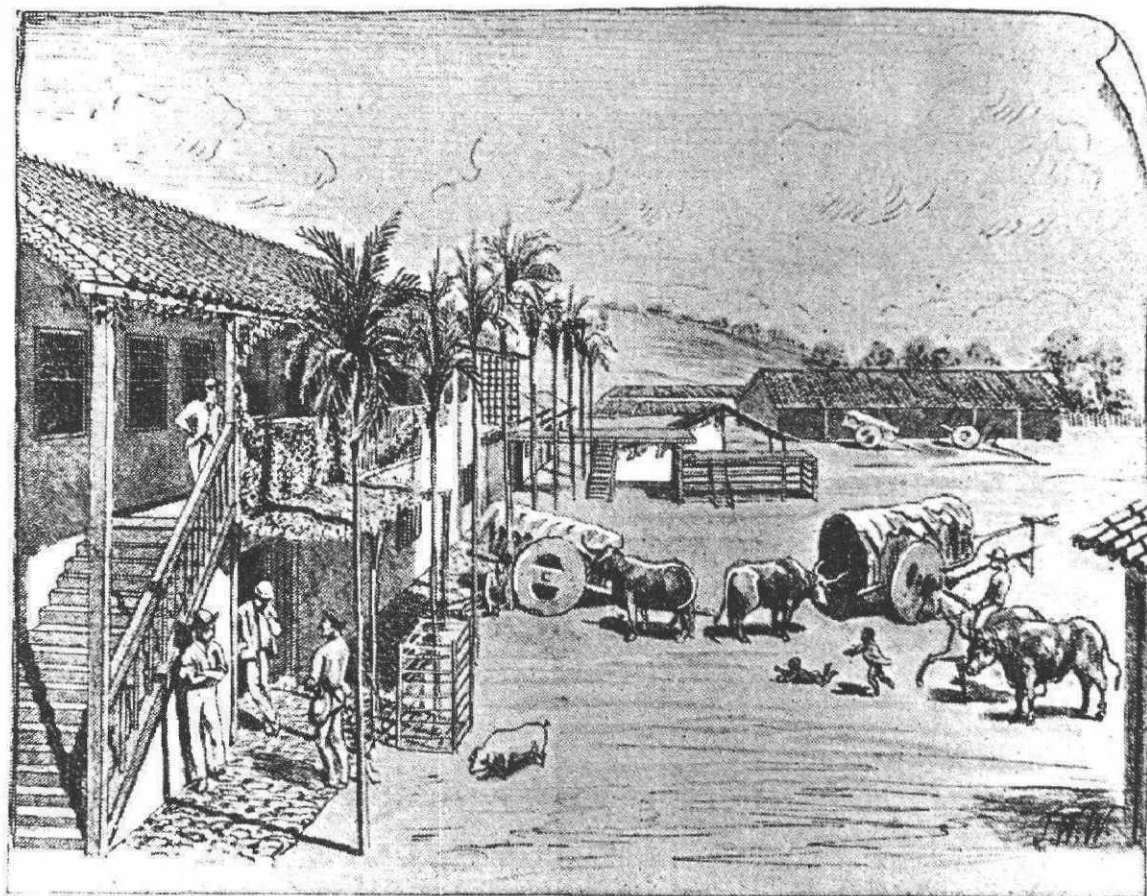
Aí eu parei para pensar e comecei a duvidar das muitas lendas sobre o sempre-distante sertão lá no obscuro "mais para baixo"; pois, desde que saíra de Barbacena, em diferentes lugares, as pessoas, ao saber da nossa prolongada expedição, tinham

1. Só quinze meses depois tornei a ver outra habitação realmente humana, a de Macombo, no rio São Francisco, próximo a Januária.

2. Em inglês, *Sucking-pig stream*.

prognosticado perigo, desastre e morte, seja nas mãos dos fora-da-lei, índios selvagens, febres, inanição, cobras, onças, etc., assim que chegássemos ao sertão bravio. A princípio pensei que ele começava em Capela Nova; mas os capela-novenses repeliram a imputação, confessando, porém, que em Santa Quitéria e *mais para baixo*, sim senhor, lá eu podia esperar alguma coisa. Em Santa Quitéria indicaram-me Inhaúma e, nesta, Tabuleiro Grande, todavia ele fica ainda "mais para baixo". Todos os casos que se ouvem no Brasil sobre localidades distantes devem ser tomados *cum grano*, embora haja sempre uma base para as histórias, por mais exageradas que elas sejam. Este mesmo Córrego do Leitão acabou por se mostrar tudo, menos um saudável bebedouro de porquinhos, pois F. e muitos de seus homens sofreram consideravelmente de febres intermitentes lá e nas terras baixas perto do Rio Paraopeba. Nós o encontramos ocupando uma casinha de paus e capim que ele próprio construíra, a primeira do levantamento e um sinal da proximidade de áreas menos habitadas, talvez o verdadeiro sertão. A visita devia-se a questões profissionais, logo discutidas, com o inevitável refresco para dar ânimo para a longa cavalgada diante de mim.

Fazenda de São Sebastião.

Logo após deixar o Córrego do Leitão, a trilha, ou melhor, a estrada (pois as trilhas são numerosas e levam a todas as direções, ou para lugar nenhum, como os pastos do gado), levou-nos a um terreno mais alto, onde mato, árvores e arbustos já não existiam, dando lugar aos capinzais dos campos. Enquanto seguíamos, subindo aclives suaves e longos, as vistas se tornavam mais e mais extensas, até que enfim um vasto panorama de morros ondulados de campina se abriu diante de nós. Que o leitor imagine com os olhos da mente um imenso anfiteatro, em forma de ferradura e com cerca de 15 milhas

de diâmetro, cujas extremidades terminam em penhas às margens do Rio Paraopeba. O interior da concavidade parece um mundo de pequenas eminências redondas, chatas, em cristas e picos, divididas por vales – alguns largos e rasos, outros estreitos e íngremes, curvando-se para dentro e para fora, em forma de serpentina. As rampas de todas as encostas eram sulcadas pela drenagem de água da superfície; nenhum barranco ou deslizamentos de terra como os de Barbacena eram visíveis; é um mundo de capim verde, e apenas no fundo dos vales rasos e largos vê-se um pouco de mato e floresta; nos topos e lados dos montes até mesmo a esparsa vegetação de cerrado está ausente. As terras mais altas da ferradura circundante são os antigos níveis do grande platô brasileiro, que cobre a maior parte do império, mas que é tão recortado por denudações na vizinhança dos grandes rios e pequenos riachos, que um conhecimento limitado do país não permite traçar ou discernir sua homogeneidade original.[3] Lá longe no oeste, podem ser vistos trechos ocasionais do rio, às vezes cingido por cinturões de floresta, às vezes margeado pelos penhascos vermelhos dos morros, escavados pelo rio, outras vezes cercado por aclives suaves de morros cobertos de capim. Para além do rio, ficam mais morros verdes, que se esfumam na distância em contornos azuis desmaiados, mal discerníveis contra o horizonte cor de pérola. Lá no alto, o céu é azul pálido, cortado por nuvens fofas que perseguem uma a outra em formas sempre mutantes, suavizando a paisagem verdejante com sombras passageiras. Uma brisa pura e fresca sopra livremente pela expansão aberta, perfumada pelos capins olorosos. Que lugar solitário é este; nem uma coluna de fumaça pode ser vista em qualquer parte a indicar a presença do homem, nem um casebre, nem uma habitação de qualquer tipo pode ser vista: as trilhas de gado, e ocasionalmente umas poucas cabeças de gado, o capim recém-queimado, são as únicas evidências à vista da existência de humanos. Por toda esta região, o solo é praticamente imprestável para a agricultura; seja qual for o subsolo, a superfície mostra apenas matérias arenosas e pedregosas e a própria ausência do que quer que lembre uma floresta (exceto pelas finas linhas de arvoredo nas depressões mais fundas e à margem dos rios), é por si só suficiente para demonstrar sua natureza improdutiva.

Seguimos um caminho tão próximo quanto possível dos tabuleiros circundantes, de modo a evitar as longas subidas e descidas do terreno ondulante e fechado, alcançando finalmente os níveis mais altos dos tabuleiros. Lá encontramos novamente o cerrado, fino e esparso, mais arbustos do que árvores, novas variedades de cada aparecendo, tais como a grande quantidade da bela e deliciosa fruta que lembra a nectarina, a mangaba;[4] uma sustância branca, leitosa, exsuda dos troncos, galhos e frutas desta árvore quando entalhados, e imediatamente se transforma em excelente látex com a

3. Ver o apêndice "Esboço da Geografia Física do Brasil".

4. O produto desta planta (em 1885) está começando a ser exportado da Bahia em forma de borracha. A árvore é a *Hancornia speciosa*, da família das Apocyneae, ou *Hancornia pubescens*, Gardner.

adição de um pouco de ácido. Há também cajus[5] silvestres e diversas variedades de palmeiras rasteiras. Nas depressões ou concavidades da superfície há moitas compactas de pindaíba – massas de graciosa vegetação que tem de ser vista para que se possa ter uma idéia dela.

Seguimos, o melhor que pudemos, as trilhas que apontavam mais ou menos na direção de nosso destino. Ocasionalmente, elas terminavam na cabana miserável de um boiadeiro e sua família – uma gaiola sem asseio, recendendo a fumaça e a pobreza encardida – mas os moradores eram muito corteses e prestativos e tentavam dar-nos instruções para encontrarmos o caminho, que só serviam para confundir-nos e desorientar-nos. A principal instrução era seguir em frente, "não tem errada". Eles conhecem cada jarda do terreno e pensam (se é que eles alguma vez pensam) que o estranho deve estar igualmente familiarizado com as diversas trilhas que encontra. Passamos por mais umas poucas dessas cabanas, atravessamos a vau diversos riachos e, no fim da tarde, passamos pelo Córrego d'Alma, um regatozinho furioso e sem ponte, que flui entre ribanceiras íngremes precipitosas; agora na seca não havia muita água, mas ele deve ser absolutamente intransponível, após uma chuva forte.[6] Assim como ele estava, tivemos uma descida rastejante pelas encostas íngremes de argila dura e pegajosa, seguida de uma travessia por um fundo pedregoso e escorregadio e uma série de mergulhos no atoleiro profundo do outro lado e, no entanto, minha bagagem teria de atravessar ali no carro-de-bois. Bem, eu preferia não estar presente para assistir, ela terá de passar de uma maneira ou de outra, mas o processo é doloroso de presenciar.

Havia sinais de chuvas próximas, por tanto tempo atrasadas. No fim da tarde, o sol se pôs atrás de pesadas camadas de nuvens negras, o vento parara, a atmosfera estava abafada e sombria e o trovão distante era ouvido murmurando seus grunhidos ameaçadores – toda a criação parecia suspensa, até mesmo a estridente cigarra. Apressamos o passo, pois escurece logo após o crepúsculo evanescente. Avante, Tommy; mas, meu Deus, como a sela é dura, e que rígidos se tornam os músculos depois de uma longa cavalgada; e que sensação etérea se experimenta na região da cintura, que frouxo o cinto se torna, e que légua comprida é a última. Um sentimento de suprema indiferença aos momentâneos efeitos magníficos do dia que se apaga, diante de uma miragem prosaica de lembranças dos bons tempos passados, depois de um dia de passeio de barco no Tâmisa, em uma estalagem à beira do rio. O dia de viagem estava previsto para cobrir trinta e duas milhas, mas tínhamos vindo por um percurso tão cheio de voltas, e nos enganado tantas vezes, que ele deve ter sido de quase cinqüenta milhas; parecia mesmo um número ilimitado, pois o melhor dos burros, depois de um longo dia, é muito desconfortável de montar, parece impossível encontrar uma posi-

5. *Anacardium occidental;* produz um excelente fruto, um doce adstringente; o suco é muito usado e apreciado como refresco.

6. A estrada principal passa por Tabuleiro Grande e segue de lá para Curvelo a NNE.

ção cômoda em qualquer atitude. Todas as coisas, no entanto, têm seu fim, e às 7h30 atravessamos o Córrego Meleiro por uma ponte nova junto à fazenda daquele nome e, do outro lado, entramos no acampamento justamente no instante em que uma trovoada reverberou pelo ar, e grandes gotas quentes de chuva começaram a cair. Bem, isto não deixa de ser uma sorte, pensei, enquanto entrava na grande barraca em forma de toldo e encontrava nosso chefe, cercado de seu caos habitual, como se tudo tivesse sido, na expressão vulgar, "socado para dentro". Mas havia uma mesa, e sobre essa mesa uma toalha e pratos, e uma "ração" enlatada foi devidamente trazida de debaixo de umas galinhas sentadas, uma faca foi enfiada na lata e, como acontece com freqüência, veio um zumbido e uma baforada de gás fedorento foi atirada em nossos rostos. Esta não está com cara de estar boa. Não, talvez esteja um pouco passada – tente outra. A próxima se abre calmamente, como uma ostra, e expõe seu fluido gorduroso e os fiapos cozidos lá dentro. O pouco atraente feijão com farinha, como dieta contínua, é muito superior a todas as abominações enlatadas que já foram inventadas, e é certamente mais saudável.

Como chovia lá fora! Não a varejo miúdo como em nossa terra, mas generosamente por atacado; porém a bondosa natureza é, às vezes, generosa demais, pois as águas invadiam os sagrados recessos do nosso quartel-general em múltiplos regatos gorgolejantes, tornando os aposentos totalmente úmidos e sujando os belos assoalhos; mas as barracas e os ranchos agüentaram firmes, embora um nevoeiro escocês entrasse pela lona das primeiras, e os fios perpendiculares de água escorressem por entre os telhados mal construídos dos outros. Todavia, com a ajuda de guarda-chuvas e capas impermeáveis, e escalando os alcantis e precipícios vertiginosos de montes de caixas, baús e malas, não se estava tão mal. De fato, após minha longa jornada do dia e um rico banquete de grude enlatado, seguido de um bom café, esticar os ossos sobre a cama macia feita de sacas de milho, com uma vela em uma garrafa à altura da cabeça e um velho jornal ou revista ilustrados de dois meses atrás, além de um guarda-chuva para nos proteger da ventania e do chuvisco; ora, qualquer um pode passar por cima de pequenos incômodos. Era tudo tão divertido, como diria Mark Tapley.

O dia seguinte, domingo, começou com chuvas e sol alternados. Era dia de arrumar a bagagem, pois o quartel-general seria removido para o São Francisco, para Buriti Comprido;* cerca de uma dúzia de mulas de carga e de sela, e seis carros de bois, cada um puxado por dezesseis bois, estavam reunidos junto aos quatro ranchos de sapé e duas barracas de lona do acampamento; havia muito barulho e azáfama, as galinhas voavam como loucas para todo lado, perseguidas pelos homens, o gordo carneiro de estimação meteu-se, sem a menor cerimônia, no meio de nossas pernas; o gordo peru de estimação

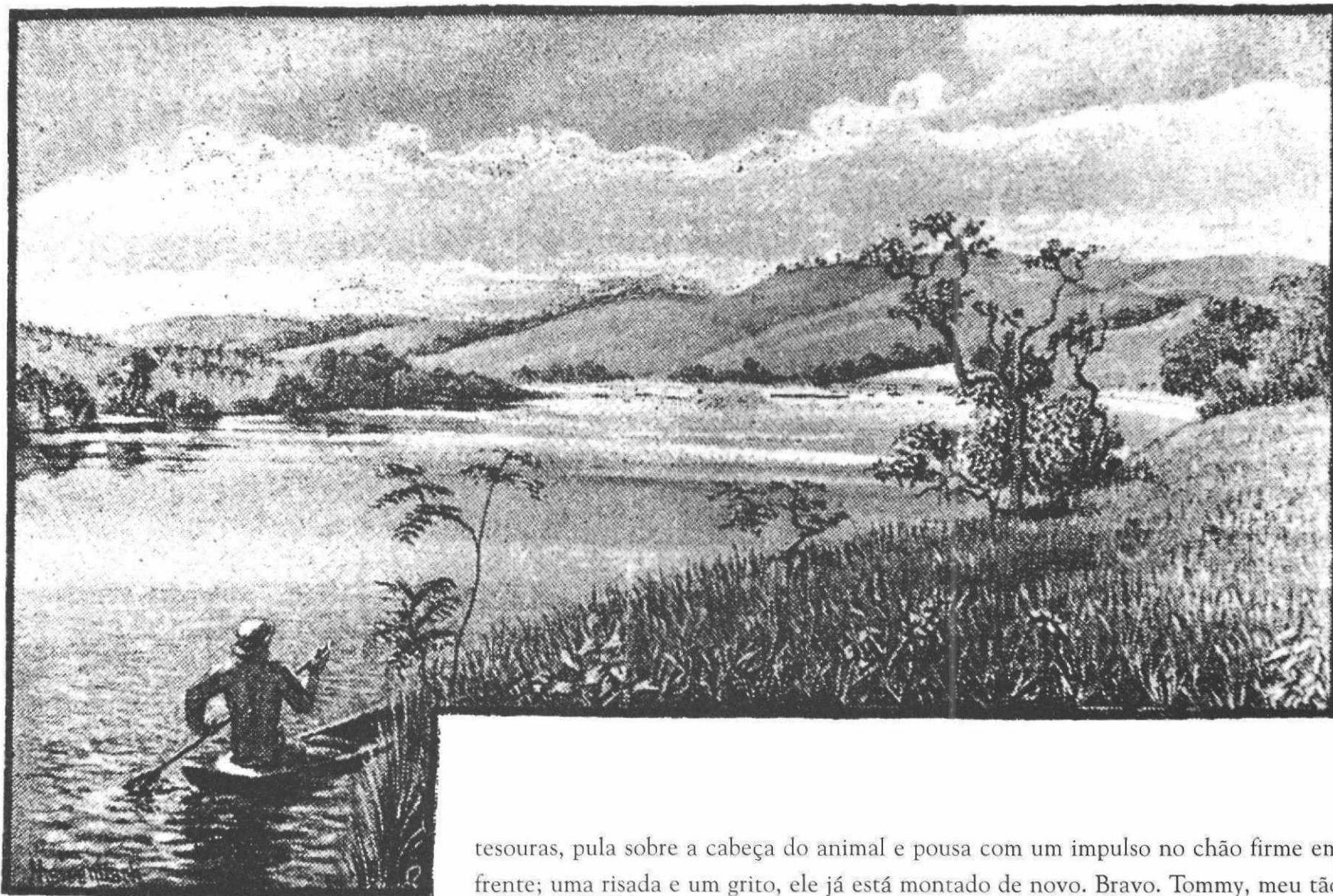
* Atual São José do Buriti, dist. de Felixlândia (N.T.).

e os outros perus grugulejavam alto a sua insatisfação, as galinhas-d'angola gritavam tô-fraco, tô-fraco, tô-fraco, as mulas disputavam umas com as outras o seu milho e escoiceavam, os homens discutiam, H. G. dava ordens a que ninguém obedecia, e os bois eram as únicas criaturas quietas a ruminar com fisionomias sérias e pensativas.

"Bem, vou comer umas sardinhas e biscoitos e ver como o amigo C. está passando em sua seção próxima, a oito milhas de distância."

Perto do acampamento ficava a Fazenda do Meleiro, cujo proprietário fez-me uma visita matutina, justamente quando eu me preparava para partir. Ele era um homenzinho branco, vivo e trabalhador, de cerca de cinqüenta anos de idade; tinha recentemente construído a ponte vizinha a sua própria custa e com boa parte de seu esforço pessoal. Era econômico como um camponês do norte, mas suas idéias fluíam em canais estreitos; não era um homem prático, senão teria feito algo com sua vasta propriedade de mais de cem milhas quadradas, ou mais de 60.000 acres, que compreendia quase toda a área que percorrêramos no dia anterior e, apesar disto, era relativamente pobre. Ele disse que fora encontrado ouro às margens do Meleiro; muito possível, mas notícias de ouro, em Minas, são como gritar "lobo" tantas vezes que, por fim, todos se fazem de surdos e descrêem dessas histórias.

Tommy, o velho burro cinzento, estava em excelente condição e seguimos a meio galope pelas poucas milhas a cobrir, em meio ao capim molhado e às folhas gotejantes da vegetação do cerrado; o dia estava borrascoso, o vento soprava em rajadas frescas e espasmódicas, as nuvens eram sopradas com força e lançavam manchas de luzes e sombras deslizantes sobre a paisagem extensa e continuamente mutante de morros ondulados e vales de floresta, aqui e ali, envolvidos em colunas cinzentas da descarga líquida de nuvens negras. Em bom tempo, cheguei a uma fazendinha à beira do rio, bem a tempo de encontrar meus colegas, que também estavam de mudança para um novo posto. Tive uma acolhida calorosa, ainda que um pouco turbulenta e acompanhei-os até seu novo domicílio, à beira do rio. Na estrada, avistamos, perto de nós, um belo veado galheiro do campo. Infelizmente, parece que todos miraram ao veado, senão ele poderia ter sido abatido; mas assim, ele naturalmente desapareceu rapidamente de vista, seguido por vários cães, o último de todos sendo um comprido e feioso "vira-espeto"* preto de C., que tinha tanta chance de alcançá-lo quanto um cágado teria. Foi uma cavalgada de uma hora em campo aberto e, com nossos homens, formávamos um pequeno esquadrão de quinze; os vários méritos da montaria de cada um eram discutidos; como poderíamos resolver nossas disputas senão com uma corrida? e lá fomos nós, na mais alegre e barulhenta das corridas que jamais houve. Mais de um cavalo caiu, mas o cavaleiro, bem equilibrado na sela, abre as pernas como um par de

* Em inglês, *turn-spit*, pequeno cachorro usado antigamente atrelado a uma moenda para fazer girar um espeto de assar carne (N.T.).

Os campos do Baixo Paraopeba.

tesouras, pula sobre a cabeça do animal e pousa com um impulso no chão firme em frente; uma risada e um grito, ele já está montado de novo. Bravo. Tommy, meu tão escarnecido e caluniado burro velho, mantém a dianteira com folga, até que um cavalinho rijo, de um dos nossos homens, nos deixa todos a ver navios.

Chegando a nosso destino, encontramos um imenso rancho, de quarenta por vinte pés, pronto para ser ocupado. Ele era dividido no meio por uma divisória de paus, uma metade da cabana servindo de aposentos para os homens, a outra metade para os meus colegas. Era, para o meu gosto, um arranjo nada agradável, pois os homens adoram ficar acordados até tarde em um divertimento muitas vezes animado demais.

Passei dois longos dias no rancho, pescando, caçando, desenhando, etc.; embora o tempo estivesse tempestuoso, como um sudoeste chuvoso de verão nos outeiros de Dartmoor, era ainda assim estimulante, e agia como um tônico. Havia um grande número de perdizes, mas eram necessários cães para encontrá-las, porém, mesmo sem

um, podia-se pegar algumas em uma ou duas horas. O rio era cheio de peixes que se pode pescar com linha e anzol. O *modus operandi* de se pescar o *surubim*, peixe grande, pintado e sem escamas, é um processo progressivo. Primeiro se usa uma vareta leve, uma jarda ou duas de fio de algodão, um alfinete curvo e uma minhoca, exatamente como o que os garotos londrinos usam nos lagos suburbanos para pegar esgana-gatas. Uns piaus pequenos, de duas ou três polegadas de comprimento, eram logo pescados, em seguida dispensava-se o equipamento e transferíamo-nos para outra parte da ribeira; um bambu longo e flexível era usado agora como vara de pescar, com uma linha fina e forte de crina trançada, presa a ele e um anzol de fabricação caseira na ponta; um dos piaus servia de isca. Uns poucos peixes de tamanhos variados de diferentes espécies eram pegos: dourados, uma espécie de salmão dourado; matrinxão,[7] uma espécie de pardelha; e o resmunguento mandim que, em forma e cor, lembra a savelha, mas a cabeça é toda envolvida em uma substância que parece uma concha. Um dos matrinxões, de cerca de meia libra de peso, era selecionado para próxima isca. Mudava-se então para a beira de um poço muito fundo, em uma curva do rio onde havia um redemoinho. Um forte cabo de crina, misturada com as fibras internas da parasita *barba-de-velho,* era desenrolado; um anzol grande, capaz de segurar um tubarão, era preso em uma extremidade e enfiado no rabo do infeliz matrinxão; uma pedra grande era amarrada ao cabo a uma distância de aproximadamente quatro pés do anzol e a linha, assim preparada, era jogada no poço, a extremidade do cabo enrolada no tronco de uma árvore pequena, e aí pode-se ir embora para voltar só na manhã seguinte e encontrar, duas vezes em três, um surubim na extremidade do cabo, com isca e anzol no estômago. O comprimento usual do peixe é de cerca de 4 pés; como o mandim, ele possui uma cabeça encouraçada, uma pele sem escamas, e quatro longos barbilhões, dois no lábio superior e dois no inferior. Sua cor é um salmão pálido, com fileiras de pintas púrpura-escuro que se estendem por suas costas e lados. Ele não tem dentes, mas sua boca é enorme; é um peixe de lama e vive uma vida indolente no fundo de buracos de grande profundidade, especialmente onde há um redemoinho. Como peixe fresco é muito insípido, mas seco e salgado, forma um artigo alimentício básico no Rio São Francisco e lembra de algum modo o bacalhau salgado.[8]

A situação do rancho proporcionava uma magnífica vista do rio, um curso nobre de 500 pés de largura. O chão de capim inclina-se até a beira da água, que é freqüentemente debruada com grandes aráceas, que dão flores como lírios.[9] Olhando-se correnteza abaixo, o rio faz curva para a esquerda, encrespando-se sobre filas de pedras pretas no cotovelo do curso, e cercado de morros em círculo. Havia apenas árvores em número suficiente, agrupadas ou solitárias, para quebrar a aparência mo-

7. Pronuncia-se *Martreen-shoun.*

8. Afirma-se que o surubim chega a atingir um comprimento de 8 pés. Eu mesmo vi um magnífico espécime, de 6 pés e 2 polegadas de comprimento, que foi trazido um dia à Fazenda Picada. Sua bocarra pode facilmente abarcar em seu interior uma cabeça de homem.

9. *Alocasia Macrorrhiza.*

nótona do capim. Em um dia claro de sol, uma brisa fresca encrespa a água, e faz as folhas das árvores farfalharem uma melodia e tremer e luzir à claridade brilhante do sol, os peixes pulam na água, o ar é perfumado do cheiro das gramíneas e das flores, o céu é azul claro – tudo parece tão vívido e fresco após o tedioso dia de chuva anterior. Certamente não deveria haver febre aqui; infelizmente, aquelas moitas pitorescas e distantes à beira do rio escondem muitas poças de lama preta apodrecida e plantas em decomposição; e muitos dos córregos que despejam no rio formam pequenos deltas de detritos que descem nas chuvas e espalham um depósito lodoso sobre as margens e a folhagem do mato, e nas enchentes criam pequenas lagoas nas terras baixas em volta, que pululam de mosquitos, cobras, sapos, e outras abominações pegajosas e rastejantes, em meio a matéria putrefata e úmida decompondo-se no calor do sol, quando protegida pelo mato circundante das brisas salubres, e lá geram-se os invisíveis miasmas mortais.

Chovia de novo quando parti, e choveu o dia todo; minha destinação era Bagre, um vilarejo a cerca de vinte e quatro milhas de distância. Resumirei a viagem dizendo que foi uma longa cavalgada sobre longas cadeias de elevações e vales profundos. Sobre as primeiras, o vento uivava e a chuva caía em véus de água. Meus camaradas pareciam ter sido tirados de dentro de um rio; seus rostos estavam contraídos e descorados, seus narizes azuis, e seus dentes batiam, embora eles estivessem envolvidos em seus espessos ponchos azuis. Nos vales, debatíamos, muitas vezes, através de regatos inundados de água amarelo-ocre, ou afundávamos e tínhamos de nadar em feios córregos, ou esperar indefinidamente até que as águas baixassem. A região era praticamente desabitada, pois não passamos por uma única casinha ou fazenda no caminho – era uma solidão de cerrado e morros cobertos de capim e vales arborizados; não se viam animais mas apenas uns poucos pássaros, e a chuva, a cântaros, obscurecia em parte os aspectos circundantes e transformava toda a paisagem em um estudo em tons neutros. No devido tempo, chegamos a Bagre,* um vilarejo em forma de praça quadrada, situado no cimo de um largo platô arredondado. Encontrei um "hotel" mantido por um italiano, um Senhor Pedro Pinto, compreendendo, é claro, a indefectível venda, ou armazém geral de aldeia. Meu anfitrião era educado e obsequioso, proveu as necessidades humanas com a refeição trivial do interior mineiro e uma cama farfalhante de colchão de palha de milho. O arraial ainda não tinha trinta anos de existência e compreendia cerca de cinqüenta ou sessenta casas. Uma igreja inacabada ocupava o centro da praça, parcialmente cercada por um andaime que parecia tão velho quanto a construção. Ela estava longe de ser completada e parecia no máximo um celeiro inacabado. Um passeio à noitinha, quando a chuva melhorou, não trouxe nenhuma descoberta de interesse. As portas abertas das casas mostravam a sórdida desolação

* *Atual Felixlândia.*

habitual – não fazer nada, fumar e conversar, parecia ser a ocupação principal. É realmente incrível, nesses arraiais, ver o número de pessoas ociosas, desocupadas, recostadas, acocoradas, bocejando terrivelmente, vencidas por um tédio perpétuo e uma vida sem objetivo; mesmo minha presença entre eles não pareceu provocar a curiosidade habitual; talvez o fato de Mr. B. e sua grande tropa terem passado ali apenas um ou dois dias antes possa ter provocado uma excitação tão inusitada que a reação tenha sido demais para eles.

Na manhã seguinte, acompanhado por um guia e meus dois camaradas, a viagem continuou até a seção de O., em Moquém, a 16 milhas de distância. O dia estava claro, limpo e agradável, após a pesada chuva do dia anterior. Algumas milhas percorridas, e o Rio do Peixe foi atravessado; felizmente as águas já tinham baixado, mas era uma operação delicada; as águas corriam furiosamente sobre uma superfície de rocha escorregadia, em direção a uma cachoeira de 50 pés, a nem 50 jardas de distância; diversas vezes, os animais quase perderam o pé, e se o tivessem feito, nada poderia ter-nos salvo da cachoeira. Muitas vidas já se tinham perdido aqui de modo similar e, no entanto, um cabo poderia ser facilmente esticado sobre o rio para servir de corrimão.

Com oito milhas de caminho, passamos por Bairro Alto, um grupo disperso de casebres e pequenas roças, em um vale baixo e enflorestado, cercado de morros cobertos de cerrado. Em um topo de morro, lá perto, havia uma grande cruz de madeira; uma estrutura rústica em forma de púlpito ao lado servia para as ocasiões festivas, ou para fisgar um padre, quando de passagem. Meus homens desmontaram, tiraram os chapéus, ajoelharam-se e beijaram sonoramente a base da cruz. Uma caveira e ossos cruzados, muito malfeitos, estavam pregados na madeira acima de uma caixa de coleta. Pediram-me moedas de cobre para colocar nela, não para obras de caridade, mas para pagar as despesas das festas do santo, principalmente os fogos; como eu não tinha nenhuma, os homens disseram que uma cédula serviria do mesmo modo, mas minha devoção não chegava a tanto, e eu segui meu caminho; os homens asseguraram-me que eu seria perseguido pelo azar, já que ninguém passava por aquela cruz específica sem deixar algum tostão na caixa, senão a má-sorte os acompanharia. A superstição se comprovou no meu caso, pois, mais tarde, descobri que tinha perdido um canivete caro e de grande utilidade, com várias ferramentas e lâminas de diferentes tipos. "Eu lhe disse, eu lhe disse," entoaram os homens em coro, quando lhes contei sobre a perda. Um deles foi enviado de volta pela estrada, mas se ele o achou ou não..., só sei que não vi mais meu canivete.

A leste e ao fundo de Bagre, a terra declina consideravelmente e descai para o Rio do Peixe; lá o guia apontou-me diversos pontos onde alguns dos habitantes ti-

nham recentemente feito prospecções e encontrado diamantes, mas aparentemente não havia ninguém com energia suficiente no distrito para tentar desenvolver um processamento sistemático dos depósitos. O solo do chão, elevado como era, era profusamente coberto com os cascalhos redondos de quartzo, uma das indicações de uma possível formação diamantífera.

Entre os habitantes dos distritos abaixo de Tabuleiro Grande, não vi um único caso de papoeira ou bócio, que é tão endêmico nos vales do Alto Paraopeba, no entanto, o povo e seus costumes e dieta são os mesmos.

Mais tarde encontramos a cabana de O., perto da margem de um córrego murmurante de água cristalina, borbulhando sobre rochas e sombreado por árvores; a cabana era um lugarzinho ajeitado e bonito, maravilhosamente limpo e organizado, embora o chão fosse de mãe-terra e o rancho só construído de paus nus e coberto de folhas de palmeira trançadas; quando essas cabanas são novas e bem construídas, não se pode conceber uma residência de verão mais graciosa, a partir dos produtos das matas adjacentes; os caibros e paus de cumeeira e as paredes consistiam dos paus retos, descascados, do amarelo-pálido das pindaíbas, e o contraste com o verde-bronze brilhante da cobertura cria um efeito muito agradável. O rosto vermelho e saudável, os cabelos louros e a figura robusta de meu colega logo escureceram a passagem da porta.

Deixando o confortável e aconchegante rancho de Moquém[10] na manhã seguinte, prossegui para o quartel-general em Buriti Comprido, a dezesseis milhas de distância, passando por umas poucas casas e fazendinhas no caminho e dois lugarejos de seis ou sete casas, conhecidos como Buritizinho[11] e Pindaibinha. Este distrito fica na vizinhança da boca do Rio Paraopeba, em sua junção com o Rio São Francisco. O terreno é consideravelmente elevado acima do nível dos rios, os tabuleiros e morros chegando a uma elevação de várias centenas de pés, de onde obtivemos vistas do largo Paraopeba, correndo em um vale profundo, através de anfiteatros de morros verdes que se estendem em encostas precipitosas até suas margens. Há longas extensões de diversas milhas de terrenos suavemente ondulado, ralamente coberto com a vegetação mirrada dos campos ou pelo cerrado ralo. A superfície do terreno é cortada a cada poucas milhas por vales estreitos, fundos e precipitosos, onde há muita água nos riachos, ou largos e rasos quando o terreno é apenas pantanoso; longos bosques de buritis e grupos pitorescos de matas de pindaíba congregam-se nas nascentes e vales.

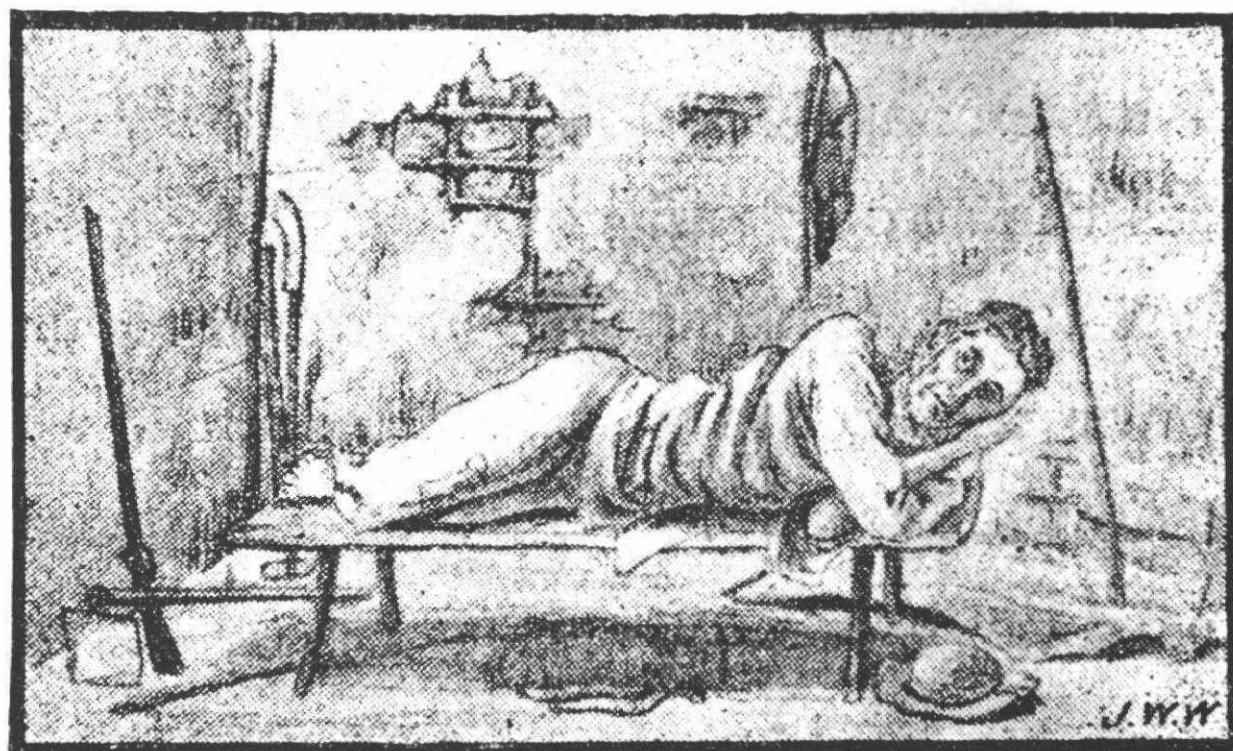
Neste canto perdido de Minas Gerais, longe das estradas principais e do curso de tráfego, surpreendeu-me encontrar mesmo a pouca população que havia, mas os sítios são todos estruturas modestas de pau-a-pique, com coberturas de telha ou sapé sobre as paredes de barro e as varandas abertas, as últimas funcionam como local de negóci-

10. Moquém era um termo usado pelos nativos aborígines para designar a carne-assada de seus prisioneiros de guerra.

11. Pronuncia-se *Boo-ree-tee-zeen-yo* e *Peen-dar-he-been-yah*.

os, descanso, depósito, refeições, lixo e trabalho, pois há redes, bancos rústicos de madeira, selas, rédeas e couros crus velhos e pilões, tudo poeirento, velho e sujo. Do lado de fora, umas poucas cercas grosseiras da duradoura aroeira, formando currais e cercando pequenas hortas de legumes e frutas, ou talvez, mais raramente, um pesado carro de bois ou o antiquado monjolo. Algumas das fazendas ficam lá nos campos abertos, outras se aninham em valeiras arborizadas, as casas cercadas por uma abundância de vegetação, composta em geral de laranjeiras de folha escura, na época carregadas de frutas vermelho-vivo e amarelas. Parei em muitas das casas para indagar sobre trabalhadores; em todo lugar era recebido com gentileza, e um café ou vasilha de leite eram geralmente servidos. Alguns dos fazendeiros eram pessoas francas e joviais, cheias de pilhérias, curiosidade e brincadeiras; outros eram indivíduos indiferentes e dispépticos, murchos e amarelos, para quem a vida parecia uma existência tediosa, e que tentavam matar o tempo fumando perpetuamente seu cigarro e dormindo em redes. Recebi por toda parte notícias ruins sobre a insalubridade da região, especialmente das margens pantanosas do São Francisco, e certamente havia muitos sinais, nas faces arroxeadas e lábios exangues de muitos dos habitantes, da existência de malária. Escolhi uns poucos homens para trabalhar comigo, mas foi-me dado a entender que estavam fazendo um grande favor em entrar a meu serviço. Um homem que cochilava em um banco, em resposta à minha pergunta se ele queria ou não trabalhar para mim, deu um terrível bocejo e disse que talvez em uma semana ou duas pudesse ir, mas que agora estava muito ocupado; ele parecia ter passado uma semana dormindo.

Muito ocupado.

Encontrei o novo acampamento de barracas e cabanas de nosso quartel-general montado às bordas de um cerrado no topo das encostas de capim que iam dar em um

longo e estreito vale de buritis, bem no centro do qual havia longos bosques sinuosos de palmeiras de buriti[12] grandes e pequenas. Era uma localidade pitoresca, cerca de duas milhas distante das águas do Rio São Francisco. Perto dela havia um pequeno sítio de criação de gado, que servia para fornecer pelo menos uma sensação de existência de humanidade na solidão reinante. O cerrado, bem próximo, continha vastas quantidades de mangabeiras,[13] carregadas de deliciosos frutos, de que não conheço melhores. Algum dia, a valiosa produção de látex dessas árvores será certamente utilizada em larga escala e se tornará um artigo de exportação, pois a qualidade da borracha tem a fama de ser superior à da seringueira[14] do vale do Amazonas, e estas árvores são encontradas cobrindo muitas centenas de milhas quadradas dos tabuleiros. Entre as árvores e o mato, às margens do córrego do Buriti Comprido, havia considerável quantidade de baunilha silvestre e, em alguns pontos, o perfume forte e poderoso impregnava a atmosfera por uma grande extensão à sua volta; só pude vê-la em flor e não consegui nenhuma informação sobre o desenvolvimento da valiosa fava, pois as pessoas eram ignorantes de suas propriedades e utilidades.

12. *Mauritia vinífera*. Estas belas e imponentes palmeiras de folhas em leque foram encontradas em grande exuberância nos limites entre Goiás e Bahia e são mencionadas mais demoradamente nesse ponto.

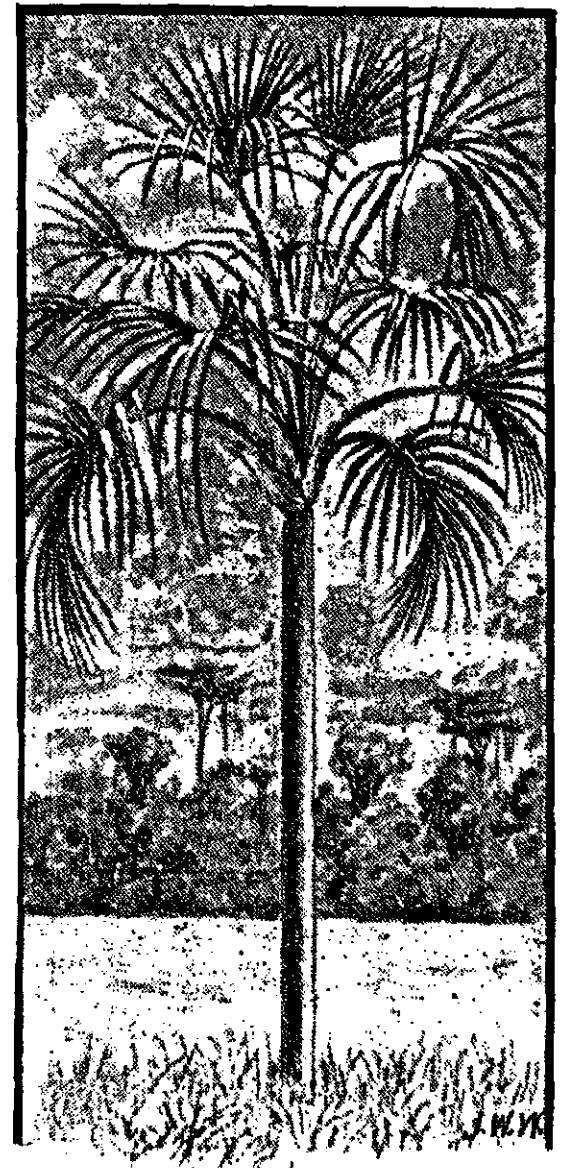
13. *Hancornia speciosa*.

14. *Siphonia elastica*.

CAPÍTULO 9

MINHA TERCEIRA, OU A DÉCIMA QUINTA SEÇÃO DO LEVANTAMENTO

O PRIMEIRO RANCHO CONSTRUÍDO – PRIMEIRAS IMPRESSÕES PESAROSAS SOBRE O RIO SÃO FRANCISCO – MOSQUITOS E UM REMÉDIO PARA ELES – PROBLEMAS COM O GADO – ELES COMEM MINHAS CALÇAS E BOTAS – OS PÂNTANOS E FLORESTAS MALÁRICOS DA REGIÃO RIBEIRINHA – COMEÇAM AS FEBRES – UM DISTRITO ASSOLADO PELA MALÁRIA – UM ESTABELECIMENTO DE BANHOS – MEUS VIZINHOS – UMA PEQUENA AMAZONA – DIA DE NATAL – UM LEVANTAMENTO NOS CAMPOS – UM SÚDITO BRITÂNICO ERRANTE E EM APUROS- UM NOVO ACAMPAMENTO – O BRITÂNICO, UM FRACASSO – AS FEBRES SE DISSEMINAM – LAGOA FEIA – EFEITOS DEPRESSIVOS DO CLIMA MALÁRICO – UMA NOITE DESCONFORTÁVEL – AUMENTO DAS FEBRES – DESERTADO PELOS HOMENS – UMA POSIÇÃO DOLOROSA – CAVALGADA ANSIOSA E FATIGANTE – REFORÇOS – PRECAUÇÕES CONTRA A FEBRE – DESASTROSA VIAGEM NO DOMINGO – O NOVO ACAMPAMENTO – ABUNDÂNCIA DE CAÇA – UM BONDOSO VIZINHO – UMA RELÍQUIA – PEGO POR FIM – OS NEMRODS BRASILEIROS – UM DIA TÍPICO DE TRABALHO – DIFICULDADES DE ABASTECIMENTO – POBREZA DOS HABITANTES E SEU TEMPERAMENTO – TORNO-ME UM MÉDICO – EFEITO ASSOMBROSO DAS PÍLULAS DE COCKLE.

No dia após minha chegada a Buriti Comprido, juntei meus homens, oito ao todo, e saí para examinar minha nova seção e montar um acampamento. A cerca de seis milhas para o norte fica um curso d'água, o Córrego d'Extrema, em um vale fundo e largo de cerrado e campos; o riachinho serpenteia por um cinturão de floresta que ocupa o centro e a parte baixa da depressão. Havia apenas um pequeno sítio, uma casinha pobre de barro, suja, decadente e miserável, cerca de uma milha distante da beira da mata, mas as pessoas eram amáveis, e deram-me as boas-vindas à sua terra. Topei com um casebre abandonado e em ruínas, um pouco mais no fundo do vale, que, com um pouco de conserto, serviria de alojamento para os meus homens. Em uma elevação maior do vale, mandei limpar o terreno e foram feitas as preparações para se construir um rancho. Armei a nova barraca que acabara de receber do depósito, deixei os homens a construir minha cabana, e depois voltei para Buriti para, com Mr. B., ir conhecer pela primeira vez nossa tão esperada meta, o Rio São Francisco. Este rio fora por tanto tempo o objetivo de minhas expectativas, tinha sido tão discutido e tão falado, tantas histórias tinham sido relatadas sobre suas supostas maravilhas e perigos míticos, que minha imaginação havia há muito elaborado imagens de algo extraordinário. Eu sentia indefinidamente que estava no limiar do maravilhoso, todavia, enquanto descíamos cavalgando pelo vale de Buriti Comprido, através de um cerrado interminável e ordinário, e finalmente

O buriti.

emergindo em um longo charco, franjado em sua extremidade mais distante por um cinturão estreito de floresta de menos de 100 jardas de largura, que coroava as margens do rio – ora, minhas loucas fantasias foram se esvaindo gradualmente; era tudo muito prosaico, e extremamente quente e abafado. Alcançamos um pequeno desembarcadouro onde uma trilha acidentada descia a ribanceira íngreme e alta, de trinta pés de altura, até uma balsa. O lugar é conhecido como Porto da Povoação e leva a um velho arraial de mineração do outro lado do rio, Morada Nova.*

A primeira vista do rio foi sem dúvida desapontadora. Uma corrente plácida, de cerca de 1000 pés de largura, de águas turvas com a consistência e cor de uma sopa rala de ervilhas. As margens eram altas e precipitosas, cobertas com muitos depósitos de lama pegajosa; rio acima e rio abaixo, elas eram atapetadas com um cinturão ininterrupto de floresta com árvores grandes, pequenas, arbustos, festões suspensos de trepadeiras e convolvuláceas; aqui e ali as águas tinham solapado as margens, e imensas árvores tinham caído e estendido suas formas esqueléticas cobertas de lodo, como os ossos de algum monstro. Os mosquitos eram lépidos e assobiavam suas lúgubres notas à nossa volta, o ar estava quente e opressivo, havia um cheiro e uma sensação penetrantes de lodo, as folhas dos arbustos mais baixos, as folhas em decomposição no chão da floresta, as margens, as toras velhas e troncos mortos eram cinzentos da lama depositada de antigas inundações; e além das longas faixas de mata havia longos trechos de capinzal pantanoso, contendo aqui e ali poças de água estagnada; mais para longe, a terra se eleva, às vezes em suaves aclives, às vezes em precipitosas penhas cobertas de capim, até os altos tabuleiros que encerram o vale do rio. Na base desses penhascos aparecem novamente compridos cinturões estreitos de floresta. O calor se irradiava em raios tremulantes, desde os pântanos úmidos em evaporação; uma quietude opressiva reinava, os pássaros eram poucos e silenciosos, mesmo o zumbido de insetos mal era perceptível, apenas o murmurejar do rio ao correr sobre um tronco submerso, ou o pulo ocasional de um peixe, perturbavam o silêncio que fazia o calor parecer mais sufocante – um calor úmido, como um banho de vapor, que fazia as roupas da gente grudarem de tão molhadas. Certamente era uma localidade que sugeria a ocorrência de febres, parecendo especialmente preparada para este objetivo, e a perspectiva de uma longa residência nela não era nada alvissareira; um lugar acerca do qual é preferível ler em casa do que morar lá; aparentemente não havia nada para compensar seus defeitos, nada de caça, nada de índios selvagens para animar as coisas, nenhum divertimento de qualquer tipo, nada a esperar, exceto febres e cobras, e estas poderiam talvez fornecer alguma mudança ocasional.

Dentro de um ou dois dias a cabana estava terminada e minha bagagem instala-

* Atual Morada Nova de Minas (N.T.).

da, e o trabalho foi iniciado no vale do rio principal. Depois dos últimos dias de folga entre meus colegas, foram necessários vários dias de trabalho duro para entrar no ritmo de novo e acostumar-me às longas noites solitárias. Eu não estava há muito tempo no acampamento novo quando os mosquitos enviaram seus batalhões das matas, provavelmente atraídos pela luz. Só aqueles que já tentaram trabalhar sobre um mesa mal iluminada pela chama tremeluzente do pavio grosseiro do lampião rústico de óleo de mamona, podem ter idéia da irritação causada por nuvens de mosquitos, entoando uma canção furiosa em volta de sua cabeça, picando mãos, pernas, rosto, pescoço, atravessando com suas verrumas os panos ou roupas de flanela. No entanto, não sei o que é mais enlouquecedor, se seu zumbidinho demoníaco, incessante, estridente e agudo ou o ardor penetrante de suas tentas. Mas meus homens usavam um remédio excelente e infalível que eu imediatamente adotei com sucesso, a saber, fazer uma fogueira de estrume de gado seco no chão do rancho. Imagino que o desprendimento de amônia que deve ocorrer com o calor afasta os insetos; seja como for, esta medida limpou o ambiente com muita eficiência, fazendo-o parecer um paraíso em comparação.

Outra fonte de aborrecimento era a quantidade de gado que se juntava em volta da cabana à noite, mugindo, esfregando-se contra as quinas das paredes, e destruindo continuamente o teto de sapé; tocá-los de lá a todo momento não adiantava, pois voltavam imediatamente depois, bufando e berrando desesperadamente em busca de sal ou de algo salino; eles mastigam o que quer que tenha passado por nossas mãos, mesmo um pedaço de pau que carregamos, e botas e roupas velhas são sua predileção, pois eu havia jogado fora um velho par e encontrei-o depois reduzido a uma pasta, e uma manhã quando me levantei não conseguia achar minha roupa de baixo; eu tinha certeza de que a usara no dia anterior, e de que ninguém tinha entrado em minha cabana durante a noite, pois a porta estava trancada por dentro. Chamei meu criado, e foi feita uma boa busca, mas sem sucesso, e o fato permanecia um mistério. Adão sugeriu que eram as "almas". Seguindo depois minha trilha habitual para o trabalho, vi uma peça do material no chão, todo molhado e coberto de saliva; mais adiante outra peça com os botões todos tortos; aí iluminou-se para mim a razão dos persistentes ataques do gado à cobertura de sapé, em suas tentativas de alcançar as minhas roupas penduradas nas paredes. Depois disto, construí uma cerca em volta da cabana, e tive de suportar os berros e concertos noturnos. Mas a perseverança desse gado é espantosa, eles nos seguiam até as picadas e mastigavam qualquer vara de marcação que tivesse ficado para trás. As gramíneas e outros produtos vegetais desta região devem ser estranhamente deficientes em propriedades salinas.

O levantamento tinha de atravessar as densas matas que ficavam entre os pânta-

nos de beira-rio e a base do monte adjacente; essas matas são excepcionalmente insalubres, pois crescem ao longo das exalações dos pântanos, e, dentro de seus recessos, numerosas poças de água preta estagnada, cheia de matéria vegetal apodrecida, dão origem a nuvens de mosquitos, e o ar cheira como o de uma câmara mortuária fechada – um leve cheiro enjoativo. A vegetação é viçosa e exuberante, musgos, samambaias, parasitas, orquídeas e liquens cobrem cada tronco, galho e rocha; borboletas de listras vermelhas flutuam como dois olhos de fogo no ambiente sombrio e triste; sapos de aparência repulsiva freqüentam as poças estígias. Diversas cobras tinham sido mortas, lindas cobras corais e perigosas surucucus[1] que dão bote. Apesar dos meus protestos, os homens insistem em beber a água estagnada dos pântanos; eu preferia ficar com sede, mesmo se minha língua ressequida grudasse na boca, a tocar a água clara mas mortífera. Em poucos dias os resultados naturais se seguiram; os homens começaram a ficar cansados, reclamar de fatiga e dores de cabeça, seguidas logo depois por ataques de febre, às vezes anunciados por tremores de frio preliminares, mas freqüentemente a febre sobrevinha a um estágio de prostração. Administrei ipecacuanha, óleo de mamona e quinino, com resultados tão bons que muitos dos homens voltaram a trabalhar em um ou dois dias, mas vários largaram o serviço imediatamente.

Dois dos meus vizinhos do sítio[2] lá perto, que tinham sido contratados, (dois indivíduos magros de pele amarelada), foram os primeiros a cair com a febre e abandonar o serviço. Não me incomodei, pois eles, como a maioria dos outros homens que eu arranjara nesta região, não tinham a histamina necessária para suportar um longo e pesado dia de trabalho com foice e machado; e não podiam ser comparados com os sujeitos fortes e vigorosos dos distritos do Paraopeba, um fato que não chega a espantar, já que sua dieta é mais vegetariana, consistindo principalmente de abóboras, farinha, feijão sem toucinho e nenhuma carne fresca ou seca, e eles deviam também estar contaminados com malária. Um homem, o caboclo de Tabuleiro Grande, Felicíssimo, o ginasta, apavorado com a ocorrência de febre, cortou uma bengala de uma árvore de pau-pereira,[3] cuja casca é um *bitter* aromático e antifebril, e a carregava com ele constantemente, mordiscando-a pelo caminho, apesar dos comentários jocosos de seus companheiros.

Embora estivéssemos na estação chuvosa, caiu muito pouca chuva, e quando ela veio, foi só uma pancada rápida, depois de vários dias de tempo seco e abafado. É recomendável grande cuidado nesses distritos para evitar tomar chuva, pois sempre que os homens se molhavam, eles quase invariavelmente tinham um ataque de calafrios e febre. Eu tinha mais respeito pelas conseqüências de ser pego pela chuva do que por cobras ou qualquer outra causa de pavor.

1. Algumas vezes chamada de "*cobra salamandra*", devido a sua atração pela luz do fogo. O *Crotalus mutus de Linneus*.

2. Pequena fazenda.

3. *Geissospermum vellosii*.

O acampamento em Extrema, montado sobre as encostas do vale deste rio, era cercado pela vegetação seca, acre, rasteira e mirrada que cobre todos estes morros do alto São Francisco. O solo é extremamente pobre e praticamente inútil, exceto por um muito minguado campo de pasto para o gado. As bordas mais próximas do Extrema são densamente cobertas de matas, que parecem de segundo crescimento, pois as árvores não são de grande porte, nem as trepadeiras conspícuas em tamanho ou número, nem existe muita vegetação rasteira; a vegetação lembra uma floresta de árvores em crescimento entremeadas de uma ou outra árvore grande.

Cerca de 200 jardas morro abaixo, em frente da cabana, bem no início da mata, havia uma gruta natural de rocha de ardósia argilosa, composta de várias bacias naturais de água alimentadas pela água que pingava e escorria das rochas do teto; havia inumeráveis samambaias, a folhagem das diversas plantas era delicada na forma e na cor, e quando um raio perdido de sol penetrava a cobertura escura de folhagem lá no alto e a sombra pesada das rochas suspensas, formava-se uma linda cena, mas que lembrava fortemente cobras e calafrios, pois há um terrível ar de umidade nas pedras musguentas e lodosas, no solo molhado e escorregadio, na atmosfera silenciosa e iluminação obscurecida – um penetrante cheiro bolorento de vegetação decomposta, água estagnada e plantas acres; e os mosquitos azul-metálico, e as esvoaçantes borboletas de listras vermelhas, aumentavam a sensação palpável de malária; todavia aqui, em uma das piscinas de água translúcida em um tanque natural nas rochas, ficava a minha casa de banhos.

A cerca de meia milha do acampamento, ficava a pequena propriedade já mencionada, pertencente a uma grande família de três gerações; alguns dos adultos masculinos trabalhavam para mim de vez em quando, para ganhar uns poucos mil-réis; eles eram todos extremamente pobres, suas roupas eram andrajosas, a casa era esquálida ao extremo, e sua alimentação, simplesmente a produção vegetal da roça, pois embora eles possuíssem um bom número de cabeças de gado, não os abatiam, pois não podiam pagar pelo sal para preservar a carne. Um de seus filhos, uma menininha clara e bonita, de cerca de nove ou dez anos de idade, era uma temerária amazona mirim; era incrível vê-la no lombo nu do cavalo, galopando à toda, guiando-o apenas por uma corda amarrada em volta da boca, disparando pelo mato e esquivando-se dos galhos, com seu cabelo e saias curtas voando ao vento. Quase todo dia ela passava por meu rancho perseguindo o gado, gritando e agitando os braços.

Às vezes, no domingo, eu recebia uma visita de cerimônia dos moradores do sítio; uma mulher de meia-idade pálida, de tez amarelada, três mulheres mais jovens, a pequena amazona, e duas ou três crianças; a mulher mais velha era muito loquaz e mo-

nopolizava a conversação; as mais jovens eram muito atraentes mas tímidas e só respondiam com risotas quando eram interpeladas; a ágil amazoninha era a mais inteligente e interessante, as outras crianças eram *enfants terribles*. Os homens vinham a seguir com suas camisas mais limpas, paletós e calças de algodão branco; havia muitos apertos de mão, pois neste país livre, onde todo homem vale o mesmo que seu vizinho, todos apertam as mãos de um estranho, mesmo um trabalhador quando vem pedir emprego.

O Natal de 1873 foi passado em Moquém com O., C., e Peter, em uma tentativa de tirar um pouco do gás do brejo de nossos organismos. Um homem tem de ser realmente um misantropo, se depois de algumas semanas de solidão no acampamento, não apreciar uma reunião de companheiros como esta. Não foi uma festa de temperança, nem um encontro de *quakers*, e demos o melhor de nós, com sucesso, para dissipar o tedioso fardo das obrigações e manter uma atmosfera de feliz natal, embora o termômetro registrasse 88º no rancho neste dia.

Depois desta pequena mudança de hábitos, transferi-me temporariamente para o quartel-general para fazer um levantamento de uma linha alternativa atravessando os tabuleiros; que imensa diferença é trabalhar nestas terras abertas e elevadas, em comparação com a mata infestada de mosquitos e pântanos, e o calor intenso e úmido do vale do rio; e com que rapidez o trabalho progride. Em dez dias eu tinha levantado, nivelado e mapeado quatorze milhas, só três milhas a menos do que a distância que me tomara cinco meses para completar, na primeira seção.

Durante minha estada lá, o asmático inválido, H. G. (que tinha ido com um camarada levar provisões rio abaixo para W., que estava doente com febre em sua seção, a 34 milhas de distância), retornou com seu camarada, ambos tremendo com os calafrios. Eles tiveram de atravessar riachos a vau, e tinham-se molhado na chuva, o que era mais do que suficiente para desencadear a doença.

Um dia fomos surpreendidos pelo aparecimento de um inglês errante de aparência muito mal-amanhada que vinha ao acampamento à procura de trabalho; dava pena vê-lo, seus membros estavam intumescidos e inchados, seus pés descalços inflamados e cheios de bolhas; apresentava queimaduras de sol, blefarite na vista, e estava extenuado de cansaço. Ele contou que fora marinheiro e tinha estado explorando diamantes em Diamantina, mas seus recursos tinham se acabado, e ouvindo dizer que aqui havia um grupo de engenheiros ingleses trabalhando, viera oferecer seus serviços. Como compatriota desafortunado, não havia como negar-lhe o pedido, embora eu preferisse muito mais estar rodeado nestes ermos pelos rudes campônios brasileiros a ingleses duvidosos de cujos antecedentes nada se sabia. Depois de deixá-lo descansar por uns

dois dias, enviei-o com um grupo de homens para construir cabanas para um novo acampamento, perto da foz do Buriti Comprido.

O novo acampamento ficava graciosamente situado; a cabana fora levantada no topo de um morro, dando vista para os longos brejos verdes e matas à beira-rio, e as elevações onduladas da margem oposta do rio; a encosta do morro era coberta de tufos de capim fino, entremeados de matacões e cascalho de quartzo de todas as cores e variedades; atrás ficava o cerrado raquítico dos tabuleiros; os homens tinham insensatamente construído o rancho deles ao pé do morro, na borda do brejo, de modo a ficarem próximos da água do riacho do Buriti Comprido, e assim, economizar o esforço de carregar água para cozinhar: o resultado inevitável de uma tal residência no nível do pântano foi que, com o tempo, nenhum deles escapou à febre.

Mr. Joe Mortimer, a nova aquisição, é triste contar, mostrou-se um fracasso; ele era gordo e preguiçoso, lento demais em seus movimentos para lidar com a cadeia de agrimensor; e com uma foice em suas mãos desajeitadas, era um perigo para qualquer um que estivesse perto dele; ele era absolutamente incompetente com o machado, e motivo de muita chacota discreta por parte dos homens que se divertiam imensamente com suas trapalhadas, e constantes tropeções e quedas nas trepadeiras e tocos, e sua estranha algaravia de português estropiado; por fim, fi-lo permanecer no rancho como cozinheiro, onde ele cochilava a maior parte do dia. Eu tinha trancado todas as minhas malas, mas esquecera de esconder os estoques de bebida, que logo diminuíram rapidamente, e Mr. Joe se tornava cada dia mais sonolento, mais preguiçoso e mais aturdido, e um dia, depois de pedir em vão o meu jantar, meu criado Adão veio informar-me que o feijão se queimara, e que Mr. Joe estava dormindo tão profundamente que eles não conseguiam acordá-lo. Encontrei-o encarnando a própria imagem da embriaguez imbecilizante, adormecido sobre um couro de boi, suas roupas todas repuxadas, e os homens olhando para ele admirados. Uns pontapés vigorosos, e a aplicação do lado chato de uma foice em uma porção arredondada de sua recumbente pessoa, conseguiram trazê-lo a uma postura sentada; mas quando ele tentou ficar de pé, desabou sobre o fogo, derramando um novo caldeirão de feijão. Nós o arrastamos para o ar livre, onde o deitamos na grama, e os homens, por ordem minha, encharcaram-no com baldes d'água. Mas, mesmo assim, ele estava embriagado demais para voltar a si. Na manhã seguinte, ele recebeu ordens de partir. Eu estava muito irritado e magoado com esta aviltante exibição de um compatriota degradado.[4] Mais tarde soube que ele fora dar em Bagre, onde conseguiu trabalho como pedreiro na reforma da igreja a 4.000 réis por dia (oito *shillings*).

O tempo agora se tornara extremamente quente e abafado, e os insetos não cons-

4. Muitos anos de experiência com a classe baixa de ingleses no Brasil convenceu-me de sua total indignidade. Na pátria eles se conservam dentro dos limites a que o hábito e o treinamento os acostumou, mas, ao chegarem a este país livre, eles recebem atenção cortês e uma consideração de seus colegas de trabalho brasileiro que não podem compreender, e assumem um ar superior e modos arrogantes, esbanjam seus salários, pagando as despesas uns dos outros, e tornam-se bêbados inveterados e trabalhadores pouco confiáveis. As exceções são poucas e raras, de tal modo que estabeleci como norma invariável: nunca empregar um trabalhador britânico em nenhuma de minhas obras no Brasil sempre que for possível evitá-lo.

tituíam nenhum paraíso; mosquitos-pólvora enxameavam de dia, e os pernilongos à noite; os primeiros são pequeninos como um grão de pólvora fina, arrancam sangue a cada picada, que deixa uma pintinha preta por vários dias; as mãos, rosto e pescoço ficam cobertos de pontinhos pretos, e a ardência é de início muito forte. Os mosquitos pernilongos são mantidos afastados queimando-se estrume seco no rancho à noite.

À medida que a estação avançava, mais e mais os homens caiam vítimas da febre e da sezão, todavia, durante algum tempo, eles perseveraram resolutos no trabalho, e até caçoavam um do outro quando um deles era tomado pelos conhecidos sintomas, uma fisionomia abatida e pálida e tremores pelo corpo; vários voltavam ao trabalho nos intervalos dos ataques, mas muitos partiam para suas casas, e muito tempo valioso foi perdido por insuficiência de mão-de-obra e por eu ter de vasculhar a região em busca de outros homens.

Havia uma lugar particularmente pouco atraente, conhecido como Lagoa Feia. Era cerca de um acre de extensão de água preta, lodosa, estagnada, cercada de vegetação densa e abundante, lindo como amostra da viçosa vegetação tropical, mas a própria encarnação de um reduto de febres. Troncos negros, lodosos, decompostos e massas de galhos e folhas podres deterioravam no calor tórrido; nem um sopro de ar agitava a superfície vítrea das estígias águas, e arvores altas elevavam-se acima delas, vedando em parte a luz e o ar. Lírios, aráceas, juncos altos e um matagal emaranhado formavam suas bordas e a superstição dos habitantes a povoava de coisas medonhas e monstruosas; eles a olhavam à distância com o fôlego suspenso, e passavam por ela às pressas, sussurrando, descrevendo como um certo Fulano de tal tinha visto um lobisomem e outros absurdos, em suas margens.

O trabalho nessas matas e na atmosfera quente e úmida dos brejos era muito fatigante e provocava uma lassidão contra a qual era difícil lutar, os membros doíam de cansaço, em contraste com a leveza e a alegria que se sentem nos campos abertos; os homens trabalhavam com langor e falta de ânimo, não se ouviam vozes animadas cantando refrães agrestes ao estrépito das árvores que desabavam, era uma labuta lenta e arrastada, com a cabeça doendo e os lábios ressequidos, picado e torturado por mosquitos, marimbondos, abelhas e espinhos e sarças venenosos; a volta para casa à tarde ou à noitinha para meu rancho confortável, jantar, e uma hora de relaxamento bem-vindo na rede antes de dar início ao trabalho noturno, era uma parca recompensa pela lida do dia.

A única diversão era uma visita ocasional no domingo ao quartel-general, ou uma cavalgada pelos tabuleiros em busca de trabalhadores. Possivelmente haverá caça nestas matas, e peixes no rio, mas eu não tinha tempo de procurar nenhum dos dois.

Explorar o terreno, projetar picadas, tomar ângulos e direções, medir com a cadeia, averiguar níveis, abrir e nivelar cruzamentos, traçar plantas e seções – todas as notas e documentos feitos em duplicata –, procurar trabalhadores, e arranjar suprimentos para a despensa, tudo isto fornecia ocupação ampla para um homem.

Um dia, perto do fim de janeiro, eu estava por acaso no quartel-general quando D. e G. chegaram de seu trabalho perto de Tabuleiro Grande, e fui informado, para minha satisfação, de que G. estava vindo para minha seção como assistente. Embora o quartel-general parecesse ter sido projetado e montado especialmente para não oferecer o mínimo atrativo para qualquer um da equipe permanecer mais do que o absolutamente indispensável, eu fui tolo o suficiente para aceitar o convite de pernoitar lá; e nessas raras e festivas ocasiões em que se reuniam alguns membros da equipe, as estreitas amarras do decoro se afrouxavam um pouquinho, as línguas se soltavam, as rolhas saltavam, e nuvens de tabaco não eram nem um pouco raras. Naquela noite, foi armada uma barraca para nos acolher, e dois estrados de varas improvisados foram montados às pressas, e já tarde da noite nos recolhemos devidamente, eu me ajeitando sobre um couro no chão, com minha manta e sela como roupa de cama e travesseiro. G – d. não ficou muito tempo em sua cama em forma de grade, afirmando logo com energia que não podia mais suportá-la, e que se recusava a ser transformado em uma folha de papel pautada, e passou a compartilhar da fofa maciez de meu couro de boi e sela no chão. Mais tarde fui despertado pelo barulho de chuva forte batendo na lona, o gorgolhar de água e uma sensação de frio e umidade; diversos reguinhos corriam sob o meu divã de couro de boi. Chamei G – d.

"Alô!" respondeu ele, "estamos em um rio? Estou encharcado. Qual é o problema?"

"Está só chovendo. Onde estão os fósforos?"

"Aqui, todos molhados; a chuva está atravessando a lona como uma peneira, e minhas roupas estão todas molhadas na cama."

"Ora, pegue as roupas de D."

"Elas estão molhadas também."

"Não me empurre para fora da cama e para dentro do 'rio'; levante-se e dê uma carreira até a cabana de G."

"Impossível! Como é que se pode enxergar o caminho nesta escuridão? Mas eu estou tão molhado e enlameado e gelado. Oh! não é uma delícia?"

"Sim, muito divertido. Acho que vamos ter os 'tremeliques' amanhã."

"Onde é que está aquela garrafinha preta?"

"Aqui; mas D. deu conta dela."

"Maldito seja! como ele dorme feliz e contente em suas varas."

"Acorde-o".

"Não, deixe-o em paz e no conforto, ele está eqüitativamente molhado por dentro e por fora".

"Bem, eu ainda tenho uma beirada seca, e vou ficar onde estou; aconchegue-se, e deixe suas pernas lamacentas longe das minhas costas. Já vou dormir; boa noite."

Que figuras de aspecto vergonhoso nós estávamos na manhã seguinte, e que ansiosas indagações foram feitas acerca do café quente desde as primeiras luzes da madrugada. A barraca fora armada às pressas em terreno inclinado, e não se cavara uma vala em torno dela.

Agora vou passar rapidamente por cima do mês seguinte, ou pouco mais, pois ele foi todo de longa e cansativa luta contra o clima. Todos os engenheiros caíram com febre; nem um único dos meus homens tinha escapado; meu assistente estava gravemente doente, chegava a delirar; todos os meus antigos seguidores de Tabuleiro Grande foram dados como inválidos; um especialmente, o Teixeira, estava tão debilitado que não conseguia andar, seus membros estavam inchados e seu corpo emaciado, sua cara morena, macilenta, estava fantasmagórica. A maioria dos homens voltara para suas casas, e seis deles, eu soube, morreram mais tarde. O clímax foi atingido quando um dia os poucos homens que sobravam vieram ver-me em grupo, e declararam sua intenção de abandonar-me e partir imediatamente. Conversei, pedi, adulei, ameacei – tudo inútil. Só pude convencê-los a levar os inválidos para algum lugar, qualquer lugar, o que eles prometeram fazer; nenhum argumento os induziria, nem a um só deles, a ficar, eles disseram que era suicídio permanecer em tal lugar.

Não pude diagnosticar a doença de meu companheiro; durante toda aquela noite ele teve uma febre violenta e delirante, e certa vez, quando fui ao rancho dos trabalhadores preparar uma xícara de caldo de carne para ele, ouvi tiros de revólver e encontrei-o, ao voltar, disparando contra a bilha de água que estivera fazendo caretas para ele. O quartel-general se mudara, e eu sabia que seria totalmente inútil levá-lo para os vizinhos, e assim resolvi levá-lo para Bagre, e conseguir auxílio médico da cidade de Curvelo. Não foi uma manhã agradável aquela em que me encontrei sozinho no acampamento com um homem delirante. Amarrei-o na cama e fui em busca dos animais. Meu velho burro, como de costume, estava lá fora, esperando por sua ração matinal de milho, mas o cavalo de meu companheiro exigiu uma longa procura. Preparei algum desjejum, vesti meu colega, coloquei-o sobre o cavalo e guiei-o por 36 milhas aquele dia até Bagre. A passagem do Rio do Peixe foram momentos de tensão; a correnteza estava forte e o fundo rochoso era escorregadio, e exigia toda a atenção de um homem para cuidar de si e do animal, e meu companheiro era incapaz das duas coisas. Ele ia e vinha na sela, onde

uma queda teria sido morte certa; os animais escorregavam e escorregavam, e foram carregados na direção da beira da cachoeira, mas ele tinha consciência o bastante para se segurar, e à força de esporas e gritos, finalmente alcancei a outra margem em segurança. Na verdade, foram só uns poucos momentos de ansiedade, mas que podem melhor ser imaginados do que descritos. Com a ajuda de repetidas doses de conhaque fraco e água, G. obteve uma energia fictícia, que talvez lhe tenha permitido suportar a fadiga; e, com muitas pausas e apressando o passo quando ele estava lúcido, ele pode agüentar até o fim da viagem. Por sorte, era uma noite clara de lua cheia, de outra maneira eu não teria podido executar minha tarefa. Trinta e seis milhas, com um bom cavalo em boa estrada, certamente não é um longo percurso; mas sob as condições do momento ele fora demorado e cansativo, e eu me senti verdadeiramente grato quando adentramos o arraial de Bagre em direção à bendita hospedaria de Pedro Pinto, e muito mais grato quando soube inesperadamente que C. e Peter tinham se mudado para estas regiões mais salubres, para terminar o mapeamento e trabalho final de sua seção, pois C. e G – d. tinham sido colegas de escola em Marlborough, e meu companheiro seria bem cuidado por seu antigo amigo.

Foi necessário passar dois dias em Bagre antes de conseguir juntar um novo grupo de homens, mais numeroso do que o realmente exigido, de modo a ter uma reserva no caso de desfalque nas fileiras. Não foi com um sentimento agradável que retornei ao acampamento. Eu tinha até então escapado às febres, mas não podia racionalmente contar com uma isenção prolongada. Minha até então boa sorte não podia ser atribuída a nenhum poder físico de resistência às influências da malária, já

Feroz

que membros constitucionalmente mais fortes da equipe já tinham caído vítimas, mas principalmente a umas poucas medidas preventivas de conhecimento comum que eu adotara, ou seja, expulsar o máximo possível de ar noturno do interior do rancho por meio de fogueiras, e cobrir a cama com uma tenda pequena de morim e mosquiteiros; não sair do rancho antes que o orvalho da manhã fosse dissipado pelo sol, e mesmo então, só sair depois de tomar um ou dois grãos de quinino com café e ovos; não tomar nenhuma água suspeita, mesmo com a boca seca e crestada; fumar em toda parte e manter a boca o mais fechada possível, permanecer dentro de casa após o pôr-do-sol, e ocupar um local bem acima dos brejos. Todos os meus colegas haviam sofrido e ainda sofriam, e nem um homem, dos sessenta e cinco que haviam trabalhado para mim, escapara de um ataque. Em uma das seções rio abaixo, o engenheiro suspendera o trabalho até a chegada da estação fria. Ele próprio estava gravemente doente; um outro estivera de cama durante semanas com febre reumática.

Antes de partir deste acampamento, eu tinha ido mais uma vez a Bagre, para ver como B. G. estava passando. Eu o encontrei muito melhor, mas ainda fraco e sem condições de trabalhar. Durante sua estada lá, ele comprara um cão por quinze mil-réis, mas o achara tão bravo, tão selvagem e incontrolável que o oferecera a mim. Era um esplêndido espécime de cão do tipo sabujo, com dois pés de altura e esplendidamente malhado. Seu nariz era bastante pontudo, focinho e boca pretos, mandíbula pesada e pendente, uma barbela compacta que parecia menor devido a um extraordinário desenvolvimento de seu pescoço, tão grosso que as dobras de pele se projetavam sobre sua coleira em camadas; seu peito era largo, e no geral sua esplêndida forma dava a imagem da força e ferocidade caninas, embora suas orelhas e cauda cortadas desfigurassem muito sua aparência. Ele era o que se conhece como cachorro de tropeiro do Rio Grande do Sul e respondia pelo nome de Feroz. Levei-o para o meu rancho e lá amarrei-o e o mantive sem jantar até a manhã seguinte, quando então lhe ofereci comida; mas quando ele avançou em mim com um rosnado selvagem, dei-lhe pauladas em vez disso. Deixei-o o dia todo e mais o dia seguinte sem comida, e o espancava sempre que ele tentava rosnar. Finalmente, eu efetivamente o conquistei, e ele se tornou para mim, a partir daí, um companheiro muito fiel e inteligente, e seguiu-me por todo o Brasil até a costa, mostrando-se sempre um cão de guarda muito fiel e possuidor do mais fino faro.

No dia 5 de abril, tive a satisfação de ver todo o trabalho da área do Buriti Comprido inteiramente acabado e minha bagagem acondicionada em um carro de bois a caminho de um outro acampamento, em uma região, esperava-se, mais saudável, ou pelo menos, em uma residência mais salubre, nos morros atrás de um tal Riacho da Porta,

descendo o rio. Embora a distância entre os dois acampamentos fosse de menos de cinco milhas, a carroça tinha de viajar o dobro dessa extensão, para evitar as valas profundas de diversos córregos intermediários. Foi com um sentimento de grande alegria que me despedi definitivamente das então familiares cenas, e do velho acampamento, cenário de tantas vicissitudes. Era agradável ir embora, já que esta parte da região era muito pobre em caça e vida animal. Durante minha estada de quatro meses eu vira apenas duas emas, umas poucas seriemas, umas poucas codornas (uma espécie de *tinamus*), uns poucos papagaios, mas muitos tucanos de bico amarelo, diversas variedades de passarinhos menores, mas em pouca quantidade, e apenas um veado; e em uma ocasião os rastros frescos de uma onça perto do meu rancho indicaram sua proximidade, mas ninguém botou os olhos nela. Algumas jaguatiricas efetuaram uma grande depredação no meu estoque de galináceos, e cerca de uma dúzia de cobras foram mortas – jararacas, cascavéis, cobras-coral, surucucus e cobras verdes inofensivas – não tantas quanto se poderia esperar encontrar nestas matas e brejos, mas elas incluíam as três espécies mais venenosas encontradas no Brasil. Embora neste país haja, em muitos lugares, considerável número desses perigosos répteis, é extremamente raro que ocorra uma fatalidade, devido talvez à ausência de gente para morder numa região tão pouco povoada.

A mudança foi feita num domingo, para grande desagrado dos homens, que previam desastres em conseqüência disto, e, de fato, seguiram-se azares suficientes. Primeiro a carroça arrancou um mourão de porteira e a porteira de um sítio, depois um boi adoeceu e teve de ser trocado, depois a carroça quebrou e teve de ser consertada; e finalmente, na travessia do Riacho Fundo, sobre uma ponte muito oscilante, esta caiu, e lá se foram carroça, bois e bagagem para dentro d'água, afogando minhas galinhas, matando um boi, ferindo dois outros e molhando todas as provisões e a bagagem. Que bela confusão, e tudo por minha culpa, por trabalhar no domingo, disseram-me. Eram 8 da noite quando conseguimos alojar a bagagem em uma casinha lá perto. O conteúdo das malas eram simples massas cúbicas de objetos ensopados – o papel-moeda virara quase uma pasta.

Eu ordenara que se construíssem duas cabanas que já deveriam estar prontas para mim, mas elas estavam tão mal feitas, pequenas e metidas em uma depressão funda, que as abandonei e escolhi outra localização no topo de um morro grande e arredondado. A nova situação era muito agradável, pois comandava paisagens extensas de uma região extremamente pitoresca. A superfície do morro era coberta de capim fino e duro e umas poucas árvores esparsas, e, na direção do rio, por um arvoredo fechado, que tinha a conveniência de fornecer material para o rancho. O cume do morro era muito plano e salpicado de uns curiosos cubos de um tipo de ardósia argilosa, algumas

isoladas outras em forma de conglomerado. Quebrando-se esses cubos, o interior mostrava conter uma cavidade cercada de sulfureto de ferro cristalino; quando despedaçados, os cristais tinham um brilhante lustre metálico, como prata, mas em poucos dias se oxidavam, e tomavam a aparência de bronze. À direita e à esquerda da crista, o morro escorregava, para o sul, na direção de um curso d'água profundo e maravilhosamente claro, que corria por um desfiladeiro de rocha de ardósia argilosa amarelada, escavado em buracos e degraus e poços. Nem um átomo de terra macia maculava esse esplêndido leito; o rio era deveras uma sucessão de piscinas e cascatas, todas proporcionando deliciosos banhos; as margens eram ocasionalmente franjadas com as palmeiras de guariroba[5] e touceiras de bambus. O outro lado do morro descia para um vale largo, profundo e extenso de florestas – uma massa densa de vegetação em ondas, um verdura intensa, variegada com muitas árvores em flor. No interior, para o leste, o morro ascendia gradualmente até cerca de uma milha de distância, na base de uma montanha alta de trape, cujo nome é bem justificado neste caso, pois a montanha é contornada por uma série de formações em camadas circulantes, como uma escada ou série de degraus, como nas pirâmides do Egito, daí a origem do nome sueco – *trappa* – escada. A montanha dá a impressão de ter sido, em tempos distantes, coberta pela água, que, tendo recuado em períodos diversos, deixou as marcas dos níveis de sua erosão, à medida que desaparecia. Para além do vale enflorestado, há uma longa cadeia de montanhas em muralha que são na verdade as paredes dos tabuleiros. Em outras direções, para o oeste, fica o vale pantanoso do rio, com seu longos e intermináveis brejos verdes e cinturões de floresta; e além destes, ficam os longos morros ondulados de capim ou cerrado, divididos por largos vales de floresta. O leito do rio, neste distrito, é muito pedregoso, e muitas rochas proeminentes e submersas formam cataratas em diversas curvas da corrente.

Um ótimo rancho foi construído em três dias a partir dos materiais fornecidos pela mata adjacente; nem um prego ou corda foi empregado na estrutura, no entanto ele era provido de portas e janelas. Se não tivesse sido indispensável prosseguir com o trabalho nas terras baixas do vale do rio, eu poderia me contentar perfeitamente em permanecer um longo tempo nesta situação agradável, pois a caça de todos os tipos era muito abundante; perdizes e veados havia em grande número, especialmente as primeiras, excelente carne; ao pôr-do-sol, suas notas melancólicas eram ouvidas em todas as direções, longe e perto, e pela manhã grandes bandos se reuniam em frente do meu rancho, catando os grãos de milho que o burro deixara cair. Era como atirar em galinhas de terreiro.

Havia um generoso vizinho que vivia a poucas milhas de distância e me visitava

5. *Cocos oleracea*, Mart. A medula do estipe desta palmeira é muito apreciada pelos mineiros como alimento, mas é amarga demais para agradar ao gosto não treinado.

diariamente, nunca deixando de trazer de presente alguma caça, uma paca, uma cotia, uma capivara, uma perdiz, uma codorna ou um peixe. Ele aparentemente passava o tempo todo caçando e pescando, pois durante todo o tempo em que o conheci ele não fez nada além disto.

Na mata atrás da cabana, havia vestígios do que deve ter sido um grande estabelecimento ou fazenda; havia vigas maciças espalhadas pelo chão, escondidas em parte entre enormes árvores e um matagal espesso. Existe uma tradição, segundo a qual, há mais tempo do que o habitante mais idoso pode se recordar, havia aqui uma rica fazenda e mineração, que fora abandonada devido a febres malignas que mataram quase todos os escravos e ocupantes, e, no entanto, o lugar parecia extremamente salubre, alto como ficava com relação ao brejo.

Depois de cinco semanas (e embora a temperatura caísse bastante, para 80º de dia e 68º à noite), havia ainda bastante doença entre os homens, mas não de forma tão severa quanto antes, e eles se haviam acostumado aos ataques recorrentes como uma ocorrência ordinária. Os levantamentos ainda tinham de prosseguir floresta adentro às margens de pântanos que tinham todas as evidências ou sugestão de malária, mas eu comecei a congratular-me, não tendo tido a febre até então, de que agora, com o início da estação fria, eu provavelmente escaparia dela. Mas, ai de mim, não foi o que aconteceu.

Eu andava me sentindo mal, há muito tempo, com ataques contínuos de dispepsia sem causa aparente, quando um dia, na picada, senti como que uma corrente de água gelada a correr por minha espinha, as extremidades dos meus dedos estavam entorpecidos e frios, sentia meu rosto descorado e contraído; os homens viram os conhecidos sinais e acharam muita graça, pois isto já se tornara um acontecimento tão comum que era mais objeto de chacota que de pena. "Ora, rapaziada! agora afinal o Senhor Doutor apanhou!". O burro foi trazido, e eu fui para casa a meio galope: que frio glacial o vento me trazia, parecia congelar até a medula; eu me sentia enregelar, transformar-me em gelo; balançava os braços e batia as palmas das mãos nos ombros como um cocheiro londrino em uma noite de geada. Chegando à cabana, foi feita uma fogueira no chão e eu mergulhei na cama, amontoando todos os cobertores e roupas que havia. Tremer e tiritar! O chacoalhar de um trem expresso é um sossego em comparação. Meu sangue parecia virar gelo. O quentão não fazia qualquer efeito. Abjurei minhas próprias prescrições em meu desespero para aquecer-me. Depois de duas horas, o paroxismo cessou gradualmente, e uma grata sensação de calor invadiu-me; infelizmente, esta temperatura agradável não permaneceu por muito tempo, pois o calor foi aumentando, aumentando, até que me senti queimar, ao que se seguiu uma dor de

cabeça enlouquecedora. Lá se foram as roupas; a fogueira foi apagada, era insuportável; o lugar parecia um forno. Adão, meu criado, cumulava-me de água e ipecacuanha. Depois de duas horas deste estágio a febre cedeu e uma profusa perspiração ocorreu, seguida por grande prostração temporária que durou mais duas horas, depois das quais eu me levantei, sentindo-me um pouco incerto sobre onde me encontrava, mas toda aparência de febre tinha desaparecido. Eu jantei e trabalhei longamente à noite. Um ou dois dos homens tinham vindo ver-me, ocasionalmente, mas sem demonstrar qualquer interesse em meu caso, era um acontecimento comum demais; eles costumam tocar seu violão e cantar enquanto talvez uns dois companheiros estão deitados a seu lado, sofrendo com violentas dores de cabeça e febre alta.

Há duas variedades da doença, *maleitas* e *sezões*. Sezões é o termo que se usa no Brasil para febre e calafrios, mas neste caso indica uma forma de febre palustre quotidiana que começa com uma violenta dor de cabeça latejante, acompanhada de febre; os calafrios preliminares são muito leves, e muitas vezes, inteiramente ausentes; isto se repete todo dia. Eu notei que os nativos eram mais sujeitos a esta forma, e como tinham famílias na vizinhança, em uma área de, digamos, doze milhas, eles sempre abandonavam o trabalho. Seis deles morreram, e outros se tornaram terríveis inválidos com membros inchados e tez de um bistre fantasmagórico. A febre terçã comum é conhecida aqui como maleita. As febres de ambas as variedades parecem ser apenas endêmicas às terras baixas do vale imediato do rio e a algumas milhas subindo seus tributários, onde, no tempo de cheia, as águas represadas inundam as terras baixas adjacentes e formam pântanos.

Pelo que pude ver da natureza deste vale do Alto São Francisco, não tenho a mínima hesitação em expressar a opinião de que esta febre endêmica poderia ser ampla, senão totalmente, exterminada através da construção de escoadouros ou drenagem para o rio na descida das águas, e o vale poderia se tornar não apenas (como na verdade é) muito fértil, mas também salubre; mas esperar um tal esforço do matuto brasileiro – bem, só aqueles que o conhecem podem conceber o quanto seria vão esperá-lo. Ele não está, como diz, "acostumado" e é tão conservador quanto um chinês.

Um dos homens, Teixeira, um caboclo escuro que seguira-me desde Mesquita, sofreu terrivelmente com maleitas; os repetidos ataques tornavam-no inteiramente incapacitado para o trabalho. Sua figura magra e alta e seu rosto marrom escuro tinham um aspecto horrível, seus membros estavam inchados e desfigurados, seu rosto e corpo emaciados, sua tez se tornara acinzentada. Pobre Teixeira, ele fora um seguidor fiel, e eu fiquei contente ao vê-lo melhor, e capaz de montar um cavalo e voltar para sua família, antes da minha partida.

Uma dose de vinte e quatro grãos de quinino interrompeu um retorno de minha febre, e as últimas poucas semanas de minha estada foram ocupadas com o trabalho de escritório.

O tempo, entretanto, melhorara consideravelmente, ventos frescos durante o dia e noites frias, claras, quase de geada, que exigiam uma fogueira no rancho. A pilha de achas ardendo no tapete de terra era quase um companheiro naquela vida tão solitária. Quem já não observou em seu lar as luzes bruxuleantes e os clarões da lareira em aposentos confortáveis, ainda que solitários, e pensou em cenas passadas, ou no presente, ou no futuro? Lá fora, que solidão! onde a lua clara surgia atrás das palmas tremulantes do buriti e da guariroba no vale próximo, e o firmamento brilhante e claro tornava a paisagem toda distintamente visível; e na quietude da noite, estranhos gritos vindos de perto e de longe, o curioso uivo do lobo brasileiro, o rugido grave do macaco gritador, ou, mais raramente, o rugido grave de uma onça, ou gritos estranhos e pios de pássaros noturnos. Tudo era tão sombrio e solitário.

Um dia, fui surpreendido por uma tropa de caçadores que passava à caça de veados e perdizes. Que contraste eles formavam com a imagem convencional de caçadores! Logo se imagina uma visão de homens impetuosos, com corcéis vivos e arrogantes, ponchos ao vento, etc., etc. Mas a realidade de Riacho da Porta era tudo menos pitoresca: cerca de oito homens de aspecto muito inofensivo, pele moreno-clara, de roupas de algodão puídas, sujas e rasgadas, casaco curto, calças e camisa, e um chapéu de palha de aba estreita, montando pangarés ossudos, e acompanhados de uma vintena de cães famintos, de raça indeterminada, a ganir. As espingardas eram de pequeno calibre, de manufatura belga barata, que pode ser comprada em qualquer vila por 10 ou 12 *shillings*. Estes homens saem de suas casas com um saco de farinha e sal, e caçam por dias e dias, dormindo onde quer que a caçada os leve. Seu procedimento usual para caçar veados é soltar os cães em alguma floresta ou cerrado promissor, e, espalhando-se em cordão, esperar uma chance de tiro. Não há caça propriamente dita, embora o terreno seja o melhor que se possa desejar. De outras vezes, dedicam dias ao abate de perdizes, que salgam e vendem nas cidades e vilas.

Antes de abandonar esta seção, uma descrição de um dia de trabalho normal pode ser oportuna para os leitores que queiram formar uma idéia da vida cotidiana de um engenheiro fazendo levantamento nesta região.

Nesta estação do ano (maio, junho), as manhãs começam frias, e os primeiros raios de sol iluminam uma atmosfera pesadamente carregada de umidade, não enevoada o suficiente para obscurecer a paisagem, mas em amontoados de vapor pulverizado, similar ao que se ergue de uma grande queda d'água, uma miríade de gotículas

de orvalho infinitesimais. Os homens recebem suas ordens na noite anterior e saem para o trabalho de madrugada (depois de tomar seu café com farinha), carregados de cabaças de água "boa", foices, machados, corrente, instrumentos, bandeiras, e as provisões do dia. Se é manhã de domingo, não se trabalha, e eu me permito um pouco de ócio; se não, é necessário "sacudir a estúpida preguiça e levantar cedo", e o esforço é bem recompensado depois do primeiro mergulho na cerração fria; mas antes de sair dou uma olhada lá fora pelas frestas de minhas paredes de palmas entrelaçadas e vejo duas ou três, ou até uma dúzia, de perdizes, do lado de lá da cerca, catando os grãos de milho que o burro deixou cair. Não atiro nelas voando, mas bem à moda do francês da *Punch*,* que esperava até que elas "parrassem de correr". Não é uma questão de esporte; não há tempo para isto, mas de garantir uma "refeição substancial". Do outro lado da cerca está o burro cinzento com sua cabeça bem acima das estacas, em um estado de quietude e sonolência, com suas longas orelhas pendentes; mas quando a porta de moldura de bambu se abre, elas se erguem de pronto, perpendiculares, seus olhos se abrem, suas narinas dilatam, e ele emite seu zurro muar, como se dissesse, "Vamos, depressa com esse milho; estou cansado de esperar."

O capim está coberto de partículas geladas de orvalho, quando eu desço o morro para um mergulho nas águas cristalinas das grutas do rio, nas cavidades erodidas das valas de ardósia argilosa da concavidade. Ao voltar, meu criado Adão prepara o bem-vindo cafezinho, a mula é arreada e segue-se então uma cavalgada muito agradável na manhã que se inicia, com o sol ainda baixo, e grandes flocos de neblina aqui e ali pairando sobre os vales e matas, e longas sombras oblíquas caindo de través sobre a paisagem de morros verdes ondulados, os tons variados da montanha de pedra trape, os vales fundos verde-escuros e as silhuetas azuis das elevações distantes; os pássaros gorjeiam, trinam e chilreiam, a vegetação exibe jóias de orvalho, o ar é fresco, frio e úmido, o orvalho adere à barba em pequenas pérolas, as mãos e nariz ficam frios e molhados; que doce é o nevoeiro matinal! Mas é por pouco tempo, pois, quando o sol sobe no céu, o ar clareia, o frio e a umidade desaparecem e o ar se torna morno e quente.

Depois de percorrer 2 ou 4 ou seis milhas, as terras baixas e sua atmosfera quente e abafada são alcançadas, o burro é preso, a sela tirada, e ele fica pastando até que Adão venha buscá-lo. Entrando na mata pelas picadas, avança-se com dificuldade pelas passagens ainda não desentulhadas, ao fim das quais os homens estão trabalhando, talvez um ou dois tirando uma folga, encostados em uma árvore, com um espinho muitas vezes imaginário no pé ou enrolando um cigarro como desculpa para sua ociosidade. Agora começa o longo e monótono dia de trabalho com teodolito, nível e

* *Periódico humorístico semanal ilustrado, fundado em 1841* (N.T.).

cadeia; molhados e grudando de suor, amolados pelos insetos, sem atentar para as estranhas ou belas flores e plantas, e rachando de sede (pois nem sempre podemos levar água conosco). Por volta de 9 horas, ou quando quer que encontremos uma corrente de água boa, o desjejum é despachado – uma perdiz fria, ou carne seca e farinha, e uns bons goles de água e uma xícara de café preparado sobre uma fogueira, um quarto de hora de descanso, depois trabalhar até o pôr-do-sol, cruzando muitos riachinhos, sobre o qual fazemos uma ponte, quando possível, cortando uma árvore e usando o tronco como pinguela.

Os homens a atravessam facilmente com seus pés descalços e se equilibram com perfeição, mas, para grande diversão deles, prefiro atravessar escarranchado sobre o tronco a arriscar um mergulho na água e afundar-me lá embaixo. Se a água é fresca, clara e corrente, que delícia ela é! melhor que o melhor dos vinhos (quer dizer, nessas ocasiões). Às vezes, as encostas das montanhas se estendem até o rio, em declividades abruptas e salpicadas de penedos, obrigando a linha a contornar pelas margens lodosas do rio, ou exigindo um grande corte ou túnel para a ferrovia. Do outro lado há, freqüentemente, um longo brejo verde que se estende por milhas ao longo do rio, e onde uns poucos buritis se destacam em graciosa proeminência, onde a evaporação é vista subindo em raios trêmulos de calor; lá vamos nós pelo capim alto e viçoso e o solo negro, molhado e fétido, em direção às matas escuras e sombreadas mais uma vez, para, cheios de pena, cortar árvores grandes e pequenas, lindas palmeiras, espessas trepadeiras e vegetação rasteira. Parece uma tarefa sem fim, pois o progresso é muito lento através das milhas e milhas de matas.

Para um botânico ou um entomologista, as cercanias forneceriam um campo de estudo sempre mutante, as curiosas folhas, flores, fungos, fetos; os odores desagradáveis, estranhos, picantes ou fragrantes; as trepadeiras e cipós variados; os coloridos e curiosos besouros, mariposas, borboletas e libélulas, dão na pessoa a vontade de se dedicar a vida a seu estudo. O ar está abafado e quente, e cria uma sensação de grande cansaço, e todavia os homens devem ser incitados por palavra, gesto e exemplo, e sacudidos de seu langor, e com o matuto uma brincadeira rende muito. Considerando tudo, eles são bons sujeitos quando os compreendemos, e cumprem um pesado e paciente dia de trabalho, desde a manhã orvalhada até ao anoitecer abafado, umas boas doze horas de trabalho. Por fim, chega a bendita hora em que os instrumentos são colocados em suas caixas e os homens põem as correias a tiracolo; algumas das ferramentas são escondidas no mato; meu burro foi trazido, ou volto a pé para o meu rancho confortável. Outro banho, jantar, e um descanso bem merecido e um cachimbo na rede antes de dar início ao trabalho da noite. O trabalho é duro e árduo, mas ajuda a

passar o tempo e a solidão que de outro modo seriam insuportáveis, pois, com absolutamente nada para ler, exceto quando em raras ocasiões um jornal ou revista velhos conseguem percorrer toda a extensão do levantamento, o demo certamente arquitetaria o seu proverbial malefício.

O suprimento de provisões era uma fonte de preocupação e aborrecimento. Era freqüentemente necessário comprar mais do que o exigido, pois se a quantidade exata de seu valor não fosse enviada, o troco tinha de ser recebido em mercadoria, devido à grande escassez de dinheiro ou troco entre os habitantes. Só indo até a vila de Bagre, a 40 milhas de distância, se podia obter troco para 100 mil-réis (£10); era necessário mandar buscar em outra direção a vinte milhas de distância a carne seca, o café, o açúcar e a cachaça; 16 milhas para outro lado para conseguir farinha e arroz, e, ainda assim, muitas vezes o mensageiro não encontra o que foi buscar.[6]

O vizinho mais próximo ficava a 4 milhas, e o segundo mais próximo a 9 milhas de distância, todos eles pequenos criadores e roceiros.[7] Não existe indigência absoluta (o que é praticamente impossível) mas todas as pessoas são muito pobres, e com dificuldade obtêm meios suficientes para adquirir aqueles itens que suas terras não produzem. A região é tão generosamente dotada de vales úmidos de floresta e de rios que, não importa quão seca seja a estação, pode-se sempre encontrar pasto, e a agricultura floresce. A causa da pobreza vem do próprio povo, que por gerações de vidas não teve qualquer estímulo ao trabalho regular e, como todos produzem as mesmas coisas, sabem que, se a demanda dos pequenos mercados locais for ultrapassada, os preços não serão compensadores. Se a estação não foi boa, aqueles que por sorte têm algum excedente do qual dispor são compensados por preços altos; se foi boa, eles acumulam estoques para a estação seguinte de feijões, milho, farinha, etc., mas recebem pouca compensação por seu excedente quando todos estão nas mesmas condições, e não precisam comprar ou permutar. Uma ferrovia seria um grande benefício para eles, mas eles não podem (a menos que ocorra a imigração) pagar pelas despesas de mão de obra com sua produção coletiva. São, regra geral, pessoas calmas e inofensivas, hospitaleiras para com o estranho, que é bem-vindo à acomodação e alimentação rudes que suas casas pobres podem fornecer. São bons para suas famílias, especialmente os velhos, mas as crianças crescem selvagens, mimadas e sem qualquer bom preceito moral. Os meninos seguem o exemplo de seus pais, e as meninas o de suas mães, e assim, geração após geração se passa sem que se adquiram novas idéias de progresso, e ouve-se por toda parte a resposta invariável a qualquer sugestão de inovação ou melhoria: "Não estamos acostumados".

Eu, muitas vezes, recebia visitantes nos meus ranchos, os quais geralmente trazi-

6. *São os seguintes os preços que paguei:*

Toucinho	1"000	por arroba de 32 libras
Carne-seca	5"000	" "
Feijão	4"000	por alqueire
Farinha de mandioca	4"000	" "
Milho	2"000	" "
Arroz	6"000	" "
Açúcar (marrom, não refinado)	7"500	por arroba de 32 libras
Café (verde)	10"000	" "

Frangos, 0'400 cada. Ovos, 6 por 40 réis, ou 6 por um penny.

7. Roceiro, o proprietário de um roçado ou trato de terra cultivada com plantações variadas.

am-me alguma ninharia – frutas, legumes, ovos ou aves, ou um pouco de caça. Segue-se um longo cavaco, que sei muito bem que é apenas uma preliminar ao pedido que vieram fazer, ou do empréstimo de uns mil-réis para o inevitável doente em casa, ou para algum remédio. É em vão que lhes digo que não sou médico, e não tenho um estoque de medicamentos. Mas eu não sou um doutor?[8] e todos os médicos não são doutores? perguntam, e inferem, conseqüentemente, que todos os doutores devem ser médicos. Em uma ocasião um homem foi tão importuno a respeito de um remédio para sua esposa doente que eu lhe dei umas pílulas de Cockle para livrar-me dele. Alguns dias depois, eu o encontrei e perguntei se sua esposa estava melhor, e se ela tinha colhido algum benefício do uso das pílulas. "Bem, não, não exatamente, mas elas são excelentes eméticos, não?" "Como assim, eméticos?" "Ela disse que são as coisas mais horrorosas que já comeu, e levou muitos dias para se livrar do gosto, e embora tenha vomitado violentamente depois de mastigá-las, ainda assim crê que não lhe fizeram muito bem."Aquele homem nunca mais me incomodou para conseguir remédios. Foi providencial eu não estar munido de uma maleta de médico em minha bagagem, pois acredito que eu teria matado um bom número de pessoas, que certamente beberiam as loções e aplicariam externamente uma poção negra.

8. No Brasil, os engenheiros nacionais têm de obter um grau de bacharel e recebem por cortesia o tratamento de "Senhor Doutor".

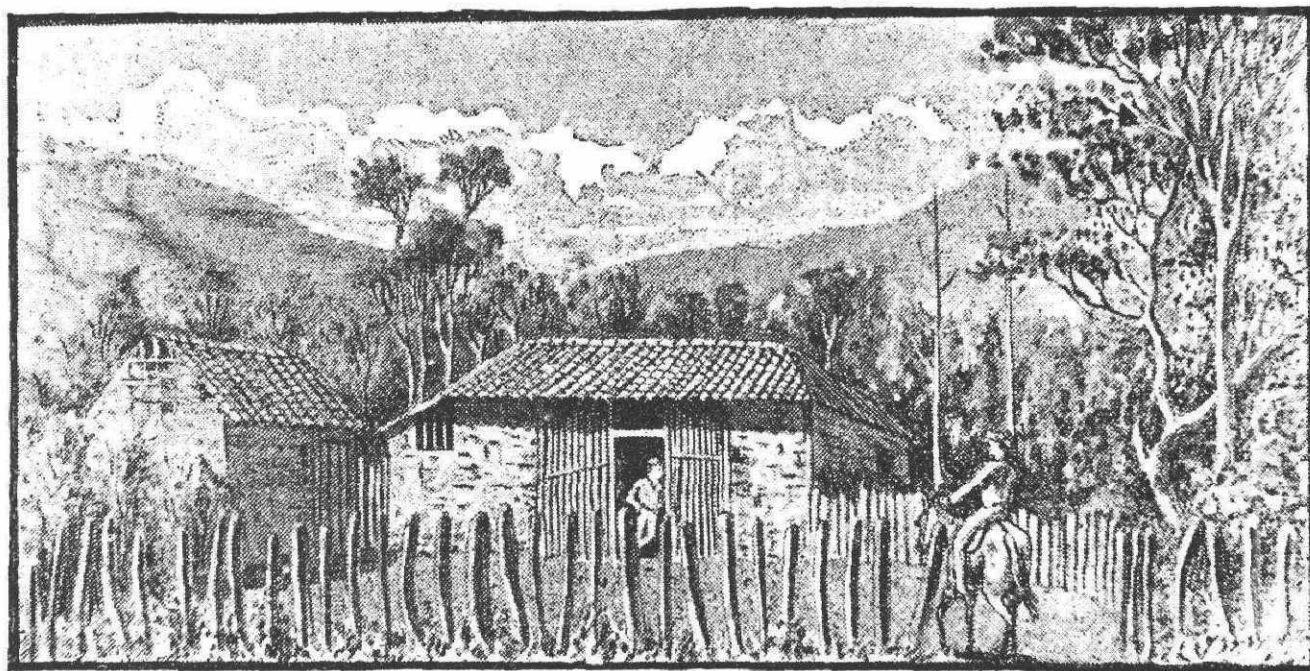
CAPÍTULO 10

DESCENDO O VALE DO SÃO FRANCISCO PARA MINHA ÚLTIMA SEÇÃO

PARTIDA – SACO GRANDE E SEUS HABITANTES – CURIOSAS NOÇÕES DE MORALIDADE RELIGIOSA – FEBRE DE NOVO – PERDEMOS O CAMINHO – UMA NOITE HORRÍVEL EM MEIO AOS CAMPOS – UM ACAMPAMENTO EM UMA ROÇA – AS VICISSITUDES DE UM COLEGA – UMA JOVIAL DUPLA DE ENFERMOS – O TERRENO DO VALE DO RIO – CIRGA – O RIO DE JANEIRO E SUA ÁGUA VERDE – O RANCHO DE UM COMPANHEIRO – MACACOS GRITADORES – A NOVA SEÇÃO – FAZENDEIROS DE GADO E SUAS CASAS – O RIO TAPERA – ATIRANDO EM PEIXES – PERDIZES – DONA CHIQUINHA – DIFICULDADE DE VIAJAR – LONGO ATRASO DO CARRO DE BOIS – SAÚDE RESTABELECIDA.

Um sertanejo.

No dia 25 de junho de 1874, arrumei minha bagagem e deixei essa seção. Eu tinha feito o levantamento, ao todo, de cerca de trinta e uma milhas de ferrovia, quatorze das quais eram uma linha alternativa sobre os tabuleiros, mas o resto era na floresta. Parece ser tempo demais para uma extensão dessas, e é realmente, mas eu devo me congratular por ela estar pronta e eu ainda vivo. Eu teria muito, muito pesar de ter de repetir tudo, a menos que tivesse me cansado de viver. Demorado como foi, posso dizer conscienciosamente que ninguém poderia tê-lo feito mais depressa sob as circunstâncias de clima, falta de trabalhadores, e as cansativas milhas sem fim de floresta emaranhada, e freqüente terreno acidentado, precipitoso e inclinado.

Apenas um camarada, meu criado Adão, escolheu acompanhar-me, pois todos os meus antigos seguidores haviam, há muito, caído doentes, e o último lote de homens estava ainda mais apavorado com os distritos "mais para baixo" do que com o atual, e foi necessária grande persuasão e adulação para induzir o proprietário de um carro de bois e junta a ser contratado para levar minha bagagem vale abaixo. Ele fará uma longa volta sobre os tabuleiros altos, de modo a evitar os vales fundos e os riachos sem ponte das áreas vizinhas ao rio. Por fim, tudo estava empacotado e a longa fileira de dezoito bois pôs-se a caminho, acompanhada pelo guincho estridente que se alternava ao grunhido grave dos eixos sem lubrificação, que soam altos e assustadores nestas solidões silenciosas.

Uma fazenda no sertão, o retiro Saco Grande.

Uma cavalgada de vinte milhas até nossa pousada noturna, sobre tabuleiros de vegetação de campos e cerrado ralo, aqui e ali resvalando para largas concavidades rasas, onde os cerrados são mais espessos e densos, com porções de floresta, ou onde córregos coleantes ponteados de buritis se espalham em brejos verdes; um cenário sempre mutante, selvagem e praticamente desabitado. A trilha era um caminho de cavalo, pouco usado, e, no chão duro com tufos escassos de capim dos altos dos morros mais elevados, difícil de distinguir. Nem um ser humano encontramos ou uma habitação surgiu à vista antes de termos coberto vinte milhas, o que nos trouxe a uma fazenda pequena e isolada, conhecida como Saco Grande, situada ao fim de uma longa depressão aberta que se estende desde o rio, recoberta de matas e cercada pelas encostas dos tabuleiros, dos quais ela fora evidentemente denudada.

O esboço de Saco Grande acima é um bom exemplo do tipo usual de morada de sertanejos nestes distritos. Alguns cachorros nos saúdam com latidos e ganidos furiosos, cujos sons fazem vir o respeitável proprietário, Senhor Rozinho, que eu já vira uma vez em meu último rancho. Depois de chamar repetidamente a atenção dos cachorros com "Cala a boca, cachorro!" "Sai, cachorro!" "Cachorro do diabo!", atira neles alguns mísseis, expressando sua opinião de que estes são os cachorros mais endiabrados que conhece, enquanto eles se esgueiram aos ganidos, com os rabos entre as pernas. Ele pergunta como vou passando. "E o Senhor Rozinho, como está? como vai a ilustre família?" "Eu estou bom, estão todos bons, graças a Deus e à Santíssima Virgem". Em uma sala da frente havia dois viajantes, gente simples do campo, e a ilustre família de caras morenas e amarelas no cômodo de trás, espiando pelos interstícios das paredes de madeira, ou pela fresta da porta, cochichando e rindo à vista do misterioso estrangeiro.

"E então, Senhor Rozinho, como vai a roça? A chuva do mês passado fez algum estrago?" pergunto.

"Ai, meu Deus! as cheias destruíram uma boa parte da colheita, mas "(tirando o chapéu) "foi um castigo mandado por Deus pelos meus pecados."

"O que é que o senhor andou fazendo, então? Vendendo gado doente por bom?"

"Oh, não; é pelos nossos pecados que nós temos de sofrer."

"E o que o senhor considera pecados?"

"Não rezar nas horas devidas; não dar esmolas quando elas são pedidas em nome de Deus; não assistir à missa; não batizar os filhos, etc."

"Suponha, então, que o senhor pudesse levar alguém a comprar como se fosse são um boi que o senhor tivesse motivo de acreditar que iria morrer logo, isso não seria pecado?"

"Claro que não. Isto seria um bom negócio".

"Quanta terra o senhor tem?"

"Não sei."

"O senhor conhece os limites dela?"

"Oh, sim; isto meus vizinhos já acertaram comigo."

"Há quanto tempo o senhor vive aqui?"

"A vida toda."

"Como é que o senhor adquiriu esta terra?"

"Meu pai me deixou uma parte, e minha mulher me trouxe a outra."

"De onde é que eles a conseguiram?"

"Não tenho a mínima idéia. Não é da minha conta; meu pai morreu e eu herdei suas terras."

"Bem, imagine que eu, ou qualquer outro estranho, chegasse aqui e dissesse: 'Estas terras são minhas', e mostrasse documentos para provar o seu direito, e exigisse que o senhor se mudasse, o que o senhor faria?"

O Senhor Rozinho pensou um pouco, coçando a cabeça meditativamente.[1] Por fim respondeu sem emoção:

"Eu o matava."

"Mas isto não seria um pecado?"

"De jeito nenhum; seria simplesmente fazer justiça aos meus direitos, à minha família, à minha honra."

"É verdade", responderam os dois desconhecidos em coro. Isto não seria pecado. Não, simplesmente uma questão de direito e negócio, e pecados não têm qualquer relação com esses assuntos.

1. É uma difícil operação para um matuto refletir acerca de um ponto questionável sem coçar a cabeça.

A conversa acima aconteceu mais ou menos de fato e serve para mostrar o quanto são estreitos os limites das idéias religiosas do matuto, confinadas simplesmente a uma observância das normas e cerimônias dadas que não influencia no mínimo grau sua vida moral. Todavia, como se pode estranhá-lo, quando os padres são freqüentemente os seres mais imorais de uma comunidade do interior – imorais em todo sentido da palavra? De onde é que essas pobres pessoas receberão idéias melhores? É até de se espantar que eles sejam tão tranqüilos e pacíficos como são quando não se os incomoda.[2]

A noite caiu depressa, e com ela veio o ar gelado noturno. Algumas toras foram trazidas para a sala, e uma fogueira acesa, enchendo o espaço com uma fumaça ardente; mas o ar frio entrava pela trama aberta de madeira das paredes, tornando desejáveis o clarão e o calor. Às 8 horas, uma mistura de feijão e farinha foi trazida, à qual adicionei um pouco de Extrato de Liebig e molho Worcester. Meu anfitrião, que tinha observado meu procedimento com curiosidade, tomou o pote de extrato e tirou uma colherada.

"Isto é bom? "perguntou.

"Sim, muito".

Antes que eu pudesse preveni-lo, ele pôs uma colherada cheia na boca. O resultado foi algo como a emoção e a reação de um mau marinheiro que tivesse feito um esforço másculo de participar do jantar em seu primeiro dia no mar. O pobre Rozinho era agora um homem mais triste, ainda que mais sábio. Até mesmo seus dois visitantes da roça foram insensíveis o bastante para rir até que as lágrimas corressem por seus rostos encardidos.

Partimos bem cedo na manhã seguinte, depois de recompensar meu anfitrião por sua hospitalidade; ele protestou fracamente a princípio, mas finalmente embolsou uns poucos mil-réis. Enquanto seguíamos, comecei a sentir vários calafrios agourentos espinha abaixo, embora o sol estivesse já alto e quente. Eu recebera indicação de prosseguir para Gameleira, uma pequena fazenda mais ou menos na metade do caminho, já que as trilhas eram visíveis e claras até esse ponto, e então me informar novamente; mas, em qualquer caso, deveria acompanhar a beira do rio. O vale ali se espalhava por 2 ou 3 milhas de cada lado do rio, uma série de morros e vales erodidos pelas águas dos platôs mais altos, cujas encostas pareciam cadeias de montanhas acompanhando o curso do rio. Mais tarde, passamos pela primeira cabana na seção de W., perto do Córrego de Basílio; e mais tarde o Ribeirão do Boi, de 150 pés de largura, foi atravessado com sucesso.

Nesse ponto, encontramos dois cavaleiros; nós os saudamos e seguimos. Adão cavalgou para perto de mim meia hora depois, e informou-me que eles eram os donos

2. Muitos anos mais tarde estive em Minas Gerais com um homem que tinha uma concessão para os direitos exclusivos de mineração de uma grande região e especialmente de um determinado rio. Estávamos hospedados em uma grande fazenda, cujo proprietário era rico e educado. Meu companheiro informou-lhe que provavelmente iniciaria em breve as operações no rio. "Não sem o meu consentimento", disse o fazendeiro, "pois o rio é meu no ponto em que atravessa a minha propriedade." "Pode ser, mas a minha concessão do governo autoriza-me a trabalhar no rio sem pedir a permissão de quem quer que seja." "Pode ser, também, mas, para cada trabalhador que você trouxer, trarei um camarada armado com um bacamarte. Mas vá trabalhar com sua turma, e eu não digo que não vamos chegar a um entendimento; só não tente fazer coisa alguma sem o meu consentimento." Meu companheiro, um ano ou dois depois, foi assassinado naquela região de modo misterioso.

da Gameleira, e que nós não encontraríamos ninguém em casa lá. Tive vontade de puni-lo por sua estupidez em não avisar-me a tempo, pois começava a sentir grande náusea, dor de cabeça, tonteira, calafrios repetidos e lassidão extrema; mas não adiantava me entregar às miseráveis sensações, e assim, avançando sempre, alcançamos a Gameleira, que encontramos deserta. Diversas estradas partiam dali; tomamos a mais batida, que levava ao rio, passamos por outra das cabanas de W. em Santo Antônio, onde de novo encontramos trilhas levando a várias direções; seguimos uma paralela ao rio até que encontramos as margens altas de um córrego, onde, vendo que era impossível passar com os animais, subimos para as bordas das florestas do vale até encontrar um cruzamento; mais adiante outro córrego obstruía nosso caminho, com margens cercadas de matas impenetráveis. Estava ficando escuro e eu me sentia tão terrivelmente mal – tremendo de febre – que desmontei e mandei Adão procurar uma estrada ou habitação; ele retornou dentro de uma hora, não tinha achado sinal de nenhuma das duas. Agora já estava completamente escuro, e não havia remédio senão acampar ali, pear as pernas dos animais e soltá-los, limpar o terreno e acender uma grande fogueira. Dei a Adão uma lata de carne cozida para o jantar, mas ele torceu a cara e disse, "Deus me livre", lembrando-se talvez da experiência de Rozinho com o extrato de carne na noite anterior. Aquela não foi uma noite agradável; eu estava doente demais para querer jantar, e uma chuva constante não contribuía para diminuir os desconfortos de nossa situação desabrigada. Realmente, não é nada confortável deitar-se sobre a sela enrolado em uma capa impermeável, debaixo da chuva, tremendo de febre e calafrios, e cercado de uma escuridão total no meio de um campo sem abrigo numa noite fria. O fogo, no entanto, faiscava e silvava quando a chuva espirrava nas brasas, e fornecia um pouco de calor e luz, mas também fazia o capim molhado e a terra ensopada parecerem ainda mais palpavelmente incômodos. Cobras ou onças possivelmente freqüentavam esses lugares desertos; mas uma onça seria até bem-vinda para acabar com todo aquele "divertimento", se não mordesse muitas vezes, e fizesse seu trabalho rápido. Eu nunca tinha experimentado os males do enjôo marítimo, mas eu já vira os desafortunados no estágio do "façam o que quiserem comigo, atirem-me no mar". Agora eu também o sentia, naquela longa noite nos campos.

Todas as coisas têm seu fim, pois de madrugada ouvi um galo cantar. Que som alegre; parecia tão inglês e tão humano. Nós aí descobrimos uma roça no lado oposto da mata, em cujas bordas havíamos acampado, a poucas centenas de jardas de distância. Endurecidos e com câimbras, o corpo dolorido, com frio e molhados, caminhamos com esforço até a roça, onde encontramos uma cabana e uma família, e, oh, alegre-se! acabando de preparar um oportuno bule de café quente. Não era uma linda cena que

entusiasmaria Watteau. Nuvens de neblina úmida escoavam por entre as árvores, as folhas gotejavam; meus bons samaritanos vestiam apenas camisas e calças de algodão, e as mulheres, vestidos leves de algodão; eles tremiam com faces pálidas no ar fino, frio, rude, úmido do início da manhã. A cabana estava aberta de um lado e mostrava o interior escurecido, de onde a fumaça da fogueira lá dentro emergia em longos espirais de vapor azul; couros de boi no chão nu e colchas ralas de algodão vermelho eram seu único provimento para acampar, pois estas pessoas, como muitos dos habitantes, tinham seu campo de cultivo a muitas milhas de distância de suas casa. Eles tinham vindo morar provisoriamente aqui para fazer suas colheitas. Senti-me muito melhor com o café e segui a pé, puxando o burro, para tentar ativar a circulação dos meus membros doloridos, com um dos roceiros acompanhando-nos como guia.

Os roceiros explicaram-me que a "estrada da beira do rio" é a que segue o vale, ao contrário da estrada que passa sobre os tabuleiros e seu nome não significa necessariamente que ela acompanha de fato a margem do rio, como eu tinha inferido. Quando nós, enfim, alcançamos a trilha ao pé das encostas dos tabuleiros, ela ficava a bem umas quatro milhas de distância do rio e mal se podia distingui-la no capim, por ser muito pouco usada. Umas cinco milhas adiante encontramos Martinhos, nome do lugar onde W. tinha erguido seu acampamento de cabanas. Era uma grata e bem-vinda visão depois das experiências da noite passada. W. estava fora trabalhando. Alfonzo, seu criado italiano, informou-me que era o dia de trabalho do seu patrão, pois, durante seis longos meses, ele tinha alternadamente passado um dia no rancho com febre e o seguinte lá fora no campo trabalhando. Ele estivera em Curvelo no auge da estação quente, para tentar se livrar da febre por meio da mudança de clima e melhorara consideravelmente com isto, mas ao retornar ao rio sua doença reapareceu com os acessos regulares da febre terçã.

Um banho quente e um bom desjejum, servido com asseio pelas mãos hábeis de Alfonzo, fizeram com que eu me sentisse um cristão melhor e apreciasse as horas sossegadas no confortável rancho, enquanto esperava pelo retorno de W., examinando seus estoques de periódicos e livros. À tarde, ele chegou com seu vigor habitual, tão cheio de energia e ânimo como se não houvesse nada de errado com ele, mas mostrava os efeitos da febre em sua aparência e em consideráveis desarranjos orgânicos. Fazia mais de um ano que nos tínhamos visto, e ambos notamos as mudanças que o tempo e a vida dura tinham marcado em nossa aparência. Quando nos encontráramos da última vez, éramos fortes e robustos, bronzeados de sol e saúde, e cheios de expectativas pelos encantos da vida que esperávamos levar, ansiosos para trabalhar e transbordantes de energia. Agora éramos pálidos, descorados e magros, debilitados pelo clima,

mas com a mesma disposição para o trabalho, e resolvidos a extrair o melhor de tudo. Estes encontros ocasionais com diferentes membros da expedição são sempre agradáveis e servem como um soerguimento moral, após uma existência solitária, pois não permanecíamos juntos tempo suficiente para discutirmos, e cada um se fazia mais amável e gentil. Como nossas línguas se agitavam até altas horas da noite! quantas vezes foi dito um "Boa noite, companheiro" definitivo, mas aí um de nós lembrava-se de mais um "caso" que, por sua vez, trazia à memória do outro uma boa piada, até que um acabava falando sozinho. Lembro-me que as últimas palavras confusas eram sobre o Rajá de Puttiali e algum incidente em Umballa, misturado com Alfonzo e o burro castanho.

Na manhã seguinte, eu pretendia sair cedo, mas o cavalo de Adão tinha desaparecido, e eu tinha de esperar, embora meu velho cinzento estivesse pronto no rancho, onde recebera sua ração de milho na noite anterior. W. saiu para trabalhar por uma ou duas horas, para determinar as tarefas dos trabalhadores para aquele dia, e disse que voltaria logo para ter seus calafrios.

"Você acha que os terá hoje? Você está com uma aparência melhor esta manhã", observei.

"Se eu acho!"disse ele. "Meu caro rapaz, não é preciso achar. Você pode regular os dias da semana e acertar o relógio por eles. Boa viagem, se eu não o vir mais quando voltar."

O cavalo desaparecido não chegou, mas às 10 horas, sim, e com elas veio W., correndo.

"Agora, Alfonzo, seu *suwa*,* corra com esse *breakfast* ou não terei tempo mais para ele."

Não tive alternativa senão juntar-me a ele em um segundo desjejum. Ao terminar, ele se levantou apressado, dizendo:

"Acabou o tempo; aqui estão eles. Cama pronta, Alfonzo? Traga meu cachimbo."

Pouco depois ele estava sacudindo e tremendo com os rigores do frio, e seu cachimbo chacoalhava violentamente enquanto tentava segurá-lo com os dentes a estalejar. Fiquei para ajudá-lo a passar as seis horas, mas depois que ele tinha passado pelo congelamento e antes que começasse a derreter, eu tive de pedir a Alfonzo que preparasse minha cama também, pois minha vez chegara. Éramos de fato uma dupla jovial e tentávamos ser tão "divertidos" quanto as circunstâncias o permitiam, mas as dores de cabeça de rachar, do estágio quente, não são propícias à hilaridade.

O estado nervoso afeta grandemente essa doença; uma companhia agradável é extremamente benéfica, e os nativos afirmam que um choque repentino é muitas vezes um excelente remédio e, às vezes, chegam ao ponto de disparar uma espingarda

* *Suwa* – mais comumente, *suwar* ou *sowar*, palavra de origem persa, significando originalmente *cavaleiro*, era usada na Índia colonial para designar um guarda nativo a serviço dos ingleses (N.T.).

inesperadamente sob a cama do paciente, como parte do tratamento. A enfermidade é, sem dúvida, agravada por uma condição anêmica de fraqueza, produzida pela perda contínua de forças com o esforço excessivo, em uma atmosfera quente e úmida, ou por dispepsia gerada por vidas indolentes ou pouca variedade de alimentação.

Na manhã seguinte, ambos os animais apareceram direitinho e depois de uma dose de quinino que, na expressão vulgar, "arranca o topo da cabeça", seguimos cada qual o seu caminho. Longe da beira do rio, a região parece tudo menos propícia à malária; por duas horas acompanhamos o sopé dos tabuleiros; a estrada, terrivelmente acidentada, no máximo uma vereda, sobe os esporões íngremes das terras altas e desce por vales profundos, em ravinas de quebrar o pescoço e cruzando numerosos cursos de água. O terreno dos campos, irregularmente pontilhado de árvores mirradas, estende-se freqüentemente até a borda dos diversos riachos, onde a água é maravilhosamente límpida e transparente (tão diferente dos rios amarelos e lamacentos da região do Paraopeba), e quase sempre corre sobre leitos de enormes penedos, entre margens de rocha, gotejantes de umidade e coberta de samambaias e musgos, suas margens são debruadas com árvores altas, cujas copas se encontram formando longas alamedas de delicada verdura, por entre as quais a luz do sol cintila em raios brilhantes; nos galhos, onde freqüentemente um martim-pescador verde-bronze está pousado à espera de sua presa na água sombria lá embaixo, balançam os ninhos do japim nas extremidades de longas trepadeiras, entre bromélias de cor viva e outras parasitas.

Um córrego no vale do Alto São Francisco.

Ao fim de duas horas de cavalgada, passamos pelo primeiro rancho de D. em sua seção, em Sumidá; depois mais uma hora de sacolejo paciente nos levou ao topo de um longo morro de onde avistamos o rio serpeando na distância, sempre cercado em cada margem por cinturões de floresta. Erguendo-se à direita e à esquerda dos longos bra-

ços dos brejos verde-claros atrás das árvores das margens, em ondulações suaves, pontilhado de arbustos e árvores anãs e dos montinhos de argila dos cupins de térmitas, o vale estende-se até o sopé dos tabuleiros mais altos, dos quais esta grande concavidade e seus tributários foram escavados. Não fosse pelas queimadas anuais que consomem os capins de centenas e milhares de milhas quadradas de área, seria um cenário de natureza primitiva, pois estes morros ondulados nunca foram plantados, estas milhas de florestas, ao longo do rio e dos ribeirões, nunca foram perturbadas pelo homem, nem uma espiral de fumaça, ou telhado de sapé, ou uma cerca na imensa paisagem indicam a presença do homem; no entanto, aqui não impera a quietude e silêncio misteriosos das florestas, pois o vento sopra vigorosamente neste alto de morro, as folhas de um pau-terra lá perto farfalham na brisa, o capim murmura uma melodia, quando a brisa desliza sobre as compridas vertentes; um pássaro tesoura[3] levanta vôo no ar, de um arbusto, com um movimento repentino e errático, em busca de um inseto, fazendo suas duas longas penas da cauda se abrirem e fecharem como um par de tesouras; as cigarras se ouvem em todas as direções em apitos estridentes ou zunidos vibratórios, anus, almas-de-gato e gaviões emitem seus gritos felinos, seriemas fazem o vale ressoar com suas notas agudas que sobem e descem em grugulejos; uma perdiz levanta-se com um zunido e some em disparada; urubus pretos, lá bem no alto do éter azul, flutuam vagarosos, descrevendo grandes círculos em seu vôo majestoso, buscando detectar com sua vista e faro agudos alguma carniça; as nuvens de flocos brancos deslizam no céu, lançando longas sombras resvalantes sobre a expansão grandiosa à nossa frente. Não parece um vale da sombra da morte, no entanto, lá embaixo, aquelas fileiras de verde-claro, atrás das margens enflorestadas do rio, são os envenenadores da atmosfera, a morada da malária.

O vale do Alto São Francisco.

3. *Milvulus forficatus.*

Umas poucas milhas adiante encontramos Cirga, e, sendo domingo, D. estava "em casa" para receber as visitas, mas ele também era mais uma vítima das febres generalizadas. Ele me contou a mesma história – homens caindo doentes, abandonando o trabalho, alguns morrendo, ele próprio constantemente doente; e todavia o trabalho prosseguia, com vagar naturalmente, mas com perseverança. Ali perto do rancho, em terreno baixo, à beira de um extenso pântano ribeirinho, através do qual coleia um riacho, guarnido das sempre a serem admiradas palmeiras de buriti, ficava a única fazenda da vizinhança. Era uma localização estúpida, pois ela poderia facilmente ter sido construída em terreno mais alto, todos os moradores estavam sofrendo de febre intermitente e o proprietário pretendia abandonar sua terra como inabitável e retornar a Curvelo, de onde viera. Este domingo não foi muito feliz, pois estávamos ambos muito doentes e minha grande dose de quinino ocasionou um grande náusea e um barulho em minha cabeça como o alarido de uma imensa fábrica; mesmo assim a inspiradora bebida de Bass não podia ser recusada, e havia muito a conversar e narrar os casos curiosos mais recentes, e nos alegrar tanto quanto era possível sob as circunstâncias.

Na manhã seguinte, D. acompanhou-me até onde estava C., na próxima seção. Uma cavalgada tranqüila sobre terreno relativamente plano por quatro milhas levou-nos à boca do Rio de Janeiro, um rio de águas claras de 120 pés de largura, mas de um matiz extraordinário, pois ele é verde como a água rasa do mar; atravessamos de canoa, e os animais nadaram até a outra margem. Diversas espécies de peixe eram visíveis na água transparente, na maior parte curumatãs, e como estavam próximos da superfície, consegui atirar em um deles com meu revólver. Ele tinha cerca de 2 pés de comprimento, cor prata clara, e lembrava de algum modo a forma de um salmão; eles são peixes de sabor particularmente delicado. A vista da foz deste rio, na direção das lonjuras sinuosas das margens enflorestadas do São Francisco era extremamente bonita, uma vegetação sempre variada onde nenhuma árvore ou arbusto é similar em forma ou espécie ao seu vizinho; muitos dos arbustos salientes eram cobertos com densa massa de convolvuláceas. A divisão dos rios de Janeiro e São Francisco era nitidamente definida, um de matiz verde-claro, o outro marrom-escuro sujo.

Depois de passar pelo rio, a trilha segue a beirada de um brejo por quatro milhas, ao fim das quais, em uma encosta, situava-se o acampamento de C., onde avistamos aquele cavalheiro sentado em um banco do lado de fora da cabana, diligentemente ocupado em remendar suas botas. Ele estava sozinho no momento, pois seu antigo companheiro Peter tinha deixado o serviço após a conclusão de sua última seção e retornara ao Rio de Janeiro. C. e seus homens tinham tido suas quotas de febre, mas não tanto quanto o pessoal das seções mais altas. Ele tinha então um excelente grupo

de trabalhadores fortes e musculosos, os melhores que eu já vira no serviço; a maior parte deles provinha do Rio Abaeté, do lado oposto do rio. Seu rancho era um estabelecimento e tanto, contendo escritório, sala de jantar, quarto, banheiro e despensa. Isto soa muito bonito, mas a realidade mostraria apenas uma cabana primitiva, dividida no interior por repartições de paus colocados lado a lado bem juntos. O chão era naturalmente de terra nua; e a mobília compunha-se de duas pranchetas sobre cavaletes, três bancos altos dobráveis, uma cama de varas coberta de capim e mantas, e, em prateleiras suspensas nos cantos da cabana, uma coleção heterogênea de instrumentos, caixotes, pacotes e caixas de provisões, garrafas, presuntos, selas e arreios, roupas, rolos de papel, esporas, espingardas e facas, machados, foices, pássaros mortos, rolos de fumo e rolos de toucinho, garrafões de cachaça, varas de demarcar e cadeias de Gunter, cadernos de desenho e cadernos de campo, etc.

Apesar de nosso abatimento e faces descoradas, formamos um grupo animado, e o tempo passou alegremente. Por volta do pôr-do-sol, sobressaltei-me ao ouvir um rugido alto, grave e rouco vindo das matas à beira do rio, próximas da cabana, e soube que ele vinha de guaribas, ou macacos gritadores; o som era um rugido grave, rouco e gutural, mas estávamos muito preguiçosos no momento para procurar pelos animais.

Na manhã seguinte, D. voltou ao seu trabalho e C. seguiu caminho comigo, para minha nova e última seção, pois tinha de ir ao quartel-general em Pirapora para resolver umas questões. O ar estava deliciosamente fresco e nos elevava o ânimo efetivamente ao galoparmos pelos morros cobertos de capim, mas inúmeros córregos interceptavam nossa rota, alguns pedregosos e pitorescos, com cascatas e samambaias e flores, outros rasos e lamacentos, e no entanto minha carroça provavelmente teria de atravessá-los formando sulcos por uma rampa suave nas margens. O solo todo é de argila, encimado por uma camada superior de cascalho ferruginoso (as pedras arredondadas pelo atrito), e freqüentemente enormes massas de rochas primitivas gastas pelo tempo e forradas de musgos e líquens espalhavam-se pela superfície do chão, que é coberto principalmente de árvores mirradas e retorcidas e o mato rasteiro do cerrado.

Depois de viajar durante três horas, paramos na primeira habitação, uma casa de vaqueiro, conhecida como Saco. O proprietário era um rapaz esperto e bem apanhado, de cerca de vinte e um anos de idade, vestido inteiramente de couro de cervo curtido, casaco, colete, calças justas, chapéu e botas, tudo do mesmo material. Ele era dono de cerca de 8 milhas de frente para o rio, por diversas milhas de profundidade, pelo menos uma centena de milhas quadradas. Possuía umas poucas centenas de cabeças de gado, e cultivava um pequeno trato de terra. Sua casa era uma estrutura modesta de estacas, coberta de sapé, e cercada pelas árvores dos cerrados. Um canto dela era

cercado com muros de adobe, e formava seu único quarto de dormir. Sua esposa, uma mulata clara, que nos trouxe café com leite e rapadura, era uma jovem muito bonita, uma exceção nessas terras de gente tão desgraciosa. Ambos os jovens eram muito amáveis, simples e de modos agradáveis.

Continuando nossa jornada por mais duas milhas sobre terra plana e pantanosa, que na cheia do rio fica totalmente coberta de água, escorregamos pelas margens abruptas do Córrego da Carambola, onde assustamos alguns grandes patos do mato, que voaram pesadamente para longe em direção à mata próxima. Seguiu-se então um morro de aclive muito suave, coberto de cerrado; de seu topo divisava-se uma longa vista do vale, agora todo pontilhado de árvores e arbustos. A 4 milhas de Saco, cruzamos o gracioso Rio Tapera, um rio raso de águas claras, com cerca de quarenta pés de largura, correndo sobre um leito de seixos rico em formação diamantífera; na verdade, este é tido como fornecedor tanto de diamantes como de ouro, ambos tendo sido encontrados em seu leito, que nunca foi realmente explorado. É um rio lindo, suas margens altas são cobertas de trepadeiras pendentes e arbustos em flor e árvores gigantes espalham seus galhos e folhagem pelo alto em arcos verdejantes de sombra, alternando-se a trechos de céu azul, e os raios do sol e sombras suaves sobre as águas murmurantes criavam os mais lindos efeitos.

Mais outras quatro milhas sobre morros de cerrado e trechos de campos pantanosos e planos, além de dois riachinhos, levaram-nos a outra casa de vaqueiro, onde, ao saber que não havia mais habitações por muitas milhas adiante, resolvemos passar a noite. O proprietário, um homem magro vestido de couro, com muita cerimônia convidou-nos a desmontar, entrar e sentarmo-nos. O inevitável café apareceu em seguida, trazido por sua mulher, outra jovem bem bonita, e nem um pouco tímida; ao contrário, ela participou da conversa e conversava de um modo franco, sensato e sem afetação. Meu anfitrião cordialmente apresentou-nos o que podia nos oferecer como acomodação, e logo se ouviu o grito da galinha sendo morta para o jantar.

A casa era como aquela de Saco; um canto emparedado por paredes de barro, o resto coberto apenas pelo forro de sapé e os lados todos abertos para a noite fria e o sereno pesado. Selas, couros, rédeas cordas de couro cru, utensílios domésticos, uma mesa e bancos rústicos ocupavam o interior. Um couro estava estendido sobre o chão e um saco grande, recheado de palha de milho, foi colocado sobre ele; travesseiros brancos de linho com beiradas de renda nativa e nossos ponchos e mantas constituíam nossa única e incôngrua cama. Uma bacia de água quente, e toalhas *engomadas* e passadas, com beiradas de renda, foram trazidas por último. As toalhas não funcionavam como toalhas, e sim deixavam um depósito de goma em nossos rostos que nos fazia

sentir como se tivéssemos sido envernizados sob as mãos de uma Madame Vestris,* e a pele parecia que ia rachar se a esticássemos. A noite estava muito fria e enregelante como uma manhã úmida de inverno inglês.

· Na manhã seguinte, nosso anfitrião desculpou-se pela falta de melhores acomodações e exprimiu seu grande prazer em nos receber, e a princípio recusou-se a aceitar qualquer remuneração, mas depois engoliu seus escrúpulos e orgulho e embolsou uns poucos mil-réis, embora seja proprietário de consideráveis rebanhos de gado e centenas de milhas quadradas de terra. Seria um tema muito interessante investigar os títulos de propriedade dessas terras: provavelmente se descobriria que não passam de posse original e ocupação de terra de ninguém.

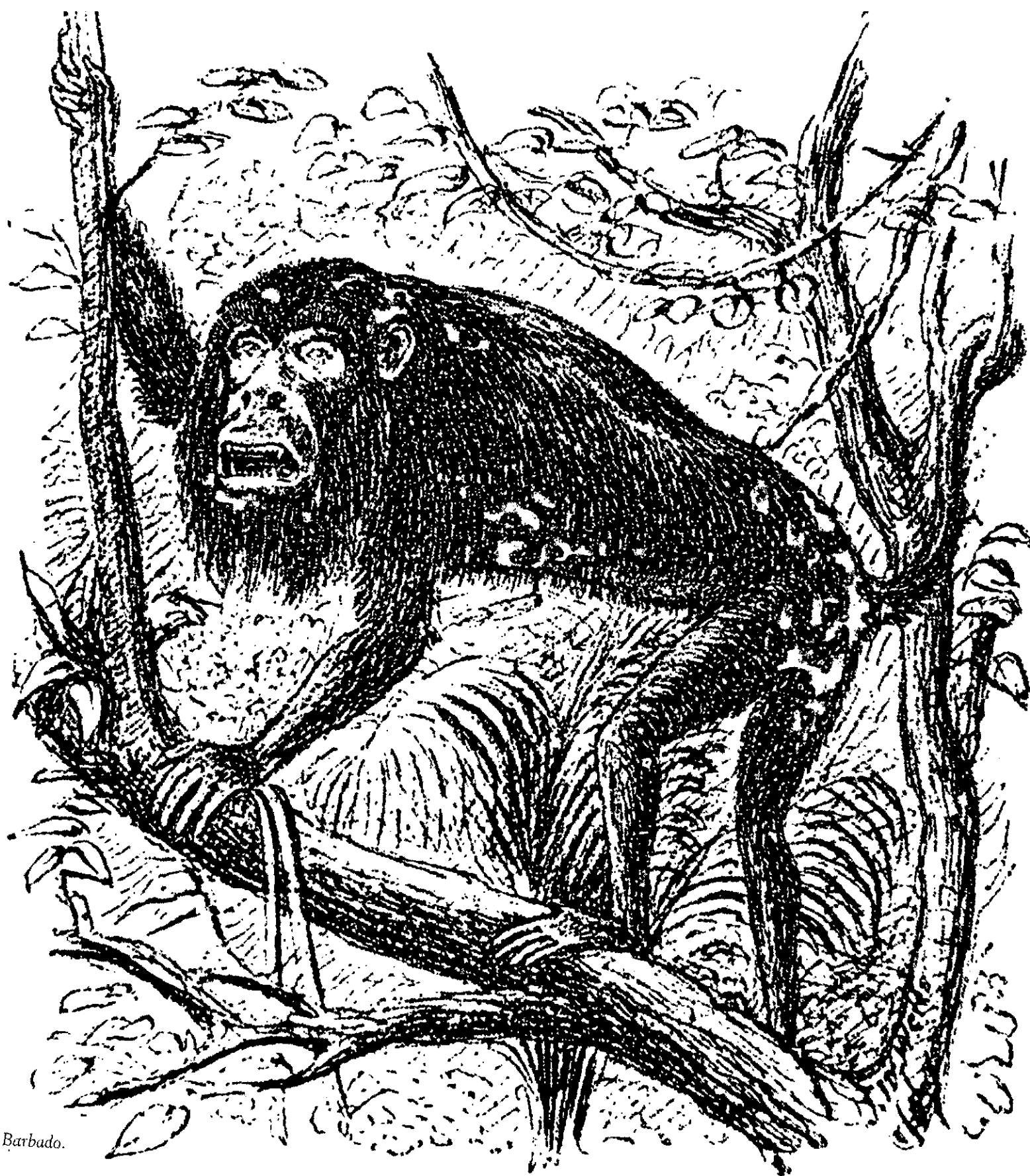
Meu companheiro seguiu viagem, e eu retornei ao Rio Tapera, onde encontrei o Senhor Cândido, de Saco, esperando-me para escolher uma localização para o meu acampamento, e se engajar na construção de duas cabanas. Encontrei uma situação atraente, onde um morro de campos descia até a beira das margens. Nas margens opostas, uma rica floresta de vegetação grandiosa oferecia um contraste agradável ao capim verde e ao rio cristalino. Foi feito um acordo para se construírem duas cabanas, de 24 por 18 pés, ao custo de55 mil-réis (cerca de £5 e 10s.) . Mais tarde retornei ao rancho de C.

No fim da tarde, durante uma caminhada até a beira do rio, diversos peixes de entre um e três pés de comprimento, na maioria dourados, podiam ser vistos na água semitransparente. Estando sem espingarda nessa época, eu me tornara, com a prática, bastante hábil no uso do revólver e consegui acertar um belo dourado (uma espécie de salmão dourado, o rei dos peixes brasileiros). Meu criado Adão buscou-o para mim.

Os guaribas gritavam de novo, e eu fui à sua procura e acabei encontrando-os nos galhos mais altos de um pequeno jatobá. Havia oito deles, grandes e pequenos. Estava escuro demais para distinguí-los claramente, e muito alto para um tiro de revólver. Sua carne tem fama de ser excelente, e de sabor delicado.

Congratulei-me por o dia ter se passado sem um retorno da febre e não tive mais nenhum ataque durante o tempo em que permaneci na expedição.

Os próximos poucos dias foram passados no reconhecimento de minha seção e uns poucos mais com meus colegas, à espera da chegada de minhas carroças com a bagagem, agora já com atraso de uma semana, e eu já tinha enviado dois homens aos tabuleiros para descobrir o que houvera com elas. Durante esses dias de espera, recuperando a saúde e a força, acompanhei C. a várias expedições de caça, (pois ele era um caçador inveterado, e mantinha sua mesa bem suprida de caça, principalmente perdizes, das quais havia grandes quantidades nas encostas dos morros,) ou

* Mme. Vestris (1797 - 1856) – Atriz inglesa de teatro de revista (N.T.).

Guariba ou Barbado.

íamos até as ribanceiras atirar em peixes, um modo meio inusitado de pescar, talvez, mas certamente muito eficiente. Os numerosos e volumosos peixes eram distintamente visíveis na água, e quando subiam perto da superfície, com um pouco de prática para descontar a refração, tínhamos bastante sucesso com espingarda e revólver. Em certa ocasião, abatemos um par de guaribas com um filhote. Era realmente de dar dó ver as contorções quase humanas de seus paroxismos agonizantes e seus grunhidos roucos e guturais.

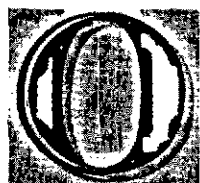
O desenho acima dará uma idéia de sua aparência e fisionomia, um pouco como a de um dos fenianos típicos do periódico *Punch*. O macho media trinta e duas polegadas de comprimento; o corpo é coberto de longos cabelos pretos de textura fina e lustrosa, e a face é emoldurada por uma juba de cabelos do mesmo tipo. O animal pertence ao gênero *Mycetes Beelzebub*. Os terríveis rugidos que eles soltam, ao nascer e pôr-do-sol, e às vezes à noite, e sua aparência diabólica, são cada um razão suficiente para a denominação satânica. A fêmea é menor e de constituição mais delicada, e o pelo, em vez de preto, é de um pardo claro. O filhote não se ferira, e agarrava-se desesperadamente a sua mãe morta, tentando morder selvagemente, mas nós a prendemos com cuidado e a carregamos conosco em triunfo. O papai macaco foi entregue ao cozinheiro e mais tarde apareceu na mesa com o aspecto de um bebê assado. Nós o atacamos apesar disto, e achamos sua carne deveras muito palatável, parecida com a de lebre assada; mas sua aparência sugeria de tal modo o canibalismo que por fim não pudemos superar nossos escrúpulos e tivemos de dizer: "Eu passo" e deixá-lo para os camaradas, menos melindrosos que nós. O filhote foi alimentado com leite e farinha. Ela era extremamente lenta em seus movimentos e incrivelmente esperta; costumava simular uma aparente indiferença até que visse uma oportunidade de avançar com os dentes arreganhados nas mãos que a alimentavam, pelo que recebia um tapa . Aí ela recuava e se encolhia, emitindo um rugido grave que soava estranho vindo de uma animal tão pequeno. Batizamo-la Dona Chiquinha, e ela permaneceu comigo e acompanhou-me em minhas viagens posteriores.

Os homens que eu enviara atrás do carro de bois voltavam agora e disseram-me que tinham encontrado o carro lá longe nos gerais. O carroceiro tinha perdido a estrada, e quatro dos bois tinham desaparecido, perdidos ou roubados, provavelmente o último. Ele estava tão desesperado que queria abandonar a bagagem lá mesmo nos campos, e voltar com o resto de seu gado e carroça para casa, e depois ir procurar os bois perdidos, e foi só por meio de grande persuasão, ameaças e promessas que meus homens finalmente o convenceram a prosseguir com o carregamento. Por sorte, a estrada era toda morro abaixo e relativamente plana. No dia seguinte, eu vi com grati-

dão meus bens devidamente entregues em meu novo acampamento às margens do Tapera, e, tendo assim perdido tantos dias, só pude começar o trabalho na nova seção no dia 18 de julho de 1874, sentindo-me muito melhor depois do descanso e diversão desfrutados com meus amigos. Todos os traços de febre haviam desaparecido, e eu me sentia revigorado e pronto para trabalhar de novo.

CAPÍTULO 11

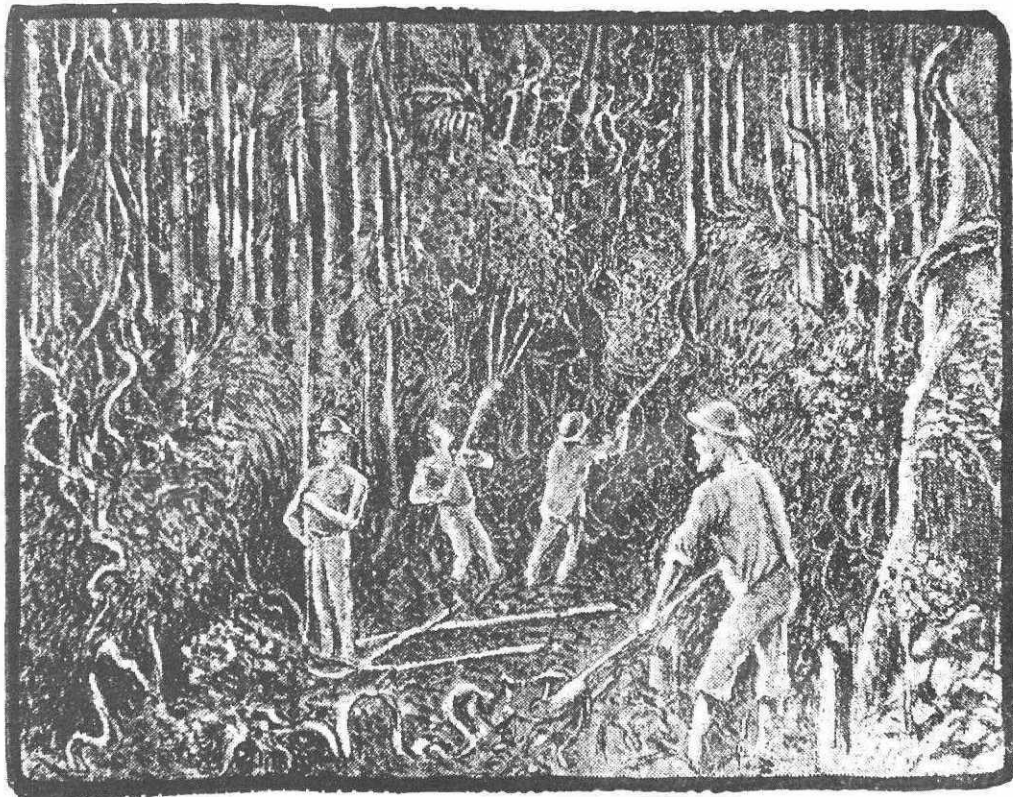
LEVANTAMENTO DE MINHA QUARTA SEÇÃO E TÉRMINO DO TRABALHO EM PIRAPORA

DESCRIÇÃO DO TERRENO LEVANTADO – UMA REGIÃO BEM IRRIGADA – O ABAETÉ E SEUS DIAMANTES E MINAS DE CHUMBO-PRATA – MERGULHANDO EM BUSCA DE DIAMANTES – A FORMAÇÃO DIAMANTÍFERA – UMA AVENTURA OFÍDICA – O BURRO É MORDIDO POR UMA COBRA – UMA ESTRADA DE RODAGEM ACIDENTADA – ABUNDÂNCIA DE CAÇA – UMA TARDE ANIMADA – DE CANOA NO SÃO FRANCISCO – DESEMBARQUE EM ITAIPAVA – UM REDUTO DA INDOLÊNCIA – QUARTEL-GENERAL EM PIRAPORA – NOSSO ACAMPAMENTO DISPERSO – COMPANHEIROS – EXCESSIVO CALOR E SECA – AS PLANÍCIES DE PIRAPORA – AS CACHOEIRAS DESCRITAS – A VILA E SEUS HABITANTES – ABUNDÂNCIA DE PEIXES – EFEITOS PERNICIOSOS DA FEBRE – O MAIOR CALOR EXPERIMENTADO NO BRASIL – INSOLAÇÃO – A FAUNA DE PIRAPORA – UMA PRAGA DE COBRAS – A LETARGIA CAUSADA POR OCUPAÇÕES SEDENTÁRIAS – PÔR-DE-SOL NAS QUEDAS E NO PARQUE DE PIRAPORA – UM VISITANTE MUITO CURIOSO, PUNIDO – O DIABO NÃO É TÃO MAL QUANTO SE PINTA – CONCLUSÃO DO LEVANTAMENTO, E RETORNO DE MUITOS DA EQUIPE.

O trabalho foi iniciado na extremidade superior, ou extremidade sul, da seção, em meio ao capim e mato da vegetação de cerrado, às margens de um longo, mas estreito trecho de campos pantanosos. Este pântano ocupa uma depressão ao fundo da terra mais alta das margens enflorestadas do rio, da maneira comum a todo o vale do São Francisco.

No Rio São Francisco

Ele fica trinta e quatro pés acima do nível da água, normalmente baixa do rio, e seis pés abaixo da altura alcançada por uma grande enchente no ano de 1865.

Depois de contornar este brejo pelo terreno mais alto adjacente por cerca de uma milha, as linhas de levantamento afastaram-se de suas flores coloridas, capim e solo de cascalho e penetraram nas sombras escuras e úmidas da floresta, à beira do Córrego do Carambola, um curso de água coleante e tortuoso que cruzava nossa rota. Esta selva é uma massa densa e emaranhada de trepadeiras, sarças, arbustos e árvores, tão enredados, entrançados, embaraçados e enroscados uns nos outros, que quase lembra um muro sólido de vegetação e, embora não tenha mais de 150 jardas de largura, três dias foram gastos abrindo uma passagem por ela.

Depois do Carambola, o terreno se eleva diretamente da orla de florestas do rio

Abrindo uma picada na mata do Carambola.

principal e estende-se em encostas suaves até as terras altas dos tabuleiros; é uma campina relativamente aberta, intercalada aqui e ali com árvores retorcidas e mirradas e arbustos, com afloramentos ocasionais de rochas primitivas, gastas pelo tempo. Os rastros de veados, capivaras e avestruzes eram freqüentemente encontrados no solo de areia e cascalho.

Este braço das terras altas, de cerca de meia milha de largura, gradualmente resvala em sua vertente norte, até a extremidade de outro brejo, numa longa paisagem de capim verdejante, limitado de um lado pela escura floresta das margens do rio e por outro, pelas árvores esparsas do cerrado, ecoando os gritos e chilreios de numerosas aves aquáticas, que ressoavam por toda a sua extensão. As aves eram aquelas comumente freqüentes nestes brejos, ou seja, marrecos[1] (um pato pequeno), garças brancas, socós (abetouros), galinhas-d'água (galeirão), os grandes e feios jaburus-moleques (uma espécie de cegonha), lavandeiras e jaçanãs.

Na extremidade do brejo, outro esporão dos tabuleiros se estende para, e forma ribanceiras altas no rio; ele é muito sulcado por cursos d'água, replenado com grandes matacões de rocha e coberto com belas árvores de floresta, cujos troncos e galhos forrados de musgo e liquens exibem diversas variedades de orquídeas. Esta mata, como é comparativamente desprovida de vegetação rasteira, tem seus bosques sombreados freqüentados pelo gado durante o calor do meio-dia, e são assim profusamente dotadas de meus velhos inimigos, os carrapatos, não em quantidades tão terríveis como nos pastos de Mesquita, em minha primeira seção, mas ainda assim em quantidade suficiente para serem mais que exasperantes. Descendo muitas das valas cavadas pelas águas, há trilhas formadas pelos pés de tapires e capivaras.

Este terreno alto é seguido por outro trecho de brejos que terminam na floresta virgem do Rio Tapera Grande. Esta floresta fica consideravelmente acima do nível das cheias, mas o terreno é tão plano, tão pantanoso e tão densamente coberto de vegetação deteriorada, que nossos pés se afundavam profundamente no chão preto e macio. Num tal solo e clima, a vegetação rasteira, trepadeiras e árvores alcançavam um viço

1. Anas autumnalis.

luxuriante, mosquitos enxameavam em nuvens e os gases fétidos que emanavam dos lodaçais negros e fétidos eram perceptíveis em excesso; mas depois de termos pelejado através dessas sombras pútridas e ganho as margens do Rio Tapera, um cenário dos mais atraentes aparecia diante de nós. *Blasé*, como a gente se torna diante da aparência habitual da vegetação tropical, é preciso deveras não ter alma para deitar os olhos sobre uma tal combinação de efeitos graciosos sem experimentar um arrepio de prazer diante da admirável beleza da paisagem.

Bem lá no alto, acima das águas translúcidas do rio, as grandes árvores da floresta dos dois lados misturam seu delicado traçado de galho e folhagem em longas alamedas de sombra suave, aqui em massas de verdura escura, ali em manchas de esmeralda claro, ou com aberturas para o céu azul que enviam feixes de raios brilhantes de sol sobre as águas sombreadas e murmurantes, como chapas de ouro e prata reluzentes. Grandes cipós e trepadeiras pendem dos galhos, alguns como cabos de navio em linhas retas, a balançar suavemente com os sopros de ar que passam, outros em grandes festões, alguns nus como uma corda, outros cobertos de folhas, flores e parasitas. Palmeiras, samambaias e bambus projetam sua folhagem emplumada a partir dos altos das margens, e formam os lados desta colunata de floresta. O solo vermelho das margens altas é atapetado de massas de convolvuláceas rasteiras, maracujás, e diversas variedades de samambaias e arões. A solidão é profunda e acentuada, imperturbada pelo murmulho da água sobre seu leito pedregoso, pelo pulo de um peixe, ou pelo vôo célere de um martim-pescador verde-bronze, parecendo, ao atravessar um feixe de sol, brilhar como uma esmeralda.

Seiscentas jardas nos levaram através desta floresta pestilenta, mas adorável, para o sol claro dos campos altos e arejados lá fora, seguidos por outro brejo que se estende por quase duas milhas, e termina em outra floresta às margens do tortuoso Córrego do Jatobá. Para lá deste córrego, mais campos se espalham até o Córrego dos Porcos, a 8 milhas e meia do começo da seção.

Depois de passar por este córrego, que, como qualquer outro neste distrito, é ladeado por florestas, alcançamos um terreno mais alto e acidentado, que despenca abruptamente até a beira do rio, densamente coberto de árvores na parte mais baixa e de cerrado na mais alta; este termina em um vale compactamente enflorestado, pelo qual meandra de forma extraordinária o Córrego da Cambaúba, que foi cruzado pela primeira picada não menos que seis vezes, embora sua direção fosse paralela ao curso do rio principal.

Depois que esta dificuldade foi superada, traçando-se outras linhas pelas matas, uma meia milha de campos altos e planos nos trouxe às ribanceiras rochosas e

enflorestadas que acompanham a Cachoeira das Broacas no Rio São Francisco, onde há uma poderosa precipitação de águas descendo uma leve inclinação profusamente crivada de pedras grandes e pequenas, em cujas fissuras e caldeirões abunda o cascalho da formação diamantífera.

Depois da cachoeira, a terra resvala rapidamente para mais um trecho de prados verdes, pantanosos, largos e baixos, que se estendem até o vale arborizado do Córrego da Catinga. Este córrego causou-me bastante dificuldades para evitar travessias repetidas, pois seu curso serpeava e dava voltas entre a mais densa das selvas, onde é impossível avançar umas poucas jardas sem uma derrubada e desbaste árduos. Após atravessarmos esse labirinto de matas e riacho tortuoso, chegamos a um terreno alto coberto de floresta, que forma penedias altas e precipitosas à beira-rio. O rico solo desta última parte continha umas poucas roças e cabanas ribeirinhas, a única parte da riba propriamente dita que era habitada. Ela termina no córrego da Bandeira, onde alcancei os limites da seção de O..

Este esboço rápido, mas ainda assim tedioso, do terreno, acredito que servirá pelo menos para dar uma idéia da configuração da terra à beira-rio desta seção.

A totalidade da extensão do levantamento foi de 11 milhas e um quarto de comprimento e ocupou sessenta e oito dias para completar as medidas e as plantas.

Seis cursos de água consideráveis foram atravessados, variando de vinte a sessenta pés de largura, além de numerosos regatos menores e leitos secos no terreno mais acidentado.

Na aparência, há praticamente pouca diferença entre os aspectos principais desta seção e aquele do alto do rio, pois em ambos os casos há as mesmas longas extensões de lodaçais molhados e poças escuras de vegetação em decomposição nas matas, os mesmos esporões ocasionais dos tabuleiros que se estendem até os cinturões de floresta que cobrem as margens do rio. Mas em um ponto esta parte do rio é diferente: na ausência do limo e lama peculiares às margens e baixios da seção anterior, e nesta seção nenhum homem caiu doente, e consegui recuperar totalmente minha saúde normal. A ausência de febres deveu-se, provavelmente, ao fato de que a estação estava próxima do fim do tempo seco e frio e a temperatura não era excessiva em nenhum momento.

O termômetro variava de 74º a 84º na sombra, de 10 às 16, durante o dia, e de 58º a 72º à noite. Os graus mais baixos de friagem tornaram uma fogueira no rancho agradável e aprazível até 15 de agosto, quando as noites se tornaram muito mais quentes.

Durante a última parte do levantamento, foi erguido outro acampamento no Córrego da Cambaúba, uma situação não tão atraente quanto a muito pitoresca Tapera. Ele foi construído em uma pequena clareira, cercada de grandes árvores de floresta, e

próxima à estrada pública que acompanha o rio, mas dias e dias se passavam, às vezes, sem que se visse um estranho ou vizinho passando por lá. Perto do fim da minha labuta, o tempo foi ficando muito seco e a temperatura muito mais alta; muitos do córregos menores secaram, e mesmo no Cambaúba, poças de água estagnada eram encontradas apenas aqui e ali. Em ambos os acampamentos, no entanto, passei muito bem, as provisões eram baratas e abundantes, obtinha-se carne fresca uma vez por semana, comprando-se um novilho por 15 mil-réis (30 *shillings*). Não havia dificuldade também em obter trabalhadores a um mil-réis por dia, cerca de três vezes o preço local para diaristas.

Um noite, um viajante chegou ao meu rancho e pediu abrigo para a noite. Durante nossa conversa, contou-me que tinha se ocupado, durante os dois últimos anos, da exploração de diamantes, às margens do Rio Paracatu, perto da cidade daquele nome, e teve a bondade de mostrar-me o produto de seus esforços.[2] Ele tirou da mala dois sacos pequenos e, ao abri-los, vi dentro de cada um cerca de uma quarta de pedras pequenas – algumas eram cristais, outras eram perfeitamente arredondadas; elas variavam em cor de uma transparência clara até um preto quase opaco. Informou-me que um saco continha diamantes genuínos; o outro, pedras de uma qualidade com a qual ele não estava familiarizado; em ambos os sacos as pedras eram todas pequenas, muito poucas sendo maiores do que uma ervilha comum, todavia, mesmo assim, seu valor deve ter sido muito considerável e deveria compensá-lo amplamente por sua diligência. Em nenhuma época, ele empregara mais do que seis homens. Estava então a caminho do Rio de Janeiro para negociar suas gemas, mas, se não conseguisse um bom preço, pretendia ir a Paris. O homem pareceu-me o tipo comum de brasileiro do interior.

Todo este distrito, desde o Rio Abaeté, rio acima, a Pirapora, rio abaixo, é uma região diamantífera. Os rios Abaeté, Borrachudo, Indaiá, Sono e muitos cursos menores são todos diamantíferos; eles cortam a grande região do diamante que se estende na direção de Bagagem, em Minas Gerais, Vila Franca, em São Paulo, até o Rio Tibagi no Paraná. O Rio Abaeté, quase em frente do acampamento de D. em Cirga, já produziu alguns dos diamantes mais famosos do Brasil,[3] além de ricas minas de minério de chumbo-prata em um afluente dele chamado Rio das Galenas, explorado antigamente pelos portugueses, quando o Brasil era uma de suas colônias, mas as grandes operações mineradoras nacionais parecem ter cessado com a declaração de Independência do Império.

No Abaeté, as lavras de diamante que ainda existem são trabalhadas da forma mais rude e simples. Uns poucos trabalhadores, chamados garimpeiros, são ocasionalmente empregados para mergulhar na água do rio e encher com pequenas conchas, raspando o cascalho do leito, os baldes e caçambas que são presos à canoas por cordas;

2. Esta ação não implicava nenhum sinal particular de confiança, mas é muito expressiva de um dos melhores traços dessas pessoas, uma confiança uns nos outros e uma relativa ausência de assaltantes, mesmo na região mineradora.

3. Famosos diamantes encontrados no Rio Abaeté: um, pesando 138 1/2 quilates, foi encontrado em 1771 por três criminosos, que o entregaram ao Governo, pelo que os descobridores tiveram seus crimes perdoados. Três outras pedras imensas que pertencem à Coroa de Portugal, um dos quais pesa 215 quilates, e outro uma onça troy, outro 120 quilates. [Dr. Feuchtwanger, *Treatise on gems (Tratado sobre gemas)*.]
O capitão Burton menciona o brilhante Abaeté, encontrado em 1791 por três criminosos, que obtiveram seu perdão como única recompensa; ele dá o peso deste diamante como sendo de 144 quilates. Este é provavelmente o primeiro mencionado acima, embora haja uma pequena diferença no peso e na data da descoberta.

os achados são poucos e raros, como se poderia esperar de um sistema tão primitivo. No entanto, deve compensar, de outro modo não se continuaria a fazê-lo em um país onde cem por cento ao ano não é considerado mais do que um lucro razoável. Um traje de mergulho deve valer a pena em uma localidade como essa.

No Rio Tapera, nas margens, baixios e pedras do Rio São Francisco, neste ponto, a formação diamantífera é freqüente,[4] e qualquer um que já a tenha visto, do mesmo modo que com a formação de ouro aluvial de Minas, raramente se engana.

Em um dia santo, fui com meus homens lavrar diamantes no Tapera. Depois de considerável esforço e de descartar diversas pedras de aspecto atraente, de lindas cores e texturas, um pequeno diamante foi enfim encontrado. Infelizmente, estes espécimes, com muitas outras curiosidades, foram, um ano depois, perdidos em um naufrágio em corredeiras de Goiás.

Dentre os incidentes que ocorreram durante o trabalho, houve o caso de um dos homens que escapuliu por um triz de uma cobra nas margens do Carambola. A picada tinha sido aberta já há alguns dias, e eu a estava atravessando com o nível. Nesta ocasião, eu estava de pé no alto do barranco ajustando o instrumento; todos os homens, exceto um, tinham cruzado a água descendo por um tronco que caíra barranco abaixo dentro do rio e já haviam alcançado o lado oposto, quando um deles, olhando por acaso, e por sorte, para trás, no momento em que o último homem estava atravessando, percebeu uma enorme jararacuçu venenosa, enrolada sob os galhos da árvore caída, com a cabeça levantada e pronta a dar o bote nas pernas descobertas do homem que estava no momento descendo pelo tronco, com o rosto virado na direção oposta à da cobra. Os homens, vendo o perigo, gritaram imediatamente para ele: "Pula, pula, Martiliano, cobra!" Martiliano teve suficiente presença de espírito para não hesitar um instante e pulou na água exatamente no momento em que o réptil lançava sua cabeça peçonhenta. "Cruz! Ave-Maria! Ó que cobrão mangangava!"[5] O "bicho" não tentou fugir e foi logo após eliminado com pancadas de paus compridos cortados às pressas para este propósito. Ela tinha 8 pés e 4 polegadas de comprimento, um tamanho incomum e raramente visto nesta espécie; os homens disseram que nunca tinham visto uma tão grande. Poucos dias depois, outra foi morta na mesma vizinhança, medindo quase seis pés de comprimento, também bastante maior que o tamanho médio.

Em outra ocasião, ao fim de um dia de trabalho, ao montar meu, normalmente, tranqüilo burro velho cinzento, ele surpreendeu-me ao empinar de repente, dando mostras de grande terror; uma cobra foi vista então deslizando entre suas pernas e enfiando-se no mato. Os homens a procuraram, mas sem resultado. Ao examinar o burro, umas poucas gotas de sangue foram encontradas na parte interna superior de

4. "Formação diamante" é o nome dado no Brasil aos diversos minerais que são encontrados acompanhando o diamante quando ele existe nos leitos ou praias dos rios. Os nomes dados à aparência das diferentes pedras e substâncias pelos nativos nem sempre indicam materiais iguais; por exemplo, uma sustância conhecida como esmerim ou esmeril é sempre encontrada no fundo de uma bateia de garimpeiro, misturada com os grãos de ouro, e é também vista nos bancos de areia auríferos ou diamantíferos. Ela aparece em forma de grãos cristalizados pretos de formas diversas e pode ser pedaços de turmalina ou ferro puro, ou lascas de minério de ferro, ou tantalato, ou ferro titanífero, ou piritas de ferro, ou mesmo platina, paládio ou irídio. Os demais constituintes da formação são conhecidos como cativo, fígado de galinha, fava, feijão, pingo d'água, caboclo, ferragem, pedra de santana, osso de cavalo, palha de arroz, agulha, casco de telha, ouro, e o mais geral e abrangente cascalho. O último nome significa uma brecha [na acepção geológica (N.T.)], que consiste de argila ferruginosa, cristais de quartzo, areia, e fragmentos de óxido de ferro. Os termos anteriores representam partículas de topázio, berilo, crisoberilo, turmalina, cianita, amatose, espinélio, corindo, granada, jaspe, itacolomita, feldspato e ouro. Em outras partes do Brasil, como a Serra de Santo Antônio, na nascente do Rio Jequitinhonha e na Serra do Mato da Corda, os diamantes também são encontrados incrustados nas rochas de itacolomita destas montanhas. A formação mais rica é um conglomerado duro ("canga"), freqüentemente encontrado sobre camadas de mármore.

5. Mangangava é sem dúvida uma palavra de origem africana; é freqüentemente usada por alguns mineiros como um superlativo que expressa o tamanho avantajado de qualquer espécie de inseto, réptil ou quadrúpede.

sua perna direita da frente. Eu sempre carregava comigo, como antídoto contra mordidas de cobra, uma garrafa de amônia líquida; um pouco dela foi aplicada na ferida que se supunha ter sido feita pela cobra, e um homem foi enviado para buscar uma garrafa de cachaça da Fazenda do Saco, lá perto. Ele voltou logo, e o velho cinzento foi forçado a engolir todo o conteúdo da garrafa. Apreciou muito seu remédio e, depois de um tempo considerável, como não parecia pior, fui montado nele para casa. Mais tarde não apareceu qualquer sinal de envenenamento, e a garrafa de cachaça parece ter feito muito bem ao velho companheiro; ele chegou na hora costumeira na manhã seguinte para ganhar o seu milho e não apresentava o menor vestígio da "carraspana". A cobra era provavelmente uma da tribo das jibóias, ou talvez uma cobra verde inofensiva.

Como exemplo das dificuldades de transportar, nestes ermos, quaisquer artigos volumosos demais para se carregar sobre uma mula, posso descrever a remoção de meus objetos domésticos de Tapera até minha residência em Cambaúba.

Depois de levantar muitas objeções, meu vizinho Cândido foi finalmente persuadido a se encarregar da tarefa e, no dia combinado, trouxe um carro de bois velhíssimo e dilapidado e seis bois, com arreios tão velhos e desgastados quanto o carro; o gado era muito novo, em más condições e sem treino para o trabalho. A partida do carro carregado foi feita entre um tal tumulto de ruídos, uma tal gritaria dos homens que aguilhoavam os animais; estes berravam e escoiceavam, e os eixos sem lubrificação do carro, quando se pôs em movimento, rangiam e chiavam como uma gaita de fole escocesa. Os animais puxavam em direções opostas, como fazem duas formigas, quando querem arrastar um peso impossível por uma folha de grama; a carroça chocava-se contra as árvores; a cada poucas jardas, algo dava errado com os bois, ou o arreio, ou o carro, algo quebrava ou cedia, e os diversos córregos que cortavam a estrada eram cenários de grande excitação e confusão. Cândido tinha tentado fazer passagens cavando as barrancas do rio para transformá-las em rampas.

Ao chegar nessas descidas, o carro era virado ao contrário e puxado para trás até que as rodas alcançassem a inclinação; depois, quando ele começava a descer por seu próprio impulso, todos gritavam o mais alto que podiam e incitavam e aguilhoavam os pobres bois, para forçá-los a puxar contra a descida do carro; mas o último, ganhando impulso, disparava pela rampa, arrastando os animais em um perfeito *mêlée* . Eu esperava ver um caos misturado de carro e bagagem e bois na água do fundo, todos de cabeça para baixo, mas fora um bom lançamento, e todos aterrissaram na extremidade certa. Depois de um longo atraso e muita confusão, o carro foi virado para a frente de novo; e então seguiram-se mais pancadas e aguilhoadas e gritaria, para animar e inci-

tar o gado a arrastar o pesado carro rampa acima do lado oposto. Foi feita tentativa após tentativa, sem sucesso, e por fim a bagagem teve de ser retirada pelos homens e carregada sobre suas cabeças barranca acima, quando então, com grande dificuldade, o carro vazio foi arrastado depois de muitos malogros mais, as mesmas cenas se repetindo a cada córrego. A distância total era de apenas sete milhas, e todavia foram necessários dois dias para percorrê-la.

Minha vida nesta seção era tudo menos tediosa, pois meus companheiros acima e abaixo trocavam visitas, ou ficavam comigo um ou dois dias a caminho do quartel-general, onde iam a negócios ou para sua permanência final lá.

Havia caça abundante neste distrito, mas como o levantamento estava atrasado, não havia tempo a perder com diversões.

A uma distância curta do segundo acampamento, na floresta à beira do Cambaúba, havia um grande saleiro em um rochedo de solo vermelho ocreado, um buraco parecido com uma caverna, escavado pelos dentes, línguas e garras de todo tipo de animal. O terreno em volta mostrava rastros frescos das patas de veados, capivaras, antas, pecaris, pacas, e animais menores; e havia até mesmo rastros de onças. Eu quis, muitas vezes, ir lá à noite e tentar a sorte no tiro, mas a fadiga do longo dia de trabalho raramente deixava-me ânimo suficiente para que me sentisse disposto a ficar de tocaia, pendurado em uma árvore, na escuridão e solidão da noite na mata.

Certa noite, tivemos uma ocasião bastante festiva; as carroças de W., E., e C. chegaram todas simultaneamente em Cambaúba, acompanhadas pelos camaradas e o próprio C.. Muitos dos homens, antigos seguidores de meus amigos, estavam mais ou menos excitados com o término de suas labutas em tantas milhas de matas e pântanos, e estavam evidentemente resolvidos a ter uma noite animada; e nós também, sem restrição, apoiamos sua vontade. Os violões logo apareceram e os grupos se postaram no terreno de capim para dançar o batuque.

Uma bela lua cheia espiava por entre as folhas balouçantes de uma palmeira e irradiava sua luz clara, brilhante e fria sobre o quadro e, reluzindo na folhagem da floresta circundante, fazia seus recessos escuros parecerem mais negros com o contraste. Uma fogueira queimava alegremente no chão e distribuía seus raios bruxuleantes sobre a fileira de carroças, os ranchos de sapé, as figuras reclinadas ou em movimento dos homens, os troncos das árvores e a folhagem da vegetação rasteira. Os refrães estranhos e selvagens, os passos arrastados da dança ecoavam e ressoavam entre as árvores; e, nos intervalos de silêncio momentâneo, os gritos de um curiango, o bacuri, chamando *ba-cu-ri, ba-cu-ri* eram ouvidos vindo das profundezas silenciosas e sombrias da floresta. Era um quadro pitoresco, e a atmosfera quente, o negrume e solidão em volta, as figuras

deslizantes dos homens agrestes, e sua música selvagem, tudo se harmonizava um com o outro na estranheza da cena e do som. Nós também estávamos exultantes com a aproximação do término de nosso trabalho, como se sentem os meninos à véspera das férias, e nos juntamos entusiasticamente às festividades dos trabalhadores.

Era tudo tolo e infantil, talvez, mas essas ocasiões turbulentas de então serão lembradas por muito tempo ainda, quando tantas diversões mais tranqüilas e respeitáveis que vivenciamos em nossa pátria já se tiverem esmaecido e se apagado da memória.

Um dia ou dois mais tarde, quando terminei o trabalho e abandonei a desejável *villa* familiar que era minha residência, para o benefício de qualquer viajante surpreendido pela noite, resolvi tentar descer de canoa até Pirapora e aluguei para este fim uma canoa escavada no tronco de uma única árvore e uma tripulação de dois remadores.

Era uma linda manhã quando tomamos a correnteza, aos primeiros clarões da madrugada do dia 24 de setembro; a neblina pairava em meio às árvores das margens, e o rio fumegava na atmosfera fria. A tripulação fazia o seu trabalho de pé, um na proa e um na popa da embarcação, com pesados remos de aroeira de seis pés de comprimento em suas mãos; eles cortam as águas com pancadas rápidas e poderosas, sempre bordejando a bombordo e pilotando com uma virada ocasional da lâmina. Ora, isto é que é luxo, não posso deixar de pensar, ao reclinar-me preguiçosamente no fundo da canoa; isto é muito preferível ao sacolejo do burro, deslizar assim para adiante tão rápida e suavemente, ao longo das ribanceiras e da floresta eterna, tão interessante em suas combinações cambiantes de forma e cor.

Em alguns lugares, as águas comeram partes das barrancas e fizeram cair os troncos imponentes; alguns ainda mostram a terra vermelha em volta das raízes e as folhas verdes nos ramos parcialmente submersos, que criam pequenos redemoinhos quando as águas passam por eles em seu caminho incansável para o oceano; outros caíram já há tanto tempo que o sol e a água descoraram e acinzentaram suas formas esquálidas, cobertas de limo e do entulho agarrado das cheias passadas; nestes galhos estendidos fica o pouso favorito do martim-pescador azul-bronze, das garças brancas e mergulhões.

Há muitas corredeiras pequenas, onde passamos velozmente por pedras pretas polidas e gastas pelas águas, ou por baixios e espraiados de seixos redondos da formação diamantífera. Um brisa forte sopra correnteza acima e tempera o calor do sol que monta cada vez mais alto no céu, agora azul e sem nuvens. As margens reluzem com a folhagem brilhante e cintilante, as flores rasteiras e a terra vermelha, tão diferente das praias e vegetação inteiramente cobertas de limo do alto do rio. Garças brancas e grandes borboletas peroladas deslizam à superfície da água adiante de nós, papagaios e periquitos palradores e barulhentas cigarras gritando, e chiando, e berrando e assobi-

ando unem-se em um concerto ruidoso e desarmônico, suavizado pelo sussurro e burburinho das águas. "Ô bicho gordo!"grita a tripulação quando uma capivara desajeitada mergulha no rio com um sonoro borrifo, e desaparece no fundo da água.

Passamos por diversos casebres ribeirinhos, lugarezinhos insalubres, sujos, decadentes e invadidos pelas ervas, apodrecendo com a umidade e prontos a desabar de tão decrépitos; eles são como feridas feias na vívida paisagem, onde a natureza é tão linda e generosa e pronta a pagar com tanta liberalidade o resultado de um pequeno esforço.

Por volta de 11 horas da manhã, desembarcamos em uma praia clara e pedregosa para o desjejum e ferver o indispensável café. Os homens tinham conquistado merecidamente uma pequena pausa, pois tinham estado remando continuamente por cinco horas sem parar – e manejar aqueles remos pesados, mesmo por pouco tempo não é brincadeira; mas os sujeitos pareciam muito relaxados e frescos, e nem um pouquinho fatigados. Vinte minutos depois, estávamos de novo a caminho.

Se a presença da formação diamantífera é alguma indicação da existência daquele tesouro tão procurado, deve haver um campo inestimável para a sua exploração nesta parte pouco conhecida do Rio São Francisco, pois por toda parte, nas praias e baixios, e nas "panelas" das rochas, a formação existe e se estende por todo o caminho até Pirapora; há de chegar sem dúvida o dia em que este vale será habitado por uma raça mais enérgica e empreendedora e seus mananciais de riqueza desenvolvidos.

Perto do meio-dia, o vento, que tinha estado soprando com frescura em nossos rostos durante toda a manhã, caiu repentinamente, e o sol violento passou a derramar seus raios escaldantes na superfície de aspecto oleoso da água com fervor redobrado, fazendo-nos sentir como se estivéssemos colocados de frente para uma imensa fogueira para ser tostado; mas, apesar da intensidade do calor, a tripulação seguia labutando sem esmorecimento, de um modo que só podia despertar admiração.

É tão estranho que estas pessoas, geralmente tão preguiçosas e dissolutas, possam ocasionalmente ser capazes de um tal ímpeto de trabalho extremamente duro como este, sustentado sem uma pausa por nove horas, com exceção apenas do pequeno intervalo para o desjejum.

Lá pelas duas horas, tivemos alguns momentos de excitação, quando deslizamos pelas corredeiras da Cachoeira da Formosa; a velocidade era magnífica e a pilotagem excelente; eu podia freqüentemente tocar as pedras pretas com a mão estendida enquanto acelerávamos por um dos canais estreitos. Seguiu-se um longo curso reto de seis milhas de águas tranqüilas, que nos levou a nosso destino, às 3 da tarde, em Itaipava, ou Itahypava, um vilarejo uma milha ou duas acima de Pirapora. A viagem fora de trinta e quatro milhas, e o tempo realmente gasto fora de oito horas e meia, o que não

é má canoagem, especialmente quando, na maior parte do tempo, um forte vento de proa estava contra nós e só tínhamos a ajuda de uma correnteza lenta a nosso favor.

Escalando as íngremes barrancas de pedra e terra, encontrei-me defronte de uma planície larga e extensa, chata como uma mesa e ralamente coberta com tufos esparsos de capim duro e curto e salpicada aqui e ali por fileiras e grupos de árvores; próximo ao local do desembarque, havia algumas dúzias de casinhas de pau-a-pique, velhas e dilapidadas, parcialmente escondidas atrás de arbustos, árvores e palmeiras, incrivelmente pitorescas, mas desagradáveis de contemplar; os lares desleixados da preguiça irremediável, e que constituíam o vilarejo de Itaipava.

Passando por esses casebres sem porta, vêem-se os homens e muitas das mulheres balançando em suas redes; pois eles desperdiçam seus dias dormindo, e suas noites em orgias de cachaça e canções e danças selvagens. Um mínimo de trabalho é suficiente para obterem o pouco de que necessitam; eles não desejam mais e estão provavelmente muito satisfeitos e, conseqüentemente, felizes à sua moda, e talvez devam ser invejados por aqueles que apreciam as delícias de um porco que chafurda na lama e se aquece ao sol.

Paguei aos homens seu preço estipulado e merecido de dez mil-réis, que lhes proporcionará uma "diversão" entre suas amigas sonolentas no vilarejo e em Pirapora. Despedi-me deles, ao que responderam "Até outro dia, se Deus quiser". Eles dariam a mesma resposta mesmo se tivessem plena certeza de não haver possibilidade de jamais nos encontrarmos novamente.

Uma caminhada de uma milha através da planície reta e árida de capim levou-me à cabana de C. e B. G., na orla de um amontoado de árvores. Meu ex-assistente ainda estava enfermo e quase não tinha trabalhado desde que eu o levara para Bagre, naquele dia memorável da longa cavalgada, em Buriti Comprido.

Mais tarde fui para o acampamento do quartel-general, a cerca de uma milha de distância, que consistia de cinco ranchos e duas barracas, construído sobre uma leve elevação acima da planície e próximo a um riacho cercado de árvores esparsas e mato.

Fora decidido que todo o trabalho de finalização, estimativas, projetos de obras-de-arte, o desenho de todas as plantas e seções, etc., seriam feitos e completados em Pirapora. A perspectiva de pelo menos três meses de trabalho sedentário de escritório nesta região, excepcionalmente quente e de modo algum saudável, não era nada agradável de imaginar. Cada engenheiro tinha de montar seu acampamento onde quisesse, mas foi sugerido com firmeza, e talvez com sabedoria, que não deveriam ser vizinhos próximos. Pois quando um homem está só, ele naturalmente trabalha com afinco para matar o tempo e a solidão.

O jovial C. acabava de chegar agora de uma visita a F., que ainda estava trabalhando na última seção que terminava em Pirapora. Voltamos juntos para o seu rancho e lá cumprimos o programa habitual, mas depois de algum tempo, a conversa vai minguando por falta de assuntos novos; todas as "boas histórias" já estavam no último fio, e C. recorreu a seu infalível tema, o críquete; meus olhos foram se fechando e a última coisa que ouvi foi uma zoada confusa de velhos Cobbits, pás com cabos que pareciam cilindros de tear, Grace, bolas e cem jardas.

Na manhã seguinte, puxa! que calor fazia! não parecia mais a região à qual nos tínhamos acostumado, mas mais como as manhãs abafadas que se experimentam às vezes no Rio, na estação quente; uma névoa de calor pairava sobre as planícies, o ar estava pesado e sufocante; tudo, o solo, o capim, as árvores e o mato, parecia crestado com o calor seco, e nem um regato havia por perto para um mergulho.

Fui, em companhia de B. G., ver Pirapora e sua famosa cachoeira e procurar um lugar para acampar. Meus homens tinham, entrementes, chegado com minha bagagem e meu velho burro cinzento, o último carregando a macaquinha empoleirada em seu assento favorito, no topo da cabeça do burro. O terreno que cobre as duas milhas intermediárias é perfeitamente plano; e enquanto galopávamos, ele reverberava sob os cascos dos animais e soava como se estivéssemos galopando sobre tábuas cobertas de pano ou outro material macio. Descobri mais tarde que a planície consiste em um imenso platô de rocha coberto com apenas uma ou duas polegadas de solo, apresentando tufos esparsos de capim curto, seco e duro.

Esta planície é quase inteiramente falta de árvores, mas é circunscrita por grupos isolados delas e de arbustos. Perto de Pirapora há uma depressão rasa de terreno onde corre um riacho sobre camadas de rocha, cercado de vegetação de cerrado; bem próximo havia um velho casebre de adobe em ruínas, que eu adotei como alojamento para os trabalhadores, e tomei providências para a construção de meu rancho e montagem de minha barraca. Para lá dessa localidade, a vegetação é mais densa, e ao chegar em Pirapora, cerca de meia milha adiante, encontramos grandes árvores crescendo às margens do rio. A cidade e a cachoeira se abriram simultaneamente à nossa vista, o rugido das águas já ouvíamos a uma milha de distância.

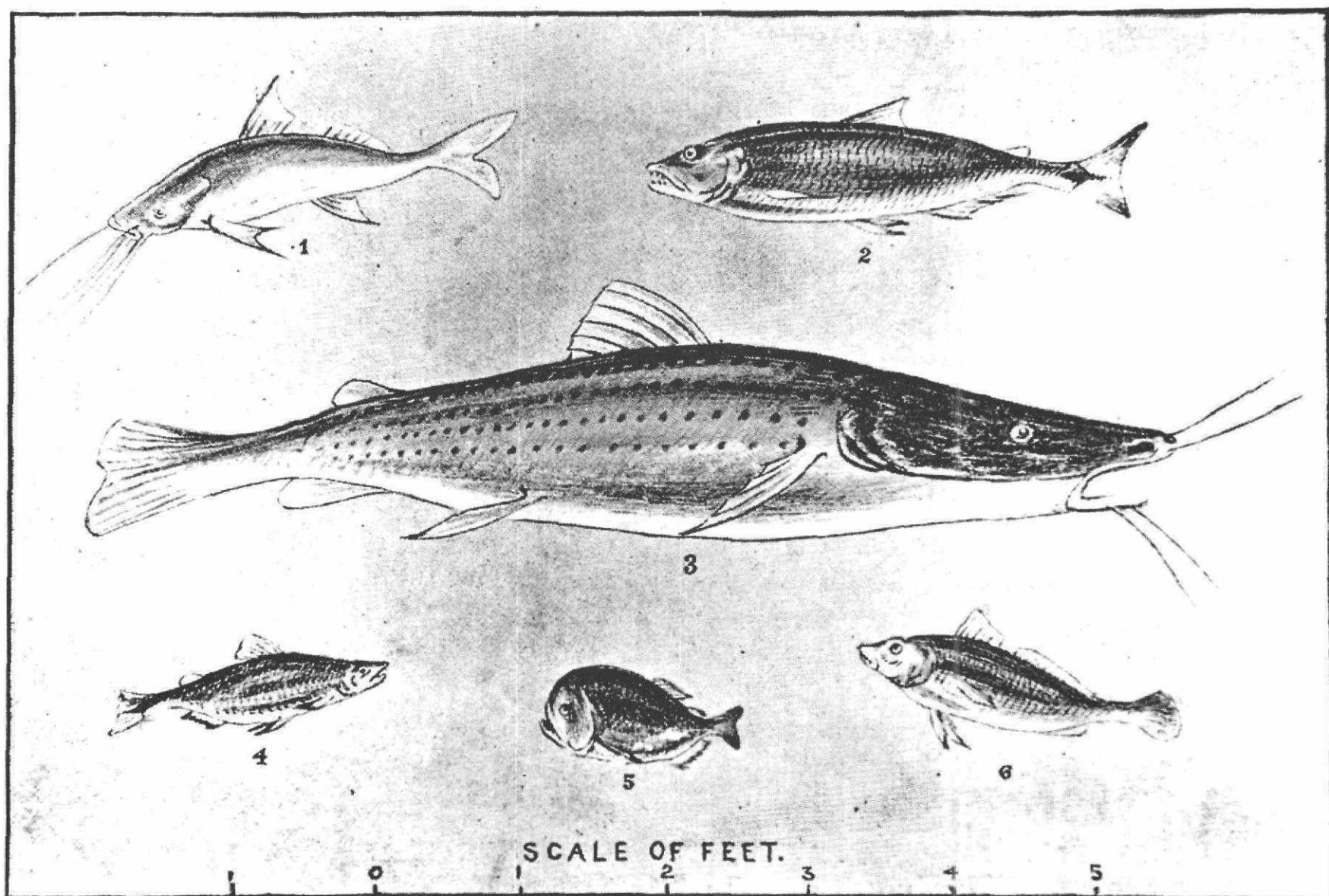
Finalmente eu via diante de mim a meta pela qual tínhamos lutado tanto tempo através de tantas milhas de floresta e pântano. Levando em consideração o fato de que estas cachoeiras são, depois da grande cascata, formada na nascente do rio na Serra da Canastra, e as magníficas quedas de Paulo Afonso, mais abaixo, já na Bahia, as que se seguem em importância em um rio de 2.000 milhas de comprimento, a primeira impressão é, sem dúvida, desapontadora quanto a sua grandeza, todavia, ela é "alguma

coisa". Bem em frente de nós, surgia o rio, 1.700 jardas de largura de água espumante, suja e amarela, despencando em turbilhões, salpicada de pontas, pináculos ou superfícies planas de rochas negras; mais abaixo da correnteza já não aparecem pedras, e as águas, ampliando-se até 3.500 pés, fluem placidamente; mas correnteza acima, vêem-se duas quedas distintas causadas por duas barras de rocha chata que atravessam o rio de lado a lado, a superior tem um comprimento de cerca de 100 jardas, e funciona como um dique para o rio que furou um canal principal no meio e diversos menores do lado oeste, a face deste muro de rocha extremamente dura foi maravilhosamente esculpida pela ação das águas nas cheias, formando cavidades, galerias, botaréus, fendas, pilares e pontas; a queda é de apenas seis pés, aproximadamente, e abaixo desta há uma segunda barra larga de pedras, variando de 50 a 150 jardas de comprimento; a superfície desta barreira mais baixa também foi desgastada e esculpida em formas variadas, principalmente bacias fundas ou caldeirões, cheios de água, pululantes de peixes, e formando aquários naturais; os fundos desses buracos são cobertos de seixos da formação diamantífera. Mais uma queda de cinco pés no meio e no lado oeste desta parede mais baixa termina as rochas esparsas e águas em torvelinho das corredeiras à nossa frente. O total de ambas as quedas é de apenas cerca de 13 pés, e quedas e corredeiras mal excedem 1.000 jardas de extensão.

Estou novamente seguindo os passos do Capitão Burton; ele descreve a substância das rochas de Pirapora, como "geralmente um gnaisse (*grauwacker sandstain, gris traumatico*)[6] duro e compacto, de matiz púrpura-claro, salpicado de mica, branco cintilante." *Grauwacker* é um nome bem difícil, e seu som, arenoso e duro o suficiente para transmitir uma impressão da extrema dureza destas rochas, que tinem como metal, quando golpeadas com um martelo; o grão é extremamente fino, fechado e de uma cor neutra; o estrato, horizontal.

O arraial de Pirapora é um ajuntamento de trinta e seis casebres de pau-a-pique e palha, dilapidados e caindo aos pedaços, que estão colocados em uma linha irregular em grupos de dois ou três, ou isolados, divididos por restos de cercas e por arbustos e árvores; todos eles dão para o pé das corredeiras e são paralelos à margem; e, com apenas duas exceções, todos estão amparados com escoras para evitar desabamentos. As barrancas, que se elevam a cerca de cinqüenta pés acima da água, são coroadas por diversas árvores magníficas, pitombeiras e gameleiras, em cuja umbrífera sombra os poucos negocinhos e mexericos dos moradores são entabolados.

A vista da rua quente e arenosa, se pitoresca, certamente não oferece nenhum elemento de conforto, ou qualquer atrativo que faça dela uma localidade agradável de se viver. Lá, aqueles desprezíveis animais, os porcos do interior brasileiro, esquálidos e

6. M. Halfield, em seu *Survey of the S. Francisco*, descreve a rocha de modo similar como *Gres traumatico*, *Grauwacken sandstein*.

Alguns peixes do Rio São Francisco.
1. *Mandim*
2. *Dourado*
3. *Surubim*
4. *Matrinxã*
5. *Piranha*
6. *Curvina*

de pernas compridas, perfeitos fantasmas da raça suína, vagueiam às dúzias; um pobre cavalo ossudo, de olhos pesados e joelhos valgos, permanece pacientemente sob o sol escaldante, amarrado a um poste à beira da estrada; uns poucos homens se encontram deitados sob as árvores, alguns adormecidos em toda a atitude de frouxa preguiça, outros jogando cartas ou fumando cigarros; umas poucas mulheres passam vestidas com saias estampadas e batas brancas, grosseiramente bordadas (estas últimas cobrindo apenas um ombro), lenços ou xales azul-berrantes ou vermelhos cobrem suas cabeças e costas. Crianças morenas e negras, nuas, de barriga inchada, brincam e rolam umas sobre as outras na estrada poeirenta, sem ligar para os cascos de nossos animais.

As mulheres são todas morenas ou negras e desgraciosas, as velhas, verdadeiras

bruxas; os homens são mais morenos e mais negros que as mulheres; todos, tanto machos como fêmeas, têm faces soturnas e carrancudas, seus cenhos cerrados são fixos e constantes e revelam suas vidas tediosas e desperdiçadas e suas paixões desregradas. O Capitão Burton conta, passando por aqui, que "Suas peculiaridades principais eram as enormes traineiras e peixes grandes, abertos e pendurados em varais para secar. O povo não exporta essa produção, vendendo-a apenas a tropas de mula que passam." E mais adiante, "Cerca de uma dúzia de homens tirando diamantes de uma panela entre dois matacões, profundamente sulcados pela ação conjunta da areia, do cascalho e da água. Por pedras pequenas e sem valor, eles pediam por *rintem* (dois grãos), de 12$000 a 14$000, algo acima dos preços londrinos." Sua visita fora feita há uns oito anos antes da minha e, aparentemente, por suas descrições, o lugar está em um estado ainda maior de decadência do que quando ele esteve aqui; pois durante minha estada de três meses, não vi um só arrastão, nem uma mula no distrito além da nossa, que dirá as tropas de mula que ele menciona como compradores do peixe seco; nem pude achar diamantes para comprar, nem grandes, nem pequenos.

Este lugar, pela abundância de magníficos peixes que a cachoeira deposita nos caldeirões das rochas (e só é necessário um menino com uma lança para obter qualquer qualidade ou tamanho de peixe que se queira) fornece a principal fonte de alimentação de seus habitantes[7] e seu único estímulo para qualquer esforço que seja é para conseguir cachaça, roupas de algodão e um pouco de farinha.

Perto das quedas, sobre as margens, havia montes bem altos de seixos que tinham sido tirados das frestas, caldeirões e galerias das rochas pelos garimpeiros, em épocas passadas.

Não pude obter nenhuma informação local sobre quando as lavras tinham cessado, além de um "Ora! já faz muitos anos". Nem uma vez, durante toda a minha permanência lá, vi qualquer tentativa de se garimpar os novos depósitos dos caldeirões, seja em busca de ouro ou diamantes, que necessariamente devem estar se formando constantemente, nem tentei eu mesmo, pois tinha meu trabalho e obrigações para cuidar.

Continuando nosso passeio pela vila, passamos, em sua extremidade oposta, por umas matas nanicas abertas, cheias de arbustos floridos e consideráveis massas de belos arões em flor, e depois chegamos a uma depressão rasa, longa e larga que passa no fundo da vila, a uma considerável distância correnteza abaixo; embora o solo seja muito seco ali, seu capim era todavia fresco e verde; nas bordas da depressão, a terra se eleva um pouco e é coberta de um belo relvado, pontilhado de grupos de árvores cercadas em suas bases por muitas variedades de flores; a aparência geral da terra aqui é bastante similar à de um parque.

7. São os seguintes os nomes dos peixes mais comumente encontrados no rio:
Surubim, um peixe grande, sem dentes, sem escamas, atingindo freqüentemente 6 pés de comprimento. Grandes quantidades deste peixe são pescadas e salgadas.
Curumatã, dourado e matrinxã, todos excelentes peixes da família dos Salmodídeos; têm uma média de dois, 3 e 2 pés de comprimento respectivamente.
Pirá, 2 ½ pés de comprimento. Traíra, 2 pés de comprimento.
Mandim e pocomó. O primeiro lembra um pouco uma savelha em forma e cor, mais uma série de bigodes longos nos lábios superior e inferior. Este peixe emite um som parecido com o grunhido de um porco.
Os outros peixes, por ordem de tamanho, são: bagre, piau branco, curvina, cascudo, piranha e piaba, e há centenas de variedades menores.

A três milhas da vila, encontramos o acampamento de W. Ele sofrera longa e terrivelmente os efeitos da febre, mas embora ainda cheio de ânimo e energia, sua saúde estava tão abalada que ele não pode prosseguir na segunda expedição para o Tocantins.

Em poucos dias, meu acampamento estava pronto e eu comecei a trabalhar de novo; mas, naqueles dias de outubro, o calor se tornara intenso, mesmo sob o espesso telhado de capim e com os lados e cantos da cabana bem abertos e o interior ventilado, o termômetro registrava 109º (F).[8] Trabalhar com desenho ou escrever neste calor tornou-se quase impossível, o suor escorria até o papel, tão copiosamente que uma toalha tinha de ser estendida na mesa em frente a mim. Não havia um sopro de ar em lugar nenhum e, do lado de fora, o solo duro e rochoso irradiava nuvens de calor vibrante e sufocante; mesmo a água do rio era quente, não havia frescura em lugar nenhum.

Em uma ocasião, tendo de ir ao quartel-general e precisando de exercício, fiz a bobagem de sair no calor excessivo do dia para caminhar as duas e meia milhas intermediárias através da planície sem sombra; a apoplexia foi a conseqüência de minha atitude impensada. Encontrei-me vagando sem rumo e sem direção, minha memória completamente perdida, incapaz até de reconhecer onde estava, o calor parecia sufocar-me. Sentia-me como se os raios do sol fossem o calor de uma fornalha. Lembro-me de ter-me deitado no chão e me arrastado sobre o chão seco em uma busca desesperada pela sombra das poucas polegadas de capim escuro e ressequido; por sorte um cavaleiro passou naquele momento, levantou-me, colocou-me sobre seu cavalo e carregou-me para o rancho de C. Disseram-me mais tarde que entrei andando normalmente, mas não reconhecia ninguém e estava inteiramente delirante; aplicações externas de água fria na cabeça, rosto e peito, e internas de conhaque com água fizeram-me adormecer. Só acordei tarde na manhã seguinte, sentindo-me muito confuso quanto ao tempo e o lugar, mas gradualmente essa sensação desapareceu e, à noite, tendo ficado quieto o dia todo, eu estava já convalescente.

A vizinhança de meu acampamento abundava em extraordinárias quantidades de aves, animais pequenos e répteis, consistindo principalmente do grande tucano ariel,[9] de pescoço dourado, dorso e asas preto-púrpura lustroso e peito vermelho escuro; pica-paus de crista vermelha;[10] os papagaios verdes comuns;[11] pombos torcazes,[12] o barulhento xexéu amarelo e preto (ou tordo-dos-remedos brasileiro);[13] o magnífico sangue-de-boi carmesim,[14] e nas planícies, as emas brasileiras,[15] diversas espécies de piprídeos e cantadores, pombinhas, a maria-preta preto-e-branca, o joão-de-barro, o bem-te-vi, e colibris,[16] e nas pedras da cachoeira havia considerável quantidade de guarás ou íbis, em duas variedades (uma preta e a outra rosa-claro);[17] colhereiros

8. Este é o maior grau de calor que já senti em qualquer ponto do Brasil durante uma experiência de dezessete anos em diversas partes do Império.

9. *Ramphastos Ariel.*

10. *Dryocopus galeatus*, e *picus canipilcus.*

11. *Psittacus brasiliensis.*

12. *Cardophaga*, sp.

13. *Cassicus persicus.*

14. *Dicholophus cristatus; palamedea cristata, Gmelin*; e *saria dos Guaranis.*

15. *Rhea americana.*

16. Entre os colibris estavam os de bicos extraordinariamente longos e retos, os bronze-esverdeados *Docimastes ensiferus*, o *Bourcieria torquata*, de crista púrpura e peito como flocos de neve, e o belo e comum *Chrysolampsis moschitus*, de peito dourado.

17. A variedade vermelha é a *Ibis rubra* ou *tatalus rubra.*

carmim-claro,[18] mergulhões, e lindas garças brancas. Nos brejos molhados, acima de Itaipava, eram vistos o jabiru-moleque, uma feia cegonha gigante,[19] numerosos jaçanãs[20] comuns, que se encontram em quase todo brejo no Brasil junto com as galinhas-d'água e uma espécie de maçaricão; as graciosas marrecas; e em alguns dos córregos, o belo e grande pato do mato.

No cerrado próximo ao meu rancho, havia também quantidades muito consideráveis de coelhinhos pequenos (a única espécie que eu vi desde que estava no Brasil, e, como os piraporanos não gostavam de comê-los, e não os molestavam, eles eram conseqüentemente tão mansos que poderiam ser abatidos com um pau); o gracioso e bonito veado do campo era visto apenas raramente nas planícies; havia também numerosas preás, que lembram um pouco um porquinho-da-índia pequeno, castanho-escuro; quatis e cotias, que eram freqüentemente trazidos para mim, para que os comprasse, pois sua carne é excelente.

De répteis, havia duas espécies de tatus, e diversas de lagartos, entre os últimos, o grande tejuaçu[21] preto, de mais de quatro pés de comprimento; as bonitas iguanas verde-azuladas, de papo macio, aqui chamadas camaleões;[22] estes últimos, que muitas vezes chegam a quase três pés de comprimento, costumam dar uma pancada com suas caudas longas e finas, como o golpe de um chicote de cavalo; a pancada é tão forte que, ao caçá-los, fui muitas vezes atingido por elas e senti o golpe mesmo quando minhas pernas estavam protegidas pelo couro de minhas botas de cano alto.

Provavelmente devido à presença de número tão considerável de coelhos, meu acampamento e suas cercanias eram extraordinariamente infestados por cobras de diversas espécies. Um dia, quando eu estava curvado sobre minha mesa trabalhando, meu criado, Adão, que acabava de entrar com seus pratos, parou de repente na porta e gritou: "Oi! Senhor Doutor, Oi! cobra!" Virei-me rapidamente e vi uma longa caninana amarelo e preta, pendurada como uma corda, a extremidade de sua cauda enrolada nos caibros, e sua cabeça a poucas polegadas da minha. Uma porretada com uma vara logo deu conta do bicho. Não é uma cobra venenosa; mas é assustadoramente desagradável encontrar-se de repente a uma distância tão pequena de tal réptil.

Em outra ocasião, um dos meus colegas tinha vindo visitar-me, mas não me encontrando em casa, tinha se ajeitado em uma rede muito frouxamente pendurada para esperar o meu retorno. Quando eu cheguei e entrei na cabana, vi uma pequena jararaca enrolada no chão abaixo do meu visitante adormecido e outra cobra marrom enroscada nas cordas de uma extremidade da rede. Gritei e acordei meu colega que cochilava e aí foi engraçado ver a cara apavorada com que ele, apressado, lutava sem sucesso para sair de sua cama funda, até que um pau matou os répteis e aliviou a agonia do pobre homem.

18. *Platalea ajaja. Aiaia dos Guaranis.*

19. *Mycteria americana.* Seu nome guarani é tuiuiu.

20. *Parra jaçana.*

21. *Tupinambus nigropunctatus.*

22. *Agama picta* e *A. marmorata.*

Um dia, meus homens, Manoel do Mato (Bob) e Adão, vieram correndo me dizer que havia uma enorme cobra lá perto, em um ponto onde o córrego se espraiava em um laguinho cheio de juncos, nenúfares e outra vegetação aquática. Caminhando para lá, vi uma parte da volta de uma sucuriú,[23] logo acima do nível da água rasa, perto da margem, o resto do corpo estava escondido; mirando cuidadosamente com meu revólver, mandei uma bala na parte exposta em vista; o réptil começou então a deslizar para a frente, como uma minhoca se arrastando em chão macio, até que a cauda apareceu. Bob, que neste meio tempo observava suas evoluções ansiosamente, pulou imediatamente na água e, segurando a ponta da cauda com ambas as mãos, deu um puxão violento e jogou o animal na margem, onde ele foi logo abatido. A cobra media dez pés e quatro polegadas; esta, pelos casos que se ouvem constantemente sobre a maravilhosa força e tamanho imenso que a espécie alcança, poderia ser considerada apenas um filhotinho de jibóia. Só posso dizer que os nativos que já estiveram nos recantos favoritos da *anaconda* afirmaram repetidamente que é sabido que ela esmaga e engole um boi, cobrindo-o de saliva antes do ato da deglutição.

Gardner também, em seu *Viagens no Brasil*, relata ter visto o corpo morto de uma sucuriú de trinta e seis pés de comprimento, com os ossos de um cavalo no estômago.

Tomaria muito espaço mencionar as outras numerosas cobras que matamos e as circunstâncias em que as encontramos. Isto tornou-se por fim uma ocorrência quase diária, de tal modo que muitas foram mortas pelos trabalhadores, sem que eles achassem necessário contar-me a respeito. Eu mesmo matei cerca de vinte cobras dentro e em volta do meu rancho, entre elas jibóias pequenas, caninanas, cobras verdes e cobras coral, nenhuma das quais é venenosa, mas havia umas poucas mortíferas jararacas[24] e surucucu; a última é similar à "grande víbora" do Caiene e do Suriname. Há notícias de cascavéis na vizinhança, mas não encontrei nenhuma.

Em novembro, as chuvas começaram e a temperatura baixou muito, caindo para uma média de 80º; mas perto do fim do mês a chuva parou e a temperatura voltou a 90º, o que é ainda quente demais para ser agradável e nos faz olhar para a rede com olhos desejosos.

Depois de experimentar a estação quente de Pirapora, é mais fácil compreender a sonolência e a indolência de seus habitantes, pois, durante o exercício de minhas ocupações sedentárias, eu podia sentir o desejo de "não fazer nada" se apossando de mim quase imperceptivelmente. Eram necessárias copiosas duchas de água e um esforço vigoroso para lutar contra esse espírito, pois, uma vez que você se entrega, em um clima desses, sua energia, se não se acaba de uma vez, fica muito alquebrada.

Eu fazia caminhadas diárias ao nascer e pôr-do-sol até a cachoeira e o parque

23. Esta espécie é conhecida geralmente no Brasil como sucuriú, mas em Pernambuco como cobra-de-veado; *Culebra d'água* da Venezuela; *Boa scytale*, *Boa murina*, *Linn*, *Boa aquatica*, *Prince maxim*; *Cunectes murinus*. O nome Anaconda é aplicado por Cuvier e a maioria dos naturalistas a esta cobra, mas o nome é de origem cingalesa e pertence, na verdade, à *Python tigris* daquele país. A caninana morta em meu rancho pertence a uma espécie de hábitos similares, mas muito menor, e prefere mesmo a terra firme, além do que, sua cor e desenhos são diferentes.

24. *Craspedocephalus atrox*.

atrás do meu rancho. Nesses horários, o Brasil, em toda parte, assume seu traje mais belo; o clarão inclemente e duro e a ausência de sombras do meio-dia dá lugar a cores róseas e quentes e longas massas oblíquas de sombra, enquanto o sol se levanta ou se põe atrás de árvores e montes. A cachoeira nessas horas é realmente magnífica; a luz é mais branda, os delicados tons suaves do céu se refletem sobre a larga expansão de águas rápidas e massas de rocha escura, fazendo as primeiras parecerem faixas de ouro derretido e as últimas ficarem da cor vermelho opaco de ferro em brasa; os contornos escuros das árvores e palmeiras das margens destacam-se em desenho delicado contra o céu do entardecer e reluzem em lampejos os últimos raios do sol; só o que se ouve é a rica cadência das águas em movimento, ou o tum-tum de uma viola ou os sons de canções distantes em um casebre da vizinhança, que servem até para criar uma melodia suave em harmonia com a beleza do cenário.

O que se pode chamar de "o parque", são os terrenos ao fundo do meu rancho, distantes dele umas duas centenas de jardas através de mato e árvores. Esta é uma área que é peculiar ao lugar e excepcional em seus encantos. Depois das chuvas, um relvado macio verde-claro aparece no terreno suavemente ondulado; na terra levemente mais alta que limita o vale há capões (moitas e touceiras de árvores), cada uma franjada por uma variedade de flores e samambaias, arões arborescentes,[25] a paisagem toda tão arrumadinha que é difícil conceber que seja obra da natureza e não de um paisagista. Entre as árvores, são mais conspícuas as grandes massas de cor da begônia de flores púrpuras, o ipê,[26] as flores douradas da caraíba do campo, e pindaíbas, aroeiras, palmeiras e acácias. Quem segue a vereda sinuosa entre esses bosques sente-se em um verdadeiro paraíso. Ao pôr-do-sol o ar é doce, oloroso e fragrante com o rico perfume das muitas moitas de mirciá em flor. Na relva verdejante caem alternadamente manchas de luz dourada e morna e sombras verde-azuladas de grande frescor; os pássaros chilreiam e gorjeiam seus "boas-noites", as sombras se aprofundam e espalham, a escuridão avança rapidamente, o céu muda de azul perolado para azul-esverdeado e finalmente os azuis escuros da noite, depois as estrelas aparecem e brilham e piscam, como as que só se vêem em uma noite gelada, um silêncio se insinua, quebrado apenas pelos sons dos pássaros noturnos e sapos. Ai de mim! é muito bonito, mas tão solitário e tedioso; tenho de voltar ao meu rancho e, como um Robinson Crusoe, conversar com meu papagaio e cachorro, ou com a macaca, Dona Chiquinha, que sempre franze a boca e emite um rugido compreensivo quando me dirijo a ela, pois somos agora os melhores dos amigos, e ela perdeu toda a sua selvageria anterior. Ela é lenta e tranqüila em seus movimentos, ao contrário da atividade incansável demonstrada pela maioria dos macacos, mas mesmo assim, serve para preencher com diversão muitos momentos de ócio.

25. *Caladium arborescens*.

26. *Tecona curialis*.

Todavia, este trabalho de Pirapora não era uma vida de solidão como nas seções, pois fazíamos pequenas pausas em nossas vidas para uma visita ocasional um ao outro, e eu freqüentemente recebia visitas muito impertinentes de meus vizinhos da vila, que tinham curiosidade acerca de tudo, eram extremamente desinteressantes e quase não tinham informações a dar. O visitante mais freqüente era um Senhor Araújo, o único negociante da vila (mercador, negociante, dono de loja, a palavra se aplica a tudo da mesma forma). Ele era um homem alto, magro, forte, branco-amorenado, de cerca de quarenta anos de idade e possuía um armazém muito pequenino na vila, com o qual supria as necessidades extrínsecas do lugar, consistindo principalmente em cachaça, fumo, violões, estampas coloridas, botas, esporas, ferraduras para burros e cavalos; pregos, chapéus de palha, lenços e xales espalhafatosos. Ele era o homem da vila e tido como rico, em um lugar onde 500 libras em espécie tornam um homem muito rico. Ele era sempre extremamente inquisitivo acerca de meus poucos pertences e sua curiosidade foi finalmente punida de um modo muito engraçado. Em uma de suas visitas, ele encontrou meu frasco de sais de amônia na mesa e vendo que era algo que ele ainda não havia inspecionado, naturalmente apossou-se dele e perguntou-me "O que é isto?". "É só um remédio," respondi; e com muita satisfação vi-o levantar o frasco contra a luz, olhá-lo de todos os ângulos, virá-lo de cabeça para baixo e finalmente remover a tampa de vidro e dar uma boa cheirada. Tive de correr para a frente para salvar minha preciosa amônia, enquanto ele cambaleava e tentava respirar e gritava, "Estou morrendo! Ai! – Santa Maria! – Cruz! – Ai! ai! – Ave-Maria!" Por meio de muitos tapas nas costas e mergulhos na água fria, ele logo se recuperou; mas nunca mais tocou em minhas coisas.

Eu me diverti muito ao ouvir a opinião corrente em Pirapora sobre a origem do sucesso deste homem. Diz-se que ele antes não tinha um tostão de seu, até que um dia apareceu de repente, sem explicação, provido de meios consideráveis, o que me foi esclarecido da seguinte maneira. O Senhor Araújo estava, uma noite, viajando pelos Gerais quando encontrou um estranho que o convidou a acampar com ele. Sem objeções, Araújo aceitou a oferta, e os dois acenderam uma fogueira nas bordas de uma mata e dividiram suas provisões e cachaça um com o outro; o estranho aí pegou uma viola e propôs que cantassem e dançassem; e Araújo, sendo um famoso cantador de moda e dançarino, não se fez de rogado, e sapateou alegremente com seu companheiro de viagem, que se mostrou deliciado com os talentos e a agilidade de seu camarada, dando-lhe um grande saco de ouro, após o que desapareceu imediatamente. O estranho era o diabo. Absurda como é a história, ela me foi relatada com a maior seriedade, como um acontecimento verídico.

Devo agora passar por cima de muitos pequenos incidentes e ocasiões que servi-

ram para preencher umas poucas horas de descanso, e quebrar a monotonia do período – as caminhadas e galopes pela região, nossas visitas um ao outro, e pequenos jantares e noites agradáveis, uma tarde ou manhã ocasionais de caça e pesca com lança na cachoeira, ou uma excursão ao lado oposto do rio, mais elevado e montanhoso (onde fica a única fazenda do lugar, e a melhor situação para se morar), ou uma tarde de canoagem, cada um dos quais poderia facilmente se estender por um capítulo.

No fim do ano, desfizemos nossa pequena comunidade e preparamo-nos para seguir nossos respectivos caminhos. J. B., o chefe, acompanhado por F., O. e H. G., viajarão São Francisco abaixo até Carinhanha e, de lá, explorarão o território oeste quanto às maneiras e condições de se abrirem comunicações para o Rio Tocantins. Eu recebi minhas ordens de prosseguir sozinho até mais abaixo, na Barra do Rio Grande e de explorar outra rota até o mesmo Tocantins. A primeira rota é conhecida e palmilhada diariamente; a minha consiste em grande parte de terras completamente inexploradas e desconhecidas. Nada me poderia ser mais grato do que uma tal oportunidade de conhecer os verdadeiros ermos do Brasil. Todos os outros membros da equipe retornarão ao Rio de Janeiro, e de lá, de volta à Inglaterra. Eu teria apreciado muito ter C. como companheiro, mas não foi possível.

Para um sumário de nossos dois anos de trabalho, ver o Apêndice A.

Capítulo 12

DE PIRAPORA A CORAÇÃO DE JESUS

Partida de Pirapora para uma longa jornada – Minha tropa – Objetivo da viagem – A estrada – Passagem do Rio das Velhas – Um mergulho – Guaicuí e a foz do Rio das Velhas – Minha tropa aumenta– O arraial de Porteira – Um centro minerador decadente – Minas de ouro e diamantes abandonadas – Os "enfants terribles" brasileiros – Obrigado a deixar as estradas inundadas do vale do São Francisco – Um magnata local – Uma industriosa família de negros – Superioridade dos nativos negros sobre os brancos no Brasil – Uma estação de gado – Debaixo de lona – Travessia do Rio Jequitaí inundado – Um cerrado denso – Uma escalada íngreme – Os tabuleiros do Rio São Francisco, e sua atmosfera pura – Uma noite de vento – Brisas das terras altas – Um próspero criador de gado e um bom sujeito – Uma propriedade abandonada e suas causas – Uma importante fazenda – Tratamento rude – Dormindo com os porcos – Um vau problemático – Uma lagoa no planalto – Viagem pesada – Uma descida escorregadia para Coração de Jesus – A vila e paisagem circundante.

de janeiro de 1875* – Este foi um dos dias atribulados de minhas experiências, o dia em que despedi-me de meus colegas dos dois últimos anos de trabalho duro e, em que iniciei a longa jornada para o norte distante.

Messrs. W., D., C., e B. G. retornaram ao Rio e de lá para a Inglaterra. O. e G. já tinham se adiantado a mim alguns dias. B. e F. pretendiam seguir pelo rio poucos dias depois.

Minha tropa compunha-se de Manoel do Mato (Bob), um negro crioulo alto, jovem e forte, e um rapazinho negro, Domingos, ambos a pé. Os animais incluíam meu velho burro cinzento, dois cavalos magros e ossudos para levar a carga, comprados por trinta e seis mil-réis cada (digamos, £3 12*s*.), uns pangarés miseráveis, mas os melhores que pude encontrar; meu cachorro Feroz, e a macaca, Dona Chiquinha. A última ocupou seu assento no topo da cabeça de meu burro, segurando as anormalmente longas orelhas, cada uma com uma mão. Os dois animais pareciam satisfeitos com o arranjo, mas era um quadro bastante cômico.

Atravessando o Rio Jequitaí.

Minhas instruções eram que seguisse para a cidade de Barra do Rio Grande, a 690 milhas descendo o Rio São Francisco e de lá fizesse um reconhecimento dos rios e

vales entre aquela cidade e o Rio Tocantins, selecionando para este propósito os cursos do Rio Grande (um afluente do São Francisco) e do Rio do Sono, afluente do Rio Tocantins; mais tarde deveria prosseguir para a cidade da Bahia e entregar meus relatórios, plantas, etc. O objetivo do reconhecimento era levantar quais eram os meios mais aconselháveis de se estabelecer comunicação entre os dois grandes rios mencionados, seja por meio de estradas, ferrovias, canais ou navegação fluvial.

Eu levava comigo um termômetro, bússolas prismática e de bolso,[1] um relógio, revólver e munição, uma barraca de oficial da Criméia – esta última realmente pesada demais para um cavalo de carga, mas bastante aceitável no tempo chuvoso); a velha sela e arreios, mantas, capa e lençol impermeáveis, rede; e de provisões, um estoque de feijão, farinha de mandioca, milho, carne seca, porco salgado, um saco de sal, algumas garrafas de molho Worcester, um garrafão de cachaça e um sortimento destas coisas abomináveis, alimentos enlatados. A maleta de remédios não era extravagante ou capaz de se tornar perigosa nas mãos de uma pessoa mal preparada, já que continha apenas sal pirético, pílulas de Cockle e quinino.

Mas uma inspeção no meu guarda-roupa, depois de dois anos de desgaste nas matas, revelaria uma aparência muito triste; porém, muitas deficiências podem ser supridas com um pouco de engenhosidade, pois botas de montaria podem ser transformadas em perneiras cortando-se as solas gastas; uma tira vermelha vira lindas gravatas para ocasiões de gala, quando não se podem obter outras; a seiva da mangabeira é valiosa para consertar estragos em meias, espalhando-se o leite em um pedaço de material um pouco maior do que a área do buraco a ser consertado, depois encher a meia com areia e grudar a massa na abertura, coagula-se o leite com um pouco de ácido e ele se torna borracha-da-índia, e gruda na meia como um carrapato faminto em um britânico puro-sangue. Deve ser lembrado que eu tinha entrado nesta expedição inteiramente desprovido de qualquer desses arranjos maravilhosos que os fabricantes de roupa londrinos tão engenhosamente inventam para a juventude verdejante comprar, conseqüentemente, eu não dispunha de nem um único artigo supérfluo para impedir meus movimentos.

A distância entre Pirapora e a foz do Rio das Velhas forma uma longa língua de terra levemente montanhosa, coberta de cerrado. A estrada é uma mera trilha de cavalos, profusamente obstruída por troncos de árvores que se projetam sobre ela, contra os quais os cavalos de carga colidem e tropeçam, ou caem sobre os próprios lombos. Sob circunstâncias similares, uma mula só cambalearia um pouco, recobrar-se-ia rapidamente e partiria a galope em qualquer direção menos a certa.

Os homens eram pouco hábeis em ajustar uma carga, os animais e arreios esta-

1. Em Carinhanha, Mr. B. forneceu-me ainda dois grandes barômetros aneróides.

vam em más condições e a cada colisão algo escorregava, exigindo uma parada e reajuste, acompanhado a cada ocasião por um fluxo de comentários como "diabo de cavalo! cavalo do diabo!", etc.

Quando um estrangeiro já aprendeu perfeitamente a palavra "diabo", ele pode se considerar bastante fluente na língua portuguesa "*as she is spoke*"* no interior do Brasil, pois esta única palavra é constantemente usada a cada poucas sentenças e certamente representa a maior parte de todos os termos carinhosos e expressões usadas ali na vida diária.

Segui às pressas na frente para Guaicuí, a vinte milhas de Pirapora, para ver se, por troca ou compra, minha tropa podia ser melhorada.

Cheguei à foz do Rio das Velhas às 4 da manhã, onde tive de exercitar meus pulmões gritando "Ô passador! Ô ajoujo!" A balsa (duas canoas formando uma jangada chata de tábuas) estava lá, mas nenhum balseiro estava à vista; por fim, cansado de esperar na margem, e avistando o telhado de um casebre entre as árvores a alguma distância dali, fui lá pedir informações. Em resposta a meus chamados, saiu do casebre um mulato velho, *in puris naturalibus*, e bocejando violentamente; ele carregava em frente do corpo uma bacia de folha no lugar da folha de figueira. Era este o jovial balseiro, que estivera dormindo sob o efeito de um excesso de cachaça. Ao pisar na jangada, puxei meu burro atrás de mim, mas em vez de subir a bordo de um modo cavalheirescamente muar, ele deu um pulo e eu me encontrei de repente observando pessoalmente o fundo do rio lamacento; quando voltei à tona, aquela malcriada palavra portuguesa de uso tão universal no Brasil ocorreu-me prontamente; não é de todo uma má palavra em certas circunstâncias de aborrecimento, e sua elocução tende a aliviar os sentimentos irritados.

Na margem oposta, felizmente encontrei um conhecido, um Senhor Camilo, um negociante que eu encontrara em Pirapora e que gentilmente emprestou-me roupas secas e ofereceu-me a hospitalidade de sua casa.

Guaicuí[2] ou Manga,** como ele é habitualmente chamado, é um pequeno vilarejo composto de um ajuntamento esparso de cerca de cinqüenta casas e casebres de pau-a-pique, e duas vendinhas, contendo as mercadorias de maior demanda, como morim e estampados de Manchester, vinho português, cerveja inglesa, holandas, cachaça, fósforos suecos, açúcar, carne-seca, porco salgado, feijão, farinha, milho, ferragens, cerâmica, etc. As casas se espalham desde a ponta extrema de terra até a foz do rio, acompanhando a margem norte, e são voltadas para o rio. Há uma velha ruína sem teto de uma igreja inacabada de Nosso Senhor Bom Jesus de Matozinhos, começada há 150 anos atrás e nunca terminada; seu interior exibia algumas boas pilastras de

* "Como ela é falada". A frase contém dois erros gramaticais: o uso do pronome *she* no lugar de *it* e a forma errada do particípio, que deveria ser *spoken*. Refere-se a um antigo manual de conversação inglesa feito em Portugal, cheio de incorreções, intitulado *English as she is spoke* (N.T.).

2. 1.736 pés acima do nível do mar. Guaicuí (pronuncia-se Goo-ar-ee-coo-ee) é provavelmente uma corruptela de Guaiaxim, o antigo nome do Rio das Velhas, e encontrado em mapas obsoletos. Este rio foi explorado pela primeira vez por Bartolomeu Bueno, em 1701.

** Não confundir com Manga, na fronteira entre Minas e Bahia, a que Wells se refere como "Manga do Armador" (N.T.).

pedra e outra alvenaria; mas como o telhado e a frente nunca tinham sido construídos, ela tinha a utilidade de uma liteira sem fundo; e no entanto disseram-me que ocasionalmente se celebram missas nesse arremedo de igreja. Quando a Ferrovia Dom Pedro II alcançar o Rio das Velhas e os obstáculos à navegação deste rio forem removidos, haverá, sem dúvida, um aumento de trânsito neste caminho fluvial e Manga, por sua posição na junção dos rios, poderia se tornar com o tempo um local importante, não fosse por sua situação baixa militar contra sua importância como cidade, já que as terras planas junto às margens são predispostas a inundações e a ficarem submersas em uma profundidade de cinco a dez pés de água nas grandes cheias.

Mas, devido à escassa imigração, devem se passar anos, anos e anos antes que o trânsito de passageiros e mercadorias seja suficientemente desenvolvido para permitir que os fretes se reduzam a taxas que deixem uma margem larga de lucro para os plantadores e exportadores.

No presente, a produção mal poderia suportar o custo atual de fazer correr trens semivazios e vapores por uma distância tão grande quanto a do Rio de Janeiro ao Rio São Francisco, mais ou menos 850 milhas, sendo a parte navegável do extremamente tortuoso Rio das Velhas de, aproximadamente, a metade dessa distância.

Se o país fosse abençoado com um grande fluxo de imigrantes como a República Argentina, surgiriam os meios disponíveis para desenvolver e utilizar esta rica terra, de outro modo o pequeno movimento atual deverá ser mantido às expensas contínuas do governo.

A extensão da Ferrovia D.Pedro II para além de Juiz de Fora até hoje só resultou em prejuízo para o governo.

Quando minha tropa chegou, já tarde da noite, dois dos cavalos tinham os lombos esfolados, devido em grande parte à inabilidade dos homens em amarrar as cargas.

Era um começo de viagem pouco auspicioso, mas nada que já não pudesse ser esperado. Por sorte, nesta noite, encontrei um experiente tropeiro negro crioulo, Francisco Egídio Nunes, que, pela recompensa de 2 mil-réis por dia (cerca de 4 *shillings*) e comida, concordou em entrar a meu serviço para acompanhar-me até onde eu lhe pedisse. Mas ele fez uma cara desanimada e balançou a cabeça duvidosamente ao ver meus miseráveis-rocinantes e sugeriu uma compra de mulas em Porteira, uma vila a cerca de duas milhas de distância, em cuja proposta consenti com grande satisfação.

Ele prometeu chegar cedo na manhã seguinte e, antes de partir, fez uma vistoria nas selas de carga e arreios de um modo muito objetivo que era agradável de observar, depois mandou os homens fazerem diversas alterações e consertos. No início da manhã, a vista dos rios das Velhas e São Francisco que se tinha da casa de Camilo era

encantadora. Uma chuva pesada que caíra durante a noite tinha limpado o ar e trazido um frescor delicioso; mas grandes amontoados de nuvens ainda eram sopradas rapidamente pelo céu cerúleo. O sol baixo, parcialmente escondido pelas massas acumuladas de vapor, enviava aqui e ali longas hastes de luz brilhante sobre a ampla expansão de água, em massas reluzentes, que clareavam os ricos vermelhos dos barrancos, e a verdura escura da floresta dos baixios, que se estendiam até a distância, sumindo-se nos suaves contornos azuis da distante Serra do Genipapo, a oeste.

A junção do Rio das Velhas com o Rio São Francisco.

Logo cedo fui a Porteira com Chico.[3] O caminho passava pelo que poderia ser uma rica região de produção de, digamos, tabaco, arroz, açúcar, café, milho, feijão, cânhamo, e todos os produtos semitropicais; o solo é uma rica terra vermelha, e a vegetação é viçosa e luxuriante. Passamos, à beira da estrada, por umas poucas roças, mas elas eram terrivelmente desordenadas, desleixadas e invadidas por mato e capim. Porteira já teve um dia o posto de cidade, ou vila, agora perdeu suas prístinas honras e tornou-se um simples arraial. Sua decadência deve-se ao abandono das antes extensas e prósperas minas de ouro das cercanias. À entrada do arraial há uma casa velha de considerável magnitude, antigamente a câmara municipal da ex-cidade. A voz corrente afirma que o prédio foi construído sobre a entrada de uma galeria que vai dar nas minas nas montanhas que se elevam imediatamente atrás do edifício. Uma mina muito rica também foi explorada na Serra do Rompe Dia,[4] a cerca de três milhas de distância, e diamantes foram encontrados no Rio Jequitaí. Se pergunto alguém sobre a existência de ouro na região, eles respondem invariavelmente "tem muito ouro".[5] A inferência natural é: por que esse povo indigente não tenta encontrá-lo?

O povoado de Porteira* é, mais ou menos, como qualquer outro no Brasil; eles só diferem pelas circunstâncias de sua localização. Aqui, como de costume, há uma igreja de um dos lados de uma praça (que ocupa, como todas as igrejas do Brasil, a melhor situação com relação à vista); as melhores casas, e as vendas principais formam os outros três lados da praça. Ao fundo desta pracinha, em algo mais ou menos parecido

3. Em inglês, Frank.

4. Em inglês, *the dawn-of-day mountains*.

5. Pronuncia-se *tain moo-o-into ooro*.

* Atual Porteira Velha (N.T.).

com ruas, ou espalhadas pelo mato adjacente, ficam os casebres de pau-a-pique das classes pobres, ou melhor, das pessoas pobres, pois quase não há distinção suficiente para criar classes.

As paredes das casas melhores são construídas com tijolos de adobe, rebocadas e caiadas, e as portas e janelas são pintadas com as cores mais berrantes que o pintor local possui, sem se importar com o contraste de tons. Vêem-se molduras de portas vermelhas e portas azul-claras, bandeiras de janela vermelho-vivo e molduras de janelas verde-claras ou amarelas; e todavia, em conseqüência do brilho do sol e da vegetação luxuriante, a desarmonia não parece tão dolorosa como o seria na luz e tons mais brandos da paisagem inglesa; mesmo na Inglaterra, em algum raro dia de verão ensolarado e claro, um certo colorido normalmente faz falta para avivar os verdes discretos da folhagem ou a cor empanada dos muros de tijolo e das casas. Porteira e sua vizinhança exibem muitos sinais de uma prosperidade passada, na existência de velhos prédios de fazenda de considerável pretensão, que são de todo incompatíveis com a presente aparência miserável do distrito e de seus habitantes. A localidade é tida como muito insalubre, febres intermitentes e sezões de um tipo grave sendo muito comuns nos primeiros meses do ano, ou seja, no fim da estação chuvosa.

Chico indicou-me um armazém mantido por uma Dona Olegária, reputada proprietária de algumas mulas. A senhora, uma viúva viçosa e asseada de olhos cinzentos, estava ocupada em sua loja, enquanto esperava fregueses, em ensinar a seus sete filhos a aritmética básica e a escrever. Quando digo sete, não estou sendo muito preciso, pois um deles, o mais novo, estava deitado de costas no chão, berrando a plenos pulmões, e dois dos restantes estavam puxando os cabelos um do outro. Esperei que o alarido cessasse, mas era bobagem, pois quando o jovem Brasil começa a urrar, ele normalmente tem toda a licença para continuar enquanto lhe aprouver, embora possam lhe pedir com brandura, "não chora, meu bem". A quantidade de barulho que uma criança brasileira consegue produzir, e o tempo pelo qual o consegue manter, deve ser, estou certo, perfeitamente avaliada e lembrada por todos os que viajam pelo Brasil. Se houvesse mais bétulas no Brasil, a raça poderia se alterar e se aperfeiçoar enormemente;* infelizmente, esta árvore não apenas não é nativa, como nunca foi vista por aqui.

Dona Olegária por fim perdeu a paciência e disse a seu filho: "Cala a boca, meu bem!", o que só deu ao capetinha novo vigor para berrar ainda mais alto. Ela teve de carregá-lo para dentro esperneando, xingando e cuspindo como um gato selvagem, de onde ouvimos seus doces tons juntarem-se à melodia do cacarejo das galinhas, do grugulejo dos perus e do latido dos cães.

Em resposta a minha pergunta, Dona Olegária disse-me que tinha apenas uma

* Wells refere-se ao uso da vara de bétula para castigar as crianças na Inglaterra, que corresponde à nossa vara de marmelo (N.T.).

mula em casa, as outras estavam fora viajando e mesmo esta mula estava em um pasto a muitas léguas de distância e só poderia ser trazida no dia seguinte. Perguntei no povoado se havia outros animais para alugar ou comprar, mas não pude achar nenhum, e não tive remédio senão esperar até a manhã seguinte.

Na manhã seguinte, chegou como combinado uma mulinha de meia idade, mas de bom aspecto, cria de jumenta com cavalo. Tive de pagar por ela 110 mil-réis (cerca de £11). Eu sabia que isto era mais do que ela valia, mas estava satisfeito de conseguir mesmo esse pobre animalzinho. Eram quase 2 da tarde quando pudemos prosseguir nossa marcha e dizer adeus a meu hospitaleiro anfitrião, o Senhor Camilo, e a sua numerosa família de nove filhos, cada um possuindo a capacidade de berro de duas a três "criança-inglesa-de-força".

A despesa de se vestir o jovem Brasil nestes lugarejos do interior deve ser muito pequena e quase não pesa nos bolsos dos pais; um palito e uma laranja, com um suprimento generoso de sujeira, os quais são baratos, é aparentemente tudo o que é absolutamente necessário.

Tinha sido minha intenção seguir as margens do Rio São Francisco, na esperança de encontrar alguma embarcação fluvial em alguma das cidades e povoados ribeirinhos, e descer o rio nela, mas sendo informado de que na então estação chuvosa a maior parte da estrada da beira do rio ficaria submersa, tornou-se necessário seguir uma estrada para Januária, que passa através das vilas de Coração de Jesus e Contendas, ambos os lugares muito a oeste da minha direção. A distância é muito maior, embora o rio São Francisco faça uma grande curva para o noroeste e nordeste entre Guaicuí e Januária.

De Manga, a estrada, ou melhor, a trilha, passa pelo terreno plano entre a beira do rio e as encostas dos tabuleiros, que é coberto alternadamente com florestas de segundo crescimento (capoeira) e mato, com trechos ocasionais de pântano e cerrado. Neste último há quantidades consideráveis de mangabeiras. Nas matas há alguns espécimes esplêndidos de aloés e cactos candelabro azul.

A 3 milhas de Manga, passamos pelas cabanas e currais de uma criação de gado, pertencente a um Senhor Major Cipriano Manoel de Medeiros, o homem mais influente do distrito; ele possuía vastos tratos de terra (que se estendem mesmo até Diamantina), numerosos rebanhos de gado e muitos currais.

Em conseqüência da grande falta de troco miúdo (não havia então nenhuma moeda entre o cobre de quarenta réis, digamos, um *penny*, e a cédula de mil-réis, digamos 2 *shillings*),[6] o major tinha emitido pequenas notas de papel, de duas polegadas por uma e meia, com sua assinatura e constituindo um valor de 200 e 500 réis respectivamente,

6. Há agora moedas de níquel no Brasil de 100 e 200 réis, e cédulas de 500 réis.

digamos 5 *pence* e um *shilling*; elas eram aceitas livremente e passadas como moeda corrente no distrito, naturalmente muito para benefício do major. Na décima milha, passamos por Barreiros, uma pequena casa de fazenda, com plantações de milho, feijão e mandioca, pertencente a um negro e sua família. Toda a família estava trabalhando duro nos campos e sua propriedade parecia próspera.

A despeito de tudo o que tem sido escrito e dito sobre a indolência do negro, observo que no interior do Brasil o negro livre é o trabalhador; os negros puros são de longe os habitantes mais inteligentes e industriosos. Eu não poderia conceber um camarada melhor do que meu tropeiro negro, Chico; ele era habilidoso, atencioso, respeitoso, honesto e prestativo, mas preto como carvão, e quando mais preto é um negro, mais proporcionalmente confiável ele é.

A estrada estreita ainda seguia as margens imediatas do rio, atravessando muitos atoleiros de lama, e muita sarça e mato. Havia pouca floresta, e a vegetação era mirrada e cheia de trepadeiras e espinhos. No rio Jequitaí, a dezenove milhas de Guaicuí, há outro retiro, ou estação de gado, do major.

O rio estava cheio, e corria em turbilhões de água turva e amarela, carregando consigo os ramos descarnados e os troncos limosos de árvores e outros depósitos. Ele tem cerca de 120 a 150 pés de largura e, como a única canoa pertencente ao balseiro (o caseiro do retiro) estava do outro lado do rio não tivemos alternativa senão esperar por ele e passar a noite onde estávamos.

A barraca foi montada bem a tempo de se colocar a bagagem a salvo, pois, logo depois que ela foi erguida, sobrevieram a chuva e o vento em rajadas terríveis.

O retiro era ocupado apenas pela esposa do "passador" (balseiro) e seus dois filhos. Esta mulher deve ter sido bela antes, pois seus olhos eram lindos e seus traços harmoniosos, mas qual teria sido sua cor original, era difícil dizer, pois sua pele tinha agora um lívido tom amarelo doentio, em conseqüência de sezões crônicas.

8 de janeiro – A barraca ficou tão molhada com a chuva da noite que seu peso se tornou mais do que a mula podia carregar, e assim tivemos de esperar um longo tempo até que o sol a secasse parcialmente.

Já eram 10 horas, quando começamos a travessia do ainda turbulento rio. Tivemos de abrir caminho através do denso mato molhado e árvores da barranca até cerca de 600 pés rio acima, acima do embarcadouro do lado oposto. Uma trilha estreita, extremamente íngreme e escorregadia, só apropriada para os pés descalços e semipreênseis dos nativos, levava da ribanceira à água. Bob escorregou por essa trilha para receber os animais que eram guiados encosta abaixo atrás dele, mas o primeiro

que alcançou a inclinação resvalou na argila escorregadia e despencou nas águas rápidas, levando Bob com ele; por sorte, meu empregado podia enfrentar a situação, pois era um esplêndido nadador; voltou à superfície, agarrou a brida do cavalo e encaminhou-o à margem oposta, no entanto a corrente era tão forte que eles pareciam se dirigir ao São Francisco, mas depois de uma boa peleja ambos chegaram a salvo do lado oposto. Da próxima vez, fomos mais precavidos; Chico entrou na canoa e esperou pelos animais enquanto os dirigíamos trilha, ou melhor, escorregador abaixo; dois atravessavam nadando de cada vez, guiados por um dos homens na canoa. Demorou uma boa hora ou mais para levarmos tudo para o outro lado, e foi um espaço de tempo bem agitado. Na última viagem (em que eu próprio atravessei), uma grande árvore veio se arrastando pelo rio, parcialmente submersa nas águas céleres da corrente, de tal modo que não notamos sua aproximação até ela estar bem próxima de nós, quando ela quase fez capotar a canoa e nos carregou por uma longa distância correnteza abaixo, e só com dificuldade alcançamos a margem, metidos até os joelhos na lama macia, revestida de denso matagal.

Depois de deixar o rio, por cerca de uma milha, a trilha cruzava um desolado pântano de capim grosso emaranhado, juncos e sarça espinhenta, onde o ar era quase sufocante com a rápida evaporação do solo molhado e da selva. Para lá desse brejo um terreno suavemente ascendente e ondulado, coberto de cerrado, se estendia até Cabeceira, a residência de um pequeno fazendeiro, a cinco milhas do Jequitaí; o fazendeiro não tinha absolutamente nada para vender, nem mesmo farinha ou milho.

Como a estrada à beira do rio, a partir dali, estava inundada e intransponível, não havia alternativa senão abrir caminho pela selva de um cerrado sem trilha, para chegar à estrada que leva a Coração de Jesus. Convenci o roceiro[7] a acompanhar-nos como guia.

A hora que se seguiu foi muito desagradável; as aberturas entre as árvores e o matagal mal permitiam a passagem dos animais, suas colisões com as árvores, as trombadas, debandadas e desastres, exigiam uma contínua reparação dos danos, e o ar ficou pesado de tantos "diabos".

Depois de 3 milhas desse trabalho penoso, saímos em uma planície aberta e relvada, que se estendia por outra milha até a base das montanhas da Serra da Mimosa. Ela tem o nome de serra, mas seus cumes são na verdade as penhas dos tabuleiros que circundam o vale do Rio São Francisco.

A subida se dava por uma trilha de cavalo, íngreme, pedregosa e pontilhada de matacões, através de floresta e denso matagal espinhento; em muitos lugares tão emaranhado que tínhamos de cortar picadas com machado e foice, e a encosta era tão

7. Pequeno fazendeiro.

íngreme que seguir montado estava completamente fora de questão; os animais escorregavam e cambaleavam, resfolegavam e fumegavam de suor; mas finalmente, depois de um vigoroso afã, chegamos ao cume ventoso, de onde se descortinava um belo panorama do São Francisco, de seu vale e da região circundante.

Na distância, podiam-se discernir os cimos dos tabuleiros do outro lado do Rio São Francisco, estendendo-se para o sul e para o norte em direção paralela às terras altas em que nos encontrávamos. Alguns desses cimos estavam obscurecidos pelas névoas cinzentas de tempestades passageiras, outros mostravam suas superfícies de ravinas, mesmo a grande distância, claras e distintas aos raios do sol da tarde. A altitude acima do vale era comparativamente insignificante (cerca de 4.000 pés), mas sentimos uma mudança considerável na atmosfera, do calor abafado e úmido das baixadas à beira-rio para as brisas frescas dos campos.

Prosseguimos por cinco milhas através do capim, de arbustos esparsos e das palmeiras baixas dos campos, e, finalmente, acampamos ao lado de uma ravina que se estendia para a planície baixa; lá embaixo, no centro da garganta, escorria e borbotava um córrego de água transparente cercado por numerosos buritis, de lindas folhas em leque, e um gramado verde e macio.

A barraca foi armada e tudo arrumado para a noite, e tudo foi bem até às 8 horas, quando fomos surpreendidos por uma tempestade terrível de vento e chuva; o vento uivava e soprava com grande força, e todos os homens tiveram sair na chuva para segurar as cordas da barraca, evitando que ela fosse soprada para longe e descesse pela íngreme encosta da montanha. Depois que a borrasca acabou e que entramos encharcados e gelados em nossos úmidos aposentos, vieram-me à lembrança aquelas pessoas que não conseguem dormir em camas estranhas, mas a necessidade é um grande professor de filosofia e de paciência.

9 de janeiro – Uma manhã clara e fresca e um ar agudo e refrescante instilaram vida nova e vigor a uma constituição um pouco debilitada por uma longa permanência na atmosfera úmida das planícies baixas do vale, e, mesmo após a noite de chuva, eu sentia uma inusitada elasticidade de espírito, que me fez apreciar profundamente a gloriosa atmosfera dos campos e encarar as viagens que tinha pela frente com prazer. A barraca molhada atrasou nossa partida até uma hora tardia, quando os fortes raios do sol a tornaram leve o suficiente para ser enfardada sobre o burro.

Durante todo o dia, a trilha passou ao longo dos cumes de uma cadeia de morros arredondados, com vales profusamente enflorestados à direita e à esquerda. A superfície do terreno é, em partes, de argila vermelha, em outras, cascalho amarelo, produ-

zindo no solo de argila um capim rico e suculento, intercalado com um pouco de arbusto, curiosas palmeirinhas anãs manícolas e muitas flores (entre as quais a *boca-de-sapo*),[8] umas poucas árvores esparsas e moitas ocasionais de madeira, onde quer que o terreno formasse uma depressão ou drenagem para os vales.

As vistas de alguns dos cimos eram muito extensas e variadas nos longos vales enflorestados e bem irrigados, que correm das distantes terras altas para a bacia leste do Rio São Francisco.

Por volta do meio-dia, outra tempestade de vento, chuva e trovões nos surpreendeu; como venta nesses topos de morro e cada rajada do vento fresco parece atuar sobre o indivíduo como um tônico!

Nesta região, onde as habitações eram tão poucas e distantes umas das outras e onde os campos parecem tão férteis e ricos, é estranho notar a ausência de vida animal; apenas umas poucas aves, tais como gaviões, bem-te-vis e periquitos, são os únicos seres vivos que vêm animar uma região, exceto neste particular tão verdadeiramente encantadora, em que se poderia fazer produzir quase de tudo. A temperatura variava de 80º à sombra ao meio-dia a 70º à noite. Às 4h30 da tarde encontramo-nos em um retiro, ou estação de gado, de propriedade de um Senhor Hipólito Rodrigues Soares. Em resposta à minha pergunta, se ele poderia nos acomodar aquela noite, ele teve a bondade de até se desculpar pela acomodação modesta que podia oferecer, mas à qual, mesmo assim, eu era bem-vindo.

Meu anfitrião era um espécime bom, mas raro, de um brasileiro do interior corado e sadio; seu rosto honesto irradiava saúde, cordialidade, e o contentamento de uma vida industriosa. Eu me vali de sua generosa oferta com satisfação, especialmente porque o tempo estava com um aspecto escuro e tempestuoso. A casa era inusitadamente limpa e organizada, embora as paredes fossem apenas de adobe simples, sem caiação, ela possuía portas bem-feitas, apesar de meio rústicas, janelas com bandeiras e cobertura de telhas. A mobília do interior consistia de pouco mais do que mesas e bancos despojados sobre um chão de terra bem varrido.

A esposa apresentou-se mais tarde, uma mulher de aparência saudável de cerca de quarenta anos de idade; como sua casa, ela também era muito asseada. Quando a cumprimentei pela organização doméstica, soube imediatamente o segredo de um cuidado tão pouco usual, pois ela havia sido criada entre os ingleses das minas de Morro Velho. Ela disse que gostava dos ingleses e que eles sabiam como passar bem. Estas boas pessoas ofereceram-me um jantar tão bom quanto se pode fornecer no interior e um cantinho bom e limpo para dormir.

Quando um viajante no Brasil, ocasionalmente, encontra pessoas tão boas quan-

8. Callopisma, sp.

to estas, ele será de fato duro de coração se não apreciar profundamente sua natureza generosa e lembrar com gratidão, talvez nem tanto sua amável hospitalidade, quando o prazer e a satisfação advindos de encontrar "um bom camarada".

Meu anfitrião contou que era bastante próspero; era proprietário da terra, e seu gado estava aumentando e se multiplicando, mas como ele disse, "isto é toda a minha riqueza em espécie, e é difícil conseguir um preço justo por ela; não posso vender mais que um número limitado no povoado próximo; mesmo em Diamantina ou Ouro Preto eu não poderia dispor de um grande número pelo que eu consideraria um preço compensador." É sempre a mesma história em todo o interior distante do Brasil, não há mercado para nenhuma produção acima da demanda local, exceto por meio de uma longa, cansativa e dispendiosa viagem para o litoral.

Saímos cedo na manhã seguinte, apesar do vento e da chuva que varriam as terras altas com tal força que a chuva lembrava mais o granizo.

A estrada ainda seguia o topo de uma cadeia levemente sinuosa de montanhas, direcionadas quase que inteiramente para o leste. O chão é muito cascalhoso e bem drenado pelos vales grandes e profundos, cobertos de florestas, à direita e à esquerda. Em todas as direções aparecem montes e vales, os últimos sendo evidentemente denudações do alto platô sobre o qual viajávamos. À tarde, passamos por "Morro do Frade", uma velha fazenda deserta, uma imponente casa velha pertencente aos tempos passados de empreendimento e prosperidade mineradora.

Havia provavelmente tantos donos deste lugar, que nenhum deles podia explorar a propriedade, mesmo se tivesse os meios para fazê-lo, sem que todos os outros herdeiros ociosos exigissem uma parcela extravagante do produto de seu esforço; assim, ela permanece abandonada, como centenas de outras no Brasil em condições similares, um reproche vivo à lei da divisão forçada da propriedade entre os parentes mais próximos, em conseqüência da qual o capital absolutamente necessário para a exploração de uma propriedade extensa é dividido entre os freqüentemente numerosos herdeiros e esbanjada por eles em vidas sem objetivo.

No fim da tarde, descemos das terras elevadas para um vale estreito e baixo à esquerda, onde encontramos uma fazenda moderna e bastante imponente, consistindo em um prédio de dois andares, luxuosa em suas portas e molduras pintadas, paredes caiadas e, acima de tudo, janelas envidraçadas. Considerei-me afortunado e, ao ver um homem que parecia bem-de-vida na entrada, cavalguei em sua direção e fiz os cumprimentos usuais, aos quais ele respondeu rispidamente com palavras mal-humoradas e manteve sua postura reclinada, encarando-me com ar inexpressivo. Eu fiquei perplexo e pensei comigo mesmo: "Ora, meu amigo, você poderia pelo menos convidar-

me a desmontar"; mas, ai de mim, ele permanecia alheio, olhando para mim distraidamente. Uma insinuação bem clara foi-lhe feita perguntando se ele podia dizer-me onde eu poderia obter acomodação para passar a noite. "Pois não" disse ele, "aquele rancho ali perto da porteira está à sua disposição. Olhei na direção indicada e vi um abrigo aberto sob o qual havia dois carros de bois e diversos porcos que se divertiam na poeira seca do chão. Segui meu caminho com os "amáveis sentimentos" muito reduzidos; mas à vista do terreno molhado e lamacento, e lá em cima as massas de nuvens negras que se aproximavam, com todos os sinais de um noite chuvosa, não sobrou senão uma escolha de Hobson: aceitar a generosa oferta e botar para fora os porcos, ou armar a barraca. Uma vantagem era a secura do abrigo, e logo descobri que aposentos muito confortáveis poderiam ser montados em um dos carros de bois. A cavalgada pelos topos de morro em meio a brisas frias e molhadas tinha aberto um apetite de avestruz, que me permitiria apreciar o mais simples dos pratos; mas já eram 8 horas da noite quando os feijões ficaram prontos.

Entrementes, meu anfitrião apático e pouco caridoso, aparentemente incapaz de resistir mais a sua curiosidade acerca de quem ou o que eu poderia ser, arrastara-se até o abrigo, onde se sentou no chão e depois de umas poucas perguntas impertinentes, permaneceu olhando-me em silêncio, impassível e persistentemente, respondendo apenas com grunhidos e monossílabos a minhas observações, que, devo confessar, nem sempre eram de seu agrado. Ah! Senhor Malaquias Gonçalves da Fonseca, para sorte dos viajantes no Brasil, não há muitos brasileiros como o senhor.

Apesar das contínuas escaramuças debaixo da minha cama no carro, entre Feroz e os porcos, que estavam ansiosos para retornar a seu domicílio, apreciei devidamente a tranqüilidade e o conforto do carro do Senhor Malaquias, que, pelo menos, serviu como leve proteção contra as rajadas de chuva que sopraram a noite toda.

11 de janeiro – Tornou-se necessário, na manhã seguinte, atravessar uma torrente pequena mas tremenda, em frente da fazenda, onde a estrada abandona o vale e sobe os morros do lado mais afastado. O córrego tinha apenas cerca de quarenta pés de largura e três pés de profundidade, mas era uma massa de água espumante que não tinha de modo algum aspecto convidativo.

Por dois mil-réis, um negro velho e grisalho da fazenda foi induzido a cruzar a corrente e amarrar uma corda de cipós às árvores da margem oposta, de modo a nos dar maior segurança na travessia. O velho teve a maior dificuldade em chegar do outro lado, mas acabou conseguindo; e com sua ajuda toda a bagagem foi carregada pelo rio sobre as cabeças dos homens e os animais rebocados pela água; seguiu-se uma

longa e dificultosa subida por uma trilha agreste obstruída por matacões e arbustos, que fatigou terrivelmente meus pobres animais.

Chegando ao topo, encontramo-nos em um tabuleiro suavemente ondulado, de capim e mato baixo, estendendo-se aparentemente por milhas ao norte e leste.

Na estrada, mais adiante, passamos por um lago grande e belo de água cristalina, cheio de aves aquáticas e orlado com uns poucos buritis e outras palmeiras. Atirei em uma das aves, uma marreca. Para lá do lago, o terreno é muito arenoso e pesado e muito fatigante para os animais viajarem. Devia ser uma estrada cansativa em tempo seco, pois ela era bem ruim, mesmo empapada como estava com as chuvas; este solo árido se estende por cerca de dez milhas, mostrando apenas a vegetação resistente do cerrado, que lembrava um pomar.

Estávamos evidentemente de novo sobre uma larga cadeia, pois através das aberturas entre as árvores apareciam vales à esquerda e à direita e morros atrás de morros além deles. A única casa por que passamos na estrada foi a da Fazenda de Santa Tereza, encravada em uma elevação considerável, longe da trilha, e a 10 milhas de nosso acampamento da noite anterior.

Coração de Jesus ainda estava a 6 milhas de distância. Agora a vegetação mudava para o cerrado denso e floresta, espalhando-se por um terreno muito ondulado e montanhoso; a estrada, recoberta de blocos de pedra, estava obstruída por raízes de árvores e buracos que faziam os cavalos tropeçarem e caírem continuamente, e expressarem seu cansaço com muitos suspiros e gemidos, indicando com sua barriga arquejante o colapso iminente de suas forças, e ainda assim, nem um vislumbre distante do arraial podia ser obtido para nos encorajar, até que por fim uma curva abrupta da estrada descortinou-nos o povoado lá embaixo, no centro de um vale baixo e largo.

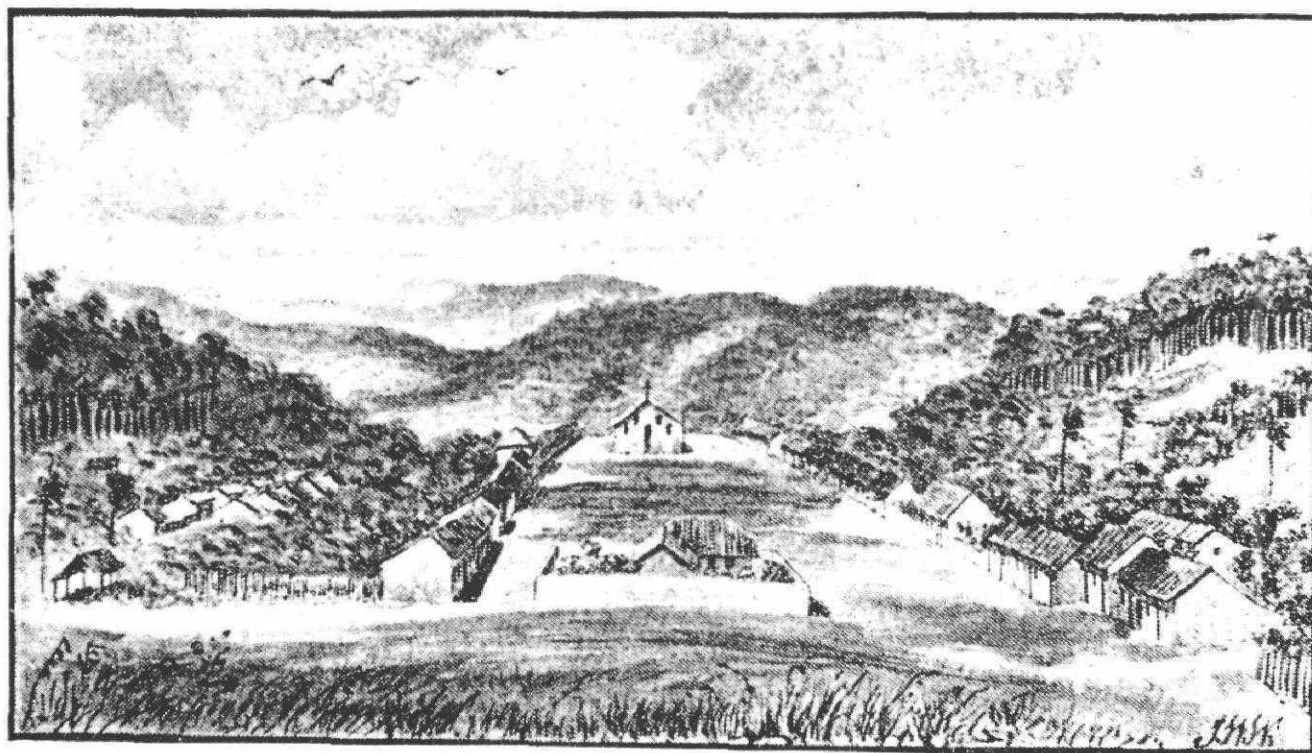
A descida por uma trilha, que se tinha tornado o leito de uma torrente, era íngreme e difícil, e na argila escorregadia e entre os blocos de ardósia argilosa os animais continuamente resvalavam e caíam e sofriam outros desastres; por sorte, cada queda os levava mais para perto de sua meta. Quando cruzamos a pracinha do arraial, cabeças apareceram nas janelas, e vagabundos apáticos escorados na venda da vila acordaram para a diversão de algo novo para olhar e sobre o que falar.

Uma casa vazia foi logo obtida para nos alojar e, dali a pouco, lá apareceram todos os ociosos. Eles se recostavam na porta, escoravam nas aberturas das janelas, ou em qualquer coisa que lhes servisse de apoio; depois de me encararem fixa e impassivelmente e expectorarem por alguns minutos, passaram a assediar-me com as perguntas habituais: de onde eu vim, ou para onde estava indo? Qual era a minha ocupação? Era eu um capitão, um coronel, ou um major, ou um doutor? Qual era a minha renda?

O que é que eu tinha para vender? etc., etc. Visitantes como estes não vêm com nenhuma intenção de fazer uma visita de cortesia, mas simplesmente para satisfazer sua curiosidade, da mesma maneira como olhariam para um grupo de saltimbancos ou qualquer outra coisa estranha ou curiosa. No entanto, isto não é de se admirar, pois nessas cidadezinhas e povoados afastados não há nada para quebrar a tediosa monotonia da vida cotidiana; o mundo exterior, sua agitação e incidentes movimentados não enviam qualquer eco de seu afã a essas comunidades adormecidas; jornais, só ocasionalmente, e livros, mais raramente ainda, conseguem chegar a lugares como Coração de Jesus, embora este tenha, como todo arraial, sua escola pública, onde o silêncio da rua iluminada pelo sol do meio-dia é quebrado pela entoação estridente das crianças a repetir suas lições.

Não havia outro remédio para livrar-me de minhas visitas inquisitoriais senão sair para passear. Deixei-os discutindo todos os detalhes de minha pessoa, como fariam com um cavalo.

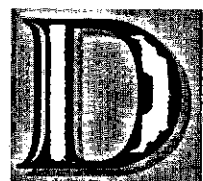
Meus animais estavam em péssimas condições, e as indagações não nos forneceram nenhum meio de reforçar a tropa seja por troca, aluguel ou compra de outros animais; nem pudemos obter qualquer provisão em forma de feijão, farinha ou carne-seca, nada havia para comprar nesta comunidade de esbanjadores. O dia seguinte, conseqüentemente, teve de ser desperdiçado descansando os cavalos, que estavam em situação muito mais precária do que a mulinha. Felizmente, os estoques eram suficientes para durar mais alguns dias.

Fiz uma caminhada até o topo de um pequeno outeiro, em uma extremidade do lugarejo onde fica a habitual cruz de cidadezinha, adornada com todos os emblemas da Paixão, a escada, espinhos, esponja, martelo, pregos, o chantecler, etc. Desta elevação consegui uma boa vista do – a distância – arrumadinho arraial, que consiste de uma praça larga, invadida pelo capim e pelo mato e cercada de casas de adobe caiadas com telhados vermelhos; um lado da praça é ocupado por uma pobre igrejinha raquítica e o outro extremo pela casa do padre. Em volta da vila, há um anfiteatro de morros verdejantes, mostrando muitas roças ou clareiras em meio à bela floresta que cobre o terreno. O efeito das chuvas tardias produzira uma aparência excepcionalmente clara e brilhante, a grama da praça era de um verde vivo, as roças exibiam alternadamente os verde-pálidos das culturas nascentes de milho e cana-de-açúcar, e a verdura mais escura da mandioca e do feijão; a floresta estava radiante de imensas árvores em flor, douradas, púrpura e carmim, e as reluzentes paredes brancas das casas, seus telhados de telhas vermelhas e as cores espalhafatosas das portas e janelas formavam um acréscimo vívido, mesmo que um pouco áspero, à combinação de cores luminosas da paisa-

O arraial de Coração de Jesus.

gem, que brilhavam e resplandeciam à luz forte do sol. O céu era de um azul incomumente escuro (só visto depois do tempo chuvoso), grandes massas de cúmulos cinzentos de bordas brancas passavam pelo céu, suavizando com suas sombras deslizantes os tons vivos e os aspectos minuciosamente detalhados do cenário. Todavia, vívida como era a aparência do lugar, pesava sobre ele um manto de silêncio só quebrado pelo som de cigarras estrilando e o chilreio ou gritos ocasionais de pássaros na proximidade. Nenhum som provinha da vila, nem uma alma estava à vista em sua praça invadida pelo mato, nenhuma vida animava o quadro; toda a comunidade parecia dormir. Mesmo a presença das casas na quietude e sossego dominantes parecia tornar a cena ainda mais depressiva e obrigar-nos a nos rebelar contra um sentimento de opressão criado por uma humanidade tão estagnada. Entretanto, apesar das ricas matas circundantes, do rico solo e de suas 150 casas de porta e janela, Coração de Jesus está situada tão longe de qualquer mercado compensador que o valor de toda a sua produção supérflua seria necessariamente absorvido em grande parte pelo custo e dificuldade de transporte, e pode-se então perceber como vidas indiferentes e sem esperança como estas engendram necessariamente pessoas tão apáticas e sonolentas. É uma povoação comparativamente nova, com não mais de cinqüenta anos, e nunca fora, como as vilas e arraiais mais antigos, fomentada pelas atividades mineradoras das cercanias.

CAPÍTULO 13

DE CORAÇÃO DE JESUS A CONTENDAS

PARTIDA – REGIÃO DE OURO E FERRO – NA ESTRADA – O LUXO DE UMA PONTE – UM BANDO DE CIGANOS – UM GRUPO DE RUFIÕES – INESPERADA POLIDEZ – COMO ESCAPAR COM MINHA TROPA E BAGAGEM – SENHORAS IMPORTUNAS – BOB É AMALDIÇOADO – UM NOVO DISTRITO – O CAPITÃO DOS CIGANOS E SUA PROSPERIDADE – HOSPITALIDADE DO CAPITÃO – FEROZ SE MOSTRA ÚTIL – BARGANHAS BARATAS – MUDANÇAS VALIOSAS E AFORTUNADAS EM MINHA TROPA – A ESTRADA – O RIO PACUÍ, INTRANSPONÍVEL NA CHEIA – UM POVOADO NOVO - UMA NOVIDADE EM MINAS – COMPANHEIROS DE VIAGEM – UM ATRASO – A TRAVESSIA – A ESTRADA NOVAMENTE – UM ACAMPAMENTO AO AR LIVRE – PÔR-DO-SOL – IMPORTUNOS NOTURNOS – UM BURRO DESAPARECIDO – VIAGEM DESCONFORTÁVEL – CHEGADA EM CONTENDAS – UMA BARULHENTA FESTA DE IGREJA – UM DIA ABRASADOR – VISITANTES INQUISITORIAIS – BATO EM RETIRADA – A VENDA – UM PASSEIO PELA VILA – UMA VELHA IGREJA NOVA – A MOLEZA BRASILEIRA – POBREZA DOS HABITANTES – ESCOLAS DO INTERIOR – NOITE EM CONTENDAS.

De uma maneira ou de outra, José tinha conseguido instilar um pouco mais de energia em nossos "rocinantes", o que nos permitiu partir por volta das 9 da manhã.

Depois de deixar Coração de Jesus, a trilha passa por cima dos morros que cercam a vila, por uma série de subidas e descidas. O solo, especialmente nas depressões, é uma rica terra vermelha, capaz de produzir quase de tudo.[1] Os vales de florestas e os topos de morro cobertos de cerrado ou floresta abundam em perdizes, cujas notas melancólicas ouvimos repetidamente, perto ou longe.

O distrito tem fama de ser aurífero, pois já se encontrou ouro em diversas localidades, mas ele nunca foi explorado; possivelmente um bom prospector poderia encontrar aqui um aluvião virgem; ferro também é encontrado com abundância, e no entanto as pessoas pagam preços altíssimos pelo metal importado. Agora, uma longa mas agradável cavalgada por morro e várzea sobre uma estrada bastante boa (seus méritos não se devem em nenhuma medida ao homem, já que é simplesmente uma trilha, batida pelos cascos das tropas de mulas e cavalos), todavia, como ela segue as cristas dos morros e o solo é firme e naturalmente drenado, não tivemos nenhum dos atoleiros de lama que tão freqüentemente se encontram nas estradas interioranas do Brasil.

Um cigano brasileiro.

1. O solo é muito similar em seus elementos constituintes à terra vermelha das regiões cafeeiras do Rio de Janeiro e da "cobertura glacial" do Professor Agassiz.

No Rio Pequeno, uma excelente ponte cobre a corrente. Que bênção! É necessário viajar em uma região sem pontes na estação chuvosa para se apreciar inteiramente a conveniência de uma ponte, quando alguém topa com ela inesperadamente.

Em um terreno ascendente do lado oposto do rio, surgiram umas poucas casas e certa quantidade de barracas brancas. Curioso para descobrir que acampamento era aquele, cavalguei até as barracas, onde me vi cercado por um certo número de sujeitos, os de aspecto mais facínora que eu já vira fora do palco de um teatro. Eram ciganos. A maioria deles eram sujeitos deveras bonitos, de tez escura cor de oliva, olhos negros brilhantes e penetrantes, traços bem-feitos, cabelo preto longo e oleoso, pendendo em cachos gordurosos que chegavam a seus ombros; alguns estavam vestidos com roupas de couro de veado curtido, outros com o costume de algodão grosseiro do campo. Todos estavam bem armados com garruchas; outros carregando ainda carabinas, facas e sabres.

Senti que entrara como que em um ninho de vespas e que precisava por em ação a diplomacia para safar-me com segurança, com meus animais e pertences.

Um homenzinho idoso e confortavelmente vestido veio em minha direção, fazendo, enquanto se aproximava, chapéu na mão, uma série das mais profundas reverências. Ele se dirigiu a mim como o muito ilustre e excelente Senhor Estrangeiro e, apontando para a melhor das casas, informou-me que ela era a pobre morada do humilde servo do mais ilustre senhor (referindo-se a mim) e, colocando sua mão no freio do burro, levou-me até sua porta, onde, com cortesia exagerada, segurou meu estribo e convidou-me a desmontar e entrar. Minha tropa chegava neste momento, e o animal foi consignado a Chico, que aproveitou a oportunidade para sussurrar, "Esta gente são ciganos, toma cuidado". Meu efusivamente amável anfitrião fez-me entrar, com mais uma reverência, em um aposento pequeno, bem mobiliado até, e bastante limpo, e informou-me que ele era o capitão da tribo, mas, sendo agora um homem idoso, tinha abandonado a vida nômade e finalmente se estabelecido aqui, onde alguns dos "meninos" tinham vindo fazer-lhe uma visita.

O velho senhor trouxe então uma garrafa de cerveja de Bass e alguns biscoitos e disse que esperava que eu não me importasse de aguardar um pouco pelo jantar e também que eu me hospedaria ali aquela noite. Tudo isto era sem dúvida muito agradável, mas uma afeição tão repentina e imotivada e a lembrança dos indivíduos com cara de degoladores que tinham permanecido lá fora, davam margem a uma certa desconfiança. Uma idéia feliz, no entanto, ocorreu-me. Exprimi minha satisfação em encontrar um cavalheiro tão distinto nestes ermos e a esperança de poder congratular-me pela oportunidade de adquirir algumas mulas. Logo que o ouviu, os olhos do

velho faiscaram de prazer diante da perspectiva de um negocinho, e era perceptível que eu tinha tocado em seu ponto fraco. Ele disse que eu veria mulas amanhã de manhã como nunca havia visto antes, etc., e prometeu tê-las prontas para minha inspeção de manhã cedo. Depois disto, com muitas reverências de lado a lado, retirei-me e dei ordem para que a barraca fosse armada, toda a bagagem guardada nela e Feroz atado ao pau da barraca.

A parte feminina da tribo vinha agora visitar-me – moças bonitas e megeras emurchecidas. Logo seguiram-se os pedidos de um pouco de açúcar, um pouco de café, feijão, carne-seca, farinha, carne de porco, sal, ou qualquer coisa que eu pudesse fornecer. A princípio, pequenas quantidades das diversas mercadorias pedidas foram dadas, até que os pedidos passaram a ser tão seguidos e insistentes que meus estoques começaram a diminuir com rapidez, e finalmente meu empregado Bob pegou uma velha senhora às suas costas servindo-se do nosso escasso estoque de farinha. A perspectiva de uma viagem desfarinhada foi o suficiente para perturbar a equanimidade de Bob, e ele imediatamente mandou a velha embora. Ela recuou e, levantando seu braço magricela, com o indicador apontado para o céu, amaldiçoou-o poética e fluentemente com uma arenga arrastada, rogando que ele, pelo resto de seus dias na terra, nunca mais tivesse farinha para comer.

Felizmente, o velho chegava agora e expulsou as mulheres como um rebanho de ovelhas e com uma reverência e um "com licença, meu senhor", sentou-se para uma conversa. Contou-me que os seus "meninos" tinham acabado de chegar de uma viagem a São Paulo, onde tinham estado comprando mulas, que agora levavam para vender na Bahia, ou em algum lugar pelo caminho.

É curioso como esses ciganos romenos conseguiram chegar ao Brasil originalmente, mas é bem sabido que, nos velhos dias do tráfico de escravos, o negócio de compra e venda do marfim negro estava em grande parte em suas mãos, e no Rio de Janeiro muitos deles fizeram fortunas consideráveis. No interior, são conhecidos como negociantes de cavalos, mas ladrões de cavalos seria provavelmente mais correto. Eles são muito temidos pela gente do interior como um povo misterioso.

A tribo compunha-se de cerca de cinqüenta homens e mulheres e diversas crianças. Muitos dos homens eram filhos ou parentes do velho, que tratavam com a maior deferência.

A região circunvizinha tinha sido povoada apenas nos últimos vinte anos, e os habitantes atuais eram portanto colonos relativamente recentes; o clima é notavelmente salubre, e o solo excelente, mas há falta de mão-de-obra, pois os "meninos" se recusam a ter outra vida que não a nômade. Meu anfitrião afirmou que ele tinha en-

contrado ouro na vizinhança, mas não tentara fazer nenhuma prospecção adicional, pois os poucos trabalhadores que conseguira juntar estavam ocupados no cultivo da terra e cuidando de seus rebanhos para obter um meio de subsistência diária.

"O senhor quer dizer, então, que consome tudo o que produz?"

"Não exatamente tudo, pois o excesso é trocado por gado, sal, roupas, pólvora, ou mesmo o pagamento dos trabalhadores."

Embora o velho senhor enfatizasse repetidamente sua condição de pobreza, havia no entanto um certo ar abastado de prosperidade em sua fazenda que não parecia confirmar os seus protestos. Aqueles grandes currais de gado eram evidentemente construídos para rebanhos numerosos; a ponte sobre o rio, ele a construíra com os próprios recursos;* numerosos escravos moviam-se pela propriedade; e prédios adjuntos, carros de boi, etc., em quantidade considerável, tudo dava testemunho de, pelo menos, um sucesso moderado. Sua história do ouro era provavelmente apenas um dos habituais relatos imaginários ou exagerados que se ouvem quase todo dia quando se viaja por Minas Gerais, e que, em geral, acabam se reduzindo a grãos de mica brilhando nas pedras do rio. Mais tarde, com muitas desculpas pela casa e recursos humildes, ele me convidou para um bom jantar de peixe pescado há pouco, cabrito assado, batatas doces, inhame, etc. e vinho Bordeaux. Na verdade, esses ciganos não são tão terríveis assim. Vários dos seus filhos, sujeitos vistosos e desempenados, que vieram tomar parte da mesa festiva, eram convivas silenciosos do banquete, pois só respondiam com monossílabos a minhas questões e observações; ele eram ou tímidos ou mal-humorados, ou estavam muito famintos.

Quando eu, mais tarde, recolhi-me à minha barraca para passar a noite, encontrei lá Bob e José, e o cachorro Feroz (o último com uma disposição selvagem); os homens contaram-me que os ciganos estavam rondando a barraca e tinham feito uma ou duas tentativas de agarrar qualquer coisa portátil, enfiando os braços sob a lona. Felizmente, para eles, o limite da corrente do cachorro não lhe permitia alcançá-los, senão teria havido mordidas e, certamente, algum problema seria o resultado.

Durante a noite, o cachorro perturbou-nos em diversas ocasiões com o barulho de seus grunhidos selvagens, que pelo menos serviram para manter os visitantes indesejáveis à distância e preservar uma paz conveniente.

De manhã cedo, o velho senhor apareceu com quarenta ou cinqüenta mulas, algumas delas realmente excelentes. Selecionei duas fortes e de aspecto ativo, e então começou o longo e cansativo regateio acerca do preço. Um valor excessivo foi naturalmente pedido, e um valor igualmente inferior foi oferecido, sendo consumido um longo tempo na tentativa de fazer as duas extremidades se encontrarem. Até mesmo a pantomima de amarrar a carga em meus próprios animais e dar a partida teve de ser

* Neste local fica atualmente o distrito de Coração de Jesus denominado Ponte dos Ciganos (N.T.).

realizada antes que finalmente concluíssemos nossas barganhas, que foram, para minha grande surpresa e satisfação, muito razoáveis. Dei 100 mil-réis (cerca de £10) e meus dois pangarés alquebrados e quase sem valor por duas magníficas mulas. O preço reduzido sugeria fortemente que elas eram propriedade roubada.

Ao fazer esta troca eu sabia que estava correndo o risco de ter os animais confiscados no caminho por um ou mais dos seus prováveis proprietários legítimos; porém, se ela não tivesse sido efetuada, só me restaria a alternativa infeliz de não poder partir em paz e de meus próprios animais logo sofrerem um colapso final.

Até o último instante, o velho senhor manteve sua cortesia extravagante, que formava um forte contraste com os modos reservados, ou melhor, mal-humorados, dos outros membros da tribo; no geral, minhas reminiscências dessas pessoas não podem senão ser agradáveis.

Enquanto trotávamos estrada adiante com os reforços, era um regalo sentir a falta das interrupções repetidas, das trombadas e avarias da minha antiga tropa, e um prazer ver as novas aquisições nos acompanharem com um balanço constante e um palpável ar de profissionalismo que mostrava que entendiam do trabalho, sabiam o que tinham de fazer, e estavam resolvidas a fazê-lo; cobríamos o terreno no dobro da velocidade dos cavalos.

Até Feroz parecia expressar sua satisfação, com latidos altos e cabriolas, antes de disparar na frente a toda velocidade para sua sesta. Não posso deixar de mencionar uma peculiaridade desse cão. Quando acampamos ao ar livre, à noite ou em lugares estranhos, ele está sempre alerta, atento e nunca tenta dormir. O sono de que necessita é obtido de um modo bastante singular. Durante o dia, ele aproveita toda oportunidade para um cochilo; por exemplo, quando estamos viajando, ele presta atenção na trilha que estamos seguindo e corre na frente o mais rápido que pode, até encontrar uma direção dúbia ou uma encruzilhada, aí deita-se e dorme até chegarmos, quando então repete sua manobra assim que percebe que foi decidida a questão por continuarmos em uma, ou outra, das trilhas alternativas. Feroz compreendia muitas frases em português, mas não em inglês, e cumpria com toda a fidelidade as ordens.

Depois de 6 milhas de depressões gramadas e vales enflorestados, sem uma casa, chegamos ao Rio Pacuí, intransponível na cheia. Perto das barrancas havia pilhas de bagagem e pastavam as mulas de uma tropa, esperando que as águas descessem. As águas estavam baixando rapidamente, e nutriam-se esperanças de ser possível atravessá-las dali a poucas horas. Do lado oposto do rio, via-se um grupo de casas e cabanas novas e os tocos queimados de uma nova clareira, uma visão totalmente inusitada no Brasil, onde melhoramentos e progressos dão passos tão relutantes.

O Rio Pacuí é uma corrente profunda e célere de água amarela lamacenta, com 100 pés de largura, rolando sobre uma plataforma de pedras de 12 pés de altura, que cruza o rio cerca de 50 jardas acima do vau.

Meus companheiros de viagem deram-me uma xícara de café aceitável, servida em uma cabacinha pequena; eles contaram-me que estavam vindo de Ouro Preto para Januária, via Contendas,* um arraial que eu tinha esperado alcançar naquele dia, mas como ele ficava a 16 milhas de distância, a esperança era muito pequena. O rio abaixava tão depressa que às 2 da madrugada estava suficientemente raso para permitir, sem dificuldade, a passagem da tropa.

Ao alcançar o outro lado, cavalguei para a fazenda em busca de um copo de leite, fornecido de boa vontade pelo proprietário, embora à nossa aproximação todo o seu mulherio tenha sumido de vista.

Do rio, a estrada segue por grandes morros ondulados por 8 longas milhas, a partir do Pacuí, e no fim da tarde encontramo-nos em um tabuleiro alto e ainda a oito milhas de Contendas.

Acampamos ao lado de um pitoresco lago, cercado de moitas do gracioso buriti, e por campos largos, abertos e extensos.

Enquanto Febo se retirava atrás das distantes nuvens púrpuras envolventes da noite próxima, os céus brilhavam com aqueles incríveis tons opalinos de um crepúsculo tropical e longos raios oblíquos de luz dourada e de sombras escuras, suaves e cálidas, caíam inclinadas sobre a terra que escurecia, através da planície aberta de savanas e matas, dando à paisagem um efeito suavizante que fica tão ausente no clarão duro do sol do meio-dia.

À medida que as sombras da noite caíam à nossa volta, numerosos sapos iniciavam um concerto nas águas do lago; por seu som, reconheci que eram sapos "tanoeiros", assim chamados pela semelhança do seu coaxar com os sons de uma oficina de tanoeiro; esses perturbadores da noite estavam evidentemente fazendo plantão devido a uma grande encomenda de barris, pois o estardalhaço era incessante e alto. Mais tarde, uma lua cheia espalhou sua luz refulgente sobre a larga expansão de charneca, iluminando os morros distantes e brilhando com luzes faiscantes sobre a folhagem das árvores dos campos e sobre as folhas ondulantes das palmeiras agitadas pelas leves brisas da noite. Os homens estavam deitados sobre couros estendidos em volta da fogueira, contando suas histórias das "terras"[2] de cada um; um ronco ocasional das mulas indicava sua presença na vizinhança. O sereno era denso e formava longas linhas irregulares de vapor leve e enevoado a poucos pés do chão; o ar estava tão carregado de umidade que partículas de água pendiam suspensas de nossas barbas como

* Atual Brasília de Minas (N.T.).

2. "Minha terra" é uma expressão comumente usada pela gente da roça, e implica menos "meu país" – seu significado real – do que o distrito ou local de residência de quem fala.

geada, e enrolávamos nossas mantas e ponchos em volta do corpo como uma proteção bem-vinda contra a atmosfera gelada e úmida.

Enquanto isto, aqueles sapos pareciam ter empregado mão-de-obra extra, pois o alarido é terrível e surpreendente; mas não há remédio senão suportá-lo com paciência, como tantos outros males maiores. Finalmente, uma última cachimbada, uma última xícara de café, enrolar-se em manta e impermeável e ir dormir a despeito de tudo, sobre um couro no chão ao lado da fogueira, e o bendito sono exclui mesmo os "tanoeiros"de toda percepção.

Na manhã seguinte, um burro estava faltando e, embora todos eles tivessem sido peados, ainda assim essa mula tinha conseguido voltar duas milhas inteiras pela estrada que tínhamos trilhado no dia anterior. Eram 10 horas, quando a fugitiva foi trazida de volta.

Logo após a partida, a trilha entrou em um cerrado denso, muito obstruído por árvores, lamaçais e raízes. Em certa ocasião, um dos burros conseguiu ficar enganchado entre duas árvores, onde arremeteu e escoiceou tanto que as cordas cederam e os conteúdos da carga se espalharam profusamente pelo chão, com auxílio de seus cascos. A comoção causou uma debandada dos outros mato adentro, em várias direções; medonhos encontrões e trombadas dos fardos contra as árvores, e medonhos anátemas enérgicos dos homens.

Depois que a tropa estava enfim em ordem de marcha constante, um pouco mais adiante um outro burro escorregou e rolou, com carga e tudo, perambeira abaixo. Chegando ao fundo, ele se levantou, soltou um ou dois zurros de desagrado e seguiu trotando.

No início da tarde, chegamos ao Arraial de Contendas, um pequeno povoado dado como tendo 1.000 habitantes. As casas eram construídas no alto de um morro redondo, quase cercado por um riacho que corria em sua base.

Era evidentemente dia santo, pois o claque-claque do sino rachado da igreja, a batida de um tambor, explosões de foguetes e bombas e um barulho geral confuso indicavam que o povo estava celebrando as honras de um santo. O lugar estava lotado de pessoas, tanto do próprio arraial e das cercanias como de distritos distantes.

A ocasião era a das novenas da Festa de São Sebastião.

Acomodação foi conseguida por mim em um quarto vazio adjunto à venda.

O calor do dia tinha sido muito grande, eu me sentia cansado e sujo da viagem e ansioso para apreciar um descanso e um pouco de sombra, mas dentro de casa o termômetro registrava 92º, um calor excepcional, e nem um sopro de ar era perceptível no alto do morro; o sol derramava seus raios escaldantes no interior de meus aposen-

tos cobertos e tisnados de poeira, intocados pela vassoura, ou pela água e o sabão. No pátio de trás, o gado estava mugindo, no vizinho, mulheres xingando, e crianças mimadas berravam por coisas impossíveis. O calor, o barulho, a poeira e sujeira circundantes e um sentimento pessoal de imundície, todos propiciavam uma dor de cabeça.

De repente, a luz que vem da porta é obscurecida por uma figura escorada, que reclina suavemente contra a ombreira da porta, frouxo como uma trouxa de roupa molhada – (Ah! eu os conheço bem, lá vêm eles) – um outro, e mais um outro, chegam, e escoram o corpo em um cantinho conveniente, ou um no outro, e logo temos uma pequena multidão em volta da porta, todos com os olhos pregados em mim e discutindo abertamente a minha aparência. Ouço a seguinte avaliação de minha pessoa: É ele o estrangeiro? Ele não é muito gordo, ou muito bonito, ou muito grande. Imagino o que é que ele come. Ele é muito rico; aquelas caixas todas dele estão cheias de dinheiro. Naturalmente, todos os estrangeiros são ricos. Os ingleses fabricam todo o dinheiro do mundo; eu queria ser inglês. Eu não, dizem que eles todos são pagãos. O que é que esse estrangeiro faz? Oh! ele é um mascate, naturalmente. Não, acho que ele é um capitão enviado pelo governo para arregimentar recrutas. A esta última sugestão, há uma movimentação e alguns dos meus espectadores acham aconselhável ir andando.

Pergunto a meus visitantes se eles querem alguma coisa.

"Não", respondem com apatia.

"O que é que vocês estão esperando então?"

"Nada".

"Para que vocês vieram?"

"Para nada."

"Então vocês podiam ir embora."

Nenhuma resposta é dada a esse pedido, mas segue-se uma concentração maior de olhares fixos, com bocas abertas, queixos caídos e corpos em todos os estágios de lassidão.

Neste momento, meu empregado Chico chega. Mesmo ele parece não ver nada de mais na minha porta abarrotada; até pede cortesmente licença para entrar. Eles abrem suas alas malcheirosas e as fecham de novo depois que ele passa. Meus visitantes são negros, mulatos e morenos, usam chapéus de palha, ou couro, ou feltro; paletós do substancial algodão caseiro de Minas, branco, colorido ou listrado; camisas e calças do mesmo material; seus pés estão descalços e alguns ornamentados com imensas esporas de ferro com rosetas, e todos eles carregam facas, grandes ou pequenas. A única maneira de livrar-me de minhas visitas intrometidas é sair de casa e entrar na venda ao lado, onde o dono tem um negócio movimentado, comerciando em pequenas quan-

tidades de cachaça e fumo, a 40 réis a porção. Sua venda exibia a heterogênea coleção habitual de mercadorias comumente encontrada nessas vendas de interior, onde o odor râncido de bacalhau supera todos os outros perfumes. Meus visitantes de há pouco seguem-me até a loja, para ter uma visão do inglês fazendo compras. Finalmente, o meu anfitrião, tendo esgotado todas as doses possíveis de cachaça com seus fregueses, sugere um passeio comigo pelo arraial.

Nestes lugarejos do Brasil é raro que não haja um músico que toque instrumentos de sopro ou de corda, mas em Contendas, mesmo na festa do patrono, o único instrumento era o tambor. Que certamente não é nada agradável em *performance* solo. Seus sons saudaram-me quando cheguei à cidade, e a noite toda ele foi golpeado com grande energia, acompanhado ocasionalmente pelo estouro de foguetes, pois o "matuto" (homem do interior) adora barulho e cor.

A igreja, Santa Ana de Contendas, é um velho edifício inacabado, caiado, com paredes de tijolo de adobe e telhado vermelho. Portas e janelas não existem; mesmo as paredes nunca foram realmente acabadas e todavia ela parece velha e gasta pelo tempo. Em volta da igreja, há umas poucas casas em ruínas e mais abaixo, descendo o morro, há duas ruas paralelas, que contornam sua base. O lugar todo é parado, minguado, sujo, empobrecido e miserável ao extremo; nesse povoado dos mais acabrunhantes e desoladores, uma permanência teria o mesmo efeito sobre um homem branco que se diz ter o confinamento solitário sobre um prisioneiro.

As pessoas vagueavam apáticas pelas ruas, ou se apoiavam com toda a sua frouxidão nas portas ou janelas. Em todas as cidades brasileiras, mesmo nas cidades da costa, a primeira coisa que chama a atenção do recém-chegado da Europa é a quantidade de gente que se vê em toda parte, apoiada ou reclinada em atitude de preguiça total, como se seus ossos tivessem sido extraídos dos corpos. É este hábito vicioso de não fazer nada e perder tempo que torna o país tão atrasado com relação a sua capacidade produtiva.

Neste lugarejo de 1.000 habitantes, pareceria um mistério como as pessoas obtêm até mesmo as necessidades mais básicas e exíguas, não fosse por quase toda casa ter sua roça na vizinhança próxima, um porco e galinhas no quintal, ou, mais comumente, na rua, onde são deixados para conseguirem seu sustento por si sós; e que espectros esquálidos de galinhas pernaltas e porcos ossudos e cadavéricos, cada um tão violentamente faminto que comeria o que quer que fosse, não importa o quão inadequado ou repulsivo. Pregos, pedras, bigornas, ninguém pode objetar a que eles os engulam, já que são alimentos limpos e normais, mas, como comenta o capitão Burton, os suínos do Brasil são mais asquerosos do que o porco de bazar indiano.

Meu acompanhante contou-me que não havia ninguém na redondeza que fosse

importante ou rico; que as pessoas eram extremamente preguiçosas e, por conseguinte, pobres. O dinheiro era muito escasso, e mesmo nos "dias de feira" muitas das mercadorias eram permutadas por outras. A terra é excessivamente barata, e em muitos lugares o solo é excelente.

Felizmente, o governo estabeleceu escolas em quase todos os vilarejos do império, e isto deve, sem dúvida, adiar a degeneração da raça, ou raças, que está tão evidentemente tendo lugar; de outro modo, mais umas poucas gerações veriam seu povo mais degradado do que o mais selvagem dos selvagens, pois este, pelo menos, colhe os benefícios físicos derivados da atividade de sua vida livre nas matas.

Saí de novo à noite, acompanhado pelo meu vizinho. Neste meio tempo, a temperatura tinha mudado do calor intenso do dia para a de uma noite agradável e aromática.

Na igreja, uma missa estava sendo celebrada por um velho padre, a congregação de mulheres entoando as respostas em notas estridentes, nasaladas e desafinadas. Não havia falta de deferência para com a cerimônia, nem por parte das mulheres nem dos homens, que se amontoavam nas aberturas da porta. É uma grande pena que os padres não aproveitem o poder que têm sobre essas pessoas de um modo mais benéfico e prático. Infelizmente, esses pais espirituais são, como classe, a mais corrompida e imoral de todas as classes do País.

Depois da rápida missa, seguiram-se mais batidas de tambor, repique de sinos e explosões de foguetes; e após o hediondo alarido ter diminuído um pouco, começou um leilão das pequenas oferendas da congregação ao santo, como bolos, ovos, queijo, frutas, etc. O padre anunciava os lances com os mesmos tons arrastados e da mesma maneira que celebrara a missa; os preços chegavam a uns poucos cobres, e como o leilão estava muito lento, meu acompanhante insistiu em oferecer lances por mim, e eu acabei me vendo possuidor de algumas dúzias de ovos, diversos bolos, queijos e galinhas.

Com o decorrer da noite, os sons do batuque passaram a ser ouvidos em muitas das casas. Esta é a única recreação das mulheres em que elas e os homens realmente se esforçam; a noite toda se ouviram suas notas agudas e nasais, a batida e o arrastar de pés, e o ritmo das palmas.

Capítulo 14

DE CONTENDAS A JANUÁRIA

Partida de Contendas – Uma mudança na natureza da região – Abundante vida animal – Uma cascavel – Um leproso – A lepra não é incomum no Brasil – O Rio Mangaí – Acampando no mato – Indolência dos habitantes – O arraial de Barreirinhos – Um paraíso em potencial – Uma noite silenciosa – Uma trilha elevada na estrada – Na floresta – Bom Sucesso – Uma descida salpicada de pedras – Uma desolada morada da indolência e da esqualidez – Uma noite molhada e turbulenta – Uma terra pantanosa – Pedras de Maria da Cruz e o São Francisco novamente – Renda de bilros – Para Januária – Primeira vista da cidade – Chegada em Januária – Encontro com companheiros – A barca do rio – Os barqueiros – Nas ruas de Januária – Uma delegação – Mais febre.

16 *de janeiro* – Partimos cedo nesta manhã, os burros todos com ferraduras novas, arreios consertados e o estoque de provisões aumentado. Viajamos desde o início da manhã até o fim da tarde, com a exceção de uma parada do meio-dia às 2 da tarde, para fazer o desjejum e descansar os animais. A terra é consideravelmente diferente daquela que atravessamos durante os dias anteriores. Os longos morros ondulados e tabuleiros altos de antes deram lugar ao terreno baixo, abundantemente interceptado por córregos, separados por ondulações de elevação leve; o cerrado e os gerais dos últimos dias ficavam mais raros, a floresta mais constante e pequenas habitações e fazendas à beira da estrada eram mais numerosas. Sobre um dos topos ou cristas de morros, coberto de capim e cerrado, apareciam diversos blocos imensos de rocha dura primitiva, gastos pelo tempo e cobertos de liquens e musgo, formando grupos pitorescos entre as belas palmeiras nanicas, mato e capim dos campos. Os pássaros são também mais abundantes, e o espaço ressoa com os peculiares gritos de gato dos numerosos gaviões, com o esganiçar áspero dos papagaios verdes, o chilreio de bandos de periquitos, as notas melodiosas dos canários comuns, castanhos e amarelos, dos bem-te-vis e do alegre joão-de-barro, e o grugulejo-ganido das seriemas. Os rastros do veado-mateiro (o *guazupita* de Azara) não são incomuns, e numerosos buracos de tatu nas estradas dos cerrados tornam o cuidado ao cavalgar indispensável.

Choupanas à beira da estrada.

Íamos a passo arrastado estrada afora, quando os burros de repente desviaram e refugaram diante de algo ao lado da estrada. Dirigi meu burro para aquela direção, mas ele resistiu a todos os meus esforços de fazê-lo se aproximar mais. Chico desmontou e imediatamente percebeu uma cascavel[1] no capim e ao mesmo tempo ouviu-se um ruflar do chocalho. Meu empregado sacou da garrucha e atirou; a cobra, antes enrolada em um ponto ensolarado no capim, esticou o corpo trêmulo em sua agonia mortal, pois o tiro estourara sua cabeça. O réptil tinha quase cinco pés de comprimento; guardei o chocalho, que continha oito voltas, como troféu.

Estas cobras são muito vagarosas em seus movimentos e podem ser facilmente evitadas, já que têm sempre a bondade de avisar-nos de sua aproximação ou ataque, agitando antes seu chocalho. O chocalho é composto de uma série de anéis superpostos ou finas células córneas de uma substância incrivelmente leve, leve como uma pena, cinza-acastanhado e semitransparentes. A articulação dessas partes sendo muito frouxa, elas se chocam umas contra as outras, quando vibradas com energia, daí o som de guizos. Esta cobra raramente, ou nunca, sobe em árvores; ela fica à espera de sua presa no chão, preferindo a vizinhança de pedras e pântano. Os efeitos de sua mordida são, segundo dizem, quase sempre seguidos de resultados fatais, especialmente se uma artéria ou veia é perfurada.

Tendo cavalgado muito adiante de minha tropa, eu desmontara à sombra agradável de uma mata para aguardar sua chegada; e enquanto apreciava a paisagem de árvores e mato rasteiro, ouvi repentinamente uma voz atrás de mim dizendo, "Esmola, pelo amor de Deus" e ao virar-me, deparei com uma visão terrível. Em uma posição semi-acocorada, estendendo um horripilante braço emurchecido, uma negra velha se aproximara silenciosamente e estava a poucos passos de mim; ela estava mal coberta com uns poucos farrapos e em um estágio extremamente avançado de lepra. Curvada ali, apoiada em um cajado, a mão descarnada e paralítica, estendida à espera da esmola, seu rosto e corpo cobertos com os efeitos repulsivos da doença, nunca se viu nada tão horrendo. Jogando às pressas alguns cobres para a pobre criatura, afastei-me precipitadamente daquele espetáculo nauseante.

Esta doença altamente contagiosa é mais comum no interior do Brasil do que se costuma supor. Em algumas das vendas das vilas, não é nada raro encontrarem-se braseiros de carvão mantidos com o propósito de aquecer as moedas de cobre recebidas de fregueses suspeitos, de modo a destruir a possibilidade de transmissão da doença.

O acampamento naquele dia foi armado em meio ao capim alto e o mato da beira da estrada, cercado de cerrado denso, no extremo de um córrego conhecido como Mangaí, que felizmente não estava cheio. A localidade está supostamente situada a

1. A boiquira, ou cascavel do México, Guiana, e Brasil. (*Crotalus horridus*)

uma distância de 16 ou 20 milhas de Contendas, mas em vista do tempo que passamos viajando, e a sensação de enrijecimento e câimbra decorrente de uma cavalgada excepcionalmente longa, pareciam ser bem umas 25 ou 28 milhas.

Embora 25 milhas sejam uma jornada tranqüila para um cavaleiro livre de bagagem executar em um dia, deve-se lembrar que nossa velocidade tinha de ser regulada pelos animais de carga e por seus guias a pé, e muito tempo é consumido na superação dos obstáculos e dificuldades constantemente recorrentes nessas trilhas de cavalo agrestes, como, por exemplo, a debandada dos animais mato adentro, danos conseqüentes aos arreios e carga, complicados vaus de rios e obstruções da estrada, tais como árvores caídas, atoleiros, etc.

O terreno do acampamento era um lugar de aspecto muito ofídico e enquanto eu rebaixava o capim e estendia um couro no chão para servir de cama, não pude deixar de pensar em alguns dos esplêndidos, mas indesejavelmente venenosos répteis que o Brasil apresenta. No entanto, um relento muito denso foi tudo o que nos incomodou, enquanto o silêncio da noite era quebrado volta e meia pelos estranhos sons das aves noturnas, sapos e os diversos ruídos estranhos da escuridão.

17 de janeiro – Uma breve jornada de apenas doze milhas foi feita neste dia até Barreirinhos, pois lá fomos informados de que não existia nenhum lugar para pastar ou acampar pelas dezesseis milhas seguintes.

Durante a cavalgada do dia, a cada duas milhas ou mais, passávamos por muitas fazendolas, telheiros miseráveis em ruínas, e roçados invadidos pelas ervas, evidenciando os hábitos improvidentes e indolentes do povo. Para um estranho, é doloroso testemunhar a vida tediosa e apática dos habitantes desta região; a população feminina raramente vai além de suas decrépitas casas-gaiolas, exceto até a roça vizinha, onde elas em geral trabalham mais do que os homens. A maior parte do tempo dos homens é ocupada visitando seus vizinhos, para conversas incrivelmente longas a respeito de coisa nenhuma, e em fumar, dormir, ou vagar pelas matas ou campos com uma espingarda, atirando em qualquer coisa comestível, sem levar em conta a estação. Este é um, senão o principal motivo pelo qual as porções habitadas do Brasil são tão deficientes em caça.

Barreirinhos é um agrupamento de casinhas de pau-a-pique (cada chefe de família possuindo uma roça lá perto), situado na depressão de um vale de tamanho considerável na junção de dois cursos de água. Os morros circundantes, com os topos cobertos de capim e as encostas enflorestadas, exibiam numerosos roçados antigos e novos, cercados pelos troncos altos e retos das árvores da floresta, camurça pálido-acinzentados e castanho-claros, destacando-se claros e distintos contra o escuro do interior

ensombrecido das matas, sob a abóbada de folhagem escura ou brilhante lá no alto. A rua triste, poeirenta e cheia de capim do vilarejo, com porcos e galinhas esquálidos lutando por um sustento precário, um carro de bois estragado, cercas dilapidadas, o grupo miserável de cabanas e casas, cada uma um caos de poeira, couros, implementos agrícolas, bancos e arreios de cavalo e bois – mulheres apáticas e homens reclinados bocejando – a luz brilhante do sol – uma quietude só perturbada pelo zumbido de insetos, que tornava o sol ainda mais escaldante – tudo criava uma cena pitoresca de preguiça, desconforto e *ennui*; e entretanto, imagine o que o mesmo lugar poderia ser se fosse habitado por uma raça industriosa e econômica –; casas bem cuidadas em meio a jardinzinhos de plantas e flores tropicais; as estradas para as cidades próximas melhoradas, carroções fortes de fazenda para transportar para o mercado a riqueza vegetal que pode ser tão facilmente cultivada neste vale rico e fértil. Mas para estas pessoas, estradas, ferrovias, e comunicações aperfeiçoadas não trazem qualquer benefício material; elas continuariam vegetando como antes e mantendo seus hábitos dissolutos e improvidentes. O clamor presente no Brasil é por "braços". *Existem* braços em número suficiente, mas eles são braços relutantes; uma nova raça ou sangue novo é necessário e indispensável. É claro que há exceções a todas as regras, e ocasionalmente encontram-se exemplos de economia e diligência entre os habitantes do interior; mas eles são muito raros e são quase sempre membros da tão difamada raça negra.

Montamos nosso acampamento a uma curta distância do povoado, à beira-rio, e armamos a barraca, pois o tempo começava a assumir uma aspecto ameaçador pelo calor opressivo e as camadas de nuvens escuras que se acumulavam em um lúrido céu crepuscular; mas mais tarde o céu foi limpando, as estrelas apareceram e tivemos uma noite de tranqüilidade, a uma temperatura deliciosa (72º F.).

18 de janeiro – Uma rápida subida na saída do arraial na manhã seguinte levou-nos ao topo dos morros atrás do povoado, uma cadeia que o divide do vale vizinho; ao longo desses altos, a trilha se estende por 6 milhas, com vales profundos, profusamente enflorestados, à direita e à esquerda. Da elevação em que estávamos, a região parece uma imensa floresta contínua, estendendo-se mesmo até os cimos dos morros distantes; nem um som é ouvido nestas solidões profundas, toda a criação parece dormir sob os raios violentos do sol, nem um sopro de ar agita a folhagem variada e brilhante, só uma borboleta ocasional ou o grito repentino de uma alma-de-gato e o ruído dos cascos dos burros, perturbam a quietude e o silêncio opressivos.

Ao fim de 6 milhas, a trilha abandona o capinzal das cristas dos morros e mergulha na sombra agradável de uma floresta virgem. A vereda era muito ruim, pois as imensas

raízes das velhas árvores gigantescas cruzavam o caminho quase a cada passo e no tempo de chuva evidentemente se transformava em um arroio, pois as chuvas tinham varrido o solo intermediário entre as raízes esparramadas, formando buracos fundos, sobre os quais as mulas avançavam com dificuldade; mais adiante, onde o terreno formava uma encosta íngreme, a trilha se tornava ainda pior. Excetuando-se estes obstáculos, esta parte do caminho era realmente atraente; a atmosfera fresca e úmida, a alvissareira sombra, a variedade da folhagem, os velhos troncos imponentes festonados com uma miríade de trepadeiras e cipós e cobertos de musgo, liquens, bromélias, orquídeas e outras parasitas; e contra o fundo escuro de sombra flutuavam como brilhos bruxuleantes de fogo as asas de cores vivas das borboletas e mariposas da floresta. Encontrei aqui uma árvore que me fora até então desconhecida e que, mais tarde, verifiquei ser muito comum no vale do Rio São Francisco, a *barriguda, ou paineira,* do gênero *Echytes*; o tronco desta árvore tem um curioso abaulamento a meio caminho entre sua base e seus galhos, que deu origem a seu nome brasileiro; um produto muito fino é obtido de seus frutos, lembrando a seda crua; quanto aos seus méritos intrínsecos de textura e durabilidade não posso afirmar nada, mas ele foi objeto de muita atenção na Exposição da Filadélfia.

Nestas florestas, embora haja extraordinárias curiosidades vegetais, madeira extremamente valiosa e árvores de notáveis virtudes medicinais, ainda assim é muito difícil coletar qualquer grande quantidade de uma espécie ou descrição dada, pois as árvores são tão variadas e tão diferentes, que é comparativamente raro encontrar-se mesmo um pequeno número dentro de uma área delimitada; conseqüentemente, para tirar das matas o tronco ou raízes ou outro material de qualquer árvore ou planta dada torna-se necessário abrir caminho até aquela árvore ou planta particular e cortar dúzias de outras que se interpõem, o que necessariamente torna o esforço da coleta muito dispendioso. Sem dúvida, em épocas futuras, à medida que a região for desbravada, esta riqueza vegetal será utilizada, florestas inteiras serão sistematicamente cortadas e as diversas madeiras empilhadas em lotes separados, de acordo com suas variedades.

Por todo o caminho desde Contendas, a estrada desce continuamente em uma série de gradientes curtos e agudos, e ao fim de 16 milhas de Barreirinhos a trilha fica extremamente íngreme, de fato, ela obriga a um perfeito rastejar morro abaixo pelo caminho agreste e acidentado. Nestas últimas 16 milhas, não tínhamos passado por uma única habitação ou curso de água, e o conselho que eu recebera em Barreirinhos de pernoitar lá era bem justificado. Ao fim da décima sexta milha, o pequeno povoado, Bom Sucesso, foi alcançado.

Bom Sucesso compõe-se de 12 habitações construídas em forma de rua em uma clareira da floresta circundante; aqui, mais uma vez, há o mesmo aspecto indigente e a

sujeira e decadência comuns a todos os vilarejos deste distrito. O lugarejo era muito pouco convidativo, e ao saber que 6 milhas adiante na mata havia um lugar para acampar, seguimos caminho à tarde.

Depois de deixar o povoado, a estrada entra imediatamente na floresta por uma vereda ainda mais agreste, pois, em adição às obstruções da trilha da floresta desta manhã, encontramos não apenas os mesmos obstáculos, mas também muitos blocos de mármore preto, alguns imensos e maciços, outros pequenos e densamente espalhados em meio às árvores e sobre a estrada. As descidas são às vezes extremamente íngremes, e eu não pude me surpreender com os muitos comentários "diabo"-licos dos homens. Algumas vezes, os animais tinham de se espremer entre passagens estreitas de pedra, onde a estrada entre elas era mais como uma escadaria de pedra quebrada, e onde os animais continuamente se arriscavam a quebrar as pernas, ou torcerem-nas e deixar seus cascos nos interstícios das pedras.

Seis longas e cansativas milhas percorremos, sem ver uma interrupção ou uma clareira na floresta, ou um córrego, ou uma cabana de beira de estrada, entretanto, esta é a estrada principal para as cidades do Rio São Francisco. Não admira que os distritos pelos quais eu passara sejam tão "atrasados", se os habitantes têm em estradas deste tipo seu único escoamento para os mercados ou outras regiões.

Ao fim de 6 milhas, aparentemente no centro da floresta, surgiu uma pequena clareira contendo um rancho pobre, um poço de água estagnada e uma rocinha.

Vendo que não havia possibilidade de obter um lugar para acampar por muitas milhas ainda, e como o sol já estava baixo, resolvi parar aqui, embora, ao olhar em volta pelas ameaçadoras cercanias, não visse nada de convidativo nele.

As árvores altas da floresta formavam uma parede de troncos retos e uma abóbada de folhagem em volta de um pequeno roçado de menos de um acre de extensão, invadido pela sarça e o mato. Em frente da cabana havia um pequeno poço de água lamacenta e estagnada, da aparência e consistência de café-com-leite, sua superfície era coberta com um lodo verde espesso e capins e juncos viçosos cercavam suas bordas e apodreciam em suas profundidades pútridas. A lama preta de seu fundo era revolvida pelos movimentos de duas vacas magras, desanimadas e desoladas, com a perseguição incessante de miríades de mutucas. A cabana era pouco melhor do que um abrigo aberto e tão decrépita de velhice e podre de umidade, que parecia pronta a desabar a qualquer momento. Um canto dela tinha sido dividido com quatro paredes de barro, que formavam o dormitório onde o homem, a mãe jovem-velha e suas três crianças moreno-claras, nuas, pálidas e barrigudas, todos se amontoavam à noite.

A mãe, de aparentemente não mais de 22 ou 25 anos de idade, estava vestida

com uma saia imunda de algodão e uma bata igualmente suja, também de algodão, que deixava à mostra mais do que os ombros sujos de pele amarelada e ossos proeminentes; sua cabeça de cabelos pretos estava grossa com a acumulação de banha de boi, a sujeira de anos e gerações de *pediculus capitis*; o último fato era comprovado por a mulher e sua prole coçarem furiosamente suas cabeças com uma energia que merecia uma causa mais nobre. Seu rosto era pálido, amarelado e conturbado pela dispepsia crônica devido à alimentação insuficiente ou imprópria, o clima úmido do lugar e os ataques recorrentes e constantes de sezões. O homem, como era de se esperar, era um par perfeito para tal mulher; com aparentemente trinta e cinco anos de idade, ele parecia um velho; uma massa de cabelo preto encaracolado, coberta por um chapéu de palha velhíssimo e já sem aba, deixava meio escondidos seus olhos fundos e sem vida; além do chapéu, sua única vestimenta era um par esfarrapado de calças de algodão velhas. Enquanto eles apaticamente assistiam a nossas preparações para a noite, o homem acocorado sobre os calcanhares com os braços estendidos e os cotovelos apoiados nos joelhos, a mulher de pé carregando uma criancinha sobre um quadril, e os outros encardidinhos agarrados à sua saia, pensei que era um quadro comparável apenas com os dos abrigos de indigentes e arrabaldes pobres de Londres.

Se Londres tem seus cenários de terrível miséria, os sertões do Brasil também os têm; mas nos últimos não existe a mínima desculpa para a sua existência. Perguntei a este homem porque ele escolhera um tal lugar para residir quando havia tantos sítios deliciosamente salubres e convenientes a poucas milhas dali. Ele respondeu com voz arrastada e sonolenta que não sabia, só que seu pai vivera ali, e ele nunca pensara em ir para nenhum outro lugar. Mas você não vê que está se matando, e à sua família, neste lugar baixo e úmido? Sim, nós estamos sempre tendo sezões, mas já estamos acostumados com isto, e eu sou muito pobre e não poderia me mudar se o quisesse. É o mesmo que tentar convencer os chineses a trocar seus hábitos e costumes pelas idéias ocidentais, querer induzir a classe mais baixa e mais degradada dos camponeses brasileiros a adotar quaisquer hábitos, ou mudar para qualquer outra região diferente daquela em que foram criados .

Malsã e repulsiva como era a água do poço, ela era usada por esta família miserável para cozinhar, beber e lavar; mas, como o homem nos informou com um terrível bocejo, havia um *olho d'água* (uma nascente) lá embaixo no vale, Bob foi enviado para buscar um suprimento; ele desapareceu por uma trilha estreita em meio ao mato e, dali a quase uma hora, voltou com um balde de excelente água. Ele amaldiçoou o proprietário por ser preguiçoso demais para limpar a trilha; acreditava que ela nunca era usada, já que estava tão completamente invadida pela vegetação que Bob tivera de

abrir caminho com o facão até a nascente. A degradação moral que essas pessoas exibiam é difícil de conceber.

Vendo que os numerosos buracos no teto pobre de capim da cabana ofereceriam tanta proteção contra a chuva quanto uma peneira, e ansioso para sair desse lugar deprimente bem cedo, não armamos a barraca. Deitei-me em um couro estendido no chão, entre minhas caixas, com um outro por cima à guisa de teto. Ai de mim! pouco antes da manhã fui rudemente acordado por uma tromba d'água com rajadas de vento, e um rio de água fria correndo sob meu divã; os homens estavam de pé sob alguma árvore ou tentando encontrar um lugar seco sob o telhado perfurado da cabana de nosso vizinho. Como eles estavam todos molhados e tremendo, mandei armar a barraca. Na escuridão, fracamente iluminada pela luz tremeluzente e respingante de uma vela, por fim eles conseguiram levantar a lona e cobrirem-se com ela, mas nós todos estávamos, incluindo a barraca, profusamente enlameados e encharcados; e logo depois, a chuva parou e o primeiro clarão do dia apareceu. Naquela manhã, nosso burro mais forte teve de carregar uma carga pesada, pois levaria horas para secar a barraca molhada.

Por diversas milhas de caminho, a estrada ainda desce e atravessa a floresta espessa e densa, até que emerge em uma extensão de várias milhas de terra perfeitamente plana e pantanosa, coberta de denso mato espinhento, emaranhado e entrançado com espessas trepadeiras, moitas de bambu e sarça – uma longa estrada sem água ou pasto.

Depois das últimas chuvas, a atmosfera estava particularmente quente, abafada, úmida e impregnada com os odores e miasmas nauseantes desse terreno baixo e alagadiço. Finalmente, depois de doze longas e cansativas milhas de estrada obstruída por raízes e árvores da floresta, e dos lodaçais, sarça e mato espesso da planície, a tropa enfim alcançou as margens do Rio São Francisco, em um pequeno povoado construído sobre outeiros ligeiramente elevados, chamado "Pedras de Maria da Cruz."

Neste lugar, retomei novamente os passos do Capitão Burton.

Foi com uma sensação de grande alívio que cheguei a esse lugarejo, que tinha o longo nome de Nossa Senhora da Conceição das Pedras de Maria da Cruz,[2] não apenas para dar um pouco de descanso e uma boa ração de milho e capim às mulas e para nós também um belo desjejum e uma faxina geral depois da noite emporcalhada e da cavalgada suarenta, como também por termos aqui alcançado uma rota mais freqüentada pela estrada ribeirinha. Depois da recente experiência de ermos e trilhas de cavalo nos distritos percorridos recentemente,[3] era quase como um retorno à civilização ver pelo menos alguns sinais de atividade no pequeno povoado de dezoito casas, mulas de carga na rua e barcas ao longo das margens e sentir a brisa fresca do rio soprando pela nobre expansão de águas do rio, com as margens opostas encimadas pela longa fileira

2. *Our lady of the conception of the stones of Mary of the cross.*

3. Do Rio das Velhas a Maria da Cruz a distância pelo rio é de 194 milhas.

de árvores altas da floresta, sobre as quais se via à distância a linha azul dos topos dos tabuleiros do lado oeste do rio, que parecem tanto uma cadeia de montanhas que poderiam ser facilmente tomados por uma grande serra, em vez dos braços dos tabuleiros que constituem a divisão do São Francisco e do Tocantins. Aparentemente pouca alteração ocorrera na vila desde a visita do Capitão Burton, há sete anos atrás. Ainda existia a igreja velha no morro, de 167 anos de idade, as pedras brancas de calcário, aparentemente as mesmas mulheres morenas meio-vestidas fazendo a velha renda de bilros nas portas de suas casinhas, até os bodes eram os mesmos, e nem uma única cabana tinha aparentemente sido acrescentada. No entanto, refrescados e revigorados homens e animais, abandonamos o vilarejo e prosseguimos pela estrada à beira-rio em direção a nosso destino, Januária, distante cerca de onze milhas.

Embora o novo caminho fosse uma trilha muito batida, ela possuía poucos méritos dos quais pudéssemos nos gabar, exceto o fato de que era plana em toda a extensão; passava alternadamente através de estreitos trechos de floresta, ou mato, ou pântano coberto de capim; e em muitos lugares apareciam longos trechos de brejo baixo, abundando em aves selvagens, inclusive as grandes cegonhas de pescoço preto e corpo branco, o jaburu-moleque (*Mycteria Americana*) e todas as demais aves encontradas nos pântanos de Pirapora, já descritas.

Estes brejos, descobri mais tarde, eram uma característica comum do vale do São Francisco e similares àqueles do alto do rio. As margens imediatas são mais altas e normalmente cobertas de cinturões estreitos de floresta ou mato; afastando-se do rio, o terreno é mais baixo e fica inundado quando o rio enche, formando lagoas extensas, que secam na estação seca e geram miríades de mosquitos e a malária fatal; mais longe ainda, o terreno se eleva em ondulações até a base das terras altas cobertas de capim e cerrado, onde se obtém uma atmosfera mais pura, mais saudável e mais seca. Sem dúvida, quando este vasto vale, no futuro distante, se tornar mais populoso, os brejos serão drenados, o que pode ser feito a um custo relativamente baixo, e então se verá que o solo, as condições e a área são suficientes para suprir o mundo de arroz.

Neste trecho quente e insalubre entre Pedras de Maria da Cruz e Januária, havia muito poucas habitações, já que todos os negócios se fazem do lado oposto do rio, onde a terra é mais elevada e mais saudável.

Chegando ao porto, em frente da última cidade mencionada, preparamo-nos para a travessia do rio; havia uma grande canoa para transportar passageiros para o outro lado e um grande ajoujo para atravessar os animais.

O aspecto do rio visto da margem lembra um grande lago, para quem não está acostumado com a vasta extensão das águas dos rios volumosos. Do outro lado da

imensa largura do rio, de 4.000 pés, a distante margem oposta de argilas vermelha e amarela forma uma fina linha vermelha, encimada por floresta e filas de casas brancas de telhados vermelhos e os tons variados das portas e janelas coloridas; algumas milhas atrás da cidade ergue-se o perfil claro mas desigual dos planaltos que cercam as longas planícies do vale. No embarcadouro havia numerosas canoas, ajoujos e barcas que subiam ou desciam o rio trazendo cerâmica, mercadorias de Manchester, louça, sal e artigos menores de diversas naturezas, trazidos por terra até a parte baixa ou alta do rio, originárias do Rio de Janeiro ou da Bahia e muitas das quais seguirão de Januária até Goiás. Havia também os barqueiros musculosos e escuros do rio; camponeses dos Gerais; lavadeiras com roupas berrantes mas escassas, negras, morenas e amarelas; moleques nus, todos tagarelando, fumando e expectorando. No chão plano mais acima, ficam as longas ruas de casas e vendas pintadas em cores vivas, as tropas de mulas que passam enfileiradas, bodes e porcos desgarrados, vagando, cavaleiros montados em corcéis vivamente ajaezados, a passo rápido, fazendo subir a poeira quente das estradas arenosas em nuvens espessas. Tais sinais de vida, apesar dos muitos vagabundos encostados nas portas e janelas, ou acocorados na beira do rio, formavam uma cena movimentada e ativa de que eu a muito me desacostumara.

Dois de meus colegas, O. e H. G., que tinham me precedido em alguns dias na partida de Pirapora, estavam domiciliados em uma casa vazia na Rua do Comércio, esperando a chegada dos Messrs. J. B. e A. F.. Foi agradável encontrarmo-nos de novo e discutirmos nossas experiências de viagem e os mistérios do oeste desconhecido que iríamos explorar.

21 de janeiro – No decorrer deste dia, Messrs. J. B. e A. F. chegaram em duas barcas, pesadamente carregadas com a bagagem geral da expedição, consistindo de todas as provisões, instrumentos, selas, mobília de acampamento, etc., muito do que teríamos utilizado com prazer, mas preferiu-se mais tarde transportar tudo a alto custo para a Bahia, onde a coleção de badulaques foi vendida a preços que não compensavam metade do custo do transporte.

A acomodação das cabines das duas barcas permitia a seus passageiros bastante conforto nos aposentos flutuantes. Os barcos tinham cerca de 50 pés de comprimento por nove pés de boca; na parte da popa, havia cômodas cabines cobertas de palmas de indaiá, com porta e janela, contendo as camas de campanha e os pertences pessoais de cada viajante. Um piloto no leme, oito remadores, e um cozinheiro constituíam a tripulação de cada barca.

Estas embarcações só estão em uso no rio há cinqüenta anos (antes deste período

o trabalho era feito em canoas e ajoujos). Elas são pesada e solidamente construídas com as melhores madeiras brasileiras; os fundos são chatos e sem quilha, proa e popa arredondadas e erguidas como uma colher. Alguns dos prósperos negociantes ribeirinhos possuem embarcações muito elaboradamente pintadas, vistosas em seus azuis-claros, vermelho vivo, verdes, etc., com portas e janelas de vidro na cabina, que serve como loja, armazém e moradia, onde, cercado pelas prateleiras e armários contendo sua mercadoria, o comerciante pendura sua rede. Os barqueiros devem ter a constituição e o físico de um árabe. O trabalho de um longo dia de esforço laborioso de propelir o barco correnteza acima, com pesadas varas de vinte a vinte quatro pés de comprimento, não apenas requer músculos e histamina, mas também considerável experiência. As varas são usadas para subir a corrente; para voltar, empregam-se longos remos pesados. Entre a idade de 18 e 20 anos, os homens começam seu árduo aprendizado e treinamento para o uso da vara; uma extremidade dela é colocada contra o peito, a outra é estocada contra o fundo do rio. Aí eles impelem a barca para a frente andando em direção à popa. A vara é puxada para cima ao fim da marcha, arrastada para a frente, e o processo se repete. O aprendiz tem de continuar fazendo este trabalho durante dias, até que seu peito fica muito inflamado. Ele é então banhado com vinagre, e se o discípulo consegue suportar a dureza da labuta, seu peito acaba se endurecendo e lhe permite trabalhar sem mais problemas. Reparei que os peitos de alguns desses homens são calejados até um grau surpreendente de rijeza.

Messrs. B. e F. embarcaram no mesmo dia para Carinhanha, onde combinamos nos encontrar novamente; O., G., e eu deveríamos prosseguir com os animais por terra o mais prontamente possível.

Um passeio à tarde pela cidade (peço perdão), pela metrópole de Januária e seus 6000 habitantes, suas ruas poeirentas e subúrbios pantanosos, mostrou muitas das cenas peculiares a uma próspera cidade do interior brasileiro. No clarão escaldante das ruas sem sombra, vêem-se nas esquinas e portas de venda cavalos ossudos e debilitados, esperando de pé durante horas, enquanto seus donos, os matutos, estão entabolando seu negócio, ou conversa, lá dentro. Que pobres animais miseráveis são quase todos esses pangarés do interior, descuidados, maltratados e famintos, excetuando os dos fazendeiros, que são geralmente marchadores gordos, vivazes, alegres e ajaezados de prata .

Entre os passantes, notamos os comerciantes e agricultores portugueses e brasileiros, com paletós pretos ou de cor, calças brancas, gravatas vivas, e imensas correntes de relógio; vaqueiros morenos, vestidos de couro dos gerais; mulheres morenas e negras, com xales berrantes, batas decotadas e bordadas, saias de cores vivas e pés

descalços – a maioria delas carrega nas cabeças tabuleiros de doces, bolos, ou frutas para vender, ou então grandes bilhas de água do rio; os barqueiros de "camisolas", ou camisas sem manga e pantalonas curtas, passando o dia em terra, bem supridos de cachaça e jogando em algum telheiro aberto ou cantando alto uma *barcarola* do Rio São Francisco: acrescente-se a tudo isto grupos de homens, mulheres e crianças escorados e acocorados sob a sombra das árvores à beira-rio, ou em portas abertas, ou onde quer que se encontre sombra, negrinhos brincando, um ou outro porco esquálido, cachorros vagabundos e galinhas espectrais, que se conjugam para criar a vida das ruas. As casas da classe mais abastada têm fachadas caiadas ou pintadas, janelas envidraçadas, cobertura de telhas, ornamentos em estuco e portas e janelas de cores vivas, mas os interiores são vazios e desconfortáveis; na sala de visitas vêem-se o inevitável sofá de palhinha e jacarandá, e duas cadeiras colocadas em ângulo reto com relação a ele de cada lado, entre as quais geralmente se estende um tapete barato e berrante, cobrindo um pedacinho do chão de tábuas, freqüentemente sujo. Este arranjo de sofá, cadeiras e tapete forma o trono de recepção do dono da casa, quando ele recebe as visitas de cerimônia de seus vizinhos e amigos. Contra as paredes caiadas da sala, ficam mesinhas de canto e outras cadeiras de palhinha; vasos baratos e berrantes, ou a imagem de um santo, ocupam as mesinhas; nas paredes, algumas pinturas de santos ou gravuras baratas de paisagens portuguesas completam o ambiente nu e pouco convidativo. Ao longo dos corredores, percebem-se as portas dos quartos sem janela e outros aposentos e, na extremidade, um quintal ou jardim, com algumas laranjeiras, mamoeiros, bananeiras, romãzeiras, goiabeiras, ou fruta-pão, misturados com umas poucas flores e muito lixo; no fim do corredor fica uma cozinha escura, onde se movem figuras de mulheres e crianças negras; a patroa branca, que supervisiona com os cabelos enfeitados de flores, é muito ouvida, mas pouco vista. Crianças em algazarra, poeira e o sol escaldante completam o resto da cena.

As lojas dos comerciantes são todas abertas para a rua. A venda, ou armazém, tem, de um lado, tecidos de algodão e mercadorias congêneres; do outro, cerâmica, e a miscelânea de estoques odoríferos de um secos-e-molhados, servindo também de loja de bebidas e bar para a discussão de política e qualquer outra conversa. Há ainda as lojas do sapateiro, do funileiro, do alfaiate e outros negócios de uma cidade pequena. Muitas das transações são efetuadas na praia macia e lamacenta e consistem em grande parte de escambo, como em quase todas as cidades do interior do Brasil.

As habitações dos pobres vão desde as casas de adobe simples e caiadas, com janelas sem vidraças, até as cabanas de sapé, ou verdadeiras gaiolas de paus; chão de terra, bancos ou banquetas simples, paredes e teto enegrecidos de fumo, um pilão para

pilar café ou milho, uns poucos utensílios de barro, redes, ou camas montadas sobre cavaletes formam a soma total de seu equipamento.

Durante o dia, recebemos uma delegação dos magnatas locais, que nos ofereciam gentilmente hospedagem e um pedido de que prolongássemos nossa permanência para visitarmos as imediações; também solicitavam-nos que, antes de prosseguirmos rio abaixo, examinássemos o caminho deste lugar até o Tocantins, que ofereceria uma rota mais curta e fácil do que aquele que parte de Carinhanha ou Vila da Barra. Por diversas razões, os pedidos não puderam ser atendidos.[4]

No dia seguinte, como O. estava de cama com um ataque de febre intermitente, H. G. foi encarregado de fazer uma visita ao Brejo do Salgado, um subúrbio distante da cidade, para apresentar nossas desculpas e agradecimentos à delegação. Ele voltou à noite, com notícias entusiasmadas das boas horas que passara entre as amáveis pessoas do Brejo; fora tratado com grande hospitalidade, e a maior atenção e cortesia lhe foram dispensadas. Lamentamos que a necessidade de nossa partida imediata nos impedisse de conhecer melhor a hospitaleira Januária.

4. Esta rota é muito mais curta do que aquela explorada a partir de Carinhanha (ver Apêndice B).

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

MAPA FÍSICO DO BRASIL
Indicando a configuração da superfície do país, por James W. Wells (1886)

Legenda: *floresta* *campos e cerrados* *terras áridas e arenosas*

Escala em milhas inglesas. Os números no mapa indicam altitudes em pés.

MAPA PARCIAL DO BRASIL

Mostrando a rota percorrida pelo autor do Rio de Janeiro ao Maranhão (em vermelho).

À direita, no alto, a mesma rota no mapa da América do Sul. À direita, seção longitudinal da rota percorrida, com altitudes.